



Joana Gomes de Almeida

# Práticas sociais face ao desemprego: um estudo sobre a criação do próprio emprego

Tese de Doutoramento em Sociologia: Relações de Trabalho, Desigualdades Sociais e Sindicalismo

2017



UNIVERSIDADE DE COIMBRA



• C •

FEUC FACULDADE DE ECONOMIA  
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Joana Gomes de Almeida

Práticas sociais face ao desemprego:  
um estudo sobre a criação do próprio emprego

Tese de Doutoramento em Sociologia, na especialidade de Relações de Trabalho,  
Desigualdades Sociais e Sindicalismo, apresentada à Faculdade de Economia da  
Universidade de Coimbra para obtenção do grau de Doutor

Orientadores: Prof. Doutor Pedro Manuel Teixeira Botelho Hespanha

Prof<sup>ª</sup>. Doutora Cristina Maria Pinto Albuquerque

Coimbra, 2017

**Imagem da capa:**

Vincent van Gogh

Pintura a óleo em tela

Factories at Asnieres Seen from the Quai de Clichy

The Saint Louis Art Museum

St. Louis, Missouri, United States of America

À memória da minha avó.

Maria de Nazaré



## **Agradecimentos**

Ao longo desta jornada foram muitos os momentos em que me senti verdadeiramente grata por ter tido várias pessoas significantes ao meu lado, as quais me deram exatamente a força que precisava. Pensei que os agradecimentos seriam a coisa mais fácil a fazer nesta tese. No entanto, perante a responsabilidade das páginas que se seguirão, a humildade questiona-me e temo não conseguir fazer justiça a um percurso que colocou toda a minha vida em perspetiva, e sobretudo honrar quem me apoiou e aconselhou nesta boa aventura. Ainda assim, tal como no resto deste trabalho, mesmo com medo, sigo em frente e dedico estas poucas páginas às pessoas que me inspiraram, desafiaram e me fizeram superar quando pensava estar tudo perdido.

Em primeiro lugar, o meu profundo agradecimento aos participantes deste estudo, os verdadeiros especialistas desta problemática. Obrigada pelo tempo e despojo durante as horas de entrevista. Quando entramos tão profundamente no mundo do Outro, o sentimento de fragilidade quase nos assola. Não foi fácil transformar este compromisso científico em palavras capazes de respeitar, por um lado os preceitos académicos e por outro, vivências imersas num sentido verdadeiramente existencial. Este exercício nunca se tornou fácil, na verdade, penso que aumentou de complexidade com o passar dos anos.

Agradeço aos meus Orientadores, Professor Pedro Hespanha e Professora Cristina Albuquerque, por me guiarem quando o desafio se tornou avassalador. Pela humanidade de cada encontro e confiança inabalável. Quando o medo se tornava insustentável, foi por confiar em vocês que sempre acreditei e continuei a lutar. Obrigada pelas palavras, pelos gestos e carinho genuínos, pela vossa imensa competência e cultura académica e científica. Guardarei todas as palavras para a pessoa que quero ser um dia – a pessoa que os Professores dizem sempre ter visto.

À CGTP de Coimbra, na pessoa do Dr. António Moreira, da Dr.<sup>a</sup> Fátima Carvalho, do Sr. Armindo Carvalho e do Sr. Ramiro. Obrigada por toda a vossa simplicidade, disponibilidade e amabilidade. Foi um verdadeiro privilégio conhecer o vosso dia-a-dia e luta, por vezes tão inglória, mas sempre convicta.

Os amigos são aqueles seres que por mais que digamos que não podemos, que não queremos, ou que não nos apetece, insistem em ficar por perto. Os próximos agradecimentos são para essas almas à prova de qualquer razoabilidade.

À Catarina Magno e à Ana Silva, pelas gargalhadas e empurrões. As melhores cúmplices em todos os crimes e boas ações. Obrigada por não terem ido embora ou desistido, mesmo quando perceberam que nada poderiam ter feito de diferente.

À Geni, a minha irmã e porto seguro. Aquela alma que nasceu de outra mãe e pai, mas que estava destinada a mostrar-me o que é a fraternidade incondicional. Obrigada por me fazeres sentir importante e amada.

À Mónica e Joana Santos, por terem sido o meu abrigo na escuridão dos dias. Obrigada pelo carinho e por me terem acolhido na vossa família. Mónica, serei sempre grata pelo colo e lucidez. Joana, quantas vezes me revejo em ti: tenho um orgulho imenso na pessoa que te tornas a cada dia, e estarei aqui para te ver a conquistar esse mundo.

Outros amigos foram surgindo no percurso, como a Luísa, a Ticha, a Sandra, a Ana e o Pedro, o Saulo... Amizades que surgiram de encontros fortuitos e que algumas vezes levavam a longos desabafos. Obrigada por terem sido meus confidentes, por me fazerem rir no meio das lágrimas e, acima de tudo, de se tornarem amigos que nem o tempo ou o espaço conseguirão diminuir.

Ao Eduardo, por ter uma confiança em mim à prova de qualquer argumento. Obrigada por ficar ao meu lado e ter lutado, mesmo quando muitas vezes desisti.

Ao Dr. Ricardo, por ser a bússola e o farol em dias nublados. Obrigada por me ensinar a sair da escuridão e deixar o sol entrar.

Aos meus pais, pelo amor incondicional. Não existe maior herança ou legado. Obrigada.

Finalmente, sei que parece estranho, mas quem me conhece não irá ficar surpreendido. Aos meus gatos: Tsu, Chocolate e Bijou. Por olharem para mim com aquele ar de “não exageres!” e me ajudarem a relativizar as dificuldades. A pureza dos seus modos e afagos foram verdadeiras âncoras em dias de tempestade no mar.

## Financiamento

Esta investigação foi financiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no âmbito da atribuição de uma Bolsa de Doutoramento (Refª SFRH/BD/84245/2012).







Todas as vitórias ocultam uma abdicação.

Simone de Beauvoir

(1908-1986)



## Resumo

A criação do próprio emprego por desempregados é uma problemática desafiante, sobre a qual urge refletir de um modo crítico. Do ponto de vista conceptual, ela enquadra-se na análise do panorama das grandes modificações operadas nos últimos anos nas relações de trabalho. A libertação democrática do 25 de abril e a abertura da economia portuguesa aos mercados globais com a entrada na União Europeia, conferem à presente investigação um enquadramento específico ao fenómeno do autoemprego em Portugal que importa problematizar. Considerando que Portugal sempre registou altos níveis de trabalho autónomo, a partir dos anos 80 verificou-se um aumento deste tipo de trabalho. Contudo, os contornos que enquadraram este novo impulso, retratam um trabalho autónomo distinto do que Portugal estava habituado. Alimentado pela onda de despedimentos coletivos massivos ocorridos em meados da década de 90 na indústria transformativa, este trabalho autónomo denuncia uma especificidade que importa analisar no âmbito desta investigação. Tendo como objeto de estudo os processos de transição que são implementados por desempregados, seja no sentido da criação do próprio emprego, seja optando por outro tipo de estratégias adaptativas depois de uma situação de despedimento coletivo, a presente investigação pretendeu analisar o fenómeno do autoemprego a partir deste contexto histórico e social específico português. A desconcertante paradoxalidade do atual mundo profissional, onde o desemprego e a precariedade laboral pontuam, cria condições para o aumento das desigualdades e injustiças sociais. Neste contexto, a ação empreendedora tem-se apresentado como uma das vias possíveis para a resolução do problema do desemprego. No entanto, tanto do ponto de vista conceptual, como das práticas de intervenção social, este tema tem-se mostrado portador de grande complexidade e insuficiência prática. Partindo da análise temática do conteúdo de entrevistas a um grupo de desempregados oriundos de processos de despedimento coletivo em empresas industriais da região de Coimbra, ocorridos nos anos 90 e na primeira década deste século, e usando os procedimentos da metodologia qualitativa do estudo de caso, procurou-se evidenciar as motivações e os processos, que nalguns casos levaram à criação do próprio emprego, e noutros a outras vias de superação da situação de desemprego. Realizaram-se também análises sociodemográficas dos participantes, no sentido da elaboração de perfis e construíram-se esboços biográficos, bem como análises socio-organizacionais dos contextos empresariais aquando dos processos de despedimento coletivo, entendidos como processos de seleção social/profissional.

Verificou-se pela análise conjunta dos dados, usando a abordagem bourdieusiana como instrumento analítico, que as diferentes trajetórias/estratégias de mudança no campo laboral resultaram de um processo intrincado de interações com os *habitus* e capitais dos participantes. A transição que decorreu ao longo do tempo de passagem da situação de desempregado para outras situações, nomeadamente, em termos de criação do próprio emprego, constituiu-se como uma interação relacional e sistémica entre as dimensões da agência individual e da estrutura social, que produziu diferentes práticas sociais no campo laboral, consubstanciadas numa diversidade de padrões de superação do desemprego. Concluímos que as trajetórias pós-despedimento coletivo resultam da confluência entre fatores situados aos níveis micro, meso e macrossocial. A nível microssocial elencámos fatores como a idade e tempo de serviço dos entrevistados aquando o despedimento coletivo e as redes socioafetivas dos entrevistados. A nível mesossocial identificámos as políticas sociais que foram mobilizadas como recursos importantes para atingir os objetivos subjacentes às trajetórias escolhidas. São eles os apoios de financiamento ao autoemprego, os apoios à requalificação dos desempregados, e a proteção social na velhice depois do preenchimento dos requisitos de idade e carreira contributiva. A nível macrossocial, foi possível identificar um conjunto de tendências sociais mais vastas a nível europeu e nacional, como a crise económica, a terciarização e a flexibilização da economia. A interação entre estes fatores permitiu-nos compreender que, do ponto de vista sociológico, são diferentes identidades em termos de *habitus* (semi-proletários e/ou camponeses-operários), bem como diferentes dinâmicas em torno dos capitais cultural e social, que possibilitam a construção de padrões diversos de mudanças posicionais no campo laboral. Em síntese, a criação do próprio emprego não corresponde a um mito abstrato sobre competências de empreendedorismo, mas a um complexo processo de construção de práticas sociais. Dos resultados extraem-se, ainda, reflexões sobre implicações de natureza conceptual, de intervenção social e metodológicas.

**Palavras-chave:** Desemprego – Autoemprego – Práticas sociais – Agência vs. Estrutura

## **Abstract**

The creation of self-employment by unemployed individuals is a challenging problem, upon which it is imperative to reflect critically. From the conceptual point of view, it fits in the analysis of the panorama of the great modifications undergone in the last years in the labor relations. The democratic liberation of 25 April 1974, and the opening up of the Portuguese economy to the global markets with the entry into the European Union, give the present research a specific framework for the study of the phenomenon of self-employment in Portugal, that needs to be problematized. Taking into account that Portugal has always registered high levels of self-employment, since the 1980s there has been an increase in this type of work. However, the contours that framed this new impulse portray an autonomous work distinct from what Portugal was accustomed to. Fueled by the wave of massive collective redundancies that occurred in the mid-1990s in the transformative industry, this autonomous work denounces a specificity that should be analyzed within this research. Having as a study object the transition processes that are implemented by the unemployed, either in the sense of creating one's own job or by choosing other types of adaptive strategies after a situation of collective dismissal, the present study aimed to analyze the phenomenon of self-employment from this specific historical and social context in Portugal. The disconcerting paradoxes of the current professional world, where unemployment and job insecurity punctuate, create conditions for increasing inequalities and social injustices. In this context, the entrepreneurial action has been presented as one of the possible ways to solve the problem of unemployment. However, from a conceptual point of view, as well as from social intervention practices, this topic has shown to be very complex and practical insufficient. Based on the thematic analysis of the content of interviews with a group of unemployed people from collective redundancies in industrial enterprises in the Coimbra region, in the 1990s and the first decade of this century, and using the procedures of the qualitative methodology of the case study, we tried to highlight the motivations and the processes, which in some cases led to the creation of their self-employment, and in others to other ways of overcoming the unemployment situation. Socio-demographic analyzes of the participants were carried out in the sense of profiling and biographical sketches were drawn, as well as socio-organizational analyzes of business contexts during collective dismissal processes, understood as processes of social / professional selection. It was verified by the data analysis, using the Bourdieusian approach as an analytical tool, that the different

trajectories / strategies of change in the labor field resulted from an intricate process of interactions between the *habitus* and the capitals of the participants. The transition that took place along the time of transition from the unemployment to other situations, namely in terms of the creation of one's own employment, constituted a relational and systemic interaction between the dimensions of the individual agency and the social structure, that produced different social practices in the labor field, embodied within a diversity of patterns of overcoming unemployment. We conclude that the trajectories after collective dismissal result from the confluence between factors located at the micro, meso and macrosocial levels. At the micro-social level, we list factors such as the age and length of service of the interviewees at the time of the collective dismissal and the socio-affective networks of the participants. At the mezzo-social level, we identified the social policies that were mobilized as important resources to achieve the objectives underlying the chosen trajectories; these are the financing of self-employment, the support for retraining the unemployed, and the social protection in old age after fulfilling the requirements of age and contributory career. At the macro-social level, it was possible to identify a set of broader societal trends at European and national level, such as the economic crisis, tertiarization and the flexibilization of the economy. The interaction between these factors has allowed us to understand that, from the sociological point of view, different identities in terms of *habitus* (semi-proletarians and / or peasants-workers), as well as different dynamics around cultural and social capitals, are the ground for the construction of diverse patterns of positional changes in the labor field. In short, the creation of self-employment does not correspond to an abstract myth about entrepreneurship skills, but to a complex process of building social practices. From the results, reflections on conceptual, social intervention and methodological implications are also extracted.

**Keywords:** Unemployment – Self-employment – Social practices - Agency vs. Structure

## **Lista de Acrónimos e Siglas**

APS – Associação Portuguesa de Sociologia

AT – Análise Temática

CASES – Cooperativa António Sérgio para a Economia Social

CGTP-IN – Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses – Intersindical Nacional

FERVE - Fartos/as d'Estes Recibos Verdes

FMI – Fundo Monetário Internacional

GEM – Global Entrepreneurship Monitor

IAPMEI – Instituto de Apoio às Pequenas e Médias Empresas e à Inovação

IEFP – Instituto do Emprego e Formação Profissional

ILE – Iniciativas Locais de Emprego

INE – Instituto Nacional de Estatística

OCDE - Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico

PAECPA – Programa de Apoio ao Empreendedorismo e à Criação do Próprio Emprego

PAMT – Políticas Ativas do Mercado de Trabalho

PIB – Produto Interno Bruto

POC – Programa Ocupacional de Emprego

PNM – Programa Nacional de Microcrédito

USC – União dos Sindicatos de Coimbra





## **Lista de Quadros**

Quadro I - Caracterização sociodemográfica dos participantes .....	123
Quadro II - Análise de alguns indicadores sociodemográficos dos participantes	172
Quadro III - Códigos iniciais de análise temática e extratos textuais.....	176
Quadro IV - Temas potenciais de análise e extratos textuais representativos .....	179
Quadro V - Temas, descrições e extratos representativos .....	180

## **Lista de Figuras**

Figura 1 - Mapa conceptual-metodológico para a análise temática vertical das entrevistas .....	105
Figura 2 - Mapa conceptual-metodológico para a análise temática horizontal das entrevistas .....	106
Figura 3 - Padrões sociais e comportamentais típicos dos participantes que criaram o próprio emprego .....	204



## **Lista de Anexos**

Anexo I - Guião de Entrevista .....	271
Anexo 1A - Os que criaram o próprio emprego .....	271
Anexo 1B - Os que não criaram o próprio emprego.....	279
Anexo II - Declaração de consentimento informado.....	283
Anexo III – Quadro de correspondência entre códigos e extratos.....	285



## Sumário

I. Desemprego e criação do próprio emprego: enquadramento teórico .....	xxv
Introdução .....	1
1. Transformações das relações de trabalho na sociedade contemporânea .....	5
1.1 A questão do (des)emprego à luz da evolução social do trabalho .....	5
1.2 Do pleno emprego à plena incerteza: a instabilidade como modo de vida....	7
1.3 O paradoxo da relação entre a moderna centralidade do trabalho e a precariedade.....	9
1.4 O caso do desemprego por despedimento coletivo /falência/ deslocalização: características e problemáticas .....	13
2. As respostas sociais e individuais face ao desemprego .....	17
2.1 Contributos para uma análise transversal do desemprego .....	17
2.2 Do desemprego ao autoemprego: dados históricos e estatísticos .....	26
2.3 As políticas ativas de apoio ao empreendedorismo e à criação do próprio emprego .....	30
2.4 Narrativas e padrões de transição em desempregados que criaram o próprio emprego .....	39
3. Perspetivas sociológicas sobre as estratégias de criação do próprio emprego ....	47
3.1 Uma necessária clarificação sobre as relações entre a criação do próprio emprego por desempregados e o atual fenómeno do empreendedorismo .....	47
3.2 Das perspetivas economicistas às perspetivas sociológicas para a compreensão das motivações para a criação do próprio emprego.....	55
3.2.1 Desemprego e empreendedorismo: uma relação ambígua.....	55
3.2.2 Da necessidade à oportunidade na criação do próprio emprego: uma distinção válida? .....	59
3.2.3 Relação entre empreendedorismo e autoemprego: eixos de análise .....	63
3.2.4 Subsídios históricos para a compreensão da ação empreendedora .....	66
3.2.5 Os contributos matriciais do pensamento de Weber.....	69

4. A importância do pensamento de Bourdieu para a problematização da transição entre desemprego e criação do próprio emprego.....	73
4.1 Sobre a dialética <i>agência</i> vs. <i>estrutura</i> : contributos de Bourdieu para uma teoria da prática.....	73
i) Introdução .....	73
ii) <i>Habitus</i> .....	74
iii) Teoria geral dos campos .....	75
iv) <i>Hysteresis</i> .....	77
v) Capital.....	78
vi) Prática .....	80
vii) A questão da reprodução/mudança social e das desigualdades sociais.....	82
4.2 Questões e hipóteses de trabalho .....	83
II. Criação do próprio emprego: um estudo empírico sobre práticas sociais face ao desemprego .....	91
5. Enquadramento epistemológico-conceptual .....	93
5.1 Definição do objeto de estudo.....	93
5.2 Construção do campo de investigação .....	93
5.3 Enunciação da problemática e dos objetivos de investigação.....	96
5.4 Questão de investigação/hipótese exploratória de trabalho .....	97
5.5 Construção metodológica da pesquisa sobre a criação do próprio emprego por desempregados.....	99
5.5.1 Síntese dos procedimentos metodológicos.....	99
5.5.2 “Atitude” de investigação .....	100
5.5.3 Modelo analítico.....	101
5.5.4 Mapas conceptuais-metodológicos .....	103
6. Metodologia: organização e procedimentos .....	109
6.1 Metodologia qualitativa de estudo de caso .....	109
6.2 Análise temática de conteúdo (AT) .....	110
6.3 Entrevista: processo de construção e guião.....	112
6.4 Processo de recolha de dados.....	117
7. Participantes.....	121

7.1	Critérios de escolha.....	121
7.2	Caracterização sociodemográfica .....	123
7.3	Breve descrição das empresas de origem dos participantes .....	124
8.	Análise dos dados .....	129
8.1	Esboços biográficos dos participantes .....	129
8.2	Reflexões a partir do trabalho de campo .....	168
8.3	Análise sociodemográfica e socio-organizacional.....	172
8.4	Análise das entrevistas.....	174
8.4.1	Análise flutuante .....	174
8.4.2	Codificações e extratos de conteúdo.....	175
8.4.3	Definição e nomeação dos temas .....	177
8.4.4	Análise descritiva dos temas .....	181
8.4.5	Síntese da análise temática: construção de padrões .....	202
8.4.6	Uma possível leitura bourdieusiana .....	205
8.5	Validação das análises .....	209
9.	Discussão global dos resultados .....	211
10.	Limitações e possíveis desenvolvimentos do estudo.....	223
	Conclusão .....	225
	Referências bibliográficas .....	231
III.	Anexos .....	269





---

I. DESEMPREGO E CRIAÇÃO DO PRÓPRIO EMPREGO:  
ENQUADRAMENTO TEÓRICO

---



## Introdução

A investigação que agora se apresenta decorre de um interesse de pesquisa que a autora já vem trilhando há alguns anos, tendo dado origem a vários trabalhos e publicações. O tema central é a criação do próprio emprego por desempregados. No caso desta tese, os participantes estudados são desempregados que vivenciaram situações de despedimento coletivo em empresas industriais de Coimbra e região circundante, que faliram ou foram deslocalizadas nos anos 90 e na primeira década deste século. Estes participantes foram divididos em dois grupos: um em que os desempregados criaram o seu próprio emprego, e o outro em que os desempregados se reempregaram, reformaram ou permaneceram desempregados.

Foi nossa intenção perceber o porquê de distintas trajetórias e como esses processos de mudança no campo laboral ocorreram; isto é, compreender os principais fatores que as determinaram. Para atingir esse objetivo, efetuou-se uma pesquisa de campo centrada na realização de entrevistas e respetiva análise de conteúdo, enquadrada na metodologia qualitativa do estudo de caso.

A tese consta de duas partes. Na Parte I, realiza-se o enquadramento conceptual da problemática, iniciando-se por uma reflexão sobre as transformações das relações de trabalho na sociedade contemporânea, a que se segue uma sistematização da informação sobre as respostas sociais e individuais face ao desemprego involuntário, e finalizando com uma revisão da literatura sobre a abordagem sociológica da criação do próprio emprego. Nesta parte da tese procuraram-se construir as bases conceptuais de sustentação do estudo empírico apresentado na Parte II.

Os principais temas revistos relacionaram-se com a questão do desemprego enquanto expressão da paradoxal crise do mundo do trabalho, e as consequentes medidas de política social, como ainda com as perspetivas sociológicas para o debate e intervenção neste campo, onde assumem supremacia as visões economicistas de empreendedorismo, pouco consentâneas com a realidade social dos desempregados. Neste último tema, destaca-se uma leitura de alguns dos principais conceitos de Bourdieu, que julgámos como uma mais-valia, para o enquadramento conceptual, para a organização metodológica e para a análise e discussão dos dados. A escolha pela abordagem bourdieusiana prendeu-se com o valor que os seus conceitos oferecem a uma leitura compreensiva e relacional das mudanças sociais e que, por definição, são sempre estruturadas e estruturantes pelas/das práticas sociais dos indivíduos. Conforme nos alertou Bourdieu, a sua teoria não deve ser entendida de forma estéril e abstrata. Os seus conceitos devem ser compreendidos a partir do contexto empírico de onde surgiram. Neste sentido, a sua teoria da prática, mais que um exercício conceptual abstrato, forneceu-nos um “conjunto de ferramentas” excecional para compreender práticas individuais no

quadro de mudanças sociais, que exigem um posicionamento crítico capaz de superar perspectivas dicotômicas, que opõem a objetividade e a subjetividade dos fenômenos sociais. Assim, a perspectiva relacional bourdieusiana pareceu-nos a abordagem analítica mais fecunda para abordar esta problemática.

Na Parte II apresenta-se o trabalho de campo, nomeadamente as escolhas metodológicas e a discussão dos dados apurados, bem como as respetivas implicações teóricas e de intervenção social. Definido o enquadramento epistemológico-conceptual, em articulação com a Parte I, são enunciados em termos operacionais o objeto de estudo, o campo de investigação, a problemática, os objetivos da investigação, as questões de investigação e as hipóteses exploratórias. Seguidamente, descrevem-se detalhadamente os procedimentos metodológicos, de onde destacamos a análise temática de conteúdo das entrevistas. Após a descrição metodológica e a apresentação dos dados, estes são analisados e discutidos nas suas diferentes vertentes, procurando-se uma leitura integrada com os referenciais conceptuais abordados.

Em síntese, este estudo veio revelar que a criação do próprio emprego por parte de desempregados é uma questão complexa, que tem de se enquadrar numa visão sociológica abrangente, sistémica, e não ficar apenas por raciocínios sobre diferenças entre os criadores de autoemprego, face a outros desempregados que seguiram outras trajetórias no campo laboral. Encontraram-se padrões diferentes nos dois tipos de participantes, mas o mais importante não foram os resultados a que diferentes trajetórias fizeram chegar, mas a compreensão da dinâmica dos processos de mudança no campo laboral. O fundamental nesta investigação foi perceber como a partir de situações de despedimento coletivo foi possível, por vias diversas, aceder a situações de vida e profissionais reajustadas. Mais do que valorizar trajetórias ou “descobrir” fórmulas de sucesso para a criação do próprio emprego por parte de desempregados, foi importante reconhecer que as dinâmicas dos capitais dos desempregados, na interação entre os seus campos laborais e os seus *habitus*, foram determinantes para se estruturarem novas situações profissionais.

Do ponto de vista sociológico, a questão da relação entre agência e estrutura foi revisitada, sendo que novamente se conclui pela inevitabilidade de se considerar que mais do que uma relação dicotômica, esta se afirma como uma relação dialética entre *opus operatum* estrutural e *modus operandi* agêntico. As transições vividas no seu campo laboral por estes trabalhadores foram agidas no contexto de uma rede de múltiplos fatores pessoais e sociais. E as novas posições no campo laboral, após os processos de despedimento coletivo e desemprego, resultaram, sem dúvida, do modo como foi gerido o efeito de *hysteresis* que ocorre nestas situações de rutura.

Os capítulos que se seguem, de acordo com uma lógica de sinergia, abordam em sequência os tópicos anunciados nesta Introdução, embora sejam compreensivamente interdependentes. Finalizamos estas palavras iniciais com a noção de que esta pesquisa será lida pelos leitores conforme eles soberanamente quiserem e de que o modo como a descrevemos, analisámos e discutimos foi sempre condicionada pelo poder de escrita da autora face à complexidade e vastidão do campo sociológico, bem como face a uma problemática sensível onde os lugares-comuns não são bem-vindos.



## 1. Transformações das relações de trabalho na sociedade contemporânea

### 1.1 A questão do (des)emprego à luz da evolução social do trabalho

Ao iniciarmos a reflexão sobre a relação dialética entre desemprego e autoemprego (criação do próprio emprego), é importante analisar previamente, de modo breve, o seu contexto social de enquadramento, na perspectiva da evolução social do trabalho, nomeadamente, as diferentes configurações em termos de significado e centralidade social que tem assumido até aos nossos dias. Compreendendo a sua evolução social e significado, melhor perceberemos o presente, no alinhamento de perspetivas de intervenção (*cf.*, Almeida & Albuquerque, 2013).

Ao longo da história, o trabalho assumiu diferentes significados no imaginário social, evoluindo à medida que as próprias sociedades se transformavam e desenvolviam. Da conceção do trabalho como algo indigno, reservada apenas aos escravos até à Idade Média, à visão cristã que postulava o trabalho como um meio de colaboração com o Criador e de salvação eterna, passando pela orientação liberal associada à industrialização que colocava o trabalho como produto submetido às regras da oferta e da procura, continuando pela visão marxista que, ao denunciar a organização industrial capitalista como meio de alienação, perspetivava o trabalho como o espaço mais importante de realização e desenvolvimento humano, ou reconceptualizando-se o trabalho físico como algo subordinado e automatizado pelas novas tecnologias nas fábricas tayloristas, até ao trabalho contemporâneo - meio privilegiado de desenvolvimento pessoal e de integração social - a forma como uma determinada sociedade percebe o trabalho sempre foi a forma mais frutífera de compreender os valores e atitudes que a regem (*cf.*, Jordan, 2003; Gonçalves & Coimbra, 2007; Donkin, 2010).

Depois da II Guerra Mundial, os países da OCDE conheceram um período “dourado” (Fourastié, 2004) em termos de produtividade, desempenho do mercado de trabalho, segurança ocupacional, oportunidades e equidade social numa economia de bem-estar (Martin, 1998). Apesar das recessões que se sucederam, quando a taxa de empregabilidade caía, estas pareciam constituir interrupções flutuantes residuais do mercado de trabalho e, de um modo geral, o desemprego existente era de curto prazo. O modelo Keynesiano de *Welfare State* aplicado nos países da Europa ocidental, que postulava uma forma de intervenção estatal onde a gestão da procura macroeconómica era



usada para manter o pleno emprego e a redistribuição de impostos para controlar extremos de riqueza e de pobreza, estava, aparentemente, a dar frutos<sup>1</sup>.

À luz da ilusão do pleno emprego e da quimera de uma mobilidade social ascendente, assistiu-se a uma mudança no imaginário social que representava o trabalho como forma de quebrar com o determinismo social de pertença. Através de percursos de formação mais prolongados, do acesso a profissões mais prestigiantes e economicamente mais recompensadoras, o trabalho surge como meio privilegiado de integração social. Contudo, com a primeira “crise petrolífera” na década de 70, este cenário idílico, que parecia à prova de qualquer perturbação, começa a mostrar as suas debilidades.

Fruto do desenvolvimento de inovações tecnológicas aplicadas à indústria, a sociedade salarial sofreu alterações drásticas, tornando muitas profissões obsoletas e produzindo uma massa de trabalhadores excedentária. De uma sociedade assente principalmente no sector primário e secundário, assiste-se à terciarização da economia ocidental, numa sociedade do conhecimento e da informação ao serviço da inovação (Gonçalves & Coimbra, 2007). Um pouco por toda a Europa, o esvaziamento do setor industrial gerou um contexto económico novo: a par da diminuição da classe operária tradicional, verificou-se o florescimento sem precedentes do setor de serviços assente em contratos de trabalho precário (Campos, 2013). De uma sociedade marcadamente salarial, sinónimo de integração social e cidadania, passamos a uma sociedade de “risco” (Beck, 1999), alicerçada na imprevisibilidade, na flexibilidade, na globalização, na precariedade e no desemprego estrutural. As mudanças ocorridas nas relações laborais desde os anos 80 têm difundido em larga escala um tipo de emprego assente na flexibilidade em termos contratuais, de tempo de trabalho, de espaço e de estatutos (Kovács, 2003).

Segundo Kovács (*op. cit.*), a flexibilização das relações laborais foi resultado de fatores como: a globalização da economia, com a supremacia do capital financeiro sobre o trabalho; a expansão das tecnologias de informação e comunicação; a nova divisão internacional de trabalho; a preponderância da política económica neoliberal; a reestruturação das empresas na lógica da racionalização flexível, bem como o desequilíbrio de forças no mercado de trabalho e nas relações laborais. Do trabalho com um carácter formal e institucionalizado, passamos para um trabalho instável, desinstitucionalizado e informalizado, acompanhado pela crescente desresponsabilização do Estado na regulação do trabalho e das empresas que transferem os custos da crise dos ciclos económicos para

---

<sup>1</sup> Consulte-se para o nosso país: Mozzicafreddo (1997).

os trabalhadores. A jusante assistimos à responsabilização dos trabalhadores pela sua própria inserção ou exclusão social.

Ainda segundo Kovács (2005a, 2005b) e Kovács, Casaca, Ferreira e Sousa (2006), a conjugação destes fatores levou a uma fragmentação e segmentação do mercado de trabalho que se apoia na individualização das relações laborais, dificultando assim a ação coletiva e a construção de uma identidade e consciência de classe social. Segundo a autora, duas linhas de pensamento emergem acerca deste debate - a perspectiva neoliberal e a perspectiva crítica. Enquanto a primeira anuncia o fim do trabalho assalariado e a emergência de um novo modelo de trabalho (trabalho autónomo), capaz de oferecer oportunidades para todos, a perspectiva crítica defende que esta transformação irá beneficiar apenas uma pequena elite, remetendo a esmagadora maioria dos trabalhadores para a precariedade e/ou para o desemprego. Infelizmente, é esta última perspectiva que se vai demonstrando como retrato da realidade laboral dos nossos dias (Almeida, 2013).

## **1.2 Do pleno emprego à plena incerteza: a instabilidade como modo de vida**

De acordo com as reflexões anteriores, estas transformações nas relações de trabalho, ocorridas a nível global no mercado laboral, contextualizaram o percurso de vida ativa de muitos trabalhadores, como é o caso dos participantes entrevistados desta investigação. Isto significa que eles, como muitos milhões de trabalhadores no mundo, entraram em num contexto laboral estável (empresa encerrada/deslocalizada) e saíram (despedimento coletivo/desemprego) para um mercado de trabalho instável. Esta mudança representa uma alteração do contexto de decisão destes atores sociais, das suas estratégias, e das práticas sociais – uma alteração que supera a esfera laboral. São eventos que simbolizam a perda de referenciais adquiridos ao longo das suas trajetórias de vida, consubstanciados em processos de despedimento coletivo. O despedimento coletivo, que ocorreu por motivos de mercado, por motivos estruturais ou por motivos tecnológicos, representou, para estes trabalhadores, o fim de um modelo laboral estável para o qual foram socializados. E, conseqüentemente, criou tensões entre as suas práticas habituais e as novas práticas a que tiveram de se adaptar, com maior ou menor sucesso. A superação desta situação envolveu, inevitavelmente, a procura de novos referenciais e a reestruturação dos seus campos sociais (*cf.*, Almeida, 2013; Almeida & Albuquerque, 2013).

Sennett (1998, 2006), ao analisar o capitalismo burocrático que caracterizava as sociedades do pleno emprego, dá-nos conta de uma época onde o trabalho e a própria vida

eram mais ou menos previsíveis e suscetíveis de planeamento a longo-prazo. As relações sociais eram aprofundadas (por oposição a relações superficiais que caracterizam a modernidade) e uma ética do trabalho funcionava como pilar da legitimação de uma narrativa individual e social imbuída de sentido. Apesar das críticas de que foram alvo estas instituições (extremamente hierarquizadas), era uma época em que o aparelho burocrático atuava ao nível da redistribuição da riqueza e da inserção social de todos através do trabalho. Existia espaço para um sindicalismo com poder negocial e o Estado cumpria a sua obrigação de atenuar a desigualdade social (Almeida, 2013).

Com o início do capitalismo flexível, o longo prazo e o compromisso deram lugar ao frugal, ao desprendimento e à cooperação superficial. A ausência de laços duradouros, a orientação exclusiva para os resultados e a satisfação imediata não fornecem a base necessária para o desenvolvimento de valores sociais duráveis (Almeida, *op. cit.*).

A desadequada dimensão temporal do novo capitalismo localiza-se no conflito que cria entre carácter e experiência, um tempo fragmentado que impede os indivíduos de construir um “eu” sustentável, através de uma narrativa contada na primeira pessoa, e que ameaça a própria sociedade ao repudiar qualidades basilares do próprio carácter, que permitem aos indivíduos vincularem-se mutuamente. A incerteza e a desconfiança passaram a ser as bases do relacionamento humano. O sentimento do trabalhador de estar constantemente a iniciar algo diferente, provoca no indivíduo um estado permanente de incerteza, onde a experiência passada não é capaz de orientá-lo. Esta assunção permanente de riscos sem qualquer critério legitimador, leva muitos ao desgaste emocional, esvaziando a sua narrativa de sentido. O corte com o passado que caracteriza as empresas flexíveis não valoriza a experiência nem o talento, levando os trabalhadores à sensação de que não pertencem a lado nenhum: o desterro do carácter (Sennett, 1998). Também o constante movimento lateral entre empresas flexíveis (caracterizadas pela elevada rotatividade de trabalhadores), e a escassa informação que dispõem acerca das novas funções, encerra muitos trabalhadores num ciclo de precariedade difícil de quebrar. Este fenómeno foi apelidado por Castel (1998) como a “desestabilização dos estáveis” - generaliza-se a incerteza como modo de vida.

Este grupo de trabalhadores a que nos temos vindo a referir, apelidado por Standing (2011) de *preariado* (por oposição histórica ao assalariado, classe típica do modelo de regulação fordista que tende a desaparecer), experiencia nas suas trajetórias o que o autor apelida de quatro A's: *anger*, *anomie*, *anxiety* e *alienation*. Segundo Standing (*op. cit.*), ser *preariado* não se limita apenas a ter um emprego inseguro, a estar em postos

de trabalho de duração limitada e com proteção laboral mínima, é, antes de mais, ter um *status* que não oferece qualquer senso de carreira, de identidade ocupacional segura ou proteção estatal. O novo capitalismo exige ao *preariado* a capacidade infinita de adaptação às necessidades do mercado. Ficando as necessidades das pessoas para segundo plano, o resultado é uma massa crescente de trabalhadores (à exceção de uma pequena elite) propensos à raiva, à alienação, à anomia e à ansiedade crónica. A instabilidade instaura-se, deste modo, como modo de vida incerto, onde o emprego é cada vez mais precário. Foi, e continua a ser, esta a matriz experiencial dos trabalhadores dos tempos modernos, em especial dos trabalhadores desempregados, para os quais apenas se prometem soluções miraculosas, ou se abandonam à sua sorte.

### **1.3 O paradoxo da relação entre a moderna centralidade do trabalho e a precariedade**

Face à incapacidade da sociedade pós-industrial em integrar toda a mão-de-obra excedente, neste cenário de grande incerteza sobre o emprego (Perret, 1997; Antunes, 2000), não faltou quem anunciasse o fim do trabalho assalariado<sup>2</sup>. Nesta posição destacou-se Rifkin com a sua obra *The End of Work* (1995). Este economista americano defende que o desenvolvimento das tecnologias de ponta acabará por levar à progressiva extinção de postos de trabalho nos três sectores tradicionais, onde apenas existe espaço para o sector do conhecimento, reservado somente para uma elite. Como já foi referido, entre os efeitos desta transformação do mercado de trabalho estão as elevadas taxas de desemprego e a degradação da qualidade do emprego, materializada por vínculos laborais cada vez mais flexíveis e instáveis (Edgell, 2006; Kovács *et al.*, 2006). Como já apontámos acima, está criado um quadro paradoxal que cria tensões e conflitos entre uma “moral” da centralidade do trabalho e uma ética ocupacional cada vez mais deteriorada (Gaudin, 1999; Argandoña, 2010; Estanque, 2013). Colocam-se aos trabalhadores, sobretudo aos desempregados, desafios entre o posicionamento da sua capacidade agêntica e as novas estruturas sociais, em colisão com as estruturas de socialização onde construíram os seus capitais, os seus *habitus* e as vivências sociais nos seus respetivos campos, numa aceção bourdieusiana.

---

<sup>2</sup> Segundo Castel (1998, p. 581), o salário “representa a participação de cada um numa produção para a sociedade e, portanto, na produção da sociedade. É assim o ponto médio concreto sobre o qual se constroem direitos e deveres sociais, responsabilidades e reconhecimento, ao mesmo tempo que sujeições e coerções”. Assim, salário torna-se o meio privilegiado de integração social, através do acesso a bens e serviços concedidos pelo Estado (proteção social).

Não obstante esta discussão, segundo Gonçalves e Coimbra (2007), mesmo face à crescente escassez e precarização do emprego e aos argumentos que questionam a importância do trabalho, este continua a assumir um papel essencial na vida das pessoas e continua a ser uma das mais importantes fontes de autonomia e cidadania, razões e valores pelos quais se fundamenta a necessidade de transformar a atual situação no mundo laboral, e onde a investigação encontra uma das suas motivações fundamentais.

Segundo Rifkin (1995), a centralidade do trabalho leva a que a sua perda tenha efeitos na autoestima e no sentido de cidadania dos indivíduos. Assim, estar desempregado é ser “destituído de valor” e de poder. Como afirma Castel (1998, p. 578), o trabalho continua a ser uma “referência, não só economicamente, mas também psicologicamente, culturalmente e simbolicamente”.

Deste modo, segundo Jaccard (1974), o trabalho corresponde a uma necessidade espontânea do ser humano, fruto de satisfação e realização, desde que certas condições de ordem psicológica, moral e social estejam asseguradas<sup>3</sup>. Contudo, conforme nos alerta Hespanha, Caleiras, Pessoa e Pacheco (2007), não só o desemprego deve ser alvo da nossa atenção, mas também o “mau emprego” pode trazer consequências negativas ao nível individual e social. Segundo estes autores, o “mau emprego” reflete-se não apenas ao nível da instabilidade dos vínculos laborais, dos baixos rendimentos auferidos, da qualidade de vida, e da proteção social destes trabalhadores, mas, igualmente, numa desqualificação do trabalhador, que confinam estes indivíduos a um trabalho sem qualquer expectativa de crescimento pessoal e profissional. Em suma, a evolução social do trabalho encontra-se numa situação de grande perplexidade e complexidade (Strunk, Schiffinger & Mayrhofer, 2007).

As perspetivas de reflexão induzidas até agora, alertam-nos, por consequência, para a paradoxalidade do trabalho, nos dias de hoje, e para os seus impactos sociais: se este assume contornos de uma necessidade, essa necessidade não deve ser satisfeita a qualquer custo. A globalização e a flexibilidade das relações laborais a que assistimos atualmente refletem uma desresponsabilização social, na medida em que vê a desregulação dos dispositivos protetores dos trabalhadores como uma condição *sine qua non* para a competitividade (Kovács, 2003). Castells (1998) *apud* Kovács, (2003, p. 484) reforça a análise desta situação ao afirmar: “nunca o trabalho foi mais central no processo de criação de valor. Mas nunca os trabalhadores foram mais vulneráveis, já que se converteram em

---

<sup>3</sup> O mesmo se aplicando ao trabalho por conta própria (Cooper & Artz, 1995).

indivíduos isolados subcontratados numa rede flexível, cujo horizonte é desconhecido, inclusive para a mesma rede”.

Conforme nos alerta Kovács (*op. cit.*), as empresas flexíveis ao privilegiarem a atividade central para o seu funcionamento, criam um número muito reduzido de empregos estáveis bem remunerados e com perspetivas de desenvolvimento profissional. Para este núcleo central, a empresa constitui um lugar de cidadania. No entanto, a empresa, ao dividir a sua atividade em atividades centrais e periféricas, e ao externalizar as demais atividades, cria igualmente um exército de trabalhadores precários sem qualquer poder negocial no seu seio. Esta divisão leva à responsabilização destes trabalhadores pela criação e manutenção do seu emprego e pelo desenvolvimento das suas competências. Segundo esta autora, esta evolução pode favorecer os trabalhadores mais qualificados e autónomos, mas dificilmente os menos qualificados e menos autónomos, e de modo nenhum aqueles que se encontram numa situação de exclusão e de injustiça social.

Atendendo à realidade portuguesa e tendo presente que os países do Sul da Europa são os que registam maiores taxas de desemprego<sup>4</sup> e que, igualmente, registam as mais elevadas taxas de autoemprego e de trabalho independente<sup>5</sup>, não será legítimo assumir a possibilidade de que parte destes trabalhadores independentes poderão ser, na verdade, o produto da imposição de uma situação de precariedade e de desigualdade laboral, resultado da externalização de determinados postos de trabalho?

A clandestinidade que rodeia o fenómeno dos “falsos recibos verdes” esconde uma cifra negra, difícil de contabilizar, conforme a generalidade das estatísticas sobre o desemprego<sup>6</sup>. Apenas à medida que este tipo de contrato de trabalho se foi disseminando das classes mais baixas para a classe média, a denúncia destas situações foi ganhando força. A emergência de movimentos como o FERVE (Fartos Destes Recibos Verdes)<sup>7</sup> foi uma

---

<sup>4</sup> A taxa média de desemprego dos países do norte da Europa (Áustria, Bélgica, Reino Unido, República Checa e Alemanha) foi, em 2015, de 5,82%. O sul da Europa (Grécia, Espanha, Croácia, Chipre e Portugal) registou uma média de taxa de desemprego de 18,14% (PORDATA, 2016).

<sup>5</sup> Segundo dados recentes do PORDATA acerca do autoemprego na Europa (2016), este, nos países do sul da Europa, onde se inclui Portugal, supera a média europeia (EU-28) - que se situa nos 10,4% - onde por exemplo, a Grécia regista em 2015 uma taxa de 23,3% de autoemprego do total de empregados. Assim, apesar do peso subsidiário que o autoemprego tem relativamente ao trabalho por conta de outrem (Freire, 1995), em 2016, Portugal foi o quarto país da União Europeia (28) com maior taxa de autoemprego (13,3%) (PORDATA, 2016).

<sup>6</sup> Os dados reais sobre o desemprego e a precariedade laboral assumem números bem mais preocupantes do que aqueles que as estatísticas oficiais nos apresentam (cf., *Barómetro das Crises*, Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, 2015).

<sup>7</sup> cf., <http://fartosdestesrecibosverdes.blogspot.pt/>

das faces mais visíveis deste fenómeno nos últimos anos. No entanto, os dados estatísticos ainda estão pouco consolidados.

Deste modo, percebemos que alguns indivíduos, num contexto de desemprego intermitente (ou eminente), ou de más condições laborais por conta de outrem, podem percecionar o autoemprego como a única alternativa (*cf.*, Deli, 2011). Se tomarmos as características que a crescente flexibilização do mercado de trabalho tem assumido em Portugal, no sentido da gradual deterioração das condições laborais para a maioria dos trabalhadores, podemos colocar como hipótese que muitos dos autoempregados encerram em si trajetórias de “desencanto” com o trabalho assalariado. Neste sentido, o crescente contexto de precariedade que se tem disseminado a nível laboral em geral, pode desempenhar um papel muito importante na decisão de abandonar o trabalho por conta de outrem para se tornar trabalhador por conta própria, na sequência de uma situação de despedimento e de desemprego. Se para uns a decisão de se tornar trabalhador por conta própria é perspetivada como uma oportunidade para crescer profissionalmente, para outros trata-se de uma alternativa ao desemprego e/ou à precariedade laboral (apesar das duas circunstâncias poderem ser concomitantes), o que se afigura como uma “necessidade” vital, contexto nem sempre favorável para uma mudança de campo social e de prática laboral, face a *habitus* longamente apreendidos.

Face a este panorama de desemprego estrutural, os Estados-membros da UE foram substituindo as lógicas de ação passiva por posturas mais ativas, através da promoção de novos empregos (no domínio do terceiro sector), como também pelo aumento da empregabilidade (promovendo a formação e a (re)qualificação), ou ainda mesmo pela imputação dos desempregados, numa atitude de compensação pelas ajudas recebidas (Hespanha *et al.*, 2007). Assim, perante novos fenómenos como o desemprego de longa duração<sup>8</sup>, do “pleno emprego” (que dominou até meados de 1970) passa-se à “plena atividade” e, com esta transição, apesar do trabalho não deixar de assumir um papel central na vida dos indivíduos, a sua função integradora é posta em causa. A precariedade e a instabilidade contratual passam a fazer parte do léxico laboral (*cf.*, Estanque & Costa, 2012). A título de exemplo, segundo o Instituto Nacional de Estatística de Portugal, entre o segundo trimestre de 2011 e o primeiro trimestre de 2013, no emprego por conta de outrem, o grupo de trabalhadores que ganham menos de 310 euros aumentou 15,1%. Este

---

<sup>8</sup> Segundo o Instituto Nacional de Estatística de Portugal: Indivíduo desempregado à procura de emprego há 12 ou mais meses (Instituto Nacional de Estatística, 2006, conceito nº 2106).

foi o único aumento registado em todos os escalões salariais (Instituto Nacional de Estatística, 2013).

Em síntese, esta relação paradoxal entre o trabalho, como realidade central das modernas sociedades, e a sua degradação ao nível do emprego, apresenta-se assim, do ponto de vista sociológico, como um verdadeiro desafio para a pesquisa e a intervenção social, conforme Almeida e Albuquerque (2013) enfatizam. Estas condições paradoxais de funcionamento, e de estruturação social, serão, certamente, fatores que acentuarão o “efeito de *hysteresis*” (Bourdieu, 1977/1972), a que já aludimos, sobre a adaptação das práticas agênticas dos desempregados, pois as disposições éticas reproduzem ainda o passado e as correspondentes disposições generativas, mas os campos sociais, em contradição, transformaram-se radicalmente numa nova *doxa*.

#### **1.4 O caso do desemprego por despedimento coletivo /falência/ deslocalização: características e problemáticas**

Neste cenário de grande instabilidade e incerteza e de relações laborais paradoxais, o desemprego por despedimento coletivo/falência/deslocalização apresenta-se como um caso dotado de grande especificidade e dramatismo. Devemos recordar que se trata de um evento traumático, muitas vezes inesperado, disruptivo do campo e das práticas sociais e laborais, para o qual nunca ninguém está preparado em termos de uma adaptação rápida. Acresce a enorme conflitualidade vivida entre os protagonistas empresariais, estatais e sindicais, que envolvem os trabalhadores e as suas famílias em labirintos processuais infundáveis, nem sempre satisfatórios em termos dos direitos humanos e laborais (*cf.*, Atzeni, 2013). É, por estas razões, enquadradas em toda a complexa dinâmica sistémica que contextualiza este fenómeno (Carroll & Mosakowski, 1987), importante analisá-lo do ponto de vista da sua especificidade, descrevendo as suas características e problemáticas associadas, até porque também é a matriz dos percursos de vida e laboral dos desempregados estudados nesta investigação.

Iniciamos por constatar que este fenómeno do despedimento coletivo por falência, dissolução ou deslocalização das empresas não tem merecido grande destaque em termos de investigação por parte das ciências sociais, comparativamente ao fenómeno do desemprego de um modo geral. Fica a sensação de uma atitude de habituação social, que se estende à pesquisa: longe vai o “Bloody Sunday”, em 13 de novembro de 1887, ocorrido em Trafalgar Square, na cidade de Londres, quando uma multidão de trabalhadores



despedidos chamou a atenção do mundo pela primeira vez para esta situação de despedimentos massivos.

A ideia pós-industrial de que são os ciclos económicos e políticos impossíveis de controlar a única causa deste drama, enquanto fatalidade inapelável, pareceu instalar-se. Um despedimento coletivo não é um facto grave apenas pela dimensão numérica de desempregados simultâneos. Deverá ser abordado como um verdadeiro problema coletivo, porque afeta todo o tecido social. No entanto, a grande atenção dada a este problema social tem sido quase exclusivamente jurídico-administrativa. Representa uma visão individualista da questão, centrada apenas na interação entre agência pessoal e estruturas legais e financeiras. Numa palavra, “dessocializa” um problema que é eminentemente social (MacKenzie, Stuart, Forde, Greenwood, Gardiner & Perrett, 2006). Existem, assim, poucas respostas sociais integradas (*cf.*, Advisory, Conciliation and Arbitration Service, 2015).

O desemprego coletivo representa um evento de vida crítico onde a história pessoal e laboral, a capacidade de agência e as estruturas sociais de contexto, bem como o manejo dos capitais económico, social e cultural contam (Gardiner, Stuart, MacKenzie, Forde, Greenwood & Perrett, 2009). Sobretudo, porque os desempregados socializados em ambientes coletivos são projetados para um mercado de trabalho cada vez mais individualizado (Morris, 1984). E, deste modo, as desigualdades sociais intensificam-se, em especial quando os desempregados são mais idosos e/ou mulheres (Jones & Nisbet, 1999).

O fenómeno do desemprego coletivo tem-se agudizado nos últimos anos em Portugal, onde, em média, o número de novas empresas é sempre menor que o número de empresas dissolvidas ou falidas. (*cf.*, Lucas, 2013; Observatório Raciús, 2016). Do ponto de vista do impacto negativo no rendimento económico dos trabalhadores a curto-prazo, ele é significativo no nosso país, sobretudo se atendermos à especificidade de que são os trabalhadores, simultaneamente, os mais novos e os mais velhos, e as mulheres, os mais atingidos pelos despedimentos (*cf.*, Wemans, 2010). Trata-se de um verdadeiro processo de “seleção social” (L’Huillier, 2002; Silva, 2009), que certamente deixará “cicatrizes” de exclusão na reorganização das vidas e das futuras relações de trabalho, sobretudo nas pessoas mais fragilizadas em termos de poder, nomeadamente económico. Relembremos, ainda a este propósito, que o “capital económico” tem sido apontado por vários autores da sociologia, não obstante as suas divergências (*e.g.*, Weber, 1964; Marx, 2008/1859;

Bourdieu, 1998a; Castells, 2005), como um conceito central para a compreensão dos fenômenos sociais, sobretudo pela sua dimensão relacional e sistêmica.

Num mundo onde a precaridade e o desemprego nos ameaçam diariamente, a insegurança reina para todos. Nas palavras de Bourdieu (1998b, p. 73), a insegurança objetiva é a base de uma insegurança subjetiva generalizada que afeta hoje, no coração de uma economia altamente desenvolvida, o conjunto dos trabalhadores, incluindo aqueles que não foram ou ainda não foram diretamente atingidos.

Trata-se de “uma morte social”, de “uma violência simbólica”, ainda nas palavras deste autor. Ora, o despedimento coletivo, por ser abrupto e atingir os mais precarizados, cria ainda mais barreiras para a sua superação, dado que involuntariamente produz uma necessidade de radicalmente se mudarem práticas face aos novos campos sociais. A destruição daquilo que, tentativamente e metaforicamente, poderíamos apelidar de um “*habitus* contratual” produz, inevitavelmente, uma vinculação insegura ao mundo do trabalho, que nem sempre, nem todos, conseguem reconstruir.



## 2. As respostas sociais e individuais face ao desemprego

### 2.1 Contributos para uma análise transversal do desemprego

Enquanto reconhecemos o carácter socialmente estruturante do trabalho, importará então abordar o desemprego como fenómeno diversificado e multifacetado, a que devemos acrescentar as características e problemáticas deste quando advindo de um contexto de despedimento coletivo, objeto de análise neste estudo, na perspetiva da criação do próprio emprego. Será, por isso, imprescindível recordar o estado-da-arte sobre este fenómeno e as suas realidades factuais. Requer-se, portanto, uma análise transversal, que, simultaneamente, nos descreva os contextos e os atores envolvidos nesta rutura social. Que a aprofunde do ponto de vista das pessoas e que a enquadre socialmente as suas vivências (*cf.*, Santos, Ferreira, Albuquerque, Almeida, Mendonça, Silva & Almeida, 2010; Almeida & Albuquerque, 2013). Este conhecimento poderá, em nossa opinião, reforçar a perspetiva sociológica que subjaz a esta pesquisa.

Independentemente da origem, experienciar uma situação de desemprego, quando involuntária, pode ser fonte de grande “*stress*” e trazer consequências psicossociais potencialmente graves, sobre as quais é importante continuarmos a refletir. Se considerarmos a privação de emprego como uma experiência essencialmente negativa, a investigação demonstra que o desemprego produz vários efeitos adversos a diversos níveis. De facto, são vários os autores que demonstram a elevada conexão entre a durabilidade e a ligação emocional ao trabalho, e as consequências da perda do mesmo (Greenhalgh & Rosenblatt, 1984; Fryer & Payne, 1986). Perda que se manifesta não apenas ao nível material, mas também em termos de desvalorização pessoal e social (Fryer & Payne, *op. cit.*; Leana & Feldman, 1992).

Assim, para além de uma fonte de rendimento, de integração social (Hespanha, *et al.*, 2007), e de sentido da vida para o indivíduo, o trabalho estrutura a sociedade de um modo dialético. Como refere Schnapper (1998, p. 16), “as sociedades modernas constroem-se em torno da atividade profissional, da cidadania e da articulação entre as duas”.

Segundo Schnapper (*op. cit.*), as consequências negativas comumente associadas ao desemprego, mostram o quanto o emprego está ligado à dignidade humana. A autora exemplifica esta ideia através do caso dos reformados: apesar de não trabalharem, têm um estatuto superior ao dos desempregados, uma vez que a ausência de uma atividade

profissional é justificada pelos critérios administrativos que lhes permitem gozar esse direito. É por isso que o desemprego vem muitas vezes acompanhado por um sentimento de humilhação (sentimento muitas vezes reforçado pelos próprios técnicos administrativos que atendem os desempregados<sup>9</sup>), podendo acarretar formas graves de exclusão social. Porque o emprego continua a ser o principal mecanismo de integração social (apesar da sua gradual precarização), o desemprego continua a assumir o peso de “morte simbólica” na sociedade ocidental e, face à falta de alternativas no mercado de trabalho assalariado, a via do autoemprego tem assumido um lugar de destaque no âmbito das políticas ativas de emprego.

Durante o período de excepcional prosperidade económica associado à época dos “Trinta Anos Gloriosos” (1945-1973), como lhes chamou Fourastié (2004), o desemprego estava associado a determinadas franjas populacionais. Falava-se do desemprego como algo residual e a justificação do mesmo focava a inadaptação e incapacidade individual de inserção social. Atualmente, esta problemática é muito mais complexa e multiforme (Paugam, 2003). Para além das suas visíveis consequências a nível pessoal, familiar e comunitário (e para as redes sociais em que se inserem), do ponto de vista económico, refletem um subaproveitamento do potencial humano, afastando uma grande parte das pessoas dos processos produtivos, com consequências diretas na diminuição do poder de compra (Hespanha *et al.*, 2007), e conseqüentemente, na própria cidadania dos indivíduos. Nas sociedades contemporâneas, o cidadão é aquele que consome, confundido a liberdade de escolha com a liberdade de escolher o que consumir. Deste modo, quem é desprovido de capital económico, é desprovido de liberdade.

Perspetivar o desemprego nos nossos dias é muito mais complexo de que abordar uma qualquer categoria estanque. Trata-se, antes, de abordar um conceito que se reflete, empiricamente, numa complexa heterogeneidade. Segundo Duarte (1998), a forma como o desemprego é vivenciado pelos indivíduos depende da conjugação de um grande número de variáveis, tais como a idade, a pertença social, as competências escolares, profissionais e sociais, os recursos económicos e culturais, o grau de solidariedade do grupo familiar, a duração do desemprego, entre outros. Nesta linha, Borgen e Amundson (1984), no seu estudo clássico, complementam esta ideia ao dizer que são vários os fatores que influenciam a reação do indivíduo ao desemprego. Entre eles, a ligação ao emprego perdido, o estatuto

---

<sup>9</sup> Conforme alguns relatos de desempregados.

social associado ao emprego desempenhado, o sistema de suporte social aquando do desemprego (apoio dos amigos e família), as características pessoais (lócus de controlo interno ou externo), a situação financeira (*e.g.*, se tem ou não poupanças), e as expectativas em relação ao futuro (*e.g.*, se a pessoa possuía grandes expectativas relativamente ao emprego perdido, o desemprego será sentido de forma mais penosa).

Fenómenos como o desemprego de longa duração despoletaram, no mundo industrializado, estudos que, na sua maioria, alertam para as consequências adversas do afastamento prolongado do mercado de trabalho (*e.g.*, Hepworth, 1980; Elder & Caspi, 1988; Aubry, Tefft & Kingsbury, 1990; Johansson & Sundquist, 1997; Duarte, 1998; Claussen, 1999; Straussner & Phillips, 1999; Kokko, Pulkkinen & Puustinen, 2000; Voss, Nylen, Floredus, Diderichsen & Terry, 2004; Bobek & Robbins, 2005; Stankunas, Kalediene, Starkuviene & Kapustinskiene, 2006; Chan, Yip, Wong & Chen, 2007; Souza & Benetti, 2008; Mossakowski, 2009; Clavel, 2012). Estes estudos, no seu conjunto, traduzem o que Paugam (2003) chamou de processo de desqualificação social. O estudo que este autor realizou em 1997 em França pretendeu analisar a relação que os desempregados desenvolviam com os Serviços de Ação Social. Nesta análise, Paugam (*op. cit.*) identificou três fases distintas que fazem parte do processo de desqualificação social e que são, simultaneamente, causa e consequência da transformação das condições de vida e da identidade do indivíduo desempregado: *fragilidade, dependência e rutura*.

A primeira fase decorre das dificuldades de inserção profissional e em consequência da desqualificação social. As pessoas que se encontram nesta fase recusam o recurso a instituições de assistência e desenvolvem várias estratégias para aceder a um melhor estatuto social (*e.g.*, encontrar um novo emprego). Contudo, com a continuidade na situação de precariedade, e a consequente perda de rendimentos, verifica-se uma maior procura de apoio social. A *fragilidade* corresponde, deste modo, à aprendizagem da desqualificação social, onde se inicia um processo de afastamento das outras pessoas. Deste processo decorre um sentimento de inferioridade e vergonha, sendo que o indivíduo encara os apoios governamentais (Rendimento Social de Inserção, Subsídio de Desemprego, entre outros) como transitórios. Por outro lado, a desqualificação profissional associa-se a uma desagregação familiar e induz uma crise profunda de identidade. Se houver um prolongamento desta situação, ocorre uma passagem à próxima fase, a *dependência*, na qual se estabelece uma relação de dependência com os serviços de assistência social. Esta fase é

caracterizada por um período de desalento e inatividade, na qual as pessoas recorrem aos técnicos da segurança social. Verifica-se, igualmente, a crescente aceitação de um estatuto de dependência (após o insucesso de várias diligências para se inserirem no mercado de trabalho), quando se apercebem de que as probabilidades de voltar a exercer um trabalho são quase inexistentes. Paugam (*op. cit.*) verificou que muitos indivíduos, um ano após a situação de desemprego, declaram problemas de saúde que os impedem de trabalhar, revelando uma situação de alta dependência. A fase de *rutura* é o produto de uma acumulação de fracassos que conduzem a uma forte marginalização, decorrente do sentimento de inutilidade e de ausência de esperança na reversão da situação. É uma fase geralmente acompanhada por comportamentos autodestrutivos (*e.g.*, consumo de álcool ou de drogas).

Nesta aceção, o desemprego de longa duração pode ser conceptualizado como um processo de acumulação de desvantagens sociais que se alarga a todos os outros domínios da vida do indivíduo, enfraquecendo a sua autodeterminação e capacidade de atuar sobre o contexto para atingir os seus objetivos. Um processo que se inicia, para muitos, ainda durante a vida ativa como trabalhadores assalariados. Trajetórias profissionais marcadas pela precariedade e pelo desemprego intermitente fazem parte de cada vez mais percursos laborais, criando um exército de trabalhadores que Standing (2011) apelidou de *precariado*, como já foi referido. Segundo este autor, ser *precariado* não se limita apenas a ter um emprego inseguro, de estar em postos de trabalho de duração limitada e com proteção laboral mínima, é ter um *status* que não oferece qualquer sentido de carreira, de identidade ocupacional segura ou de proteção social.

A ideologia neoliberal que domina atualmente o mercado de trabalho coloca o modelo de empresa “magra”<sup>10</sup> como ideal de empresa competitiva e, neste contexto, as teses que culpabilizam o desempregado pela sua situação voltam a encontrar eco no imaginário social. Teses baseadas nos estudos económicos da época dos “anos gloriosos”, defensores do capitalismo flexível, que sustentaram durante décadas uma certa discriminação dos desempregados, ganham atualmente redobrada força. O problema é que estes estudos reportam a uma época muito diferente da atual e, por esse motivo, não podem ser considerados legítimos. Um exemplo disso é o trabalho de Pigou (1933/1968), quando

---

<sup>10</sup> Tipo de empresa que agrega duas estratégias de flexibilização: qualitativa (ou “via alta”) e quantitativa (ou “via baixa”). Segundo Kovács (2003, 2005a, 2005b), assiste-se à desintegração vertical e espacial das empresas através da segmentação produtiva. Esta segmentação produtiva leva à criação, dentro da mesma empresa, de trabalhadores centrais e periféricos.

publicou *The Theory of Unemployment*, onde formula uma teoria económica que considera o desemprego como voluntário. Segundo o autor, uma vez que o mercado de trabalho funciona como qualquer outro mercado de trocas, i.e., numa relação entre a oferta e a procura de mão-de-obra, defende-se que o desempregado encontrará sempre emprego desde que aceite baixar o salário. Nesta asserção, os desempregados são, por conseguinte, aqueles que não aceitam as condições de funcionamento do mercado. Segundo Prado (2006), este pensamento economicista decorre de um raciocínio-padrão largamente difundido na chamada microeconomia reducionista, baseada no individualismo metodológico. Segundo o autor, este tipo de análise ignora os condicionamentos estruturais das ações em sociedade, assim como as determinações posicionais dos agentes económicos<sup>11</sup>.

De facto, a forma como a sociedade vê o desemprego e os desempregados influencia muito como os indivíduos vivenciam uma experiência de desemprego. À medida que o contrato social vai sendo ultrapassado pela ideologia do capitalismo flexível, o desemprego torna a vida de cada um de nós cada vez mais intermitente. Os conflitos originados pela deslocalização, encerramento ou reestruturação de empresas, acompanhados pelas vagas de despedimentos coletivos, deixam cada vez mais trabalhadores sem referências para o futuro.

Acrescente-se ainda, como já foi referido, que a forma como o desemprego é vivido pelos indivíduos depende de vários fatores: da perceção dos indivíduos acerca das perspetivas de reencontrar rapidamente um novo emprego no mercado; da sua perceção acerca das ofertas do mercado de trabalho; da sua adequabilidade à oferta (em termos de formação, experiência profissional, e idade); do facto se tem direito a proteção social (subsídio de desemprego); e ainda do facto se está prestes a terminar a sua vida ativa (reforma). Os fatores relacionados com dimensões mais normativas e/ou institucionais respeitam ao tipo de regulação social do desemprego através das políticas públicas de promoção do emprego e de proteção no desemprego. Neste domínio, o papel do Estado e das instituições particulares de solidariedade social são os mais evidentes (Craigh, Burchardt & Gordon, 2008). Contudo, as redes familiares e informais de entajuda desempenham um papel igualmente fundamental na regulação desta vivência. Não obstante, estes fatores só

---

11 De facto, o volume de estudos realizados nesta perspetiva é muito elevado relativamente a abordagens mais integrativas (e.g., Maidique & Zirger, 1985; MacMillan, Zemmann, Subbanarasimha, 1987; Westhead, 1990; Chandler & Jansen, 1992; Hustedde & Pulver, 1992; Chandler & Hanks, 1994; Malecki, 1997; Brush, Greene & Hart, 2001; Reijonen & Komppula, 2007; Parker, 2009).



podem ser compreendidos à luz do seu cruzamento com fatores ligados à dimensão biográfica e subjetiva do ator. Esta dimensão configura uma rede de variáveis como a idade, o género, o percurso laboral e a formação – que por sua vez irão influenciar a forma como os atores dão sentido à sua condição de desempregado (Caleiras, 2015). Os eventos de vida (que são, por natureza, aleatórios) são elementos igualmente importantes a ter em consideração nesta análise. A forma como os atores superam diversos eventos de vida prende-se como uma subjetividade pessoal embrincada, por vezes, difícil de analisar e problematizar (Dejours, 2006).

Assim, apesar de ser possível identificar características mais ou menos comuns associadas à vivência do desemprego, são vários os autores que reforçam a diversidade desta experiência (*e.g.*, Lazarsfeld, Jahoda & Zeisel, 1982; Demazière & Dubar, 1999; Rosa, Ferreira & Gonçalves, 1999; Gallie & Paugam, 2000; Linhart, Rist & Durand, 2003; Paugam, 2003; Clavel, 2012; Costa, 2005; Remillon, 2006; Dooley & Prause, 2009). O famoso trabalho de Schnapper (1981) é um ótimo exemplo desta diversidade: numa amostra de 100 desempregados, esta autora identifica três tipos de experiências vividas que correspondem a três formas de fazer face ao desemprego – desemprego total, desemprego invertido e o desemprego diferido. Schnapper (*op. cit.*) destaca que, de uma forma geral, o desemprego é uma experiência traumatizante; contudo, postula que estas três formas de viver o desemprego são diferenciadas a partir de três dimensões. A primeira diz respeito à capacidade do indivíduo desempregado em adotar atividades de substituição do trabalho e o investimento num estatuto alternativo. A segunda dimensão problematiza a intensidade e a forma das sociabilidades, isto é, quanto mais o desempregado estiver envolvido em redes sociais independentes do seu trabalho, menores serão as consequências adversas da situação de desemprego. Finalmente, o contexto familiar constitui-se, igualmente, como uma dimensão incontornável da análise da forma de viver o desemprego: a integração familiar funciona como um importantíssimo mecanismo de apoio à crise de estatuto associado ao desemprego.

Segundo Araújo (2008), a forma como os indivíduos experienciam o desemprego depende da combinação complexa entre fatores de vulnerabilidade e mediadores de compensação<sup>12</sup>. Segundo este autor, os fatores de vulnerabilidade resultam da interação entre

---

<sup>12</sup> Segundo Araújo (2008, p. 42), “as situações de privação de emprego serão vividas e definidas pelos desempregados de modo tanto mais negativo quanto maior for a probabilidade dos fatores de

agentes de vulnerabilidade extrínseca e intrínseca. Como fatores extrínsecos, Demazière (1995) entende os espaços sociais onde a experiência de desemprego ocorre, e por fatores intrínsecos, as características sociais dos indivíduos e as suas trajetórias profissionais. Por sua vez, os mediadores de compensação reportam-se a fatores capazes de minorar as consequências negativas da experiência de desemprego. Entre estes fatores, Araújo (2008) identifica o Estado Social (maioritariamente sob a forma de prestações pecuniárias de substituição do rendimento perdido), e, um pouco à semelhança de Schnapper (1981), as atividades de substituição do trabalho perdido, e as redes sociais dos desempregados (independentes da esfera laboral).

Não obstante, conforme nos esclarece Clavel (2012), o trabalhador está no centro de um conjunto de redes que o fazem existir: no plano relacional (relações de trabalho; possibilidade de construir uma família) e institucional (proteção social). Ele sente que pertence a um grupo, com um espaço (trajetos quotidianos; lugar de trabalho) e tempo (horários; licenças) definidos, que estruturam a sua existência. Inversamente, segundo Costa (2005), estar desempregado, para além de implicar a privação da fonte normal de rendimentos, significa perder um dos vínculos mais importantes de ligação à sociedade, e à rede de relações interpessoais que o emprego proporciona.

O desemprego afeta indivíduos e famílias com características e recursos muito diferenciados e, como tal, não pode ser conceptualizado de forma unidimensional. Isto significa que, na medida em que os recursos ao serviço do desempregado são diferentes, também as vivências dessa experiência são distintas (Hespanha *et al.*, 2007), e variam em função de um amplo conjunto de fatores com múltiplas ligações entre si (Duarte, 1998). Com efeito, o conhecimento acerca dessas variáveis moderadoras permite uma maior compreensão do impacto do desemprego no indivíduo (DeFrank & Ivancevich, 1986), e possibilita a identificação dos grupos de pessoas desempregadas que necessitam de ajuda especial (Paul & Moser, 2009). Assim, diversos fatores têm sido analisados como variáveis moderadoras na investigação sobre o desemprego. Entre outras, saliente-se o género (*e.g.*, Harris, Heller & Braddock, 1988; Fielden & Davidson, 2001; Artazcoz, Benach, Borrell & Cortès, 2004;), a idade (*e.g.*, Hepworth, 1980; Kulik, 2001; Niessen, 2006), o estatuto

---

vulnerabilidade extrínseca e dos factores de vulnerabilidade intrínseca entrarem em sinergia negativa e quanto mais escassos forem os suportes assegurados e mobilizáveis pelos desempregados para lhes fazer frente, ou seja, quanto mais escassa for a margem de manobra disponibilizada pelos mediadores de compensação”.

socioeconómico (*e.g.*, Hepworth, 1980), o suporte social (*e.g.*, Shams, 1993; Niessen, 2006), as estratégias de *coping* (*e.g.*, Waters, 2000; Anderson, 2002; Christensen, Schmidt, Kriegbaum, Hougaard & Holstein, 2006), e a duração do desemprego (*e.g.*, Hepworth, 1980).

Autores como Goodman, Schlossberg e Anderson (2006), ou Blustein (2006), estudaram as diferentes dimensões da transição para o desemprego vivida por adultos. Segundo estes autores, as transições não são realidades lineares. Neste sentido, este fenómeno apenas pode ser compreensível à luz de modelos multidimensionais, de forma a poder descrever narrativas pessoais, e identificar os impactos a nível pessoal e contextual deste fenómeno, bem como as correspondentes estratégias adaptativas.

Loison (2003), a partir de dados recolhidos em Portugal em contexto urbano e rural no início da década de 2000, elaborou uma tipologia de experiências vividas de desemprego. Esta tipologia foi construída a partir de 100 entrevistas e deu origem a 4 tipos de desemprego: “desemprego negociado”, “desemprego neutralizado”, “desemprego transformado” e “desemprego angustiante”.

O primeiro tipo – o “desemprego negociado” – é, segundo a autora, o mais comum em Portugal e é relativamente bem encarado pelos indivíduos que sentem esta experiência como temporária. São mais frequentes entre homens jovens com altas qualificações em meios urbanos. Por serem indivíduos com mais qualificações, compreendem melhor a sua relação com o mercado de trabalho e dispõem de outros recursos que mobilizam para tornarem a experiência de desemprego menos penosa.

Quanto ao segundo tipo – o “desemprego neutralizado” – traduz uma “fraca ligação à condição salarial”, que resulta de um percurso laboral instável. A procura de emprego é quase inexistente e por isso a condição de desempregado prolonga-se no tempo. A estigmatização associada ao desemprego é pouco significativa, pois existe recurso a atividades de substituição e ao apoio familiar. É um tipo de desemprego que afeta, na sua maioria, mulheres entre os 29 e os 45 anos, com filhos menores a seu cargo, e homens jovens que vivem ainda com os seus pais.

O terceiro tipo – “desemprego transformado” – é experienciado por homens e mulheres com idades próximas da idade da reforma, em contexto rural e urbano. O tempo de desemprego é vivido como um tempo de “pré-reforma”, e porque traduz uma longa vida de trabalho, é sentido como um descanso merecido. Neste tipo de desemprego o estigma é

inexistente. Este tipo de desemprego é, segundo a autora, caracterizado pela fraca ligação à condição salarial.

O “desemprego angustiante” é aquele que a autora identifica como menos comum em Portugal. Trata-se de uma experiência dolorosa que se relaciona diretamente com a crise de estatuto associado ao trabalho. Atinge na sua maioria homens, no auge das suas vidas ativas, sendo considerados pelas entidades empregadoras “muito novos para a reforma e muito velhos para trabalhar”. Apesar destes desempregados se sentirem na plenitude das suas capacidades, estas entidades empregadoras preferem jovens, mais qualificados e mais disponíveis e flexíveis. Por outro lado, estes desempregados encontram-se numa fase das suas vidas em que ainda têm muitos encargos familiares (crédito à habitação, filhos a estudar, etc.), o que vai agravar a forma como sentem o desemprego. Por esse motivo vivem o desemprego com grande angústia.

Loison (*op. cit.*) refere que para compreender o fenómeno do desemprego em Portugal é necessário atender às suas características estruturais. Segundo a autora, ao contrário dos países europeus altamente industrializados, Portugal sempre se caracterizou por uma sociedade salarial inacabada. Esta sociedade é caracterizada pelo estatuto débil do emprego, que se manifesta pelo peso importante do trabalho informal, e pela alta percentagem de trabalho por conta própria face à média europeia (17,9% vs. 14,9%, EU28 em 2015) (PORDATA, 2016), e que resulta, segundo Loison (2003), numa menor estigmatização social face ao desempregado. Por outro lado, a débil proteção social dos desempregados (baixo valor das prestações sociais de desemprego), que caracteriza o fraco Estado-providência português, alia-se à força da solidariedade familiar (Caleiras, 2015).

Deste modo, o estudo do desemprego na atualidade, como fenómeno crescente, complexo e qualitativamente diferenciado, tem necessariamente de comportar o cruzamento de dimensões normativo-institucionais e biográficas, numa ótica compreensiva, capaz de evidenciar as dinâmicas adaptativas e de transição psicossocial decorrentes de situações de desemprego, mormente para contextos de autoemprego, objeto desta pesquisa. Tendo em conta o estado-da-arte acerca deste objeto de estudo, o que temos vindo a propor é a associação heurística, relacional e sistémica destas duas componentes (pessoal e contextual, ou agencial e estrutural), considerando o carácter eminentemente crítico para a organização social envolvendo os trabalhadores desempregados enquanto indivíduos, as suas famílias e

as suas comunidades, e todas as dinâmicas de seleção/exclusão social, conforme se descreveu acima.

## **2.2 Do desemprego ao autoemprego: dados históricos e estatísticos**

Antes de sistematizarmos o enquadramento das respostas políticas de apoio à criação do próprio emprego, as quais, como já apontámos acima, são opções de solução para a complexa e transdisciplinar problemática do desemprego, será sempre importante enquadrar as questões de natureza social numa perspetiva histórica, não apenas cronológica, mas também estrutural. Deste modo, apresenta-se de seguida uma breve resenha histórica, acompanhada de alguns dados estatísticos, sobre o fenómeno transicional da criação do próprio emprego por desempregados em Portugal. Devemos recordar, desde já, que em Portugal sempre existiu um importante setor tradicional de trabalho por conta própria de base familiar, maioritariamente ligado à agricultura, mas também no pequeno comércio e na indústria artesanal (Hespanha, 1997).

Até aos anos 60, Portugal vivia fechado sobre si mesmo. Marcado por uma ditadura que deixou o país subdesenvolvido a nível económico e social, a grande maioria dos trabalhadores viviam numa situação de pobreza. No período antes da revolução de 1974, a sociedade portuguesa era marcadamente rural e um terço da população ativa trabalhava no setor agrícola (Hespanha, *op. cit.*). O período dos “trinta gloriosos” anos já referido, que foi uma época basilar na melhoria das condições de vida dos trabalhadores europeus, chegou a Portugal de forma muito mais ténue e tardia. Foi só a partir do 25 de Abril de 1974, e já num contexto de crise económica internacional, que se verificaram de facto progressos nas condições gerais de vida dos portugueses. Imediatamente após a revolução de abril, importantes políticas de redistribuição foram desenvolvidas, tais como a implementação do salário mínimo e a universalização da segurança social. Ao mesmo tempo que o poder de compra dos trabalhadores aumenta, setores importantes ligados à economia foram nacionalizados. Nesta altura houveram grandes desenvolvimentos na área da legislação laboral, reconhecendo vários direitos dos trabalhadores. Fruto da democratização da sociedade portuguesa, o peso da desigualdade social tenderia a diminuir. No entanto, e paradoxalmente, acompanhando a crise europeia que colocou em causa o modelo de Estado-providência (Hespanha, *op. cit.*; Estanque & Costa, 2012), desde meados dos anos 70,

diversas formas de empregos precários conheceram um aumento em Portugal (Rebello, 2004; Sá, 2011)<sup>13</sup>.

A economia portuguesa, tendo sofrido alterações tão profundas e a experienciar os impactos de uma recessão mundial, entra em crise económica. Como já tinha aderido às diretrizes do Fundo Monetário Internacional, em 1978 o FMI vem a Portugal e com ele chegaram as contrapartidas associadas ao apoio: entre elas, a flexibilização do mercado de trabalho. Os efeitos desta flexibilização aumentou de forma significativa a taxa de desemprego, reforçou uma indústria baseada nos baixos salários e acentuou a posição periférica de Portugal em relação ao resto da Europa (Hespanha, 1997).

Assim, se a partir de 1974 o mercado de trabalho em Portugal assentava maioritariamente em contratos de trabalho por tempo indeterminado a tempo inteiro, a partir de 1976 assistimos, de uma forma galopante, à crescente flexibilização das relações laborais onde dominam os contratos de trabalho a prazo (Carvalho, 1998). A adesão de Portugal à União Europeia veio reforçar esta tendência (Hespanha, 1997).

Conforme Bauman (2003) nos adverte, passámos da “modernidade sólida” que representava uma época de compromisso entre capital e trabalho, para uma “modernidade líquida”, criando uma massa de trabalhadores excedentes (Sá, 2011).

Freire (1995) destaca que, apesar dos números do autoemprego em Portugal sempre terem sido relativamente significativos, com a crise do modelo do Estado-providência e a consequente emergência de discursos neoliberais na Europa que enfatizam o mérito do esforço e sucesso individual, a partir da década de 80, o autoemprego adquiriu uma nova visibilidade. A crise do modelo do Estado-providência forneceu a oportunidade para a emergência de discursos liberais ainda mais inflamados. A culpabilização e responsabilização dos indivíduos perante a sua inserção social traduz uma visão organicista da sociedade que foi recuperada pela ideologia neoliberal. O discurso político começa a apresentar o autoemprego como solução para o desemprego estrutural e, ao nível académico, a literatura económica exalta os benefícios do empreendedorismo no desemprego<sup>14</sup> e vice-versa.

---

<sup>13</sup> cf., igualmente: IAPMEI (2008), Ecorys (2011).

<sup>14</sup> Caso do conceito do “refugee effect” que postula que o desemprego leva ao aumento da atividade empreendedora.

De facto, Portugal, assim como outros países do sul da Europa, sempre apresentou altos índices de autoemprego. A forte presença de negócios de pequena escala ligados à agricultura e outras atividades tradicionais sempre foi uma estratégia muito utilizada para assegurar a sobrevivência das famílias em Portugal e uma forma de compensar os baixos salários auferidos na indústria. Com a intervenção do FMI (em 1978 e 1983) e a entrada na União Europeia (1986), a esta tendência juntou-se uma cultura individualista que incentivava o autoemprego. Estas duas características deram origem a uma categoria muito diversificada de autoempregados, agregando em si duas modalidades distintas de autoemprego. Ao lado do setor mais “tradicional” de autoemprego, fruto da intervenção externa no sentido da reestruturação da indústria e terciarização da economia, cresce um outro tipo de autoemprego, muitas vezes marcado por uma falsa autonomia<sup>15</sup>

Num artigo sobre as condições de exercício da produção independente, Silva e Almeida (2014) concluem que, não obstante a apologia ao empreendedorismo e à criação do próprio emprego vigorar nos discursos oficiais como estratégia de combate ao desemprego, a realidade sugerida por dados internacionais obriga-nos a questionar as razões de tal incentivo. Em 2000, a OCDE publica *The partial renaissance of self-employment*, em OCDE *Employment Outlook*, documento no qual dados de diversos países, recolhidos entre a década de 70 e o final da década de 90, permitem compreender o fenómeno do autoemprego no quadro estrutural do mercado de trabalho. As conclusões do estudo são claras: não existe uma correlação estatisticamente significativa, no período compreendido na análise dos países da OCDE, entre a taxa de desemprego e os fluxos de entrada no autoemprego (OECD, 2000, p. 157; p. 167). A hipótese do “unemployment push<sup>16</sup>”, em que a situação de desemprego parece ocasionar a oportunidade para o ingresso numa condição de autoemprego, não é suportada pelos dados, já que os movimentos de transição para o autoemprego não sofrem alterações significativas em períodos de recessão, quando as taxas de desemprego são mais elevadas (i.e., não aumentam, mas também não parecem diminuir) (OECD, *op. cit.*). Mais ainda, é curioso notar que os fluxos do desemprego para uma situação de emprego, em todos os países analisados, é escassamente suportada por uma transição para o autoemprego: em média, entre 1990-1997, nos países da OCDE, apenas 2% de autoempregados reportou uma transição para o autoemprego originária de uma situação de

---

<sup>15</sup> Situações que nasceram das políticas de *outsourcing* das grandes empresas (cf., Kovács, 2003).

<sup>16</sup> Teoria que defende que o desemprego funciona como um fator que incentiva o autoemprego.

desemprego no ano anterior; cerca de 26% reportou uma transição para o assalariamento, 50% manteve-se na mesma condição de desemprego face ao ano anterior e 21% transitou para a inatividade. Um cenário semelhante é retratado na década anterior (entre 1983-1989) (OECD, *op. cit.*, p. 167; Silva & Almeida, 2014).

Em Portugal, os dados para tal período situam-se muito próximos dos países da OCDE. Em média, entre 1990-1997, apenas 3.0% dos autoempregados reportou uma transição do desemprego para ao autoemprego no ano anterior; cerca de 32.4% transitou para o assalariamento; 41.8% manteve-se na mesma condição de desemprego face ao ano anterior e 22.4% passou para uma condição de inatividade. A média anual de entrada numa situação de autoemprego, em Portugal, no período indicado, era de 6.8% de autoempregados provenientes de uma situação de assalariamento, mas de apenas 1.1% de autoempregados provenientes de uma situação de desemprego (OECD, 2000, p. 167; Silva & Almeida, 2014).

Na década de 80, a proporção do autoemprego em Portugal (excluindo o autoemprego no setor agrícola) situava-se entre os 16% e os 17% (OECD, 2000, p. 158); na década de 90, a proporção sobe ligeiramente, parecendo estabilizar-se na ordem dos 19%. A partir do ano 2000, segundo dados do Instituto Nacional de Estatística, a percentagem de trabalhadores autoempregados (por conta própria), ronda os 23.5% do total da população empregada (aqui incluindo dados do setor agrícola), tendendo a ligeiros declínios a partir de 2008 que culminam, em 2011, numa taxa de 20.0% de trabalhadores por conta própria no total de população empregada (INE, 2013, p. 205; INE, 2014a, p. 17; Silva & Almeida, 2014).

Sobre este aumento, é importante enfatizar que Portugal apresenta, desde o final do período salazarista, variações cíclicas ao nível do autoemprego. Dados da OCDE apontam para uma fase expansiva das taxas de crescimento médio anual do autoemprego entre 1979 e 1990, em que o autoemprego cresce a um ritmo de 6.4%, enquanto o emprego civil cresce a uma taxa de 3.5%, quando entre 1973-1979 a taxa de crescimento anual de ambos se situava na ordem de 1%. Na década de 1990, as taxas de crescimento anual, quer para o autoemprego quer para o emprego civil, baixam para 2.4% e 0.5%, respetivamente. Em qualquer das fases, as taxas médias de crescimento anual em Portugal para o autoemprego são claramente superiores à média registada para o conjunto dos países da OCDE (OECD, 2000, p. 159; Silva & Almeida, 2014).



Neste cenário, o autoemprego parece, portanto, mais relacionado ao trabalho assalariado: não apenas porque dele advêm maiores contingentes de autoempregados, mas também porque parece acompanhar as flutuações estruturais do emprego, ora aumentando em fase de crescimento do emprego civil, ora diminuindo em fase de recessão económica (Silva & Almeida, *op. cit.*).

Estes dados vêm reforçar a necessidade de uma leitura mais atenta dos fatores que influenciam as motivações para o autoemprego, nomeadamente, para o papel de aspetos associados à trajetória de vida. Será que o próprio desemprego cria “cicatrices” sociais de insegurança na agência pessoal, que tornam a criação do próprio emprego percecionada como potencial de risco? E será que as políticas ativas de apoio à criação do próprio emprego estão orientadas para os factos histórico-estruturais que em Portugal contextualizam o fenómeno do desemprego? Como teremos oportunidade de analisar mais à frente em detalhe, a questão em si da criação do próprio emprego está repleta de ambiguidades e contradições em termos da pesquisa científica e da avaliação da eficácia das políticas sociais (*e.g.*, Caliendo & Baumgartner, 2008; Block & Sandner, 2009; Almeida, Santos, Albuquerque & Ferreira, 2013).

### **2.3 As políticas ativas de apoio ao empreendedorismo e à criação do próprio emprego**

Considerando o que acima explanámos, sobretudo as interrogações que se colocam no campo da relação entre desemprego e criação do próprio emprego (*cf.*, Almeida & Albuquerque, 2013; Almeida, Santos, Albuquerque & Ferreira, 2013), é necessário inventariar e analisar de seguida as respostas de política social que se têm vindo a estruturar nos últimos anos, em termos internacionais e nacionais, segundo os dados fornecidos por especialistas e instituições desta área. Pois as políticas sociais derivadas das posições ideológicas dos governos, e das suas estratégias sociopolíticas, são variáveis muito importantes para a compreensão da adesão à criação do próprio emprego e da eficácia e longevidade da via do autoemprego (*cf.*, Luber & Leicht, 2013; Baruffaldi, Marino & Parrota, 2016).

Como já salientámos, face às crescentes taxas de desemprego e à ausência de respostas no mercado assalariado, a via do autoemprego tem assumido, no plano europeu, crescente importância como uma das soluções na reconquista do direito ao trabalho e como

uma forma de ativar a mão-de-obra desempregada (Portela, Hespanha, Nogueira, Teixeira, & Baptista, 2008). Conforme temos vindo a assinalar, o Estado-Providência, que segundo Rosanvallon (1995), ao longo dos anos, se comportou como uma “máquina de indemnizar” (*op. cit.*, p. 105), revelou-se pouco eficaz no combate do desemprego a longo prazo. O processo de perda pessoal e social gradual que o desemprego acarreta (Borgen & Amundson, 1984), leva cada vez mais indivíduos a tornarem-se marginalizados: insegurança social, perda de estatuto e do laço social (isolamento), e ainda perda de identidade e de um sentido para a vida. Esta é uma dimensão fundamental do processo de exclusão social, como consequência das perturbações económicas, às quais os políticos responderam de forma paliativa e cuja eficácia é muito relativa (Clavel, 2012).

O envolvimento ativo dos destinatários constitui uma das características mais marcantes da nova geração das políticas sociais, e, destina-se, fundamentalmente, a prevenir situações de exclusão que pudessem resultar de uma atitude passiva decorrente das políticas sociais indemnizatórias e do longo afastamento dos indivíduos do mercado de trabalho. Segundo Hespanha (2008), o conceito de inserção social nas novas políticas de ativação ultrapassa a mera lógica do direito à subsistência, estando intimamente ligado à noção de cidadania. Ao reconhecer os indivíduos como sujeitos com direitos e deveres, o papel ativo do indivíduo na sua inserção social é legitimado. Neste sentido, no processo de inserção social, as responsabilidades e obrigações são partilhadas: “uma responsabilização do beneficiário considerado ator do seu próprio futuro e uma obrigação de meios por parte da sociedade” (*op. cit.*, p. 2).

A mudança de um paradigma assistencialista para um de responsabilização partilhada associada à lógica do direito à inserção social, reflete uma lógica bilateral na ajuda que visa combater uma cultura de dependência estatal. Contudo, conforme nos alerta Hespanha (*op. cit.*) pode existir um cariz condicionante (próximo do *Workfare*) limitador da liberdade dos cidadãos. O direito de ser ajudado implica o dever de contribuir com uma atividade socialmente útil. Ora, ainda segundo este autor, o Estado pode exigir algo desproporcionado em troca da sua ajuda, traduzindo-se numa compulsão cega dos assistidos ao trabalho, apenas para justificar o subsídio que lhes concede. A noção de contratualização assume contornos aparentes de “negociação” entre duas partes numa situação de paridade. Contudo, quando uma das partes detém o poder da sanção, não estamos perante uma autêntica negociação. Uma negociação pressupõe que ambas as partes tenham algum tipo de

poder para poder negociar, o que não é o caso dos desempregados. Deste modo, a prudência deve ser mantida relativamente a discursos que anunciam as políticas ativas como a solução magistral no combate ao desemprego. Esta prudência deve, igualmente, permanecer relativamente a discursos inflamados acerca do autoemprego, enquanto a última oportunidade e/ou solução de emancipação de pessoas socialmente vulneráveis.

Especificamente, quanto à realidade europeia, foi a progressão do desemprego dos jovens e do desemprego de longa duração que levou os poderes públicos a tomarem “medidas em favor do emprego”. Elaboradas pelos vários governos europeus, tiveram um ponto comum: o da crença num retorno do crescimento económico. Neste espírito, todas as medidas tiveram um carácter limitado, tendo sido destinadas a assegurar uma transição na esperança de um hipotético retorno ao pleno emprego (Clavel, 2012).

Assim, à falta do “pleno emprego”, propõe-se a “plena atividade”. Nas novas políticas de ativação, a inserção social através da ativação profissional passou a ser a palavra de ordem (Hespanha, 2008). Ao direito à inserção social subjaz a noção de direito à utilidade e à participação social e económica através do desempenho de uma atividade profissional - uma visão muito redutora da participação social.

Como resposta ao desemprego estrutural que ameaça o *Welfare State*, surgiram massivamente, a nível europeu, diretrizes e produção legislativa criadas no sentido de apoiar o autoemprego, acentuando a necessidade de promover processos orientados para o desenvolvimento da capacidade de iniciativa (Estratégia de Lisboa, 2008). O discurso político coloca o conceito de empreendedorismo na ordem do dia, mas que, por si só, não explica a decisão e a adesão dos indivíduos desempregados de recorrerem aos apoios que têm vindo a ser operacionalizados nesse âmbito. De facto, segundo o Instituto do Emprego e Formação Profissional de Portugal (IEFP, 2011) menos de 1% dos desempregados inscritos nos Centros de Emprego aderem a planos como o Programa de Apoio ao Empreendedorismo e à Criação do Próprio Emprego (PAECPE).

Acresce a associação na literatura destes empreendedores (ditos de “necessidade”) a altas taxas de abandono (*cf.*, Vodopivec, 1998; Carrasco, 1999; Taylor, 1999; Pfeiffer & Reize, 2000; Burns, 2001; Abdesselam, Bonnet & Le Pape, 2004). A título de exemplo, as estatísticas portuguesas revelam uma realidade pouco encorajante para os potenciais

candidatos: em 2011 a taxa de mortalidade nos primeiros três anos de vida das novas empresas é de 62,4%<sup>17</sup> (Instituto Nacional de Estatística, 2014b).

Relativamente à taxa de sucesso dos empreendimentos por parte dos desempregados, não se trata de negar dados empíricos, mas antes de dar um cunho mais sociológico a esses dados. Neste domínio, o estudo de Caliendo e Kritikos (2010) pode ajudar a iluminar estes dados. De facto, estes autores contestam esta teoria ao afirmar que cerca de 70% dos desempregados (mesmo com baixas qualificações e sem capital económico), 2.5 anos (em média) após abrirem o seu negócio continuam com sucesso os seus empreendimentos. O estudo levado a cabo por estes autores focou 3.100 negócios fundados em 2003 por desempregados na Alemanha, subsidiados por dois programas governamentais (*Bridging allowance* - BA e *Start-up-subsidy* - SUS). Estes autores verificaram que, através destes programas, ao oferecer-se um apoio a longo-prazo (não apenas durante a fase inicial), os desempregados sentem-se mais seguros, tornando a decisão de iniciar um empreendimento mais fácil. Este fator revelou-se essencial, facto comprovado pela grande adesão das mulheres a estes programas (que, segundo estes autores, são mais avessas ao risco). Este estudo revela a importância do apoio governamental aos desempregados e como este deve basear-se numa ajuda sistemática integral e integrada. Assim, ficou claro que o sucesso dos desempregados como empreendedores depende mais do desenho do programa de apoio (*cf.*, Vodopivec, 1998) do que das chamadas características do empreendedor.

O facto de o autoemprego criado por desempregados estar mais associado na literatura ao fracasso, foi igualmente desmistificado por Niefert (2010). Esta autora verificou que os empreendimentos criados por desempregados têm, em média, tendência para ter menos empregados, estão em áreas onde é necessário menos capital económico, e estão sujeitos a um alto nível concorrencial. Segundo esta autora, a menor propensão dos fundadores anteriormente desempregados para investir e para contratar funcionários, pode ser atribuída ao seu acesso restrito a capital económico e informações sobre oportunidades. Deste modo, a autora conclui que subsidiar os empreendimentos criados por desempregados com empréstimos em vez de doações, e ajudar os desempregados a melhorar as suas competências no reconhecimento de oportunidades, são passos essenciais para ajudar os

---

<sup>17</sup> Excluindo o setor da agricultura e pescas.

desempregados a alcançar o sucesso. Perante estes dados, verificamos que a desigual distribuição e acesso a capital económico desempenha um papel fundamental (*cf.*, Bourdieu, 1986) nas hipóteses de sucesso dos indivíduos nas suas escolhas.

Neste contexto, e em termos nacionais, segundo Dias e Varejão (2012), as Políticas Ativas do Mercado de Trabalho (PAMT) agregam um conjunto diversificado de medidas. Este conjunto de medidas é heterogéneo e, apesar de existirem algumas variações, a generalidade dos autores agrega a multiplicidade de medidas existentes em quatro grandes tipos: 1) Formação; 2) Apoio à criação de emprego; 3) Emprego subsidiado no setor sem fins lucrativos/medidas ocupacionais; 4) Aconselhamento e apoio à procura de emprego.

A formação pode assumir um carácter geral ou mais específico e pode ocorrer em sala de aula ou no próprio posto de trabalho. Esta medida tem como grande objetivo potenciar a empregabilidade dos indivíduos através da acumulação de capital humano (ou cultural, na aceção bourdieusiana).

O apoio à criação de emprego inclui um conjunto diversificado de medidas que atuam pela via do estímulo à criação de emprego no setor privado da economia, seja em unidades pré-existentes, seja pela via do apoio à criação de novas unidades (empreendedorismo). É neste conjunto de medidas que se incluem as medidas de apoio à criação do próprio emprego por desempregados.

O emprego subsidiado no setor sem fins lucrativos/medidas ocupacionais dirige-se a indivíduos considerados de baixa empregabilidade, e atuam pela via da colocação temporária em entidades do setor público ou do terceiro setor em atividades “socialmente úteis”. Por serem colocações temporárias, estas medidas assumem um carácter paliativo. Estas medidas visam a prevenção do afastamento prolongado do indivíduo no mercado de trabalho, evitando a perda gradual de competências socioprofissionais, decorrente do desemprego.

O aconselhamento e apoio à procura de emprego incluem o aconselhamento, orientação vocacional e apoio por parte dos técnicos do IEFP aos indivíduos na procura de emprego. Este apoio insere-se nas medidas ativas de apoio ao emprego, porque exige uma postura ativa dos desempregados na procura de emprego, sob pena de sanções em caso de incumprimento nos requisitos de procura de emprego, associados ao direito à proteção no

desemprego (os conhecidos “carimbos” de entidades empregadoras que supostamente comprovam que o indivíduo foi, por sua iniciativa, à procura de emprego nessas entidades<sup>18</sup>).

Segundo Dias e Varejão (*op. cit.*), avaliar a eficácia de cada medida das PAMT é difícil. Apesar do IEFP fazer relatórios de execução das várias medidas, são escassos os trabalhos que deem conta dos efeitos de cada medida. Segundo estes autores, existem apenas dois trabalhos que adotam uma metodologia de avaliação causal dos efeitos das medidas: um sobre os Programas Ocupacionais (Nunes, 2007) e outro sobre os Programas InerJovem e Reage (dois programas de apoio à procura de emprego) (Centeno, Centeno & Novo, 2009). Conforme nos alerta Dias e Varejão (2012, p. 36), o elenco de medidas ativas de política de emprego que estão ou estiveram disponíveis em Portugal no período entre 2000 e 2011 é muito diversificado e sujeito a permanente mutação. Uma simples contagem das medidas para as quais se dispõe de informação quanto a entrevistados e despesa suportada pelo Instituto do Emprego e Formação Profissional permite identificar 167 medidas que, frequentemente, correspondem a pequenas variantes de outras medidas suas contemporâneas ou antecessoras, ou a medidas que, emanando de um mesmo tronco comum, se destinam a alvos diferenciados por critérios demográficos (idade), socioprofissionais (níveis de qualificação ou setores de atividade), ou espaciais (regiões). Sem questionar a justificação para a intervenção pública no mercado de trabalho sob tantas e tão variadas formas, são inequívocas as dificuldades que esta situação coloca não apenas a qualquer exercício de avaliação dos respetivos efeitos, mas também aos próprios destinatários das medidas e às entidades responsáveis pela sua administração, ambos confrontados com um verdadeiro labirinto de escolhas em permanente mutação que não pode deixar de gerar senão dificuldades de identificação da(s) medida(s) mais adequada(s) a cada candidato e custos acrescidos com a sua gestão.

No que concerne ao caso específico do apoio à criação de emprego, todas as medidas foram agregadas pelo Programa de Apoio ao Empreendedorismo e à Criação do Próprio Emprego (PAECPE). Este programa abrange três medidas: 1) Apoios à Criação de Empresas; 2) Apoio à Criação do Próprio Emprego por Beneficiários de Prestações de Desemprego; 3) Programa Nacional de Microcrédito (IEFP, 2016).

---

<sup>18</sup> Situação só agora alterada (2016).

O Apoio à Criação de Empresas consiste na atribuição de apoios a projetos de criação de empresas de pequena dimensão com fins lucrativos, incluindo cooperativas, através do acesso a linhas de crédito com garantia e bonificação da taxa de juro concedido por instituições bancárias. Esta medida prevê o crédito com garantia e bonificação da taxa de juro (INVEST+ e MICROINVEST).

O Apoio à Criação do Próprio Emprego por Beneficiários de Prestações de Desemprego consiste na atribuição de apoios a projetos de emprego promovidos por beneficiários das prestações de desemprego, através da antecipação das prestações de desemprego, desde que os mesmos assegurem o emprego, a tempo inteiro, dos promotores subsidiados. A criação do próprio emprego pode ser conseguida através da criação de uma empresa ou da aquisição de capital social de uma já existente, que decorra de aumento de capital social. Este apoio assume a forma de antecipação do subsídio de desemprego e é acumulável com os apoios à criação de empresas (bonificação de juros e garantias bancárias).

O Programa Nacional de Microcrédito consiste no apoio a projetos de criação de empresas promovidos por pessoas que tenham especiais dificuldades de acesso ao mercado de trabalho, através do acesso a crédito para projetos com investimento e financiamento de pequeno montante. O apoio financeiro abrange o crédito com garantia e bonificação da taxa de juro (MICROINVEST). Esta medida é desenvolvida em parceria com a Cooperativa António Sérgio para a Economia Social (CASES).

Assim, no que respeita ao apoio à criação do próprio emprego por beneficiários de prestações de desemprego, o PAECPE compreende três modalidades de apoio: 1) pagamento, de uma só vez, do montante global das prestações de desemprego; 2) acesso a crédito com garantia e bonificação da taxa de juro; 3) apoio técnico à criação e consolidação dos projetos.

Relativamente a este apoio técnico, convém referir que é algo recente. Foi aprovado na Portaria n.º 157/2015, de 28 de maio. Esta lacuna foi identificada por Almeida e Albuquerque (2013) como uma das principais dificuldades/obstáculos na transição de desempregado para trabalhador por conta própria, num estudo precursor da atual investigação. Na amostra tratada pelas autoras (desempregados apoiados pelo PAECPE), ficou evidente a falta de apoio técnico por parte do IEFP na construção e consolidação do projeto para a candidatura ao referido apoio. Muitos são os que se sentem “afogados” pela

burocracia excessiva e que não têm ferramentas para decifrar a sua linguagem técnica. No mesmo sentido vão as conclusões de Lopes, Mora, Morais e Hespanha (2014) que, ao analisarem o acesso dos microempreendedores às medidas de promoção do autoemprego, apontam o apoio próximo e especializado como fator crítico para o acesso aos programas de financiamento.

Neste sentido, e segundo Carter (2004), o empreendedorismo pode ser incentivado. Se for oferecida formação adequada em matérias relacionadas com o trabalho independente, os desempregados podem adquirir as competências necessárias para se aventurarem num negócio próprio. Segundo este autor, estes programas devem desenvolver áreas como as finanças, a contabilidade, o marketing e a gestão. Desta forma, os formandos podem aprender a avaliar a viabilidade de uma ideia, desenvolver um plano de negócios, reunir apoio (financeiro e operacional) e criar os seus negócios.

Outro estudo acerca do apoio dado aos desempregados através de um programa (*Self Employment Assistance*) para se tornarem autoempregados, e que corrobora o estudo anterior, foi o de Bharadwaj, Falcone e Osborne (2004). Estes autores afirmam que os desempregados, mesmo quando não reúnem um grande número de traços pessoais empreendedores (*Entrepreneurial Quotient*<sup>19</sup>), podem ver os seus comportamentos empreendedores “desenvolvidos”, através de assistência e de apoio sistemático (*cf.*, Osborne, Falcone & Nagendra, 2000), verificando uma taxa de sucesso na ordem dos 75% (relativos às metas atingidas durante o programa e ao critério “*up and running*”<sup>20</sup> dos empreendimentos). Deste modo, os autores concluíram que as características ditas empreendedoras dos candidatos não se revelaram tão importantes como se poderia pensar. Antes, parece que o facto de o programa envolver e apoiar, durante a sua execução, o exercício de tarefas essenciais ao estabelecimento por conta própria (plano de negócios, de marketing, compra de equipamento, entre outros), prepara melhor os sujeitos e é um bom preditor de sucesso. Segundo estes autores, o sucesso dos indivíduos é função da sua participação no programa e da aprendizagem e assistência que recebem nele, o que demonstra as amplas potencialidades desta abordagem. Abordagens, de resto bem documentadas, num estudo realizado pela Leadership Business Consulting (2012), no

---

<sup>19</sup> Escala com itens que incidem em aspetos como a tolerância ao risco, a gestão do tempo, a criatividade, o planeamento, entre outros.

<sup>20</sup> “Empreendimento instalado e a funcionar”: verificado um mês após o término do programa.



âmbito da estratégia da Comissão Europeia para a promoção do empreendedorismo na Europa, que apontam para o fomento de uma cultura empreendedora através da atuação ao nível educacional.

Retomando a discussão acerca do apoio técnico do PAECPE à criação e consolidação dos projetos, esta modalidade de suporte atua nas duas frentes mais importantes: apoio técnico prévio à aprovação do projeto de criação do próprio emprego ou empresa, contemplando o desenvolvimento de competências em empreendedorismo e apoio específico à criação e estruturação do projeto, incluindo elaboração de planos de investimento e de negócio; e apoio técnico à consolidação do projeto, nos dois primeiros anos de atividade da empresa, contemplando acompanhamento da execução do projeto aprovado e consultoria em aspetos relacionados com a gestão e operacionalização da atividade.

Conforme foi evidenciado no estudo de Lopes, Mora, Morais e Hespanha (2014), a evolução das medidas que promovem o emprego através da criação de negócios por parte dos desempregados reflete uma redefinição do papel do Estado, passando de uma intervenção direta (através do IEFP), para uma de acompanhamento, avaliação e controlo.

Estes autores, ao avaliarem a evolução das medidas de incentivo ao empreendedorismo, concluem que o Estado tem vindo a assumir um papel cada vez mais complementar relativamente a outras entidades bancárias e do terceiro setor. Esta mudança ficou evidente ao nível do financiamento. Comparando com as medidas anteriores (como as extintas ILEs), a participação estatal passou a ser mínima. Enquanto nas ILEs existia a concessão de subsídios não reembolsáveis e de empréstimos sem juros por parte do Estado, atualmente o financiamento passou para a banca privada que, através da mediação do IEFP, concede empréstimos bancários com taxas de juro bonificadas. O apoio estatal limita-se atualmente ao pagamento da bonificação de juros dos empréstimos durante um determinado período de tempo e de garantia de parte do capital emprestado.

Na base desta alteração, conforme alertam Dias e Varejão (2012, p.173), não estão apenas razões ligadas às limitações financeiras do Estado, mas também a uma certa “desconfiança” relativamente aos seus promotores que, por terem acesso a financiamento a fundo perdido (extintas ILEs), poderiam estar menos comprometidos com o “sucesso” dos seus projetos. Apesar desta “desconfiança” não encontrar eco nas avaliações das ILEs, que

apontam para uma elevada taxa de sobrevivência dos projetos, a mudança para o financiamento através de créditos bancários foi implementada.

Quanto ao apoio técnico, os autores verificaram igualmente mudanças. Nos programas anteriores o apoio à elaboração das candidaturas era elegível pelo IEFP como despesa de investimento, atualmente esta despesa apenas é suportada pelo Estado nos casos em que a candidatura seja feita pelo Programa Nacional de Microcrédito (PNM). Relativamente ao acompanhamento dos projetos criados pelos desempregados, foi criada uma rede de entidades credenciadas pelo IEFP para esse efeito. Esta partilha de responsabilidades com a sociedade civil vai ao encontro da lógica da complementaridade cada vez mais presente em toda a proteção social (Hespanha, 2000). A proximidade de atuação das instituições do terceiro setor, confere uma posição privilegiada a este setor no desenvolvimento de um apoio mais eficaz e menos burocrático.

Em síntese, como podemos constatar, o conjunto de apoios é diversificado e otimista, mas problemático em termos de implementação, e certamente muito afastado da compreensão dos protagonistas do fenómeno do desemprego: os trabalhadores, as suas famílias e as suas comunidades. Pensamos que ainda existe um longo e árduo caminho a percorrer, sobretudo dependente da vontade política dos governantes e das suas opções ideológicas, e da sua capacidade em dar voz à pesquisa nestes campos complexos.

#### **2.4 Narrativas e padrões de transição em desempregados que criaram o próprio emprego**

Para além da reflexão em termos históricos, psicossociais e de políticas sociais, dada a complexidade desta problemática, é também fundamental conhecer o que os próprios desempregados explicitam nas suas narrativas de transição do desemprego para o autoemprego, pois são eles os reais atores destas vivências e destinatários das estratégias de intervenção social. A pesquisa que agora descrevemos é uma forma acrescentada de “dar voz” aos verdadeiros especialistas do desemprego: os despedidos, as suas famílias e as suas comunidades. Porque a investigação, numa perspetiva construtivista (adentro de uma abordagem conceptual e operacional bourdieusiana), é um ato de co-construção edificado em cumplicidade por participantes e investigadores, e não uma mera técnica de “descoberta” de leis organizadoras da realidade (sejam elas categorias, temas, padrões, etc., provenientes da análise dos discursos dos atores sociais envolvidos nesta problemática). Ademais, como

Guimarães (2012, 2009, 2002) e Demazière (1995) nos alertam, o desemprego poderá não passar de uma “construção social”, verdadeiro eufemismo para um processo de injustiça e desigualdade social, criado por uma economia altamente “financeirizada”, em que podemos estabelecer com a ajuda de ficções pseudocientíficas diferenças entre “bons” e “maus” desempregados.

Não obstante as dificuldades inerentes ao tema e campos de pesquisa sobre este domínio, é possível recensear várias investigações sobre esta matéria, que nos possibilitam esboçar padrões de transição adentro destas trajetórias de vida.

Assim, e iniciando pela pesquisa de Ritsila e Tervo (2002)<sup>21</sup>, a propósito do papel (muitas vezes contraditório, como já verificámos) do desemprego no autoemprego, verificaram que este se manifesta de forma diferenciada a nível pessoal, local e nacional. Estes autores chegaram à conclusão de que existe uma relação positiva e não linear entre estes níveis, afirmando que as motivações que levam o desempregado a criar o seu próprio emprego não devem ser limitadas a fatores ao nível individual. Segundo estes investigadores, o desemprego revela-se como fator “*push*” e “*pull*” nos diferentes estratos de análise (*cf.*, Caliendo & Kritikos, 2010), nomeadamente a três níveis: individual, local, e nacional.

As chamadas motivações “*push*” dizem respeito a circunstâncias em que o indivíduo, perante perspectivas negativas face à sua inserção no mercado de trabalho (desemprego ou emprego precário), se sente forçado a criar um negócio. Nestes casos, os indivíduos podem considerar a formação de um negócio como a melhor alternativa para o seu percurso laboral. Por sua vez, as motivações “*pull*” enquadram-se em situações em que os indivíduos são, primeiramente, atraídos pela perspectiva de criar um negócio (Storey, 1991). Segundo Ritsila e Tervo (2002), esta hipótese sugere que a formação de novos negócios ocorre quando a procura é alta e quando os indivíduos têm acesso a crédito ou a poupanças pessoais. Neste sentido, uma decisão positiva de iniciar um negócio é mais provável quando o desemprego é baixo e o indivíduo está empregado e tem acesso ao capital necessário para iniciar o negócio.

---

<sup>21</sup> Estudo realizado na Finlândia durante entre 1987 e 1995. Outros estudos têm sido realizados em outras coordenadas geográficas e contextos institucionais (Dana, 1987; Hawkins, 1993; Young & Welsch, 1993; Ministério da Segurança Social e do Trabalho, 2003; Parlamento Europeu, 2003; Quatenaire Portugal, 2006; Rose, Kumar & Yen, 2006; Lasch, Gunfold & Kraus, 2007; Leite & Oliveira, 2007; Sambasivan, Abdul & Yusop, 2009).

Apesar de as motivações “*push*” surgirem associadas na literatura da especialidade ao empreendedorismo por necessidade, são vários os estudos que afirmam que o desemprego atua, simultaneamente, como fator “*push*” e “*pull*” (cf., Hamilton, 1989; Evans & Leighton, 1990; Storey, 1991; Ritsila & Tervo, 2002; Caliendo & Kritikos, 2010), revelando, mais uma vez, o carácter paradoxal desta relação.

O estudo de Ritsila e Tervo (2002) demonstrou que, a nível individual, dominam os fatores “*push*”, revelando que o facto de o indivíduo estar numa situação de desemprego tem um grande peso na decisão de criar o seu negócio. A insegurança face aos rendimentos, decorrente da situação de desemprego, faz com que o autoemprego se apresente aos indivíduos como a melhor alternativa.

Contudo, a nível local, segundo Ritsila e Tervo (*op. cit.*), a influência de fatores “*pull*” e “*push*” é evidente: se por um lado altos níveis de desemprego local incentivam o autoemprego (fator “*push*”), por outro, baixos níveis de desemprego local têm igualmente um efeito positivo na formação de novos negócios (fator “*pull*”). Portanto, se por um lado, a nível local, num contexto de alto desemprego, o autoemprego pode afigurar-se como último reduto para alguns desempregados (cf., Deli, 2011) - até porque nestes casos o Estado incentiva bastante a criação de negócios locais - por outro, num contexto com baixas taxas de desemprego, os indivíduos tendem igualmente a ser atraídos pela probabilidade de sucesso, o que explica a igual existência de uma propensão à criação de empresas (cf., Wagner, 2003).

A nível nacional, altas taxas de desemprego desincentivam a criação de empresas, havendo, portanto, um domínio de fatores “*pull*”. Ou seja, num período de alto desemprego, a procura interna e externa de produtos e serviços locais é baixa, tornando as possibilidades de sobrevivência das novas empresas relativamente diminutas. E, devido à baixa probabilidade de sobrevivência empresarial, o indivíduo enfrenta mais incertezas, desmotivando-se deste modo a atividade empreendedora (Ritsila & Tervo, 2002). A conclusão semelhante chegou Davidson (1994), citado pelos parceiros do Projecto-piloto Empreende + Inova (2006a, 2006b), ao afirmar que existe uma relação inversa entre altas taxas de desemprego e o aparecimento de novas empresas. Segundo este autor, a informação de elevadas taxas de desemprego na sociedade dissemina a ideia de condições económicas menos favoráveis para a criação de negócios, o que, conseqüentemente, tende a traduzir-se em menores índices de autoemprego.

Para além disso, Ritsila e Tervo (2002) verificaram que existe uma maior propensão do indivíduo criar o próprio emprego na fase inicial do desemprego, figurando o desemprego de longa duração como menos propenso ao autoemprego. Contudo, Evans e Leighton (1990), na sua investigação, chegaram à conclusão oposta: a probabilidade de entrar no autoemprego aumenta à medida que a duração do desemprego se torna maior. Segundo Ritsila e Tervo (2002), este facto relaciona-se com fatores de ordem psicológica, social e do setor público e da forma como o desemprego afeta os indivíduos de formas diferentes em distintas fases do desemprego. Se atendermos a esta experiência como uma transição psicossocial capaz de envolver, igualmente, aspetos negativos e positivos, verificamos que as mudanças são, na realidade, situações complexas que exigem uma leitura capaz de articular a dimensão objetiva e subjetiva (Vince & Broussine, 1996), o que abre diferentes perspetivas de intervenção social. Todos estes aspetos influenciam a decisão de se tornar autoempregado, mesmo que de forma inconsciente. Contudo, esta decisão continua a remeter-nos para a dimensão das motivações ainda muito individualizada.

Se o desemprego pode ser vivido de forma diferenciada, as estratégias para superar o desemprego são caracterizadas, igualmente, por diferentes abordagens. Estas estratégias dependem da forma como o desemprego é vivenciado, mas também encontra unidades de significação que remetem para a própria história de vida do ator. A participação no processo produtivo torna-se o passaporte de pertença à sociedade salarial (Castel, 1998; Gorz, 1997; Caleiras, 2015). É através dessa participação que os indivíduos constroem expectativas e se projetam no futuro. E é por essa via que asseguram autonomia financeira e adquirem dignidade enquanto cidadãos. Quando essa ligação é quebrada, importa encontrar novas formas de participação social. Desde logo, as políticas sociais de proteção assumem aqui um papel preponderante. A atribuição de um rendimento de substituição (subsídio de desemprego) e a ajuda formal e institucional na procura de um novo emprego ajudam a lidar com esta perda.

Em investigação recente (prévia à que agora se apresenta), e seguindo o enquadramento precedente, Almeida e Albuquerque (2013) traçaram com detalhe as dinâmicas processuais desta transição, a partir de narrativas de desempregados que criaram o seu próprio emprego, o que pode lançar alguma luz para refletir acerca da decisão de desempregados pela opção do autoemprego.

Iniciando esta descrição, quanto ao capital social (Bourdieu), verificou-se que o contacto com familiares com negócios próprios foi algo significativo na amostra, o que evidencia a influência da proximidade com outros modelos de trabalho que não o assalariado para a decisão de ser trabalhador por conta própria.

No que respeita às motivações para o autoemprego, verificou-se uma ligeira preponderância de motivações de cariz contextual face às motivações de índole pessoal. Nas motivações contextuais, as categorias que mais se destacaram foram a “insatisfação com o trabalho assalariado” e o “reconhecimento de oportunidade de negócio”. Do ponto de vista teórico, a categoria “insatisfação com trabalho assalariado” é considerada uma motivação “*push*”. Comumente associada a motivações menos positivas para criar um negócio (cf., Storey, 1991; Burns, 2001; Niefert, 2010), este tipo de motivação enquadra-se no chamado “empreendedorismo de necessidade”. Uma motivação que, conforme aponta Portela *et al.* (2008), reflete uma certa desilusão com trabalho assalariado e que apresenta o autoemprego como um meio de rutura com o ciclo de instabilidade ou precariedade. Por outro lado, a motivação “reconhecimento de oportunidade de negócio”, surge na literatura económica geralmente associada a motivações “*pull*”, normalmente ligadas ao “empreendedorismo de oportunidade”. Foi curioso perceber que metade dos entrevistados que referiram a motivação “insatisfação com trabalho assalariado”, também mencionaram o “reconhecimento de oportunidade de negócio”. Este dado colocou em causa a divisão existente entre empreendedorismo por necessidade e empreendedorismo por oportunidade.

Quanto às principais dificuldades sentidas pelos entrevistados desta investigação, verificou-se o maior peso das dificuldades contextuais, em detrimento das de nível pessoal. Os obstáculos foram sentidos pelos entrevistados a um nível mais contextual, surgindo como barreiras que ameaçam de forma direta e eminente as suas vidas e projetos por conta própria. A nível pessoal, as principais dificuldades respeitam à “falta de experiência/conhecimentos”, ao nível da “gestão” e da “linguagem financeira” (algo para o qual muitos não estavam preparados). Este dado remete-nos para a importância do capital escolar e profissional acumulado ao longo das trajetórias de vida dos entrevistados. Verificou-se que a experiência em termos de gestão que estes entrevistados tiveram oportunidade de desenvolver antes de encetarem pelo autoemprego foi muito parca e isso manifestou-se na dificuldade em fazerem, por si próprios, a candidatura ao programa de apoio ao empreendedorismo e à criação do próprio emprego do IEF. Neste contexto, verificou-se que a prática de contratar

profissionais para fazer a candidatura ao IEFEP é recorrente entre estes entrevistados; e os que não contratam profissionais, tiveram a ajuda de pares/contactos pessoais ou associações. A partir destes dados, ficou evidente a importância que o capital social (como forma de obter ajuda de pessoas mais informadas) e o capital económico (através da contratação de alguém para fazer a candidatura ao IEFEP) assumem. Ficou evidente que a burocracia que caracteriza a candidatura aos programas de apoio ao empreendedorismo foi sentida pelos entrevistados como excessiva. Relativamente às dificuldades/obstáculos contextuais, a categoria mais referida pelos entrevistados foi o “rendimento incerto”. Todos os entrevistados identificaram o baixo rendimento ou até a sua ausência como uma dificuldade sentida na transição de trabalhador por conta de outrem para trabalhador por conta própria. Uma dificuldade que foi sentida, igualmente, como a principal mudança nesta transição era a “instabilidade financeira”. Uma mudança que inviabiliza um planeamento da vida dos entrevistados a longo-prazo, resultando num sentimento de insegurança face ao futuro. Finalmente, outra dificuldade referida pelos entrevistados foi o escasso apoio financeiro (banca). Uma dificuldade que decorre dos obstáculos sentidos ao tentar aceder a crédito bancário para investimento no negócio e/ou das condições de financiamento pouco atrativas que as instituições bancárias oferecem. Conforme foi evidenciado por Portela *et al.* (2008) no estudo sobre Microempreendedorismo em Portugal, apesar das críticas apontadas ao funcionamento altamente burocrático do financiamento estatal, este continua a ser visivelmente preferido pelos microempreendedores face aos empréstimos à banca. As condições exigidas pelos bancos não permitem à maioria destes microempreendedores aceder a crédito bancário. Por estes motivos, são muitas vezes mobilizados os empréstimos familiares, que funcionam como uma rede importante de suporte aos projetos dos microempreendedores.

Quanto às estratégias de superação, verificou-se que as “redes de suporte” assumem grande peso face à dimensão “estratégias de superação pessoal”, que diz respeito a um nível mais individual de fazer face aos obstáculos. A dimensão “redes de suporte” respeita ao capital social mobilizado pelos entrevistados através da sua rede de contactos informais e formais, para responder a obstáculos/dificuldades sentidas no decorrer da transição para trabalhadores por conta própria. Conforme já foi referenciado, a contratação de profissionais especializados em candidaturas a programas de apoio do IEFEP é uma prática comum entre os entrevistados. Face à complexidade das candidaturas, todos os entrevistados referem ter

sido apoiados por alguém nesse sentido (profissionais; família; pares/contactos pessoais). Relativamente à rede informal, a subcategoria mais referenciada foi a família; no mesmo sentido vão as conclusões de Portela *et al.* (*op. cit.*). Verificou-se que esse apoio foi maioritariamente prestado pelo cônjuge ou pelos pais do entrevistado, e que o tipo de apoio mais referenciado foi o financeiro.

Conforme foi anteriormente referido, relativamente aos riscos percecionados como maiores ameaças ao estabelecimento por conta própria, o tipo de risco mais frequente foi o “financeiro”. Nesta categoria, o risco financeiro mais frequente foi a “acumulação de dívidas”. Este risco respeita à possibilidade de deixar de conseguir honrar os compromissos com fornecedores, funcionários e entidades financeiras. Situação que se afigura como dramática do ponto de vista pessoal e social e que, direta ou indiretamente, foi referida pela maioria dos entrevistados. A obrigatoriedade de devolução do dinheiro emprestado pelo IEFP foi também referida por muitos entrevistados; este risco respeita à obrigatoriedade de devolver algum do dinheiro emprestado em caso de falência dos negócios durante o tempo de contrato com o IEFP (geralmente entre 3 a 4 anos). A nível financeiro, outra subcategoria que apresentou uma frequência bastante expressiva foi a de “não retorno do investimento feito”. O investimento que estes entrevistados referiram não dizia respeito apenas ao capital financeiro, mas também aos recursos emocionais e familiares investidos no projeto do autoemprego. Assim, a hipótese de não retorno do investimento feito, conjugado com o risco da acumulação de dívidas e a obrigatoriedade da devolução do dinheiro emprestado pelo IEFP, representam uma ameaça bastante real de ficar numa situação pior do que estavam antes de criar o próprio emprego. Quanto aos riscos sociais identificados pelos entrevistados, a subcategoria que mais se destacou foi a situação económica do país, que dizia respeito ao risco da conjuntura económica de crise nacional afetar os negócios dos entrevistados através da retração do consumo. Este risco gerava um clima geral de “medo”, que resvalou para os entrevistados.

Verificou-se que as mudanças ocorridas a nível pessoal assumiram preferencialmente contornos negativos, i.e., as mudanças que decorreram da transição para trabalhadores por conta própria são percecionadas pelos entrevistados como negativas. Nesta categoria, a subcategoria mais frequente foi a “instabilidade financeira”. A subcategoria “maiores responsabilidades/preocupações”, que respeita às responsabilidades que advieram da assunção do novo papel de empresário e gestor, também registou uma forte presença entre



os entrevistados. Perante um rendimento incerto, algumas destas responsabilidades assumem um carácter negativo, sendo fonte de grande preocupação, pois algumas delas estão associadas a avultadas despesas às quais têm de fazer face regularmente. Os entrevistados nomeiam, igualmente, o desgaste sentido, fruto das preocupações constantes que estas responsabilidades provocam.

Contudo, apesar das mudanças associadas à transição de trabalhadores por conta de outrem para trabalhadores por conta própria se situarem a um nível manifestamente negativo, de uma forma geral, a maioria dos entrevistados avaliam esta experiência como positiva. Estes dados remetem-nos para uma forma subjetiva de avaliar esta transição e, por analogia, a própria decisão de se tornar trabalhador por conta própria.

Em síntese, podemos compreender que os atores sociais neste cenário de criação do próprio emprego, a partir de situações de desemprego, possuem um poder de agência e transformação das suas vidas e percursos laborais extremamente forte. Para além do “*homo economicus*”, desde que se conscientize que o desemprego é fruto de uma sociedade hierarquizada sobre injustiças e desigualdades sociais (Portela *et al.*, *op. cit.*; Hespanha, 2009). É necessária, pois, uma abordagem sociológica verdadeiramente integradora dos processos de estruturação social e das dinâmicas motivacionais pessoais. Porque, tanto o desemprego, como a sua superação, são produtos construídos socialmente, adentro das políticas sociais vigentes (*e.g.*, Baker & Nelson, 2005; Downing, 2005; Acs & Audretsch, 2010; Whiteside, 2013; Almeida, 2015; McKeever, Jack & Anderson, 2015).

### **3. Perspetivas sociológicas sobre as estratégias de criação do próprio emprego**

Na confluência das radicais transformações do mundo do trabalho, de que destacamos o caso dos elevados números do desemprego associados a despedimentos coletivos e/ou deslocalizações em empresas, com as respostas sociais para este problema, em que selecionamos a criação do próprio emprego, e dada a inerente complexidade destes fenómenos, é essencial posicionarmo-nos numa sólida base conceptual, a partir da qual se possa definir a abordagem metodológica (Aldrich, 2000; Shane, 2003).

Nas secções seguintes, analisaremos numa perspetiva sociológica específica, o modo como poderemos contribuir para uma melhor compreensão da problemática, aí alicerçando a metodologia de investigação que foi construída de modo original e, também, potenciando a base de discussão dos dados obtidos neste estudo.

Convém, no entanto, reter algumas ideias chave até agora enunciadas: o desemprego massivo que hoje contabilizamos resulta de transformações das relações laborais e do mundo do trabalho, enquadradas em contextos económicos e políticos extremamente instáveis e paradoxais, onde os despedimentos coletivos assumem uma carga de grande impacto pessoal e social, perante os quais as políticas ativas de apoio à criação do próprio emprego se mostram insatisfatórias e pouco eficazes.

#### **3.1 Uma necessária clarificação sobre as relações entre a criação do próprio emprego por desempregados e o atual fenómeno do empreendedorismo**

Embora o foco deste estudo não seja estabelecer uma discussão sobre as diferenças e/ou semelhanças entre a criação do próprio emprego por desempregados e a criação de microempresas (empreendedorismo), será conveniente esclarecer previamente as especificidades próprias das duas realidades, atendendo a alguma confusão conceptual e operacional reinante neste domínio, e ao facto de que também não poderemos deixar de admitir algum parentesco fenomenológico entre estas duas realidades. Recenseamos de seguida o conhecimento já consolidado sobre esta matéria (*cf.*, Almeida & Albuquerque, 2013).

Desde os anos 80, o autoemprego tem sido presença assídua junto dos debates políticos e académicos acerca das transformações do trabalho em Portugal, mais especificamente no que respeita à crise do emprego típico e do desemprego (Assunção, 2008). Nessa discussão, surgem articulados os conceitos de autoemprego e de

empreendedorismo, verificando-se uma verdadeira “batalha” conceptual no meio académico entre estes dois constructos. Olhando para os trabalhos produzidos na academia, é possível distinguir diferentes posições acerca das potenciais sobreposições e distinções entre os dois termos.

Foi na economia que o conceito de empreendedorismo conheceu o seu terreno mais fértil, e muitas têm sido as características e teorias avançadas neste domínio. Como teremos a oportunidade de verificar, enquanto uns autores rejeitam que um proprietário de um minimercado seja um empreendedor<sup>22</sup>, outros autores não fazem qualquer distinção entre esse proprietário e um indivíduo responsável por uma inovação tecnológica que irá revolucionar o mercado<sup>23</sup>.

A grande controvérsia de que se reveste esta discussão é motivada fundamentalmente por motivos políticos e económicos. A popularidade que estes conceitos (autoemprego e empreendedorismo) ganharam, foi resultado de discursos políticos neoliberais que desde a década de 80 anunciavam a ativação dos trabalhadores como solução para as crescentes taxas de desemprego. Neste contexto, o empreendedorismo e o autoemprego assumiram-se não apenas como resposta socioeconómica para as realidades individuais, mas, igualmente, como parte dos problemas nas discussões sobre o crescimento sustentável das economias. Segundo Portela *et al.* (2008), a reputação de que goza atualmente o conceito de empreendedorismo advém do reconhecimento, por parte do poder político, do papel essencial das pequenas empresas na vitalização do emprego e do crescimento económico.

Segundo a PORDATA (2015), em 2013, as Micro, Pequenas e Médias Empresas (PME) constituíam 99,9% do total do tecido empresarial português. Nas sociedades do sector não financeiro, as PME foram as principais responsáveis pela criação de novo emprego (72,5%) (INE, 2010). Segundo Richardson (*s.d.*), citado por Portela *et al.* (2008), mesmo nos EUA, um país com uma estrutura empresarial fortemente pautada por empresas de grande dimensão, as PME terão sido, desde a II Grande Guerra, responsáveis por 50% das

---

<sup>22</sup> A título de exemplo, Stevenson (1983) *apud* Dees (2001), defende que estes agentes económicos não são meros gestores administrativos. Este autor enfatiza o conceito de oportunidade ao afirmar que os empreendedores mobilizam recursos alheios para alcançar os seus objetivos. Isto significa que o empreendedor controla e multiplica os recursos e não se deixa dominar pelas circunstâncias ou pelos (seus) recursos limitados. Imagem muito diferente dos administradores que deixam que os recursos de que dispõem (limitados) e a descrição das suas tarefas, restrinjam as suas visões e ações.

<sup>23</sup> Distinção que dá relevo ao grau de inovação no mercado: visão Schumpeteriana do empreendedorismo.

inovações, das quais 90% a 95% dizem respeito a inovações radicais<sup>24</sup>. A importância que a inovação assume atualmente, segundo Portela *et al.* (*op. cit.*), está associada à crise do fordismo. Segundo estes autores, o anterior domínio das indústrias pesadas foi substituído pela pujança de indústrias e serviços em áreas tecnologicamente mais complexas, mais pequenas e com maior flexibilidade produtiva, características que vão de encontro à perspectiva da economia do conhecimento. Assim, não é de estranhar que nos discursos políticos e académicos, os conceitos de empreendedorismo, autoemprego e PME andem “de mãos dadas”.

A relação entre empreendedorismo, autoemprego e ainda pequena propriedade (na forma de PME) (Assunção, 2008), advém de uma ideologia que coloca as pequenas empresas como reflexo de uma economia pujante e liberal e, simultaneamente, como resposta para o desemprego. O consequente enfoque dado ao indivíduo e à sua capacidade de alterar o *statu quo*, refletem uma ideologia que repousa na responsabilidade individual de alteração da sua condição de vida. Os perigos desta descontextualização são, a jusante, a própria responsabilização do indivíduo pela sua própria exclusão, rejeitando o papel da sociedade e do Estado enquanto produtor de desigualdades e a sua responsabilidade ética de as amenizar.

Segundo Assunção (*op. cit.*), o debate académico em torno da flexibilidade e da crise do emprego típico deu espaço à problematização do autoemprego como solução para o desemprego estrutural. Nesta discussão é frequente apontar-se o aumento da escolaridade da população, a recessão económica, a terciarização da economia, as políticas de externalização das grandes empresas, a crise do emprego típico, e as políticas governamentais, como fatores contextuais favoráveis ao autoemprego. Contudo, como tivemos oportunidade de ver atrás, mais especificamente no que concerne aos fatores *push* e *pull* do empreendedorismo, esta é uma discussão que também está envolvida em grande falta de consenso.

Ainda segundo Assunção (*op. cit.*), a associação entre empreendedorismo e autoemprego não é inesperada se tivermos em consideração que as expectativas políticas colocadas no empreendedorismo não são muito diferentes daquelas que se desenvolvem em torno do autoemprego. De facto, os vários estados-membros da União Europeia anunciam o

---

<sup>24</sup> Segundo Leifer, O'Connor e Rice (2002, p. 18) uma inovação radical “é um produto, processo ou serviço que apresenta características de desempenho sem precedentes ou características já conhecidas que promovam melhoras significativas de desempenho ou custo e transformem os mercados existentes ou criem novos mercados”.

empreendedorismo e o autoemprego como derradeira solução para as altas taxas de desemprego que varrem toda a Europa. Esta associação está presente nos inúmeros programas de incentivo ao empreendedorismo e ao autoemprego (para jovens e desempregados) um pouco por toda a Europa, especialmente nos países do sul da Europa.

Segundo Bogenhold (2000), a associação entre empreendedorismo, autoemprego e pequena propriedade assenta na constatação de que as pequenas empresas são, na sua maioria, dirigidas por autoempregados e que, simultaneamente, os autoempregados conduzem, na sua maioria, micro, pequenas e médias empresas. A complexidade deste tema é grande e obriga-nos a discutir o próprio conceito de empreendedorismo.

Voltando um pouco atrás, esta situação reflete uma mudança de paradigma que ocorreu nas últimas décadas do século XX, a qual, segundo Faria, Cuestas e Mourelle (2010) se deveu, entre outros fatores, à globalização e à inovação tecnológica, fazendo emergir uma economia empreendedora. Segundo Burns (2001), até há um século atrás, o tamanho importava e a atenção estava virada para o que era “grande”. Contudo, como afirmou Schumacher (1973) em *Small is Beautiful*, perante a ineficiência económica e as condições de trabalho desumanas de que as grandes organizações foram responsáveis, “grande” tornou-se “lento”. Como explicitou Burns (2001), numa sociedade onde as mudanças ocorrem a um ritmo vertiginoso, as pequenas empresas revelam-se capazes de lidar e responder mais eficazmente às transformações constantes da sociedade pós-fordista. Este ambiente pró-empendedorismo encontra também eco na comunicação social, que apresenta os empreendedores como uma espécie de categoria social ao alcance de qualquer um, mostrando unicamente casos de sucesso. No entanto, esta realidade nada tem a ver com autoemprego, pois representam uma desvalorização do trabalho através de práticas de “downsizing”, “outsourcing”, subcontratação, etc.

Conforme já foi referido, foi no seio da economia que o conceito de empreendedor e de empreendedorismo foi mais fértil. Schumpeter (*e.g.*, 1968/1934) foi de facto o teorizador mais proeminente nesta área e a sua visão do *homo economicus* foi, sem dúvida, um dos contributos mais sonantes, embora outros autores sejam, igualmente, referências históricas neste campo (*e.g.*, Cole, 1959). Contudo, a visão do empreendedor como agente económico remonta à época ainda antes da Revolução Francesa. De facto, foi Cantillon, em 1755, na sua obra *Essai sur la Nature du Commerce en Général*, um dos primeiros a teorizar acerca do papel fundamental do empreendedor na economia (Murphy, Liao & Welsch,

2006). O exemplo do camponês-rendeiro dá o mote para Cantillon definir o empreendedor como alguém temerário e capaz de assumir riscos, sem qualquer garantia de resultados certos - neste caso, a inconstância da natureza deixa o agricultor à mercê da incerteza (Portela *et al.*, 2008). Esta conceção veio associar definitivamente a noção de incerteza ao conceito de empreendedorismo.

Say (1821) viria também a reforçar esta perspetiva, ao afirmar que os empreendedores são aqueles que geram riqueza, deslocando recursos das áreas de baixa produtividade para as de alta produtividade e de maior produção, caracterizando estes indivíduos pela (i) sua capacidade de gerar valor, (ii) pela sua função empresarial nas atividades de combinação e transformação de fatores em bens e, ainda, (iii) pelas suas competências de conceção, planeamento e direção da produção (Dees, 2001).

Schumpeter, em *The Theory of Economic Development* (1968/1934), veio introduzir um conceito que surge, atualmente, fortemente ligado à noção de empreendedorismo: o conceito de inovação - representando um salto conceptual neste domínio. Ao definir o empreendedor como alguém que deteta oportunidades e introduz inovações, caracteriza estes indivíduos como uma “classe sociológica distinta”. Para Schumpeter, o processo de descoberta e inovação, denominado de “processo de destruição criativa” do capitalismo, é essencial para a economia, dado que modifica o passado e gera novas oportunidades para a criação de riqueza no futuro (Portela *et al.*, 2008), caracterizando o empreendedor como “agente de mudança” (Carter, 2004, p. 121).

Ao apresentar o empreendedorismo como a capacidade de introduzir, com sucesso, novas combinações de recursos que já existem, Schumpeter apresenta o empreendedor como alguém motivado, resiliente perante as resistências (suas e do meio), orientado para o lucro, inovador e com capacidade de implementar essas inovações de forma a provocar grandes mudanças na economia – o processo de “destruição criativa” (Schumpeter, 1968/1934; Murphy, Liao & Welsch, 2006).

Outro autor que explora a questão das oportunidades é Drucker (1993). Contudo, para este autor, os empreendedores não têm de provocar mudanças, mas antes explorar as oportunidades que são criadas pelas mudanças (Dees, 2001). É caso para aludir à célebre frase: “*a crisis is a terrible thing to waste*”, que aponta a crise como uma oportunidade. E questionar: mas será para todos? A este propósito, Kirzner (1997) vem acrescentar uma questão pertinente relativamente à informação. Para ele, o empreendedor é aquele que tira

proveito da informação cuja distribuição é imperfeita. Para tal, o empreendedor precisa de ser vigilante. Segundo Brockhaus (1982) e McClelland (1961), citados pelos parceiros do Projecto-piloto Empreende + Innova (2006a), a propensão para assumir o risco, é uma característica própria do empreendedor. O risco e a incerteza fazem parte do mundo empresarial, dado que muitas das decisões tomadas são baseadas em informações incompletas, o que cria ambiguidade (Sexton & Bowman, 1986 *apud* Projecto-piloto Empreende + Innova, 2006a; Kirzner, 1997).

Conforme nos alerta Hespanha (2009), os pequenos negócios representam uma parte muito significativa do tecido empresarial português e asseguram emprego a uma parte substancial da população ativa. Contudo, conforme ficou evidente, na literatura, de uma forma geral, generalizou-se uma noção de empreendedorismo muito restrita e que, inevitavelmente, deixa de parte uma grande parte desses pequenos negócios. Segundo Hespanha (*op. cit.*), a realidade é muito mais rica e mostra que muitos dos negócios criados não obedecem aos requisitos associados ao empreendedorismo schumpeteriano: seja porque não manifestam uma disposição para assumir riscos, ou porque não representam nenhuma inovação em termos de produto ou gestão, ou porque não resultou de uma deteção de oportunidade de negócio. Muitas vezes estes pequenos negócios são fruto de uma escolha tomada como única alternativa e a sua gestão é feita de forma extremamente criteriosa e rotineira. Esta realidade leva-nos a questionar até que ponto o conceito de empreendedorismo será capaz de dar conta de práticas que têm de privilegiar a subsistência e a segurança.

Para Hespanha (*op. cit.*), uma forma de repensar estas questões é recorrer às perspetivas sociológicas e antropológicas sobre o empreendedorismo. A primeira crítica destas perspetivas relaciona-se com o suposto universalismo do espírito empreendedor, defendendo que este traço de personalidade não é inato, mas antes o resultado de uma socialização em ambientes altamente empresariais. Isto significa que existem igualmente grupos sociais que se encontram mais distantes deste ambiente individualista. Por exemplo, em comunidades pobres o risco de empreender é demasiado elevado e, por conseguinte, a prioridade vai para a segurança básica das famílias, ou comunidades com forte cultura operária, entre outras dimensões. A segunda crítica foca o suposto individualismo associado ao empreendedor. Segundo Hespanha (*op. cit.*), o sucesso dos empreendimentos é função do envolvimento de diversos atores sociais e o ativismo do promotor resulta muitas vezes do

apoio obtido desta rede. No caso dos microempreendimentos, o promotor muito dificilmente está sozinho, ainda que as pessoas que o apoiam não passem da esfera informal.

Como já foi referido anteriormente, outra linha que se enquadra no esforço de definir o empreendedorismo diz respeito à distinção entre os tipos de empreendedorismo através das motivações do ator: empreendedorismo por oportunidade e empreendedorismo por necessidade. Ferrão, Conceição e Baptista (2005), referem que, no geral, a literatura defende que a opção individual por constituir uma empresa decorre de dois tipos de motivação de natureza económica. Por um lado, temos os empreendedores schumpeterianos, movidos pela oportunidade: segundo os autores, estes indivíduos são aqueles que, providos de maior capital pessoal (capacidades empreendedoras e de gestão e conhecimento aprofundado dos mercados), irão encontrar precocemente uma oportunidade e, ao perceber que podem lucrar com ela, tornar-se-ão empresários. Por outro lado, temos os empreendedores movidos pela necessidade: empreendedores que, pela força de circunstâncias decorrentes da impossibilidade de acederem a um emprego remunerado, ousam criar uma empresa (Deli, 2011). Neste caso, esta decisão não decorre, primeiramente, da identificação de uma oportunidade de negócio, mas antes da necessidade de encontrar uma alternativa à escassa oferta de emprego no mercado assalariado (Silva & Almeida, 2014).

É nesta perspetiva que o Global Entrepreneurship Monitor (GEM) (2012) faz a distinção entre empreendedores de necessidade e de oportunidade. Estes definem como empreendedorismo de oportunidade (*opportunity entrepreneurial activity* - OEA), as situações protagonizadas por indivíduos que, envolvidos em atividades empreendedoras, (i) afirmam ser movidos pela oportunidade, em oposição ao facto de não ter outra opção de trabalho, e (ii) indicam que o condutor principal para se envolverem nesta oportunidade é serem independentes ou aumentar o seu rendimento, ao invés de apenas o manterem. Por sua vez, incluem no empreendedorismo por necessidade (*necessity entrepreneurial activity* - NEA), aqueles indivíduos que se envolvem em atividades empreendedoras, porque não têm outra opção de emprego no mercado de trabalho (Silva & Almeida, 2014). Contudo, como teremos oportunidade de problematizar no ponto seguinte, esta é uma distinção insuficiente e redutora que assenta no binómio *push* e *pull*.

Em qualquer das propostas referidas, há uma clara *tónica no ator* (Portela *et al.*, 2008), que deriva do individualismo metodológico em que recai a difundida noção de *homo*



*economicus* (Bourdieu, 2001b). O problema que identificamos na análise económica do empreendedorismo advém precisamente das várias questões já identificadas no pensamento económico clássico e neoclássico (Rattner, 1985; Bourdieu, 2001c; Belluzo, 2012), que toma o indivíduo como sujeito racional, calculista, que faz escolhas, toma decisões e age no campo económico racionalmente em prol da satisfação das suas necessidades e, assim, contribuindo para o bem comum. Não apenas esta análise descontextualiza o indivíduo do meio social em que este se insere, perdendo de vista todas as dinâmicas entre diversos fatores que influem a designada “prática económica”, como reproduz continuamente uma perspetiva sincrónica e atomística sobre a realidade em análise, negligenciando uma observação dos percursos, trajetos e histórias, quer individuais, quer contextuais (entenda-se, familiares, organizacionais, setoriais, etc.), absolutamente necessárias à compreensão do fenómeno da criação de empresas e do estabelecimento individual no mercado de trabalho (Silva & Almeida, 2014).

A lista de predicados associados ao empreendedor é longa. Contudo, conforme nos alerta Portela *et al.* (2008), a tradição de definir o empreendedorismo através de atributos pessoais está repleta de contradições. A título de exemplo, estes autores referem que há indivíduos que são caracterizados como empreendedores, no entanto, não fundaram necessariamente nenhuma empresa ou negócio. Assim, como podemos verificar, na definição de empreendedorismo, embora contextualizados por fatores psicossociais, continuam a ser valorizados critérios de natureza económica. No entanto, como refere Portela *et al.* (*op. cit.*), esta distinção remete-nos para o facto do empreendedorismo já não se encontrar apenas associado a pessoas com recursos e acesso a oportunidades. Sejam “motivados pela oportunidade ou necessidade (...), estes indivíduos não estão a resolver apenas o seu problema mas, ao fazê-lo, contribuem para o desenvolvimento local e para o progresso económico geral” (*op. cit.*, p. 23). Para além disso, como foi mencionado atrás, a decisão dos empreendedores por necessidade de abrirem um negócio não decorre, primeiramente, da deteção de uma oportunidade de negócio lucrativo; apesar disso, isso não significa que, como afirma Portela *et al.* (*op. cit.*), estes não assumam rapidamente um comportamento de maximização de lucro e de procura de oportunidades no mercado.

Paradoxalmente, enquanto assistimos à exaltação do ator como autor único da sua história, verificamos, no mercado de trabalho, uma desqualificação do indivíduo através da limitação ao acesso a recursos que permitam à maioria conduzir os seus projetos e

concretizar as suas escolhas. A precariedade laboral que condenou a maioria dos trabalhadores à intermitência laboral (contratos de trabalho precários intercalados com períodos de desemprego) e a carreiras (quando existem) descontínuas, é disso exemplo. Tal como referem Campos e Soeiro (2016), a apologia da liberdade que o empreendedorismo tenta impor à maioria dos trabalhadores vítimas da globalização da economia, não é para a maioria uma “oportunidade” de mudança ou sinónimo de liberdade, pois ninguém é livre se não tiver o mínimo de estabilidade ou recursos para se poder projetar no futuro.

No caso específico do empreendedorismo, interessa-nos compreender, portanto, como a criação do próprio emprego decorre de um conjunto de fatores que se reconhecerão na trajetória individual e familiar do “empreendedor”: que terão hipotética (e já comprovada pela investigação, *e.g.*, Rattner, 1985; Guerreiro, 2000) relação com os percursos escolares e os níveis de capital cultural do sujeito, e que estarão associados, também, às suas redes de sociabilidade e ao suporte social que joga no momento de estabelecimento individual (Silva & Almeida, 2014). Cientes da complexidade deste debate, e da sua matriz economicista, teremos, então, de reenquadrar o estudo desta matéria numa perspetiva sociológica, não exclusiva, mas que nos permita uma visão mais integradora deste complexo sistema de relações sociais que contextualizam a criação do próprio emprego.

### **3.2 Das perspetivas economicistas às perspetivas sociológicas para a compreensão das motivações para a criação do próprio emprego**

A literatura produzida sobre a relação entre desemprego e autoemprego mostra-se controversa, tanto nos estudos clássicos e mais datados, como nos estudos mais recentes, conforme já se enunciou nos pontos anteriores, revelando a complexidade desta e das suas variáveis constituintes. Deste modo, a tarefa de iluminar de um modo sociológico as motivações para a criação do próprio emprego também não é tarefa fácil, dado que impera um certo imperialismo ideológico economicista (a par com algum psicologismo individualizante) neste debate, como poderemos constatar ao longo das próximas linhas.

#### **3.2.1 Desemprego e empreendedorismo: uma relação ambígua**

Verifica-se que as pesquisas acerca da relação entre autoemprego e desemprego apontam para um perfil geralmente desfasado das necessidades do mercado assalariado de trabalho e com baixo capital humano (ou cultural, se atentarmos a uma definição

bourdieusiana), como Almeida e Albuquerque (2013) destacam. Neste domínio, face aos profundos conhecimentos e competências em diversas áreas dos negócios necessárias à criação do próprio emprego, vários são os autores que nos alertam para um hipotético cenário de falência a que muitos desempregados se arriscam (*cf.*, Storey, 1991; Vodopivec, 1998; Carrasco, 1999; Taylor, 1999; Pfeiffer & Reize, 2000; Burns, 2001; Abdesselam, Bonnet, & Le Pape, 2004; Andersson & Wadensjo, 2007; Niefert, 2010; Deli, 2011).

Para Faria, Cuestas e Mourelle (2010), o empreendedorismo é um dos principais motores de crescimento económico nas economias modernas; assim, o seu impacto no desemprego é da máxima importância. Estudos empíricos têm mostrado, como já verificámos atrás, que os pequenos negócios têm adquirido crescente importância nas últimas décadas. Segundo estes autores, o crescimento económico está ligado a mudanças no desemprego, teoria demonstrada através da fórmula de crescimento da lei de Okun<sup>25</sup>. Podemos, portanto, seguramente assumir que há uma relação entre empreendedorismo e desemprego. Contudo, realçamos novamente que os contornos de que esta relação se reveste são, muitas vezes, contraditórios.

A este respeito, a literatura baseada em evidência empírica é ambígua. A título de exemplo, Oxenfeldt (1943), Highfield e Smiley (1987) e Evans e Leighton (1990) concluíram que o desemprego está positivamente associado a uma maior tendência para criar um negócio; no entanto, Garofoli (1994), Audretsch e Fritsch (1994) e Audretsch, Carre e Thurik (2002), mostraram exatamente o oposto, enquanto que Carre (2002), defendia não existir uma relação estatística suficientemente relevante entre estes fenómenos.

Assim, de um lado temos os autores que defendem que o desemprego estimula a atividade empreendedora: este fenómeno é conhecido na literatura como “*refugee effect*”, visão que remonta aos estudos de Oxenfeldt (1943), em que o autor defendia que os indivíduos escolhem entre o desemprego, o autoemprego e o emprego, tendo em conta os “custos” relativos dessas atividades. Neste sentido, os indivíduos desempregados que enfrentam perspectivas de emprego de salário baixo, escolhem o autoemprego como a melhor opção de entre as várias alternativas. À luz desta teoria, perante a ausência de opções no mercado de trabalho assalariado e, perante a necessidade de obter uma fonte de rendimento,

---

<sup>25</sup> Teoria que, em Macroeconomia, propõe a existência de uma relação inversa entre desemprego e Produto Nacional. Descreve uma relação linear entre as variações percentuais do desemprego e os movimentos cíclicos do PIB efetivo relativamente ao PIB potencial.

os indivíduos decidem encetar uma atividade empreendedora, pelo que, nesta perspetiva, o desemprego atua como catalisador da atividade empreendedora (Oladele, Akeke & Oladunjoye, 2011). Esta teoria insere-se, como define o Global Entrepreneurship Monitor, no chamado “empreendedorismo por necessidade”.

Do outro lado, estão os autores que defendem que altos níveis de empreendedorismo reduzem o desemprego: o fenómeno conhecido por “*Schumpeter effect*” postula que o aumento dos níveis de empreendedorismo (criação da própria empresa) leva a maiores níveis de emprego e de crescimento económico. De acordo com tal perspetiva, através da criação de novas empresas e da subsequente contratação de pessoas, incorre-se num processo de redução do desemprego e de aumento da empregabilidade. Por seu turno, a elevadas taxas de desemprego está associado um baixo nível de atividade empreendedora, ou seja, se a propensão para criar empresas é baixa, isso irá refletir-se em altas taxas de desemprego. Neste caso, o desemprego está negativamente relacionado com a criação de novas empresas (Oladele, Akeke & Oladunjoye, *op. cit.*).

De acordo com o estudo realizado por Audretsch, Carre e Thurik (2002) em 23 países da OCDE, num período de observação situado entre 1974 e 1998, a variações na taxa de desemprego tendem a estar associadas variações homólogas (ainda que em escalas variáveis) na taxa de empreendedorismo (e vice-versa), dependendo dos países em análise. Dito de outro modo, “changes in unemployment clearly have a positive impact on subsequent entrepreneurship. At the same time, changes in entrepreneurship have a negative impact on subsequent unemployment” (*op. cit.*, p. 10).

Face à ambiguidade que rodeia esta relação, Faria, Cuestas e Mourelle (2010) avançam com uma proposta: a relação entre desemprego e empreendedorismo é cíclica, dinâmica e não linear, o que não contraria, necessariamente, as visões acima expostas. O estudo destes autores envolveu observações anuais desde 1972 a 2004 em alguns países da OCDE, e concluiu que esta relação varia consoante os países; por exemplo, existe uma causalidade bidirecional em países com mercados de trabalho flexíveis. Para além disso, percebeu-se que a criação de negócios reage rapidamente a mudanças na variação do desemprego, enquanto que a resposta oposta demora mais tempo. Estes autores afirmam que fatores como características individuais dos empreendedores (educação, suporte familiar e atitudes face ao risco) (*cf.*, Aviram, 2006), assim como fatores microeconómicos (taxas de impostos e o racionamento do crédito), e variáveis macroeconómicas (PIB e o ciclo

económico), têm um papel muito importante na explicação das diferenças encontradas na relação entre desemprego e empreendedorismo entre os países. Este estudo vai de encontro às conclusões de autores que defendem que esta relação varia igualmente de acordo com as características regionais (urbano ou rural), e os fatores culturais do país, como a religião e a discriminação entre géneros (Faria, Cuestas & Mourelle, 2010).

Apesar de ainda não haver consenso acerca da forma como se estabelece a relação entre empreendedorismo e desemprego, existem várias teorias e estudos empíricos que fortalecem a existência desta relação. É preciso notar que, mesmo assim, estamos (ou continuamos) a situar-nos numa abordagem economicista do empreendedorismo. Deste modo, importa ir além do nível económico, e tentar compreender esta relação num prisma “*down-top*”; importa ir pelo caminho das necessidades e das circunstâncias e não apenas da racionalidade económica (busca de rendimento), e analisar as motivações em toda a sua amplitude.

A decisão de criar o próprio emprego (ou de empreender) não pode ser vista como um “evento” desenraizado do seu contexto histórico. A compreensão da trajetória de se tornar autoempregado deve ser analisada como um processo que envolve escolhas imersas em possibilidades estruturais, face a eventos específicos (como o desemprego). Como teremos a oportunidade de verificar, a maioria dos entrevistados, quando voltaram ao mercado de trabalho, depois do despedimento coletivo, encontraram um mercado de trabalho bastante diferente do que aquele que conheciam quando entraram para a empresa encerrada. A consciência desse novo mercado de trabalho terciarizado, desregulado e assente em vínculos precários de contratação, levou os entrevistados a acionarem um conjunto de estratégias que deram origem a diferentes trajetórias laborais. Trajetórias altamente condicionadas por fatores enraizados nas suas histórias de vida e pelas oportunidades associadas às suas características aquando do despedimento coletivo (idade e escolaridade, recursos económicos e sociais, etc.).

Constatamos, assim, que o desemprego afeta a formação de novas empresas a diferentes níveis e, todos eles devem ser alvo de consideração numa análise compreensiva da relação entre desemprego e empreendedorismo. Para além disso, como já foi referido, esta relação não deve ser analisada apenas à luz de fatores económicos, mas também ao nível pessoal, familiar e social. Ao investigarmos sobre a criação do próprio emprego por pessoas em situação de desemprego, somos invadidos por um mar de publicações que anunciam o

empreendedorismo como último reduto dos nossos desempregados (a maioria desempregados de longa duração - 64,1%<sup>26</sup>). Se o empreendedorismo for encarado como decisão, o que sabemos, então, sobre as suas motivações e contextos?

### **3.2.2 Da necessidade à oportunidade na criação do próprio emprego: uma distinção válida?**

Como já referimos, as motivações económicas que subjazem a criação do próprio emprego, são das formas mais difundidas de caracterizar o empreendedorismo. A divisão entre empreendedorismo de oportunidade e necessidade que o Global Entrepreneurship Monitor (GEM) aponta é largamente aceite no âmbito das políticas sociais europeias, não obstante ser mais uma faceta da ambiguidade na relação entre desemprego e autoemprego, como já foi identificado acima. Esta distinção assenta no debate acerca de fatores *push* e *pull* que determinam a entrada no autoemprego. Esta é uma discussão que problematiza até que ponto existem fatores capazes de pressionar ou atrair o indivíduo para o autoemprego (Hamilton, 1989; Felstead & Leighton, 1992; Bögenhold, 2000; Burns, 2001; Smeaton, 2003; Schjoedt & Shaver, 2007; Hessels, van Gelderen & Thurik, 2008; Robichaud, LeBrasseur & Nagarajan, 2010; Deli, 2011). Os fatores *pull* são comumente associados à escolha individual “genuína” de criar um negócio, à deteção de uma oportunidade de negócio ou a algo há muito desejado pelo indivíduo. Já os fatores *push* estão associados à necessidade e à falta de alternativas no mercado assalariado (Burns, 2001; Smeaton, 2003; Hessels, van Gelderen, & Thurik, 2008). Deste modo, com a proliferação de estudos acerca dos efeitos destes fatores, surgiram duas áreas de interesse para investigação sobre esta problemática: a análise das forças *pull* e *push*, e a relação entre estes dois conjuntos de fatores (Assunção, 2012).

Dos inúmeros estudos sobre empreendedorismo surgiu um conjunto de indicadores para analisar os fatores *push* e *pull*. Nestes estudos os fatores *pull* incluem: o desejo de autonomia; exercer um trabalho “com significado”, criar o seu próprio ambiente de trabalho, enfrentar desafios, procura de uma missão social, fazer fortuna, aceder a um *status* social mais elevado ou mais poder (Smeaton, 2003; Hessels, van Gelderen & Thurik, 2008).

---

<sup>26</sup> Estatísticas de Emprego, 2º trimestre de 2016, Instituto Nacional de Estatística (2016).

As pesquisas feitas pelo GEM combinam o desejo de independência, ou aumento de rendimento, com a oportunidade, para avaliar o “empreendedorismo de oportunidade”. Por outro lado, os fatores *push* correspondem, no geral, ao desemprego e sentimento de inutilidade ou falta de alternativa no mercado assalariado. Este são os únicos critérios usados pelo GEM para identificar o “empreendedorismo de necessidade” (Bosma & Levie, 2010; Assunção, 2012). No nosso entender, estes critérios são insuficientes e demasiado generalistas para analisar o fenómeno do empreendedorismo.

No caso da presente investigação, torna-se imperativo problematizar até que ponto esta forma de análise faz sentido quando pretendemos analisar trajetórias que têm o desemprego como circunstância comum a todas elas. Este tipo de investigação tem sido criticado por negligenciar a análise das redes de sociabilidade e de suporte social das trajetórias individuais e familiares. Dentro do complexo sistema de relações sociais, fatores como os efeitos da crescente precarização das condições de trabalho devem ser alvo duma análise compreensiva e historicamente contextualizada para melhor enquadrar as motivações dos indivíduos para o autoemprego (e respetivas circunstâncias).

A literatura existente mostra, tendencialmente, a qualidade incerta do autoestabelecimento (Guerreiro, 2000), bem como a propensão para ser reproduzida uma situação de independência preexistente no contexto familiar, especialmente na geração anterior (Freire, 1995). Aparentemente desconexos, as condições da criação do próprio emprego e os fatores que a ele conduzem são de extrema importância, já que relevam o peso da trajetória individual no horizonte de possibilidades e probabilidades de acesso e sucesso. Por exemplo, no domínio do capital cultural, da familiarização com competências de gestão da microempresa ou do negócio próprio, no domínio de competências técnicas e a nível contabilístico-financeiro, na análise de mercados e do risco, entre outros. Por outro lado, há recursos alienáveis, ao nível do capital económico, que condicionam a própria situação do risco da atividade por conta própria - a detenção de capital económico-financeiro e o seu empreendimento no momento de autoestabelecimento influenciará a maior ou menor dependência de capitais próprios ou do endividamento. Estes fatores não são, de modo algum, independentes da trajetória sociofamiliar dos indivíduos, dos seus percursos escolares, nem dos trajetos laborais prévios à decisão de estabelecimento por conta própria (Assunção, 2012; Silva & Almeida, 2014).

Estudos sociológicos sobre esta matéria mostram, todavia, que o autoestabelecimento no mercado de trabalho, como independente ou microempresário, é mais uma *alternativa* a um trajeto laboral prévio do que produto da identificação de uma oportunidade de negócio potencialmente bem-sucedida (Freire, 1995; Assunção, 2012). Se, por um lado, do ponto de vista macro, os estudos já referidos apontam para a inexistência de uma correlação entre o desemprego e a iniciativa económica individual, a “verdade” parece ser que, do ponto de vista micro - na análise dos trajetos independentes - o autoestabelecimento surge, não raras vezes, como a única solução para a ausência de respostas no mercado assalariado. No entanto, na pesquisa realizada por Freire (1995) demonstra-se que as motivações para o autoestabelecimento são, na sua maioria, relacionadas com certos fatores, sendo o mais premente o *desejo de autonomização* da situação na profissão, identificado também por Guerreiro (2000), anos mais tarde, na sua pesquisa sobre relações sociolaborais em micro e pequenas empresas. A questão da autonomia, todavia, não é independente de outras motivações relacionadas ao trabalho. De facto, o conjunto de intenções associadas ao autoestabelecimento no mercado de trabalho reforça a aspiração de liderar uma atividade, de sair de uma condição de subordinação, não necessariamente como intenção de exercer a patronalidade e a supervisão do processo de trabalho de outrem (potenciais assalariados), mas para efetivar uma autonomização face ao contexto de trabalho a que se foi submetido em situações prévias de assalariamento (Freire, 1995; Guerreiro, 2000; Almeida & Albuquerque, 2013; Silva & Almeida, 2014). Acresce que, dado o regime autoritário de trabalho que os trabalhadores sofrem, estes já possuem uma experiência de combinar trabalho assalariado com trabalho independente (ganchos e biscates), verificando-se que se estabelecem por sua conta em atividades semelhantes àquelas que exerciam quando estavam empregados. Esta estratégia é uma forma de reduzir riscos de insucesso, embora traduzam muitas vezes um perfil pouco inovador (Hespanha, 1997; Piselli, 1995).

Esta motivação não pode dissociar-se de um sentimento generalizado de insatisfação ligado à situação profissional prévia ou à condição perante o trabalho. *Ter desejo de subir na vida*, pretender *ganhar mais dinheiro* são, na pesquisa de Freire (1995, p. 85) as motivações mais apontadas pelos respondentes, associadas a circunstâncias de autoestabelecimento por *incitamento/convite da parte de amigos ou familiares* e à *insatisfação* com o trabalho anterior ou com o desemprego. A questão que se coloca,



novamente, é que apesar de o autoestabelecimento ter relação aparente com o desemprego - em casos extremos em que surge como única *estratégia de sobrevivência* -, ele parece ter mais conexões com a experiência de assalariamento, uma vez que nessa se encontra, por um lado, um potencial contexto de socialização profissional em que a componente técnica do trabalho independente foi aprendida e aperfeiçoada, mas, principalmente, o conjunto de experiências não satisfatórias que conduzem os sujeitos a perspetivar a independência, e os seus riscos, como mais atrativos do que o assalariamento. Esta situação torna-se ainda mais evidente quando se percebe, que entre os inquiridos por Freire (*op. cit.*), apenas 2% declara um projeto/intenção de regressar ao assalariamento. Fazendo a ponte com as características apontadas pelos teóricos da economia aos empreendedores, as motivações relacionadas com o gosto pelo risco, com o aproveitamento de oportunidades de negócio, com a descoberta de um produto ou serviço inovador, ou com a facilidade na mobilização de recursos que não se possui (por exemplo, por crédito ou por herança), surgem, residualmente, nas justificativas para empreender o próprio estabelecimento no mercado de trabalho (Freire, *op. cit.*; Silva & Almeida, 2014).

Também na recentemente publicada investigação de Assunção (2012), as *trigger experiences* que conduzem ao autoestabelecimento no mercado de trabalho são, na sua maioria, relacionadas com categorias motivacionais associadas às experiências prévias de assalariamento. Uma *trigger experience* surge como um acontecimento intenso no percurso dos indivíduos que despoleta um conjunto de motivações que levam a considerar o autoestabelecimento no mercado de trabalho, não apenas como forma de reinserção laboral, mas como plano de vida alternativo. Elas estão, portanto, relacionadas com algum tipo de *crise*, ou de *encontro*, experienciadas no percurso individual, embora os encontros tenham uma muito menor frequência na análise desenvolvida pela autora (e não estejam, também aqui, longe das considerações de Freire (1995), quando este observa que o incitamento/convite por parte de familiares e amigos constitui um dos fatores que despoleta o percurso de independência). As crises, por sua vez, assumindo maior frequência no conjunto de empreendedores analisados, poderão ser de tipo corrosivo ou disruptivo, mas ambas têm relação direta com a experiência prévia de assalariamento (Freire, 1995; Silva & Almeida, 2014).

### 3.2.3 Relação entre empreendedorismo e autoemprego: eixos de análise

Conforme pudemos verificar anteriormente, a distinção conceptual entre autoemprego e empreendedorismo é um verdadeiro campo de “areias movediças”, assim como se questiona o reducionismo dualista no confronto entre necessidade e oportunidade na criação do próprio emprego. Se a nível teórico podemos conceber algumas sobreposições, a nível empírico, o investigador depara-se com uma heterogeneidade que dificulta uma análise mais abrangente. Deste modo, sabendo que o autoemprego e o empreendedorismo disputam alguns terrenos comuns, importa problematizá-los enquanto eixos de análise, que poderão trazer contributos para uma abordagem de maior pendor sociológico na compreensão da criação do próprio emprego, como é intenção desta pesquisa.

Um dos eixos de análise mais disputado, é sem dúvida o da autonomia/independência laboral. Segundo Assunção (2012), a questão da autonomia associada ao autoemprego (e também ao empreendedorismo), leva-nos para o problema da subordinação/dependência mascarada. Este eixo remete-nos para o facto de o autoemprego ser um terreno fértil para situações contratuais que se mascaram de efetiva autonomia, mas que não passam de estratégias adaptativas ao mercado de trabalho, que tende à flexibilização e precarização (Burchell *et al.*, 1992; Varanda, 1993; Freire, 1995; Supiot, 2001; Rebelo, 2004). Um exemplo destes casos, são os indivíduos que ocupam setores de atividade económica menos exigentes ao nível do investimento económico inicial. Esta menor exigência inicial de capital económico pode facilitar o acesso a uma atividade por conta própria, enquanto alternativa ao emprego. Contudo, por serem setores com menores níveis de rentabilidade, acabam por se inserirem em redes de subcontratação dominadas por grandes empresas (Assunção, 2008).

Esta é uma consequência da tendência ligada à ideologia neoliberal (Moraes, 2001), que domina atualmente o mercado de trabalho, colocando o modelo de empresa “magra”<sup>27</sup> como ideal de empresa competitiva. Deste modo, as grandes empresas externalizam a mão-de-obra que desenvolve trabalho periférico à sua atividade, isto é, trabalho considerado menos exigente e menos qualificado. No entanto, conforme nos alerta Supiot (2001), o

---

<sup>27</sup> Tipo de empresa que agrega duas estratégias de flexibilização: qualitativa (ou “via alta”) e quantitativa (ou “via baixa”). Segundo Kovács (2003, 2005a,b), assiste-se à desintegração vertical e espacial das empresas através da segmentação produtiva. Esta segmentação produtiva leva à criação, dentro da mesma empresa, de trabalhadores centrais e periféricos.

autoemprego pode traduzir igualmente casos de efetiva autonomia. Casos de indivíduos altamente qualificados orientados para a inovação, com poder negocial face aos seus clientes. Esta diversidade revela a complexidade que circunda o debate académico acerca das causas e consequências do autoemprego.

Outro eixo importante de análise neste domínio, especialmente para a presente investigação, é a questão da diferenciação entre os que têm ou não trabalhadores a seu cargo. Ou, dito de outro modo, trata-se da questão de se o autoemprego pode incluir casos onde exista a contratação de assalariados pelos autoempregados. Neste debate, segundo Assunção (2012), existem duas linhas de análise: 1) a tradição marxista que enfatiza a distinção entre os que não empregam força de trabalho assalariada; 2) e os autores que não fazem qualquer distinção entre os que contratam ou não assalariados, desde que as funções dos assalariados que empregam não substituam o trabalho do empregador. A posição marxista deriva da divisão que fazem entre trabalho produtivo e a exploração do trabalho produtivo dos outros. Esta distinção radica numa discussão profunda que atravessa a sociologia das classes acerca da condição pequeno-burguesa dos pequenos produtores.

A questão relaciona-se com o mantimento da função operativa nuclear da atividade (produção, venda ou serviço) e a detenção da responsabilidade do negócio. Deste modo, conforme nos alerta Freire (1995), na distinção de autoemprego, é possível enquadrar casos em que o trabalhador independente beneficie do concurso regular de um número muito reduzido de trabalhadores a salário, desde que este mantenha o seu papel insubstituível no processo de trabalho da sua unidade económica. Bechhofer e Elliot (1985) assumem uma posição similar à de Freire (1995), abrindo a possibilidade da sua definição incluir casos em que existe um número muito restrito de empregados. Esta inclusão está dependente de os empregados serem uma extensão e não um substituto do trabalho de quem os contrata (Assunção, 2008).

Agora que verificámos a heterogeneidade que caracteriza o autoemprego, podemos explorar, de forma mais sistematizada, as sobreposições entre este autoemprego, empreendedorismo e pequena propriedade (Carland, Hoy, Boulton & Carland, 1984). No que concerne ao conceito de empreendedorismo, este é heterogéneo e tem sido utilizado e interpretado em diversos contextos (*cf.*, Say, Schumpeter, Drucker e Stevenson, *apud* Dees, 2001). Conforme assinala Ferreira (2005), embora tenha sido primeiramente conceptualizado no domínio da atividade económica, disseminou-se para outras áreas do

conhecimento como a social, a política e a institucional. Se, por um lado, as perspetivas das diferentes áreas do conhecimento são fonte de riqueza e problematização conceptual, por outro, como afirmam Adam e Roncevic (2003, p. 160), “quanto mais popular se torna o conceito, mais longe nos encontramos de um consenso”. Esta divergência é tão grande que é possível, segundo Ahmad *et al.* (2008) e Assunção (2008) encontrar várias definições em diferentes documentos produzidos pela OCDE.

Segundo Assunção (*op. cit.*), o conceito de empreendedorismo pode assumir dois sentidos: um sentido schumpeteriano, que coloca o foco na introdução de inovações nos processos produtivos e no mercado, ou um sentido económico lato, que foca a propriedade e gestão do próprio negócio ou trabalho por conta própria. A principal diferença entre estes dois sentidos prende-se com a associação, ou não, da criação de empresas com inovação. No primeiro sentido, o foco é colocado na capacidade de inovar no mercado e nos processos produtivos, podendo ser conduzida pelo criador do negócio ou por um gestor (*e.g.*, de um negócio já existente). Assim, o sentido schumpeteriano privilegia a capacidade de inovação, enquanto que o sentido económico lato, apenas foca a capacidade de criação de um negócio e a capacidade de gestão do mesmo.

Deste modo, no primeiro sentido, associado à inovação, a ação empreendedora não coincide necessariamente com a intervenção económica dos autoempregados e a pequena propriedade. A este respeito, Ahmad *et al.* (2008) e Assunção (2008) recordam Schumpeter (2000/1949, p. 259), quando este aborda a especificidade da função empresarial e a observação empírica das suas manifestações. O autor assume que ao aplicar a sua conceção de ação empreendedora, é “difícil imaginar um caso em que o indivíduo não faça outra coisa senão estabelecer novas combinações”. O autor continua: “o elemento empreendedor pode estar presente numa escala muito reduzida e humilde”.

Deste modo, Schumpeter (*op. cit.*) reconhece a possível sobreposição empírica entre empreendedorismo, autoemprego e pequena propriedade. Por outro lado, se o empreendedor for conceptualizado como alguém que cria, detém e gere uma organização, independentemente de esta ser inovadora ou não, também não implica uma necessária sobreposição com o autoemprego. A medida em que se observa essa sobreposição depende da noção que estaremos a utilizar de autoemprego. A noção de autoemprego pode ter um entendimento mais restrito ou mais lato. No seu sentido mais amplo, os autoempregados podem não ter fundado o seu negócio. Podem, por exemplo, ter herdado ou comprado o

negócio. Neste caso, segundo esta definição, não existe uma correspondência entre empreendedorismo e autoemprego. Acresce ainda que, num sentido mais restrito (intervenção direta na produção de um produto ou na prestação de um serviço), essa sobreposição também pode não existir. Se, por exemplo, as suas tarefas se centrarem apenas na gestão e deixar para os empregados as tarefas operacionais, já se ultrapassaram os limites da definição mais restrita de autoemprego. Assim, como podemos verificar, é bastante problemático estabelecer relação entre estes três conceitos, ainda que empiricamente possam existir vários casos em que existe uma sobreposição (Assunção, 2008)<sup>28</sup>.

### **3.2.4 Subsídios históricos para a compreensão da ação empreendedora**

Recapitulando, para além das questões estatísticas, a importância que o conceito de inovação encerra relaciona-se com a própria visão histórica do empreendedorismo, e de como este foi fundamental na evolução das sociedades ocidentais. Segundo Baumol (1990), a atividade empreendedora sempre fez parte das sociedades ao longo da história. O papel do empreendedor nas sociedades é fundamental (Dornelas, 2011), e tem assumido diferentes conotações no evoluir dos tempos. A título de exemplo, Baumol (1990) afirma que na Roma antiga a atividade empreendedora (entendida como atividade comercial) não era vista como algo prestigiante, sendo essencialmente exercida por ex-escravos. Parte do lucro que estes indivíduos retiravam da sua atividade era reservada aos seus antigos “proprietários” em troca da sua liberdade.

Murphy, Liao e Welsch (2006), num artigo sobre a evolução histórica do empreendedorismo, ilustraram de forma muito detalhada a história conceptual do pensamento empreendedor. Segundo os autores, a conceção do empreendedorismo é fruto do desenvolvimento do conhecimento ao longo do tempo e do aparecimento de novos elementos que vão enriquecendo o conceito e que vão refletindo diferentes orientações: primeiramente de base “pré-histórica”, posteriormente de base económica e, finalmente, de base multidisciplinar, dando origem a um corpo de investigação acerca do empreendedorismo estratificado, eclético e divergente.

---

<sup>28</sup> Como já verificámos acima, mesmo a tentativa de definir estas realidades em termos de números de trabalhadores ou de volume de faturação é complexa.

Relativamente às bases históricas do conceito de empreendedorismo, apesar deste se manifestar atualmente de forma diferente, o sucesso do empreendedor na época medieval, dependia igualmente da superação do risco e de constrangimentos institucionais (Murphy, Liao & Welsch, *op. cit.*). Em comparação com os tempos modernos, a proporção da população que exercia atividades empreendedoras antes do século XVIII era muito pequena. Aqueles que foram capazes de produzir conhecimento especializado, como inovação ou empreendedorismo, estavam geralmente sob o domínio de uma ordem religiosa. Nesta altura, a Igreja controlava a forma como se negociava e o tipo de negócios que poderiam florescer (Murphy, Liao & Welsch, *op. cit.*). Este controlo exercia-se através das corporações de ofícios ou mesteres, cujo objetivo era regular a produção autónoma artesanal. Tais constrangimentos eram parte integrante do pensamento empreendedor até ao advento da economia clássica, que destituiu determinados dogmas, revelando novas formas de ser empreendedor num contexto de desenvolvimento económico. As ordens religiosas e corporações impediram a inovação tecnológica e o desenvolvimento do livre comércio que permitiu a emergência da competitividade económica (Murphy, Liao & Welsch, *op. cit.*).

Segundo Murphy, Liao e Welsch (*op. cit.*), o começo da conceptualização do empreendedorismo segundo bases económicas, foi inaugurado por Cantillon (1755), que introduziu formalmente o conceito de empreendedorismo na literatura económica. O movimento económico que seguiu Cantillon definiu abordagens de equilíbrio, desenvolvendo modelos de previsão e gestão da incerteza. Este movimento económico clássico definiu os princípios básicos que ajudaram a dividir e a caracterizar o trabalho e a produção nos diferentes setores e estabeleceu os conceitos formais económicos de valor e distribuição. Esta abordagem económica do empreendedorismo predominou até finais do século XIX, altura em que o movimento neoclássico emergiu.

Com o movimento neoclássico, surgiu o conceito de utilidade marginal como uma forma de explicar a atividade económica, abrindo o caminho para enquadramentos subjetivistas que descreviam as relações entre as pessoas (Murphy, Liao & Welsch, 2006). Como resultado, a par das circunstâncias económicas, o contexto sociopolítico e cultural, assumiram um papel cada vez mais central na explicação e compreensão do sistema de mercado e dos seus problemas. A atividade empreendedora passou então a ser considerada como um mecanismo de mudança, uma vez que transformava recursos em produtos e serviços imprevisíveis. Um teórico que se destacou neste movimento foi Marshall

(1990/1890) *apud* Murphy, Liao e Welsch (2006), que defendia que o empreendedor ajustava os recursos, decidindo onde os alocar, tendo em conta o nível do sistema a alterar: aumento da procura, ou de produção e as condições necessárias para os equilibrar. Este movimento acrescentou valor ao conceito de empreendedorismo, concentrando-se menos na acumulação de capital e mais em novas combinações de recursos pré-existentes ou possuídos (Murphy, Liao & Welsch, *op. cit.*). A partir dessas combinações, o empreendedorismo passou a ser descrito como um meio de introdução de novos produtos, de modos de produção, de mercados, e de formas de organização. Enfim, de inovar (processo descrito por Schumpeter como “destruição criativa”). Nesse processo de inovação, o papel das competências do empreendedor na deteção de oportunidades pertinentes no grande volume de informação que circula no sistema económico, que é necessário processar de forma a tomar decisões corretas, tornou-se essencial. Nesta altura assiste-se ao florescimento de movimentos conceptuais subsidiários que evoluíram das conjeturas e refutações dos movimentos económicos. Estes movimentos surgiram a partir de áreas como a economia, a sociologia, a psicologia, o marketing e a gestão. Tais contribuições multidisciplinares foram os principais impulsionadores do desenvolvimento do conceito do empreendedorismo tal como o conhecemos atualmente (Murphy, Liao & Welsch, *op. cit.*).

As próprias abordagens económicas gerais que explicavam o empreendedorismo começaram a mudar em meados do século XX. Fatores humanos e ambientais, em conjunto com os fatores económicos, tornaram-se úteis para explicar o comportamento do empreendedor no mercado. Emergiram investigações que comparavam empreendedores com não empreendedores. A título de exemplo, Murphy, Liao e Welsch (*op. cit.*), referem a importância que traços psicológicos, como a necessidade de realização, e o desejo de aceitar a responsabilidade em situações complexas, condições do mercado, e aspetos ambientais assumiram, enquanto fatores que afetam o empreendedorismo a diferentes níveis. Baseando-se nos movimentos anteriores, mas não assentando primordialmente em fatores económicos, segundo estes autores, o movimento multidisciplinar do empreendedorismo reflete fortemente a abordagem conceptual de Lewin (1935). Esta perspetiva descreve o comportamento através da interação entre a pessoa e o ambiente: o comportamento, como a atividade empreendedora, deriva da interação entre a pessoa e meio ambiente. De facto, esta abordagem permite a interação de muitos tipos de fatores individuais, ambientais e não só. Contudo, existe uma pluralidade considerável dentro do movimento em relação aos fatores

ou interações que contêm maior influência explicativa (Murphy, Liao & Welsch, 2006). Assim, atualmente, o empreendedorismo é um campo pluridisciplinar e as suas divisões são porosas e passíveis de articular várias abordagens de diversas áreas de conhecimento.

Constatamos, deste modo, que este campo é deveras complexo e ainda muito dominado por visões economicistas, e em menor escala psicológicas. Segundo Swedberg (2000), a literatura produzida sobre empreendedorismo pela economia é muito maior comparativamente à da sociologia; para além disso, esta última tem sido menos explorada e tem tido menos impacto. Tradicionalmente, o empreendedorismo tem sido associado a teorias económicas. Este facto deve-se ao corpo teórico muito coeso produzido pela economia. Contudo, segundo este autor, o trabalho científico elaborado por cientistas sociais para além dos economistas (*e.g.*, sociólogos, psicólogos sociais) merece igualmente ser enfatizado. O trabalho produzido por estes cientistas difere do que é elaborado por economistas em vários aspetos. Um deles, é que os seus trabalhos são de natureza mais descritiva; o outro, é que, a nível teórico, surgem mais sob a forma de investigações empíricas. Estas diferenças fazem com que a literatura acerca do empreendedorismo produzida por estes cientistas seja muito multifacetada e mais próxima da realidade prática. Infelizmente, por ser uma literatura muito difusa, também se torna mais difícil o seu levantamento.

### **3.2.5 Os contributos matriciais do pensamento de Weber**

Ainda segundo Swedberg (2000), algumas das ideias mais importantes acerca do empreendedorismo dentro das ciências sociais remetem para a obra de Max Weber. Segundo este autor, a visão de empreendedorismo de Weber é geralmente identificada com a sua teoria de “carisma”. No entanto, a associação do empreendedor com a visão do indivíduo carismático, um ser humano especial com uma personalidade extraordinária, e a capacidade de mobilizar outras pessoas, é um equívoco. Segundo Weber, este tipo de empreendedor apenas funcionou como um importante motor de mudança durante épocas mais embrionárias da humanidade. Acresce que, a tendência geral no sentido da crescente racionalização da sociedade humana (substituição do mito e da religião pela ciência), limitou a importância do “carisma” no mundo moderno. Para este autor, o empreendedor apenas pode ser encontrado numa economia de mercado e o empreendedorismo tem mais a ver com a direção da sua



ação económica dentro de empresas, do que com operações económicas de um único indivíduo isolado (Swedberg, *op. cit.*).

Na sua famosa obra, *The Protestant Ethic and the Spirit of Capitalism*, Weber (1905/1930) faz duas importantes contribuições para uma compreensão sociológica do empreendedorismo. Primeiro, ele olha para a mudança que ocorreu relativamente à atitude face ao empreendedorismo algum tempo após a Reforma no mundo ocidental. De uma atitude de hostilidade e alienação face ao empreendedor, passou-se para a aceitação e a promoção ativa do empreendedorismo. Segundo Swedberg (2000), Weber analisa a forma como o protestantismo ajudou a desenvolver uma posição positiva relativamente ao enriquecimento e ao trabalho, algo que facilitou a mudança de atitude acerca do empreendedor. Até à data, o empreendedorismo estava sob o domínio da Igreja católica (que condenava o lucro excessivo e a usura) e as atividades do empreendedor eram, no máximo, toleradas. A partir do momento em que a atitude da sociedade face à indústria e aos negócios mudou, e o poder da religião para regular a economia enfraqueceu, o empreendedorismo, ou a vocação para fazer dinheiro, foi libertada de constrangimentos.

A Reforma Protestante trouxe grandes mudanças que se manifestaram, por exemplo, na valorização da atividade profissional. O principal legado cultural do pensamento protestante foi o ascetismo, i.e., a atividade profissional que os homens empreendem tornou-se o principal meio de atingir a virtude perante Deus. Assim, o comerciante com um negócio sólido e bom pagador é considerado um homem virtuoso e moralmente superior. Esta mudança contribuiu para o aparecimento do capitalismo e o florescimento da atividade empreendedora (Andrade, 2005). Assim, para Weber o sistema de valores que regula a sociedade era fundamental na compreensão do comportamento empreendedor, devendo ser contextualizado nos diferentes períodos históricos.

Nas primeiras abordagens de Weber acerca do empreendedorismo, este enfatiza mais a capacidade habilidosa na direção de empresas, que responde a oportunidades numa economia de mercado, do que apenas a personalidade do empreendedor. O que é particularmente interessante é como Weber contrapõe o empreendedor ao burocrata. À medida que a sociedade se torna mais racionalizada, a burocracia assume um papel cada vez mais importante, tanto dentro das empresas, como dentro do próprio Estado (Swedberg, 2000).

Para Weber, a burocracia enquanto sistema social democrático, que promove a igualdade de oportunidades e que recompensa o mérito, é positivo, pois fomenta a transparência dos processos de seleção, admissão e procedimentos internos (Andrade, 2005). Contudo, Weber adverte que se a política burocrática e a racionalidade que a acompanha tomasse conta de toda a economia, o progresso económico poderia ficar comprometido e a democracia política podia ser substituída por uma ditadura (Swedberg, 2000). Uma ditadura que engaiolava o potencial e a criatividade humana (Andrade, 2005).

Neste contexto, Weber defendia que o empreendedor era a única pessoa capaz de manter a burocracia controlada. O empreendedor deve tomar as suas próprias decisões e assumir responsabilidade por toda a organização e não apenas obedecer a ordens como o burocrata, porque o empreendedor tem um conhecimento mais aprofundado acerca da empresa. Assim, segundo Weber, para o empreendedorismo existir, o empreendedor precisa de uma empresa moderna capaz de atingir o sucesso e de explorar oportunidades lucrativas. Ainda segundo Andrade (*op. cit.*), uma personalidade criativa e muitas boas ideias não são suficientes.

Deste modo, por um lado, Weber dá-nos conta de um empreendedorismo imbuído e fortemente influenciado pelo quadro de valores sociais que regula a sociedade, por outro, o empreendedor, sem uma estrutura forte por trás capaz de acompanhar (e permitir) o florescimento e desenvolvimento pleno das suas potencialidades, dificilmente atingirá os objetivos pretendidos. Assim, parece que, como nos alertou Portela *et al.* (2008), ao invés de dicotomizar competências individuais por oposição a condições estruturais, parece mais frutífero tentar compreender os aspetos que fazem parte de cada uma destas dimensões e como estes interagem.

De Weber até hoje, da reflexão cruzada sobre empreendedorismo, autoemprego, e mesmo, pequena propriedade, emerge uma consciência da necessidade de investigarmos adentro de um rigoroso quadro conceptual e metodológico bem delimitado, única via para se poder contribuir um pouco mais nesta discussão e forjar instrumentos de intervenção social, sobretudo, e no caso, destinados a desempregados (por despedimento coletivo). Como se referiu logo no início deste texto, não se pretende ter a ambição de construir uma visão bourdieusiana sobre a transição do despedimento coletivo para a criação do próprio emprego, nem testar neste campo o próprio modelo do sociólogo francês, mas sim fazer, por opção teórica, uso de alguns dos conceitos de Bourdieu (já utilizados em estudos anteriores: *e.g.*,

Almeida, 2014, 2013), os quais, porque imbuídos epistemologicamente de uma visão relacional e sistémica dos factos sociais, poderão ser mediadores na compreensão do discurso dos entrevistados sobre as suas trajetórias laborais e de emprego, bem como alimentar o processo metodológico de construção de padrões temáticos, passíveis de possibilitar uma hermenêutica e uma heurística deste fenómeno (Pires, 2008). É o que se pretende realizar de seguida.

#### **4. A importância do pensamento de Bourdieu para a problematização da transição entre desemprego e criação do próprio emprego**

##### **4.1 Sobre a dialética *agência vs. estrutura*: contributos de Bourdieu para uma teoria da prática**

###### **i) Introdução**

Quando abordamos a temática da criação do próprio emprego, no sentido de perceber as motivações e contextos dos processos de tomada e de implementação de uma decisão “empreendedora”, sob a ótica da dinâmica agência-estrutura, é difícil apurarmos consensos (*e.g.*, Stuart & Sorenson, 2005; Dawson, Henley & Latreille, 2014; OECD/EU, 2014; Stephan, Hart, Mickiewicz & Drews, 2015). A discussão sobre esta problemática do autoemprego, que vimos cotejando desde o início deste trabalho, funciona, simultaneamente, como uma contextualização teórica, mas também como um exercício de estimulação do imaginário da nossa pesquisa. Ambos têm como consequência a obrigatória definição operacional dos conceitos, que daqui em diante serão as chaves específicas para a fundamentação epistemológica e metodológica desta investigação. Deste modo, tomámos como opção teórica o enquadramento sociológico de Bourdieu, nomeadamente a partir da sua visão relacional sobre a dialética *agência vs. estrutura*, base para o entendimento das práticas sociais, especificamente como instrumento de leitura dos dados produzidos na pesquisa de campo. (*e.g.*, Andrade, 2006).

Como introdução, retomamos Weber, pois revela-se particularmente importante dado que a sua problematização da *conduta de vida* ajuda-nos a revindicar a importância da agência e da estrutura social na compreensão da forma como as desigualdades no âmbito do desempenho de uma atividade produtiva valorizada são produzidas. Weber (1978) através do seu estudo das condutas de vida, ajudou-nos a compreender como os indivíduos contribuem ativamente para a reprodução social do *status* de grupo, e como os grupos se distinguem entre eles através de códigos de vestuário, padrões de casamento, etc. A maior contribuição do trabalho de Weber para uma compreensão crítica dos estilos de vida foi o reconhecimento de que as escolhas que os indivíduos fazem são constrangidas por recursos materiais e por normas da comunidade, ou *status* do grupo a que pertencem, reconhecendo, assim, aspetos materiais e não materiais da estrutura. Estes recursos e normas fazem parte do que Weber chamou de oportunidades de vida – a parte estrutural dos processos de estilos de vida (Abel & Frohlich, 2012). Deste modo, as oportunidades de vida referem-se às

probabilidades ancoradas à estrutura do indivíduo para atingir os seus objetivos. Assim, o conceito de conduta de vida vai para além de comportamentos, focando o papel ativo dos indivíduos na resposta às exigências e oportunidades no dia-a-dia. Segundo Abel e Frohlich (*op. cit.*), no que respeita a comportamentos, Weber está mais preocupado, por um lado, com os processos sociais que ligam os constrangimentos estruturais e oportunidades (oportunidades de vida), e por outro, com os comportamentos reativos dos indivíduos (conduta de vida).

O conceito de escolha nas atuais circunstâncias da vida exige uma reflexão crítica séria. Esta discussão tem sido a raiz do discurso sociológico numa tradição weberiana ou bourdieusiana acerca de estilos de vida (Abel & Frohlich, *op. cit.*). Contudo, é o dualismo das oportunidades de vida enraizadas na estrutura, e das escolhas dos indivíduos baseadas na conduta de vida, que oferece o terreno teórico fundamental de pensamento em termos de dualidade da estrutura e da agência no que respeita às desigualdades sociais (Almeida, 2015).

A visão de Weber, acerca da ação recíproca entre escolhas de vida e oportunidades, preparou o terreno para posteriores análises, como os trabalhos de Giddens (*e.g.*, 1989, 1991) e de Bourdieu (*e.g.*, 1986, 1996). Segundo Abel e Frohlich (2012), ao analisarmos os padrões das desigualdades no atual contexto social, a análise de Weber mostra-se insuficiente. Weber estava preocupado com a formação do *status* dos grupos e a definição de oportunidades de vida (probabilidades ancoradas na estrutura), mas não define claramente quanta liberdade individual atua na seleção dos estilos de vida. Esta questão é abordada por Bourdieu, que argumenta a existência de uma forte ligação entre a detenção de diferentes formas de capital, o *habitus* específico de cada classe social, e as escolhas que os indivíduos têm à sua disposição. A pertinência do trabalho de Bourdieu para a presente investigação é a que nos permite analisar dimensões chave da desigualdade social, diretamente relevantes para o papel da agência. O nosso argumento é que uma análise mais profunda das diferentes formas de capital e as suas interações abre o caminho para a compreensão do papel dos indivíduos na produção e reprodução de desigualdades na escolha de uma atividade produtiva, bem como nos processos de mudança social.

## ii) *Habitus*

Atendendo à definição de Bourdieu de *habitus*, como um sistema de disposições incorporadas a partir de um princípio gerador vinculado à origem de classe do indivíduo, que permite aos atores agirem segundo as “regras do jogo”, percebemos que os agentes, em

virtude de sua dotação de capital económico, social e cultural (volume e estrutura), fruto de sua trajetória e da posição que ocupam no campo (outro conceito nuclear da teoria de Bourdieu), orientam-se para a manutenção ou para a subversão dessa distribuição. Assim, as suas “jogadas” estarão dependentes do volume e da estrutura do capital acumulado pelos agentes nas suas experiências anteriores nos diversos campos (Brandão, 2010). Neste contexto, o cenário da reprodução de desigualdades como um processo que se inicia desde o início da vida ativa, e que se reitera em muitos percursos por conta própria, pode ser algo a ter em atenção (Almeida, 2015). Pois toda a reprodução social é sempre subsidiária de um processo de reprodução cultural, que Bourdieu (2013) situa, sobretudo, na esfera das instituições educativas, mas que podemos imaginar que se estende a todos os processos de aculturação laboral vivenciados em meios ocupacionais (através da cultura organizacional dominante), os quais poderão dificultar as estratégias de ação no sentido da mudança dos percursos profissionais. Se aceitarmos que o desemprego, sobretudo na sua forma de despedimento coletivo, é um processo de “seleção social”, que leva a situações de enorme injustiça e desigualdade social, então dinâmicas agenciais de não-reprodução social serão mais proactivas para a sobrevivência após o desemprego. Não poderemos esquecer que *habitus* é uma realidade, simultaneamente, estruturada e estruturante, objetiva e subjetiva, interiorizando o externo, e exteriorizando o interno, numa “cumplicidade ontológica”, tão característica do pensamento praxiológico relacional/sistémico (estruturalista-construtivista) de Bourdieu (*cf.*, Thiry-Cherques, 2006), magistralmente apresentado em *Esquisse d'une théorie de la pratique* (1977/1972).

### iii) Teoria geral dos campos

A teoria dos campos de Bourdieu é um quadro teórico muito relevante para a presente investigação, uma vez que permite, hipoteticamente, focar a trajetória de se tornar autoempregado e a forma como esse processo é condicionado por recursos que estão socialmente disponíveis para os indivíduos ao longo das suas vidas. Esta investigação problematiza a forma como o *habitus* é construído ao longo do tempo e explora como as experiências prévias dos indivíduos, no que respeita à família, educação e trabalho, moldam o desenvolvimento das formas de capital, que poderão contribuir para a passagem para o “campo” do autoemprego, depois de uma experiência de desemprego por encerramento ou deslocalização da fábrica.

Passar de operário para autoempregado simboliza indubitavelmente uma mudança de “campo”, que importa explorar sob este referencial teórico, ou mais “ortodoxamente” uma mudança de posições no campo laboral, enquanto este próprio se desloca de um contexto social e laboral caracterizado por uma relação de emprego assalariado para um contexto, ou contextos, de autoemprego, manutenção da situação de desemprego, reemprego, ou reforma (separação<sup>29</sup> do campo laboral), o que no conjunto significa uma transição temporal entre configurações sociais diversas.

Neste sentido, as condições de existência ligadas à classe são importantes, uma vez que permitem explorar os processos sociais que subjazem a esta transição, tendo em atenção de como determinados contextos sociais podem contribuir para o desenvolvimento de tipos e volumes de capitais mais propícios para entrar no autoemprego. Em particular, esta análise considera os seguintes contextos: família de origem, origens sociais, educação e experiência de trabalho antes do encerramento da fábrica.

O *habitus* é um saber agir aprendido pelo agente na sua integração num determinado campo. Cada campo tem uma lógica particular de funcionamento que estrutura as diversas interações que nele ocorrem, definindo objetivos específicos a serem alcançados para que os agentes possam manter ou melhorar as suas posições na luta concorrencial nesse espaço. Nesse sentido, cada campo funciona como um espaço de possibilidades onde as estratégias de cada ator estão diretamente relacionadas com os meios disponíveis (capitais) e os objetivos a alcançar (conservação ou transformação da posição que detêm no campo) (Brandão, 2010). Deste modo, um ator que não tenha tido a oportunidade de ser socializado num contexto (entendido como campo social) de trabalho autónomo, terá maior dificuldade em compreender as “regras do jogo” e, por conseguinte, estará menos preparado para desenhar a sua estratégia no sentido de atingir os seus objetivos. Neste sentido, Bourdieu, a propósito do seu estudo acerca do processo de modernização na sociedade argelina<sup>30</sup>, diz-nos que ser projetado num mundo social diferente do da origem social dos atores, significa uma dificuldade acrescida para os agentes “deslocados”. Assim, um indivíduo que tenha desenvolvido toda a sua trajetória profissional como assalariado e que nunca tenha tido referências no domínio do trabalho por conta própria na sua socialização, terá certamente que fazer um esforço adicional para apreender as regras deste novo campo social. Deste

---

<sup>29</sup> Termo usado na gestão de recursos humanos.

<sup>30</sup> *Travail et travailleurs en Algérie* (1963), *apud* Sá (2011).

modo, estes agentes estão numa posição de desvantagem em relação aos “autóctones”, e somente se incorporarem o *habitus* próprio ao campo, estarão em condição de “jogar o jogo”. Assim, a trajetória social de cada agente é importante na definição da sua posição dentro do campo (Sá, 2011).

**iv) *Hysteresis***

Conforme já focámos, a teoria bourdieusiana relativamente aos seus conceitos tem como premissa fundamental que estes se articulam compreensivamente. E se esta constatação é bem evidente, situa-se, exemplarmente, na articulação entre *habitus*, através do seu *modus operandi*, e campo, através do seu *opus operatum*. Quando o campo se reestrutura, com consequências de afastamento temporal e espacial do correspondente *habitus*, poderá ocorrer esse efeito de *hysteresis*, isto é, uma desadequação das disposições mentais e sociais dos agentes face às novas estruturas sociais. Pressupõe-se que a uma mudança estrutural do campo corresponda uma mudança disposicional no *habitus*, e que assim a lógica da ação esteja para além da inércia e da reprodução social. De um modo perentório, Hardy (2008) refere que à visão estereotipada de que a teoria de Bourdieu se resume a um modelo fatalista da reprodução social, se deve contrapor a ideia de que, para além da demonstração realista dos mecanismos de reprodução social e cultural, existe também um modelo sobre a mudança social nas suas conceptualizações.

As definições de Bourdieu de *habitus* e campo têm a mudança como uma consequência necessária da sua condição - uma mudança num, necessita da mudança no outro. Como tal, essa mudança é muitas vezes tomada como garantida na sua própria escrita, uma vez que não requer uma teoria distinta. Como esta mudança é pressuposta desta maneira, muitas vezes esta não é explicitada nas análises sociais de Bourdieu. Assim, é talvez compreensível que o seu trabalho tenha sido criticado por ser determinista, em particular no que diz respeito à classe social. Bourdieu refuta fortemente e de forma explícita esta afirmação. Para ele, a história de um indivíduo está sempre em andamento e a acumulação resultante de capital simbólico e económico que constitui o *habitus* é também contínua, o próprio *habitus* está num estado de fluxo constante. Como escreve Bourdieu em *In Other Words*: “O *habitus*, como produto de condicionamentos sociais e, portanto, de uma história (ao contrário do carácter), é infinitamente transformado”<sup>31</sup> (Bourdieu, 1994a, p.7).

---

<sup>31</sup> Tradução nossa.



Deste modo, como já refletimos inicialmente, no processo de transição do desemprego para o autoemprego podemos supor que a facilitação ou inibição desta transformação possa resultar da presença ou ausência deste efeito de *hysteresis*, em graus diferentes. Implica-se assim uma hipótese implícita de que a resistência ou adesão à mudança possa surgir como um tema a construir a partir da análise das narrativas e dos discursos dos participante no estudo. Ademais, esta questão do efeito de *hysteresis* tem ganho particular atenção na pesquisa em ciências sociais (e.g., Mesny, 2002; Kerr & Robinson, 2009; McDonough & Polzer, 2012; Burke, 2015).

#### v) **Capital**

Segundo Bourdieu (1986), a desigual distribuição de recursos estruturais (capitais) pode ser compreendida como parte integrante do sistema de desigualdade numa determinada sociedade. É, simultaneamente, o resultado e um mecanismo chave da reprodução social de poder e de privilégios. A sua conceptualização de capital baseia-se na distinção de três formas: capital social, económico, e cultural. Estas três formas de capital estão intrinsecamente interrelacionadas. A consideração da interação entre estes três tipos de capital no dia-a-dia, e a forma como esse processo interacional contribui para a reprodução de desigualdades sociais e de distribuição de poder na sociedade, é fundamental para a compreensão das escolhas de vida dos indivíduos e das oportunidades de vida que dispõem para efetivar as mesmas.

Segundo Bourdieu (*op. cit.*, p. 46), o capital “[...] é uma força inscrita em estruturas objetivas e subjetivas, mas também é o princípio que subjaz às regularidades inerentes ao mundo social”<sup>32</sup>. Segundo o autor, nenhuma das três formas de capital pode, por si só, explicar a reprodução das desigualdades: são necessárias as três formas de capital e, acima de tudo, a interação entre as três, para a compreensão da manutenção das desigualdades ao longo do tempo.

O capital económico, na forma de dinheiro e bens materiais (rendimento, propriedade, ações financeiras), é um fator decisivo na vantagem ou desvantagem social. É também a “raiz de todos os outros tipos de capital<sup>33</sup>” (*op. cit.*, p. 54). O capital social está localizado ao nível inter-individual. Como tal, refere-se a recursos materiais e não materiais

---

<sup>32</sup> Tradução nossa.

<sup>33</sup> Tradução nossa.

que podem ser mobilizados no âmbito de diferentes tipos de relações sociais. Segundo o autor, a quantidade de capital social que o indivíduo pode deter depende da extensão de redes relacionais que ele consegue efetivamente mobilizar e da quantidade de capital económico, cultural e simbólico que cada membro dessa rede possui. Assim, Bourdieu (*op. cit.*, p. 51) definiu capital social como “o agregado de recursos efetivos ou potenciais, ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de conhecimento ou reconhecimento mútuo”<sup>34</sup>. No âmago da sua análise está o pressuposto de que a estrutura social é composta por campos de luta pelo poder. Para Bourdieu, o conflito está na base do capital social porque, tal como as outras formas de capital, é distribuído de forma desigual (Albagli & Maciel, 2002). O capital social desempenha um papel importante no processo de preservação e reprodução das estruturas de classe na sociedade, relação mediada pelo capital económico (Ottebjær, 2005).

Finalmente, o capital cultural pode ser definido como os recursos simbólicos e informacionais para os indivíduos atuarem. O capital cultural existe em três formas: incorporado (*e.g.*, competências, conhecimento), objetivado (*e.g.*, livros, ferramentas), e institucionalizado (*e.g.*, graus académicos, certificados profissionais) (Bourdieu, 1986). Ele é sobretudo adquirido através da aprendizagem social, onde as condições de aprendizagem variam ao longo das diferentes classes sociais ou *status* do grupo (Abel & Frohlich, 2012). O nível educacional de um indivíduo pode ser analisado como um indicador que representa o seu capital cultural. Contudo, o capital cultural é mais do que a educação formal que o indivíduo detém. Inclui, igualmente, diferentes conjuntos de competências culturais. A aquisição e uso desta parte da aprendizagem social (socialização) depende muito da precoce e impercetível aprendizagem dentro da família desde os primeiros anos de vida. Na forma de conhecimento e competências, o capital cultural é uma pré-condição para a maioria da ação individual e, como tal, é um fator chave na capacidade dos indivíduos para a agência (Abel & Frohlich, *op. cit.*), incluindo para o exercício de uma atividade produtiva valorizada.

Na luta pelo poder e privilégios, as oportunidades de adquirir e usar diferentes tipos de capital são predeterminadas e estruturadas pelo *habitus* dos indivíduos: um conceito intangível, apenas observável através das práticas individuais e que não é por si só um atributo individual. O *habitus* depende da disponibilidade de diferentes tipos de capital para

---

<sup>34</sup> Tradução nossa.

o indivíduo e para a sua família no passado e no presente. Vinculado (através da socialização) a diferentes formas de capital que o suportam, o *habitus* liga a estrutura e a agência através de estratégias coletivas – uma forma partilhada de atuar de grupos de indivíduos que pertencem à mesma classe social (Abel & Frohlich, *op. cit.*).

Existe um alto nível de complexidade na relação entre os capitais nas suas diferentes formas. Estas relações foram discutidas por Bourdieu (1986): conversão, acumulação e transmissão. Estas três formas de interação são importantes para a presente investigação. Primeiro, as diferentes formas de capital podem ser convertidas umas nas outras; o capital económico, na forma de dinheiro, pode ser investido na educação ou capital cultural do indivíduo. Segundo, o capital nas suas diferentes formas pode ser acumulado; por exemplo, o dinheiro pode ser investido no mercado de ações para fazer mais dinheiro. Terceiro, as diferentes formas de capital podem ser transmitidas; as crianças podem herdar ativos financeiros dos pais e/ou o capital recebido através da socialização familiar (*e.g.*, quando o conhecimento e competências sociais são transmitidas dos pais para os filhos).

O sentido decisivo das três formas de capital, e as suas interações, leva-nos ao reconhecimento do papel ativo dos indivíduos que (indo além da mera posse ou consumo dos recursos) adquirem e usam de forma ativa capital relevante para o desenvolvimento do seu trabalho próprio. A aquisição e o desenvolvimento ativo desse capital fazem parte da agência individual e coletiva na medida em que é feito um uso relevante desse capital ao nível do desenvolvimento do próprio emprego. Em outras palavras, para que o capital económico, social e cultural se torne relevante no âmbito do desenvolvimento do próprio emprego, os indivíduos têm de o usar ativamente (Abel & Frohlich, 2012).

#### **vi) Prática**

O conceito de prática é no contexto teórico bourdieusiano algo que tem de ser constituído e apreendido dos outros conceitos (como assim todos reciprocamente), e, portanto, não é redutível a uma definição de dicionário. O que mais se pode aparentar a este esquema, é a “fórmula” bourdieusiana bastante difundida na pesquisa, não obstante o seu carácter eminentemente positivista: (*habitus* x capital) + campo = prática.

Mas como referíamos, temos de voltar a uma compreensão integrada da visão praxiológica do social, que exemplificamos a partir do conceito de *habitus*, e que neste excerto o autor descreve com muita precisão

O *habitus* produz práticas, que, na medida em que tendem a reproduzir as regularidades imanentes às condições objetivas da produção de seu princípio gerador, mas ajustando-se às exigências inscritas a título de potencialidades objetivas na situação diretamente afrontada, não se deixam deduzir diretamente nem das condições objetivas, pontualmente definidas como soma de estímulos que podem aparecer como tendo-as desencadeado diretamente, nem das condições objetivas que produziram o princípio durável de sua produção (Bourdieu, 1994b, p. 65).

Concretizando, a propósito da *hélix* de classe

Não é por acaso que a distinção burguesa acaba investindo em sua relação com a linguagem a mesma intenção que ela mobiliza em sua relação com o corpo. O sentido da aceitabilidade que orienta as práticas linguísticas está inscrito no registo mais profundo das disposições corporais: é o corpo inteiro que responde à tensão do mercado por sua postura, mas também por suas reações internas [...], o esquema corporal característico de uma classe determina o sistema dos traços fonológicos que caracterizam uma pronúncia de classe: a posição articulatória mais frequente é um elemento de um estilo global dos usos da boca (no falar, mas também nas práticas de comer, beber, rir, etc.), portanto de toda a *hélix* corporal, implicando uma informação sistemática de todo o aspeto fonológico do discurso (Bourdieu, 1996, p. 74).

E que poderíamos finalizar, remetendo para uma prática fundamental na nossa sociedade, a linguística

A aceitabilidade social não se reduz apenas à gramaticalidade. Os locutores desprovidos de competência legítima se encontram de fato excluídos dos universos sociais onde ela é exigida, ou então, se veem condenados ao silêncio. Por conseguinte, o que é raro não é a capacidade de falar, inscrita no património biológico, universal e, portanto, essencialmente não distintiva, mas sim a competência necessária para falar a língua legítima, que, por depender do património social, retraduz distinções sociais na lógica propriamente simbólica dos desvios diferenciais ou, numa palavra, da distinção (Bourdieu, 1996, p. 42).

Para esta investigação, este modo de construção da realidade fenomenológica da prática não deixa de nos colocar já alguns problemas de natureza da teoria sobre esta prática. Como definir o objeto da pesquisa? A prática da transição entre desemprego e autoemprego? E como definir o campo ou campos: laborais, transicionais, ...?

Fica-nos o “conselho” do autor

A construção do objeto de pesquisa - pelo menos na minha experiência pessoal de pesquisa - não é algo que se faz de uma vez

por todas, de um golpe, por meio de uma espécie de ato teórico inaugural... é uma tarefa prolongada e exigente que é realizada pouco a pouco através de uma série de retificações e emendas... ou seja, por um conjunto de princípios práticos que orientam escolhas ao mesmo tempo minuciosas e decisivas... uma das principais dificuldades da análise relacional é que, na maioria das vezes, os espaços sociais só podem ser compreendidos na forma de distribuições de propriedades entre indivíduos ou instituições concretas, uma vez que os dados disponíveis estão ligados a indivíduos ou instituições...<sup>35</sup> (Bourdieu, 1989, p.51).

### vii) A questão da reprodução/mudança social e das desigualdades sociais

Na formação e reprodução de desigualdades sociais, estas ações são relacionadas umas com as outras através da interação dos capitais que facilitam *habitus* ou estilos de vida especificamente relacionados com a classe de pertença. Deste modo, sugerimos, de acordo com os autores já citados, que a desigualdade vai para além da mera distribuição desigual do capital. Argumentamos que existe grande desigualdade social também nas oportunidades e capacidades das pessoas ativamente usarem o capital que detêm (fazendo-o interagir), em prol de adquirirem vantagens no âmbito do desenvolvimento do próprio emprego.

Deve ser mais uma vez enfatizado que a agência exige capital e que a distribuição desigual do mesmo é, acima de tudo, uma questão de estrutura social: o capital cultural é desigualmente distribuído através de sistemas escolares estratificados, assim como através de ambientes e famílias; o acesso ao capital social é regulado através de barreiras de classe, assim como através de códigos linguísticos; e a desigual distribuição de rendimento é o primeiro marcador de privilégios ou desvantagens sociais, ainda de acordo com Bourdieu.

Através do trabalho deste autor, percebemos que a formação do *habitus*, por um lado, depende da disponibilidade das diferentes formas de capital e, por outro lado, o *habitus* afeta as oportunidades para adquirir e usar o capital. Deste modo, na problematização da reprodução de desigualdades sociais e das oportunidades desiguais no âmbito do desenvolvimento do próprio emprego por indivíduos numa posição vulnerável no campo social (*e.g.*, desempregados de longa duração), o *habitus* é um conceito útil para explicar como determinadas formas de agência contribuem para a reiteração de diferenças classistas na persecução dos objetivos do indivíduo nos projetos por conta própria.

---

<sup>35</sup> Tradução nossa.

Contudo, o *habitus* “[...] é um sistema de disposições abertas e, por isso, é constantemente influenciado por novas experiências: “ele é durável, mas não imutável” (Bourdieu & Wacquant (1992a), *apud* Brandão (2010, p. 232). Neste sentido, a leitura das trajetórias destes indivíduos não deve ser feita de forma determinística, mas consciente das diversas forças presentes em “jogo” nas estratégias operadas pelos atores.

Esta discussão leva-nos ao conceito de exclusão social que, como foi defendido por Castel (1998), tem a sua origem na desadequação de competências dos indivíduos relativamente às exigências sociais. Esta desadequação manifesta-se desde logo no campo laboral. Assim, um indivíduo de meia-idade que venha a acumular desvantagens ao longo do seu percurso profissional, num cenário de hipotético desemprego, estará mais exposto à pobreza. Logo, num hipotético cenário de trabalho por conta própria, face à importância que a estrutura e o volume que os capitais assumem como capacidade de estabelecer redes e parcerias no mercado competitivo, muitos destes indivíduos estão desprovidos de ferramentas para responder aos desafios que este tipo de trabalho coloca. Acresce que muitos desempregados desenvolveram o seu percurso laboral num regime assalariado e, por esse motivo, não têm qualquer tradição de trabalho autónomo.

De forma quase esquemática, e de acordo com toda a reflexão anterior, poderemos deste modo esboçar um retrato do fenómeno, relativo à superação da perda do emprego: os indivíduos desempregados (desta investigação) sofrem já todo o peso de pertença de classe desfavorecida (conforme veremos nas suas biografias), e portanto, encontram-se já em situação de desigualdade social em termos dos seus capitais. E é neste *habitus* que o evento disruptivo do desemprego por despedimento coletivo ocorre, ele também passível de ser entendido como mais um processo de seleção social (pela idade jovem ou avançada, pela menor qualificação, pelo género feminino, pela experiência laboral, etc.), que acarreta ainda um maior empobrecimento, por vezes exclusão social. E depois, como se transita entre e/ou nos campos? Porquê a decisão da criação do próprio emprego? E como compreender as diferenças relativas a quem segue outras escolhas e estratégias de vida e de trabalho?

#### **4.2 Questões e hipóteses de trabalho**

A título de síntese provisória, poderemos afirmar o seguinte: o mundo do trabalho, pelas grandes transformações políticas, económicas, e dos próprios modelos de gestão das organizações, ocorridas nas últimas décadas, tem evoluído de maneira completamente

imprevisível. As novas formas de relação laboral permitiram que o desemprego e a precariedade laboral invadissem as formas de viver da nossa sociedade. Esta tem procurado, por sua vez, responder de diversos modos a este flagelo. A via da criação empreendedora do próprio emprego tem sido uma das respostas mais estimuladas, embora num contexto de grande insuficiência paradigmática e pragmática. Assistimos atualmente a uma evolução social do trabalho que nos coloca problemas de investigação e de intervenção social bastante complexos.

A partir da visão sociológica de Bourdieu, é nossa opinião que nos encontramos perante uma perspetiva crítica que poderá ser de grande utilidade na conceptualização desta problemática, quer do ponto de vista epistemológico, quer do ponto de vista metodológico. Os conceitos de *habitus*, campo, capitais (mormente na sua complexidade em termos de quantum e de formas de interação) e estratégia possuem potencialidades inequívocas para investigar esta realidade, conforme acima já procurámos evidenciar.

No entanto, para além desta primeira reflexão, que já se vem anunciando ao longo do texto, é ainda necessário aprofundar esta abordagem através de uma reflexão, agora, integrada sobre estes e outros conceitos bourdieusianos, especificamente aplicados ao fenómeno da criação do próprio emprego por desempregados advindos de casos de despedimento coletivo, reforçando as suas potencialidades enquanto modelo analítico, aplicado ao questionamento do impacto das desigualdades sociais na escolha de um projeto de trabalho.

Deste modo, é nossa intenção, conforme já o vimos tentando realizar até agora, articular a parte conceptual desta investigação com a sua parte empírica, numa dinâmica circular. Também esta reflexão assume carácter heurístico, ao tentar colocar hipóteses de trabalho que sustentem de modo não-positivista a argumentação em termos das questões de investigação a serem colocadas, seguindo os procedimentos que a metodologia qualitativa de análise temática<sup>36</sup>, no contexto de “estudo de caso”<sup>37</sup>, aconselha, os quais serão detalhados adiante.

Assim, iniciaremos esta segunda fase da reflexão, testemunhando que o pensamento de Bourdieu começa a ser utilizado cada vez mais para a análise das questões relativas ao trabalho e às formas de organização do emprego (*e.g.*, Gorton, 2000; Iellatchitch, Mayrhofer

---

<sup>36</sup> cf., Braun e Clarke (2006, 2012, 2013)

<sup>37</sup> A explicitar metodologicamente na parte II.

& Meyer, 2003). O vasto trabalho de Bourdieu<sup>38</sup> permite embasar numa perspectiva crítica as questões centrais desta investigação, como procuraremos demonstrar. Então, como “definir” os desempregados/agentes participantes desta investigação? Certamente, como atores sociais dentro de uma rede intrincada de interações entre pessoas, organizações/empresas e sociedade, muito característica da modernidade do ponto de vista sociológico, conforme Latour (2005) também corrobora. Estes indivíduos vão, eles próprios, através de transições, ocupando sequencialmente papéis laborais em função de escolhas possíveis, ora por oportunidades, ora por eventos disruptivos, como é o caso do desemprego. As estruturas que os envolvem contextualmente exercem, paradoxalmente, efeitos de reprodução social ou de mudança social. As duas vias são possíveis. No caso, relativamente aos desempregados que seguiram a rotina de novo trabalho assalariado, ou de direcionamento para a reforma (em situação de desemprego de longa duração, ou não), poderíamos, hipoteticamente, pensar que os últimos ficaram “reféns” dos mecanismos de reprodução social, tão fortes na sociedade contemporânea, onde a resistência à mudança e reduzida dinâmica de inovação imperam. Os primeiros tomaram o “risco da mudança”, que pode significar em termos das suas estratégias de criação de emprego, uma rutura com as relações de poder e a hierarquia social das organizações onde trabalhavam, certamente “violentamente simbólica”, pois nunca se pode escapar a estas estruturas numa sociedade de classes onde as desigualdades sociais imperam, e que estes indivíduos bem evidenciam (patente nos seus esboços biográficos apresentados adiante). No entanto, mudando o campo de práticas laborais e/ou o seu contexto social, isso pode ser significativo em termos das suas motivações. Portanto, o tema da reprodução-mudança social pode afigurar-se como um conteúdo a explorar nas biografias e entrevistas destes indivíduos, opções metodológicas que serão descritas adiante.

A análise dos campos/contextos sociais destes desempregados, cumulativamente, também nos parece essencial para esta pesquisa, tanto no que precede o evento do desemprego, como no que lhe sucede. Estes contextos, serão necessariamente analisados na sua componente social geral, mas também na especificidade de algo que poderíamos designar, tentativamente, como “campo laboral”, em interação com outros campos (familiar, de cidadania, etc.). A compreensão da dinâmica interna destes campos e dos sistemas e

---

<sup>38</sup> e.g., (Bourdieu, 1977/1972, 1979, 1980a, 1980b, 1987, 1989, 1990 ; 1993, 1994a, 1994b, 1994c, 1996, 1997, 1998a, 1998b, 2000, 2001a, 2001b, 2001c, 2002, 2003, 2008, 2012, 2013; Bourdieu, Passeron & Chamberodou, 1968; Bourdieu & Wacquant, 1992a,b).



subsistemas sociais que os contextualizam (económicos, legais, organizacionais, etc.), bem como o cruzamento das dinâmicas com outros campos com que interagem, é fundamental, para que a associação aos respetivos *habitus* (profissional, familiar, etc.) e estrutura de capitais (económico, social, cultural, e simbólico) possa contribuir para a análise da evolução das diferentes práticas (antes e depois do despedimento coletivo). Convém fazer notar que o conceito de campo, embora determinado pelas estruturas e capitais, não é determinista, pois a conceção bourdieusiana é, essencialmente dialética. Até porque o campo é constituído pelas interações entre diversos atores, imersos em “jogos de poder” característicos de contextos sociais altamente hierarquizados, como são as organizações empresariais, e aí as culturas e climas organizacionais podem modificar-se. O mesmo se aplica à questão do *habitus*, nas suas várias formas de estruturação generativa dos comportamentos e da vida mental e social dos indivíduos, que vai evoluindo desde as socializações precoces até às experiências laborais recentes destes indivíduos; o *habitus* pode significar inércia, ou motivação para a mudança, historicamente incrustada e partilhando significados com outros hipotéticos *habitus*. Ainda, de igual modo, existe dinâmica transformacional nos capitais, embora a pesquisa nos faça a advertência de que na interação entre capitais, é o económico o mais influente e transferível. Quanto ao capital social, existe a consciência do seu valor, sobretudo ao nível simbólico, no que este tem de poder de legitimação e reconhecimento do conjunto dos capitais.

Para além da legitimidade associada ao capital social, conforme conclui Piselli (1995), as redes de solidariedade da sociedade-providência adquirem um papel fundamental na organização da vida produtiva em classes semiproletárias. No estudo que conduziu junto de quatro aldeias do concelho de Coimbra, a autora verifica que a família e as redes de parentesco, de amizade e de vizinhança asseguram uma vasta gama de apoios e serviços que o Estado não consegue assegurar. Devido aos baixos salários auferidos pelos operários, os trabalhadores, em vez de abandonarem os vínculos com as atividades independentes anteriores, seguiram uma estratégia de diversificação económica. Esta estratégia foi feita de duas formas: pelo reforço das atividades de autoconsumo ligadas à propriedade agrícola e/ou pelo lançamento de pequenas iniciativas comerciais e empresariais.

A propósito da expansão da pequena propriedade independente em Portugal, Piselli (*op. cit.*) verificou que em 15 anos<sup>39</sup> os proprietários agrícolas desapareceram para dar lugar a pequenos produtores independentes. Esta mudança não resultou da intervenção direta da Reforma Agrária, mas antes de um efeito indireto da mesma. Perante a incerteza das indemnizações do governo revolucionário pelas suas propriedades, muitos foram os proprietários que começaram a vender a baixo preço as suas propriedades a pequenos particulares. Este fenómeno permitiu tornar realidade o sonho de muitas famílias de se tornarem proprietárias, nem que fossem de poucos hectares de terra.

A outra estratégia de diversificação económica foi realizada através do desenvolvimento gradual das infraestruturas e dos serviços nas aldeias e à difusão de novos modelos de consumo entre a população. A autora verificou que muitas vezes os trabalhadores exercem por conta própria uma atividade que é geralmente a continuação direta daquela que exercem por conta de outrem: se trabalha como mecânico numa fábrica, monta uma oficina na aldeia; se trabalha como eletricista, faz pequenos trabalhos por conta própria, se trabalha numa fábrica de madeira, abre uma marcenaria, etc.

Estas duas estratégias apenas foram possíveis através de uma rigorosa disciplina de grupo que permitiu às famílias aproveitar todas as possibilidades de melhoria de vida.

Piselli (*op. cit.*) relembra que, antes do 25 de abril, as relações de solidariedade em torno da reprodução “alargada” sempre foram elementos estratégicos na criação de segurança nestes setores da população. Através da troca de todo o tipo de bens e serviços, era criada uma densa rede de cooperação recíproca. A partir do 25 de abril, as funções e os métodos não mudaram; no entanto, com o surgimento de novas oportunidades, os campos de intervenção alargaram-se e o ritmo de atividade acelerou-se.

O suporte das redes de parentesco e de vizinhança permitiu a consolidação destas duas estratégias de diversificação económica. Ao nível das estratégias de acesso à terra, os parentes uniram-se para garantir a realização dos objetivos de investimento e o apoio necessário para enfrentar situações de emergência. Ao nível do desenvolvimento das atividades comerciais, as redes de parentesco e de vizinhança convertem-se em alianças económicas, emprestando dinheiro, entrando como sócios, etc.

---

<sup>39</sup> Piselli (1995) recolheu dados entre 1971-1973 e entre 1983-1989.

Segundo Piselli (*op. cit.*), ao apoiar todas estas iniciativas independentes, a sociedade-providência fortaleceu a relação entre trabalho assalariado e pequena propriedade. Conforme a autora postula, a modernidade “é constituída por uma ligação dinâmica de relações interpessoais formais e informais que mutuamente se influenciam e reforçam e que são indispensáveis para reduzir a incerteza dos processos de decisão nas sociedades complexas” (*op. cit.*, p. 121). Isto significa que, no caso de classes sociais menos privilegiadas em termos de capital económico e cultural, o capital social desempenha um papel fundamental nas estratégias de negociação das suas posições no campo.

Como nos encontramos numa sociedade da informação e da sua transmissão pedagógica, o capital cultural é sobretudo educacional/formativo, sendo incorporado ativamente no *habitus* (e portanto a relação entre estas duas realidades é crítica na pesquisa); acresce ainda que, por influência do capital económico, as oportunidades de aprendizagem e de obtenção de graus educativos/formativos, também deve ser analisada.

Enfim, na questão dos capitais origina-se uma heurística ligada às questões do empreendedorismo: a da posse de propriedade. Como se posicionam os indivíduos que criam o próprio emprego, ou escolhem outras estratégias, relativamente à questão da propriedade privada?<sup>40</sup> Será que esse desiderato fará parte do seu novo *habitus* e posição no campo laboral? Será que a sua posição no campo laboral no contexto pré-despedimento tinha autonomia suficiente face aos outros campos sociais, e portanto seria dotado de grande investimento pessoal e familiar? Será que o autoempregado percecionará esta estratégia como uma forma de “contrapoder” social, face a uma vivência traumática? A independência e estabilidade do emprego por conta-própria será uma “saída”/resposta a um apelo de consciência social? Recordemos que a abordagem de Bourdieu é, essencialmente, uma visão crítica dos processos de reprodução social e que a própria noção de campo é de “campo de luta”.

Em suma, e numa primeira avaliação da problemática, poderemos assumir, heurísticamente, que a evolução das práticas profissionais (criação do próprio emprego, ou não), pressupõe diferenças na estrutura de capitais, no *habitus* e no campo (em ambos, especificamente, social e profissional), e na interação entre estas variáveis, no sentido de que

---

<sup>40</sup> Embora não se tenha previsto colocar essa questão neste estudo, seria igualmente pertinente recolher informação sobre as intenções dos trabalhadores tomarem conta da empresa, constituindo-a como propriedade coletiva.

existe no autoempregado uma estratégia de superação dos mecanismos de reprodução social, diferenças estas respeitantes ao momento antes do despedimento e ao momento da criação do próprio emprego. Nesta equação serão igualmente incluídos fatores como a idade aquando o desemprego, as redes socioafetivas de suporte, e os recursos passíveis de serem mobilizados pelos entrevistados.

Avançando ainda com mais detalhe, também a título de síntese final conceptual, e sabendo que do ponto de vista epistemológico a teoria de Bourdieu implica que nenhum dos seus conceitos seja compreensível sem o enquadramento geral teórico e a compreensão das suas interdependências, é necessário, então, proceder a um “bricolage” teórico e, simultaneamente, operacional, mais consolidado, no sentido de reforçar as bases hipotéticas que sustentem a pesquisa.

Assim, poderemos considerar que as diferentes práticas pelas quais se decidiram os participantes desta investigação, consubstanciadas em estratégias laborais diversas após o evento do despedimento coletivo, representam “intencionalidades sem intenção”<sup>41</sup>, umas mais “ortodoxas”, outras mais “heterodoxas”. Uns posicionaram-se neste “campo em transição” (que aprofundaremos adiante), em interação sinérgica com os seus *habitus*, de maneira a mudarem as suas posições e a mobilizarem os seus interesses, outros reproduziram a *doxa* e o *nomos* deste campo, na sua vertente pré-despedimento, numa postura de *illusio*, questionamos. Fica-se entre, de um lado, uma estratégia de mobilidade social e posicional e, do outro lado, uma crença reprodutiva de classe? Num caso, conservar-se-ão as estruturas de capital, noutra existirão transformações, podemos indagar. E *porque*<sup>42</sup> razão isso acontece? Será que os participantes terão no seu *habitus* de origem, pré-despedimento, características diferentes do outro grupo de desempregados, aos níveis do *ethos* (valores), do *hêxis* (disposições comportamentais incorporadas) e do *eidós* (pensamento)? E será que também poderemos observar diferenças entre os dois grupos de participantes ao nível das configurações dos seus respetivos campos, em termos das posições e interações dos diversos agentes, do quantum de capitais e das suas dinâmicas, das suas configurações (*doxa*, *nomos*, *illusio*, autonomia, interesses, eventos críticos, etc.), que nos permitam perceber os sentidos-comuns partilhados, as normas e regras do “jogo de poder”, da interdependência com outros campos sociais e fenomenais, e acontecimentos estruturantes? Será que as diferenças se

---

<sup>41</sup> Expressão bourdieusiana.

<sup>42</sup> Remete para a metodologia de estudo de caso, usada nesta investigação (cf. Yin, 2010).

poderão atribuir a um efeito de *hysteresis*, isto é, separação espaço-temporal entre *habitus* e campo(s), ou por efeito de inércia, na sequência do evento transicional trabalho-desemprego? E *como*<sup>43</sup> é que estas dinâmicas se operam na sinergia entre campo(s) e *habitus*? Considerando que a interação do *habitus* com o campo funciona num regime de *modus operandi* e a interação do campo com o *habitus* funciona num regime de *opus operatum*, será que estas transações são também diferentes nos dois grupos de participantes? E o que acontece longitudinalmente durante todo este processo transicional (pré-despedimento/transição/pós) em termos de alterações de capitais, de *habitus*, de campo(s)?

São estas as questões matriciais com que se lidará na parte empírica desta pesquisa, não sem antes se refletir sobre as implicações metodológicas que este posicionamento conceptual e epistemológico contém. Também nesta matéria a abordagem sociológica de Bourdieu é muito característica, e impõe procedimentos metodológicos e empíricos muito específicos, que apresentaremos de seguida, em função da problemática em estudo, e com os quais iniciaremos a parte II (estudo empírico) deste trabalho.

---

<sup>43</sup> Idem.

---

II. CRIAÇÃO DO PRÓPRIO EMPREGO: UM ESTUDO  
EMPÍRICO SOBRE PRÁTICAS SOCIAIS FACE AO  
DESEMPREGO

---



## 5. Enquadramento epistemológico-conceptual

### 5.1 Definição do objeto de estudo

De acordo com o descrito anteriormente, a esta investigação preside uma “filosofia” e um enquadramento teórico-analítico inspirados e adaptados da teoria bourdieusiana (*cf.*, Capítulo 4), nomeadamente, quanto aos seus principais conceitos. Assim, e em coerência, iniciaremos por definir o “objeto de estudo”. Ultrapassando a dicotomia agência-estrutura, o objeto de estudo situa-se fenomenologicamente no espaço dialético da relação entre as motivações para a criação do próprio emprego por parte de desempregados por situações de despedimento coletivo (mais severas por maior fragilização económico-social) e os enquadramentos contextuais/processuais que, estruturalmente, envolvem este processo de transição (*cf.*, Capítulos 1 e 2).

Assim, a definição operacional do objeto de estudo delinea-se nos seguintes termos:

*Processos de transição que são implementados por desempregados, seja no sentido da criação do próprio emprego, seja optando por outro tipo de estratégias adaptativas, depois de uma situação de despedimento coletivo.*

Como a opção de base em termos metodológicos foi a abordagem qualitativa do estudo de caso (*cf.*, Yin, 2010), sobre este objeto colocam-se duas questões de natureza processual e relacional, já abordadas: *porquê* a decisão de optar ou não pelo autoemprego, e *como* se construiu esse processo de decisão? E que serão analisadas adiante. Devemos referir que, de acordo com a *reflexividade* característica dos conceitos e métodos bourdieusianos, toda esta investigação se assume como um processo de construção e ajustamento contínuo, conforme já havíamos referenciado atrás (Bourdieu, 1989).

### 5.2 Construção do campo de investigação

Definido o objeto de estudo no modo mais parcimonioso possível, procede-se em sequência pela construção do campo de investigação. Conforme se sintetiza adiante, com a apresentação gráfica de mapas conceptuais-metodológicos (*Figuras 1 e 2*), a realidade em análise é a da transição no espaço social de uma posição de trabalhador assalariado para trabalhador por conta própria, na sequência de processos de desemprego por despedimento coletivo (ou outras posições face ao trabalho e ao emprego). Deste modo, colocámos,



anteriormente, sobre este propósito e como designação exploratória - “campo transicional”: desde muito cedo se consideram os processos transicionais como “campos de estudo” (e.g., Parkes, 1967; Fouad & Bynner, 2008; Hytti, 2010), e na revisão da literatura efetuada nos capítulos 2 e 3 essa constatação sai reforçada (cf., Almeida & Albuquerque, 2013), embora como temos vindo a refletir seja discutível.

Em função da definição do objeto de estudo apresentada previamente, a construção do campo de investigação expressa as suas características relacionais. As transições pressupõem um duplo eixo espaço-temporal. Neste caso, este campo transicional é composto pela interação com os seus campos constitutivos, isto é, com os campos e posições pré e pós-transição. E como na conceção bourdieusiana a compreensibilidade de um campo é subsidiária, em reciprocidade sistémica, dos respetivos *habitus* e capitais, que na sua dinâmica produzem as práticas, então o campo de investigação assume forte carácter relacional. A formulação sobre este campo de investigação assumirá, por estas razões, a seguinte configuração: campo transicional, enquanto espaço social, construído pelas relações dinâmicas entre os contextos laborais antecedentes e consequentes (e respetivos *habitus* e capitais) à mudança, ou manutenção, de práticas profissionais.<sup>44</sup>

Já referimos anteriormente que a teoria de Bourdieu não é um modelo facilmente adaptável à lógica de dicionário, e mesmo a sua pedagogia não se configura com a lógica de “manuais”, sendo, portanto, de um modo coerente com as suas posições epistemológicas, fortemente reflexiva.

Ao longo do texto fomos alargando e aprofundando o seu pensamento, tarefa complexa, pois para além das possíveis citações do autor ou dos seus estudiosos, e embora os seus conceitos sejam transversais à sua obra, nem sempre são redigidos de forma idêntica. Não obstante esta dificuldade, e de modo suplementar ao já exposto, reunimos por questões metodológicas e de compreensibilidade conceptual, pequenos excertos relativos aos conceitos-guião, presentes no enquadramento conceptual-analítico, essenciais à plena construção do campo de investigação.

---

<sup>44</sup> Os campos pós-transição são supostos entrarem nesta relação dinâmica por antecipação eidética. Não deixa de ser interessante verificar quais as mudanças de campos, *habitus* e capitais contingentes às escolhas pós-desemprego, enquadradas nos contextos sociais de referência.

Assim, se coteja o pensamento do autor e estudiosos da sua obra, no que consideramos importante para esta investigação:

a) Campo

[...] uma rede, ou uma configuração de relações objetivas entre posições. Essas posições são objetivamente definidas, na sua existência e nas determinações que impõem aos seus ocupantes, agentes ou instituições, pela sua atual e potencial situação (*situs*) na estrutura da distribuição de tipos de poder (ou capital) cuja posse controla o acesso aos lucros específicos que estão em jogo no campo, bem como pela sua relação objetiva com outras posições (dominação, subordinação, homologia, etc.)<sup>45</sup> (Bourdieu & Wacquant, 1992a, p.97).

b) *Habitus*

Sistemas de disposições duradouras e transponíveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, isto é, como princípios que geram e organizam práticas e representações que só podem ser objetivamente adaptadas aos seus resultados sem pressupor um objetivo consciente de fins ou um domínio explícito das operações necessárias para atingi-las. Objetivamente "regulados" e "regulares", sem ser de modo algum o produto da obediência às regras, podem ser orquestrados coletivamente sem ser o produto da ação organizadora de um condutor<sup>46</sup> (Bourdieu, 1990, p.53).

c) *Hysteresis*

Uma vez que a *hysteresis*, a mudança geracional, a deslocação do *habitus*, a crise social e a reestruturação de campo são todos termos intimamente relacionados na discussão de Bourdieu acerca dos fenômenos sociais, e como eles mudam ao longo do tempo [...] Bourdieu viu que a *hysteresis* era uma consequência necessária das suas definições de *habitus* e *campo* como mutuamente geradoras e geradas<sup>47</sup> (Hardy, 2008, p.131).

É certo que todo esforço de mobilização destinado a organizar a ação coletiva tem que contar com a dialética das disposições e ocasiões que ocorre em cada agente, seja ele mobilizador ou mobilizado (a *hysteresis* do *habitus* é sem dúvida uma explicação do atraso estrutural entre as oportunidades e as disposições para compreendê-las, que é a causa das oportunidades perdidas e, em particular, da frequente incapacidade de pensar crises históricas em categorias de

---

<sup>45</sup> Tradução nossa.

<sup>46</sup> Tradução nossa.

<sup>47</sup> Tradução nossa.

perceção e de pensamento diferentes das do passado, por mais revolucionárias que sejam<sup>48</sup> (Bourdieu, 1990, p. 59).

d) Capital

É de facto impossível explicar a estrutura e o funcionamento do mundo social a menos que se reintroduza o capital em todas as suas formas e não apenas na forma reconhecida pela teoria económica. A teoria económica permitiu impingir-lhe uma definição da economia das práticas que é a invenção histórica do capitalismo; e reduzindo o universo das trocas à troca mercantil, objetivamente e subjetivamente orientada para a maximização do lucro, isto é, como *economicamente interessado*, ele implicitamente definiu as outras formas de troca como não-económicas e, portanto, como *desinteressadas*. Em particular, define como desinteressadas aquelas formas de troca que asseguram a *transubstanciação* pela qual os tipos mais materiais de capital - os que são económicos no sentido restrito - podem-se apresentar na forma imaterial de capital cultural ou capital social e vice-versa<sup>49</sup> (Bourdieu, 1986, pp. 15-16).

e) Prática

“(habitus) (capital) + champ = pratique” (Bourdieu, 1979, p. 112).

### 5.3 Enunciação da problemática e dos objetivos de investigação

Pela articulação dos pontos anteriores, estamos em posição de definir de seguida a problemática, isto é, definido o objeto de estudo e construído o campo de investigação que o situa espaço-temporalmente, é agora necessário colocar a problemática em termos substantivos, de forma a fundamentar a operacionalização das questões de investigação/hipóteses exploratórias e que sustentem os objetivos da pesquisa.

Em nossa opinião, a problemática estrutura-se em torno das dinâmicas de mudança posicional no(s) campo(s)/contexto(s) envolvido(s), após uma situação crítica de perda de emprego. De que modo os agentes envolvidos num fenómeno de despedimento coletivo conseguiram transformar (ou não) uma situação adversa, e retomar as suas trajetórias de vida, superando os impactos negativos deste processo? Poderá ser esta uma questão indutora de formalizações mais operacionais. De qualquer modo, em nossa opinião, o pilar central da investigação assenta numa problemática de mudança. Uma análise crítica do pensamento de Bourdieu, assim nos conduz a tal ilação.

---

<sup>48</sup> Tradução nossa.

<sup>49</sup> Tradução nossa.

Isto implica que, contrariamente à leitura comum de Bourdieu, como um “teórico da reprodução”, a reprodução de classe não é uma conclusão inaceitável, uma necessidade inerente do “sistema”, mas um resultado contestado (e, portanto, contingente) que tem de ser conquistado pelos dominantes sobre e contra as suas divisões internas, dúvidas e divergências, em adição à resistência ou recalitrância da parte dos dominados (e o que Leibniz chamava uma “verdade de fato”, por oposição a uma “verdade da razão”). “Luta”, não reprodução, é a metáfora-chave operante do pensamento de Bourdieu (Wacquant, 2007, p. 305).

É neste sentido da compreensão dos processos de transição que são implementados por desempregados, seja no sentido da criação do próprio emprego, seja optando por outro tipo de estratégias adaptativas depois de uma situação de despedimento coletivo, que entendemos que esta problemática se deve configurar. E assim sendo, os objetivos para esta investigação estruturam-se do seguinte modo:

1. *Identificar os fatores sociais (micro, meso e macro) que favoreceram ou não a decisão pelo autoemprego após o despedimento coletivo.*
2. *Compreender a forma como esses fatores sociais se relacionam e favorecem diferentes processos de transição pós despedimento coletivo.*

#### **5.4 Questão de investigação/hipótese exploratória de trabalho**

Já anteriormente nos referimos a questões/hipóteses exploratórias de trabalho que, de modo matricial, poderiam induzir a condução desta investigação. Convertem-se agora numa questão de investigação formalizada de modo compreensivo.

*De que modo os fatores sociais micro se articulam com fatores meso e macro e se manifestam em diferentes trajetórias após o despedimento coletivo?*

Colocada a questão de investigação, que pretende de um modo integrador condensar a complexidade das questões reflexivas até agora formuladas ao longo do texto, construímos uma hipótese de trabalho, que não serviu para confirmar ou infirmar (de acordo com o sentido epistemológico bourdieusiano), mas apenas sustentou a discussão dos resultados.

No que concerne à questão da utilização de hipóteses em estudos qualitativos, nomeadamente usando metodologia de estudos de caso, Levy (2008, p.6) afirma o seguinte:

While many scholars question the utility of case studies for hypothesis testing, qualitative methodologists emphasize that well-designed case studies can play a role in testing certain types of hypotheses. Eckstein (1975) emphasized the hypothesis-testing contributions of crucial case studies based on most/least likely case designs, and Lijphart (1975, p. 164) actually defined the comparative method as a “method of testing hypothesized empirical relationships. . .”

Atendendo à discussão sobre esta matéria, o uso de hipóteses neste estudo tem assumido sempre um caráter de hipóteses exploratórias de trabalho, e é nesse sentido que a seguir a apresentamos:

*A forma como os os fatores sociais micro, meso e macro se articulam, resultam em diversos padrões que nos permitem estabelecer modos de compreensão das diferentes estratégias adaptativas dos indivíduos face ao despedimento coletivo.*

Quanto à hipótese de trabalho formulada, apesar de apenas termos formulado uma, ela é complexa e merece a nossa breve clarificação. Assim, por fatores microssociais capazes de influenciar as trajetórias pós despedimento coletivo de autoemprego, entendemos características ligadas ao *habitus* e ao campo, como, por exemplo, o contacto prévio na socialização com trabalho independente e o apoio familiar capaz de prestar suporte financeiro para enfrentar o risco associado ao trabalho independente. Por fatores mesossociais, entendemos características e ideologias presentes nas instituições públicas e nas suas políticas sociais nacionais e locais de apoio, como, por exemplo, o acesso a condições favoráveis de financiamento e de formação. Finalmente, por fatores macrossociais, entendemos características ligadas a orientações ideológicas, eventos, modelos de desenvolvimento e organização dos sistemas económicos europeus, capazes de influenciar o quotidiano dos indivíduos em Portugal. Exemplos desses fatores são a tendência dos países membros da União Europeia para a crescente flexibilização e terciarização da economia. A hipótese formulada pretendeu captar a relação dinâmica que esperamos encontrar entre estes fatores, dando origem a diferentes tipos de estratégias adaptativas dos indivíduos face ao evento do despedimento coletivo.

## 5.5 Construção metodológica da pesquisa sobre a criação do próprio emprego por desempregados

De acordo com a reflexão epistemológica que temos situado criticamente ao longo do texto, devemos considerar que, segundo o espírito bourdieusiano, embora esta pesquisa não seja um “teste” ou aplicação direta do pensamento deste autor, o seu modelo é uma “teoria da prática da investigação”. A sua teoria é um “método” de estudo das práticas sociais, e os seus conceitos devem ser considerados como “ferramentas de pensamento”, sobretudo, não os entendendo como entidades discretas, mas em sinergia (*cf.*, Bourdieu & Wacquant, 1992a, b; Grenfell, 2008; Grenfell & Lebaron, 2014). A conceção de Bourdieu sobre os fenómenos sociais ultrapassa largamente a ortodoxia dualista de opormos teoria e método, ainda reinante em muita investigação social. Humildemente, procurámos seguir nesta pesquisa e na sua redação esse desiderato. Pensando relacionalmente, usando o que na sua terminologia entendia por “dúvida radical”, isto é, abstendo-nos de “preconceitos naturalizantes” e abrindo-nos à criatividade científica, embora cientes de que nos situamos sempre numa dupla ligação entre o conhecimento “oficial” sobre o objeto de estudo e a nossa própria imaginação e crítica. Esta “consciência” que nos *pre-ocupa* durante toda a construção e redação desta pesquisa, talvez seja uma via para aquilo que Bourdieu designou por “objetivação participante” (Bourdieu, 2003) do investigador enquanto *homo academicus*.

### 5.5.1 Síntese dos procedimentos metodológicos

Os procedimentos metodológicos utilizados, os quais anteriormente já foram esboçados, seguiram uma opção de estudo empírico de natureza qualitativa, através da condução de entrevistas semiestruturadas. A análise de conteúdo das entrevistas foi realizada através da aplicação da técnica de análise temática. Procurou-se recolher mais dados a partir de outras fontes de informação (descritas adiante), de modo a poder configurar a pesquisa como um estudo de caso, o que não se revelou fácil, conforme se relata mais à frente.

Em termos de operacionalização dos princípios metodológicos que Bourdieu advoga serem os mais adequados para se fazer investigação na sua perspetiva teórica, eles podem elencar-se, concretamente e em síntese, nas seguintes abordagens (*cf.* Thiry-Cherques, 2006), de acordo com o já exposto:

1. Em primeiro lugar há que definir o campo em análise, conforme já foi descrito. No caso presente o campo é laboral, definido de um modo lato. No entanto, dadas as características sistémicas dos campos, enquanto segmentos sociais, isto é, a interação com outros campos contextuais e recíproca co-construção, nesta investigação o campo constitui-se por várias unidades: o contexto profissional pré-despedimento coletivo, o contexto transicional no qual os participantes desenvolveram estratégias de resolução do problema do desemprego, e os diferentes contextos de chegada pós-desemprego - criação do próprio emprego, manutenção da situação de desemprego, reforma ou reemprego assalariado;
2. Nestes diferentes segmentos é necessário identificar os agentes e as respetivas dinâmicas posicionais, bem como as suas características de *doxa*, *nomos* e *illusio*, como ainda eventos críticos, interesses, outras características estruturais, etc.;
3. Conforme descrevemos anteriormente, a compreensão de um campo é interdependente da compreensão do respetivo *habitus* de referência, e vice-versa, nomeadamente, quanto ao seu *ethos*, *héxis* e *eidos*, e, portanto, haverá que inventariar igualmente estes conteúdos e possíveis efeitos de *hysteresis*;
4. A identificação dos capitais e das suas dinâmicas nos jogos de poder envolvidos nos campos é também imperativo na conceção bourdieusiana, e no caso, terá de ser realizada ao longo da evolução deste processo de transição;
5. Finalmente, reunidas as condições para definir exploratoriamente a problemática do(s) campo(s), e subsequente aparato de enunciação metodológica de objetos, objetivos e hipóteses, que nesta pesquisa se focará no contexto transicional em interação sistémica com os contextos pré e pós desemprego, inicia-se o detalhamento técnico-analítico da investigação.

### 5.5.2 “Atitude” de investigação

Do ponto de vista da “atitude de investigação”, a primeira ideia é a de que a pesquisa deve assumir autonomia de problematização, e não ficar refém de uma qualquer “falácia escolástica”, usando os termos bourdieusianos. Por outras palavras, deve ter um pensamento próprio. No entanto, e no contexto da complexidade epistemológica do autor, este pensamento não deve ser construído sobre “pré-conceitos” ou categorias pré-definidas. Também não se advoga uma atitude ingénuas, pelo contrário, obriga a uma reflexão intensa

e extensa, que procurámos realizar ao longo dos capítulos precedentes, numa lógica de articulação dialética entre a dimensão conceptual da problemática geral do trabalho na sociedade contemporânea, especificamente no que concerne às questões do desemprego e da criação do próprio emprego por desempregados, e a dimensão substantiva da própria pesquisa que versa a questão precedente num contexto de despedimento coletivo, a ser descrito em detalhe posteriormente<sup>50</sup>. Usando a terminologia deste modelo sociológico, é importante reforçar que o investigador torne consciente o mais possível do seu próprio *habitus* académico e científico e o explicita de forma clara, de maneira a que se torne compreensível o seu trabalho de estudo do campo a partir da sua observação e da análise dos discursos dos seus agentes.

Assim, a partir do seu “ponto de vista” é possível ao investigador criar o seu objeto de estudo e construir a definição do campo social a ser investigado, dentro de uma problemática de características sistémicas e complexas. Por outras palavras, ao investigador requer-se a criação de uma “teoria” e de um objeto teórico, constituído num conjunto de proposições logicamente articuladas sobre uma problemática. São condições para que o investigador, embora comprometido com a problemática, possa validar a sua investigação através de uma robustez epistemológica e conceptual. Anteriormente, já elencámos um conjunto de questões matriciais relativas à problemática, que implicitamente funcionam como guião de “uma teoria da prática” emergente da definição do problema/questão de investigação, que estão agora formalmente definidos, a par dos instrumentos conceptuais e metodológicos necessários para o seu desenvolvimento empírico.

### 5.5.3 Modelo analítico

Perante o que refletimos acima em termos de princípios e atitudes inerentes a esta abordagem sociológica e dos pressupostos metodológicos gerais e específicos, e diante desta problemática concreta, para respondermos à questão de investigação construída sobre o objeto de estudo, quer na sua dimensão teórica, quer na sua dimensão prática, pensámos que o mais adequado seria procurar responder a duas questões básicas, dentro deste processo de

---

<sup>50</sup> Como já referimos, procurou-se estabelecer uma lógica interna na pesquisa, como um processo de vaivém entre a dimensão conceptual e a dimensão empírica da problemática, num regime dedutivo dos conceitos para as questões de investigação, como, igualmente, num regime indutivo, quase “grounded” (cf., Glaser & Strauss, 1999), das variáveis previamente conhecidas do campo para os modelos teóricos, projetando hipóteses e antecipando factos.



transição laboral: Porquê alguns desempregados tomaram e implementaram a decisão de criar o seu próprio emprego (após o despedimento coletivo), e outros seguiram outras opções? Como é que esse processo se desenvolveu em termos individuais e sociais? Nas respostas a estas questões básicas, serão incrustadas todas as questões e hipóteses matriciais em torno da operacionalização possível dos principais conceitos de Bourdieu aqui utilizados. Esta abordagem configura-se, como já referimos, no método qualitativo de estudo de caso (*cf.*, Yin, 2010).

A utilização de uma metodologia de natureza qualitativa (para além da análise das variáveis sociodemográficas a nível individual e contextual, e da construção de esboços biográficos, como explicitaremos adiante), pelos seus pressupostos epistemológicos, facilita o requisito bourdieusiano de, através do carácter relacional da investigação (Vanderberghe, 1999), podermos ir montando a partir de conceitos globais as suas especificações locais e/ou particulares, conforme toda a lógica de explanação e redação desta tese, que procurámos adotar, numa perspetiva de mútua reflexividade, ou seja, a partir das especificidades do real, aprofundar e/ou reenquadrar a teoria.

Porque na perspetiva de Bourdieu o objetivo da investigação de cariz sociológico não é “provar” o realismo dos modelos criados, seja em termos de uma teoria sobre os agentes, ou sobre os campos, mas descrever fenomenológica e sistemicamente a realidade tal como ela é, partindo da observação e do discurso dos seus atores sociais. Dada a opção de se utilizar uma metodologia empírica qualitativa, a técnica de análise de conteúdo utilizada foi a de análise temática na busca de padrões sociais explicativos das opções laborais tomadas face ao desemprego. Uma análise categorial de conteúdo pressupunha uma visão mais nomotética, em nossa opinião não tão articulada com os princípios e atitudes da pesquisa bourdieusiana, conforme argumentaremos adiante, e a análise temática oferece, em contrapartida, uma maior flexibilidade de leitura dos dados. Esta análise referenciada à problemática, à questão de investigação, e a todo o aparato metodológico, para não ser realizada num vácuo de pensamento, a evitar segundo Bourdieu, foi articulada com um conjunto de hipóteses exploratórias, que guiaram a análise de conteúdo. De facto, uma tese sempre pressupõe hipóteses, mais ou menos formais e/ou implícitas, mais ou menos proposicionais e/ou embasadas no campo, pois são os seus alicerces; hipó-teses (em que *hypo*, etimologicamente derivada de *hypo*, significa o que sustenta).

#### 5.5.4 Mapas conceptuais-metodológicos

Conforme já referimos anteriormente, e no sentido de uma maior sistematização do enquadramento conceptual e analítico da investigação, apresentamos uma visualização gráfica da problemática em forma de mapas.

A abordagem sociológica de Bourdieu, apesar de ser um clássico de referência na Sociologia, nomeadamente na questão do dualismo agência-estrutura, é dotada de grande flexibilidade, e permite que os seus conceitos sejam adaptáveis a outros campos e problemáticas, e dentro desse espírito se possa inovar e desenvolver o seu pensamento. São exemplo obras de outros autores, também já renomados, como Boltanski e Thévenot (1991), Lahire (2002), Kaufman (2001), entre outros. Como afirmámos logo de início, não é nossa intenção construir uma teoria ou modelo bourdieusiano sobre o processo de criação do próprio-emprego por desempregados advindos de situações de despedimento coletivo, e muito menos produzir uma tese sobre Bourdieu a partir deste campo fenomenológico tão intrincado, mas tão só, de forma ensaiada e exploratoriamente, utilizar alguns dos seus conceitos primordiais para a compreensão analítica desta problemática. Existe, portanto, algum grau de “idealização sociológica” nesta tese, embora sem qualquer tipo de pretensiosismo científico e académico. Por essas razões, e de molde a tornar mais compreensível o esquema mental desta pesquisa, apresentamos de seguida esquemas diagramáticos do quadro conceptual, com as respetivas implicações metodológicas (*Figuras 1 e 2*).

Os mapas que agora se apresentam<sup>51</sup>, configuram-se como a representação operacional dos conceitos bourdieusianos sobre os quais temos vindo a refletir no contexto da problemática da criação do próprio emprego por desempregados advindos de uma situação de despedimento coletivo. Estes conceitos não pressupõem uma teoria do sujeito ou do mundo enquanto representação, mas como pensava Bourdieu, pretendem ser uma tradução da “realidade tal como ela é”. Do ponto de vista metodológico, não são “categorias” apriorísticas a descobrir por emergência nas entrevistas (até porque a perspetiva é construtivista), nem sequer são ainda temas, que só a análise de conteúdo dos discursos dos participantes poderá revelar. Funcionam no seu conjunto como um guião de orientação para

---

<sup>51</sup> Em pesquisa qualitativa, a apresentação de mapas visuais afigura-se como um instrumento bastante eficaz para a compreensão de modelos complexos (Blasius & Greenacre, 1998).

a análise das entrevistas, que facilitará a construção de temas e de padrões de ação. Certamente, nem todas as proposições conceituais suportarão a análise, sendo que algumas poderão, ou não, cimentar a interpretação dos dados e fundamentar epistemológica e teoricamente os padrões temáticos. Bem como será de esperar a construção de temas “fora” do enquadramento bourdieusiano. Por último, recorde-se, novamente, que a metodologia qualitativa de enquadramento geral no estudo empírico é o “estudo de caso”, que nos remete para duas questões fundamentais, permanentemente presentes na investigação, e que são, respetivamente, o porquê e o como da tomada e implementação da decisão de criar o próprio emprego, ou por contraste, não o fazer.

A este propósito, e segundo Baxter and Jack (2008, p. 545), o uso da metodologia do estudo de caso deve ser implementado nas seguintes condições

So when should you use a case study approach? According to Yin (2003) a case study design should be considered when: (a) the focus of the study is to answer “how” and “why” questions; (b) you cannot manipulate the behaviour of those involved in the study; [...] or (d) the boundaries are not clear between the phenomenon and context.

Devemos ainda referir que o uso da metodologia qualitativa de estudo de caso, neste caso concreto, significa estudo do “caso” das trajetórias decorrentes do evento do despedimento coletivo. Refira-se também que na presente investigação, embora a fonte privilegiada seja a das entrevistas, dado que o fenómeno em estudo é complexo, recorreu-se, igualmente, a fontes de observação direta, de dados sociodemográficos e dos contextos empresariais. Reconhecendo a sua reduzida dimensão em volume de dados, devida aos circunstancialismos da investigação, não deixaram de nos fornecer informações relevantes, incluindo para o processo de validação por triangulação<sup>52</sup>.

Pensamos assim, que no conjunto, nesta investigação se respeitam as premissas básicas do uso do estudo de caso, sendo que a entrevista sendo narrativa, e portanto contendo uma dimensão temporal retrospectiva, também se enquadra nas exigências metodológicas de Yin (2010).

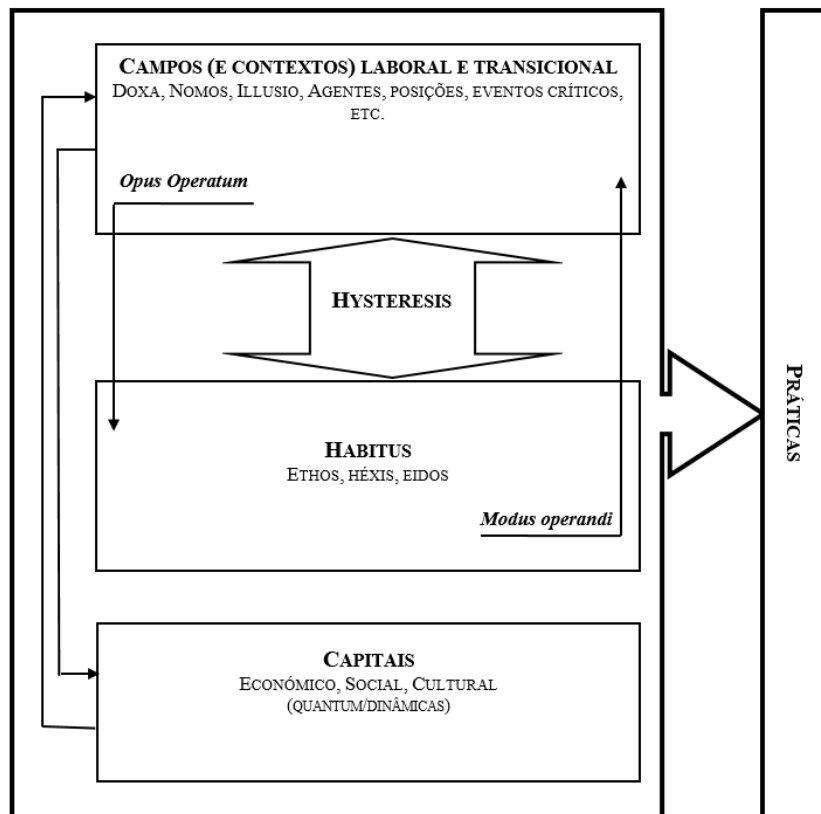
Consubstanciando o trabalho prévio de articulação teórica com as metodologias analíticas, apresentam-se agora os mapas conceituais-metodológicos. Deste modo, o

---

<sup>52</sup> Segundo a tipologia de Denzin (2009), na obra matricial *The Research Act*, existem quatro protocolos principais de triangulação: triangulação de dados (a que nos referimos nesta investigação), triangulação por pares/investigadores, triangulação teórica e triangulação metodológica (que também consideramos ter sido utilizada).

primeiro passo a executar na análise do material de observação e de entrevista é de natureza vertical (*Figura 1*).

Figura 1 - Mapa conceptual-metodológico para a análise temática vertical das entrevistas

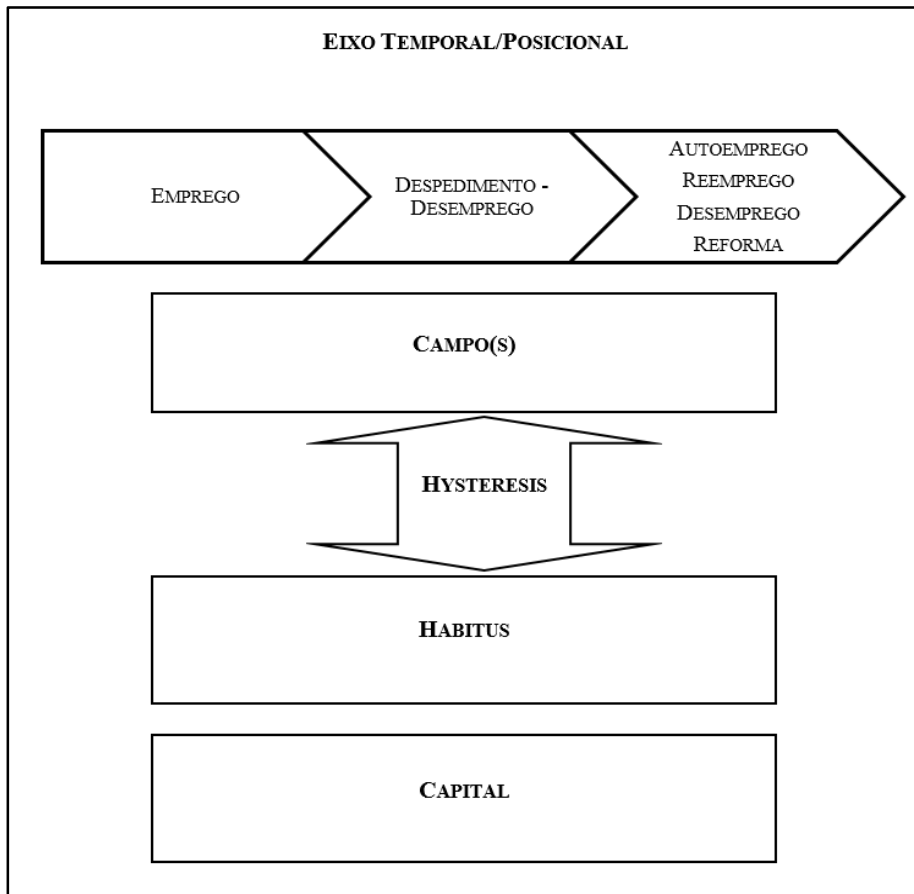


De acordo com o explicitado anteriormente, do ponto de vista epistemológico e conceptual, interessa construir temas relativos às realidades factuais do campo laboral (*doxa*, *nomos*, *illusio*, agentes, posições, redes interacionais, nível de autonomia, interesses, eventos críticos, etc.), do *habitus* (*ethos*, *héxis*, *eidos*), e do possível “efeito de *hysteresis*”, na interação entre o *opus operatum* e o *modus operandi*, respetivamente, dos capitais (económico, social, cultural) e suas dinâmicas (acumulação, transmissão, conversão), e das práticas. Estas últimas, enquanto estratégias construídas pelos agentes através da interação dos seus campos e *habitus*, e potencializadas pela quantidade e dinâmicas dos capitais.<sup>53</sup> Esta análise deverá, igualmente, atender à realidade de que estamos perante um processo de transição temporal e posicional (ou de construção de estratégias após o evento do

<sup>53</sup> De seguida serão apresentadas definições-chave das várias proposições conceptuais, enquadradas na reflexão já realizada, mas que pela sua economia de definição facilitarão o trabalho de localização teórica no sistema bourdieusiano das suas raízes teóricas, não obstante o seu carácter relacional, como já focámos.

despedimento coletivo), e por isso, reforçando, dotado de um eixo narrativo temporal, mas igualmente, posicional (*cf.*, *Figura 2*).

Figura 2 - Mapa conceptual-metodológico para a análise temática horizontal das entrevistas



Queremos com isto dizer que as entrevistas foram analisadas, simultaneamente, na sua totalidade, e nos segmentos temporais/posicionais [pré-despedimento//desemprego-transição//pós-despedimento-autoemprego/reemprego assalariado/manutenção do desemprego/reforma], diferenciando sempre os dois grandes grupos de participantes (autoemprego vs. outras escolhas).

O mapa que se apresenta na *Figura 2*, representa a lógica de análise horizontal das entrevistas. Como o processo de transição do desemprego para o autoemprego, ou outras opções de ação, segue um eixo temporal/posicional pré-despedimento-pós-desemprego (conforme detalhámos acima), é importante estudar a variação nos campos, *habitus*, capitais e práticas dos agentes de um modo longitudinal, cruzando com as suas práticas em função das suas escolhas e estratégias laborais.

Mas porque se trata de um processo de construção social longitudinal não poderíamos ficar apenas pelos campos laborais (e correlatos *habitus* e capitais) pré e pós desemprego. Há um período “entre”, de mediação, que nos desafiou. Será que um processo de transição possuirá as características de um campo bourdieusiano? Será que neste processo assistimos apenas a mudanças de posição e estatuto dos agentes no campo laboral? Ou de uma reconfiguração de campos? Ou de novas contextualizações sociais dos campos? Ou de deslocamentos do campo no espaço e tempo social? Quem são os agentes no processo de transição? Desempregados, entidades patronais, sindicatos, outros autoempregados (concorrência)? E quais as posições de dominância/dominação? Qual a *doxa*? Qual o “jogo” em questão? E como todo o campo pressupõe um *habitus* específico, qual, por exemplo, o seu *ethos*? O da luta, ou da reprodução? E o que sobrevém? Inércia, *hysteresis*, ou adaptação? E qual a importância dos capitais e a sua relevância específica? Estas questões são desafiantes, e embasadas em investigação prévia sobre a realidade das vivências de transição em desempregados (*cf.*, Almeida & Albuquerque, 2013). Por essa razão, arriscando o neologismo, criou-se a hipotética facticidade de um “campo transicional”, sobre o qual seria a análise dos dados a emitir parecer, independentemente das respostas às questões anteriores, que neste nível são apenas “indutoras” de uma reflexão mais crítica.

Para finalizar, devemos referir, novamente, que estes mapas conceptuais-metodológicos, enquanto meros analisadores da realidade social, não são para validar ou infirmar, mas para servirem também de material analítico de auxílio à discussão dos dados, e subsequentes reflexões sobre a problemática, quer do ponto de vista epistemológico-conceptual, quer do ponto de vista metodológico, quer do ponto de vista da discussão dos dados, e posteriores implicações teóricas e de intervenção social.



## 6. Metodologia: organização e procedimentos

### 6.1 Metodologia qualitativa de estudo de caso

Começaremos por reforçar a ideia de que optámos pelo uso de uma metodologia de investigação qualitativa, pelo facto de considerarmos que se ajusta mais ao perfil desta investigação, que podemos caracterizar por estruturalista-construtivista, onde o método do estudo de caso é uma das possibilidades indicadas pelos especialistas (*e.g.*, Patton, 1991; Colás, 1998; Creswel, 1998; Wengraf, 2000; Guerra, 2006; Günther, 2006; Aires, 2011; Denzin & Lincoln, 2011; Newman, 2011).

Recenseando, de modo breve, algumas das características essenciais das metodologias de investigação qualitativa (*cf.*, Silverman, 2000; Denzin & Lincoln, 2011), pensamos melhor fundamentar a opção específica do método de estudo de caso, em coerência com a estrutura conceptual-metodológica desta pesquisa. Assim, é possível segundo esta metodologia ir adequando o seu desenho em função do evoluir da pesquisa, o que, perante a complexidade da problemática abordada, se apresenta como uma vantagem. Em termos de “amostragem”, a opção pela intencionalidade na escolha dos participantes, vai, de igual maneira, no sentido da necessidade de o fazer nesta investigação. O carácter reflexivo que a análise e discussão de dados permitem, em termos qualitativos, é um contributo fundamental para a dimensão de reflexividade e emancipatória que se pretende (Finlay, 2003). Por último, a gama diversificada de processos de validação da análise dos dados, corresponde à diversidade das múltiplas fontes de informação que investigações deste cariz oferecem, não obstante terem sido as entrevistas aos participantes a fonte privilegiada e maioritária de geração de dados, considerando a complexidade do tema e a dificuldade na acessibilidade a outros contextos de recolha de informação, conforme se reporta adiante.

Quanto à metodologia do estudo de caso (*cf.*, Hamel, Dufour & Fortin, 1993; Yin, 2010), como já referenciámos anteriormente, ela permite responder a duas questões fundamentais: sobre *o que* se descreve nas entrevistas, podemos construir análises do *porquê* (motivações, razões) do fenómeno em estudo e do *como* (processos) se desenvolveu, em termos da tomada e da implementação da decisão. Estas questões adequam-se, em nossa opinião, à formulação das questões de investigação, e respetivas hipóteses exploratórias, para além de permitirem uma postura de reflexividade análoga à abordagem etnográfica (Creswell, 2014).



## 6.2 Análise temática de conteúdo (AT)

Tendo sido realizadas diversas entrevistas aos participantes do estudo, em termos de análise de conteúdo era necessário optar por uma técnica que mais se adequasse ao tipo de investigação em causa. A opção foi a da análise temática<sup>54</sup>, embora menos divulgada e utilizada em comparação com a análise categorial, mais clássica. A este propósito deve-se alertar para alguma confusão que reina na literatura sobre esta matéria<sup>55</sup>. A análise de conteúdo mais frequentemente usada assenta os seus principais procedimentos na categorização dos conteúdos das entrevistas. A opção técnica que empregámos na investigação é, diferentemente, uma análise temática; também se processa a partir da análise dos conteúdos das entrevistas, mas parte de pressupostos epistemológicos diferentes, como também utiliza procedimentos técnicos diferentes. O próprio protocolo de uso desta técnica obriga a uma breve descrição da mesma, como meio de declaração do investigador sobre o seu posicionamento epistemológico relativamente à análise das entrevistas (*cf.*, Boyatsis, 1998; Braun & Clarke, 2006, 2012, 2013; Fereday & Muir-Cochrane, 2006; Guest, MacQueen & Namey, 2012), e é o que apresentaremos de seguida.

Começaremos por referir que a análise temática é uma metodologia reconhecida como válida no panorama das abordagens qualitativas em ciências sociais, e não só (*cf.*, Given, 2008; ten Have, 2004). Para Braun e Clarke (2006, p. 79), a análise temática (AT) é uma excelente abordagem metodológica para: “...identifying, analyzing and reporting patterns (themes) within data. It minimally organizes and describes your data set in (rich) detail. However, frequently it goes further than this, and interprets various aspects of the research topic”.

Sendo que um tema se define do seguinte modo: “a theme captures something important about the data in relation to the research question and represents some level of patterned response or meaning within the data” (*op. cit.*, p. 82).

---

<sup>54</sup> A análise temática, descrita no texto na sua formulação “oficial”, sofreu algumas adaptações nesta investigação, função de algumas das suas particularidades, embora o seu enquadramento epistemológico fosse respeitado. A AT caracteriza-se por uma grande flexibilidade de aplicação.

<sup>55</sup> Embora tanto a análise categorial de conteúdo, como a análise temática, se construam sobre prévia codificação das unidades de análise, a primeira afigura-se mais “quantitativa”, podendo inclusive aplicar-se métodos de natureza estatística aos dados, enquanto a segunda é mais interpretativa.

Marshall e Rossman (1999, p. 150), por sua vez, caracterizavam a AT como “...bringing order, structure and interpretation to the most of collected data [...] It is the search for general statements about relationships...”.

A análise temática revela-se, em primeira instância, uma técnica dotada de grande flexibilidade interpretativa e bastante adequada ao estudo de práticas sociais, como aquelas que são objeto desta pesquisa. Distingue-se da análise categorial por se focar nas narrativas sobre o mundo fenomenal e não apenas sobre o fenómeno factual narrado (Vaismoradi, Turunen & Bondas, 2013). Pressupõe uma atitude ativa do investigador na leitura construtivista das narrativas, isto é, na construção de temas relevantes face ao enquadramento conceptual da investigação, muito mais para além do que uma mera quantificação de categorias. Ademais, a leitura das narrativas é realizada sempre de um modo holístico e integrativo, através do cruzamento das análises intracaso com as análises intercaso, sem a preocupação de categorizar e quantificar os temas construídos pela análise de conteúdo, que se nos afigura uma técnica mais reducionista. O carácter relacional da AT tem ainda como vantagem apresentar mais possibilidades de validação das suas análises, que ficam muito para além de critérios numéricos de concordância inter-pares, como apresentaremos adiante.

Em termos processuais, a AT possui um fluxograma complexo e rigoroso no seu protocolo de aplicação, com um conjunto de recomendações de controlo da qualidade bastante exigentes. Assim, após a transcrição das entrevistas inicia-se um processo de familiarização com as narrativas através da sua leitura global, num registo de análise fluante (Bardin, 2009). Mason (2002) recomenda que esta leitura, como todas as suas repetições, sejam feitas sequencialmente, aos níveis literal, interpretativo e reflexivo, podendo a análise centrar-se mais no conteúdo semântico manifesto, ou no conteúdo latente. Através deste procedimento vão gerar-se ideias indutoras para a construção de códigos iniciais sobre aspetos considerados relevantes, havendo desde logo a necessidade de extrair segmentos de texto exemplificativos. De seguida, pela conglomeração e síntese integradora de códigos relativos a esses aspetos considerados relevantes, dá-se início à construção de temas potenciais. Prossegue a análise com a revisão dos temas potenciais, contrastados com os excertos ilustrativos, encetando-se, nesse momento, a construção de mapas gráficos que explicitem esses temas e as suas interrelações. Os temas considerados definitivos deverão ser identificados (nomeados) e deverão providenciar uma descrição redigida de modo o mais

sintético possível<sup>56</sup>. Esses temas, em termos da sua validação interna, deverão possuir qualidades de coerência, consistência e distinção: coerência articulada com os extratos ilustrativos (com um balanço equilibrado no número de extratos por temas), consistência nas análises verticais e horizontais dos casos, e distinção relativa à sua não sobreposição, embora entruzados conceptualmente.

Como procedimento de controlo interno desta metodologia, existe um conjunto de práticas que nunca deverão ser esquecidas. Na análise temática, os temas não emergem ou são descobertos a partir do texto: eles são construídos numa dinâmica, simultaneamente, indutiva e dedutiva. Nunca poderão derivar dos conceitos que sustentam a definição da problemática da investigação; neste caso, os conceitos bourdieusianos utilizados servem apenas como referenciais teóricos, roteiro de interpretação crítica das análises, e não são temas, lembrando que, neste contexto, “a teoria é um método”. Do mesmo modo, os temas não deverão derivar de modo algum das perguntas do guião da entrevista e/ou dos seus eixos estruturantes, nem se constituírem como meras paráfrases do discurso dos entrevistados.

Por último, resta referir que a análise temática tem potencialidades de se articular com outras análises realizadas sobre as problemáticas em estudo, como verificaremos adiante. Em síntese, uma análise temática deverá, na sua redação final, ser capaz de responder às questões de investigação, adentro do enquadramento conceptual utilizado, ou por outras palavras, deverá ser capaz de “contar uma história” sobre os fenómenos estudados.

### **6.3 Entrevista: processo de construção e guião**

A utilização de entrevistas é um dos meios mais eficazes e utilizados em pesquisa qualitativa (*cf.*, Gillman, 2000; Bryman, 2004; Edwards & Holland, 2013). Para a presente investigação utilizámos a opção de entrevista “semiestruturada” (Leech, 2002; Cohen, 2006), a qual se adequa bastante à técnica de análise temática. Podendo ser definida como “...a series of questions administered by a researcher seeking to understand meanings in an interviewee’s life. It allows all participants the opportunity to be asked the same questions within a flexible framework” (Dearnley, 2005), ao estruturar-se como um processo de comunicação em dois sentidos, permite o uso da linguagem na sua função expressiva

---

<sup>56</sup> Em termos do número ideal de temas a construir numa pesquisa, embora ele não exista, existe algum consenso de que não deverá exceder 6, para que sejam coerentes, consistentes e distintos, e assim possuam qualidades proposicionais que os possam referenciar à literatura, onde a parcimónia é uma exigência científica.

(Ramos, 2013). Constando de um guião formal de questões abertas (open-ended), facilita o aprofundamento, simultaneamente, objetivo e ideográfico, dos fenómenos em apreço, o que poderá produzir material suficientemente rico para a construção de temas. Sob este enquadramento, apresentamos de seguida os procedimentos relativos à sua construção e o respetivo guião<sup>57</sup>.

De acordo com a definição da problemática e das questões de investigação, a entrevista foi organizada segundo grandes eixos indutores, construídos em torno do objeto de investigação e dos objetivos desta. Estes eixos ou vetores organizadores estavam divididos em dois blocos: o primeiro bloco era comum aos dois grupos de participantes (identificados como A e B) e focava a trajetória social dos entrevistados. O segundo bloco focava a trajetória específica dos dois grupos de entrevistados depois do despedimento coletivo - A: trajetória de criação do próprio emprego, e B: outras trajetórias depois do despedimento coletivo.

Relativamente ao primeiro bloco - trajetórias sociais dos entrevistados, este era composto por 6 eixos comuns a todos os entrevistados e pretendia avaliar, numa perspetiva comparativa, fatores que pudessem estar relacionados com os dois tipos de trajetórias estudadas.

O eixo 1 focava as origens sociais, isto é, pedia aos entrevistados que falassem da sua família de origem e das condições socioeconómicas na infância/adolescência. Este bloco era composto por um conjunto de questões que focavam aspetos como: composição do agregado familiar de origem; local de residência (urbano/rural); profissão e escolaridade dos pais e dos irmãos; expectativas familiares sobre si; condições de vida durante a infância e a adolescência; episódios marcantes nesta fase que tenham influenciado o seu percurso de vida; contato com trabalho independente na família. O objetivo era avaliar a influência das origens sociais para o tipo de percurso laboral posterior ao despedimento coletivo.

O eixo 2 focava a escolaridade e qualificações, isto é, pedia aos entrevistados que falassem dos seus percursos escolares e formativos e que importância tiveram ao longo das suas trajetórias. Este bloco era composto por um conjunto de questões que focavam aspetos como: percurso formal escolar (superior, obrigatório, básico + qualificações + experiências que consideravam que elevaram o seu capital cultural); formações; importância da escola

---

<sup>57</sup> Por questões de natureza logística não foi possível realizar um pré-teste ao guião de entrevista, situação que consideramos ser uma limitação metodológica.

para os participantes e para a sua família; participação escolar, atividades e interesses). O objetivo era avaliar a influência do percurso escolar e formativo para o tipo de percurso laboral posterior ao despedimento coletivo.

O eixo 3 focava o agregado familiar do entrevistado e nele era pedido aos participantes que se focassem em questões acerca de: composição do agregado familiar atual (no caso de existir); comparação com família de origem (auto-perceção das condições de vida atuais relativamente à família de origem); experiências de autoemprego (dos participantes ou de outros familiares); escolaridade e profissão do cônjuge; filhos (quantos e idade); responsabilidades familiares (cuidado de familiares e despesas); residência atual (muita ou pouca oferta de emprego, mercado de trabalho). O objetivo era avaliar a influência do agregado familiar para o tipo de percurso laboral posterior ao despedimento coletivo.

O eixo 4 focava o percurso laboral e estava dividido em duas partes. A primeira parte abordava o histórico das funções e setores de atividade das empresas onde tinham trabalhado os participantes até à fábrica ser encerrada/deslocalizada. Esta parte focava questões sobre: idade que tinha quando começaram a trabalhar; setores de atividade onde trabalharam; pessoas e episódios marcantes; climas organizacionais (amigável, conflituoso); funções desempenhadas; conhecimentos importantes nesta época que foram posteriormente úteis no percurso laboral (fornecedores, chefias e clientes). A segunda parte abordava a caracterização do percurso laboral na fábrica encerrada/deslocalizada. Esta parte incluía questões acerca de: setor de atividade da fábrica; percurso nessa empresa; quanto tempo lá trabalhou; funções desempenhadas; clima organizacional (amigável, conflituoso); como decorreu o encerramento (sinais de que algo não estaria a correr bem na empresa); quantos trabalhadores foram despedidos; relação com colegas despedidos; ambiente geral aquando do encerramento; experiência subjetiva associada ao despedimento coletivo. O objetivo deste eixo era avaliar a influência do percurso laboral para o tipo de estratégia de superação posterior ao despedimento coletivo.

O eixo 5 focava as sociabilidades, redes e afetos e era pedido aos entrevistados que falassem das suas redes de suporte e atividades importantes para o sujeito. Este bloco era composto por um conjunto de questões que focavam aspetos como: o que gostava de fazer fora do trabalho (atividades e lazeres); pessoas importantes na sua vida; episódio mais marcantes na vida; atividade social e envolvimento na comunidade; instituições que marcaram e marcam o percurso de trabalho; perceção das condições de vida (confortável,

com dificuldades, satisfatório) + (casa própria, alugada) + (empréstimos ou créditos, pagamentos em atraso ou dívidas); pessoas que mais o/a influenciaram e/ou ajudaram no percurso profissional; pessoas próximas com trabalho independente. O objetivo deste eixo era avaliar a influência das sociabilidades e redes para o tipo de percurso laboral posterior ao despedimento coletivo.

O eixo 6 focava a experiência de desemprego e a relação dos entrevistados com os serviços de apoio no desemprego. Era pedido aos entrevistados que falassem da sua experiência de desemprego que resultou do processo de despedimento coletivo (e outras). Este bloco era composto por um conjunto de questões que focavam aspetos como: frequência e duração do desemprego (quantas vezes e quanto tempo); se tinham recebido indemnização; relação com técnicos de emprego e sindicato; se teve direito a subsídio de desemprego; estado de espírito (desalento, preparado, etc.); outros apoios (família, amigos, colegas). O objetivo deste eixo era avaliar a influência da experiência de desemprego e do tipo de apoio obtido no desemprego para a construção do percurso laboral posterior ao despedimento coletivo.

O segundo bloco focava a trajetória específica dos dois grupos de entrevistados depois do despedimento coletivo - A: trajetória de criação do próprio emprego, e B: outras trajetórias depois do despedimento coletivo.

Na trajetória A - trajetória de criação do próprio emprego - as questões estavam diretamente relacionadas com aspetos ligados ao autoemprego e estava dividido em duas partes: antecedentes da implementação do autoemprego e concretização do autoemprego. A primeira parte era acerca dos antecedentes da implementação do autoemprego e focava questões acerca de: contexto de surgimento da ideia (circunstâncias); motivações para o autoemprego; de quem tinha partido a ideia (para o autoemprego e da área de negócio); contatos institucionais preliminares (informação e ajuda obtida no planeamento e construção da candidatura); dificuldades; recursos materiais e imateriais mobilizados; instituições mais importantes nesta fase; pessoas importantes nesta fase. A segunda parte focava a fase em que os entrevistados já estavam estabelecidos por conta própria e centrava-se em questões acerca: das dificuldades sentidas nesta fase; estratégias de superação.

Na trajetória B - outras trajetórias depois do despedimento coletivo - as questões eram mais abertas, pois existia a necessidade de perceber as trajetórias seguidas (na altura da entrevista apenas sabíamos que os entrevistados não tinham criado o próprio emprego).

Perante a potencial diversidade de trajetórias e de circunstâncias envolvidas, as questões foram organizadas em torno dos seguintes tópicos: quais as maiores dificuldades com que se depararam após o despedimento coletivo; que estratégias acionaram para superar essas dificuldades; que apoios se revelaram mais importantes nesta altura; quais as expectativas no momento do desemprego (como foram evoluindo) e atualmente; que oportunidades de emprego têm surgido (e como); se alguma vez ponderou criar o próprio emprego (e porquê)? Tendo em consideração que esta parte do guião de entrevista foi construído sem saber que tipo de outras trajetórias iriam surgir no decorrer das entrevistas, o diário de campo<sup>58</sup> revelou-se uma ferramenta indispensável de reflexão, que ajudou a aprimorar o guião à medida que este ia sendo aplicado. No final, pudemos verificar dois tipos de trajetória B: os que se reempregaram no mercado assalariado e os que se reformaram (avaliação que se baseia na situação atual dos entrevistados).

Para concluir, a todos os entrevistados era pedido para fazerem uma breve avaliação das suas trajetórias de vida. Tarefa que revelou diferentes níveis de eficácia entre os entrevistados (questão que será discutida no ponto 8.2).

Quanto ao guião da entrevista, este organizou-se sequencialmente nos seguintes itens:

- Pergunta de abertura (pede para que os entrevistados descrevam as suas trajetórias de vida até à atualidade – uma questão que exigia grande capacidade reflexiva e de síntese por parte dos entrevistados);
- Origens sociais (que considera, entre outras dimensões, a experiência com o autoemprego dentro do círculo familiar);
- Percurso escolar e formativo (que analisa o desenvolvimento da educação do indivíduo e as suas potenciais implicações para a entrada no autoemprego);
- Percurso laboral (que explora as transições laborais e funções desempenhadas até ao despedimento coletivo e como essas experiências podem ter influenciado a entrada no autoemprego);
- Redes de suporte (que analisa as principais redes de suporte material e imaterial mobilizadas pelos entrevistados na persecução dos seus objetivos ou superação de dificuldades);

---

<sup>58</sup> Também considerado como fonte de informação, útil na reflexão integrada sobre os dados.

- Experiência de desemprego (que explora a forma como o desemprego foi vivenciado e interpretado pelos entrevistados);
- Criação do próprio emprego (após despedimento coletivo) (que explora as circunstâncias, processos e fatores envolvidos na decisão de criar o próprio emprego);
- Outras trajetórias (após despedimento coletivo) (que explora os objetivos traçados pelos entrevistados depois do despedimento coletivo e principais dificuldades/obstáculos sentidos na sua persecução);
- Eventos marcantes (que explora, ao longo da trajetória de vida dos entrevistados, acontecimentos que influenciaram a forma dos sujeitos interpretarem os seus percursos de vida).

O guião de entrevista, na sua forma operacional, é apresentado no Anexo I.

#### **6.4 Processo de recolha de dados**

O processo de recolha de dados foi realizado maioritariamente através da realização de entrevistas, embora da sua preparação constem as seguintes atividades preliminares.

A iniciação da aproximação com o “terreno” foi realizada através do contato com a delegação regional da central sindical CGTP. A escolha desta central sindical prendeu-se com o conhecimento prévio que a investigadora possuía acerca do papel importante que esta organização desempenhou nas negociações com as entidades patronais das empresas encerradas/deslocalizadas e de apoio aos trabalhadores dessas empresas.<sup>59</sup>

Inicialmente, a investigação pretendia focar indivíduos advindos de empresas encerradas/deslocalizadas entre 2000 e 2009. Este período foi pensado devido à grande incidência de encerramentos de empresas no distrito de Coimbra. Pretendíamos recolher os potenciais participantes a partir das bases de dados dos sindicatos, privilegiando empresas com diferentes dimensões (análise feita através do número de trabalhadores despedidos). Este desiderato não foi possível de atingir, por vários motivos, conforme será explicado mais adiante.

Depois da investigadora reunir com o coordenador da União dos Sindicatos de Coimbra (USC) afeta à CGTP-IN, e deste ter mostrado interesse em colaborar com a

---

<sup>59</sup> Outras organizações foram consideradas enquanto fontes de informação, mas como referimos no texto, esta, pela sua experiência no campo em análise, foi a opção.



investigação, foi tempo de entrar em contato com os sindicatos de três áreas, nomeadamente: Sindicato dos Trabalhadores Têxteis, Lanifícios, Vestuário, Calçado, Estofos, Cordoaria, Lavandarias e Afins do Centro; Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias de Cerâmica, Cimentos, Construção, Madeiras, Mármore e Similares da Região Centro; Sindicato Nacional dos Trabalhadores da Agricultura e das Indústrias de Alimentação, Bebidas e Tabacos. Estes sindicatos foram selecionados porque foram setores outrora basilares da indústria conimbricense.

Segundo Santos (1997), os reflexos da Revolução Industrial apenas foram sentidos em Coimbra no início do século XX. Situação relacionada com a melhoria das acessibilidades, proporcionada pelo aparecimento das linhas férreas e dos transportes rodoviários. Neste período, segundo o autor, o processo de industrialização desenvolveu os setores têxtil, da cerâmica, e dos produtos alimentares, bem como as artes gráficas e tipografias (sobretudo ligadas à presença da universidade). A riqueza florestal permitiu igualmente a instalação de numerosas carpintarias.

Como foi referido, não foi possível recolher a amostra da forma inicialmente pensada, porque os serviços dos vários sindicatos não tinham muitos contatos dos ex-trabalhadores pretendidos. Assim, perante a impossibilidade de fazer uma amostragem aleatória, decidiu-se recorrer aos contatos que os sindicatos ainda conservavam de alguns ex-trabalhadores. Podemos dizer que foi uma amostra por conveniência, uma vez que seria muito difícil conseguir potenciais participantes de outra forma. Assim, recorreremos aos contatos pessoais e institucionais a que os funcionários dos sindicatos conseguiram aceder (por motivos de amizade, ou porque ainda colaboravam com o sindicato, ou porque tinham frequentado formações do sindicato, etc.).

Tendo em mente os critérios de seleção dos dois grupos (A e B), foram selecionados 12 entrevistados. 6 indivíduos advindos de uma situação de despedimento coletivo que tinham tentado criar o próprio emprego e 6 indivíduos advindos de uma situação de despedimento coletivo que nunca tivessem tentado criar o próprio emprego. Depois de vários contatos através dos sindicatos, foi possível reunir um grupo que respeitasse os critérios de seleção. Através deste método, conseguimos, igualmente, assegurar diversidade em termos de setores de atividade secundária, nomeadamente: setor alimentar e de bebidas (Fábricas Triunfo: 4 casos - 2 do grupo A e 2 do grupo B), (Central de Cervejas - 1 caso no grupo B); setor da construção, mármore e cerâmicas (Mármore Batanete - 2 casos - 1 do grupo A e

1 do grupo B), (Cerâmicas de Souselas - 1 caso no grupo A), (Estaco - 2 casos - 1 no grupo A e 1 no grupo B); e setor têxtil (Penacovex - 1 caso no grupo A), (USID - 1 caso no grupo B). Desta forma, pensamos que conseguimos garantir a relativa igualdade de circunstâncias relativamente aos setores de atividade entre os dois grupos - ambos estavam representados pelos mesmos setores de atividade de origem.

Relativamente aos procedimentos éticos (Associação Portuguesa de Sociologia, 1992), antes de dar início às entrevistas, foi explicado aos entrevistados os objetivos da investigação e foi assegurada a confidencialidade dos dados recolhidos através da assinatura da declaração de consentimento informado (*cf.*, Anexo II). Para assegurar esta confidencialidade, explicou-se, ainda, que os nomes dos entrevistados, que poderiam levar à sua identificação, iriam ser substituídos por nomes fictícios ou códigos.

As entrevistas foram gravadas em formato áudio, transcritas na íntegra e posteriormente foram analisadas seguindo os procedimentos a que já aludimos. As entrevistas decorreram, na sua maioria, nas instalações de uma central sindical, nos negócios próprios, ou nas residências dos entrevistados. A duração das entrevistas variou entre os 51 minutos e as 4 horas e 8 minutos, sendo que a duração média das entrevistas foi de cerca de 2 horas e 29 minutos. Na totalidade, recolheram-se 27 horas e 56 minutos de registo áudio nas 12 entrevistas que foram realizadas.

Durante o processo de entrevista, foram registados apontamentos de observação relativos à entrevista (dificuldades de comunicação, ambiente familiar, laboral, atitude do entrevistado, etc.), os quais serão relatados sistematizadamente no ponto 8.2.

Posteriormente, depois de construídos os esboços biográficos, a investigadora voltou a contactar telefonicamente os entrevistados no sentido de devolver os resultados das entrevistas e de confirmar algum dado que poderia estar incorreto. Não foi possível realizar este procedimento com todos os entrevistados - em alguns casos, as pessoas afirmaram confiar na investigadora e não precisarem de verificar as biografias e noutros os entrevistados não atenderam as chamadas. Num caso, a investigadora marcou presencialmente com o entrevistado, porque este não tinha endereço de correio eletrónico e preferiu discutir presencialmente essas questões.



## 7. Participantes

### 7.1 Critérios de escolha

A escolha dos participantes, a que vulgarmente se apelida de “amostragem”<sup>60</sup>, foi realizada de um modo intencional. O que Olabuénaga (1996) designa por “amostragem opiniática”. O que quer dizer que a “seleção” dos participantes recaiu sobre indivíduos que, a partir do seu historial e vivência laboral, poderiam ter um conhecimento mais aprofundado do fenómeno em investigação. Neste caso, foram desempregados num processo de despedimento coletivo, mas todos com experiência sindical prévia. O sindicalismo, como expressão de “consciência de classe” (MacKenzie, Stuart, Forde, Greenwood, Gardiner & Perrett, 2006), poderá ter, assim, efeitos sobre um maior conhecimento crítico da realidade laboral vivida, independentemente das trajetórias percorridas pós-despedimento. Esta opção teve como intuito a reunião de um grupo mais informado ao nível de direitos e deveres laborais, o que o pode ter tornado mais homogéneo<sup>61</sup> e, igualmente, facilitando a análise temática. A diversidade nos participantes está, no entanto, assegurada, dado que foram constituídos dois subgrupos: os desempregados que criaram o seu próprio emprego, e aqueles que não o fizeram. Este procedimento tem ainda uma vantagem de validação da pesquisa, pois os segundos poderão funcionar como “casos negativos”<sup>62</sup>, ressaltando a conotação prejudicial que possa implicar (*cf.*, Colás & Buendia, 1992; Colás, 1998; Günther, 2006).

Em termos do número de participantes, estes foram 12 (como já referimos), divididos em 2 grupos de 6: os participantes que após o despedimento encetaram um percurso conducente à criação do próprio emprego e os participantes que na mesma situação se reempregaram, reformaram, ou continuavam desempregados algum tempo depois do despedimento. Deste modo, pensamos ter reunido um conjunto de indivíduos que nos possibilitava a compreensão dos fatores ligados à transição. Embora haja regras para cálculo

---

<sup>60</sup> No caso, o termo “amostragem” não faz sentido, pois o grupo de participantes não pretende ser representativo de uma determinada população, bem como o enquadramento da investigação não busca generalizações da análise dos dados.

<sup>61</sup> Apesar da não inclusão de trabalhadores não sindicalizados possa constituir uma ameaça à validade externa do estudo, conforme já referimos, pelo objetivo da investigação pretendeu-se trabalhar com o grupo mais homogéneo e potencialmente mais consciente da realidade laboral.

<sup>62</sup> A utilização da terminologia “casos negativos” é feita no contexto do método de escolha dos participantes. Neste caso, os casos negativos assemelham-se a um grupo de controlo que permitiu aprofundar o conhecimento sobre o objeto de estudo (Uwe, 2006).

do número de participantes em pesquisas qualitativas, elas obrigam ao conhecimento de metadados provenientes de investigações análogas (Malterud, Siersma & Guassora, 2016). Por exemplo, ao empregarmos a técnica de análise temática, teríamos de dispor de dados sobre o número médio de temas construídos em pesquisas equivalentes, face à extensão em número de palavras transcritas, etc. (*cf.*, Fugard & Potts, 2015); embora tivesse havido um esforço de pesquisa bibliográfica nesse sentido, não foi possível apurar esses metadados. Continuando ainda numa abordagem numérica de validação do número de participantes, atendendo ao facto da investigação ser realizada apenas por um investigador, e destinando-se a um aprofundamento ao nível da elaboração de uma tese de doutoramento, calcula-se que a partir de 10 entrevistas se está dentro de parâmetros de validação dos dados obtidos (*cf.*, Braun & Clarke, 2013). De qualquer modo, quando se analisa o tema do número de entrevistas em estudos qualitativos em face de objetivos de saturação, paradoxalmente, entramos no reino da pura especulação, conforme Mason (2010) ou O'Reilly e Parker (2012) nos alertam. Além do mais, devemos testemunhar que estamos perante a presença de variáveis muito complexas, e que por esse motivo esta investigação é uma aproximação e contributo exploratório do campo em causa.

No caso da presente investigação, e atendendo ao seu enquadramento conceptual-metodológico, o conceito de saturação, como um dos métodos de validação da análise, parece-nos que deve seguir uma opção diferente: a da saturação, simultaneamente, descritiva e teórica. Isto é, quando não são necessárias mais fontes de informação para descrever os temas construídos (descritiva) (Rebar, Gersch, Macnee & McCabe, 2011), e quando também não são necessárias mais fontes de informação para compreender a inter-relação entre os temas (teórica) (Charmaz, 2006). É nossa opinião que na nossa pesquisa conseguimos atingir estes dois critérios, isto é, consideramos que recolhemos informação suficiente que permitirá a replicação do estudo (Fusch & Ness, 2015), embora cientes que só uma validação por triangulação suficientemente robusta poderá consolidar este argumento, conforme atrás já explicitámos.

Para além destas razões, a diversidade de trajetórias dos participantes assegurou que não seguíssemos o caminho da relação causal direta entre desemprego, como fator desencadeador, e a criação do próprio emprego (já discutido na Parte I) e abríssimos a pesquisa a um maior aprofundamento reflexivo.

## 7.2 Caracterização sociodemográfica

As variáveis sociodemográficas utilizadas para caracterizar os entrevistados foram o género, a idade, o estado civil, o nível de escolaridade e a situação laboral. Com estas variáveis foi possível estabelecer diferenças sensíveis quanto a percursos e decisões, conforme se descreverá mais à frente.

O grupo de entrevistados foi constituído por 12 sujeitos, 9 do sexo masculino e 3 do sexo feminino<sup>63</sup> (cf., Quadro I). Conforme já referimos, os entrevistados foram divididos em dois grupos: grupo A - entrevistados advindos de uma situação de despedimento coletivo e que criaram o próprio emprego depois da deslocalização/encerramento da empresa; e, grupo B - entrevistados advindos de uma situação de despedimento coletivo e que seguiram trajetórias laborais que não incluem a criação do próprio emprego.

O Quadro I oferece uma visão geral das características dos entrevistados relativamente à idade, género, escolaridade, estado civil, identificação da empresa encerrada e situação laboral atual.

Quadro I - Caracterização sociodemográfica dos participantes

	<b>Idade</b>	<b>Género</b>	<b>Escolaridade</b>	<b>Estado civil</b>	<b>Empresa encerrada</b>	<b>Situação atual</b>
<b>A 1</b>	49	Masculino	Ensino secundário (12º ano)	Casado	Triunfo	Autoemprego
<b>A 2</b>	65	Masculino	Ensino superior (licenciatura)	Casado	Estaco	Reformado/Trabalhador independente como formador
<b>A 3</b>	48	Masculino	Ensino básico (4ª classe)	Casado	Mármore s Batanete	Reformado por invalidez/ Autoemprego

<sup>63</sup> Das 3 participantes femininas, duas optaram por uma trajetória de criação do próprio emprego, o que é uma constatação a analisar posteriormente, e sobretudo a ter em linha de conta em futuros estudos, centrando a análise também nas questões de género quanto ao autoemprego.

<b>A 4</b>	63	Feminino	Ensino básico (4ª classe)	Casada	Triunfo	Autoemprego
<b>A 5</b>	60	Masculino	Ensino secundário (12º ano)	Casado	Cerâmicas de Souselas	Reformado/Autoemprego
<b>A 6</b>	41	Feminino	Ensino secundário (12º ano)	Casada	Penacoves	Autoemprego
<b>B 1</b>	67	Masculino	5º ano	Casado	Estaco	Reformado
<b>B 2</b>	61	Masculino	Ensino secundário (12º ano)	Casado	Triunfo	Trabalhador por conta de outrem
<b>B 3</b>	54	Masculino	Ensino básico (4ª classe)	Casado	Mármore s Batanete	Trabalhador por conta de outrem
<b>B 4</b>	67	Feminino	9º ano	Divorciada	USID	Reformada
<b>B 5</b>	60	Masculino	6º ano	Casado	Triunfo	Reformado por invalidez
<b>B 6</b>	65	Masculino	12º ano	Casado	Central de Cervejas	Reformado

### 7.3 Breve descrição das empresas de origem dos participantes

A caracterização socio-organizacional das empresas encerradas/deslocalizadas é, igualmente, uma fonte de informação importante, pois os dados sobre as suas culturas organizacionais (Schein, 1985) e os modos como foram vivenciadas, isto é, os seus climas organizacionais (Schneider, 2000), podem trazer contributos para uma melhor compreensão das experiências de emprego/desemprego anteriores à criação do próprio emprego, ou outro percurso laboral/vida.

As “biografias” destas fábricas estão fortemente enraizadas na própria história da indústria transformadora portuguesa. A década de 2001 a 2010 foi um período “negro” para Coimbra, tendo a cidade e a região perdido cinco grandes indústrias: a Triunfo e as Cerâmicas Estaco em 2001, as Fábrica de Cervejas de Coimbra em 2002, as Porcelanas de Coimbra em 2005 e a Ceres em 2010.

Contudo, os processos de reestruturação destas empresas já se iniciaram na década de 80, com a entrada de Portugal na União Europeia e a consequente dificuldade de adaptação a um mercado globalizado. A par da introdução de modelos produtivos mais flexíveis na indústria transformativa, o movimento de privatização (caso da Central de Cervejas e das Cerâmicas de Souselas) deixou empresas desprotegidas, que laboravam sob um modelo produtivo tradicional fordista-taylorista (embora nunca plenamente implementado<sup>64</sup>).

Segundo Santos (1997), todas estas alterações tiveram grande impacto na economia portuguesa. A integração de Portugal no Mercado Único Europeu significou, para os agentes económicos nacionais, um ambiente de concorrência aberta e livre a que não estavam habituados. Esta análise é pertinente uma vez que a maioria dos entrevistados da amostra começaram a trabalhar antes do 25 de Abril e todos integraram fábricas que laboravam num modelo de produção de inspiração fordista-taylorista (*cf.*, Rodrigues & Mendes, 1999).

Segundo Santos (1997), em Portugal, a indústria transformadora foi a principal responsável pelo aumento de emprego verificado até à primeira metade dos anos 80. A partir dessa altura, essa tendência alterou-se, verificando-se o crescente peso do setor terciário na economia, contexto de enquadramento das vivências dos participantes desta investigação.

Passamos agora a uma breve descrição das empresas de origem dos participantes:

Fundadas em 1923, as Fábricas Triunfo estão enraizadas na própria história da indústria transformadora conimbricense. As fábricas Triunfo integravam a produção de bolachas, massas alimentícias, rebuçados e “drops”, descasque de arroz e rações para animais. Tinham delegações no Porto, Abrantes e Faro. Em 1974 abre mais uma fábrica em Carnaxide. Na década de 1970, chegaram a empregar mais de um milhar de trabalhadores.

Em 1994, a Triunfo é comprada pela Nutrinvest (Grupo Mello). Assim como a Nacional e a Proalimentar. Em 2001, as fábricas de Carnaxide e Coimbra foram

---

<sup>64</sup> *cf.*, Rodrigues e Mendes (1999). *História da Indústria Portuguesa: da Idade Média aos nossos dias* (pp. 365-367). Mem Martins: Publicações Europa-América.



deslocalizadas, passando a produzir apenas em Mem Martins. Deixou 170 trabalhadores no desemprego em Coimbra<sup>65</sup>.

No final de um processo que durou cerca de seis anos, a 24 de outubro de 2001, foi sentenciada a falência das Cerâmicas Estaco, deixando cerca de 270 trabalhadores no desemprego. Fundada em 1946, a Estaco chegou a empregar cerca de mil trabalhadores e a deter uma unidade de produção em Moçambique. Localizada na chamada zona industrial da Pedrulha, a fábrica produzia para exportação e para o mercado nacional três produtos – azulejo, sanitário e pavimento - o que lhe conferia uma posição de destaque a nível setorial, nacional e, mesmo, internacional.

A Mármoreos Batanete era uma fábrica no setor da cerâmica e da construção. Declara falência em 2008, deixando 50 trabalhadores no desemprego, não havendo mais informação pública sobre a empresa<sup>66</sup>.

A fábrica Cesol, Cerâmica de Souselas (Coimbra), foi fundada em 1947. No início da década de 1990 passou a integrar o grupo Apolo Cerâmicas, tendo as suas instalações sido deslocalizadas em 2004 para Aguada de Baixo, no concelho de Águeda. Em Fevereiro desse ano a Apolo Cerâmicas passou a integrar o grupo CeramicApolo, que por sua vez veio a integrar-se na Aleluia Cerâmicas em 2006. Também não ficou mais informação pública sobre a empresa<sup>67</sup>.

Após seis anos de laboração, a fábrica Penacovex fechou portas com centenas de milhares de euros de dívidas às Finanças e Segurança Social. Encerra em 1996, deixando 42 trabalhadoras no desemprego. Em seis anos, a fábrica teve três proprietários e, na fase inicial, chegou a empregar noventa e oito operárias.

A USID (ex-Colsi) era uma fábrica da indústria têxtil e confeções, localizada em Antanhol. Encerra em 2010, deixando cerca de 160 trabalhadores no desemprego. Igualmente, não resta mais informação disponível.

---

<sup>65</sup> Em 2004, a Nutrinveste vende a fábrica e as marcas à United Biscuits. Em 2006, a Mondeléz International (ex-Kraft Foods) adquire o negócio de bolachas à United Biscuits, incluindo a unidade fabril de Mem Martins e as marcas portuguesas Triunfo e Proalimentar. Em 2016, a multinacional Mondeléz decide então encerrar a fábrica e deslocalizar a produção para a sua nova fábrica em Opava, na República Checa, lançando quase 100 pessoas no desemprego.

<sup>66</sup> cf., <https://www.publico.pt/local-centro/jornal/plano-de-recuperacao-dos-marmores-batanete-despede-31-trabalhadores-27695>; <http://politicaehouse.blogspot.pt/2006/09/mais-empresas-fecharem-em-coimbra.html>.

<sup>67</sup>cf.,[https://www.academia.edu/14897604/Freguesia\\_de\\_Souselas\\_um\\_povo\\_com\\_Hist%C3%B3ria?auto=download](https://www.academia.edu/14897604/Freguesia_de_Souselas_um_povo_com_Hist%C3%B3ria?auto=download)

Empresa emblemática de Coimbra, a Central de Cervejas estava localizada na zona industrial da Pedrulha. Encerra em 2002, deixando 70 trabalhadores no desemprego. Antes do encerramento, já vinha sendo desmantelada por um processo de privatização iniciado há alguns anos, tendo ficado limitada ao enchimento de garrafas, até encerrar definitivamente em Coimbra.



## 8. Análise dos dados

### 8.1 Esboços biográficos dos participantes

A partir da leitura das transcrições das entrevistas, através de uma primeira análise, no caso flutuante (Bardin, 2009), decidimos, no sentido de melhor compreender os atores, e os seus cenários de vida, construir esboços biográficos<sup>68</sup> dos participantes. Esta aproximação de natureza mais ideográfica em nada colide com a perspetiva epistemológica que é transversal a esta investigação, apenas podendo, em nosso entender, enriquecer, e mesmo servir como mais uma abordagem para a validação da análise global dos dados (Carrara & Saci, 2006). Alguns autores têm defendido também a sua importância, como Atkinson (2002), Brandão (2007), Ferraroti (1990) e Lahire (2004).

Assim, passamos às suas apresentações (sendo os nomes fictícios) e posterior análise.

#### A1

O Sr. Abel tem 49 anos, trabalhou 11 anos na Triunfo, é casado, e tem um filho com 19 anos que frequenta o 2º ano do ensino superior. Criou o próprio emprego (canalizador) durante o tempo em que ficou desempregado da Triunfo.

O entrevistado vem de um contexto familiar de baixas condições económicas e escolares: os pais separaram-se quando este tinha 5 anos e nessa altura foi viver com a mãe e os irmãos (dois irmãos mais novos) para casa dos avós maternos. Os pais têm o ensino básico, a mãe sempre foi operária fabril; o pai sempre teve uma situação profissional liberal “duvidosa” (compra e venda de terrenos e casas); o avô era pedreiro na construção civil e a avó era doméstica. Os irmãos estudaram até ao 9º ano: o mais novo é auxiliar de ação médica e o do meio é pintor na construção civil. Passou muitas dificuldades económicas e sociais até se casar aos 21 anos.

O seu percurso escolar foi muito desafiante e sempre mostrou interesse em aprender: tem o 12º ano e sempre tentou conciliar os estudos com o trabalho, mas só quando ficou desempregado da fábrica é que conseguiu completar o 12º ano. Fez várias formações ao longo da vida na área das canalizações, instalações de sistemas solares térmicos, e outros

---

<sup>68</sup> Usou-se a designação de esboços biográficos, e não “retratos sociológicos” (Lahire, 2004), pois estes últimos na sua construção obrigariam à aplicação de uma metodologia diferente no processo de entrevista.

(áreas onde já tinha experiência profissional). Aproveitou o tempo de desemprego igualmente para obter o CCP (antigo CAP - Certificado de Aptidões Pedagógicas), o que lhe deu a oportunidade de dar formação durante vários anos, ao mesmo tempo que desenvolvia a sua atividade própria na área da canalização e instalação de sistemas solares.

O seu percurso laboral foi precoce e atribulado: começou a trabalhar aos 15 anos para ajudar a família como canalizador por conta de outrem, depois numa empresa de cerâmica; entretanto, foi ao serviço militar obrigatório e casou e quando regressou voltou a trabalhar como canalizador por conta de outrem. Logo após decidiu estabelecer-se por conta própria com mais dois sócios porque deixou de receber salários como canalizador. Essa sociedade faliu, o que deixou o Sr. Abel numa situação difícil em termos económicos. Esta experiência foi algo traumática para o Sr. Abel porque foi ludibriado pelos outros dois sócios e foi ele que teve de resolver todos os assuntos pendentes à sociedade falida (falta de pagamento dos clientes e saldar de dívidas). Por se encontrar numa situação económica muito precária, decidiu ir trabalhar de novo por conta de outrem: desta vez para a Triunfo - onde executou funções de operador de máquinas de primeira durante 11 anos até à deslocalização da fábrica para Lisboa. Foi igualmente sindicalista na Triunfo durante sensivelmente 8 anos. Entretanto, durante todo o seu percurso laboral, nunca deixou completamente a área da canalização, executando ocasionalmente de forma informal, por conta própria, pequenos trabalhos para particulares. Encara o tempo que trabalhou na Triunfo como um “acomodar”: “Sou uma pessoa que me adapto muito às circunstâncias e adaptei-me. Adaptei-me e acomodei-me por um período. Mas estava a chegar ao meu limite... Aquilo não era para mim! Aquilo não era para mim!”. Um “acomodar” que durou até 2000, ano em que percebeu que a fábrica ia encerrar. Nessa altura negociou a sua saída e recebeu indemnização. Foi para o desemprego aos 34 anos.

O desemprego foi encarado como uma oportunidade para se lançar de novo por conta própria (tendo inclusivamente considerado criar juntamente com a esposa um restaurante de “take-away”); contudo, depois de grande reflexão em conjunto com a esposa, chegaram à conclusão de que seria demasiado arriscado a esposa deixar o seu trabalho por conta de outrem, onde já se encontrava nos quadros efetivos.

Depois dessa decisão, o objetivo foi aproveitar o subsídio de desemprego a que tinha direito. No entanto, como o Sr. Abel se considera uma pessoa que não está “quieta”, inscreveu-se de imediato num curso de canalizador (a sua área de trabalho). Esta decisão foi

encarada como uma estratégia para não o chamarem para outros trabalhos (por estar a frequentar formação profissional) e tentar consolidar conhecimentos. No entanto, a formação não correspondeu às suas expectativas, uma vez que esta se mostrou estar aquém dos conhecimentos que ele já possuía nessa área. Esta situação despertou no Sr. Abel a vontade de se tornar formador – vontade que concretizou através da obtenção do CCP (já depois do período de desemprego).

A partir daí, o percurso laboral do Sr. Abel foi pautado pela conjugação entre a formação e o seu trabalho por conta própria: abriu empresa em nome individual (tendo apresentado um projeto por conta própria para poder receber a restante parte do subsídio de desemprego a que tinha direito) e continuou a dar formação no IEFP como formador externo a recibos verdes até 2012. Atualmente, dedica-se a tempo inteiro à sua empresa de prestação de serviços na área da canalização (em habitações, construção civil e indústria). Tem o negócio há 15 anos, apesar de, ao longo do seu percurso laboral, sempre se ter dedicado de forma mais ou menos esporádica a este.

Em síntese, neste caso podemos verificar que o autoemprego depois da situação de despedimento coletivo não foi algo inesperado, uma vez que desde os 15 anos desenvolvia, de forma informal, ou não, a sua atividade própria: “Comecei na atividade que hoje desenvolvo e que sempre desenvolvi ao longo dos anos, não é? Eu trabalho com água, esgotos... Portanto, eu sou canalizador, também. Água, esgotos, sistemas de aquecimento central, sistemas solares térmicos e é o que eu faço hoje em dia”; “Porque eu quando chegava ali [Fábrica triunfo], por vezes, já levava um dia de trabalho na minha área. Portanto, eu ali tinha o trabalho naquela empresa, uma empresa fabril, não é? Mas havia dias que chegava ali e já levava o trabalho da minha atividade. Porque eu entrava, normalmente, às cinco da tarde e eu fazendo esse turno. E eu fazendo esse turno no período diurno podia fazer alguma coisa ainda, até às cinco da tarde, está a ver?”.

Conforme nos alertou Piselli (1995), este caso retrata a pequena iniciativa empresarial como estratégia de diversificação de rendimentos. A importância da diversificação dos rendimentos foi algo visível neste caso, uma vez que o autoemprego (após o despedimento coletivo), facilitou a possibilidade de conjugar essa atividade com outra fonte de rendimento – a formação (possibilidade que apenas surgiu na altura do desemprego). Assim, o autoemprego surgiu como uma forma de controlo das condições de trabalho, isto é, a flexibilidade de horários e a ausência de restrições que oferece, foram

encaradas pelo entrevistado como uma vantagem face ao trabalho por conta de outrem. Neste caso, a formação, enquanto fonte de rendimento adicional, foi um fator que reforçou a decisão pelo autoemprego.

Outro fator que favoreceu o autoemprego foi a estabilidade profissional do cônjuge. O facto do cônjuge ter um trabalho estável ofereceu à família o acesso a um rendimento estável. Esta fonte alternativa de estabilidade evidencia a importância das redes socioafetivas como fonte de suporte nas trajetórias para o autoemprego.

Outro fator que foi possível analisar, foi o papel do *habitus* nas escolhas pós despedimento coletivo. Conforme pudemos verificar, este entrevistado não apresenta qualquer ligação com a produção autónoma agrícola, que nos remete para um *habitus* camponês. Contudo, também apresenta uma fraca ligação com a condição salarial, que nos remete para um *habitus* mais operário. Foi possível verificar esta evidência através do discurso do entrevistado face ao tempo na fábrica como um “acomodar” e também pelo menor número de anos na fábrica encerrada – apenas 11 anos. Perante estes dados podemos inferir que o *habitus* operário teve menos tempo de se enraizar neste entrevistado e, por esse motivo, foi um fator que funcionou como uma condição que pode ter potencialmente favorecido o autoemprego. Outro aspeto que molda o *habitus* é o contacto ao longo da socialização (sobretudo através da família de origem) com formas de trabalho independente. Conforme verificámos, apesar deste entrevistado apresentar uma relação difícil com o pai, este trabalhava de forma independente (informalmente).

## A2

O Sr. Armando tem 65 anos, trabalhou 35 anos na Estaco, é casado e tem dois filhos (um rapaz que hoje é GNR e estuda na faculdade e uma filha que também é estudante universitária). O Sr. Armando licenciou-se com 43 anos (1993). Criou o próprio emprego (revendedor de materiais de construção) durante o tempo em que ficou desempregado da Estaco.

O entrevistado vem de um contexto familiar de baixas condições económicas e escolares: filho do meio de uma fratria de três irmãos (uma irmã mais velha e uma mais nova), teve ainda mais uma irmã de um segundo casamento da mãe (mais nova). Todas as suas irmãs, à exceção da irmã filha de outro pai, seguiram o percurso “natural” da fábrica. A irmã mais nova é hoje educadora de infância, enquanto que as mais velhas fizeram apenas

a 4ª classe. Os seus avós eram agricultores (participava de todas as atividades no campo), a mãe operária fabril com a 3ª classe e o pai era operário numa fábrica de cerâmica, igualmente com a 3ª classe, tendo falecido quando o Sr. Armando tinha 2 anos e meio. Apesar da mãe apenas ter a 3ª classe, passou ao Sr. Armando o gosto pela leitura. Desde os seus 14 anos lembra-se de adorar ler livros (livros, alguns em determinado período, que teve acesso através da carrinha itinerante da Fundação Calouste Gulbenkian).

O seu percurso escolar foi o de um verdadeiro autodidata: dos 11 aos 14 anos, quando não ia jogar à bola, as suas horas de almoço eram passadas na biblioteca Municipal. Um episódio que marcou o Sr. Armando foi quando entrou para a Estaco; o seu patrão (o chefe de escritório), ao ver as competências escolares que o Sr. Armando tinha, disse que tinha de continuar a estudar para poder lá trabalhar. Como não tinha dinheiro nem tempo para frequentar a escola, estudava sozinho e propunha-se aos exames. Teve a ajuda da Escola da Amizade, onde tinha aulas à noite com licenciados voluntários. Foi desta forma que concluiu o 1º e 2º anos (hoje 6º ano). Nessa altura foi para a Força Aérea e teve formação em mecânica aerodinâmica para se tornar mecânico de aviões. Nesse período, foi mobilizado para Moçambique e trabalhou nos aviões Nord. Recorda que fazia muitos exames (química, física, entre outros, no liceu local) apenas a ler, sem aulas ou explicações. Ainda na Força Aérea, aprendeu fotografia: como enviava todo o seu (“pré”) salário para a mãe, ficava sem dinheiro para as suas pequenas despesas pessoais. Essa situação levou-o a “abrir horizontes”: aprendeu fotografia com um colega e tirava fotografias aos colegas para eles enviarem às suas famílias. Nessa altura ficou com um estúdio de fotografia, dentro da própria Base Aérea, “passado” por um colega, o que o tinha ensinado. Em simultâneo, assumiu serviços na “Secção de Abastecimentos”, na BA (Base Aérea) onde prestava serviço, em Moçambique. No total esteve cerca de cinco anos na Força Aérea e regressou a Portugal em 1974.

Tentou o acesso ao ensino superior três vezes pelo regime de maiores de 23 anos: inicialmente em medicina - a sua primeira experiência laboral foi como paquete num laboratório farmacêutico (aos 11 anos), onde ia entregar amostras a médicos e esse período despertou no Sr. Armando uma curiosidade pelo mundo da medicina: “Eu procurava na Faculdade de Medicina as salas de anatomia para procurar... A ver cadáveres e vê-los abertos... Ver se descobria alguma coisa... Então andava sempre a espreitar, a ver... A abrir as portas e a espreitar. E ficou-me desse tempo esta ligação... E para fazer o... Isto para dizer que quando eu pensei entrar para o ensino superior, as minhas primeiras tentativas foi para



medicina”. Não conseguiu entrar por causa de química (nunca tinha tido aulas práticas). Como também percebeu que seria um curso muito difícil de conciliar com o trabalho e que exigia um suporte financeiro que não tinha, decidiu ir para psicologia clínica. Depois de três anos em Psicologia, percebeu que também não poderia ir para clínica, porque o estágio exigia que deixasse de trabalhar. Prosseguiu então por outra especialidade de psicologia. Conjugando o estágio com o trabalho na Estaco foi extremamente difícil, mas com a ajuda de colegas para trocar horários e com o estatuto de trabalhador-estudante na faculdade, conseguiu. Licenciou-se com 43 anos.

Começou a trabalhar aos 11 anos como pacote num laboratório farmacêutico e aos 14 anos entrou na fábrica Triunfo (idade com a qual já podia iniciar um contrato de trabalho). Começou como latoeiro (fazia as latas onde vendiam as bolachas), mas com o despertar da adolescência e a vontade de ser mais aceite pelas raparigas, procurou fazer um trabalho mais “limpo”. Encontrou trabalho numa companhia de seguros. No entanto, como era apenas um adolescente que gostava de “jogar à bola e [...] de moína” a sua mãe, como diz, “voltou a meter-me na fábrica”. Desta vez na Estaco, como pacote no escritório. Exerceu essa função até aos 19 anos - altura em que ingressou no serviço militar como voluntário na Força Aérea Portuguesa (FAP). O seu objetivo era ser engenheiro de aviões na Força Aérea (sonho que surgiu ainda na sua meninice a ler livros). Conseguiu ser mecânico “dos melhores aviões de reação naquele tempo” (o F 86 e Fiat G 91). Quando regressou em 1974 a Portugal, rescindiu com a FAP (tinha um compromisso de 6 anos), voltou para a Estaco, mas desta vez não como pacote, mas como escriturário. Esteve nos serviços comerciais, foi chefe de logística dos armazéns de produtos acabados da Estaco e acabou a carreira na fábrica como vendedor, até esta fechar em 2001. Trabalhou 35 anos na Estaco e foi dirigente durante 9 anos e cerca de 20 como delegado sindical, até ao fecho da fábrica. Recebeu apenas uma pequena percentagem da indemnização, como todos os outros trabalhadores. Tinha 50 anos quando a Estaco fechou e apesar de ter recebido algumas ofertas de emprego, decidiu criar o seu próprio emprego. Esteve apenas três meses a receber o subsídio de desemprego, mas porque não quis estar afastado e “ser esquecido” no mercado de trabalho e, porque as ofertas que teve exigiam que trabalhasse muito à noite, preferiu criar o seu próprio emprego como revendedor de materiais de construção. De referir que nessa altura também dava algumas formações (estava inscrito nas Finanças igualmente como formador) no âmbito das relações interpessoais em empresas. Assim, depois do encerramento da Estaco candidatou-se ao apoio

do IEFEP para a criação do próprio emprego (totalidade do subsídio de desemprego). Como o negócio começou a dar problemas financeiros (falta de clientes e falta de pagamento dos clientes), o Sr. Armando começou a dedicar-se cada vez mais às formações e às consultas de orientação vocacional. Como era um mercado muito concorrido entre psicólogos, assistentes sociais e outros profissionais, decidiu fazer a pós-graduação em Higiene e Segurança no Trabalho e como Técnico Superior de Higiene e Segurança no Trabalho de nível 6 teve a oportunidade de se dedicar totalmente à formação (a recibos verdes). Como as formações eram muito imprevisíveis, decidiu reformar-se aos 57 anos (teve uma penalização de 29%), de forma a ter uma fonte de rendimento estável.

Casou com 32 anos, tendo tido dois filhos, um rapaz e uma rapariga. A sua esposa era professora do ensino básico (curso de magistério) e é hoje reformada. Por influência do Sr. Armando, a esposa também se licenciou em Psicologia enquanto esta também trabalhava (estudaram juntos). Atualmente, apesar do filho mais velho já estar a trabalhar, ainda ajuda financeiramente os dois filhos (estão os dois na faculdade) através da sua reforma e das formações que ainda vai fazendo. Em 2013 deu como cessada nas Finanças a atividade de revendedor de materiais de construção (esteve com esta atividade ativa durante 12 anos), estando atualmente apenas inscrito como consultor e formador.

Em síntese, neste caso podemos verificar que o autoemprego depois da situação de despedimento coletivo surgiu como uma estratégia de diversificação de rendimentos. Tal como o caso A1, a flexibilidade de horários e a ausência de restrições na conjugação com outras atividades, surgiram a este entrevistado como uma vantagem face ao trabalho por conta de outrem. Neste caso, a formação, como fonte de rendimento adicional, surge como fator que reforçou a decisão pelo autoemprego. Este fator ficou ainda mais evidente quando o entrevistado nos diz que recusou duas ofertas de trabalho após o despedimento coletivo, porque exigiam que trabalhasse “à noite” e/ou que se deslocasse para fora da sua zona de residência. Assim, o autoemprego surge, igualmente, neste caso como forma de controlo das condições de trabalho.

Outro fator que favoreceu o autoemprego (tal como no caso A1) foi a estabilidade profissional do cônjuge como fonte de rendimento estável. Mais uma vez, o papel das redes socioafetivas fica evidenciado na trajetória pelo autoemprego.

Finalmente, quanto ao papel do *habitus* na escolha pelo autoemprego, verificamos que existe neste caso uma ligação com a produção autónoma agrícola que remete para um

*habitus* camponês (que advém dos pais) e, igualmente, a forte presença de um *habitus* operário, que decorre da longa carreira na fábrica – 35 anos. Conforme nos diz este entrevistado, a fábrica era o percurso “natural”, o que não significa que os entrevistados abandonassem os campos. Este caso evidencia a hipótese de um *habitus* “compósito”, capaz de reunir em si práticas aparentemente opostas.

### A3

O Sr. Augusto tem 48 anos, e trabalhou na Mármore Batanete durante 27 anos. Tem a 4ª classe, é casado e tem duas filhas (uma com 25 anos que não chegou a concluir a faculdade e está emigrada, e outra com 18 anos que ainda vive com o casal e que frequenta o 9º ano de escolaridade). Ajudou a esposa a criar o próprio emprego quando esta estava desempregada (comércio de produtos agrícolas), e quando ficou desempregado da Mármore Batanete, dedicou-se a tempo inteiro ao negócio familiar. De notar que foi o Sr. Augusto o mentor e impulsionador da criação do negócio familiar.

O entrevistado vem de um contexto familiar de baixas condições económicas e escolares: é o quarto elemento de uma fratria de sete irmãos (três mais novos e três mais velhos). Todos os seus irmãos têm a 4ª classe, à exceção da irmã mais nova, que estudou até ao 9º ano de escolaridade. Dois dos irmãos são pedreiros na construção civil, uma irmã trabalha nas limpezas, e os outros trabalharam consigo na mesma empresa (Mármore Batanete). A mãe era doméstica e tinha a 3ª classe. O seu pai trabalhava numa empresa de madeiras e faleceu num acidente de viação quando o Sr. Augusto tinha 15 anos.

Começou a trabalhar aos 13 anos numa residencial na cidade como camareiro e moço de recados. Entretanto, como só tinha uma folga por semana e tinha de ficar meses seguidos longe de casa, ainda com 13 anos foi trabalhar para a construção civil como pedreiro, para poder estar mais perto de casa (esteve nesse trabalho alguns meses). Aos 14 anos foi trabalhar na Mármore Batanete até 2007 (altura em que deixou de receber salários). Aos 20 anos sofre um acidente de viação quando se deslocava para casa para almoçar. Esse acidente originou graves e permanentes sequelas físicas, o que o obrigou a estar três anos em fisioterapia sem trabalhar. Nessa altura, contou com a ajuda dos futuros sogros que estavam emigrados. Recebeu uma indemnização depois de uma grande batalha nos tribunais contra a empresa da outra pessoa com quem teve o acidente de viação. Regressou à mesma empresa, desta vez com funções mais leves: passou da secção de acabamentos do mármore

para o corte e embalamento do mármore e de coordenação das encomendas. A empresa encerrou em 2008. Nunca recebeu indemnização por parte da empresa. Ficou desempregado aos 40 anos. Esteve a receber subsídio de desemprego (durante dois anos e meio). Foi nessa altura que a sua filha mais velha desistiu da faculdade e decidiu emigrar. Reformou-se por invalidez aos 44 anos.

As motivações que estiveram por detrás da decisão do casal criar o próprio emprego foram as circunstâncias do desemprego da esposa. Ela foi despedida por justa causa de uma IPSS, caso que o casal levou para o Tribunal de Trabalho. Ganharam a causa e apesar da esposa ter recuperado o seu emprego de volta, o Sr. Augusto não quis que a esposa estivesse mais a “andar debaixo dos pés das outras pessoas...” e decidiram (com grande influência do Sr. Augusto) abrir um negócio próprio. Como a esposa estava a receber o subsídio de desemprego, o Sr. Augusto ajudou-a a fazer a candidatura no IEFP para receber a totalidade do subsídio de desemprego. Contaram com a ajuda dos sogros e pediram empréstimo bancário no nome do Sr. Augusto (que ainda trabalhava). Abriram o negócio em 2005. Na altura o Sr. Augusto ainda estava a trabalhar na Mármorees Batanete e ajudava a esposa no negócio. Depois, quando ficou desempregado é que se dedicou totalmente ao negócio familiar. O Sr. Augusto está atualmente reformado por invalidez e continua com o seu negócio próprio familiar. Têm o negócio há 11 anos.

Em síntese, neste caso podemos verificar que a decisão pelo autoemprego ocorreu antes do despedimento coletivo. A situação de despedimento por justa causa do cônjuge despoletou a oportunidade para concretizar o próprio emprego. Contudo, este evento não explica a decisão. Conforme verificámos, o facto do entrevistado ter na altura um emprego estável forneceu a condição mais importante para a decisão para o autoemprego. Conforme nos diz este entrevistado, “se estivesse desempregado não tinha arriscado”. A partir deste caso podemos de novo verificar a importância do acesso a um rendimento estável que suporte o risco associado ao trabalho independente. À semelhança dos casos anteriores, as redes socioafetivas também desempenham um papel fundamental, neste caso através dos sogros emigrados que forneceram o suporte financeiro necessário para a família investir nesta alternativa.

Não obstante, a decisão pelo autoemprego encontra neste caso mais fatores de favorecimento. Outro fator que foi possível analisar foi o papel do *habitus*. Este caso evidencia uma forte ligação com a produção autónoma agrícola que remete para um *habitus*

camponês que valoriza a autonomia, assim como a presença de um *habitus* operário decorrente do longo percurso na fábrica – 27 anos. Conforme já referimos, outro aspeto capaz de moldar o *habitus* é o contacto com outras formas de trabalho que não apenas o trabalho assalariado. Neste caso, o entrevistado refere a presença de trabalho independente na família da esposa. Apesar de não referir este tipo de trabalho na sua família de origem, verificamos que casou muito cedo e, por esse motivo, podemos dizer que essa influência foi relativamente precoce na sua socialização. Mais uma vez podemos verificar que estamos perante uma espécie de *habitus* “compósito”, capaz de integrar em si distintas práticas laborais. Confrontado com a decisão pelo autoemprego, o entrevistado refere que na altura pensou: “se os outros conseguem porque nós não havemos de conseguir?”. Esta justificação parece sugerir uma certa aspiração a uma posição social mais elevada. Neste sentido, o autoemprego traduz, simultaneamente, a concretização da aspiração à autonomia e a possibilidade de acesso a um posicionamento mais favorável no espaço social.

#### A4

A Sr<sup>a</sup> Aurora tem 63 anos, trabalhou 31 anos na Triunfo, é casada e tem duas filhas (a mais velha é professora do 1º ciclo e a mais nova é formada em gestão e dá explicações, faz contabilidades e vai dando uma ajuda aos pais no negócio). Abriu com o marido um pequeno café num centro comercial.

A entrevistada vem de um contexto familiar de baixas condições económicas e escolares: a mãe era analfabeta e trabalhava na agricultura, o pai tinha a 3ª classe e era ajudante de motorista numa fábrica de malhas. É a segunda de uma fratria de quatro irmãos (três raparigas e um rapaz). As raparigas estudaram até à 4ª classe e o mais novo estudou até ao 7º ano de escolaridade. A irmã mais velha está atualmente reformada, o mais novo tem uma loja próxima do seu comércio. A irmã que nasceu a seguir à Sr<sup>a</sup> Aurora faleceu quando esta tinha 23 anos (a irmã tinha 20 anos).

Começou a trabalhar aos 12 anos na Estaco, depois numa pastelaria e com 17 anos foi para a Triunfo como empacotadeira (função que sempre desempenhou). Conheceu o marido na Triunfo, casou aos 25 anos, trabalhou com ele na Triunfo e quando a fábrica deslocalizou para Lisboa, o marido foi transferido para a nova localização, enquanto que a Sr<sup>a</sup> Aurora foi para o desemprego com 49 anos e manteve-se a receber o subsídio de desemprego e a trabalhar informalmente nas limpezas durante um ano. Também fizeram a

proposta à Sr<sup>a</sup> Aurora para ir para Lisboa, mas nas suas palavras: “Eles deram-lhe aquela oportunidade e queriam que eu fosse para lá... Eu? Nem que eu vá cavar terra para cima dos pés! Para lá é que eu nunca vou! Então as minhas filhas andavam aqui na Faculdade... Deixava as minhas filhas e ia para lá trabalhar? Nunca! Nunca fazia isso...”. Entretanto, o marido não aguentou mais estar longe da família e decidiu regressar a Coimbra. Na altura em que a Sr<sup>a</sup> Aurora ficou desempregada tinha as duas filhas na faculdade e o casal decide (com grande influência do marido e do irmão mais novo que também já tinha uma pequena loja no mesmo centro comercial) abrir um negócio próprio. O casal não pediu qualquer apoio ao IEFP, tendo contado apenas com as suas economias e as indemnizações que receberam da Triunfo. O marido está atualmente reformado.

Neste momento, mantêm o negócio próprio e contam com a ajuda da filha mais nova. A ideia é a de que o negócio se mantenha na família, já que a filha mais nova mostra grande interesse pela expansão deste. Têm o negócio há 13 anos.

Em síntese, neste caso podemos verificar que o autoemprego depois da situação de despedimento coletivo surgiu através da iniciativa do cônjuge. De facto, durante a entrevista foi visível o desconforto da entrevistada perante a decisão pelo autoemprego, caracterizando-a como um “encaixar” da vontade do marido. Os fatores que favoreceram o autoemprego neste caso relacionam-se com a possibilidade que este oferecia como forma de controlo das condições de trabalho, mais especificamente, na possibilidade do marido regressar para a zona de residência da família. O marido, tendo sido deslocado para Lisboa com a fábrica da Triunfo, perspetivou o autoemprego como uma via para a família voltar a estar junta e de assegurar uma fonte de rendimento para o casal (a entrevistada ficou desempregada da Triunfo).

Outro fator que assumiu grande importância foi a presença de trabalho independente na família, mais especificamente através do irmão da entrevistada. De facto, o casal abriu um pequeno negócio no mesmo centro comercial onde o irmão estava estabelecido. Esta informação remete-nos, por um lado, para o papel importante das redes socioafetivas no suporte ao autoemprego e, por outro, como o contacto, através da família, com formas autónomas de trabalho, molda o *habitus* de forma a integrar novas práticas laborais.

Quanto ao papel do *habitus* neste caso, estamos perante uma ligação com a produção autónoma agrícola que remete para um *habitus* camponês, mas também um forte

compromisso com a condição salarial associado ao *habitus* operário. De facto, esta entrevistada evidenciou uma forte ligação com a fábrica encerrada, facto que é reforçado por 31 anos de trabalho na “sua” fábrica.

Tal como o caso anterior (A3), verificamos aqui o lado familiar da decisão para o autoemprego. As famílias têm consciência de que se trata de uma decisão que afeta todos os seus membros, e que, em última instância, as suas consequências a afetarão como um todo. Assim, este caso mostra que a decisão pelo autoemprego nunca é tomada de ânimo leve, pois é encarada como um projeto que vai muito para além da esfera estritamente laboral e onde todos os membros são chamados a contribuir.

## A5

O Sr. Artur tem 60 anos, trabalhou 20 anos na Cerâmicas de Souselas, é casado, tem dois filhos (rapazes) já independentes. Abriu uma casa de pasto com a esposa.

O entrevistado vem de um contexto familiar de baixas condições económicas e escolares: é o mais velho de uma fratria de seis irmãos (cinco rapazes e uma rapariga). Nenhum dos irmãos passou do ensino básico e todos foram operários. A mãe tinha a 3ª classe e era doméstica, o pai era analfabeto e era operário.

O seu percurso educacional foi desde cedo uma batalha: desde cedo se apercebeu da sua condição baixa na sociedade e o quanto a educação lhe estava impedida; por isso, sempre tentou conciliar o trabalho com os estudos, pois sabia que o acesso ao conhecimento seria a forma de ter uma maior capacidade de lutar contra as suas circunstâncias: ser filho de pais pobres ditou a sua saída precoce da escola e o fosso que dividia a sociedade entre ricos e pobres atirava-o para a margem da mesma. No entanto, sempre tentou conjugar o trabalho com a escola (frequentou o 5º ano enquanto trabalhava); contudo, os seus patrões sempre lhe colocaram entraves. Reduziam-lhe o salário, e levantavam sempre obstáculos ao seu objetivo de continuar a estudar, tendo concluindo que: “eu não posso ter conhecimentos porque sou pobre”.

Quando chegou o 25 de Abril, já trabalhava na Cerâmicas de Souselas, com 18 anos; vê a sua oportunidade de combater as injustiças que toda a sua vida observou: “Veio o 25 de abril... Claro que em vez de ir para a escola então meto-me... Porque aí vejo a possibilidade de politicamente atuar, não é? Atuar contra estas injustiças todas... E começo a atuar politicamente”. É nessa altura que entra no sindicato para representar os trabalhadores

da fábrica onde trabalhava: a Cerâmica de Souselas. Aos 23 anos tornou-se delegado sindical. Pelo seu grande envolvimento com o sindicato enquanto trabalhava na fábrica, os estudos ficaram para segundo plano. Contudo, o sindicato proporcionou-lhe o acesso ao conhecimento, tendo tido grande preparação sindical e formação política. Quando saiu da fábrica, com 34 anos, estabelece-se por conta própria com a esposa (que também trabalhava na Cerâmicas de Souselas) e mais tarde (com 38 anos) candidatou-se à Presidência da Junta de Freguesia do seu local de residência (mantendo sempre o seu negócio próprio). Percebe que apesar de saber executar todas as tarefas ligadas ao cargo, algumas pessoas não lhe reconheciam a legitimidade académica para as executar. Foi essa situação que em 2002, com 47 anos, motivou o regresso aos estudos, para concluir o secundário à noite através do Programa Novas Oportunidades. Conclui o ensino secundário com 52 anos.

O seu percurso laboral foi pautado de grandes sacrifícios e dificuldades económicas, mas que nunca quebraram o seu espírito de sindicalista: aos 12 anos começou a trabalhar numa mercearia/casa de pasto em Almada, tendo ido viver para casa de uns amigos dos pais (os pais eram de Penacova). Enquanto trabalhava longe dos pais, era severamente castigado por simplesmente brincar e ser uma criança pobre. Um dia, depois de muitos castigos suportar, decide escrever uma carta aos pais a contar a situação em que se encontrava. Essa carta ditou a ida do Sr. Artur para Lisboa para casa dos tios (irmão do pai do Sr. Artur) onde foi trabalhar com este como sapateiro. Quando os pais do Sr. Artur se mudam para Coimbra, ele também vai com eles e aí trabalha como ajudante de barbeiro. Aos 16 anos vai trabalhar para a Cerâmicas de Souselas

Casou com a atual esposa que conheceu na fábrica aos 20 anos. Em 1976, com 21 anos, foi para o serviço militar obrigatório e o seu jeito na escrita possibilitou-lhe a entrada na escola de cabos e depois na escola de sargentos. O dinheiro que conseguiu ganhar na época serviu para comprar um terreno para construir depois a casa do casal. Esteve lá um ano e meio. Apesar de estar a ganhar bem no Exército e ter a possibilidade de estudar na Escola de Sargentos, preferiu regressar à fábrica e “fazer política”: “A minha vocação é estar junto das pessoas que eu conheço e quero fazer política... Aí! Aí é que eu quero... A qualidade de vida das pessoas é que me diz... É que me diz alguma coisa... Então é aí que eu quero estar!”. Quando regressou já estava casado e todo o dinheiro que o casal ganhava na fábrica era para a construção da sua casa.



Durante toda a sua juventude combateu o estigma associado a ser comunista: “Lutava para as pessoas verem que aquilo que eles diziam não era verdade... [...] Eram malandros... Sabe que ainda hoje há aquele... Há muitas pessoas que pensam que têm que ser pobrezinhos, tem de ser um tristonho e então... Não pode ser uma pessoa com dinheiro, nem uma pessoa organizada, nem nada disso!”.

Trabalhou na Cerâmicas de Souselas durante 20 anos e durante esse tempo assumiu as funções de vigilante das linhas de produção e depois no laboratório onde se analisava a composição do barro. Durante o tempo que lá trabalhou sempre foi dirigente sindical e foi constantemente perseguido pela entidade patronal para que desistisse da atividade sindical: essa atitude apenas reforçou a posição do Sr. Artur: “Você é mal-empregado estar a fazer o que está a fazer... Porque olhe lá... Ser sindicalista não lhe dá dinheiro... O que é que o motiva ser sindicalista? O senhor a partir deste momento...” - foi o que eles fizeram aos outros e os outros aceitaram e aqui está aquilo que o capitalismo faz - “O senhor a partir de hoje está à vontade com a gente... O senhor só nos diz o que é que quer... [...] Eu não traio os meus colegas por dinheiro nenhum. Vocês podem-me dar fortunas... E, aliás, estão-me a dar lugares... Vocês estão-me a oferecer uma vida melhor... Mas eu sentia-me mal com aquilo que vocês me davam.” - Porque eu não era uma pessoa normal - “E então eu estou muito bem assim...”.

Em 1990 a fábrica é comprada por um grande grupo económico e é deslocalizada. Antes da fábrica encerrar em Coimbra, o Sr. Artur negocia a sua saída juntamente com a da sua esposa (tiveram direito a indemnização). Foi para o desemprego com 34 anos. A esposa tinha 31 anos. Esteve a receber o subsídio de desemprego durante três meses e decide criar o seu próprio emprego através do apoio do IEFP (totalidade do subsídio de desemprego e crédito a fundo perdido).

A decisão de abrir uma casa de pasto esteve relacionada com sua experiência prévia por conta de outrem na restauração, tendo-lhe conferido conhecimento importante para trabalhar por conta própria nessa área: “O meu passado começo de certa forma, na hotelaria, não é? Não é? Porque eu vou para uma casa de pasto e mercearia, não é? Entretanto, regresso às origens... De certa forma. E penso: “É a única forma que eu tenho de...”. Não obstante, a decisão de se estabelecer por conta própria inseriu-se numa estratégia de investir o dinheiro do subsídio de desemprego (de forma a nunca o perder, mesmo que tivesse de vender o negócio) e de não estar dependente de ninguém para poder dedicar-se mais livremente à

política. Em 1993, com 38 anos, candidata-se à presidência da Junta de Freguesia (esteve 12 anos como presidente de junta). Sai em 2005 (com 50 anos) e nessa altura dedica-se a tempo inteiro ao seu negócio próprio com a esposa. Recentemente aumentou o espaço do negócio e por esse motivo ainda tem créditos para pagar à banca (juntamente com o crédito habitação), continuando a ajudar os filhos. Tem o seu negócio há 25 anos.

Em síntese, neste caso podemos verificar que o autoemprego depois da situação de despedimento coletivo surgiu como uma alternativa capaz de assegurar trabalho para o casal (o cônjuge saiu da fábrica encerrada ao mesmo tempo). O que foi particularmente interessante verificar neste caso foi a consciência demonstrada pelo entrevistado das alterações laborais que estavam a acontecer na altura do encerramento da fábrica. Este entrevistado disse-nos que, quando a fábrica encerrou, percebeu que nunca mais iria conseguir um trabalho estável para si ou para a sua esposa. Consciente da crescente flexibilização dos contratos laborais e do papel central da tecnologia na indústria, a sua decisão pelo autoemprego traduziu uma estratégia que pretendia controlar a esperada instabilidade laboral. Esta consciência decorre do papel ativo que sempre teve na vida política e sindical e que lhe conferiu um capital social bastante elevado. Esta projeção no futuro foi evidente, igualmente, quando refere que o autoemprego depois do despedimento coletivo foi uma forma de investir o dinheiro do subsídio de desemprego e das indemnizações de forma mais permanente; isto é, no futuro, o alvará e a propriedade do negócio não desvalorizará com o tempo. Assim, este participante encarou o autoemprego como uma forma de se projetar no futuro e de superar as transformações que o ultrapassavam.

Outro fator que se evidencia é o autoemprego como forma de controlo das condições de trabalho. Conforme referimos, este é um entrevistado com elevado capital social e este foi construído ao longo da sua vida através da militância partidária e sindical. Neste caso, a flexibilidade de horários e a ausência de restrições na conjugação com outras atividades foram encaradas como vantagens face ao trabalho por conta de outrem. O autoemprego possibilitou que se candidatasse à presidência de junta e que concluísse os estudos.

Finalmente, quanto ao papel do *habitus* na escolha pelo autoemprego, estamos na presença de uma ligação com a produção autónoma agrícola que remete para um *habitus* camponês (que advém dos pais) e igualmente a forte presença de um *habitus* operário, que

decorre da longa carreira na fábrica – 20 anos. Mais uma vez, verificamos a hipótese de um *habitus* “compósito”, capaz de se adaptar a diferentes práticas.

## A6

A Sr<sup>a</sup> Anabela tem 41 anos, trabalhou 2 anos na Penacovex, é casada e tem duas filhas: uma com 25 e outra com 17 anos. A mais velha tirou a licenciatura e está a trabalhar. A mais nova acabou de entrar na faculdade. A participante abriu uma retrosaria.

A entrevistada vem de um contexto familiar de condições económicas e escolares relativamente baixas; contudo, por ser a filha mais nova de uma fratria de três irmãos, teve a oportunidade de estudar e ter acesso a outras condições de vida, que os seus irmãos não tiveram. Os irmãos têm o ensino básico. A mãe era doméstica e o seu pai tinha uma empresa de construção civil. O pai da Sr<sup>a</sup> Anabela faleceu de enfarte, quando esta tinha 10 anos. Desde essa altura que sentiu que tinha de “tomar conta” da sua vida. Sempre se considerou uma rapariga com forte autoestima, por ter sido muito acarinhada como a mais nova numa família alargada. Essa motivação familiar sempre a ajudou a se empenhar nos estudos e “sonhar alto”. Apesar de o seu pai ser a única fonte de rendimento na casa, a Sr<sup>a</sup> Anabela não teve de desistir da escola, porque depois da morte do seu pai os seus estudos foram assegurados pelos tios. Como o seu pai sempre foi doente do coração, a Sr<sup>a</sup> Anabela acalentava desde cedo o sonho de ser médica. Era uma excelente aluna; contudo, quando estava no 10<sup>o</sup> ano engravidou do atual marido. Tinha 15 anos. Não contou logo à família, porque acreditava que a mãe iria querer que ela interrompesse a gravidez; assim, com a ajuda do namorado (atual marido) e a médica de família (que considera ter sido uma grande ajuda), conseguiu levar a gravidez a um ponto em que já não seria possível fazer uma interrupção. Quando a situação se descobriu, a Sr<sup>a</sup> Anabela decidiu deixar a escola, porque queria ser ela a criar a filha (para não deixar a filha ao cuidado de ninguém para poder ir à escola). Na altura, o seu namorado já trabalhava (era 9 anos mais velho) na empresa do pai como madeireiro. Entretanto, antes da filha nascer, casa (aos 16 anos) e vai viver para casa dos sogros. Como só tinha 16 anos não podia trabalhar. Por isso aproveitou esse tempo para cuidar da filha e tirar a carta de condução (porque vivia numa aldeia e sabia que tinha de ter um meio de transporte para poder mais tarde trabalhar). Esteve em casa durante dois anos e meio. Tentou encontrar trabalho, mas ninguém a aceitava antes dos 18 anos. Aos 18 anos começa a trabalhar numa serração que fazia mobiliário de empresas. Entretanto, como era

um trabalho pesado, perigoso e que não gostava, soube por uma amiga que a Penacovex estava a contratar. Como sempre teve o gosto pela costura (desde criança fazia a sua própria roupa e era muito incentivada pela mãe), disponibilizou-se de imediato para a fábrica de confeções de vestuário. Apesar de ir ganhar um salário mais baixo, o marido incentivou-a a seguir o seu gosto e por isso encarou a mudança como uma oportunidade de aprender mais sobre costura. Apesar de ter estado apenas dois anos na Penacovex (a empresa faliu em 1997), chegou a chefe de linha de produção (função que exigia que soubesse executar todas as tarefas da linha). Ficou desempregada aos 22 anos, por despedimento coletivo, e com falta de pagamento de salários. Recebeu uma pequena indemnização (por volta de um ordenado mínimo) passados vários anos.

O tempo de desemprego foi encarado como uma oportunidade para voltar a ser mãe e foi vivido de forma tranquila porque o marido ganhava bem. Entretanto, passado um ano e meio, ouve falar por uma amiga que o sindicato dos têxteis estava a dar formações de costura. Na altura do encerramento da fábrica, o sindicato foi uma força muito ativa no processo de indemnização das trabalhadoras; por esse motivo, a Sr<sup>a</sup> Anabela teve a oportunidade de travar conhecimentos e estreitar relações com o Sindicato dos Têxteis. Ainda estava reticente por ser longe de casa, mas depois de saber que a formação era financiada, não olhou para trás. Para a Sr<sup>a</sup> Anabela esse curso foi tudo o que sempre quisera: aprender a desenhar roupa.

Entretanto, enquanto estava no desemprego fez algumas formações oferecidas pela Câmara Municipal. Entre elas: Gestão financeira de pequenas e médias empresas. Recordase que nessa altura se falava muito de empreendedorismo. Foi nessa altura que a ideia de abrir o seu próprio negócio surgiu. Como sempre costurou, sabia exatamente o que fazia falta às outras costureiras da zona: material de costura. Foi então que idealizou abrir uma retrosaria (algo que não existia na zona). O curso no sindicato foi mais uma oportunidade de consolidar conhecimentos, porque a decisão de se estabelecer por conta própria já estava tomada: enquanto frequentava a formação já tinha contactado um empreiteiro que estava a construir um pequeno centro comercial na zona, para comprar o espaço que seria a sua futura retrosaria. Por isso, a sua seleção para a formação foi prontamente aceite no sindicato, já que se destinava a apoiar antigas funcionárias do setor têxtil a criar o seu posto de trabalho.

Entretanto, também frequentou uma formação de apoio à criação do próprio emprego e foi lá que aprendeu a fazer a candidatura aos apoios ao empreendedorismo do

IEFP. Depois de terminar a formação, ainda teve de esperar mais dois anos pela conclusão da obra, e apesar de ter sido chamada inúmeras vezes pelo Centro de Emprego para outros empregos, sempre recusou porque já trabalhava (informalmente) numa pequena empresa de confecção de roupa dentro do circuito familiar (ensinou os familiares a confecionar roupa). Contudo, desde o início avisou que estaria ali apenas até a sua loja estar pronta. Foi o que aconteceu passado dois anos. Em setembro de 2001 abre a sua retosaria. Contudo, como a loja demorou a ficar pronta, a Sr<sup>a</sup> Anabela não entregou logo a candidatura à criação do próprio emprego ao IEF, decidindo esperar. Quando a loja ficou pronta e se dirigiu ao IEF para se candidatar ao apoio específico para o qual o projeto tinha sido pensado, esse apoio tinha sido extinto e substituído por outro. Depois de se informar com um amigo economista sobre o novo apoio, percebeu que não compensava o trabalho de fazer uma nova candidatura (e que também não se adequava tão bem aos seus objetivos) e decidiu, assim, pedir empréstimo bancário. De notar que na altura em que abriu a retosaria, passado um mês, o marido estava desempregado (saiu da empresa do pai onde sempre trabalhou). Com crédito bancário para pagar, a loja aberta apenas há um mês, e o marido sem direito a subsídio de desemprego (o pai não lhe passou a carta de despedimento para poder ter acesso ao subsídio de desemprego), foi a altura da sua vida economicamente mais instável. O marido esteve 8 meses a ajudar a esposa na retosaria, enquanto não encontrava outro emprego. Mais tarde encontrou emprego numa instituição de integração social de manutenção florestal. Como o casal conta sempre com o apoio da família alargada, a Sr<sup>a</sup> Anabela sempre pôde tirar vários cursos e formações, tendo inclusivamente terminado o ensino secundário nas Novas Oportunidades.

Atualmente, continua com a sua retosaria, onde também executa trabalhos de costura. Há um ano teve de despedir a única funcionária que teve quase desde o início do negócio. Tem a seu cargo a filha mais nova (está na faculdade). O casal tem grande influência na sua comunidade: a Sr<sup>a</sup> Anabela dá catequese e o marido foi presidente da Junta da Freguesia. As fortes ligações que têm com a comunidade faz com que o seu negócio e a sua vida pessoal sejam um só. O marido é o seu braço direito: é ele que trata da parte financeira do negócio. Tem o seu negócio há 15 anos.

Em síntese, neste caso podemos verificar que o autoemprego depois da situação de despedimento coletivo surgiu como uma alternativa capaz de colmatar a ausência de respostas no mercado de trabalho na zona de residência da entrevistada (rural). O

autoemprego surgiu como uma forma de controlo das condições de trabalho, ou seja, a criação do próprio emprego permitiu que não tivesse que se deslocar diariamente para a cidade para ir trabalhar. Neste caso, o trabalho por conta de outrem não era vantajoso para a entrevistada uma vez que o ordenado auferido (salário mínimo) não compensaria as despesas diárias de deslocação. Assim, tendo em consideração a sua zona de residência rural, o autoemprego, para além de ser financeiramente mais vantajoso, surge como meio de se manter próxima da família sem abdicar de uma fonte de rendimento.

Outro fator que assumiu grande importância no estabelecimento por conta própria foi a estabilidade profissional do cônjuge. O facto do cônjuge ter um trabalho estável ofereceu à família o acesso a um rendimento estável e regular. Esta fonte alternativa de estabilidade evidencia mais uma vez a importância das redes socioafetivas como fonte de suporte nas trajetórias para o autoemprego.

Finalmente, quanto ao papel do *habitus* na escolha pelo autoemprego, verificamos que a entrevistada apresenta uma ligação com a produção autónoma agrícola que remete para um *habitus* camponês que advém da agricultura de subsistência dos pais. Não obstante, não apresenta uma ligação forte com um *habitus* operário. Esta fraca ligação advém da sua curta carreira como operária, tendo trabalhado na fábrica encerrada apenas 2 anos. Tal como o caso A1, podemos inferir que o *habitus* operário teve menos tempo de se enraizar nesta entrevistada, o que pode ter favorecido o autoemprego. Outro aspeto que molda o *habitus* é o contacto ao longo da socialização com formas de trabalho independente. Neste caso foi evidente a influência deste tipo de trabalho na vida da entrevistada, uma vez que o seu pai era empresário e o trabalho independente sempre foi algo comum na sua família alargada.

## **B1**

O Sr. César tem 67 anos, trabalhou 28 anos na Estaco, é casado e tem um filho com 40 anos que tirou uma licenciatura, e que está a trabalhar na sua área de formação no estrangeiro. Está atualmente reformado.

O entrevistado vem de um contexto familiar de baixas condições económicas e escolares: a mãe era empregada fabril, analfabeta, e o pai era pedreiro na construção civil (fazia trabalhos informais por conta própria) e tinha o ensino básico. É o segundo numa fratria de três irmãos (uma irmã 7 anos mais velha e uma irmã 2 anos mais nova, que tem

uma deficiência profunda). A sua irmã mais velha estudou apenas até ao ensino básico - o seu pai nunca permitiu que estudasse mais por ser mulher.

O seu percurso educacional foi difícil e traumatizante: como todas as crianças de baixa condição social, depois da escola ia ajudar o pai (nas obras). Estudou até ao 5º ano e depois ingressou num curso industrial de eletricidade. Apesar do Sr. César gostar de estudar, pela forma como era tratado pelos professores (castigos físicos), andar na escola tornou-se uma tortura: “Eu gostava de lá andar... Eu não gostava era da maneira como era tratado... Era tratado como um animal, não gostava. [...] Era logo... Era logo... Na violência. De maneira que isso ainda me... Era o pior sacrifício. Para mim, a escola era um sacrifício... Não é que eu não gostasse de estudar! Era um sacrifício... [...] Depois na Escola Brotero as coisas foram um bocado melhor mas... Ainda apareceu lá alguns a... Também ainda a baterem e... Ah... E depois sistemas de ensino horríveis, quer dizer, do género de sádicos. Sádicos mas é o professor ser sádico!”

Apesar de o pai querer que ele se dedicasse à construção civil, o Sr. César nunca gostou de andar a trabalhar com o pai. Aos 18 anos entra como voluntário na Força Aérea, como técnico de postos de comunicações que apoiavam os aviões. Esteve na Força Aérea durante 6 anos. Segundo o Sr. César, apesar de ser um ambiente muito duro (esteve na Guerra Colonial em Angola), foi onde se sentiu “gente” por ter encontrado um espírito de união que nunca tinha sentido antes.

Quando regressou ao mercado de trabalho, teve muita dificuldade em encontrar emprego: trabalhou durante dois anos (tinha 25 anos) como eletricista na construção civil (trabalho informal e precário) e depois, através do Centro de Emprego, começou a trabalhar aos 27 anos na Estaco. Trabalhou na fábrica até ao seu encerramento em 2001. Durante o tempo que lá trabalhou (28 anos) desempenhou várias funções como operário e, posteriormente, por razões de saúde, passou para o planeamento e controlo de produção (trabalho mais leve), e finalmente foi promovido para comercial de marketing (fazia demonstrações dos produtos). Ainda na Estaco, através do sindicato, fez um curso de informática para poder progredir dentro da fábrica (para ir para o planeamento).

Na altura em que ficou desempregado, todo o setor de atividade estava em plena crise, pelo que não conseguiu encontrar emprego noutra empresa da área. Ficou desempregado com 53 anos. Nunca foi indemnizado. Esteve 3 anos a receber o subsídio de desemprego e aos 56 anos reformou-se com uma penalização de 4%.

Entretanto, enquanto trabalhava na Estaco aconteceu algo verdadeiramente traumatizante para o Sr. César e a sua família: o Sr. César era fiador de uns familiares que decidiram abrir um negócio. Esses familiares deixaram de pagar as prestações à banca e foram penhorar todos os bens do Sr. César. Foi uma altura muito difícil para a família, pois tiveram de se desfazer de todos os bens que possuíam (inclusivamente a casa) para pagar a dívida ao banco. Foi uma situação que se arrastou até à altura do desemprego. O filho tinha na altura 17 anos. A família foi viver para casa dos sogros. Atualmente a situação está resolvida.

A esposa estudou até ao 5º ano e era funcionária pública. Reformou-se de forma antecipada por causa das reestruturações da função pública (tem 51 anos). Atualmente tem uma vida economicamente equilibrada e dedica-se a várias atividades lúdicas e desportivas.

Em síntese, neste caso podemos verificar a presença de uma forte ligação com a condição salarial que remete para um *habitus* operário e a ausência de ligação com a produção autónoma agrícola. De facto, este entrevistado não apresenta qualquer ligação com o *habitus* camponês que poderia moldar as expectativas no sentido de alguma aspiração ao trabalho autónomo. O trabalho na fábrica encerrada surge no discurso deste entrevistado como “ideal”. Para ele, a fábrica encerrada possibilitou a quebra com o círculo de precariedade que caracterizou o seu percurso laboral anterior (trabalho informal). Este *habitus* operário é igualmente reforçado pelo seu longo percurso na fábrica encerrada – 28 anos.

Outro fator a ter em consideração ao nível das aspirações moldadas pelo *habitus* é o contacto na socialização com outras formas de trabalho diferentes do assalariado. De facto, verificámos que o pai do entrevistado era trabalhador autónomo informal. Contudo, neste caso, o contacto durante a infância com este tipo de trabalho remete para um tipo de trabalho extremamente precário, do qual o entrevistado sempre procurou escapar. A “dureza” do trabalho do pai na construção civil, e a sua instabilidade, fizeram com que o trabalho na fábrica significasse para este entrevistado um salto qualitativo muito significativo em termos de condições de trabalho. Assim, a assunção de um estatuto assalariado assumiu contornos de uma verdadeira mobilidade social, no sentido que passou a estar protegido pela legislação laboral implementada depois do 25 de abril.

Um fator que não favoreceu a possibilidade da decisão para o autoemprego foi a experiência negativa que o entrevistado teve enquanto fiador de um negócio de familiares.



Porque os familiares deixaram de pagar as prestações ao banco, o entrevistado, para pagar a dívida teve de vender a sua habitação e ir viver com os sogros. Esta experiência foi vivida pela família de forma traumática, tendo sido criada uma relação de aversão com a banca.

Conforme nos alertou Bourdieu (2004), os princípios que subjazem a lógica económica (como o crédito bancário) exigem uma aprendizagem que não se reduz a uma dimensão puramente técnica. Segundo o autor, aderir à visão utilitarista da economia moderna pressupõe a rutura com um modo de vida que assenta numa economia de boa-fé e de honra. Ora, nem todos os indivíduos conseguem aceder eficazmente a esta lógica utilitarista, especialmente quando falamos de pessoas que vivem numa condição de segurança económica frágil. A reciprocidade e a solidariedade que regiam as relações familiares e de vizinhança deixaram de ter cabimento na nova sociedade do crédito (Bauman, 2010). Uma das consequências mais visíveis desta aparente universalidade da lógica de mercado foi o endividamento das famílias.

Neste contexto, não surpreende que o autoemprego não se tenha apresentado como uma alternativa viável aos olhos do entrevistado. Perante as dificuldades que teve de ultrapassar por causa de um crédito bancário, nem o rendimento estável do cônjuge assumiu qualquer relevância perante o sucedido. A família priorizou a segurança económica, por mais pequena que fosse. A importância do acesso a um rendimento estável foi igualmente o que motivou o pedido da reforma antecipada, isto é, com penalização. Contudo, o pedido da reforma antecipada não se prendeu apenas com a eminência do fim do subsídio de desemprego, mas com as reestruturações do sistema de Segurança Social que aumentou a idade de acesso à reforma. Perante as reestruturações operadas ao nível das políticas sociais de proteção social, o entrevistado preferiu pedir a reforma antes que as alterações penalizassem ainda mais a sua situação. Estamos diante uma estratégia de sobrevivência que prioriza a segurança familiar. Perante uma situação que ameaçou seriamente a estrutura familiar (crédito bancário), a estratégia foi atuar de forma cautelosa.

Outro aspeto que foi possível verificar neste caso foi o sentimento de impotência do entrevistado durante o tempo de desemprego perante as reestruturações operadas na indústria no sentido da sua tecnologização. Face à situação de despedimento coletivo, o entrevistado expressou um sentimento de inadequação face às novas exigências do mercado de trabalho. A idade avançada (53 anos), e as baixas qualificações que possuía na altura do despedimento coletivo, provocaram um sentimento de inadaptação face a um mercado

laboral mais flexibilizado. Este sentimento remete-nos para o conceito bourdieusiano de *hysteresis* – um hiato entre *habitus* e campo. Neste caso, as condições do campo alteraram-se e o *habitus* não dispõe dos referenciais necessários para se adaptar rapidamente a essas novas exigências.

**B2**

O Sr. Carlos tem 61 anos, trabalhou 29 anos na Triunfo, é casado e tem um filho independente.

O entrevistado vem de um contexto familiar de baixas condições económicas e escolares: o pai era moleiro (tinha um moinho), a mãe era doméstica e eram agricultores de subsistência. O pai sabia ler e escrever, mas nunca frequentou a escola; a mãe tinha a 3<sup>a</sup> classe. É o segundo numa fratria de três irmãos (um irmão mais velho 4 anos e uma irmã mais nova 2 anos). Como o pai era 20 anos mais velho que a mãe, os filhos desde cedo tiveram que aprender a cuidar dos campos e do gado. Todos tinham o ensino básico e depois começaram logo a trabalhar nos campos. Como o irmão emigrou, a gestão dos campos recaiu mais no Sr. Carlos e na irmã mais nova. Quando o Sr. Carlos tinha 2 anos, foi viver uns tempos para casa de uns tios e foi com o seu tio que ganhou o “vício” da leitura. Quando entrou na escola primária já sabia ler e escrever. Contudo, como o pai adoeceu muito cedo, não pôde prosseguir os estudos. Ficou, no entanto, o gosto da leitura que se mantém até hoje. Os seus tios foram como segundos pais.

Começou a trabalhar aos 12 anos na agricultura (nos campos do pai e para outras pessoas que também tinham campos). Aos 16 anos já era totalmente responsável pelos campos do pai e começou a trabalhar na reconstrução de linhas de caminho-de-ferro. Esteve lá durante 2 anos até a obra terminar. Nunca teve a oportunidade de continuar a estudar, porque teve de ser o sustento da casa. Depois foi trabalhar para outra obra de construção civil. Aos 18 anos consegue finalmente um trabalho estável na Triunfo. Conheceu a esposa na Triunfo. Em 1976 (tinha 22 anos) foi ao serviço militar obrigatório e quando regressa, em 1977 (com 23 anos), casa. Ainda foi convidado a seguir a carreira no Exército, mas a vontade de constituir família e voltar para a fábrica foi mais forte. Em 1979, com 25 anos, entra na comissão sindical da Triunfo. Sempre desempenhou várias funções na Triunfo, mas a sua especialidade era de amassador. É dirigente sindical desde esta altura até aos dias de hoje (há 38 anos).

Desde cedo se destacou na atividade sindical e se dedicou cada vez mais à causa sindical. Contudo, mesmo fazendo parte da Comissão de trabalhadores, o encerramento da fábrica em 2001 foi para si um choque: “Nunca tivemos essa ideia. Quando em 2000... 2000 para 2001 somos chamados... Foi mesmo de facto uma coisa... Foi um choque e foi uma coisa toda inesperada. A Comissão Sindical é chamada à administração e comunicado que aquela empresa ia encerrar... Que a empresa ia encerrar...”.

Tinha 47 anos quando ficou no desemprego, juntamente com a esposa (trabalhavam os dois na fábrica - ela tinha 45 anos). Ambos receberam indemnização. Nessa altura, com 47 anos e com o ensino básico é que percebeu a importância de ter maiores habilitações para conseguir encontrar outro trabalho. O Sr. Carlos foi tirar o 6º ano no ensino recorrente e a esposa fez um curso de formação no IEFP de assistência à infância e à terceira idade. A esposa conseguiu (ainda estava a receber o subsídio de desemprego) empregar-se numa instituição como auxiliar de crianças. O Sr. Carlos ainda era dirigente sindical. Apesar de não receber salário, aproveitou o tempo de desemprego para tirar o máximo de formações possíveis (informática, atendimento ao público, etc.) através do sindicato e do IEFP. Com o incentivo do sindicato tirou, através do programa Novas Oportunidades, o 9º ano de escolaridade (estava a receber o subsídio social de desemprego). Entretanto, surge uma oportunidade de emprego no sindicato (a recibos verdes) e isso criou um “balão de oxigénio”, porque na altura já tinha perdido o direito a subsídio social de desemprego e não tinha outras perspetivas de trabalho. Esteve dois anos nesse trabalho. Nessa altura, porque tinha muita flexibilidade de horário, concluiu o 12º ano através das Novas Oportunidades. Como tinha de estagiar para poder concluir o 12º ano de escolaridade, através dos contactos do sindicato, conseguiu ir estagiar para um Gabinete de Inserção Profissional do sindicato: esteve cerca de um ano nesse trabalho. Entretanto, um colega sindicalista reforma-se e o Sr. Carlos assume o seu lugar numa delegação sindical em Coimbra. Trabalho estável como administrativo e dirigente sindical que exerce até hoje. Está neste trabalho há 5 anos.

Em síntese, neste caso podemos verificar a presença de uma forte ligação à condição salarial que remete para um *habitus* operário e, simultaneamente uma relação com a produção autónoma agrícola através da família de origem (avós e pais) que está mais associado a um *habitus* camponês. De facto, estamos perante uma classe semioperária que perspetiva o trabalho na fábrica como um salto qualitativo em termos de condições de vida. Mais uma vez a fábrica surge como “ideal” num percurso de vida marcado pela “dureza” do

trabalho no campo e na construção civil. Este *habitus* operário é reforçado por 29 anos de trabalho na fábrica e por uma forte ligação com o movimento sindical.

Quanto à socialização com o trabalho independente na família, verificámos a presença deste por parte do pai que era moleiro. Este tipo de trabalho remete para um *habitus* camponês ligado à produção autónoma; no entanto, foi possível verificar que a aspiração do entrevistado sempre foi encontrar um trabalho mais leve por conta de outrem. De facto, confrontado com a possibilidade do autoemprego depois da situação de despedimento coletivo, apesar da vontade da esposa, nunca mostrou interesse nessa opção. A esposa ficou desempregada da mesma fábrica e durante o tempo de desemprego ela tentou convencer o marido em abrir um negócio na área da restauração. Contudo, o entrevistado argumentava que não tinha experiência na área e que o país estava mergulhado numa crise económica.

De facto, este caso, assim como o B1, apresenta uma ligação muito forte com a fábrica. Para este entrevistado, a entrada na fábrica significou também a possibilidade de atuar politicamente através do sindicato. Essa ligação manteve-se mesmo depois do desemprego e as redes criadas nesse meio possibilitaram a sua reintegração no mercado de trabalho. Foi através do capital social construído dentro do sindicato que encontrou a motivação e o apoio necessário para adquirir capital escolar capaz de o posicionar melhor no campo laboral. Remetendo para o conceito bourdieusiano de capital, estamos perante a conversão do capital social em capital cultural. A capacidade de fazer interagir os capitais foi, neste caso, essencial para concretizar a reintegração no campo laboral. A superação do efeito *hysteresis* foi possível através da assunção de um *habitus* mais adaptado às novas regras do campo laboral (maior capital escolar). Convém referir que a possibilidade de adquirir mais capital escolar apenas foi possível através da mobilização de um outro tipo de recursos que se situam a um nível mais mesossocial. Estas políticas sociais visam o acesso de estratos sociais mais baixos ao capital escolar através da requalificação e formação profissional. As medidas ligadas às políticas de formação de adultos “Novas Oportunidades” possibilitaram a muitos adultos concluírem, numa fase mais avançada da vida, os estudos interrompidos devido ao imperativo de entrar no mercado de trabalho para ganhar dinheiro. Esta requalificação melhorou a sua posição social no mercado laboral, apresentando-se como um fator que favoreceu a sua reintegração no mercado de trabalho.

**B3**

O Sr. Cláudio tem 54 anos, trabalhou 27 anos na Mármoreos Batanete, é casado e tem três filhas. Todas estudaram até ao 9º ano de escolaridade e já são independentes. A esposa tem a 3ª classe e trabalha numa empresa de limpezas.

O entrevistado vem de um contexto familiar de baixas condições económicas e escolares: é o mais velho de uma fratria de sete irmãos (é irmão do entrevistado A3). Todos os seus irmãos têm a 4ª classe, à exceção da irmã mais nova que estudou até ao 9º ano de escolaridade. Um dos irmãos é pedreiro na construção civil, uma trabalha nas limpezas, e os outros trabalharam consigo na mesma empresa (Mármoreos Batanete), sendo que um (entrevistado A3) criou o seu próprio emprego. A mãe era doméstica e tinha a 3ª classe. O seu pai trabalhava numa empresa de madeiras e faleceu num acidente de viação quando o Sr. Cláudio tinha cerca de 20 anos.

Começou a trabalhar aos 13 anos como porteiro numa residencial na cidade, depois como empregado de balcão, depois como padeiro, e depois foi para pedreiro na construção civil. Ainda na sua juventude ponderou ir para o seminário para se tornar padre, mas os seus pais precisavam que trabalhasse para ajudar a família.

Casou aos 20 anos e passado poucos dias entrou no serviço militar obrigatório. Na véspera de se casar sofre um acidente de viação e mata involuntariamente uma pessoa. Contudo, nunca foi a julgamento porque foi amnistiado pelo Presidente da República. Ainda nesse ano o seu pai falece num acidente de viação. Regressou do Exército passados 18 meses. Com 23 anos vai trabalhar para a Mármoreos Batanete. Durante o tempo em que trabalhou na fábrica foi dirigente sindical.

Ficou desempregado por volta dos 40 anos. Nunca recebeu indemnização. Ainda durante o tempo de desemprego, surge a oportunidade de emprego na Junta de Freguesia do seu local de residência (nas limpezas e como coveiro) através de um POC (Programa Ocupacional do IEFP). Esse contrato foi conseguido através de contactos pessoais do Sr. Cláudio. Passado um ano teve de regressar ao desemprego (já a receber subsídio social de desemprego). De notar que durante todo o tempo de desemprego, exercia trabalhos informais na construção civil, de forma a complementar o que recebia do subsídio de desemprego. Entretanto, já prestes a terminar o subsídio social de desemprego, como um funcionário da junta de freguesia ia reformar-se, chamaram-no de novo para ir trabalhar para lá. Trabalhou na junta de freguesia durante 7 anos. Com a entrada de um novo presidente da junta, devido

a diferenças pessoais, o Sr. Cláudio veio embora. Voltou a trabalhar informalmente na construção civil e atualmente está com um contrato de trabalho de 8 meses numa obra.

Em síntese, neste caso podemos verificar a presença de uma forte ligação à condição salarial, que remete para um *habitus* operário e, simultaneamente, uma relação com a produção autónoma agrícola através da família de origem (avós e pais), que está mais associada a um *habitus* camponês. De facto, estamos perante uma classe semioperária que desde sempre conjugou os ordenados com o trabalho agrícola. Neste caso foi visível que o trabalho agrícola (para si e para outros de forma informal) foi uma constante ao longo da trajetória como estratégia de diversificação de rendimentos (Piselli, 1995), mesmo quando recebia subsídio de desemprego.

Quanto ao contacto com o trabalho independente durante a socialização, verificamos que o irmão (A3) se estabeleceu de forma independente ainda quando trabalhavam na mesma fábrica. Assim, parece que este fator não teve nenhuma influência no *habitus* do entrevistado. De facto, quando confrontado com a possibilidade de criar o seu próprio emprego depois do despedimento coletivo, refere nunca ter considerado essa hipótese, revelando que a sua “paixão” é o trabalho na construção civil. A transmissão deste ofício ocorreu no início da sua vida ativa (antes da fábrica encerrada), através de um tio. Assim, parece que esta transmissão familiar foi bem sucedida e influenciou a trajetória laboral do entrevistado depois da situação de despedimento coletivo, sendo este o seu atual emprego. O trabalho na construção civil é algo relativamente complexo de analisar em termos de *habitus* uma vez que é caracterizado por uma grande precariedade e que não raras vezes funciona na economia paralela. A informalidade que muitas vezes caracteriza a contratação e os vínculos laborais deste contexto laboral (Cockell & Perticarrari, 2010) ofusca as fronteiras de exercício desta atividade, dificultando uma consciência de classe. Uma vez que as responsabilidades e obrigações são transferidas para o trabalhador (segurança no trabalho, vínculo laboral, segurança social), a construção do *habitus* é algo “esquizofrénica”, contendo em si ligações, por um lado ao operariado (porque trabalha de facto para um empregador) e, por outro, ao trabalho independente (porque é o trabalhador que tem de procurar o seu próximo trabalho). Esta dualidade advém da segmentação do trabalho no setor da construção civil num setor primário, que tem condições de trabalho mais atrativas (remunerações mais elevadas e menor exposição a acidentes de trabalho), e num setor secundário caracterizado por condições de trabalho precárias (remunerações mais

baixas e sinistralidade elevada) (Baganha, Marques & Góis, 2002). Os trabalhadores que estão inseridos no mercado secundário de trabalho, aspiram ao mercado primário. Foi o caso deste entrevistado, que durante muito tempo trabalhou informalmente neste mercado secundário e que atualmente conseguiu aceder ao mercado primário, tendo no momento um contrato de 8 meses. Este movimento não é, no entanto, definitivo. Por ser um setor que subcontrata muito trabalho externo, os contratos são sempre limitados a tempos muito curtos, envolvendo o trabalhador num círculo de precariedade.

Conforme temos vindo a referir, outro fator a ter em consideração em relação aos fatores que podem favorecer o autoemprego é o suporte das redes socioafetivas. Neste caso, verificamos que o cônjuge sempre teve um percurso laboral pautado pela precariedade e instabilidade, tendo tido vários períodos de desemprego. Esta situação dificulta o acesso a um rendimento estável capaz de gerir melhor a incerteza associada ao autoemprego. Assim, para além dos outros fatores verificados neste caso, podemos dizer que a ausência de um rendimento estável através do cônjuge pode ter funcionado como um fator que igualmente não favoreceu o autoemprego.

#### **B4**

A Sr<sup>a</sup> Catarina tem 67 anos, trabalhou na USID 31 anos, é divorciada, tem uma filha com o 12º ano já independente. Está atualmente reformada.

A entrevistada vem de um contexto familiar de baixas condições económicas e escolares: é a segunda numa fratria de três irmãos (o mais velho tem uma deficiência mental e o mais novo faleceu com uma embolia pulmonar). O pai era cozinheiro e a mãe era doméstica e ambos tinham a 4ª classe. O seu pai faleceu de doença prolongada quando tinha 11 anos e como a sua mãe não tinha forma de a sustentar (o seu pai ainda estava vivo mas muito doente), a Comissão de Proteção de Menores enviou-a para um colégio de freiras. Esteve no colégio dos 10 aos 18 anos. Enquanto esteve no colégio, a sua mãe encetou um novo relacionamento, mas porque nunca chegaram a casar, as freiras não permitiam que a sua mãe passasse do portão do colégio, nem que esta fosse a casa dela. Recebia visitas muito pontuais da mãe à porta do colégio. Dentro do colégio aprendeu costura e dactilografia. Lembra essa época como um tempo de reclusão, onde era muito castigada pelas freiras: “estive cinco dias fechada na enfermaria só a pão e a água... Eu e as outras. Porque fomos tirar as amêndoas...”.

Quando sai do colégio aos 18 anos, a sua mãe já tinha tido três filhos, que a Sr<sup>a</sup> Catarina ainda não conhecia. Volta para casa da mãe e do padrasto até aos 22 anos - altura em que casa. Enquanto esteve a viver em casa da mãe, foi vítima de assédio sexual pelo padrasto; porém, a mãe nunca acreditou nela. Nessa altura, como já trabalhava numa fábrica, foi viver para casa de uma colega que sabia do assédio sexual. Foi na casa dessa colega que conheceu o futuro marido (era sobrinho da colega). Por esse motivo: “o primeiro namorado que me apareceu foi aquele com quem eu fui logo... E casei, pronto”. Confessa que se sentiu “na obrigação de casar com ele” porque: “era sobrinho daquela rapariga que me tinha feito bem”.

O marido era empreiteiro por conta própria na construção civil. Descreve o casamento como uma vida “fictícia”: “esbanjava muito dinheiro... Em jogo e mulheres e... Pronto. Era uma vida assim muito fictícia que eu vivia, também. Depois ele um dia arranhou uma mulher, saiu de casa, e eu fiquei com a miúda, pronto. [...] Depois essa fase enquanto a minha filha não casou... é que foi um bocadito difícil... porque era só eu a trabalhar, ele nunca deu nada à filha...”. Divorciou-se aos 41 anos.

Começa a trabalhar aos 18 anos numa fábrica de malhas. Entretanto, casa aos 22 anos e engravida e, por esse motivo, é despedida. No entanto, foi sempre trabalhando em fábricas de têxteis (sendo que a última foi a USID): os motivos que justificavam a sua saída das várias fábricas prendiam-se com a dificuldade em ter uma creche para deixar a filha, ou por encerramento das fábricas. Teve alguns períodos de desemprego durante a sua vida ativa. A Sr<sup>a</sup> Catarina sai da USID em 2009 por falta de pagamento de salários. Durante os 31 anos que trabalhou na USID sempre foi delegada sindical. Era costureira qualificada. A fábrica encerra em 2010. Foi para o desemprego com 59 anos. Recebe indemnização ainda durante o tempo de desemprego.

Durante o tempo de desemprego faz um curso de culinária, apesar de não ter qualquer interesse na área. A formação que queria tirar era informática, mas o IIEFP não tinha a formação disponível. O curso de culinária deu-lhe a equivalência ao 9º ano de escolaridade. Relembra-se do tempo de desemprego como o “massacre dos carimbos”: era mal tratada no Centro de Emprego, porque não conseguia mais carimbos de empresas onde procurava emprego, e era mal tratada pelas empresas que já estavam saturadas dos desempregados lhes estarem sempre a pedir carimbos. Procurou emprego em todo o lado e a resposta era sempre a mesma: queriam pessoas novas e que já não tinha idade para



trabalhar. Esta foi uma época humilhante para a Sr<sup>a</sup> Catarina: “Eu sentia-me muito culpada sem ter culpa nenhuma. Pronto... Sentia-me muito culpada sem ter culpa nenhuma. [...] Eu sentia-me a pedir esmola. Eu sentia-me a pedir, mesmo!”. Por esse motivo, reforma-se assim que pode - com 63 anos (não chegou a passar para o subsídio social de desemprego). Não sofreu qualquer penalização.

Atualmente tem boas relações com a mãe e com os irmãos do segundo relacionamento dela. O valor que recebe de reforma é muito baixo, pelo que complementa com algumas horas de trabalho de limpeza (trabalho informal) para poder ajudar a filha que está desempregada. Adora ler e olha com tristeza o facto de não ter tido a possibilidade de estudar.

Em síntese, neste caso podemos verificar a presença de uma forte ligação com a condição salarial que remete para um *habitus* operário e a ausência de ligação com a produção autónoma agrícola. De facto, à semelhança do B1, esta entrevistada não apresenta qualquer ligação com o *habitus* camponês. Por sua vez, a ligação à fábrica encerrada é forte, tendo lá trabalhado durante 31 anos.

Quanto ao contacto com o trabalho independente, verificamos que o ex-marido era empresário; contudo, conforme vimos, a relação era problemática, tendo-se divorciado aos 41 anos. Assim, parece que este contacto não influenciou o *habitus* da entrevistada, uma vez que referiu que nunca considerou o autoemprego como uma opção viável depois do despedimento coletivo. Esta situação remete-nos mais uma vez para a importância das redes socioafetivas no suporte ao trabalho independente. De facto, a ausência de suporte da família de origem e do ex-marido, obrigou a entrevistada a adotar estratégias de sobrevivência durante toda a sua vida.

Durante a sua trajetória laboral, a ausência de uma rede familiar dificultou muito a sua vida, tendo sido despedida quando estava grávida e tendo-se despedido porque não tinha quem cuidasse da filha. Assim, não é de estranhar que a hipótese do autoemprego nunca se tenha colocado em nenhuma altura da sua vida. A ausência de uma rede de suporte impossibilita a projeção a longo prazo e a capacidade de lidar com a incerteza de rendimentos que o trabalho independente exige.

Conforme vimos, o tempo de desemprego foi vivido com grande ansiedade. A impotência sentida pela entrevistada perante um mercado de trabalho que a via como demasiado “velha” para trabalhar (tinha 59 anos) remete-nos de novo para o conceito de

*hysteresis*. Foi possível verificar no discurso da entrevistada o sentimento de inadequação entre o seu perfil e os referenciais de um mercado laboral seletivo que valoriza um perfil jovem e qualificado. Nas palavras de Bourdieu (1977/1972, p.78), as mudanças nas condições de existência no campo traduzem-se em “diferentes definições do que é impossível, possível e provável”. Mais uma vez, tal como no B1 e B2, verificamos que neste caso o *habitus* não dispõe dos recursos necessários para se adaptar às condições do campo. Sendo que não é possível mudar a idade que se tem, o sentimento de injustiça foi algo visível neste caso. Conforme nos alerta Bourdieu (1986), a arbitrariedade que define as “regras do jogo” dos diversos campos é a marca mais evidente das sociedades modernas capitalistas. O sentimento de impotência do indivíduo perante essas mudanças, isto é, o sofrimento causado por esta “violência simbólica”, é a marca mais visível no quotidiano das pessoas. O que é valorizado e/ou legítimo num determinado tempo histórico, não é o reflexo de princípios superiores que ultrapassam a lógica mercantilista, mas antes processos de exclusão puramente arbitrários baseados nos interesses da classe dominante.

Perante a ausência de oportunidades no mercado de trabalho e a eminência do final do subsídio de desemprego, a reforma apresentou-se como a alternativa mais viável. É óbvio que neste caso, à semelhança do B1, a proximidade da idade da reforma foi o fator que mais contribuiu para a escolha desta trajetória. A ansiedade da entrevistada perante a incerteza de rendimentos durante o tempo de desemprego foi muito evidente. A reforma possibilitou o acesso a um rendimento estável, por mais diminuto que seja. Facto que é reforçado pelo facto da entrevistada complementar a magra reforma com trabalho informal nas limpezas a pessoas particulares.

## **B5**

O Sr. Caetano tem 60 anos, trabalhou 24 anos na Triunfo, é casado, tem três filhos e está reformado por invalidez. Atualmente, a filha mais nova ainda vive com os pais (tem 16 anos) e está no ensino secundário.

O entrevistado vem de um contexto familiar de baixas condições económicas e escolares: é o mais novo de uma fratria de dois irmãos (a irmã mais velha é operária e estudou até à 4ª classe). A mãe era doméstica e trabalhava a dias como cozinheira em casamentos e nas casas mais abastadas como criada. O pai era pintor na construção civil e gaiteiro. Nenhum deles estudou.

O Sr. Caetano deixou a escola aos 12 anos (com a 3ª classe) e foi trabalhar como servente de pedreiros na construção civil. Aos 13 anos vai trabalhar para uma empresa de materiais de construção (assentava os pisos das casas nas obras). Executa esse trabalho até aos 23 anos, altura em que essa fábrica encerra. Entretanto (ainda era solteiro) termina o 6º ano de escolaridade na associação recreativa da sua zona de residência. Recebe indemnização e com esse dinheiro casa. Como a esposa era filha única, foi viver com ela para casa dos sogros. Depois vai trabalhar para uma fábrica de telhas de fibra-de-vidro, mas como era um trabalho que envolvia muitos químicos que prejudicavam a sua saúde, esteve lá poucos meses. Encontrou trabalho numa obra em que na altura estavam a construir uma autoestrada. Durante os 3 anos que esteve nessa obra desempenhou várias funções: primeiro como servente de pedreiros e depois como pintor dos sinais de trânsito e betoneiro (depois do seu horário normal de trabalho para ganhar mais dinheiro). Perto do final da obra, através de um amigo que trabalhava na Triunfo, soube que a fábrica estava a contratar pessoal. Entra na Triunfo aos 26 anos. Finalmente encontra um trabalho estável e mais leve. As funções que desempenhou na fábrica foram apanhar e empacotar a bolacha, amassador e depois chefe de produção de secção. Ainda foi 2 anos para a fábrica de Lisboa para ganhar mais dinheiro (ainda ninguém desconfiava que a fábrica em Coimbra ia encerrar). Vinha para casa aos fins-de-semana e não pagava nem alojamento nem alimentação em Lisboa. Entretanto, as condições para trabalhar na fábrica de Lisboa são alteradas (aumentavam o salário, mas deixavam de assegurar o alojamento e a alimentação) e o Sr. Caetano regressa à fábrica de Coimbra, porque as condições eram melhores para a sua família (tinha a ajuda dos sogros para cuidar dos filhos e não pagava casa) e porque também gostava mais da fábrica de Coimbra. Em 2001 a fábrica de Coimbra encerra definitivamente. O Sr. Caetano tinha 50 anos. Recebeu indemnização um ano depois. Foi delegado sindical durante 21 anos.

Na altura em que fica desempregado tinha dois filhos a estudar e a mais nova no infantário. A esposa trabalhava numa fábrica de têxteis. Esteve cerca de 3 anos no desemprego (até acabar o subsídio social de desemprego). Fez uma formação de Higiene e Segurança no Trabalho no IEFP, mas nunca teve ofertas de emprego. Nessa altura recorda que era muito novo para se reformar e muito velho para trabalhar. As empresas onde procurava emprego respondiam: “Burro velho mais vale matá-lo que ensiná-lo. Lavar a cabeça a burros é gastar água e sabão.” Diziam eles... Era o meu caso e dos meus colegas...”.

Na altura do desemprego começam a surgir muitos problemas de saúde ao Sr. Caetano. Assim, depois de acabar o subsídio social de desemprego, reforma-se por invalidez aos 55 anos. Atualmente ainda é um membro ativo no sindicato. A fábrica onde a esposa estava, entretanto também encerra, e depois no desemprego, através de um POC, encontra trabalho numa creche (onde ainda hoje trabalha desde há 15 anos).

Em síntese, neste caso podemos verificar a presença de uma forte ligação com a condição salarial que remete para um *habitus* operário e a ausência de ligação com a produção autónoma agrícola. De facto, este entrevistado não apresenta qualquer ligação com o *habitus* camponês que poderia moldar as expectativas no sentido de alguma aspiração ao trabalho autónomo. O trabalho na fábrica encerrada surge no discurso deste entrevistado como um tempo áureo e os seus colegas como uma “família”. Este *habitus* operário é igualmente reforçado pelo seu longo percurso na fábrica encerrada – 24 anos.

Verificamos também que este entrevistado não teve contato durante a sua socialização com o trabalho independente, e que a esposa teve um percurso laboral instável e precário, tendo do mesmo modo, vivenciado uma situação de despedimento coletivo (de outra fábrica). Assim, neste caso não encontramos qualquer fator que pudesse favorecer o estabelecimento por conta própria.

Quando confrontado pelos serviços do IIEFP durante o desemprego, a resposta do entrevistado foi que “só sabia fazer bolacha”. Contudo, depois de estar reformado por invalidez até chegou a considerar essa hipótese (apesar de não ter avançado). Esta situação revela-nos a importância dada pelo entrevistado a um rendimento estável. Para além de todos os outros fatores que não favoreceram o autoemprego neste caso, podemos dizer que outro fator que o afastou desta alternativa foi a ausência de uma fonte de rendimento estável. É óbvio que também temos de considerar o agravamento do seu estado de saúde, depois da situação de despedimento coletivo, que levou à sua reforma por invalidez. As limitações ao nível da sua saúde (depois do despedimento coletivo) trouxeram mais dificuldades para lidar com novos desafios e esse facto não pode ser menosprezado.

À semelhança do B1 e do B4, verificamos o sentimento de impotência sentido pelo entrevistado durante o tempo de desemprego perante as novas exigências do mercado de trabalho. A discriminação sentida relativamente à idade em que ficou desempregado (50 anos), foi algo evidente. Mais uma vez, a idade avançada (50 anos) e as baixas qualificações que possuía na altura do despedimento coletivo provocaram um sentimento de inadaptação

face a um mercado laboral mais flexibilizado – efeito *hysteresis*. Poderemos pensar que estamos de novo perante uma situação de “violência simbólica”.

## B6

O Sr. Cristiano tem 65 anos, trabalhou 24 anos na Central de Cervejas, é casado e tem três filhos. Está atualmente reformado.

O entrevistado vem de um contexto familiar de baixas condições económicas e escolares: é o mais novo de uma fratria de cinco irmãos (dois faleceram antes de nascer e outra faleceu recentemente). As suas irmãs (todas raparigas) estudaram até ao ensino básico e nunca prosseguiram os estudos, porque na altura uma rapariga vir estudar para a cidade era considerado “perigoso”: “Uma rapariga vir, na altura, aquilo tinha de ser... Ir virgeminha até... [...] Epá, era aquilo que existia na altura, portanto... Tanto que o nosso... Que era um tempo em que... Não era implementado nem era apoiado o estudo das mulheres”. A mãe aprendeu a ler e a escrever aos 50 anos e era doméstica, o pai era ferroviário e também tirou o ensino básico aos 20 anos. Eram também agricultores de subsistência.

No seu percurso escolar foi muito incentivado a prosseguir os estudos: sendo o único rapaz, foi muito acarinhado na família. Os pais queriam que o Sr. Cristiano tivesse mais oportunidades de vida do que eles tiveram, e como era um excelente aluno, depois do ensino básico, inscreveram-no na Escola Industrial e Comercial para serralharia. Sempre incentivado pelos seus professores, a sua ideia era a de ser engenheiro, mas a urgência de ganhar dinheiro, fez com que ficasse pelo 12º ano.

Começou a trabalhar aos 16 anos para uma fábrica têxtil (Mondurel), como torneiro, fresador e era subchefe de secção. Casou aos 18 anos e nessa altura foi para o serviço militar obrigatório. Era furriel e foi para a guerra do Ultramar. Regressou para a mesma fábrica (Mondurel). A primeira esposa era costureira. Esteve 14 anos na Mondurel (que também encerrou); depois foi para a CIMPOR (fábrica de cimentos) como torneiro e fresador durante 2 anos, e de seguida decide ir para a Central de Cervejas, porque era um trabalho mais seguro (menor risco de acidentes de trabalho). Trabalhou na Central de Cervejas durante 24 anos. A primeira esposa faleceu quando tinha 48 anos com doença prolongada. Na altura em que a primeira esposa faleceu, o Sr. Cristiano trabalhava na Central de Cervejas e a fábrica de Coimbra estava à beira do encerramento. A fábrica em Coimbra fecha em 2002 (foi privatizada e deslocalizada). Para que o Sr. Cristiano não ficasse numa situação vulnerável,

a empresa propõe que este vá para a fábrica de Vialonga, apenas para negociar a situação dos restantes trabalhadores de Coimbra na Comissão de Trabalhadores. Esteve em Vialonga 1 ano e apesar da empresa lhe propor que continuasse a trabalhar, preferiu reformar-se. Para se poder reformar, esteve a receber subsídio de desemprego durante 3 anos (para ser considerado desempregado de longa duração e reformar-se sem penalizações). Reforma-se aos 55 anos sem penalizações. Recebeu indemnização. Volta a casar um ano depois.

Desde que começou a trabalhar, foi sempre delegado sindical e ainda hoje dedica muito do seu tempo ao sindicato. Para além do sindicato, é uma pessoa extremamente envolvida em atividades sociais, nomeadamente no seu local de residência. Encarou a reforma como uma oportunidade de se dedicar ao que realmente gosta. Em síntese, neste caso podemos verificar a presença de uma forte ligação à condição salarial que remete para um *habitus* operário e, simultaneamente uma relação com a produção autónoma agrícola através da família de origem (avós e pais) que está mais associado a um *habitus* camponês. Estamos perante uma classe semioperária que desde sempre conjugou os ordenados com o trabalho agrícola e outros serviços na comunidade. Neste caso, foi visível que o trabalho agrícola e o trabalho na fábrica foi conjugado com o exercício de alguns trabalhos informais por conta própria (canalização) como estratégia de diversificação de rendimentos (Piselli, 1995) e como uma forma de troca de serviços comunitários que se rege por princípios de cooperação e de reciprocidade interpessoal.

Mais uma vez, estamos perante uma forte ligação à fábrica encerrada, que é reforçada por 24 anos de trabalho na mesma. Uma ligação que forjou no papel que desempenhou na comissão de trabalhadores e na militância sindical. Foi possível verificar que a fábrica, através do sindicato, surge como espaço de atuação política e participação social, ultrapassando a esfera laboral e tendo-se mantido depois da situação de despedimento coletivo.

Conforme temos vindo a referir, outro fator a ter em consideração em relação aos fatores que podem favorecer o autoemprego é o suporte das redes socioafetivas. Neste caso verificamos que o cônjuge faleceu na altura do encerramento da fábrica. Constatámos ter sido uma altura muito difícil para o entrevistado e a fábrica encerrada, que foi deslocalizada para Lisboa, assumiu um papel muito importante de suporte, possibilitando-lhe continuar a trabalhar na empresa até concluir as negociações para todos os processos de despedimento coletivo dos colegas (inclusivamente o seu).

Observa-se, assim, que estamos perante uma pessoa com elevada participação social, o que se manifesta em vários domínios da vida cívica. Não é, portanto, de estranhar a sua resposta à possibilidade do autoemprego depois do despedimento coletivo. O facto de dizer que “não precisava nem de dinheiro, nem de trabalho”, remete-nos para a importância dada a outros aspetos da sua vida nos quais desejava ter mais tempo para se dedicar. Assim, o tempo de desemprego foi encarado como uma transição para a reforma – um tempo em que se poderia dedicar à atuação cívica. É óbvio que estamos perante uma situação de desafogo financeiro – durante o tempo de desemprego (elevado subsídio de desemprego) e na reforma (acesso a pensão elevada) – sem a qual seria mais difícil poder concretizar esse desejo de liberdade. Mais uma vez, a proximidade da idade da reforma foi um fator que influenciou decisivamente a trajetória escolhida.

Apresentados os doze esboços biográficos, faz-se de seguida um primeiro ensaio exploratório de análise transversal das trajetórias pós-desemprego dos participantes neste estudo, a partir da emergência de padrões e fatores comuns, bem como de especificidades contextuais e biográficas:

Verificou-se que a maioria dos entrevistados advém de contextos socioeconómicos relativamente baixos. Os pais dos entrevistados inserem-se, na sua maioria, na categoria que alguns sociólogos chamam de semiproletariado ou camponeses-operários<sup>69</sup>. Esta categoria social caracteriza-se pela conjugação do trabalho em fábricas com a agricultura de subsistência. A diversificação de rendimentos foi uma estratégia adotada pela generalidade dos entrevistados, constituindo um padrão social e comportamental transversal. Tal como nos descreveu Piselli (1995), esta estratégia é bastante comum em famílias que moram em zonas periféricas das cidades, que complementam os salários auferidos nas fábricas com o trabalho na agricultura e outros serviços informais na comunidade.

Quanto às características do *habitus*, a maioria dos entrevistados apresenta uma espécie de *habitus* “compósito”, isto é, evidencia simultaneamente uma forte ligação com a produção autónoma agrícola e com o estatuto assalariado. Foi possível verificar diversas combinações entre estes tipos de produção. Ainda assim, observámos a presença de uma

---

<sup>69</sup> Na perspetiva bourdieusiana a questão da identidade deste grupo social é deveras interessante. Será que um *habitus* camponês se pode transformar em *habitus* operário, e vice-versa, e daí se configurarem como contextos (des)favoráveis à criação do próprio emprego?

“tendência” dos entrevistados do grupo A para um *habitus* “compósito” e o grupo B para um *habitus* mais ligado à lógica salarial. A constatação desta tendência não nos deve levar a análises lineares causais, até porque registámos a presença de três entrevistados do grupo B com este *habitus* “compósito”. No entanto, o facto de verificarmos que alguns entrevistados do grupo B também registaram este *habitus* compósito, leva-nos a questionar que outros fatores podem influenciar as trajetórias depois da situação de despedimento coletivo. De facto, foi possível verificar que os três entrevistados do grupo B que apresentaram um *habitus* compósito, na altura do despedimento coletivo, não tinham acesso a um rendimento alternativo estável através do cônjuge. Conforme observámos, este foi um fator que se apresentou como importante nas trajetórias para o autoemprego. Contudo, mais uma vez, devemos aprofundar a nossa análise. Olhando para o papel das redes socioafetivas, e voltando à nossa hipótese do *habitus* “compósito”, um dos entrevistados do grupo A que apresenta este tipo de *habitus*, na altura do despedimento coletivo, também não tinha acesso a um rendimento estável através do cônjuge, tendo a sua esposa ficado desempregada da mesma fábrica. É neste ponto que entramos num universo mais subjetivo de fatores que se apresentaram de forma diferenciada aos entrevistados. São fatores altamente embrincados na história e trajetória pessoal dos entrevistados, que são capazes de nos deixar mergulhados no “caos” empírico. Se por um lado, uma descrição a “traço grosso” (Portela *et al.*, 2008) não nos dá conta das especificidades, temos de ser, por outro lado, igualmente capazes de deixar a “segurança” microscópica das unidades de contexto e aventurar-nos pelo caminho de padrões sociais e comportamentais transversais (como) ou fatores motivacionais comuns (porquê), não deixando de procurar harmonizar estes diferentes níveis de análise.

De facto, apesar de estarmos na presença de fatores altamente complexos que se relacionam de forma diversa nos diferentes casos, todos esses fatores influenciaram os entrevistados e as suas famílias (mesmo que de forma inconsciente) depois do despedimento coletivo, impondo-lhes uma tomada de decisão. Todos esses fatores traduziram-se em circunstâncias que enquadraram o que para eles se apresentou como possível, provável e desejável, depois da situação de despedimento coletivo. Exemplos desses fatores são: má experiência com crédito bancário; agravamento da saúde depois do despedimento coletivo. A forma como os indivíduos interpretam essas experiências pode ser diferente em cada caso, e por esse motivo, não constitui por si só um padrão, antes uma circunstância, que depende sempre do universo de significação do mesmo.



Ainda assim, essa análise a “traço grosso” permitiu-nos identificar um conjunto de fatores e padrões que favoreceram estratégias adaptativas conducentes ao autoemprego. De uma forma geral, verificamos que o acesso a um rendimento estável (maioritariamente proporcionado pela estabilidade profissional do cônjuge) na altura do despedimento coletivo funcionou como um fator que favoreceu o autoemprego. Este é um fator que nos remete para a importância do suporte das redes socioafetivas e para o autoemprego como decisão familiar, enquanto padrão transversal, a que se juntam outros, como descreveremos de seguida.

Conforme já referimos, o outro fator mais evidente desta análise foi a presença de um *habitus* tendencialmente mais “compósito” ou com mais ligações à produção autónoma agrícola ou trabalho autónomo informal no grupo A. Constatámos, assim, que este *habitus* compósito é capaz de reunir em si práticas laborais distintas e, por esse motivo, detém um maior potencial adaptativo às mudanças.

Quanto ao fator que mais favoreceu outro tipo de estratégias adaptativas que não o autoemprego foi a proximidade da idade da reforma. Na verdade, a idade mais avançada do grupo B foi um fator que complexificou a análise, uma vez que se tornou preponderante face a todos os outros fatores com potencial explicativo das trajetórias seguidas. Face à possibilidade de aceder à reforma, nenhum entrevistado ponderou não o fazer. Um dos entrevistados do grupo B, perante as reestruturações políticas que tendiam para o aumento da idade da reforma, optou por se reformar antecipadamente, isto é, com penalização. Foi possível verificar que o acesso a um rendimento estável foi um fator valorizado por todos os entrevistados. Aliás, três entrevistados do grupo A reformaram-se assim que tiveram a oportunidade. Contudo, nestes casos a reforma apenas se tornou acessível depois da decisão de criarem o seu próprio emprego. Assim, o acesso a um rendimento estável é valorizado por todos; no entanto, apenas o grupo B teve acesso a essa possibilidade (sem grandes penalizações) depois da situação de despedimento coletivo. O facto de estes entrevistados poderem aceder à reforma, de alguma forma resolveu a situação de despedimento coletivo, não tendo, de uma forma geral, que recorrer a outro tipo de estratégias adaptativas. Num dos casos do grupo B em que a reforma auferida pelo entrevistado foi baixa, verificámos que este recorre ao trabalho informal para complementar os seus rendimentos e fazer face às despesas. De resto, este é um padrão estratégico presente em todos os participantes da

investigação e que é adotado em momentos de dificuldades e/ou como forma de diversificação de rendimentos (geralmente baixos).

Nos restantes entrevistados do grupo B, que não tinham idade para aceder à reforma, verificámos padrões estratégicos de procura ativa de emprego, aumento do capital escolar e o recurso ao trabalho informal.

Quanto aos contextos laborais dos entrevistados, verificámos que os entrevistados que entraram no mercado de trabalho (precocemente) experienciaram, depois do 25 de abril, um aumento exponencial dos salários e dos benefícios sociais (salários que voltaram a diminuir drasticamente nos anos 70), e esse marco foi algo que moldou o imaginário social dos trabalhadores dessa época. Verificamos que a maioria, por via do trabalho estável na fábrica, puderam aceder a uma melhoria generalizada das condições de vida, que se manifestou, por exemplo, no acesso ao crédito habitação - algo totalmente desconhecido para a geração anterior. Para a maioria dos entrevistados, a estabilidade (que não exclui condições precárias das condições de trabalho<sup>70</sup>) foi a marca mais evidente que a fábrica deixou nas suas trajetórias laborais. Foi interessante verificar que para muitos entrevistados a entrada na fábrica simbolizou uma melhoria considerável nas suas vidas, onde o sindicato desempenhou um papel central na solidificação das relações contruídas dentro e fora da fábrica. Apesar de se ter constatado diferentes graus de identificação com o sindicato entre os entrevistados, todos tiveram algum tipo de envolvimento com esta organização. Alguns entrevistados mostram uma forte identificação com a causa sindical. Uma ligação que mantêm até aos dias de hoje. O papel que os sindicatos tiveram nas negociações dos despedimentos coletivos sedimentaram relações, que se revelaram muito importantes em outras esferas de vida de alguns entrevistados (na formação, na procura de novo emprego, no acesso à reforma, etc.).

Para aqueles que experienciaram o despedimento coletivo numa idade mais avançada, a fábrica surge no grupo B, de uma forma geral, como um “ideal” em vias de “extinção” – um local que moldou expectativas, as quais não encontram mais cabimento no novo espaço social.

Quanto aos eventos de vida (inerentemente aleatórios), estes desempenharam um papel muito importante na compreensão das trajetórias. Foi curioso perceber que, por

---

<sup>70</sup> cf., Kovács (2005a). *Emprego flexível em Portugal: alguns resultados de um projecto de investigação. Flexibilidade de emprego: riscos e oportunidades*. Oeiras: Celta

exemplo, o mesmo evento (*e.g.*, morte ou abandono do pai na adolescência – seis casos) influenciou de diferentes formas as trajetórias dos entrevistados. Estes eventos só podem ser compreendidos à luz do cruzamento com outros fatores. Por exemplo, para uma entrevistada, a morte do pai significou o início da necessidade de lutar por si própria e de se tornar mais autônoma: “Ponto marcante, sem dúvida nenhuma... O ponto marcante da minha vida, sem dúvida nenhuma, foi a morte do meu pai. Isso... Em absoluto. Porque eu tive a certeza, sempre... [...] Eu sempre tive a certeza desde aquele momento que eu tinha que tomar conta de mim e até da minha mãe... Percebe?” (A6); para outra entrevistada (B4) simbolizou a total ruptura familiar: “Depois o meu pai faleceu eu fui para um... Para um...”; “Com 10. Com 10... Quando o meu pai ficou doente tiraram-me à minha mãe, pronto... [...] E o meu pai faleceu já lá estava nas freiras... Nem fui ao funeral, nem... [...] Entretanto, a minha mãe depois casou novamente... E quando eu saí do colégio já a minha mãe tinha mais três filhos. Eu não os conhecia... Entretanto, vim... Vim de lá do... Tirada assim para o mundo de qualquer maneira...”. De notar que no primeiro caso existia uma forte rede de suporte familiar alargada (tios); no segundo, não existia qualquer rede de suporte extra, pelo que a entrevistada e o irmão foram retirados à mãe pelos serviços sociais. Diferentes circunstâncias envolvem os eventos, para além de um mundo subjetivo impossível de mensurar (que tem a ver com o universo interior de cada um). Todos estes fatores cruzam-se de forma dinâmica ao longo das trajetórias de vida e não devem ser menosprezados na análise. Contudo, como a presente investigação pretende ir além desse universo particular, o foco foi dado ao universo sociológico das trajetórias: e aí podemos sintetizar que, partindo de trajetórias de vida e sociais não-lineares, por vezes caóticas, os tempos e os espaços sociais que, de modos diversos, contextualizaram os participantes podem fornecer vias de compreensão para as diferentes decisões que os entrevistados tomaram após o desemprego por despedimento coletivo, em função de estratégias diversificadas.

## 8.2 Reflexões a partir do trabalho de campo

Como já tínhamos referido anteriormente, durante o processo de realização das entrevistas fomos recolhendo anotações, observações, etc. sobre o decorrer das mesmas (atitudes dos entrevistados, cenário da entrevista com presença de familiares ou isolada, questões mais “difíceis” de responder, as nossas próprias reflexões e vivências, etc.). Esta é outra forma de construir mais possibilidades de interpretação dos temas construídos, e

portanto um reforço de validação (Newman, 2011). Igualmente, parece-nos um caminho no sentido do encontro do que Bourdieu apelidou de “objetivação participante”, ou seja, uma estratégia de tornar mais conscientes as nossas próprias concepções do fenómeno em causa e dos nossos próprios interesses na problemática.

A primeira questão pretendia que os entrevistados tentassem resumir os seus percursos de vida de forma a esta se tornar mais inteligível para a investigadora e para os próprios. Alguns entrevistados tiveram mais dificuldades do que outros, até porque não sabiam muito bem que eventos nomear como mais importantes nessa trajetória (que no fundo estavam relacionados com os próprios objetivos da investigação). De qualquer forma, a primeira questão: “gostaria que me falasse da sua trajetória de vida. Começando pelas suas origens sociais até hoje” é muito lata, e pretendia que os entrevistados se confrontassem com o exercício de reflexão que iria ser exigido ao longo da entrevista.

Como seria de esperar, os lapsos de memória, especialmente em relação a algumas datas foi algo que aconteceu para alguns entrevistados, mas de uma forma geral, conseguiram situar os eventos no seu contexto temporal. Quando o discurso era muito vago em relação a algum tópico importante para a investigação, a investigadora<sup>71</sup> retomava o assunto de forma natural numa outra altura da entrevista, para que o entrevistado pudesse ter a sensação de controlo sobre o desenrolar da narrativa. O esforço de reflexão exigido aos entrevistados não era uma tarefa fácil, porque não se tratava apenas de nomear os eventos, mas de verdadeiramente refletir acerca das circunstâncias que os envolviam. Para alguns entrevistados, foi a primeira vez que se tinham confrontado com algumas reflexões. Alguns faziam paragens no discurso e outros mostravam mesmo surpresa, dizendo, por exemplo “nunca tinha pensado nisso”. Estas expressões mostraram à investigadora que, para alguns, a forma como os tópicos surgiam na entrevista, revelavam a forma como a própria investigadora estava a compreender as narrativas. Questionar as decisões tomadas e tentar relacioná-las com determinados eventos e circunstâncias foi para alguns uma novidade.

De forma geral, a investigadora sentiu que os entrevistados gostaram de partilhar as suas histórias. Contudo, por serem narrativas imbuídas de significados diversos, por vezes foi difícil conduzir a entrevista de forma eficaz. Gerir a importância de respeitar a forma como a narrativa era apresentada e tentar não sair demasiado fora dos temas não foi sempre

---

<sup>71</sup> Investigadora no sentido da possível objetividade, enquadrado numa pesquisa de natureza, igualmente, académica.

fácil. Especialmente quando os entrevistados não estão habituados a partilhar reflexões tão pessoais. Alguns, perante essa dificuldade, limitaram a narrativa ao essencial (factual), outros “perdiam-se” em detalhes que fugiam ao essencial na narrativa.

No decorrer das entrevistas, a investigadora deparou-se com narrativas marcadas por eventos traumáticos. À medida que cada entrevista era realizada, a investigadora confrontou-se com inúmeros desafios que a obrigou a fazer uma introspeção pessoal. O contato com determinados eventos, tão distantes da realidade da investigadora (eventos de guerra, fome, morte, assédio, violência), exigiu que esta adquirisse um tipo de informação mais subjetiva acerca de determinados eventos nacionais, para que conseguisse obter mais pormenores acerca das condições de vida nessa época e pudesse compreender melhor o universo objetivo e subjetivo associado a estes episódios. A investigadora recorreu, por essas razões, a pessoas da sua rede pessoal para compreender melhor diferentes circunstâncias: a experiência militar antes do 25 de abril foi um dos casos, por exemplo, no sentido da aquisição de competências a transferir para a vida civil. Existiu, igualmente, a necessidade de esclarecer com essa rede pessoal muitos termos (ou expressões) ligadas à agricultura, ao trabalho em série, etc. O conhecimento dessa “gíria” revelou-se muito importante, uma vez que os entrevistados “sentiram” que a investigadora estava a compreender o que lhe estava a ser explicado<sup>72</sup>. Essa proximidade facilitou a “abertura”.

Foi necessário dar espaço e tempo aos entrevistados para eles conseguirem expressar e fazer sentido de alguns tópicos mais “difíceis”. De uma forma geral, ficou evidente nas trajetórias dos entrevistados um contexto de grandes dificuldades socioeconómicas. O confronto da investigadora com essa realidade não foi confortável e exigiu grande “sensibilidade” da mesma, sem cair em discursos condescendentes.

Outra particularidade, especialmente no grupo B, foi perceber a importância que as fábricas encerradas assumiram no discurso dos entrevistados. A descrição detalhada das funções, dos episódios, dos colegas e chefias foi algo transversal neste grupo. A investigadora percebeu desta forma a importância que a fábrica encerrada/deslocalizada assumiu nas trajetórias de vida destes entrevistados e as notas de campo registadas nessa altura revelaram-se essenciais para a posterior análise, nomeadamente na compreensão da consolidação dos *habitus*.

---

<sup>72</sup> Fica, no entanto, sempre uma dúvida, diríamos metódica, de que tenhamos conseguido compreender toda a riqueza e diversidade de conteúdos das narrativas.

De notar que todas as entrevistas decorreram de forma relativamente privada, isto é, durante a entrevista apenas estavam presentes unicamente a investigadora e o entrevistado. Contudo, houveram exceções. Como seria de esperar, em alguns casos em que as entrevistas decorreram nas casas próprias ou local de trabalho próprio, existiram interrupções. Caso do entrevistado A3, na sua casa própria, em que a determinada altura (mais próximo do final), esteve presente a filha e a esposa, onde a esposa respondeu a algumas perguntas. De notar que era um caso de uma empresa familiar e o negócio estava no nome da esposa. A entrevista do A4 foi no local de trabalho próprio e, por esse motivo, existiram algumas interrupções de clientes. O marido também esteve presente durante algum tempo durante a entrevista. A entrevista da A6 também decorreu no seu local de trabalho, e para além das naturais interrupções de clientes (em que se desligava o gravador), uma amiga da entrevistada esteve presente (sem nunca falar). Finalmente, a entrevista do B3 também foi na residência própria do entrevistado. Esta foi uma entrevista mais desafiante porque a neta estava presente e a esposa estava na divisão adjacente. A investigadora notou nesta entrevista uma maior resistência do entrevistado em refletir acerca da sua trajetória. Isto é, existiu alguma resistência do entrevistado em desenvolver determinados tópicos. Contudo, as razões que justificaram esta dificuldade podiam estar relacionadas com outros fatores, como por exemplo, o facto do entrevistado ter chegado a casa depois de estar ausente durante toda a semana e estar com alguma pressa devido a compromissos, ou não estar habituado a este tipo de situações e entrevistas. Esta situação deu origem a uma entrevista de cerca de 52 minutos (a mais curta das entrevistas), ficando muito aquém da média geral de 2 horas e 29 minutos.

É óbvio que é impossível controlar algumas situações que acontecem no decorrer das entrevistas, porque a maioria escapa ao controle da investigadora. Contudo, a investigadora considera que os objetivos foram atingidos na sua generalidade, e sobretudo a sua experiência obtida através da escuta dos entrevistados, para além do conteúdo transcrito, permitiu desenvolver “sensibilidades” que, a partir do material não-verbal, ajudaram a melhor compreender as trajetórias destes participantes.

### 8.3 Análise sociodemográfica e socio-organizacional

Do ponto de vista da análise sociodemográfica dos participantes (*cf.* Quadro II), embora num registo quantitativo, é possível já extrair algumas diferenças entre os dois grupos.

Quadro II - Análise de alguns indicadores sociodemográficos dos participantes

	<b>Idade</b>	<b>Idade com que começou a trabalhar</b>	<b>Nº de anos na empresa encerrada</b>	<b>Idade aquando o desemprego</b>
<b>A1</b>	49	15	11	34
<b>A2</b>	65	11	35	50
<b>A3</b>	48	13	27	40
<b>A4</b>	63	12	31	49
<b>A5</b>	60	12	20	34
<b>A6</b>	41	18	2	22
<b>Média</b>	54,3	13,5	21	38,2
<b>B1</b>	67	25	28	53
<b>B2</b>	61	16	29	47
<b>B3</b>	54	13	27	40
<b>B4</b>	67	18	31	59
<b>B5</b>	60	12	24	50
<b>B6</b>	65	16	24	52
<b>Média</b>	62,3	16,6	27,2	50,2

Pelo que podemos verificar, a idade média atual dos entrevistados que criaram o próprio emprego (A) é mais baixa (54 anos) do que a dos que não criaram (62 anos) (B).

Este dado vem reforçar outro aspeto: a idade média que os entrevistados que criaram o próprio emprego tinham quando ficaram desempregados é, igualmente, mais baixa (38 anos) do que a dos entrevistados que não criaram o próprio emprego (50 anos). Isto

significa que o desemprego atingiu os entrevistados do grupo A numa época relativamente precoce da vida ativa. Vale a pena destacar que a larga maioria dos entrevistados que não criaram o próprio emprego, (quatro entrevistados) puderam reformar-se sem grandes penalizações, depois da finalização do subsídio de desemprego. Neste grupo foi possível perceber que a reforma foi a estratégia mais utilizada por estes entrevistados para lidar com o desemprego. As exceções a este padrão no grupo B encontra-se no B2 e B3, que se conseguiram reempregar, e que também não tinham idade suficiente para se reformarem.

Relativamente à média do número de anos de trabalho na empresa encerrada, também se pode verificar que é mais elevada no grupo B (27,2 anos) do que no grupo A (21 anos). Deste dado podemos inferir que o grupo B (os que não criaram autoemprego) reunia mais condições para aceder à reforma do que o grupo A (os que criaram o autoemprego).

Verifica-se, igualmente, que o grupo A começou, na generalidade, a trabalhar mais cedo, o que não se manifesta necessariamente numa carreira contributiva mais longa (os entrevistados iniciaram as suas carreiras contributivas mais tarde).

Estas serão questões a serem aprofundadas posteriormente.

Do ponto de vista socio-organizacional, verificamos, pelos escassos dados a que tivemos a possibilidade de aceder, que estes participantes, para além das suas complexas trajetórias de vida, desempenharam as suas funções profissionais em empresas altamente instáveis. O modo como decorreram os processos de encerramento destas empresas, e dos consequentes despedimentos coletivos, é bem um exemplo da financeirização e globalização da economia produtiva que caracterizou esta época.<sup>73</sup>

Em síntese, cruzando os dados sociodemográficos com os dados socio-organizacionais, o cenário com que nos deparamos é o de um conjunto de pessoas que por nascimento e classe social se encontram desde cedo bastante privados das oportunidades nos vários domínios da vida social que têm outros grupos sociais mais afluentes. Como referimos, foi certamente a diversidade sociológica dos seus tempos e espaços sociais que ditaram as suas estratégias de sobrevivência.

---

<sup>73</sup> Usando a conceção de Mortágua e Costa (2015).



## 8.4 Análise das entrevistas

### 8.4.1 Análise flutuante

Conforme já foi referido anteriormente, a análise das entrevistas iniciou-se através da sua “análise flutuante” (Bardin, 2009), que serviu também os propósitos de prévia “familiarização” com o conteúdo das entrevistas, recomendada pela técnica da análise temática.

O aspeto mais evidente desta primeira análise foi a densidade do discurso. Narrativas que nesta fase ainda surgiam de forma bastante opaca para a investigadora. Contudo, nesta fase foi possível perceber um denominador comum: a condição semiproletária dos entrevistados, já identificada acima. Esta constatação permitiu compreender melhor o contexto de decisão das diferentes trajetórias e deu-nos o “terreno comum” para proceder à análise das trajetórias (considerando igualmente as devidas diferenças).

Relativamente às motivações para o autoemprego (que era um dos aspetos centrais da investigação), ainda era muito difícil nesta altura perceber as circunstâncias que envolveram essa decisão, pois exigiu procurar não apenas as razões apontadas pelos entrevistados quando confrontados com a questão específica, mas a procura sistemática na totalidade do discurso (que denuncia motivações “ocultas” ao longo de toda a entrevista).

Perante a dificuldade de chegar a uma análise eficaz a partir da leitura das transcrições integrais, foi necessário organizar, num segundo momento, as transcrições por códigos (no total de 10). Códigos que de alguma forma espelhavam pistas reunidas durante a análise flutuante. Foram eles: socialização; educação/formação; família; experiência profissional 1 (antes da empresa encerrada); experiência profissional 2 (na empresa encerrada); redes socioafetivas; experiência de desemprego; autoemprego (grupo A); reemprego/reforma (grupo B); balanço de trajetórias. Estes 10 códigos foram construídos a partir da análise flutuante e pretenderam dar conta de potenciais influências/significados em diferentes esferas e fases da trajetória dos entrevistados para o tipo de percurso seguido (socialização; educação/formação; família; experiência profissional 1 (antes da empresa encerrada); experiência profissional 2 (na empresa encerrada); redes socioafetivas; experiência de desemprego). Procurou-se, igualmente, dar conta das diferentes trajetórias após o despedimento coletivo: autoemprego (grupo A) e reemprego/reforma (grupo B). Estes

códigos pretendiam encontrar pistas para uma análise aprofundada das questões de investigação.

Analisar a forma como os entrevistados nos transmitem a consolidação das suas trajetórias, permite-nos compreender os aspetos mais valorizados nas escolhas que fizeram, e como as fizeram. Quanto ao balanço das trajetórias, em especial, este foi um código que serviu para colocar reflexões mais gerais que não cabiam em outros códigos mais específicos e que poderiam ajudar a fazer sentido das narrativas dos entrevistados.

#### **8.4.2 Codificações e extratos de conteúdo**

Seguindo as fases típicas da análise temática (Braun & Clarke, 2013), adaptadas neste estudo segundo a sua especificidade, iniciámos o segundo passo através da geração de códigos iniciais, que apresentamos no Quadro III, onde para cada um apresentamos um extrato ilustrativo. No Anexo III, apresentamos um quadro geral de correspondência entre códigos e extratos (na sua totalidade), construído sobre a análise horizontal das entrevistas (intercaso), onde se assinalam os participantes (A1, B3, etc.) de onde provêm as entrevistas, o que se originou a partir de uma análise, em primeiro momento, vertical, ou intracaso (por participante).

Esta codificação permite reduzir o tamanho das entrevistas a um ponto mais operacional do tratamento dos dados. Para que tal fosse possível, foi feita esta divisão em códigos numa primeira fase - onde já houve um esforço para limitar os extratos ao que seria potencialmente importante analisar. Em termos quantitativos, este processo de redução (condensação) (*cf.*, Miles & Huberman, 1994; Namey, Guest, Thairu & Johnson, 2008) permitiu focar a análise final em 261 páginas de transcrição face às 604 iniciais.

Nesta primeira leitura atenta, o investigador começa a desenhar potenciais temas a partir dos códigos que anteriormente definiu. Deste modo, este processo, apesar de moroso, é essencial para as fases que se seguem da análise temática.

Quadro III - Códigos iniciais de análise temática e extratos textuais

<b>Código inicial</b>	<b>Extrato textual</b>
<b>1. Socialização</b>	“Portanto, a minha origem é extremamente humilde. [...] Os meus pais eram muito pobres... Vivemos com faltas de tudo, inclusivamente, alimentação... Nós... Não posso dizer que tenha passado fome mas a gente precisava de comer e não tinha. Ah... Quando andava na escola as únicas refeições que eu tinha era ao meio-dia na escola... [...]” (A5)
<b>2. Educação/ Formação</b>	Eu gostava de lá andar... Eu não gostava era da maneira como era tratado... Era tratado como um animal, não gostava. Porque nem todos nós somos super... Depois, de facto o meu sistema nervoso não... Não era assim tão calmo como isso que eu retivesse tudo o que o professor dizia. E os professores despachavam logo... Era logo... Era logo... Na violência. De maneira que isso ainda me... Era o pior sacrifício. Para mim, a escola era um sacrifício... Não é que eu não gostasse de estudar! Era um sacrifício... Um sacrifício... (B1)
<b>3. Família</b>	Tenho essa responsabilidade dos dois (filhos)... O miúdo aquilo que ganha não lhe dar sequer para ele fazer uma vida minimamente digna em Lisboa. Tenho encargos muito fortes quer com ele, quer com ela. E ele como digo já tem o seu ordenado... Mas se eu não estivesse por trás a ajudar... (A2)
<b>4. Experiência profissional 1 (antes da empresa encerrada)</b>	“Na Estaco e na Triunfo (onde trabalhou). E trabalhei também numa pastelaria na Império, uns mesitos... E depois fui dali para a... Para a Triunfo.” (A4)
<b>5. Experiência profissional 2 (na empresa encerrada)</b>	“Depois, logo de seguida, aí como eu lhe disse, em 73, aparece-me aquela possibilidade de ir para a... Para a Triunfo. E eu achei aquilo muito bom. Achei aquilo bom, pronto. A gente ali... Comecei... Era qualquer coisa muito melhor do que aquilo para trás... [...] Era mais leve... Havia possibilidade até de ali dentro... De crescer... Para um trabalho melhor. Sei lá... Havia muitas e variadas oportunidades ali dentro, da empresa.” (B2)
<b>6. Redes sócio-afetivas</b>	“Não em termos de atividades... Não, não, não. Não participo em nada. E mais estou aqui só há sete anos. Não, não participo em nada. Dou-me bem com a vizinhança e já é bom. Bem no sentido

	de "Bom dia, boa tarde, boa noite" falar-se um bocadinho e quê... Nada de mais... E às vezes é demais..." (A1)
<b>7. Experiência de desemprego</b>	"Era bom... Era bom (estado de espírito durante o desemprego)... Eu recebia... Eu recebia tal e qual... Eu recebia quase tanto como quando estava a trabalhar..." (B3)
<b>8. Autoemprego (grupo A)</b>	"A minha principal motivação na altura foi ela não andar debaixo dos pés das outras pessoas... Porque se ela... Ela tinha sido... Estava eu no sindicato e ela tinha sido despedida de onde estava... Foi despedida... Eles invocaram justa causa que não tinham... Que acabaram por vir a perder nos tribunais... Na altura estava no sindicato e pronto... E tratei-lhe das coisas. [...] Ela por ela não abria... Fui eu! Fui eu é que na altura... Eu, na altura, como estava no sindicato e tinha conhecimentos..." (A3)
<b>9. Reemprego/ Reforma (grupo B)</b>	"Pronto... As maiores dificuldades, pronto, foi a situação de desemprego... Porque eu sabia à partida que não ia arranjar mais nada... Pelas respostas que levava... Procurei muito. Não... Não... Procurei muito. Mas não acreditam que as pessoas que procuram... Não acreditam nisso." (B4)
<b>10. Balanço de trajetórias</b>	"Não. Expandir não. Vou-lhe explicar... [...] Eu sempre tive na minha vida as questões pessoais e familiares à frente das profissionais. [...] Eu disse-lhe que sempre tive muito apoio familiar... Sempre fui muito mimada... Sempre fui... Então eu para receber mimo também tenho que dar mimo. [...] Eu quero tratar deles... Tendo em conta que eles têm 75 a minha mãe e o meu sogro... E a minha sogra 68. Com os problemas que essa idade acarreta... [...]. Os meus sogros ainda estão bem. Mas, eu também sei, já aprendi com a vida... Que de um momento para o outro... [...] E eu tenho na minha cabeça que quando for preciso eu vou-me embora... Pronto. Como acho que tenho muita sorte se estiver aqui mais... Costumo dizer a brincar que aos 50 anos reformo-me..." (A6)

#### 8.4.3 Definição e nomeação dos temas

Após a conclusão desta fase, procurámos agrupar códigos em potenciais temas, ilustrando, de igual modo com extratos textuais representativos, conforme se apresenta no Quadro IV. Cada código abarca um conjunto diversificado de informação. Depois de analisar todos os dados que constituíam cada código, foi possível criar temas de forma a uniformizar a informação.

Deste modo, foi possível criar três grandes temas potenciais que derivaram do agrupamento e organização dos códigos iniciais da seguinte forma: o tema 1. “sistemas sócio-afetivos” resultou do agrupamento dos códigos 1. “socialização”, 2. “educação e formação”, 3. “família” e 6. “redes socioafetivas”. O tema 2. “aprendizagens e carreira” é resultado do agrupamento do código 2. “educação e formação”, 4. “experiência profissional 1” e 5. “experiência profissional 2”. Finalmente, o tema 3. “transição”, resulta do agrupamento do código 7. “experiência de desemprego”, 8. “autoemprego”, 9. “reemprego/reforma” e 10. “balanço de trajetórias”.

Assim, o tema 1 - “sistemas sócio-afetivos” inclui informação diversificada acerca da história de socialização na família, e seus contextos sociais de enquadramento, bem como sobre as redes sociais e familiares atuais. Destacam-se aspectos como: escolaridade e profissão da família de origem, condições econômicas e sociais na infância, experiência de trabalho independente na família de origem nuclear ou alargada, expectativas pessoais do entrevistado na infância, grau de valorização do capital escolar e identificação do entrevistado com a cultura escolar<sup>74</sup>, tipo de suporte conjugal, experiência de trabalho independente do cônjuge, tendências no mercado de trabalho no local de residência, relação com sindicato, relação com comunidade e redes de suporte.

O tema 2 - “aprendizagens e carreira” inclui informação sobre processos de socialização escolar e profissional, e desempenho laboral, onde se destacam tópicos como: número de anos que o entrevistado estudou e em que altura da sua trajetória aumentou o seu capital escolar (incluindo formações profissionais), histórico de funções desempenhadas e respetivas áreas, grau de estabilidade profissional, frequência de desemprego durante a trajetória, relação com colegas e chefias na empresa encerrada, expectativas profissionais na empresa encerrada, funções desempenhadas na empresa encerrada (se mudou de departamento dentro da empresa) e subjetividades relativamente ao encerramento da empresa.

Por último, o tema 3 - “transição” centra-se em informação relativa às vivências durante o processo transicional, incluindo dimensões como: expectativas durante o tempo

---

<sup>74</sup> O tema 1 foca a experiência dos participantes com a escola antes de iniciar a vida ativa (pré-atividade), enquanto que o tema 2 centra-se nas aprendizagens adquiridas depois de iniciarem a vida ativa (pós-atividade). Existem, portanto, duas temporalidades em relação à educação/formação que foi dividida entre os dois temas, pretendendo-se ir ao encontro de uma distinção entre socialização primária (tema 1) e socialização secundária (tema 2).

de desemprego, estratégias de superação das dificuldades durante o tempo de desemprego, condições económico-sociais durante o desemprego, motivações para o autoemprego, circunstâncias da decisão de criar o próprio emprego (grupo A), estratégias de superação das dificuldades depois do desemprego, e balanço acerca das trajetórias. Este tema pretendeu analisar fatores equacionados nas estratégias adaptativas pelos entrevistados e que se prendem com aspetos relacionados com períodos transicionais, isto é, que ocorrem durante e depois o período de despedimento coletivo e que não cabiam nos temas anteriores.

Quadro IV - Temas potenciais de análise e extratos textuais representativos

Tema potencial	Extrato textual representativo
<p><b>1. Sistemas sócio-afetivos</b></p>	<p>“Portanto, a minha origem é extremamente humilde. [...] Os meus pais eram muito pobres... Vivemos com faltas de tudo, inclusivamente, alimentação... Nós... Não posso dizer que tenha passado fome mas a gente precisava de comer e não tinha. Ah... Quando andava na escola as únicas refeições que eu tinha era ao meio-dia na escola... [...]” (A5)</p>
<p><b>2. Aprendizagens e Carreira</b></p>	<p>“Depois, logo de seguida, aí como eu lhe disse, em 73, apareceu-me aquela possibilidade de ir para a... Para a Triunfo. E eu achei aquilo muito bom. Achei aquilo bom, pronto. A gente ali... Comecei... Era qualquer coisa muito melhor do que aquilo para trás...” (B2)</p>
<p><b>3. Transição</b></p>	<p>“O sentimento que eu tinha sabe o que era? Era a pressa de me reformar para me sobrar alguma coisa... Porque eu sabia que passando aquele tempo ia ficar sem nada. Não é? Vivia sempre aflita com medo do amanhã... [...] De não ter rendimentos... Que não tinha... Eu não tinha nada, não é? Eu pensava assim... Bem a reforma... Até pensei que sempre ficava com mais... Ou que ficasse com igual... Pronto, fiquei com menos 40€ na reforma em relação ao ordenado que tinha. Que eram quatrocentos e... Na altura, eram 400€ ou o que era... E fiquei com... 420. E fiquei com trezentos... 379 e qualquer coisa, pronto. Mas, por outro lado, quando me reformei já descanssei mais porque sei que tenho aquele certinho... É pouco mas é certo, não é? E quando a gente não tem... Anda ali a mirabolar sem saber o dia de amanhã... A pedir... A pedir... Eu sentia-me a pedir esmola. Eu sentia-me a pedir, mesmo! Era, era...” (B4)</p>

Após este procedimento, os temas potenciais foram revistos face aos códigos iniciais e aos extratos textuais, com o objetivo de criar designações definitivas para cada tema (nomeação) e uma clara e breve definição escrita (uma frase), que se apresentam de

seguida no Quadro V. Tomámos como decisão manter os 3 temas, embora os tenhamos nomeado de forma mais detalhada, conforme se pode constatar em baixo.

Quadro V - Temas, descrições e extratos representativos

<b>Tema 1: Sistemas sócio-afetivos (família, comunidade, escola)</b>	
<b>Descrição</b>	Rede de campos de socialização comunitária, familiar e educativa (pré-atividade), estruturadora de <i>habitus</i> e capitais.
<b>Extrato representativo</b>	“Eu gostava de lá andar... Eu não gostava era da maneira como era tratado... Era tratado como um animal, não gostava. Porque nem todos nós somos super... Depois, de facto o meu sistema nervoso não... Não era assim tão calmo como isso que eu retivesse tudo o que o professor dizia. E os professores despachavam logo... Era logo... Era logo... Na violência. De maneira que isso ainda me... Era o pior sacrifício. Para mim, a escola era um sacrifício... Não é que eu não gostasse de estudar! Era um sacrifício... Um sacrifício... A primeira coisa que... Quando eu ia ao quadro fazer qualquer coisa... Era que ia levar porrada... De maneira que já... Podiam dizer o que dissessem que eu já nem os ouvia. [...]” (B1)
<b>Tema 2: Aprendizagens e Carreira (socialização ocupacional e posições no campo laboral)</b>	
<b>Descrição</b>	Dinâmica posicional ao longo da história profissional.
<b>Extrato representativo</b>	“E, portanto... Foi nessa altura, 1990. Quando foi da privatização a 51% que eu senti que a Central de Cervejas, que a fábrica de Coimbra ia também de charola. Porquê? Porque Vialonga tem capacidade de abastecer o mercado. E depois é assim... Começou-se a centralizar tudo. [...] É óbvio que no meio disto tudo houve a Assembleia da República, fomos à Assembleia da República... Fomos epá... Denúncias... Fez-se greves, fez-se vigílias, fez-se não sei quê... Foi na altura que eu apareci mais vezes na televisão.” (B6)
<b>Tema 3: Transição (motivações e processos de mudança face ao desemprego)</b>	
<b>Descrição</b>	Reorganização disposicional face à evolução temporal da estrutura socioprofissional.
<b>Extrato representativo</b>	“Se eu ficasse... Se eu ficasse parado à espera... A receber o subsídio de desemprego e não fosse pró-ativo na procura do trabalho... Eu ao fim dos três anos estava esquecido a todos os níveis. Estava esquecido na área da formação, estava esquecido na área dos materiais de construção e... Para não perder o contato... Para não perder... Digamos, o fio da meada... Porque quem não aparece, esquece. E ao fim de três anos todos os lugares estão ocupados.” (A2)

#### 8.4.4 Análise descritiva dos temas

De seguida, faz-se uma análise descritiva dos temas, seguindo uma lógica comparativa entre os participantes dos grupos A e B desta investigação. Mais do que uma tentativa de “descoberta” de diferenças, nesta análise procuram-se compreender dinâmicas de diversidade nas trajetórias narradas pelos participantes, nas quais estes se empenharam em sair de uma situação de desemprego forçado.

##### **TEMA 1: SISTEMAS SÓCIO-AFETIVOS (FAMÍLIA, COMUNIDADE, ESCOLA)**

Do ponto de vista da família de origem, todos os pais dos participantes do grupo A possuem o ensino básico ou são analfabetos. Os pais são, na sua maioria, operários e/ou agricultores de subsistência e as mães operárias ou domésticas. À exceção do pai da entrevistada A6 que era empresário (empresa de construção civil com empregados) e que, por esse motivo, corresponde a um caso que assume contornos ligeiramente diferentes, como veremos de seguida.

Assim, à exceção da entrevistada A6, todos os outros entrevistados deste grupo, por força das baixas condições económicas e sociais de origem, referem ter sido obrigados a trabalhar muito cedo (12,6 de média de idade) para ajudar a família. Verifica-se que todos referem a entrada precoce no mundo de trabalho como o “expectável” e “natural”, tendo a maioria completado apenas o ensino básico na infância.

Como referimos, apenas uma entrevistada deste grupo (A6) assume contornos ligeiramente diferentes - esta entrevistada, por ter nascido no pós 25 de abril, teve acesso aos benefícios que refletiram a democratização e massificação do ensino em Portugal. A melhoria generalizada das condições de vida dos portugueses após o 25 de abril e a consequente possibilidade de aceder a maiores qualificações escolares, moldou o imaginário social das famílias das classes mais baixas para expectativas de mobilidade social. Como esta entrevistada refere, no seu imaginário pessoal (partilhado pela família), estava o sonho de se tornar médica:

“Eu queria estudar muito, queria ser médica, porque eu aí podia salvar o meu pai e os doentes todos. Não (se mudou quando o pai faleceu). Continuei na mesma a querer ser médica porque podia curar os outros doentes...” (A6).



Assim como no grupo A, os participantes do grupo B também se caracterizam por baixas condições económicas e sociais de origem. À semelhança do grupo A, todos os pais destes participantes têm o ensino básico e/ou são analfabetos e são operários, agricultores de subsistência e/ou domésticas. Neste grupo fica igualmente evidente que a maioria entrou cedo no mercado de trabalho para ajudar a família. Neste grupo contam-se duas exceções: o entrevistado B1 que começou a trabalhar aos 25 anos (quando regressou do Serviço Militar Obrigatório) e o entrevistado B6 que começou a trabalhar aos 16 anos. Estes dois casos refletem uma tendência de entrada mais tardia no mundo do trabalho.

De uma forma geral, as expectativas na infância do grupo B refletem o desejo de encontrar um emprego estável:

“Nessa altura... Olha, era arranjar um emprego melhor, pronto... Sei que muitos colegas... Alguns que estiveram ali à volta, que andaram comigo na escola, até tiveram possibilidade... Os pais já eram empregues no caminho-de-ferro... Sobretudo, no caminho-de-ferro. E, outros, que tinham mais posses vieram estudar. Nós não. Não havia hipótese... Nós, de facto, tínhamos muito poucas... Tínhamos muito poucas... Os meus pais não tinham mesmo possibilidade... O rendimento era mesmo da terra... [...] E então ali não havia grandes perspectivas de estudar... Não havia.” (B2).

Mais uma vez, a exceção encontra-se no entrevistado B6 que teve a oportunidade de prosseguir os estudos até ao 12º ano, porque almejava entrar na universidade e ser engenheiro. Por ser o único filho rapaz e o mais novo da família, foi objeto de aspirações familiares a uma posição social mais elevada. Contudo, como conseguiu encontrar um trabalho estável, esse desejo ficou para segundo plano. O grupo A revela, igualmente, uma tendência para a valorização de um emprego estável como meio de segurança doméstica. Contudo, estes dados não significam que estes entrevistados não valorizem o capital escolar ou não se identifiquem com a cultura escolar. Foi possível verificar diferentes níveis de valorização dentro deste dois grupos - enquanto que no grupo A verifica-se uma valorização generalizada do capital escolar (seja através da importância da leitura autodidata, ou como valorização profissional ou pessoal): “Quanto ao percurso escolar, até aos quinze anos estudei até essa fase, oitavo, nono ano. Após essa fase, já numa fase muito mais avançada, fiz o... Tenho o secundário. Tenho o secundário! Para além disso, tenho outras formações... Tenho o curso de formador. Tenho várias formações técnicas, ...” (A1), no grupo B denota-se uma importância menos relevante deste capital como meio de melhoria pessoal ou

profissional: “Não foi esse o percurso que eu segui... Porque aí aprendia-se uma profissão no contexto de trabalho... Sem ser propriamente a escola... A escola deu o ensino primário...” (B2).

Relativamente à experiência de trabalho independente na família, verifica-se que no grupo A, a maioria dos entrevistados relatam experiências de trabalho independente seu e/ou na família nuclear ou alargada de origem. O pai do entrevistado A1, apesar de ter sido uma figura distante, tinha uma situação profissional liberal (“duvidosa”) de compra e venda de terrenos e casas, e o próprio sempre desempenhou a sua atividade autónoma (de forma informal ou não) ao longo da sua trajetória laboral; o entrevistado A3 refere igualmente uma prima da esposa que se estabeleceu por conta própria; a entrevistada A4 refere que ela e o marido foram influenciados pelo irmão desta que já tinha uma loja própria; e a entrevistada A6, para além do pai ter sido empresário, refere uma longa tradição de trabalho independente na família nuclear e alargada de origem. Assim, parece que a socialização com o trabalho independente através de familiares desempenha um papel importante na definição das expectativas profissionais dos entrevistados. Este é um fator suscetível de moldar o *habitus* no sentido de práticas mais orientadas para o trabalho independente. O contato com este tipo de práticas ao longo da socialização torna mais provável a adoção deste tipo de estratégias adaptativas face a um evento disruptivo.

Ainda sobre a experiência de trabalho independente na família, verifica-se que o grupo B regista igualmente quatro casos de contato com autoemprego: o entrevistado B1 cujo pai era trabalhador informal na construção civil, o entrevistado B2 cujo pai era moleiro, o entrevistado B3 que é irmão do A3 e a B4 que foi casada com um empresário (ex-marido).

No primeiro caso, o contato com o trabalho informal do pai remete o entrevistado para um tipo de trabalho extremamente precário, do qual sempre procurou escapar. A “dureza” do trabalho do pai na construção civil e a sua instabilidade fizeram com que o trabalho na fábrica significasse para este entrevistado uma melhoria muito significativa em termos de condições de trabalho. O entrevistado B2 referencia o trabalho do pai como moleiro. Verificámos neste caso uma grande ligação à produção agrícola autónoma, onde o entrevistado teve a oportunidade de colaborar durante a sua juventude. Na descrição feita pelo entrevistado ficaram evidentes as condições adversas enfrentadas neste tipo de atividade. Mais uma vez, o trabalho na fábrica foi encarado como uma melhoria significativa em termos de condições laborais e de vida. Quanto ao entrevistado B3, irmão do entrevistado

A3, estes advêm da mesma empresa encerrada e partilham as mesmas origens sociais familiares; no entanto, ao contrário do B4, o participante A3 refere alguma tradição de trabalho independente na família da esposa (família alargada composta). Finalmente a entrevistada B4 refere-se ao ex-marido como alguém que “esbanjava dinheiro”, com o qual vivia uma vida “muito fictícia”:

“Divorciei-me tinha a minha filha 18 anos. Esperei... Esperei... Aguentei muito tempo por causa dela. Portanto, porque eu tinha um salário muito baixo, não é? E ele ganhava melhor porque trabalhava... Era... Tinha malta por conta dele na construção civil. Ele era um pequeno empreiteiro... Mas era uma vida muito... Muito...[...] Sim. Sim, sim por conta própria, sim. Mas também esbanjava muito dinheiro... Em jogo e mulheres e... Pronto. Era uma vida assim muito fictícia que eu vivia, também.” (B4).

Pela incidência da socialização com trabalho independente nos dois grupos, concluímos que este é um fator que deve ser analisado em concertação com outros fatores. Relativamente às redes de suporte, foi possível verificar o lugar de destaque que o cônjuge ocupa nas diversas trajetórias. Seja como fonte de suporte emocional ou como fonte de estabilidade material, foi possível fazer emergir algumas diferenças entre os dois grupos. Através da análise ficou evidente que no grupo A, o cônjuge desempenhou, na generalidade, um papel fundamental na decisão para o autoemprego:

“No meu percurso profissional... Para além de mim foi ele [o marido], sem nenhuma dúvida. Sei porque como eu lhe disse... Se não fosse ele eu não tinha saído da fábrica de móveis... Quando eu pensei em comprar a loja ele também disse que sim. Quando eu fui tirar o curso ele também disse que sim... Ou seja, eu vou... Mas nunca vou sem perguntar: O que é que tu achas?” (A6).

Este dado remete-nos para a importância das redes socioafetivas nas diversas trajetórias. De uma forma geral, foi possível verificar que a família assume um papel muito importante em todas as decisões tomadas. Qualquer decisão que afete a dinâmica afetiva e económica familiar é ponderada com grande reflexão. Verifica-se que, na maioria dos casos, no grupo A, o cônjuge tinha uma situação estável em termos profissionais. As exceções encontram-se nos casos A3, A4 e A5, por diferentes motivos: no A3, houve uma inversão dos papéis, i.e., quem tinha uma situação profissional estável era o próprio entrevistado. Neste caso, a esposa encontrou-se numa situação de despedimento por justa causa, que o casal levou ao Tribunal de Trabalho. Apesar de terem ganho o caso em tribunal e a esposa

ter recuperado o direito ao seu posto de trabalho, o casal decidiu pelo autoemprego. Este caso evidencia uma situação de “desencanto” com o mercado de trabalho assalariado, onde o cônjuge assume um papel determinante como fonte de segurança (por ter na altura um emprego estável e que possibilitou esta decisão) e como decisor (o mentor do autoemprego foi o entrevistado):

“A minha principal motivação na altura foi ela (esposa) não andar debaixo dos pés das outras pessoas... Porque se ela... Ela tinha sido... Estava eu no sindicato e ela tinha sido despedida de onde estava... Foi despedida... Eles invocaram justa causa que não tinham... Que acabaram por vir a perder nos tribunais... Na altura estava no sindicato e pronto... E tratei-lhe das coisas. [...] Ela por ela não abria... Fui eu! Fui eu é que na altura... Eu, na altura, como estava no sindicato e tinha conhecimentos...” (A3).

No caso A4, o cônjuge assume de novo um papel determinante como decisor. Nesse caso, foi do marido que partiu a ideia do autoemprego:

“Ah... Ele (marido) estava farto de estar sozinho e veio para Coimbra. Apareceu-lhe esta oportunidade de negócio e investimos aqui... Nem gozei o meu desemprego... Nem pedi o dinheiro para formar o meu trabalho e tive bastantes chatices porque antes estava habituada... Nunca trabalhei a não ser na fábrica... Não sabia nada de nada. O maior medo que eu tinha era de ser enganada e fui enganada. Pelas moças que me trespassaram isto... E pronto... E aqui me mantenho com muita dificuldade... [...] Mas isto o meu marido é assim! Pensa e faz logo! Não pensa um bocadinho para a gente refletir... Não houve... Havia tempo para eu tratar dos papéis mas ele não quis esperar.” (A4).

Finalmente, no caso A5, o cônjuge veio da mesma situação de despedimento coletivo. A decisão pelo autoemprego foi liderada pelo entrevistado. Neste caso o cônjuge assume um papel importante de suporte como parceiro no autoemprego:

“Vi no jornal. Vi no jornal e vim ver o espaço... Na altura, achei-o pequenino... Mas como era para mim e para a minha mulher, não é? Éramos só os dois porque... Pronto, para princípio, dava para comer... Então eu aceitei ficar com o espaço. [...] Para a indústria hoteleira... De certa forma... De certa forma tem a ver com o meu passado. Ora como eu... O meu passado começo de certa forma, na hotelaria, não é? Não é? Porque eu vou para uma casa de pasto e mercearia, não é? Entretanto, regresso às origens... De certa forma. E penso: É a única forma que eu tenho de...” (A5).

No grupo B, verifica-se que o cônjuge desempenhou igualmente um papel importante no potencial apoio na altura do despedimento coletivo. Neste grupo podemos verificar que na altura do encerramento/deslocalização e/ou desemprego dos entrevistados, os cônjuges têm, na sua maioria, um percurso intermitente, (i.e., percursos profissionais caracterizados por vários períodos de desemprego e/ou emprego com vínculos precários). Os outros casos revelam circunstâncias onde o cônjuge tem um papel importante, pois não fornece o apoio necessário na altura do desemprego: num dos casos o cônjuge falece na altura do encerramento da empresa (B6), noutra existe um divórcio (B4), e no outro o cônjuge vem da mesma situação de despedimento coletivo (da mesma empresa). Assim, neste grupo podemos inferir que a estrutura familiar do grupo B, aquando o despedimento coletivo, não favoreceu tanto o estabelecimento por conta própria como no grupo A.

Deste modo, podemos concluir que em relação aos sistemas sócio-afetivos, os dois grupos partilham, na generalidade, as mesmas origens socioeconómicas, o que se refletiu na entrada mais ou menos precoce no mundo do trabalho. Quanto às expectativas sociais durante a infância, mais uma vez, a maioria dos entrevistados revela a prioridade dada a um emprego estável como meio de segurança familiar. Quanto ao capital escolar, ficou evidente que se nota uma maior tendência para a valorização da cultura escolar no grupo A (seja através da importância da leitura autodidata, ou como valorização profissional ou pessoal). Relativamente ao papel da socialização com o trabalho independente, verifica-se que a maioria dos entrevistados do grupo A e do grupo B relatam experiências de trabalho independente (seu ou na família nuclear ou alargada). Assim, ainda que a socialização com este tipo de trabalho seja importante, não explica por si as trajetórias seguidas, sendo necessário cruzar com outros fatores.

Finalmente, quanto às redes de suporte, foi possível perceber que as redes socioafetivas desempenham um papel importante nas trajetórias seguidas nos dois grupos. No entanto, verificou-se que no grupo A o cônjuge assumiu um papel preponderante na trajetória para o autoemprego, oferecendo melhores condições em termos de estabilidade (seja através de estabilidade profissional e financeira ou de suporte emocional) para enfrentar o risco. Neste grupo foi possível perceber que o cônjuge desempenha um papel essencial na decisão pelo autoemprego:

“Não (se tinha na altura dificuldades económicas). Porque o meu marido ganhava bem... Pronto... Não, não... Então... Fiquei grávida... Naquela altura... Olhe, estava a receber

subsídio de desemprego, estava grávida... [...] Pronto... Naquele tempo que eu estive em casa... Quando estava grávida da Beatriz... Eu gostei sempre muito de aprender... E deixei a escola mas fui fazendo as formações todas que eu pude... Fiz algumas... Aquelas formações que às vezes eram oferecidas nas Juntas de Freguesia... Que eram oferecidas... Mesmo por aqui... Cheguei a vir aqui fazer uma... Gestão financeira de pequenas e médias empresas, aqui, à noite... E aí... Porque eu queria abrir uma... Eu quando fiquei em casa pensei...” (A6).

Isto não significa que no grupo B os cônjuges não tivessem tido igualmente importância em momentos críticos da vida dos entrevistados. De uma forma geral, a família assume um papel muito importante em todas as decisões. Foi possível verificar que a esfera laboral é sempre ponderada em família, pois todas as decisões têm efeitos diretos no funcionamento e sobrevivência familiar.

## **TEMA 2: APRENDIZAGENS E CARREIRA (SOCIALIZAÇÃO OCUPACIONAL E POSIÇÕES NO CAMPO LABORAL)**

Quanto a este tema, no grupo A, verifica-se que o percurso escolar destes participantes foi caracterizado pela persecução posterior de capital escolar, i.e., para a maioria dos entrevistados, completar ciclos de estudos numa altura mais propícia das suas trajetórias foi importante. Verifica-se que quando estes entrevistados tiveram a oportunidade de completar o seu capital escolar (no tempo de desemprego, durante o trabalho assalariado ou já com autoemprego), a maioria fê-lo:

“Eu entrei para a Faculdade depois com... Com... Com os exames *ad hoc*. [...] Eu licenciiei-me em Psicologia, já tarde, há vinte anos, portanto... Eu tenho sessenta e quatro... Eu tinha trinta e dois, mais ou menos, ou trinta e três... Trinta e cinco, talvez, quando acabei o curso.” (A2).

Não obstante, verificam-se duas exceções - o A3 e o A4 - que concluíram o ensino básico na infância e que não voltaram a estudar.

No grupo B, os percursos escolares foram, na sua maioria, pautados pela circunscrição do investimento no capital escolar à infância/adolescência. As duas exceções que se verificam neste grupo correspondem a um esforço por parte dos entrevistados de aumentar o seu capital escolar durante o tempo de desemprego. Nestes casos, este investimento decorreu da necessidade que estes sentiram em aumentar o seu capital escolar, para aumentarem a sua empregabilidade, depois da situação de despedimento coletivo.

Estes dados vão ao encontro da informação facultada pela análise do tema 1, que evidencia que o grupo A demonstra uma maior valorização do capital escolar seja pela importância que atribuem à leitura autodidata, seja como meio de valorização profissional e/ou pessoal.

Quanto ao percurso laboral dos dois grupos, em termos de empregabilidade, verifica-se que a grande maioria dos entrevistados do grupo A não tiveram, ao longo dos seus percursos de trabalho, dificuldade em encontrar emprego por conta de outrem:

“Eu nos mármoreos depois fui convidado. Porque tinha já moços lá da terra mais ou menos da minha geração... Para aí com um ano ou dois mais velhos que eu, que já lá trabalhavam. E, na altura, estavam a precisar porque eu entretanto quando saí da... Da residencial vim para as obras... Vim para os pedreiros. Eu ganhava na altura... Cinco contos por mês na residencial mas tinha dormida, tinha roupa lavada, tinha comida, tinha tudo... E vim ganhar sete contos e quinhentos para as obras. Onde tinha que levar comer, onde tinha a minha mãe que me lavar roupa e tudo... Não vim para... Monetariamente não vim para melhor... Só porque estava mais perto... Estava em casa todos os dias e assim...” (A3).

Mais uma vez, a exceção vai para a entrevistada A6 que, para além de ter sentido alguma dificuldade em encontrar trabalho na sua zona de residência (rural), teve um percurso laboral intermitente (longo período de desemprego). Este caso é o único (do grupo e da amostra) que apenas conta com 2 anos de trabalho na empresa encerrada. Verifica-se que esta entrevistada teve um percurso contributivo assalariado muito curto, por um lado, porque a sua entrada no mercado de trabalho foi mais tardia, e por outro lado, o tempo de vida da empresa encerrada foi igualmente curto -7 anos (a entrevistada entrou na empresa nos últimos 2 anos de vida da empresa). Apesar de não ter desempenhado muitas funções em diferentes empresas (apenas teve dois empregos), o facto de viver numa zona deprimida em termos de emprego, limitou o seu percurso laboral (não compensava vir para a cidade ganhar o ordenado mínimo).

Outro caso que neste grupo assume contornos diferentes é o A1 (por razões distintas). Este entrevistado sempre desempenhou a sua atividade própria de forma mais ou menos informal ao longo da sua trajetória laboral. Antes de ir trabalhar para a empresa encerrada, tinha tido uma sociedade com outros dois sócios, que faliu. Foi esta falência que motivou a sua entrada na empresa encerrada. De qualquer forma, enquanto trabalhava na empresa encerrada, nunca deixou a sua atividade por conta própria (informalmente).

Conforme nos alertou Hespanha (2009), exercer uma atividade de forma informal, para quem tem falta de recursos económicos, educacionais e sociais é a estratégia mais racional. A incerteza acerca do êxito da atividade torna a formalização proibitiva. O investimento que a formalização exige (autorizações, licenças, impostos) torna a informalidade a única opção viável.

De resto, todos os entrevistados do grupo A foram operários nas empresas encerradas e, no total, contaram aí uma média de 21 anos.

Quanto ao grupo B, em termos de empregabilidade, verifica-se igualmente bom nível de empregabilidade; contudo, neste grupo verificam-se duas exceções (por oposição a uma exceção no grupo A) - o B1 que, até entrar para a empresa encerrada, teve um percurso laboral precário (informal) e refere a grande dificuldade em encontrar emprego, relacionada com a importância da mobilização de “influências” dentro das empresas. Neste caso, é evidente que a empresa encerrada assumiu uma grande importância em termos de estabilidade e de desenvolvimento pessoal, onde o entrevistado refere que foi lá que se sentiu finalmente “gente”:

“De maneira que... E depois na fábrica de facto tive a... Aí então foi onde eu me senti gente a sério. Eu gosto de trabalhar a sério, quer dizer, e com gente com quem eu me entenda... Agora... Pessoas que me deem a volta ou que digam as coisas... Que não digam como é que querem ou assim... [...] Estive na Estaco e gostava de lá estar. Ainda hoje tenho pena de lá não estar... Hoje já lá não estava mas pronto... Mas escusava de ter saído tão cedo. Porque eu gostava do que fazia e da empresa... Infelizmente, por muitas razões, ela acabou.” (B1).

A outra exceção surge na entrevistada B4. O percurso desta entrevistada foi marcadamente intermitente, tendo passado por várias fábricas na área dos têxteis. Entre as circunstâncias que motivaram os episódios de desemprego, verificámos um despedimento pelo empregador por esta estar grávida, e outro pela sua iniciativa, porque não tinha a quem deixar a filha para poder ir trabalhar. Este caso evidencia o papel débil do apoio familiar e o “peso” das desigualdades de género que se estendem para além da esfera laboral.

De igual modo, à semelhança do grupo A, o grupo B caracteriza-se pela relativa estabilidade dos percursos laborais, onde a figura do operário é predominante. Este grupo conta com uma média de 27,2 anos de trabalho na empresa encerrada - uma média superior ao grupo A. Este facto, juntamente com uma média de idade superior ao do grupo A (54,3



anos do grupo A vs. 62,3 anos do grupo B), possibilitou, à grande maioria dos entrevistados do grupo B, o acesso à reforma (com ou sem penalização) depois do despedimento coletivo (análise que será feita no tema 3).

Quanto ao evento do despedimento coletivo, a notícia foi processada pelos entrevistados de diferente forma. De forma geral, a forma como os entrevistados processaram este evento relaciona-se com o grau de ligação e as expectativas profissionais dentro da empresa encerrada, com variantes entre o fecho e a deslocalização.

Não obstante, foi possível verificar a presença de um discurso mais “revoltado” no grupo B relativamente ao encerramento da empresa:

“Sempre fui sindicalizado, sempre tentei cumprir e também queria que cumprissem para comigo. E, quer dizer, as coisas iam correndo... Até... Até ao descalabro. Até ao descalabro... Até... Isto quanto aos fechos das empresas e essas coisas todas. [...] Ah... A minha empresa foi um bocado como... Como o Governo. Como todos os Governos que têm estado porque eu não defendo nenhum! Cuidado! Eu não defendo nenhum! Porque eles são todos iguais... Isto para mim, daqui a uns dois ou três anos, se calhar, morro mas é como uma revolta total!” (B1).

Este facto talvez se relacione com a circunstância de apenas dois entrevistados neste grupo tenham voltado a reempregar-se depois da falência da empresa, o que fez com que esta experiência, por ter sido a última antes da reforma (separação do mundo laboral), esteja mais presente na vida destes participantes. De facto, é evidente que, para a maioria dos entrevistados do grupo B, a expectativa de todos os participantes era terminar as suas vidas ativas naquela empresa. O sentimento transversal de “revolta” que, de forma geral, caracteriza os dois grupos, surge elencado à sensação de “quebra” de uma expectativa profissional que ultrapassa a esfera laboral. Um evento que, em muitos casos, por se ter estendido ao longo de bastante tempo, e ter sido negociado com os sindicatos, fazia com que os entrevistados passassem por um processo moroso, entre o sentimento ora de esperança, ora de desânimo (em que a deslocalização assumia um papel mais penoso<sup>75</sup>):

---

<sup>75</sup> Outro aspeto que nos chamou à atenção foi o sentimento de *nonsense* que os entrevistados demonstravam quando as suas fábricas são deslocalizadas. Ficou evidente no discurso dos entrevistados que quando a empresa deixa de ter encomendas, existe, de alguma forma, uma maior compreensão por parte dos trabalhadores (apesar de continuarem a acusar a má gestão dos dirigentes). Para os trabalhadores, a deslocalização de uma unidade de produção que, aos olhos dos trabalhadores, sempre funcionou bem (e.g., nunca teve salários em atraso), afigura-se como altamente injusto para o encerramento. Este caso foi evidente, especialmente, no caso dos trabalhadores da Triunfo.

“Foi muito má! Foi horrível! As pessoas... Todos os dias as pessoas tinham novidades... Más novidades! Não é? Isso é... É muito mau! Olha parou a máquina tal! Olha já pararam o forno não sei quê! Olha não sei quantos! Agora só falta parar o forno sanitário! O forno sanitário era um forno muito antigo e aquilo era... Enquanto os outros era só desligar o interruptor e depois podia arrancar se vendesse... Se revendessem a fábrica porque ainda houveram alguns boatos que se ia... Que havia pessoas interessadas e assim... Inclusive a Valadares que também faliu mas que agora até ressuscitou outra vez... Acho que... Acho que eles conseguiram ressuscitar a Valadares. Portanto... Havia assim algumas esperanças... Uns dias estávamos com esperanças, outros dias não estávamos.” (B1).

De uma forma geral, também no grupo A, a empresa assumiu um papel muito importante nas trajetórias dos entrevistados. Para muitos participantes (dos dois grupos), foi a trabalhar naquela empresa que passaram as suas juventudes e constituíram as suas famílias. Mais uma vez, contamos com exceções - o entrevistado A1 que sempre encarou a empresa como algo complementar à sua atividade própria (informal), e a entrevistada A6 que já entrou na empresa quando esta estava com dificuldades em pagar aos funcionários. Nestes dois casos, o período dentro da empresa foi sentido como algo temporário.

O grupo B também conta com uma exceção, apesar de assumir contornos ligeiramente diferentes. O caso B6 sentiu o encerramento de forma diferente, porque assumiu um papel de destaque nas negociações entre a entidade patronal e a comissão dos trabalhadores (estava informado de todos os desenvolvimentos) e, ainda, atendendo ao facto de que a entidade patronal lhe deu a possibilidade de continuar a trabalhar na empresa depois da sua unidade ter sido encerrada. Este entrevistado sempre assumiu um papel privilegiado nas negociações com a entidade patronal, por ter um estatuto de destaque no sindicato e na comissão de trabalhadores. Para além da sua situação, o momento do despedimento coletivo coincidiu com a morte da sua primeira esposa. Perante este acontecimento, e o seu papel importante nas negociações, a entidade patronal propôs a este entrevistado continuar na empresa (deslocalizada para Lisboa) até concluir todos os processos de despedimento coletivo dos colegas. Este entrevistado não foi para Lisboa, mas continuou como se trabalhasse na empresa, enquanto todos os processos foram concluídos. O entrevistado preparou e negociou a sua saída com a entidade patronal de forma a estar 3 anos desempregado (para ser considerado desempregado de longa duração) e, desta forma, poder posteriormente aceder à reforma sem penalizações.

Assim, de uma forma geral, o percurso escolar dos entrevistados do grupo A foi marcado pela perseguição posterior de capital escolar, i.e., a maioria dos entrevistados concluiu ciclos de escolaridade numa fase mais propícia das suas trajetórias. Por sua vez, o percurso escolar do grupo B, de uma forma geral, limita-se àquele obtido na infância/adolescência (ensino básico).

Estes dados vão ao encontro do que analisámos no tema 1, que mostra que, em comparação com o grupo B, o grupo A valoriza mais o capital escolar como meio de valorização pessoal e profissional.

Relativamente ao percurso laboral dos entrevistados, verifica-se que os dois grupos, de uma forma geral, não experienciaram grandes dificuldades em termos de empregabilidade ao longo das suas trajetórias laborais.

Finalmente, quanto à ligação dos entrevistados à empresa encerrada, esta é, de forma geral, forte nos dois grupos. Foi nessa empresa que a maioria dos entrevistados dos dois grupos passou as suas juventudes e constituíram as suas famílias.

De notar, em síntese, que se verifica um discurso mais “marcado” emocionalmente no grupo B. Facto que provavelmente está relacionado com a circunstância de que, para a maioria dos entrevistados do grupo B, a experiência na empresa encerrada, foi a última das suas vidas ativas antes da reforma.

### **TEMA 3: TRANSIÇÃO (CONDIÇÕES E CIRCUNSTÂNCIAS DO DESPEDIMENTO COLETIVO)**

Por último, a análise do tema 3 revela que no grupo A se verifica uma relativa estabilidade nas expectativas durante este período. A maioria dos entrevistados do grupo A encara o desemprego de forma menos penosa, em grande parte porque as condições económicas nesta fase foram relativamente favoráveis, embora todos os entrevistados dos dois grupos tivessem tido acesso a subsídio de desemprego e a maioria contava com o rendimento do cônjuge. Acresce que a maioria dos entrevistados do grupo A considerou o autoemprego como primeira opção:

“Já estava traçado (decisão para autoemprego). Quer dizer, não sofri nada (no desemprego)...” (A5).

De facto, neste grupo verifica-se que não existiu uma procura sistemática de outros empregos por conta de outrem. Mesmo para aqueles que aproveitaram o período de desemprego até (ou quase) ao seu término (caso A1 e A6), tinham em mente o autoemprego:

“Mas eu também como queria receber o meu subsídio descansado... E era um bom subsídio que eu tinha, na altura... Tive acesso a um bom subsídio de desemprego...” (A1).

A exceção reside no caso A4, em que o marido se despediu para criar o autoemprego para o casal, i.e., esta entrevistada não tinha qualquer intenção para o autoemprego, assumindo um papel secundário na decisão para o autoemprego (apenas acompanhou o marido na sua decisão).

Conforme já referimos, todos os entrevistados tiveram acesso a subsídio de desemprego; contudo, no grupo B verificou-se uma fragilização gradual das emoções à medida que o tempo de desemprego avançava e a ausência de respostas no mercado assalariado persistia:

“Quer isto dizer que neste período, quer eu, quer ela, estávamos cobertos pelo subsídio de desemprego. Estávamos a receber subsídio de desemprego... Ia-se aproximando do fim... E aí é que começava a haver uma grande... Aí uma grande ansiedade... Porque eu dizia assim: Epá mas para onde é que eu vou trabalhar? E ela própria também... Porque não havia empregos, nessa altura, aqui em Coimbra. Não se via aí nada... Nós tínhamos a formação que tínhamos... Eu com aquela idade... Os novos estavam já com alguma dificuldade... Como é natural... Tem vindo sempre a ser assim... Epá mas vou para onde? Vou para onde? Sei lá... Tentar aqui, tentar acolá... Na altura, ainda era dirigente sindical no sindicato mas não me dava ordenado...” (B2).

A aproximação do final do subsídio de desemprego foi vivido pela maioria com bastante angústia e a reforma (com ou sem penalização) foi a única alternativa viável:

“Vivia sempre aflita com medo do amanhã...[...] De não ter rendimentos... Que não tinha... Eu não tinha nada, não é? Eu pensava assim... Bem a reforma... Até pensei que sempre ficava com mais... Ou que ficasse com igual... Pronto, fiquei com menos 40€ na reforma em relação ao ordenado que tinha. Que eram quatrocentos e... Na altura, eram 400€ ou o que era... E fiquei com... 420. E fiquei com trezentos... 379 e qualquer coisa, pronto. Mas, por outro lado, quando me reformei já descansei mais porque sei que tenho aquele certinho... É pouco mas é certo, não é? E quando a gente não tem... Anda ali a mirabolar sem saber o dia de amanhã... A pedir... A pedir... Eu sentia-me a pedir esmola. Eu sentia-me a pedir, mesmo! Era, era...” (B4).

Deste modo, o grupo B caracteriza-se por uma adaptação das expectativas pessoais à medida que o tempo de desemprego passava. Um período que exigiu que a maioria dos

entrevistados adaptasse igualmente as suas estratégias de superação de dificuldades. Para a maioria dos entrevistados do grupo B, a procura de outro emprego assalariado foi transversal. Contudo, à medida que o tempo de desemprego passava, as escassas (ou a ausência de) ofertas de trabalho através do IIEFP foi enviando uma clara mensagem para os entrevistados do grupo B. As respostas dos potenciais empregadores das empresas a que concorriam também lhes confirmou que já não tinham lugar no mercado de trabalho. A maioria refere a idade avançada e as baixas qualificações aquando do desemprego. De facto, verifica-se que a idade média dos entrevistados quando o desemprego surge é maior no grupo B (50,2 anos) do que no grupo A (38,2 anos). Assim, podemos afirmar que a opção pela criação de um emprego tornou-se menos provável quanto mais os desempregados estavam próximos da idade da reforma.

Para a maioria dos entrevistados do grupo B, as suas expectativas de empregabilidade já eram de alguma forma remotas:

“Aí eu já sabia. Não houve ninguém que se empregasse... Ah... Nesta altura havia pessoas com grandes competências... [...] Com mais competências do que eu nas áreas das informáticas e assim... Mas que já tinham a minha idade... Também já não se empregaram, também, por exemplo... [...]” (B1).

De uma forma geral, devido às idades avançadas aquando do desemprego, a maioria dos entrevistados do grupo B, vislumbrava a reforma como plano alternativo. No caso B6 a reforma foi, na verdade, o objetivo principal desde o início do desemprego, uma vez que planeava aceder ao estatuto de desempregado de longa duração para poder reformar-se sem penalizações.

De resto, contam-se neste grupo duas exceções: o caso B2 e o caso B3 que ainda estavam longe da idade da reforma (47 e 40 anos, respetivamente). Enquanto que as estratégias de superação das dificuldades (que se prendem maioritariamente com a baixa probabilidade de reintegração no mercado de trabalho assalariado) da larga maioria dos entrevistados deste grupo passou pela reforma (com ou sem penalizações), para estes dois entrevistados (B2 e B3) não era possível aceder a esta estratégia. Perante esta impossibilidade, a solução passava obrigatoriamente pela integração no mercado de trabalho; contudo, esta reintegração obrigou à aceitação de condições de trabalho precárias (trabalho informal ou a recibos verdes). Como refere o entrevistado B2, foi “um balão de oxigénio” que surgiu na altura como a única alternativa:

“Tinha estado lá uma pessoa antes de mim que, entretanto, arranhou outra saída... [...] E eu fui para lá. [...] Andei ali alguns... Alguns meses largos... Que não eram emprego. Que tive que me registar... Que tive de me coletar como recibo-verde... Mas já foi um modo de vida para não ficar... Estava mesmo na altura e estava com uma grande ansiedade... Ia ficar sem fazer nada... Sem emprego... O que é que eu havia de fazer? [...] Nem era mau, nem era bom. Não era uma coisa de futuro mas foi uma coisa que... Que me veio preencher um vazio que estava... [...] Um balão de oxigénio...” (B2).

O trabalho informal surge, igualmente, como alternativa algo “natural” para o entrevistado B3:

“Sim, sim, sim. Pedreiragem... Na agricultura... Andava por pouco... (trabalho informal). Não se podia arranjar trabalho, se não tinha que se pôr abaixo (o subsídio de desemprego)... Pronto... Andei por aí na pedreiragem... Às vezes, quando aparecia alguém um gajo escondia-se e tal... Para não haver problemas.” (B3).

De facto, verificámos que o trabalho informal foi encarado para dois entrevistados (A4 e B4) como algo “natural” para complementar o subsídio de desemprego e como forma de estar ocupado:

“Eu não fiquei em casa. Fui trabalhar para as senhoras... Tinha as minhas duas filhas na Faculdade. Andei um ano nas limpezas... [...] E depois nessa idade... Também não há empregos aqui em Coimbra... Nessa idade era muito difícil a gente arranjar trabalho. Só nas limpezas. Agora já nem limpezas há... [...] Quarenta e nove... Era nova para... Prontos... Mas era velha para arranjar emprego... Só nas limpezas.” (A4).

Outra estratégia de superação das dificuldades durante o desemprego foi o investimento no capital escolar. No grupo B, esta estratégia foi utilizada apenas por um entrevistado - B2. De notar que este entrevistado estava bastante longe da idade da reforma e, por esse motivo sabia que a única alternativa seria a reintegração no mercado de trabalho assalariado (mais à frente discutiremos como a alternativa do autoemprego se apresentou para o grupo B). Na altura do despedimento coletivo este entrevistado tinha apenas o ensino básico. Confrontado com um mercado de trabalho mais exigente em termos de qualificações profissionais, a opção passou pelo aumento do seu capital escolar:

“Eu tive três anos e alguns meses de desemprego... Devido à idade... [...] Pronto, neste caso, no meu caso, à base da formação que eu resolvi e que tive necessidade... Necessidade de adquirir... Com 47 anos não tinha... Tinha a quarta classe e a formação, neste

caso, deu... Deu... Deu... Deu, pronto... Azo a que... A que pudesse de facto empregar-me. Empregar-me... E consegui o 12.º ano nas Novas Oportunidades... Já concluí isso... O estágio... Já aqui no emprego (atual).” (B2).

No grupo A esta estratégia assume contornos diferentes. Não foi utilizada como meio de aumentar a empregabilidade, mas como uma forma de capitalizar o tempo de desemprego antes de seguir para o autoemprego. Foi utilizada por dois entrevistados por motivos diferenciados: no caso A1 o entrevistado utilizou esta estratégia (formação) como forma de não ser chamado para outras ofertas de emprego e assim poder aproveitar o subsídio de desemprego sem interrupções até à criação do próprio emprego. No caso A6 existiu um verdadeiro aproveitamento da formação para consolidar conhecimentos na área do autoemprego (em termos de conhecimentos na área de atuação e da linguagem financeira no trabalho independente). De notar que, para ambos os participantes, a decisão de criar o próprio emprego estava tomada (quase) desde o início do desemprego.

Assim, relativamente às estratégias de superação das dificuldades no tempo de desemprego, verifica-se que os participantes do grupo A, na sua maioria, estabeleceram as suas estratégias tendo em vista o autoemprego, ou seja, a decisão pelo autoemprego foi tomada numa fase inicial do desemprego. Isto não significa que estes entrevistados tenham todos pedido apoio no IEFP para criar o próprio emprego ou que não tenham aproveitado para receber o subsídio de desemprego por prestações mensais até ao final. De facto, verificamos que metade dos entrevistados deste grupo se dedicou ao autoemprego quase no final das prestações do subsídio de desemprego. Os motivos para este adiamento são diferentes. Enquanto a entrevistada A6 esteve à espera que a sua loja fosse entregue pelo empreiteiro (circunstância que a impediu posteriormente de se candidatar ao apoio específico que tinha pensado no IEFP), o entrevistado A3 já tinha o autoemprego criado através da esposa, e por isso a sua estratégia foi receber durante o máximo tempo o subsídio de desemprego, até se poder dedicar livremente ao autoemprego familiar. O participante A1 durante o tempo de desemprego estabeleceu outro objetivo para além do autoemprego - dar formação. Assim, só depois de tirar o CCP deu início à sua atividade por conta própria - de forma a poder dar formação em simultâneo com a sua atividade própria, assegurando assim outra potencial forma de rendimento.

Quanto ao apoio para a criação do próprio emprego, apenas metade beneficiou deste suporte. Os motivos que estiveram na base desta situação foram vários: o caso A3 já tinha

criado o autoemprego com a esposa, tendo o negócio ficado no nome dela, porque nessa altura o entrevistado ainda trabalhava; o caso A4 nem considerou esse apoio porque a decisão para o autoemprego foi do marido (o marido não quis recorrer a esse apoio); e o apoio que o caso A6 tinha pensado pedir, terminou e não quis fazer uma nova candidatura para os novos apoios (achou que não compensava o esforço).

Quanto às motivações para o autoemprego, no grupo A, podemos agrupá-las em dois grupos: os que privilegiam as condições de trabalho e os que dão primazia à dimensão económica. As motivações que privilegiam as condições de trabalho relacionam-se com a autonomia que o autoemprego oferece aos níveis: da escolha do local de trabalho, da flexibilidade de horários, e da flexibilidade na conjugação com outras fontes de rendimentos e/ou atividades. O segundo grupo de motivações relacionam-se com vantagens económicas do autoemprego, isto é, os entrevistados escolhem o trabalho independente porque é financeiramente mais vantajoso do que o trabalho por conta de outrem e/ou porque não encontram outro trabalho no mercado de emprego (outra fonte de rendimento).

O controlo das condições de trabalho foi uma motivação apontada por todos os entrevistados do grupo A. Entre os fatores mais apontados estão a possibilidade de trabalharem perto das suas zonas de residência, e a flexibilidade que o autoemprego oferece ao nível de horários de trabalho e da liberdade em conjugar com outras fontes de rendimento, como a formação, e com outras atividades cívicas. De uma forma mais ou menos evidente, todos referem a importância dessa liberdade. É o caso do entrevistado A2, que recebeu duas ofertas de trabalho na altura do despedimento coletivo, mas que recusou porque numa oferta tinha que trabalhar fora da sua zona de residência e na outra porque tinha de trabalhar à noite:

“Não aceitei porque obrigavam-me a trabalhar muito de noite e eu nunca fui muito para noites... Posso-lhe dizer que eu na minha vida toda tive duas diretas... [...] Portanto, eu nunca fui muito de noite, não... E o bingo aquilo trabalhar à noite assustou-me um bocadito... Não era o que eu queria para a minha vida. Ah... Ir trabalhar para Viseu ia trabalhar também muito no escuro, andar nas obras a promover azulejos e... numa zona geográfica que eu não conhecia. Conhecia ao nível da revenda mas não conhecia ali, no pequeno pormenor. Ir às obras, pronto... Aquilo depois faz-se muito com amizades e copos. E... E eu não... E aquilo também era muito... Não me estava a ver naquele trabalho, especificamente. [...] E então criei o meu próprio emprego como revendedor.” (A2).



“Se eu ficasse... Se eu ficasse parado à espera... A receber o subsídio de desemprego e não fosse pró-ativo na procura do trabalho... Eu ao fim dos três anos estava esquecido a todos os níveis. Estava esquecido na área da formação, estava esquecido na área dos materiais de construção e... Para não perder o contato... Para não perder... Digamos, o fio da meada... Porque quem não aparece, esquece. E ao fim de três anos todos os lugares estão ocupados.” (A2).

A liberdade de horários que o autoemprego oferecia tornou esta opção mais atraente para o entrevistado A5:

“Eu fui mesmo para ter... Para ser mais senhor de mim... Pronto. Mais senhor de mim... Estar mais livre (motivação). [...] Livre. Como vê eu vim para aqui em 1990 e em 93 vou para a Junta. Por isso, quando eu digo que a minha cunhada esteve aqui algum tempo... Foi uma maneira... Para a minha mulher não ficar sozinha, porque eu passava o tempo na Junta de Freguesia. E era muito dedicado à autarquia e atuo sempre eu estive... Pronto... Passou por aí.” (A5).

Quanto ao segundo grupo de motivações, conforme referimos, estas situam-se a um nível mais económico, isto é, a escolha pelo autoemprego prendeu-se as suas vantagens financeiras. A este nível verificamos que o autoemprego é apontado como uma alternativa de rendimento face à ausência de ofertas atrativas no mercado de trabalho. Em dois casos verificámos que se tratou de encontrar uma alternativa de trabalho para o casal:

“Vi no jornal. Vi no jornal e vim ver o espaço... Na altura, achei-o pequenino... Mas como era para mim e para a minha mulher, não é? Éramos só os dois porque... Pronto, para princípio, dava para comer... Então eu aceitei ficar com o espaço.” (A5).

O autoemprego foi igualmente equacionado como financeiramente mais vantajoso face ao emprego por conta de outrem:

“Cheguei a ser chamada para a [nome da empresa] que era uma fábrica de costura... Confeção e... Na Pedrulha. Pronto... Só que não me compensava ir para a [nome da empresa] ganhar o salário mínimo e levar o meu carro para Coimbra todos os dias... Aquilo era... Ficava metade pelo caminho. E eu pensei: "Ir para Coimbra trabalhar não dá. Transportes públicos não há... O meu carro não dá para ir para Coimbra ganhar um salário tão baixo... Também ninguém me oferece um salário maior, não é?" Então o melhor mesmo era criar o meu próprio emprego. Foi por isso... [...]” (A6).

Apesar de se tratar de uma hipotética conjectura, que se baseia numa avaliação de risco diferente da feita pelo grupo A, não deixa de ser interessante analisar os fatores que os entrevistados do grupo B apontam para não considerar o autoemprego como uma alternativa atrativa. Quando confrontados pela questão: “alguma vez considerou criar o seu próprio emprego? Porquê?”, os entrevistados do grupo B confrontam o seu imaginário social com a possibilidade de trilhar o autoemprego. Verificámos que a esta questão, a maioria dos entrevistados respondeu que nunca colocou essa possibilidade. Os restantes entrevistados (B2 e B5) afirmam que houve uma altura em que até consideraram o autoemprego, mas nunca foi suficientemente forte para sair da mera conversa:

“Eu trabalhar por conta própria? Nunca, nunca me surgiu... Nunca me passou pela cabeça isso.” [...] E eu tenho sempre medo dos empréstimos. Embora, tenha tido muitos problemas bancários com amigos... Mas isso é outra coisa. (B1).

O entrevistado B2 afirma que na altura do despedimento coletivo, à medida que a ausência de respostas do trabalho assalariado se ia prolongando, a esposa colocou essa possibilidade para os dois (ela ficou desempregada da mesma empresa). Contudo o entrevistado sempre recuou, afirmando:

“Lembro-me que a minha mulher se lembrou... E aí... Ela ficou com mágoa de não termos avançado com isso... Queria abrir uma churrasqueira em Miranda do Corvo. E eu hesitei... Fui eu que hesitei aí um bocado... Não estava preparado... Nunca tinha estado naquela área... Tive receio... [...] Pronto... Hesitei um bocado ali naquela... Naquela altura... E não avançámos. Por minha culpa... Mais por minha culpa. E depois daí a um tempo até há uma pessoa que abre a dita churrasqueira (risos). E ela ficou um bocado chateada comigo (risos). [...] Mas tem que se ver que eram pessoas que vinham do ramo... E eu tive muito medo de me meter num sítio onde... [...] E, a certa altura, a pensar que não havia outra solução. Mas, também, já tínhamos colegas nossos que se meteram em negócio e tinha dado mal... E isso condicionava-me... Condicionava... (B2).

O medo da falência é algo que é transversal nas razões alegadas pelos entrevistados do grupo B para não terem considerado o autoemprego como uma alternativa viável. Este receio relaciona-se com a noção da crise que o país vivia e que desmobilizava a maioria:

“Não, não, não. Não porque é assim... Quando nós saímos podia ter ido para um cliente nosso... Podia ter criado alguma intimidade com alguns clientes. Mas a crise veio de vez e todos os nossos clientes já estavam a tentar... [...] Já estavam também a ficar

asfixiados... E então também já estavam a tentar também reduzir o pessoal deles. [...] Não, não, não... Foi coisa que nunca tive... Arranjar o meu próprio negócio e ainda bem! Ainda bem! Olhe, hoje em dia, eu às vezes... Eu acho que as pessoas são... Há certas coisas que abrem são suicidas... Eu passado uns dias passo lá e está fechado. Isto investe dinheiros... Tens pouco mas tens pouco! [...]" (B1).

"Não (se alguma vez pensou trabalhar por conta própria)... Eu, na altura... Na altura, tentei sempre arranjar trabalho. Não foi fácil porque foi esta crise, pronto. Não foi fácil! [...] Não, não, não. Nunca me passou pela minha cabeça meter-me num negócio (trabalho por conta própria)... Para já, embora o Estado financiasse, não é... Mas depois se corre mal... É complicado. E já estava a correr tão mal..." (B3).

O entrevistado B5 também considerou essa possibilidade, apesar de também não ter passado desse registo. Neste caso, essa possibilidade surgiu depois de ter terminado o subsídio de desemprego e de se ter reformado por invalidez. Este fator alerta-nos para a importância que o acesso a um rendimento estável assume num projeto desta natureza:

"Olha... Na altura quando acabou o desemprego. Quando acabou o desemprego... Tinha uns tostõezitos não era? E passou-me... De arranjar sociedade assim com um amigo, também, da Triunfo... [...] Uma tasquinha tipo o Mija-Cão. [...] Mas depois um puxava para um lado, outro puxava para o outro... De maneira que nunca nos propusemos a isso, pronto. A coisa nunca foi avante." (B5).

Na altura em que recebia subsídio de desemprego, este entrevistado foi contactado pelo IEFP para considerar essa hipótese, mas nunca mostrou interesse:

"Eles falaram... Falavam nisso... O próprio emprego... Que davam a indemnização toda junta... Todo de uma vez... Para começar a expandir a própria empresa. Fui muita vez contactado com isso: Então mas eu não sei fazer nada. Só sei fazer bolacha. Não sei fazer mais nada. Então o que é que eu vou fazer? Vou abrir uma empresa de água a ferver? Vender garrações de água a ferver? (risos) Dizia isto muita vez! E elas: Ah, não. Então! O que é que eu vou fazer? Não sei fazer mais nada... Olha! Deixo-me andar até que Deus queira... Pronto." (B5).

Outro motivo referido foi o medo de contrair dívidas através do pedido de empréstimos à banca:

"Continuo sem ter interesse em abrir nada meu. Não, não, não... Foi coisa que nunca tive... Arranjar o meu próprio negócio e ainda bem! Ainda bem! Olhe, hoje em dia, eu às

vezes... Eu acho que as pessoas são... Há certas coisas que abrem são suicidas... Eu passado uns dias passo lá e está fechado. Isto investe dinheiros... Tens pouco mas tens pouco! E eu tenho sempre medo dos empréstimos. Embora, tenha tido muitos problemas bancários com amigos... Mas isso é outra coisa. (B1).

A perceção da grande burocracia envolvida nesses apoios estatais também foi nomeada:

“Não queria arriscar... Eu tinha colegas minhas que quiseram e depois... Depois queriam os carros... Havia uma moça que até queria ficar ali com uma loja de fruta, ali, que estava fechada... Mas ela tinha um carro mas queriam que ela comprasse um carro novo... Porque tinha que ser novo e não sei quê... Ela não tinha dinheiro para investir... (B4).

Mais uma vez, o caso B6 surge como exceção relativamente às razões para nunca ter considerado o autoemprego:

“Sempre tive a vida ocupada. Tive sempre ocupada. [...] Eu não precisava de emprego! Nem de trabalho precisava. [...] Não precisava de trabalho. Eu precisava era de viver a vida como estou a viver! Não, não... Porque é assim... Primeiro, tinha o sindicato que ainda continuei a trabalhar com o sindicato até... E mesmo depois de... De me reformar...” (B6) (como já referimos, este entrevistado entrou para o desemprego já com a perspectiva de se reformar).

Assim, de uma forma geral, no grupo A, as expectativas durante o desemprego são relativamente estáveis, i.e., a maioria considerou o autoemprego como primeira opção desde o início do desemprego, não tendo procurado outros empregos no mercado de trabalho. Talvez por esse motivo o período de desemprego foi sentido por este grupo como menos “penoso”. O grupo B, por sua vez, à medida que o tempo de desemprego ia avançando e a ausência de respostas no mercado de trabalho se prolongava, a angústia ia crescendo, levando a maioria a encarar a reforma como a alternativa mais “provável”.

Quanto às estratégias de superação das dificuldades durante o desemprego, estas foram distintas porque as dificuldades foram igualmente de natureza diferente. Enquanto o grupo A refere dificuldades mais relacionadas com o próprio estabelecimento por conta própria (como seria de esperar), o grupo B debate-se com dificuldades ligadas à crise económica e à falta de ofertas no mercado de trabalho. Este grupo refere fatores que agravavam as suas probabilidades de reinserção profissional como a idade avançada (o grupo B regista uma média de idade superior quando do desemprego relativamente à do grupo B),

as baixas qualificações, e a falta de experiência em outras áreas potencialmente emergentes (a maior parte das suas vidas ativas foram dedicadas à empresa encerrada).

Não obstante, todos os entrevistados, dos dois grupos, não sentiram grandes dificuldades económicas nesta fase. Todos tiveram acesso a subsídio de desemprego e a maioria contava com o rendimento do cônjuge.

Relativamente às motivações para o autoemprego, verifica-se a importância que o controlo das condições de trabalho assume para todos os entrevistados do grupo A. A possibilidade de trabalhar perto da zona de residência para acompanhar a família, e a liberdade de conjugar com outras fontes de rendimento e atividades cívicas foram vistos como fatores que motivaram a escolha pelo autoemprego. Por outro lado, as motivações de carácter mais económico também desempenharam um papel importante nas escolhas do grupo A pelo autoemprego. A possibilidade do autoemprego fornecer uma fonte de rendimento não só para o promotor, mas para outros membros do agregado familiar (nestes casos, o casal) e de se revelar financeiramente mais vantajoso face ao trabalho por conta de outrem, foram fatores igualmente apontados e que necessariamente estão intimamente articulados com os fatores do primeiro grupo.

Não deixou de ser interessante analisar as razões alegadas pelos entrevistados do grupo B para não considerar o autoemprego como alternativa viável. Apesar de se tratar de uma avaliação hipotética, a análise dos fatores apontados por este grupo possibilitaram uma reflexão mais completa das circunstâncias valorizadas nesta potencial escolha. Verificou-se que a maioria nunca considerou essa hipótese em nenhum momento das suas trajetórias. De uma forma geral, os riscos financeiros são os fatores mais apontados pelos entrevistados deste grupo. Os receios indicados apontam o risco de empreender como demasiado elevado face a uma situação económica frágil. Face à incerteza de rendimentos, a prioridade vai para a segurança básica das famílias (Hespanha, 2009). Estes dados vão ao encontro das conclusões do estudo do Projecto-piloto Empreende + Innova (2006b), que identificam os riscos financeiros como as maiores ameaças percebidas na criação de empresas.

#### **8.4.5 Síntese da análise temática: construção de padrões**

Após a análise detalhada dos temas elaborados, e em coerência com a metodologia usada (AT), é tempo de construção de padrões compreensivos das diferentes estratégias implementadas pelos participantes que criaram o próprio emprego após o evento do

despedimento. Não se trata, como repetidamente escrevemos, de uma análise causal, mas apresenta-se como um esforço de sistematização relacional dos fatores subjacentes a essas estratégias, motivações (porquê) e processos (como), que este estudo de caso procurou exploratoriamente entender. Este esforço incorpora todas as análises e interpretações substantivas anteriores, utilizando um nível de abstração e esquematização que a própria AT recomenda, que possa servir como “protótipo” mental para investigações futuras, não obstante o seu caráter reducionista.

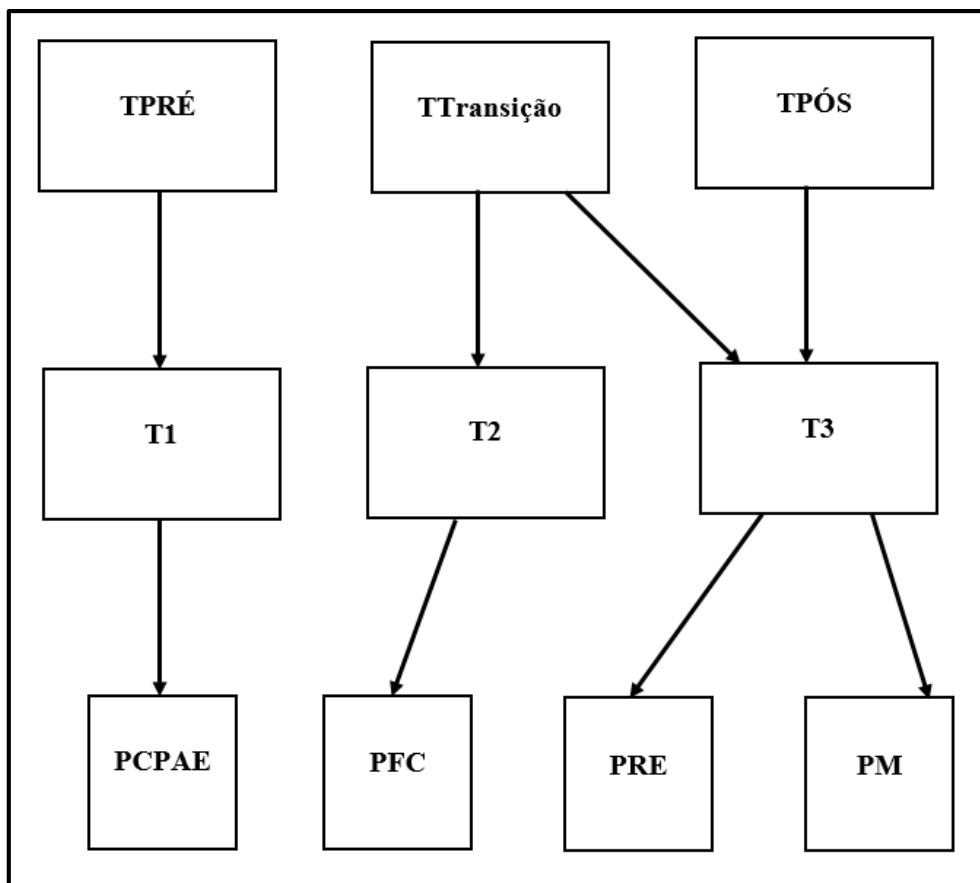
Como pudemos constatar nos pontos anteriores, os três temas são transversais aos dois grupos de participantes. A comunidade de origem socioeconômica dos 12 participantes, a vivência comum do processo de desemprego, e os desejos semelhantes de uma vida menos incerta, não fariam esperar que houvesse conteúdo nas entrevistas tão diferente, que fizesse emergir temas característicos do grupo A e do grupo B. No entanto, como verificamos, os modos de experienciar o processo de transição, as motivações profissionais, e os processos de mudança, contextualizados em histórias de vida diferentes, permitem-nos colocar como hipótese a existência de diversos processos sociais de resposta à situação de desemprego (embora não mutuamente exclusivos, dadas as muitas exceções encontradas neste contraste).

Se é certo que no tema 1 (**T1**) todos os participantes eram oriundos de comunidades e famílias fragilizadas do ponto de vista socioeconômico, e que tiveram contato prévio familiar com atividades de trabalho independente, foi possível verificar que esse histórico assumiu, de uma forma geral, uma subjetividade menos positiva no grupo B. Conforme referimos, o contacto com a realidade do trabalho independente surgiu no grupo B como um modelo de trabalho do qual se tentaram afastar ao longo das suas trajetórias profissionais. Deste modo, consideramos o padrão **PCPAE** (padrão contato passado autoemprego) presente nos dois grupos, mas que assumiu um papel importante nas estratégias adaptativas do grupo A. Este é um padrão que faz alguma diferença no tempo pré-despedimento (**TPRÉ**). Do mesmo modo, embora todos os participantes valorizem a educação, é no grupo A que assistimos a uma dinâmica no tema 2 (**T2**) mais investida na formação contínua, sobretudo no tempo de transição (**TTransição**); e que poderíamos designar por um padrão **PFC** (padrão formação contínua). Ainda neste tempo, e relativamente ao tema 3 (**T3**), o grupo A evidencia um padrão de maior resiliência emocional, que designamos por **PRE** (padrão resiliência emocional). Antecipando no imaginário social, verificamos que desde cedo os participantes do grupo A evidenciam uma projeção no futuro de um padrão relativo

ao tempo pós-transição (**TPÓS**) caracterizado por uma dinâmica de mudança posicional no tema 3 (**T3**), que está muito para além da empregabilidade e/ou sobrevivência financeira, verificando-se uma motivação orientada para uma maior autonomia, que apelidamos de padrão de mudança (**PM**).

Para maior compreensão da dinâmica dos padrões transicionais<sup>76</sup>, apresentamos na *Figura 3* uma visualização esquemática da interação de temas e tempos transicionais mais típicos do grupo A de participantes, que criaram o próprio emprego, por contraste às trajetórias dos outros participantes (grupo B).

Figura 3 - Padrões sociais e comportamentais típicos dos participantes que criaram o próprio emprego



<sup>76</sup> Resultantes da análise temática e referenciados aos tempos de transição no campo laboral.

#### 8.4.6 Uma possível leitura bourdieusiana

Reiterando a nossa afirmação de que esta pesquisa não pretende ser a construção de um modelo bourdieusiano sobre a criação do próprio emprego por indivíduos desempregados, é, no entanto, necessário realizar uma leitura de natureza sociológica, que vá para além da mera descrição dos dados resultantes da análise temática das entrevistas e de outras fontes que se usaram. E aí, pelas razões já expostas anteriormente, parece-nos que a abordagem sociológica de Bourdieu das práticas sociais apresenta potencialidades de rigor e originalidade para tal desiderato.

Referindo-nos aos mapas conceptuais-metodológicos que se apresentaram sob forma gráfica nas *Figuras 1 e 2*, e confrontando-nos com as questões básicas que se prendem com as *razões* e os *processos* que levaram desempregados por despedimento coletivo a encetar trajetórias de criação do próprio emprego, em contraste com outros desempregados que, advindos da mesma situação, percorreram trajetórias diferentes, podemos concluir que os constructos bourdieusianos se revelam de grande utilidade interpretativa dos padrões temáticos apurados.

Porquanto se reconhece a utilidade dos constructos bourdieusianos na orientação da análise até agora realizada, não foi nossa intenção submeter a realidade aos conceitos problematizados. Conforme temos vindo a afirmar, numa perspectiva construtivista, os vários conceitos que fomos “beber” aos estudos de Bourdieu, funcionaram como um guião de orientação analítico, que aspirou a uma compreensão relacional de práticas individuais no quadro de mudanças sociais que exigem um posicionamento crítico. Para além disso, não negligenciamos a necessidade de que este tipo de estudo exige em termos da extensa análise de variáveis quantitativas e qualitativas. Tal como foi reforçado ao longo do nosso estudo, não foi nosso propósito encetar uma investigação bourdieusiana *stricto sensu*.

Assim, os conceitos que orientaram a nossa análise colocaram diversas reflexões complexas:

Será que um processo de transição possuirá as características de um campo bourdieusiano? Será que neste processo assistimos apenas a mudanças de posição e estatuto dos agentes no campo laboral? Ou de uma reconfiguração de campos? Ou de novas contextualizações sociais dos campos? Ou de deslocamentos do campo no espaço e tempo social? Quem são os agentes no processo de transição? Desempregados, entidades patronais, sindicatos, outros autoempregados (concorrência)? E quais as posições de



dominância/dominação? Qual a *doxa*? Qual o “jogo” em questão? E como todo o campo pressupõe um *habitus* específico, qual, por exemplo, o seu *ethos*? O da luta, ou da reprodução? E o que sobrevém? Inércia, *hysteresis*, ou adaptação? E qual a importância dos capitais e a sua relevância específica?

Apesar de ambicioso, foi um exercício que nos levou para além da mera descrição da realidade e nos colocou numa posição de humildade perante uma realidade complexa. Ainda assim, neste ponto tentamos dar conta de algumas conclusões de “traço grosso”, que pudemos extrair a partir da análise das entrevistas, à luz da perspectiva relacional bourdieusiana:

Iniciando pela análise da problemática de investigação em função dos *habitus*, verificamos que a socialização destes entrevistados se caracterizou pelo contato com práticas diversas, adentro de uma questão de identidade semiproletária e/ou camponesa/operária. Foi possível observar diversas combinações entre tipos de socialização, como a produção autónoma agrícola, a lógica assalariada associada ao trabalho nas fábricas, e o trabalho autónomo formal e informal. A maioria dos entrevistados apresentou a influência simultânea de lógicas assalariadas e autónomas, dando origem a uma espécie de *habitus*, que optámos designar por “compósito” – um *habitus* capaz de integrar em si aspirações e práticas laborais distintas. Ainda assim, foi possível verificar que o grupo A apresentava uma maior incidência deste *habitus* “compósito” e de outras combinações que apresentavam maiores ligações ao trabalho autónomo. Por sua vez, o grupo B apresentou de uma forma geral uma ligação mais acentuada à lógica assalariada.

Conforme fomos explanando, o contato durante a socialização com algum tipo de trabalho independente através da família é algo que influencia o *habitus* e por esse motivo foi igualmente explorado. Contudo, não verificámos diferenças entre os dois grupos. A presença desse contato não foi capaz de esclarecer as trajetórias seguidas depois do despedimento coletivo. Parece que cada indivíduo atribui diferentes significados a esse contato, fornecendo-lhes diferentes graus de importância nas suas trajetórias. Um aspeto que nos pareceu pertinente foi nos casos em que o contato com o trabalho independente se deu pelo pai. Apesar deste contato através do progenitor se ter registado em ambos os grupos, verificámos que o grupo B associa este tipo de trabalho a condições laborais adversas e precárias, tendo encarado a entrada na fábrica como uma melhoria significativa nas suas posições sociais.

A nível da dinâmica dos *capitais*, observamos que os participantes que criaram o seu próprio emprego, centraram esforços na sua acumulação e conversão, especificamente em termos do *capital cultural*, não apenas no sentido do seu aumento, mas também da sua adequação aos seus projetos de autoemprego. Verificou-se que os entrevistados do grupo A, ao longo das suas trajetórias de vida, valorizaram o capital escolar como meio de melhoria da sua posição social no campo laboral e social.

Conforme já referimos, o nível educacional de um indivíduo pode ser analisado como um indicador que representa o seu capital cultural. Contudo, o capital cultural vai para além da educação formal que o indivíduo detém. Ainda assim, de uma forma geral, as competências adquiridas (capital incorporado) no âmbito escolar assumem um papel importante na capacidade dos indivíduos para a agência. Podemos inferir que quanto mais forte é o capital cultural, maior é a capacidade do sujeito para aceder a informação relevante, de forma a tomar decisões mais informadas e conseguir mobilizar outro tipo de recursos sociais (como medidas estatais de incentivo à criação do próprio emprego ou de requalificação). Acresce que, quanto mais consciente o indivíduo se torna destes recursos, mais capazmente os faz interagir entre si para atingir os seus objetivos.

Relativamente ao *campo*, pela análise biográfica e dos contextos socio-organizacionais, verificámos que os participantes partilharam campos laborais muito semelhantes. A diferença de trajetórias entre os grupos talvez encontre alguma explicação na diferença de tempo de exercício profissional operário. De facto, verificámos que o grupo B apresentou, de uma forma geral, percursos mais longos nas fábricas encerradas. Este dado remete-nos para uma possível cristalização do estatuto de operário no grupo B e que dificultou estratégias adaptativas mais autónomas. Este facto é reforçado quando olhamos para a forma como o despedimento coletivo foi sentido pelos entrevistados. De uma forma geral, os entrevistados do grupo B foram aqueles que mais “sentiram” emocionalmente a situação de despedimento. Os fatores que mais contribuíram para a forma penosa como o grupo B sentiu este período transicional foram a idade mais avançada aquando o despedimento coletivo e a proximidade da idade da reforma. Analisando esse período transicional, parece que o grupo A de alguma forma antecipou as dificuldades que adviriam dessa situação. Desde o início do despedimento coletivo, o grupo A parecia ver o autoemprego como a alternativa mais atrativa. Parece que nestes casos sempre existiu no imaginário social deste grupo alguma aspiração ao modelo produtivo autónomo. Se for esse

o caso, o despedimento coletivo forneceu a circunstância necessária para estes indivíduos colocarem em prática esse desejo já existente.

O período transicional que se iniciou com o despedimento coletivo foi colocado à luz do conceito bourdieusiano de *hysteresis*. Ao analisar este período, verificámos que o grupo B se debateu com várias situações que manifestavam um sentimento de inadaptação face às novas condições encontradas no campo laboral. Enquanto o grupo A mostrou a capacidade de rapidamente mobilizar diversos recursos no sentido da criação do próprio emprego, não tendo sequer procurado de forma sistemática outro emprego, de um modo diferente, o grupo B adotou progressivamente uma atitude de impotência face à ausência de alternativas no mercado de trabalho. As reestruturações operadas na indústria, no momento dos seus despedimentos coletivos, no sentido da sua tecnologização e a consequente procura de trabalhadores cada vez mais qualificados e especializados, deixou muitos trabalhadores à margem deste mercado laboral. As condições do campo alteraram-se e o *habitus* destes trabalhadores não dispunha dos referenciais necessários para se adaptar rapidamente a essas novas exigências. Os efeitos desta “violência simbólica” foi mais evidente no grupo B. A análise deste período transicional, evidenciou uma maior inércia no *habitus* dos participantes do grupo B, comparativamente aos participantes do grupo A. De facto, os participantes do grupo A manifestaram uma dinâmica de adaptação do seu *modus operandi*, relativamente à introjeção de um novo *opus operatum*, que o desemprego provocou ao nível do campo laboral.

Conforme tivemos a oportunidade de analisar, um dos desafios que se colocou aos entrevistados do grupo A, face à decisão pelo autoemprego, foi a assunção de um *habitus* económico que não tem grande ligação às crenças formadas na lógica salarial. A capacidade de gerir créditos, receitas, despesas e lucros implica a adoção de um espírito de cálculo que vai para além das competências puramente técnicas. Conforme nos alertou Bourdieu (2004), esta adaptação só será bem-sucedida se se verificarem determinadas condições económicas e culturais. As disposições têm uma génese social e, nesse sentido, a sua historicização é fundamental para compreender as condições que as moldam. A ciência económica cria a ilusão da universalidade a-histórica das crenças que sustentam o funcionamento da economia moderna; no entanto, o *ethos* que suporta este tipo de produção é produto de uma longa história coletiva e tem de ser adquirido no decurso da história individual. Um indivíduo que sempre tenha sido operário e que nunca tenha tido a necessidade de gerir questões ligadas

ao crédito, investimento, etc., perante as exigências de funcionamento do autoemprego, terá de adquirir esse *ethos*. Segundo Bourdieu (*op. cit.*), esta adaptação exige um mínimo de segurança económica, caso contrário os indivíduos não conseguirão adotar comportamentos que implicam um esforço de dominação do futuro, como a gestão calculada no tempo dos recursos, a poupança ou o recurso ao crédito. Um bom exemplo da importância desse mínimo de estabilidade foi a situação estável da generalidade dos cônjuges do grupo A. A situação profissional estável dos cônjuges abriu o leque de possibilidades após o despedimento coletivo, comprometendo em menor grau a segurança familiar.

Em síntese, percebemos a importância da abordagem sociológica do *habitus* como ferramenta analítica dos processos de mudança social (Bourdieu, 1998a; Reay, 2015; Swartz, 2002; Yang, 2014). De um modo geral, e como conclusão desta secção, fica-nos como “convicção” que os conceitos de *habitus*, campo, *hysteresis* (e outros complementares) se afiguram como mais adaptados, enquanto ferramentas analíticas, para compreender a criação do próprio emprego por desempregados, do que abordagens personalistas ou economicistas, em que debates, por exemplo, sobre empreendedorismo de necessidade ou de oportunidade não prometem grande esclarecimento teórico ou eficácia de intervenção social.

## 8.5 Validação das análises

As metodologias de investigação qualitativas possuem exigências de validação e confiabilidade das suas análises bastante rigorosas (*cf.*, Cho & Trent, 2006; Pyett, 2003). Atendendo a este objetivo, optámos intencionalmente por fazer uma descrição detalhada de todo o processo metodológico, de molde a que um “audit-trail” da pesquisa (*e.g.*, Carcary, 2009; Malterud, 2001) ficasse bem estabelecido.

Sabendo que em abordagens qualitativas o próprio conceito de validação é muito discutível, pois prefigura ainda uma mentalidade normativa, enquanto a intencionalidade qualitativa procura essencialmente a construção de significados para a compreensão da realidade, a literatura crítica nesta matéria, apesar da sua atitude, não deixa de recomendar alguns itens de verificação e de confiabilidade das pesquisas (*cf.*, Ollaik & Ziller, 2012).

Deste modo, inventariamos em síntese o que ao longo do texto fomos referenciando e apresentando:

1. Foi apresentado um “audit-trail” pormenorizado, conforme referimos acima.

2. O processo de escolha dos participantes foi intencional<sup>77</sup>.
3. Foram considerados “casos negativos”<sup>78</sup> face à problemática em estudo, que se apresentam como forma de controlo.
4. Do ponto de vista da triangulação, utilizaram-se diferentes métodos (quantitativos, qualitativos, reflexivos), embora tendo a análise temática como nuclear, o que também permitiu triangular diferentes tipos de dados<sup>79</sup>, através de múltiplas comparações recursivas.
5. Utilizou-se um enquadramento conceptual, que funciona, igualmente, como uma estratégia metodológica analítica, criando unidade entre os aspetos teóricos e os aspetos práticos da investigação.
6. Seguiu-se, adaptando, o protocolo oficial da técnica de análise temática, principal gerador de dados.
7. Para além destes atributos de validação interna (ou de “credibilidade” na aceção qualitativa do termo), consideramos que a pesquisa possui também atributos de validade externa (ou de “transferibilidade” na aceção qualitativa do termo), uma vez que partiu da análise da narrativa dos atores do processo, isto é, o estudo partiu do discurso dos participantes, e não de nenhum protocolo experimental ou quasi-experimental de recolha de dados<sup>80</sup>.

---

<sup>77</sup> A escolha exclusiva de participantes com atividade sindical, embora fundamentada, pode enfraquecer a robustez da investigação; por essa razão a enunciamos como consciência prévia das suas limitações.

<sup>78</sup> A utilização da terminologia “casos negativos” é feita no contexto do método de escolha dos participantes. Neste caso, os casos negativos assemelham-se a um grupo de controlo que permitiu aprofundar o conhecimento sobre o objeto de estudo (Uwe, 2006), conforme já explicitámos atrás.

<sup>79</sup> Isto é, utilizou-se uma triangulação de métodos e uma triangulação de fontes, o que permitiu estabelecer relações entre os vários tipos de dados recolhidos (Patton, 1991).

<sup>80</sup> Conforme já referimos atrás, a generalização dos dados desta investigação não é um dos seus objetivos, antes uma compreensão integrada de uma problemática complexa. No entanto, esta integração deve poder ser situada no campo em análise do modo mais rigoroso possível, o que pensamos ser mais exequível se os participantes tiverem “voz ativa”, e reflexiva, no processo de recolha de informação, e não os limitarmos à mera resposta direta através de questionários ou outras formas padronizadas de inquérito (esse procedimento traz, simultaneamente, credibilidade e transferibilidade à investigação). Para mais informação, remetemos para Guba, E. G., & Lincoln, Y. S. (1994). *Competing paradigms in qualitative research*. In N. K. Denzin & Y. S. Lincoln (Eds.) (2011), *Handbook of qualitative research* (pp. 105-117). Thousand Oaks, CA: Sage.

## 9. Discussão global dos resultados

A abertura da economia portuguesa aos mercados globais provocou alterações no tecido social e laboral que afetaram diretamente a vida de muitos trabalhadores. Apesar de Portugal sempre ter registado altos níveis de trabalho autónomo, as diretrizes europeias que foram implementadas a partir dos anos 80 foram para além do mero incentivo a este tipo de trabalho, traduzindo uma orientação política que acreditava que a solução do desemprego seria a adaptação de trabalhadores ao novo modelo laboral flexibilizado. Alimentado pela onda de despedimentos coletivos massivos ocorridos em meados da década de 90 na indústria transformativa, este trabalho autónomo denuncia um tipo de relação laboral distinto daquele a que Portugal estava habituado.

Apesar destes trabalhadores terem sido socializados num contexto laboral fordista atípico, isto é, não dependiam exclusivamente do rendimento das fábricas<sup>81</sup>, o contexto massivo de despedimentos coletivos deixou a maioria dos trabalhadores numa situação inesperada, uma vez que a maior parte destes operários esperava terminar as suas carreiras laborais na fábrica encerrada. Perante uma indústria tecnologicamente ultrapassada, incapaz de os voltar a integrar, os trabalhadores foram obrigados a adotar estratégias adaptativas para superar uma situação de desemprego num contexto social diferente aquele em que foram socializados no início das suas carreiras laborais. O contexto histórico e social desta decisão não deve ser ignorado, pelo contrário, é essencial para a compreensão de um período transitório pouco abordado na literatura acerca do autoemprego e do empreendedorismo.

Conforme foi referido, apesar destes entrevistados não se integrarem num contexto laboral fordista típico<sup>82</sup>, verificámos que os participantes sentiram, aquando do desemprego, que os seus perfis não correspondiam às expectativas de um mercado de trabalho flexibilizado. A consciência dessa mudança foi evidente no discurso dos participantes. Apesar de a maioria deles contar com uma larga experiência profissional na indústria transformativa, esses referenciais já não serviam para os orientar num mercado de trabalho individualizado. Verificou-se, conforme Sennett (1998) alertou, um conflito entre carácter e

---

<sup>81</sup> As famílias adotam na sua generalidade estratégias de diversificações de rendimentos, de forma a complementar os salários auferidos nas fábricas com o trabalho informal na agricultura, e prestação de serviços na comunidade.

<sup>82</sup> cf., Rodrigues & Mendes (1999).

experiência, que de modo diverso foi resolvido, ora pela via da criação do próprio emprego, ora pela via da diminuição dos danos decorrentes do desemprego (reemprego/reforma).

O despedimento coletivo assume contornos de evento disruptivo, especialmente quando estamos perante situações de deslocalização da fábrica. Os critérios deste despedimento coletivo tornam-se ainda mais incompreensíveis aos olhos dos trabalhadores que continuam com grande volume de trabalho e de encomendas. No caso das deslocalizações, são selecionados trabalhadores para continuar na empresa (noutro local). Esses trabalhadores são aqueles que aos olhos dos empregadores têm maior capacidade de mobilidade, de adaptação, e têm funções mais centrais na empresa, o que perfila um processo de seleção socio-laboral. Por estes motivos, o despedimento coletivo apresenta-se como um tipo de desemprego que importa analisar à luz das orientações políticas que incentivam o autoemprego. Foi nossa intenção dar especial atenção ao cruzamento histórico destas duas realidades que ocorreram em Portugal e que se traduziram num período transicional importante em termos sociais.

De alguma forma, foi evidente nas narrativas destes entrevistados um sentimento de perplexidade perante os eventos de deslocalizações e encerramentos de que foram vítimas. Acresce o sentimento de rompimento com expectativas sociais moldadas durante vários anos dentro das fábricas e que assumem nestes casos contornos de quebra com o “*habitus* contratual”. Conforme se refletiu no enquadramento conceptual, a vivência do desemprego depende de vários fatores (*cf.*, Borgen & Amundson, 1984; Duarte, 1998). A vinculação com o emprego perdido (Borgen & Amundson, 1984) é um dos fatores apontados na literatura como dimensão que agrava a experiência de desemprego. Conforme pudemos verificar pelas entrevistas, a ligação à fábrica é forte. No grupo dos participantes que não criaram o seu próprio emprego (B), esta ligação é ainda mais evidente. Esta ligação mais acentuada à fábrica encerrada neste grupo talvez esteja relacionada com o facto de estes participantes apresentarem carreiras laborais mais longas nas fábricas encerradas. De facto, de uma forma geral, estes indivíduos trabalharam nas fábricas encerradas uma média de 27,2 anos, enquanto os indivíduos que criaram o seu próprio emprego (grupo A) trabalharam uma média de 21 anos. Este dado remete-nos para uma identidade operária mais vincada no grupo B e que tornou mais difícil a superação da situação de despedimento coletivo. De facto, este grupo referiu diversas dificuldades sentidas no período de desemprego. Para além do período

de desemprego ter sido mais longo neste grupo, as dificuldades sentidas nesta fase apresentaram-se de forma mais agudizada.

O facto da idade média aquando o desemprego ser igualmente superior no grupo B foi algo evidente. Verificámos que este grupo de participantes, aquando o despedimento coletivo, possuía uma média de 50,2 anos (enquanto o grupo A possuía 38,2 anos). Este foi um dado que complexificou a análise, uma vez que neste grupo o facto destes entrevistados estarem mais próximos da idade da reforma, acabou por subestimar outro tipo de possíveis estratégias adaptativas. De facto, verificou-se que a larga maioria dos entrevistados do grupo B perspetivou a reforma como uma opção bastante viável desde o início do despedimento coletivo. No entanto, antes de acederem à reforma, verificou-se que este grupo procurou de forma ativa a reinserção no mercado de trabalho. Esta foi uma estratégia à qual estavam obrigados no âmbito dos deveres associados ao recebimento do subsídio de desemprego e, portanto, já era expectável. No entanto, verificou-se a degradação geral das expectativas perante a diminuição das probabilidades de reintegração no mercado de trabalho, o que nos remete para a hipótese da reforma como “segunda melhor hipótese”.

Retomando a questão de investigação inicialmente formulada e a hipótese exploratória de trabalho, nomeadamente relativamente aos fatores micro, meso e macrossociais que favoreceram as diferentes trajetórias pós despedimento coletivo, verificámos que é um exercício artificial tentar “separar” os efeitos de cada tipo de fator. Ainda assim, num esforço de sistematização da influência dos diferentes níveis, foi possível verificar a presença de fatores situados ao nível micro, meso e macrossociais.

A nível microssocial elencámos fatores como a idade dos entrevistados aquando o despedimento coletivo e as redes socioafetivas dos entrevistados. A nível mesossocial identificámos as políticas sociais que foram mobilizadas como recursos importantes para atingir os objetivos subjacentes às trajetórias escolhidas. São eles os apoios de financiamento ao autoemprego, os apoios à requalificação dos desempregados e a proteção social na velhice depois do preenchimento dos requisitos de idade e carreira contributiva. A nível macrossocial, foi possível identificar um conjunto de tendências sociais mais vastas a nível europeu e nacional como a crise económica, a terciarização e a flexibilização da economia. Este enquadramento teve impactos no quotidiano dos indivíduos, maioritariamente através da própria situação de despedimento coletivo (um efeito sentido a nível individual e que teve uma causa macrossocial); da reestruturação do tecido laboral para uma crescente



terciarização da economia, isto é, da adaptação de muitos trabalhadores advindos da indústria para os setores dos serviços; e da flexibilização das relações laborais, que afetou as expectativas dos indivíduos, obrigando-os a adaptarem-se a vínculos cada vez mais temporários.

Mais do que analisar o efeito de cada fator nas trajetórias, importa analisar a forma como estes interagem e nos dão conta de padrões que influenciam as decisões tomadas pelos entrevistados. Por exemplo, a idade dos entrevistados e o número de anos da carreira contributiva articula-se intimamente com a possibilidade de acesso à reforma.

De uma forma geral, todos os entrevistados recorreram a recursos situados a um nível mesossocial para superar a situação de despedimento coletivo. Podemos dizer que os recursos disponibilizados pelo Estado no sentido de aumentar a empregabilidade, de incentivar a criação do próprio emprego (financiamento) ou de proteger os trabalhadores mais idosos foram decisivos para as trajetórias seguidas.

Conforme vínhamos discutindo, a idade dos entrevistados, aquando do desemprego, forneceu-nos pistas para refletir acerca da forma como a possibilidade da reforma se apresentou como hipótese viável na implementação das trajetórias no campo laboral. Neste caso, o preenchimento de critérios administrativos para o acesso à reforma foi algo relevante e não foi ignorado por nenhum dos participantes. De uma forma geral, para o grupo B, depois de um período mais ou menos longo de desemprego sem ofertas no mercado de trabalho, a reforma surgiu como a única forma de sobrevivência e possibilidade de projeção no futuro. Os dois casos neste grupo que não reuniam condições para aceder à reforma (idade) debateram-se com a inevitabilidade de recorrer ao trabalho informal e precário (recibos verdes).

Em termos de capital social, conforme já referimos, os participantes possuíam redes mais ou menos similares. Este dado pode estar relacionado com o fato de os entrevistados se inserirem na mesma classe social (semiproletária) e estabelecerem redes de proximidade semelhantes, facto que faz com que a priori possam partilhar uma estrutura de oportunidades similar. No entanto, a vivência e as experiências dessas redes foi diferente, especialmente no que respeita às redes familiares.

O apoio familiar, que se enquadra também, conforme já referimos, no capital social, assume um papel fundamental na minoração dos efeitos potencialmente adversos do despedimento coletivo. Nesta investigação foi evidente a presença da “sociedade-

providência”, característica da estrutura social portuguesa<sup>83</sup>. Por sociedade-providência entende-se as redes de relações de interconhecimento, de reconhecimento mútuo e de entreajuda baseadas em laços de parentesco e de vizinhança, onde pequenos grupos sociais trocam bens e serviços numa base de reciprocidade (Santos, 1993). O capital social que se inscreve nestas redes de relações não assumiu grandes discrepâncias entre os dois grupos. O refúgio na família aquando do desemprego e a redistribuição das tarefas domésticas foi algo visível durante o tempo de desemprego nos dois grupos. No entanto, foi possível verificar algumas diferenças entre os dois grupos, mais especificamente ao nível da estrutura de apoio familiar fornecida pelo cônjuge. No grupo A verificou-se que o cônjuge assume um papel muito importante ao nível da estabilidade familiar, isto é, o facto de o cônjuge ter uma situação profissional estável capaz de fornecer à família o acesso a um rendimento estável, foi capaz de ajudar a gerir os riscos associados ao autoemprego. Na maioria dos casos do grupo A, o cônjuge tinha uma situação profissional estável. Este aspeto remete-nos para a importância do mínimo de estabilidade ou recursos para qualquer pessoa se conseguir projetar no futuro. Conforme já analisámos através do modelo teórico de Bourdieu, os indivíduos precisam de um mínimo de segurança económica para adotar comportamentos que implicam um esforço de dominação do futuro, como a gestão calculada no tempo dos recursos, a poupança ou o recurso ao crédito. Assim, neste domínio foi evidente que o cônjuge e a família (geralmente os pais e sogros do entrevistado) são as maiores fontes de suporte no grupo A na trajetória para o autoemprego.

De uma forma geral, o acesso a um rendimento estável foi um aspeto muito valorizado pelos dois grupos. O discurso dos entrevistados do grupo B deixou transparecer a importância dada ao rendimento “certo”, por mais baixo que seja. Essa importância foi evidente quando falavam da hipótese da reforma, mesmo com penalização. Este risco foi igualmente apontado na investigação precedente de Almeida e Albuquerque (2013), que refere o rendimento incerto como a maior dificuldade sentida pelos entrevistados advindos de uma situação de desemprego que criaram o próprio emprego. Deste modo, conforme nos alertou Hespanha (2009), a retórica do autoemprego como projeto individual é vazia e não encontra eco nesta investigação. Verificamos neste estudo que a criação do próprio emprego é uma decisão familiar e o suporte dado pelas redes socioafetivas são as que mais

---

<sup>83</sup> Como mostram Portela et al. (2008), os microempreendedores fazem uso extensivo das redes sociais e da sociedade-providência.

importância assumem nesta trajetória. Estes dados vão ao encontro das conclusões do estudo do Projecto-piloto Empreende + Innova (2006b), e da investigação de Almeida e Albuquerque (2013) que enfatizam a criação do próprio emprego como projeto familiar.

A partir da análise da confluência entre estes fatores, podemos verificar que existem padrões temáticos diferentes em ambos os grupos, em termos dos seus *habitus*, os quais contextualizam diferentes dinâmicas de transição e de mudança posicional no campo laboral. Verificámos que, de uma forma geral, os entrevistados foram socializados em práticas de diversificação de rendimentos, o que contribuiu para a coexistência de diversos tipos de estratégias adaptativas face à situação de despedimento coletivo. Todos os recursos foram mobilizados para a complementaridade de diversas fontes de rendimento (trabalho na agricultura e/ou no mercado informal), de forma a assegurar a sobrevivência das famílias. Esta é uma estratégia que se mantém ao longo de todos os eixos temporais. De destacar, ainda, que um *habitus* “menos assalariado” e mais próximo a uma identidade camponesa-operária surge como um diferencial na análise das estratégias de resposta ao despedimento. De ressaltar que, embora todos os participantes tivessem procurado um investimento em termos de dinamização do seu capital cultural, esta tendência foi mais conseguida nos participantes que criaram o próprio emprego, o que, por fatores etários e de tempo de serviço, emergiu em padrões de mudança mais resilientes.

Fazendo convergir as várias análises realizadas até agora, considerando o objeto de estudo, a definição da problemática e a questão de investigação e atendendo ao enquadramento conceptual-metodológico, poderíamos traçar desde já a seguinte panorâmica no que concerne à compreensão das razões e dos processos que levaram desempregados num contexto de despedimento coletivo a decidirem construir diferentes trajetórias no campo laboral.

Numa primeira abordagem mais casuística da discussão dos dados, amplamente apresentada nos capítulos precedentes, poderemos opinar pela evidência de contextos organizacionais de despedimento coletivo dotado de grande “violência simbólica”, que em interação com biografias dotadas de grande aleatoriedade geraram percursos alternativos ao desemprego diferentes, sendo que estas diferenças resultam em si não de distinções profundas entre os dois grupos de participantes, mas do modo como as dinâmicas de estrutura e agência se cruzaram, gerando estratégias de resolução do problema do despedimento e do desemprego diversificadas. A análise temática das entrevistas destes

participantes gerou, por sua vez, um conjunto de padrões típicos do grupo dos entrevistados que criaram o seu próprio emprego, orientado no sentido de uma maior dinâmica de mudança social e resiliência individual.

Mas para além da análise casuística e da própria abordagem temática que procurou diversidades entre os dois grupos de entrevistados, há a necessidade de discutir os dados de uma forma mais discursiva (Jorgensen & Phillips, 2002), que complemente a análise textual e contextual realizada. Para além do que foi dito, existirá a análise do que poderá ter sido expresso em termos do discurso enquanto “prática” e que deverá ser interpretado no sentido metodológico bourdieusiano (Ruiz, 2009).

Assim, quanto ao porquê da decisão para o autoemprego, a análise das motivações foram uma das formas privilegiadas de chegar a essa resposta. Verificámos que as motivações traduziram a importância da autonomia decisória e financeira, especialmente no que respeita à liberdade de escolher o local de trabalho (proximidade do local de residência e da família). Estas motivações remetem, de alguma forma, para uma valorização das condições de trabalho. O desejo de autonomia não significa necessariamente que exista a intenção de exercer a patronalidade, mas antes a vontade de sair de uma condição de subordinação salarial. Esta vontade pode estar relacionada com um sentimento de insatisfação em relação ao trabalho assalariado. Este dado remete-nos para a importância das experiências prévias de assalariamento na decisão para o autoemprego. Apesar de não se terem verificado diferenças significativas quanto ao exercício laboral, foi evidente uma grande desilusão com a entidade patronal devido às deslocalizações/encerramentos. Conforme verificámos, mais evidente no grupo B, o que não explica tudo acerca da não-decisão pelo autoemprego, mas que nos remete para estatutos operários mais enraizados (menos de tradição camponesa).

A forma como os sujeitos fazem interagir os capitais (conversão, acumulação e transmissão) possibilita a reunião das condições para o tipo de trajetória escolhida, e assim estamos a falar objetivamente do como deste processo de mudança. Este dado é evidente ao verificar que, de uma forma geral, a maioria dos entrevistados do grupo B nunca considerou a hipótese do autoemprego e o grupo A não tentou procurar emprego assalariado de forma sistemática durante o tempo de desemprego. A interação dos capitais é feita em prol dos objetivos definidos pelos indivíduos, apesar de não explicar o grau de eficácia dessa interação. Contudo, recorrendo brevemente à casuística, as exceções lançam alguma luz para

diferentes cambiantes entre os capitais. Os casos B2 e B4 encetaram uma procura sistemática de novo emprego assalariado. Ambos nunca consideraram o autoemprego como algo atrativo ou verdadeiramente viável. Apenas no caso B2 existiu um verdadeiro reforço do capital cultural, através da mobilização do capital social (sindicato) e essa interação dos capitais ditou o seu sucesso na integração num novo emprego assalariado (no sindicato). O caso B4 deixava, desde o início, a forte hipótese da reforma. A procura sistemática de novo emprego foi de alguma forma coagida pelos serviços do IEFP, lançando o entrevistado numa demanda de “carimbos” humilhante. É claro que a hipótese da reforma só se colocou desde o início do desemprego neste caso, porque o entrevistado estava muito próximo da idade de reforma (tinha 59 anos quando ficou desempregado). Assim, parece que o *habitus* detém maior capacidade explicativa no como, embora, numa abordagem relacional, não se possa separar das razões já abordadas relativamente à decisão de criar o próprio emprego.

De facto, para o grupo A existe uma mudança de estatuto no campo laboral, o que implica uma adaptação do *habitus* a novas práticas. A organização hierárquica de subordinação laboral deixa de ser o referencial destes entrevistados e essa mudança simboliza uma mudança nas práticas sociais. Uma mudança que, quando ajustada, diminui o efeito de *hysteresis*. Uma potencial explicação deste desejo de mudança de estatuto pode estar relacionada com os antecedentes camponeses desta amostra que, de alguma forma, sempre alimentaram a utopia de trabalhar autonomamente. Muitos trabalhadores da indústria, num país e numa região em que a industrialização foi tardia, mantêm um *habitus camponês* que alimenta o projeto de um dia poderem “estabelecer-se” por conta própria e voltar à sua terra. Na verdade, verificou-se a presença de uma espécie de *habitus* “compósito”, capaz de integrar uma alternativa ao modelo de subordinação do trabalho assalariado, dando algumas noções aos sujeitos acerca das “regras do jogo” imprescindíveis para atuar nesse campo.

Quanto à análise das razões alegadas pelo grupo B para não terem considerado o autoemprego como uma opção viável ao desemprego, estas possibilitaram uma reflexão mais completa das circunstâncias valorizadas na escolha desta trajetória. O medo de contrair dívidas, pelo risco envolvido no pedido de empréstimos à banca, foi o risco mais associado ao autoemprego. Conforme referimos, apesar de se tratar de uma avaliação hipotética que se baseia numa avaliação de risco diferente da feita pelo grupo A, a análise desta dimensão lança luz sobre as condições mínimas a considerar neste tipo de trajetória. Os riscos mais

prementes foram os financeiros. Os receios indicados apontam o risco de empreender como demasiado elevado face a uma situação económica frágil. Face à incerteza de rendimentos, a prioridade vai para a segurança básica das famílias (Hespanha, 2009). Estes dados vão também ao encontro das conclusões do estudo do Projecto-piloto Empreende + Innova (2006b), que identificam os riscos financeiros como a maiores ameaças percebidas na criação de empresas. Remetem, igualmente, para a dificuldade que a assunção de um *habitus* económico coloca a indivíduos que não têm grande ligação à lógica empresarial e que, de alguma forma, não tiveram muita oportunidade de desenvolver nas suas longas carreiras salariais nas fábricas encerradas.

Ainda sobre os recursos económicos, verificou-se que o grupo A contou com algumas poupanças, a indemnização da empresa encerrada, a capitalização da totalidade do subsídio de desemprego, empréstimos com juros bonificados através do IEFPP, empréstimos familiares, e/ou pequenos empréstimos à banca para criarem o próprio emprego<sup>84</sup>. Não estamos, portanto, perante sujeitos com grande capital económico para investir no próprio emprego, mas que decidiram arriscar. De facto, conforme a literatura nos apontou, este tipo de trabalho independente, geralmente investe em áreas que exigem pouca disponibilidade financeira, e, por esse motivo, estão sujeitas a um alto nível concorrencial. Foi o que verificámos na investigação - todos criaram o próprio emprego no setor terciário (restauração, serviços e venda de produtos), uma área que exige menos capital de investimento. Por ser um setor extremamente sensível à concorrência, todos os entrevistados do grupo A referiram as dificuldades inerentes a gerir um pequeno negócio no meio de tantos outros. A necessidade de se destacarem (por diferentes meios) no mercado foi algo recorrente no discurso deste grupo.

A nível sociológico, as motivações analisadas (do grupo A e B) apontam para pessoas que vivem do seu trabalho, que não detêm grandes ativos e que construíram o seu capital económico pela “venda” da sua mão-de-obra. Em termos de capital social, verificámos que o tipo de relações mais determinantes na decisão para o autoemprego são as familiares. De resto, o capital social destes entrevistados não difere muito, tendo sido construído, maioritariamente, no contexto de trabalho e sindical. Como os contextos de

---

<sup>84</sup> Devemos, no entanto, ressaltar que também os participantes do grupo B possuíam na data do desemprego recursos económicos semelhantes aos dos participantes do grupo A; a diferença foi a percepção de risco de empreender a criação de um negócio próprio.

trabalho foram, de forma geral, similares (na maioria operários em fábricas e alguns que foram promovidos ao departamento comercial dentro da mesma fábrica), não foi possível verificar grandes discrepâncias a este nível entre os grupos quanto ao volume e estrutura deste capital em termos objetivos, embora haja subjetividades experienciais que distinguem estes grupos, conforme se descreveu acima.

Quanto ao capital cultural, este foi aquele que registou maiores discrepâncias entre os grupos. O grupo A revelou dar uma maior importância a este capital, investindo no seu aumento ao longo das suas trajetórias de vida. Conforme verificámos no enquadramento conceptual, este capital é uma pré-condição para a ação individual, atuando como um fator-chave para a agência. Isto significa que quanto mais forte é o capital cultural, maior é a capacidade do sujeito em fazer interagir os restantes capitais de forma eficaz, de forma a atingir os seus objetivos. É possível que estes entrevistados, pelo potencial acesso que têm a maiores (ou melhores) fontes de informação, se sintam capazes de gerir mais eficazmente essa informação (cuja distribuição é imperfeita) e detetar oportunidades. Dado que o capital cultural assume essa função de mediador na articulação do conjunto dos capitais, recordando que este é descrito por Bourdieu de forma bastante abrangente, servindo para mostrar as múltiplas formas em que a cultura atua sobre as condições de vida dos indivíduos<sup>85</sup>. Desse modo, a sua análise vai necessariamente recair em outras noções interligadas entre si (Silva, 1995). Conforme nos alerta Silva (*op. cit.*), o esforço de dissecar o conceito de capital cultural torna-se artificial, pois acaba sempre por refletir as próprias preferências do investigador. Ainda assim, tentaremos refletir sobre estes dados. Bourdieu lembra-nos que o capital cultural possibilita o acesso a informações. Contudo, este conhecimento está ligado à cultura dominante, sendo transmitido aquilo que essa cultura considera legítimo. O capital cultural institucionalizado acaba por favorecer sempre a visão cultural da classe dominante, controlando, deste modo, a informação e competências a serem desenvolvidas pelos sujeitos. Assim, a capacidade de detetar oportunidades não passa somente pelo aumento do capital cultural, estando intimamente ligado ao capital social da classe de origem do indivíduo. A quantidade e qualidade da informação não deixam de estar limitadas pela cultura dominante e à medida que as classes mais desfavorecidas acedem a maiores níveis de capital cultural,

---

<sup>85</sup> Devemos referir que a análise dos capitais é sempre uma tarefa metodologicamente difícil, e que nem todos os planos de investigação cobrem com igual eficácia, nomeadamente, quando se tratam de abordagens qualitativas.

a “elite” tem sempre formas de barrar o acesso a essa informação privilegiada. Ainda assim, a acumulação deste tipo de capital não deixa de colocar o indivíduo numa melhor posição social, uma vez que é um tipo de capital simbolicamente valorizado no campo social e tem o potencial de desenvolver competências importantes no acesso à informação e capacidade agêntica.

Bourdieu, quando nos alertou para a forte ligação entre a detenção de diferentes formas de capitais e o *habitus* específico de cada classe na definição da liberdade individual para as escolhas realizadas, facultou-nos a base para análise das escolhas dos sujeitos. Escolhas que, segundo a sua perspectiva, são estrangidas por recursos materiais e imateriais limitados socialmente. A partir desta matriz de análise, verificámos que a estrutura e o volume de capitais não conseguiram explicar, por si sós, a decisão pelo autoemprego. Pertencendo à mesma classe social, os dois grupos apresentam estruturas e volumes de capitais aparentemente similares. Antes parece que os sujeitos fizeram interagir os capitais de diferente forma, de maneira a responder aos objetivos definidos pelos mesmos. Isto é, os capitais estão ao serviço dos objetivos dos sujeitos mas não explicam o porquê, apenas o como. Dito de outro modo, a estrutura dos capitais é uma condição “necessária” para a compreensão deste fenómeno, mas não é “suficiente”, dado que, à exceção de situações limite de ausência de capitais, são as formas como são geridos que explicam as diferentes práticas sociais daí decorrentes.

De facto, verificámos diferenças ao nível da agência entre os grupos, através do capital cultural. Apesar da reflexão anterior que relativiza o poder do capital cultural, o seu desenvolvimento é uma pré-condição para a agência (decorrendo simultaneamente dela) e, tendo em consideração que o grupo A revelou maiores níveis de valorização do capital cultural, podemos assumir algum tipo de influência desse capital na capacidade agêntica destes entrevistados para interagirem de modo proativo com a estrutura social, especificamente, contrariando o efeito de *hysteresis* que ocorre quando se assiste à desorganização de um campo.

Deste modo, os conceitos bourdieusianos permitiram uma leitura crítica e inovadora do fenómeno em análise e mesmo que o objetivo não tenha sido aplicar os conceitos de Bourdieu de forma dogmática, estes ajudaram-nos analiticamente a aprofundar sociologicamente um fenómeno que surge ainda muito sobre a alçada da ciência económica, sobretudo na sua vertente mais financeira.



Em síntese, conforme já referimos, o contexto de decisão dos entrevistados foi caracterizado por um mercado de trabalho mais terciarizado e especializado, oferecendo poucas alternativas face ao perfil geral de baixas qualificações dos entrevistados. Neste contexto, até que ponto o autoemprego não assume a função de amortizador social face às mudanças operadas no mundo do trabalho? É uma questão complexa. Ainda assim, num esforço de sistematização dos fatores identificados como importantes no processo de decisão destes entrevistados, poderemos chegar, hipoteticamente (como novo ponto de partida para novas investigações), à seguinte formulação:

A trajetória do autoemprego, perante a situação disruptiva de desemprego, por parte de alguns dos participantes, surgirá pela confluência sinérgica de: a) ausência de respostas atrativas no mercado de trabalho; b) fase da vida ativa (longe da reforma); c) estabilidade familiar (principalmente através do cônjuge); d) importância da qualidade de determinadas condições de trabalho (ficar no local de residência, perto da família, autonomia, flexibilidade de horários para conjugar com outros papéis da vida, etc.); e) a presença de um *habitus* “compósito”, em interação com uma maior dinâmica de conversão e interação entre capitais, especificamente, cultural e social.

É óbvio que é impossível (e não desejável) quantificar uma fórmula para o autoemprego. O objetivo desta investigação foi compreender de forma crítica os fatores mais importantes e que, em algum grau e de alguma forma, influenciaram diferentes decisões perante uma situação de despedimento coletivo num contexto social incerto. Estes fatores poderiam ser alocados à agência e/ou à estrutura; contudo, pensamos ser um exercício artificial, já que ao tentar problematizar os dois conceitos, caímos sempre em conceções porosas, e dualistas, não fosse a teoria de Bourdieu, por definição, relacional. Em termos de possíveis “respostas” à hipótese exploratória colocada e refletida ao longo deste estudo, poderemos afirmar, com as devidas reservas interpretativas, que ela foi de um modo genérico confirmada, isto é, contém possibilidades compreensivas para o entendimento da questão de investigação, desde que abordada numa perspetiva integradora. Não se tratou de encontrar soluções diferencialistas (inter-grupos) para a questão de investigação, mas de construir padrões explicativos das práticas sociais desenvolvidas pelos participantes após o evento do despedimento coletivo, ou seja, procurando analisar criticamente o “caso” em estudo: estratégias de superação após o desemprego e seus fatores dinamizadores.

## 10. Limitações e possíveis desenvolvimentos do estudo

As limitações de um estudo são sempre contingentes às condições da sua execução. No caso da presente investigação, sentimos como uma primeira limitação a escassez de informação possível de obter sobre as empresas encerradas, o que nos daria uma melhor imagem dos antecedentes do despedimento coletivo, tanto no que diz respeito aos acontecimentos em si, como às culturas e climas organizacionais em que os participantes foram socializados durante a sua vida laboral. Ainda a este propósito, a comparação com outros setores da atividade produtiva (serviços, pescas, etc.) seria uma mais valia, não no sentido de ampliar a “amostragem” ou a saturação da análise, mas para evidenciar como as características culturais de diferentes campos e *habitus* poderiam atuar.<sup>86</sup>

Outra limitação foi a também escassa participação na investigação dos dirigentes sindicais que atuaram nestes processos, e de outros eventuais atores, que poderiam fornecer uma imagem mais circumplexa destas matérias. A este propósito, embora já desde há muito tempo esta problemática venha a ser debatida, encontramos alguma falta de sistematização dos estudos, ou por outras palavras, debatemo-nos com uma grande dispersão de pesquisas, quer de natureza teórica, quer de natureza empírica, o que não facilitou a revisão da literatura. Talvez um Observatório interdisciplinar sobre estas problemáticas pudesse contribuir para organizar a informação neste complexo campo de pesquisa, nomeadamente através da constituição de bases de dados para colocar disponíveis aos investigadores (*e.g.*, LIEPP<sup>87</sup>).

No seguimento desta preocupação, e já em termos de sugestões para o desenvolvimento de novos estudos, uma abordagem quantitativa de larga escala sobre um número alargado de índices de análise (Big Data)<sup>88</sup> poderia trazer, através da aplicação de, por exemplo, técnicas de análise de correspondências múltiplas, visões mais objetivantes da realidade, que funcionassem como meios auxiliares para o aprofundamento de estudos qualitativos mais focados em dimensões previamente selecionadas para a construção das questões de investigação.

No entanto, reafirmando a nossa opção por um estudo de natureza qualitativa, pensamos como sugestão para o futuro a realização de grupos focais com protagonistas

---

<sup>86</sup> Esta seria uma possibilidade de contextualização local; em estudos de maior dimensão, a contextualização global deste fenómeno também seria aconselhável, dado que em muitas situações o encerramento de unidades industriais e outras advém das dinâmicas de mundialização da economia.

<sup>87</sup> LIEPP: Laboratoire interdisciplinaire d'évaluation des politiques publiques. Paris.

<sup>88</sup> cf., Mützel (2015).

destes acontecimentos. Por duas razões: a primeira epistemológica, pois sendo fenómenos coletivos, embora vivenciados de formas particulares, uma abordagem comunitária parece-nos ser mais conforme ao contexto de vivências destes trabalhadores. A segunda razão, de natureza metodológica, prende-se com o facto de que esta abordagem legitima as possíveis conclusões dos investigadores, que colocando ao escrutínio democrático dos protagonistas as suas ideias, torna estes últimos como verdadeiros “editores” do conhecimento construído sobre a matéria.<sup>89</sup>

---

<sup>89</sup> cf., Hollander (2004).

## Conclusão

Em termos conceituais, esta investigação trouxe-nos pessoalmente contributos que consideramos significativos a três níveis. O primeiro diz respeito à desconstrução crítica que urge realizar sobre o tema das relações de trabalho na sociedade contemporânea. As fronteiras entre trabalho, ocupação profissional, emprego, desemprego e precariedade são cada vez menos nítidas, e necessitam de uma reconceptualização pós-moderna que desmonte as construções míticas sobre a centralidade do trabalho e a “normalidade” das relações com os contextos assalariados (Beck, 2014). O segundo, concerne igual desconstrução crítica sobre o “milagre” do empreendedorismo e as falácias que a visão oficial da construção do próprio emprego tem produzido (Rowshan & Ghafarzadegan, 2015). Por último, e enquadrado pelos dois primeiros, surge a consciência da necessidade de se abordarem estes problemas e fenómenos usando modelos de compreensão (e de intervenção) que estejam para além de reducionismos individualizantes ou de estruturalistas abstrações; aqui, as propostas relacionais de Bourdieu afiguram-se como uma proposta sólida face ao emaranhamento de agência e estrutura destas realidades sociológicas (*e.g.*, Jones, 2014).

Quanto ao primeiro nível, neste estudo foi possível recolher nas histórias de vida destes operários, e suas famílias, informação que nos possibilitou desenhar cenários do campo laboral bastante intrincados e de limites pouco definidos com outras áreas sociais. São vidas incertas, por vezes erráticas, empregos sem perspectivas de carreira, interrompendo expectativas futuras. Uma imagem para estas pessoas e respetivas vivências é a do “fio da navalha” onde sempre existiram. A tão propagandeada estabilidade política e financeira que os profissionais da política vão erigindo como um novo Olimpo, não desceu até aos camponeses e operários. Há razões para isso, que a sociologia política evidencia (*cf.*, Guiraudon, Ruzza & Trenz, 2015).

No que concerne ao segundo nível, entrosado com o primeiro, do qual acaba por ser um produto, e não tanto uma solução como ilusoriamente se procura fazer entender, há que clarificar que a criação do autoemprego não se coaduna com intermináveis discussões sobre as suas características de *necessidade* ou de *oportunidade*. Pensamos que teremos de abordar este fenómeno, sobretudo advindo de situações de desemprego, como uma prática social específica que tem de ser compreendida na dialética transicional no mundo do trabalho. Constitui uma forma de organização produtiva que emerge de situações multideterminadas do ponto de vista sociológico (De Clercq & Voronov, 2009).

Finalmente, é na visão bourdieusiana da mudança social (mais do que reprodução) que é possível vislumbrar, ainda que de modo ténue, as motivações e os processos afetos à criação do próprio emprego. Perante a *paradoxalidade* do campo laboral em que estes operários viveram e experienciaram a situação de despedimento coletivo e a transição pós-desemprego, alguns ultrapassaram a *doxa* do seu contexto, e as normas (*nomos*) quase exclusivamente legais e financeiras, certamente desacreditando na perpetuação dessa *illusio*. As suas práticas sociais mudaram, certamente porque os seus *habitus* se adaptaram às modificações do campo. Partilhando valores e ideias (*ethos* e *eidos*) com origem em pertenças de classe semelhante, não ficaram, no entanto, reféns de uma *hysteresis* paralisante. Em síntese, a dialética produzida entre o *opus operatum* do campo e o *modus operandi* do *habitus*, articulado com a dinâmica transformacional dos capitais, especificamente cultural, permitem-nos uma visão mais sistémica e construcionista, muito longe das visões proféticas e heróicas do imaginário capitalista (e.g., Spigel, 2016).

Não tendo esta investigação assumido uma carácter de investigação-ação, em que se podem testar e/ou avaliar programas de intervenção, embora tenha sido uma pesquisa de campo envolvendo os protagonistas dos fenómenos em estudo, existem algumas implicações para a intervenção social que podem, em nossa opinião, ser retiradas.

Assumindo que a criação do próprio emprego, apesar de toda a controvérsia à volta da sua conceptualização e ineficaz implementação, é uma alternativa remediativa no que concerne à resolução do problema do desemprego, colocam-se, no entanto, algumas considerações iniciais a declarar. A primeira é a de que sendo o problema do desemprego, nomeadamente oriundo de despedimentos coletivos, um produto económico-político (Mitrović, 2005), portanto, de estrutura, as tentativas para o “solucionar” não poderão recair maioritariamente sobre a dimensão agêntica dos desempregados, embora tenhamos consciência de que é necessária a participação dialética e dialógica de ambos. Encarar o autoemprego como solução de um problema estrutural como o desemprego é extremamente paradoxal. Um exemplo que pensamos ser interessante no âmbito da intervenção social neste domínio e que contraria esta ideologia individualista são as empresas recuperadas por trabalhadores<sup>90</sup>. Ao invés de responsabilizar individualmente os trabalhadores pela sua inserção, porque é que as estruturas sindicais e estatais não incentivam um tipo de reinserção

---

<sup>90</sup> Um interessante tópico a introduzir em futuras investigações.

capaz de distribuir coletivamente o risco? A mobilização coletiva dos trabalhadores na compra das empresas encerradas deveria ser algo a ponderar pelos agentes políticos, uma vez que ignorar o conhecimento acumulado pelos trabalhadores nas suas longas carreiras operárias, perfila uma negligência grosseira em termos de aproveitamento de recursos valiosos no combate ao desemprego. A canalização desse conhecimento deveria ser priorizado no âmbito da adaptação dos trabalhadores à nova realidade social. De seguida, há que compreender, sobretudo neste caso específico dos despedimentos coletivos, conforme nos foi possível constatar, que esta fase antecedente do desemprego deverá ser estruturada, já aqui, com respeito pelos direitos laborais e cívicos dos trabalhadores. Esta fase marca emocionalmente e motivacionalmente os desempregados, e os seus *modus operandi*, podendo condicionar estratégias mais assertivas de regresso ao mundo do trabalho. Exige-se, pois, mais responsabilidade social e jurídica no processo de separação laboral (Pennings, Konijn & Veldman, 2008), para que este não se cristalice num acriterioso processo de seleção profissional.

Sabemos da importância do capital social no desenvolvimento de projetos de criação do próprio emprego. Estes operários não são profissionais liberais enquadrados em redes prévias de clientes. São trabalhadores muito enraizados nas suas comunidades e integrados nas suas famílias e, por essa razão, uma visão de contextualização comunitária e familiar das suas ideias de negócio deveria ser valorizada. Os esboços biográficos, bem como as entrevistas, oferecem-nos informação muito relevante sobre esta matéria.

Quanto ao capital cultural, repetidamente analisámos o seu carácter fundamental para a dinâmica do conjunto de capitais, elemento essencial para a dinamização de novas práticas sociais. Verificámos como, sobretudo os criadores de autoemprego, geriram de um modo muito personalizado a aquisição de mais capital cultural. Parece-nos, pois, necessário, que os programas de formação das entidades oficiais no âmbito da criação do próprio emprego, personalizem estratégias em função das necessidades concretas dos participantes. E que, pelo contrário, não imponham modelos de funcionamento social criados à imagem da sociedade que originou o problema. Por outras palavras, a capacitação dos participantes deve ser baseada em princípios democráticos e de participação, verdadeira ferramenta de “empoderamento” social das classes mais desfavorecidas (Levi, 2002) e não de mecanismos de reprodução social. Para que o paradoxo não se perpetue.

Chegado o momento de concluir, derradeiramente, duas são as dimensões na pesquisa que gostaríamos de salientar. A primeira prende-se com o enquadramento da problemática face aos dados apurados. De facto, quando confrontados com a realidade, percebe-se a dificuldade em contextualizar teoricamente as facetas da problemática que procurámos analisar nesta investigação. A realidade do outro é sempre difícil de objetivar, e ao fazê-lo caímos no risco de a enquadrar em esquemas simplistas de pensamento, muitas vezes artificiais. As fronteiras entre necessidade e oportunidade<sup>91</sup>, entre criação do próprio emprego e empreendedorismo, etc. são ténues, por vezes confusas, o que gera uma complexidade nem sempre fácil de sintetizar num qualquer “estado da arte”. Os percursos dos participantes entrevistados, embora passíveis de enquadrar em categorias sociológicas, revelam uma diversidade tão grande, que a grelha de leitura conceptual, que fomos criando até à implementação da investigação, fica sempre aquém da complexidade e riqueza das narrativas e das experiências de vida destes trabalhadores. As decisões dos participantes parecem traduzir um movimento constante que oscila entre a estabilidade e a liberdade, isto é, entre a necessidade de segurança e a necessidade de assumir riscos para atingir a realização pessoal e social. Fica-nos, assim, a sensação da incompletude da lógica de compreensão da realidade da criação do próprio emprego por desempregados, enquanto uma decisão imersa num contexto de relações de trabalho extraordinariamente paradoxais e não-lineares.

A segunda dimensão, necessariamente articulada com a primeira, prende-se com questões metodológicas. A experiência retirada desta investigação também nos deixou a percepção da necessidade de, do ponto de vista dos procedimentos, repensarmos estratégias de abordagem destas problemáticas mais *grounded*<sup>92</sup>, no sentido de colocar o investigador numa posição mais focada e próxima do campo de investigação.

Ambas as breves reflexões contidas nestas duas dimensões, já se enunciam nos pontos precedentes no que concerne às implicações do estudo e seus possíveis desenvolvimentos. Ao colocar estas duas avaliações finais, surge-nos, por último, o “peso da responsabilidade social” que desde o início desta investigação fomos sentindo. O contato com estes trabalhadores criou-nos desde cedo uma atitude de humildade e de respeito pelas

---

<sup>91</sup> A distinção entre empreendedorismo de necessidade e empreendedorismo de oportunidade apenas existe porque para além da euforia com os perfis psico-motivacionais do empreendedor de oportunidade, foi necessário dar conta de um outro perfil em que a escolha pelo empreendedorismo era um “second best”: o perfil de empreendedorismo de necessidade (Hespanha, 1997).

<sup>92</sup> cf., Tolhurst (2012).

vidas destas pessoas, das suas famílias e das suas comunidades, que, temerosamente, enquanto investigadora, compreendemos ser demasiadamente sensível para reduzir a esquemas de pensamento científico, por vezes dotados de alguma abstração.

Finalmente, e em jeito de balanço, resta-nos esperar que esta investigação possa ser entendida, mais do que um exercício académico, como um modesto contributo para a compreensão desta problemática da “sobrevivência” ao desemprego, e que possa ter um retorno para estes e outros trabalhadores que desinteressadamente abriram parte das suas vidas, oferecendo-nos testemunhos muito sinceros. Para que as desigualdades sociais possam um dia ser apenas uma má memória.





**Referências bibliográficas**<sup>93</sup>

- Abdesselam, R., Bonnet, J., & Le Pape, N. (2004). An Explanation of the Life Span of New Firms. *Small Business Economics*, volume 23, number 3, 237-254. DOI: 10.1023/B:SBEJ.0000032034.59035.b4
- Abel, T., & Frohlich, K. L. (2012). Capitals and capabilities: linking structure and agency to reduce health inequalities. *Social Science & Medicine*, 74, 236-244. DOI: 10.1016/j.socscimed.2011.10.028
- Acs, Z. J., & Audretsch, D. B. (Eds.) (2010). *Handbook of Entrepreneurship Research. An Interdisciplinary Survey and Introduction*. New York: Springer.
- Adam, F., & Roncevic, B. (2003). Social capital: recent debates and research trends. *Social Science Information*, 42 (2), 155-183. DOI: 10.1177/0539018403042002001
- Advisory, Conciliation and Arbitration Service (2015). Annual report and Accounts 2014/15. London: Acas. Disponível em: <http://www.acas.org.uk/media/pdf/3/s/Acas-Annual-Report-2014-2015.pdf>
- Ahmad, N. *et al.* (2008). *A Framework for Addressing and Measuring Entrepreneurship. OECD Statistics Working Papers 2008/2*. Disponível em: <http://masetto.sourceoecd.org/vl=12140833/cl=22/nw=1/rpsv/cgi-bin/wppdf?file=5kzn93rmcg71.pdf>
- Aires, L. (2011). *Paradigma Qualitativo e Práticas de Investigação Educacional*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Albagli, S., & Maciel, M. L. (2002). Capital Social e Empreendedorismo Local. In *Proposição de Políticas para a Promoção de Sistemas Produtivos Locais de Micro, Pequenas e Médias Empresas*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro.

---

<sup>93</sup> Na lista das Referências Bibliográficas utilizaram-se as normas da American Psychological Association, 6ª edição, respeitando-se as indicações de citação (quando explícitas) informadas por algumas publicações. Relativamente à informação dos DOI dos artigos publicados em periódicos, colocam-se os que as revistas indicam, sendo que algumas não possuem esta disponibilidade. Alguns livros e capítulos também possuem esta informação.

- Aldrich, H. E. (2000). Entrepreneurial Strategies in New Organizational Populations. In R. Swedberg (Ed.), *Entrepreneurship: The Social Science View* (pp. 211-228). Oxford: Oxford University Press.
- Almeida, J. G., Santos, E., Albuquerque, C., & Ferreira, J. (2013). Desemprego e Empreendedorismo: da ambiguidade da relação conceitual à eficácia das práticas de intervenção social. *Plural - Revista de Ciências Sociais*, 20, 1, 31-56.
- Almeida, J. G. (2013). Trajetórias de incerteza: a instabilidade laboral como modo de vida. *Cabo dos Trabalhos*, n. 9, 103-124.
- Almeida, J. G. (2014). Trajetos profissionais emancipatórios em um mundo socialmente desigual: de Weber a Bourdieu. *Polêm!ca*, v. 13, n. 1, 945-953.
- Almeida, J. G. (2015). Do desemprego ao trabalho por conta própria: estrutura e agência das desigualdades. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 16 (2), 231-241.
- Almeida, J. G., & Albuquerque, C. (2013). *De Desempregados a Empreendedores: Percursos e Experiências*. Viseu: Psicossoma.
- Anderson, J. (2002). Coping with long-term unemployment: Economic security, labour market integration and well-being. Results from a Danish panel study, 1994-1999. *International Journal of Social Welfare*, 11, 178-190. DOI: 10.1111/1468-2397.00215
- Anderson, P., & Wadensjö, E. (2007). Do the unemployed become successful entrepreneurs? A Comparison between the Unemployed, Inactive and Wage-Earners. *International Journal of Manpower*, Vol. 28, Nº 7, 604-626.
- Andrade, P. (2006). Agência e estrutura: o conhecimento praxiológico em Pierre Bourdieu. *Estudos de Sociologia*, Vol. 12, nº2, 97-118.
- Andrade, T. (2005). O pensamento sociológico de Max Weber. In A. L. Filho, G. Barsalini, L. R. Vedovato & O. M. Filho (Orgs.), *Sociologia Geral e do Direito* (pp. 81-85). Campinas, SP: Alínea Editora.

- Antunes, R. (2000). *Adeus ao trabalho? Ensaios sobre as metamorfoses e a centralidade no mundo do trabalho*. São Paulo: Cortez.
- Araújo, P. (2008). *A tirania do presente: do trabalho para a vida às incertezas do desemprego*. Coimbra: Quarteto.
- Argandoña, A. (2010). La dimensión ética de la crisis financiera. In A. Costas (Ed.), *La crisis de 2008. De la economía a la política y más allá* (pp. 183-198). Almería: Fundación Cajamar.
- Artazcoz, L., Benach, J., Borrell, C., & Cortès, I. (2004). Unemployment and mental health: Understanding the interactions among gender, family roles, and social class. *American Journal of Public Health, 94* (1), 82-88. DOI: 10.2105/AJPH.94.1.82
- Associação Portuguesa de Sociologia (1992). *Código Deontológico*. Lisboa: APS. Disponível em: [http://www.aps.pt/cms/files/conteudos/CD\\_APS.pdf?phpMyAdmin=af2d125c3425354aa5b3cd77ef98e683](http://www.aps.pt/cms/files/conteudos/CD_APS.pdf?phpMyAdmin=af2d125c3425354aa5b3cd77ef98e683)
- Assunção, F. (2008). *Do emprego à empresa? Uma reflexão sobre o auto-emprego, a pequena propriedade e o empreendedorismo*. Lisboa: VI Congresso Português de Sociologia. Disponível em: <http://www.aps.pt/vicongresso/pdfs/407.pdf>
- Assunção, F. (2012). *On becoming self-employed: gender, class and entrepreneurship in Portugal*. Thesis submitted to the University of Manchester for the degree of PhD in the Faculty of Humanities. Disponível em: <https://www.escholar.manchester.ac.uk/uk-ac-man-scw:189953>
- Atkinson, R. (2002). The Life Story Interview. In J. F. Gubrium & J. A. Holstein (Eds.), *Handbook of Interview Research* (pp. 121-140) Thousand Oaks, IL: Sage
- Atzeni, M. (Ed.) (2013). *Workers and Labour in a Globalized Capitalism: Contemporary Themes and Theoretical Issues*. London: Palgrave Macmillan.
- Aubry, T., Teft, B., & Kingsbury, N. (1990). Behavioral and psychological consequences of unemployment in blue-collar couples. *Journal of Community Psychology, 18* (2), 99-109.

- Audretsch, D. B., & Fritsch, M. (1994). On the measurement of entry rates. *Empirica*, 21, 105–13.
- Audretsch, D. B., Carree, M. A., & Thurik, A. R. (2002). Does Entrepreneurship reduce Unemployment? *Tinbergen Institute Discussion Paper*. Disponível em: <http://repub.eur.nl/res/pub/6857/2001-0743.pdf>.
- Aviram, A. (2006). A study of factors that influence unemployed persons. *Journal of Employment Counseling*, 43, 4, 154-167. DOI: 10.1002/j.2161-1920.2006.tb00015.x
- Baganha, M. I., Marques, J. C., Góis, P. (2002). O Sector da Construção Civil e Obras Públicas em Portugal: 1990-2000. *Oficina do CES*, 173. Disponível em: <http://www.ces.uc.pt/publicacoes/oficina/index.php?id=2485>
- Baker, T., & Nelson, R. E. (2005). Creating Something from Nothing. Resource Construction through Entrepreneurial Bricolage. *Administration Science Quarterly*, Vol. 50, Issue 1, 50-65. DOI: 10.2189/asqu.2005.50.3.329
- Bardin, L. (2009). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Baruffaldi, S. H., Marino, M., & Parrota, P. (2016). Self-employment, start-up incentives and political ideology. *Applied Economic Letters*, 23, 4, 250-254.
- Bauman, Z. (2003). *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Bauman, Z. (2010). *Vida a crédito*. Rio de Janeiro: Zahar
- Baumol, W. J. (1990). Entrepreneurship: productive, unproductive and destructive. *The Journal of Political Economy*, v.18, n.5, 893-921. DOI: 10.1086/261712
- Baxter, P., & Jack, S. (2008). Qualitative Case Study Methodology: Study Design and Implementation for Novice Researchers. *The Qualitative Report*, 13 (4), 544-559.
- Bechhofer, F., & Elliot, B. (1985). The Petite Bourgeoisie in Late Capitalism. *Annual Review of Sociology*, Vol. 11, 181-207. DOI: 10.1146/annurev.so.11.080185.001145
- Beck, U. (1999). *World Risk Society*. Cambridge: Polity Press.
- Beck, U. (2014). *The Brave New World of Work*. London: John Wiley & Sons.

- Belluzzo, L. G. (2012). *O capital e as suas metamorfoses*. São Paulo: Editora Unesp.
- Bharadwaj, P. N., Falcone, T. W., & Osborne, S. W. (2004). Creating entrepreneurs from the ranks of the unemployed. *Journal of Small Business Strategy*, 15, 1, 1-16.
- Blasius, J., & Greenacre, M. (1998). *Visualization of Categorical Data*. San Diego, CA: Academic Press.
- Block, J. H., & Sandner, P. G. (2009). Necessity and Opportunity Entrepreneurs and Their Duration in Self-Employment: Evidence from German Micro Data. *Journal of Industry Competition and Trade*, 9, 2, 117-137. DOI: 10.1007/s10842-007-0029-3
- Blustein, D. (2006). *The Oxford Handbook of the Psychology of Working*. Oxford, MA: Oxford University Press.
- Bobek, B., & Robbins, S. (2005). Counseling for career transitions: Career pathing, job loss and reentry. In S. Brown & R. Lent (Eds.), *Career Development and Counseling. Putting Theory and Research to Work*. (pp. 625-650). Hoboken, NJ: Wiley.
- Bögenhold, D. (2000). Entrepreneurship, Markets, Self-employment: Introduction. *International Review of Sociology*, Vol. 10 (1), 25-40. DOI: 10.1080/713673988
- Boltanski, L., & Thévenot, L. (1991). *De la justification. Les économies de la grandeur*. Paris: Gallimard.
- Borgen, W., & Amundson, N. (1984). *The experience of unemployment: implications for counseling the unemployed*. Canada: Nelson Canada.
- Bosma, N., & Levie, J. (2010). *Global Entrepreneurship Monitor 2009, Executive Report*. Utrecht: Global Entrepreneurship Research Association.
- Bourdieu, P. (1977/1972). Outline of a Theory of Practice. Cambridge: Cambridge University Press. Originally published as *Esquisse d'une théorie de la pratique, précédé de trois études d'ethnologie kabyle*. Genève: Droz.
- Bourdieu, P. (1979). *La Distinction. Critique sociale du jugement*. Paris: Éditions du Seuil.
- Bourdieu, P. (1980a). *Questions de sociologie*. Paris: Éditions du Seuil.

- Bourdieu, P. (1980b). *Le Sens Pratique*. Paris: Éditions du Seuil.
- Bourdieu, P. (1986). The forms of capital. In J. Richardson (Ed.), *Handbook of Theory and Research for the Sociology of Education* (pp. 241-258). New York: Greenwood.
- Bourdieu, P. (1987). *Choses dites*. Paris: Éditions de Minuit.
- Bourdieu, P. (1989) (with L. Wacquant). Towards a reflexive sociology: a workshop with Pierre Bourdieu. *Sociological Theory*, 7, 1, 26-63.
- Bourdieu, P. (1990). *The logic of practice*. Stanford, CA: Stanford University Press.
- Bourdieu, P. (1993). *La Misère du monde*. Paris: Éditions du Seuil.
- Bourdieu, P. (1994a). *In Other Words. Towards a Reflexive Sociology*. Stanford, CA: Stanford University Press.
- Bourdieu, P. (1994b). Esboço de uma Teoria da Prática. In R. Ortiz (Org.), *A sociologia de Pierre Bourdieu* (pp. 46-86). São Paulo: Editora Ática.
- Bourdieu, P. (1994c). *Raisons pratiques. Sur la théorie de l'action*. Paris: Éditions du Seuil.
- Bourdieu, P. (1996). *Razões Práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas, SP: Papyrus.
- Bourdieu, P. (1997). *Méditations pascaliennes*. Paris: Éditions du Seuil.
- Bourdieu, P. (1998a). *Acts of Resistance Against the New Myths of Our Time*. Cambridge, UK: Polity Press.
- Bourdieu, P. (1998b). *Contrafogos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda.
- Bourdieu, P. (2000). *Les structures sociales de l'économie*. Paris: Éditions du Seuil.
- Bourdieu, P. (2001a). *Langage et pouvoir symbolique*. Paris: Éditions du Seuil.
- Bourdieu, P. (2001b). *Science de la science et réflexivité*. Paris: Raison d'Agir.
- Bourdieu, P. (2001c). *Contre-feux 2*. Paris: Éditions du Seuil.
- Bourdieu, P. (2002). *Le bal des célibataires*. Paris: Éditions du Seuil.

- Bourdieu, P. (2003). L'objectivation participante. *The Journal of the Royal Anthropological Institute*, 9, 281-294.
- Bourdieu, P. (2004). A formação do *habitus* económico. *Sociologia*, 14, 9-34.
- Bourdieu, P. (2008). *Esquisses algériennes*. Paris: Éditions du Seuil.
- Bourdieu, P. (2012). *Sur l'État: Cours au Collège de France*. Paris: Éditions du Seuil.
- Bourdieu, P. (2013). *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva.
- Bourdieu, P., & Wacquant, L. (1992a). *An Invitation to Reflexive Sociology*. Chicago, IL: The Chicago University Press.
- Bourdieu, P., & Wacquant, L. (1992b). *Réponses. Pour une anthropologie réflexive*. Paris: Éditions du Seuil.
- Bourdieu, P., Darbet, A., Rivet, J.-P., & Seibel, C. (1963). *Travail et travailleurs en Algérie*. Paris: Éditions Mouton.
- Bourdieu, P., Passeron, J.-C., & Chamberodon, J.-C. (1968). *Le métier de sociologue*. Paris: Éditions Mouton/Bordas.
- Boyatsis, R. E. (1998). *Transforming Qualitative Information*. Cleveland, OH: Sage.
- Brandão, A. (2007). *Entre a vida vivida e a vida contada: A história de vida como material primário de investigação sociológica*. Braga: Centro de Investigação em Ciências Sociais, Universidade do Minho. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/9630>
- Brandão, Z. (2010). Operando com conceitos: com e para além de Bourdieu. *Educação e Pesquisa*, v. 36, n. 1, 227-241. DOI: 10.1590/S1517-97022010000100003
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, Volume 3, Issue 2, 77-101. DOI: 10.1191/1478088706qp063oa



- Braun, V., & Clarke, V. (2012). Thematic analysis. In H. Cooper (Ed.), *The APA handbook of research methods in psychology: Vol 2. Research designs* (pp.57–91). Washington, DC: American Psychological Association.
- Braun, V., & Clarke, V. (2013). *Successful Qualitative Research: A Practical Guide for Beginners*. London: Sage.
- Brockhaus, R. H. (1982). The psychology of entrepreneur. In C. A. Kent, D. L. Sexton, & K. H. Vesper (Eds.), *Encyclopedia of Entrepreneurship* (pp. 39-71). Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall.
- Brush, C. G., Greene, P. G., & Hart, M. M. (2001). From initial idea to unique advantage: The entrepreneurial challenge of constructing a resource base. *Academy of Management Executive*, 15 (1), 64-78. DOI:10.5465/AME.2001.4251394
- Bryman, A. (2004). Interviewing in qualitative research. In A. Bryman, *Social Research Methods* (Chapter 15). Oxford, UK: Oxford University Press.
- Burchell, B. *et al.* (1992). Categorising self-employment: some evidence from the social change and economic life initiative. In P. Leighton *et al.* (Eds.), *New Entrepreneurs, Self-Employment and Small Business in Europe* (pp. 101-121). London: Kogan Page.
- Burke, C. (2015). *Culture, Capitals and Graduate Future: Degrees of Class*. London: Routledge.
- Burns, P. (2001). *Entrepreneurship and Small Business*. New York: Palgrave.
- Caleiras, J. (2015). *Para lá dos números. As consequências pessoais do desemprego*. Coimbra: Almedina.
- Caliendo, M., & Baumgartner, H. J. (2008). Turning Unemployment into Self-Employment: Effectiveness of Two Start-Up Programmes. *Oxford Bulletin of Economics & Statistics*, 70, 3, 347-373. DOI:10.1111/j.1747-1346.2008.00105.x
- Caliendo, M., & Kritikos, A. S. (2010). Start-ups by the unemployed: characteristics, survival and direct employment effects. *Small Bus Econ*, 35, 71-92. DOI: 10.1007/s11187-009-9208-4

- Campos, A. (2013). Precariedade: A nova batalha de quem trabalha, *Vírus*, n<sup>o</sup>3, 33-37.
- Campos, A., & Soeiro, J. (2016). *A falácia do empreendedorismo*. Lisboa: Bertrand.
- Cantillon, R. (1755). *Essai sur la nature du commerce en général*. Paris: Institut national d'études démographiques.
- Carcary, M. (2009). The Research Audit Trail – Enhancing Trustworthiness in Qualitative Inquiry. *Journal of Business Research Methods*, Vol. 7, 11-24.
- Carland, J. W., Hoy, F., Boulton, W. R., & Carland, J. A. (1984). Differentiating entrepreneurs from small business owners: a conceptualization. *Academy of Management Review*, v. 9, n. 2, 354-359.
- Carrara, M., & Saci, E. (Eds.) (2006). *Propositions: Semantic and Ontological Issues*. Amsterdam: Rodopi.
- Carrasco, R. (1999). Transitions to and from self-employment in Spain: An empirical analysis. *Oxford Bulletin of Economics and Statistics*, Vol. 16, Issue 3, 315-341.
- Carree, M. (2002). Does Unemployment Affect the Number of Establishments? A Regional Analysis for U.S. States, *Regional Studies*, 36, 389-398. DOI: 10.1080/00343400220131151
- Carroll, G. R., & Mosakowski, E. (1987). The Career Dynamics of Self-Employment. *Administrative Science Quarterly*, 32, 570-589. DOI: 10.2189/asqu.52.3.387
- Carter, L. W. (2004). Entrepreneurship: An alternative to Unemployment. *Journal of Applied Management and Entrepreneurship*, 9, 2, 119-132.
- Carvalho, A. N. (1998). A flexibilização do direito do trabalho português. In *Seminário: Flexibilidade e relações de trabalho*. Lisboa: Conselho Económico e Social. Disponível em: <http://livrozilla.com/doc/808996/semin%C3%A1rio---conselho-econ%C3%B3mico-e-social>
- Castel, R. (1998). *As Metamorfozes da Questão Social : uma crónica do salário*. Petrópolis: Vozes.

- Castells, M. (1998). *La era de la información: economía, sociedad y cultura. La Sociedad red*. Madrid: Alianza Editorial.
- Castells, M. (2005). *A Sociedade em Rede*. São Paulo: Paz e Terra.
- Centeno, L., Centeno, M., & Novo, A. (2009). Evaluating job-search programs for old and young individuals: Heterogeneous impact on unemployment duration. *Labour Economics*, 16, 12-25.
- Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra (2015). *Barómetro das Crises*, CES, Observatório sobre Crises e Alternativas. Coimbra/Lisboa, N° 13, 1-10. Disponível em:  
file:///C:/Users/Jupiter/Desktop/TESE%20JOANA/Pesquisa%20textos%202/13BarometroCrises\_Crise%20mercadotrabalho.pdf
- Chan, W., Yip, P., Wong, P., Chen, E. (2007). Suicide and unemployment: What are the missing links? *Archives of Suicide Research*, 11, 327-325.
- Chandler, G. N., & Hanks, S. H. (1994). Founder competence, the environment, and venture performance. *Entrepreneurship: Theory and Practice*, 18, (3), 77-90.
- Chandler, G. N., & Jansen, E. (1992). The founder's self-assessed competence and venture performance. *Journal of Business Venturing*, v. 7, n. 3, 233-236. DOI:10.1016/0883-9026(92)90028-P
- Charmaz, K. (2006). *Constructing grounded theory. A practical guide through qualitative analysis*. London: Sage.
- Cho, J., & Trent, A. (2006). Validity in qualitative research revisited. *Qualitative Research*, 6, 319-339. DOI: 10.1177/1468794106065006.
- Christensen, U., Schmidt, L., Kriegbaum, M., Hougaard, C., & Holstein, B. (2006). Coping with unemployment: Does educational attainment make any difference? *Scandinavian Journal of Public Health*, 34, 363-370. DOI: 10.1080/14034940500489339

- Claussen, B. (1999). Health and re-employment in a five-year follow-up of long-term unemployed. *Scand J Public Health*, Jun, 27 (2), 94-100.
- Clavel, G. (2012). *A sociedade da exclusão: Compreendê-la para dela sair*. Porto: Porto Editora.
- Cockell F. F., & Peticarrari, D. (2010). Contratos de boca: a institucionalização da precariedade na construção civil. *Caderno CRH*, 23 (60), 633-653. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1590/S0103-49792010000300013>.
- Cohen, D. (2006). *Qualitative Research Guidelines Project. Semi-structured interviews*. New Jersey, NJ: Robert Wood Johnson Foundation.
- Colás, B. P. (1998). El análisis cualitativo de datos. In L. Buendia, P. Colás & F. Hernández, *Métodos de investigación en Psicopedagogia* (pp. 225-249). Madrid: McGraw-Hill.
- Colás, B. P., & Buendia, E. L. (1992). *Investigación Educativa*. Sevilla: Alfar.
- Cole, A. H. (1959). *Business enterprise in its social setting*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Cooper, A. C., & Artz, K. W. (1995). Determinants of satisfaction for entrepreneurs. *Journal of Business Venturing*, 10, 6, 439-457. DOI:10.1002/smj.703
- Costa, A. B. (2005). *Exclusões sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Craigh, G., Burchardt, T., & Gordon, D. (Eds.) (2008). *Social Justice and Public Policy*. Bristol: Policy Press.
- Creswell, J. W. (1998). *Qualitative inquiry and research design: Choosing among five traditions*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Creswell, J. W. (2014). *Research design: qualitative, quantitative, and mixed methods approaches* (4<sup>th</sup> ed.). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Dana, L. P. (1987). Entrepreneurship and venture creation - An international comparison of five commonwealth nations. In N. C. Churchill, J. A. Hornaday, B. A. Kirchoff, O.

J. Krasner & K. H. Vesper (Eds.), *Frontiers of Entrepreneurship Research* (pp. 573-583). Wellesley, MA: Babson College.

Davidson, P. (1994). *Post Keynesian Macroeconomic Theory: A Foundation for Successful Economic Policies for the Twenty-first Century*. Aldershot, Hants: Edward Elgar.

Dawson, C., Henley, A., & Latreille, P. (2014). Individual motives for choosing self-employment in the UK: Does region matter? *Regional Studies*, 48 (5), 804-822. DOI: 10.1080/00343404.2012.697140

De Clercq, D., & Voronov, M. (2009). Towards a practice perspective of entrepreneurship. Entrepreneurial legitimacy as Habitus. *International Small Business Journal*, vol. 27, n°4, 395-419. DOI: 10.1177/0266242609334971

Dearnley, C. (2005). A reflection on the use of semi-structured interviews. *Nurse researcher*, 13 (1), 19-28. DOI: 10.7748/nr2005.07.13.1.19.c5997

Dees, J. G. (2001). The Meaning of Social Entrepreneurship. *Centre for Advancement of Social Entrepreneurship*. Disponível em: [http://www.caseatduke.org/documents/dees\\_sedef.pdf](http://www.caseatduke.org/documents/dees_sedef.pdf).

DeFrank, R., & Ivancevich, J. (1986). Job loss: An Individual level review and model. *Journal of Vocational Behavior*, 28, 1-20. DOI: 10.1016/0001-8791(86)90035-7

Dejours, C. (2006). Subjectivity, Work and Action. *Critical Horizons*, 7, 45-62. DOI: 10.1163/156851606779308161.

Deli, F. (2011). Opportunity and Necessity Entrepreneurship: Local Unemployment and Small Firm Effect. *Journal of Management Policy and Practice*, vol. 12 (4), 38-57.

Demazière, D. (1995). *La sociologie du chômage*. Paris: Éditions La Découverte.

Demazière, D., & Dubar, C. (1999). Analyser les entretiens biographiques. L'exemple des récits d'insertion. *Revue française de sociologie*, vol.40, n.40-2, 433-436.

Denzin, N. K. (2009). *The Research Act : Theoretical Introduction to Sociological Methods*. New Brunswick, NJ: Aldine Transaction,

- Denzin, N. K., & Lincoln, Y. S. (2011). *The handbook of qualitative research* (4<sup>th</sup> ed.). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Dias, M. C., & Varejão, J. (2012). *Estudo de avaliação das políticas activas de emprego, Relatório Final*. Porto: Centro de Economia e Finanças, Faculdade de Economia da Universidade do Porto. Disponível em: <http://norteedrede.ccdn.pt/planeamento/publicacoes/estudo-de-avaliacao-das-politicas-ativas-de-emprego-relatorio-final>
- Donkin, R. (2010). *The History of Work*. Hampshire: Palgrave Macmillan.
- Dooley, D., & Prause, J. (2009). The Social Costs of Unemployment. In D. Dooley & J. Prause, *The Social Costs of Underemployment: Inadequate Employment as Disguised Unemployment* (pp. 16-35). Cambridge: Cambridge University Press.
- Dornelas, J. (2011). *Empreendedorismo: Transformando ideias em negócios*. Rio de Janeiro: CAMPUS.
- Downing, S. (2005). The Social Construction of Entrepreneurship: Narrative and Dramatic Processes in the Coproduction of Organizations and Identities. *Entrepreneurship: Theory and Practice*, Vol. 29, Issue 2, 185-204.
- Drucker, P. F. (1993). *Innovation and entrepreneurship*. New York: Harper Business.
- Duarte, A. (1998). Vivências de desemprego e transformações dos modos de vida dos operários mineiros. *Sociologia*, 8, 247-317.
- Eckstein, H. (1975). Case studies and theory in political science. In F. I. Greenstein & N. W. Polsby (Eds.), *Handbook of political science. Political science: Scope and theory* (Vol. 7, pp. 94-137). Reading, MA: Addison-Wesley.
- Ecorys (2011). Are EU SMEs recovering from the crisis? *Annual Report on EU Small and Medium sized Enterprises 2010/2011*. Disponível em: [http://ec.europa.eu/enterprise/policies/sme/facts-figures-analysis/performance-review/files/supporting-documents/2010-2011/annual-report\\_en.pdf](http://ec.europa.eu/enterprise/policies/sme/facts-figures-analysis/performance-review/files/supporting-documents/2010-2011/annual-report_en.pdf).

- Edgell, S. (2006). *The Sociology of Work: Continuity and Change in Paid and Unpaid Work*. London: Sage Publications.
- Edwards, R., & Holland, J. (2013). *What is Qualitative Interviewing?* London: A&C Black.
- Elder, G. H., & Caspi, A. (1988), Economic Stress in Lives: Developmental Perspectives. *Journal of Social Issues*, 44, 25–45. DOI:10.1111/j.1540-4560.1988.tb02090.x
- Estanque, E. (2013). O desemprego é uma oportunidade? In J. Soeiro, N. Serra & M. Cardina (Orgs.), *Não Acredite em Tudo o que Pensa* (pp. 73-84). Lisboa: Tinta da China.
- Estanque, E., & Costa, H. A. (2012). Labour relations and social movements. In D. Erasga (Ed.), *Sociological Landscapes: Theories, Realities and Trends* (pp. 257-282). Rijeka/Croacia: INTECH/ Open Access Publishing.
- Estratégia de Lisboa (2008). Disponível em: [http://www.eurocid.pt/pls/wsd/wsdwcot0.detalhe?p\\_cot\\_id=1079](http://www.eurocid.pt/pls/wsd/wsdwcot0.detalhe?p_cot_id=1079).
- Evans, D. S., & Leighton, L. (1990). Small Business Formation by Unemployed and Employed Workers. *Small Business Economics*, 2 (4), 319-330. DOI:10.1007/BF00401628
- Faria, J. R., Cuestas, J. C., & Mourelle, E. (2010). Entrepreneurship and Unemployment: A nonlinear bidirectional causality? *Economic Modelling*, 27, 1282-1291. DOI: 10.1016/j.econmod.2010.01.022
- Felstead, A., & Leighton, P. (1992). Issues, themes and reflections on the ‘enterprise culture’. In P. Leighton & A. Felstead, *The new entrepreneurs: self-employment and small business in Europe* (pp. 15-38). London: Kogan Page.
- Fereday, J., & Muir-Cochrane, E. (2006). Demonstrating rigor using thematic analysis: A hybrid approach of inductive and deductive coding and theme development. *International Journal of Qualitative Methods*, 5 (1), 81-92.
- Ferrão, P., Conceição, P., & Baptista, R. (Coord.) (2005). *Inovação, empreendedorismo e desenvolvimento. Preparar Portugal para um novo ciclo de fundos estruturais 2007 – 2013*. Estudo apresentado ao observatório do QCA III. Centro de Estudos em

- Inovação, Tecnologia e Políticas de Desenvolvimento. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa. Disponível em: <http://www.pofc.qren.pt/ResourcesUser/Centro%20Informacao/Biblioteca/Estudos/file43.pdf>
- Ferraroti, F. (1990). *Time, memory and society*. New York: Greenwood Press.
- Ferreira, S. (2005). O que tem de especial o empreendedor social? O perfil de emprego do empresário social em Portugal. *Oficinas do CES*, 223. 1-43.
- Fielden, S., & Davidson, M. (2001). Stress and gender in unemployed female and male managers. *Applied Psychology: An International Review*, 50 (2), 305-334. DOI: 10.1111/1464-0597.00060
- Finlay, L. (2003). Through the looking glass: intersubjectivity and hermeneutic reflection. In L. Finlay & B. Gough (Eds.), *Reflexivity: a Practical Guide for Researchers in Health and Social Sciences* (Chapter 8). Oxford: Blackwell Publishing. DOI: 10.1002/9780470776094.ch8
- Fouad, N., & Bynner, J. (2008). Work transitions. *American Psychologist*, 63 (4), 241-251. DOI: 10.1037/0003-066X.63.4.241
- Fourastié, J. (2004). *Les trente glorieuses*. Paris: Éditions Fayard.
- Freire, J. (1995). *O Trabalho Independente*. Lisboa: CIES.
- Freyer, D., & Payne, R. (1986). Being unemployed. A review on the psychological experience of unemployment (pp. 235-278). In C. Cooper & I. Robertson (Eds.), *International Review of Industrial and Organizational Psychology*. London: John Wiley & Sons.
- Fugard, A. J. B., & Potts, H. W. W. (2015). Supporting thinking on sample sizes for thematic analyses: A quantitative tool. *International Journal of Social Research Methodology*, Volume 18, Issue 6, 669-684. DOI: 10.1080/13645579.2015.1005453
- Fusch, P. I., & Ness, L. R. (2015). Are We There Yet? Data Saturation in Qualitative Research. *The Qualitative Report*, 20 (9), 1408-1416.



- Gallie, D., & Paugam, S. (2000). The experience of unemployment in Europe: The debate. In D. Gallie & S. Paugam (Eds.), *Welfare Regimes and the experience of unemployment in Europe* (pp. 1-22). Oxford: Oxford University Press.
- Gardiner, J., Stuart, M., MacKenzie, R., Forde, C., Greenwood, I., & Perrett, R. (2009). Redundancy as a critical life event moving on from the Welsh steel industry through career change. *Work, Employment & Society*, December, vol. 23, no. 4, 727-745. DOI: 10.1177/0950017009344917
- Garofoli, G. (1994). New Firm Formation and Regional Development. *Regional Studies*, 28 (4), 381-394.
- Gaudin, J. P. (1999). *Gouverner par Contrat. L'Action Publique en Question*. Paris: Presses de Sciences de Po.
- Giddens, A. (1989). *A Constituição da Sociedade*. São Paulo: Martins Fontes.
- Giddens, A. (1991). *As consequências da modernidade*. São Paulo: UNESP.
- Gillman, R. (2000). *The research interview*. London: Continuum.
- Given, L. M. (2008). Qualitative research methods. In N. J. Salkind (Ed.), *The Encyclopedia of Educational Psychology* (pp. 827-831). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Glaser, B. G., & Strauss A. L. (1999). *The Discovery of Grounded Theory: Strategies for Qualitative Research*. Chicago, IL: Aldine.
- Global Entrepreneurship Monitor (2012). *Data*. Disponível em: <http://www.gemconsortium.org/key-indicators>.
- Gonçalves, C., & Coimbra, J. L. (2007). Significados e centralidade do trabalho nas sociedades ocidentais contemporâneas: uma abordagem psicológica e histórico-social. *Psychologica*, 44, 401-426.
- Goodman, J., Schlossberg, N. K., & Anderson, M. L. (2006). *Counseling adults in transition: Linking practice with theory* (3<sup>rd</sup> ed.). New York: Springer Publishing Company.

- Gorton, M. (2000). Overcoming the structure-agency divide in small business research. *International Journal of Entrepreneurial Behaviour and Research*, 6 (5), 276–292.
- Gorz, A. (1997). *Misères du present, richesse du possible*. Paris: Galilée.
- Greenhalgh, L., & Rosenblatt, Z. (1984). Job insecurity. Toward conceptual clarity. *Academy of Management Review*, 9 (3), 438-448. DOI:10.5465/AMR.1984.4279673
- Grenfell, M. (Ed.) (2008). *Pierre Bourdieu: Key concepts*. London: Acumen
- Grenfell, M., & Lebaron, F. (Eds.) (2014). *Bourdieu and Data Analysis: Methodological Principles and Practice*. Bern: Peter Lang.
- Guba, E. G., & Lincoln, Y. S. (1994). Competing paradigms in qualitative research. In N. K. Denzin & Y. S. Lincoln (Eds.), *Handbook of qualitative research* (pp. 105-117). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Guerra, I. C. (2006). *Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo: Sentidos e formas de uso*. Cascais: Príncipia.
- Guerreiro, M. D. (2000). *Emprego, Família e Actividades Comunitárias: Uma Relação mais Equilibrada para Homens e Mulheres*. Relatório Final do Projecto, CIES/Fundação Europeia para a Melhoria das Condições de Vida e de Trabalho. Disponível em: [https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/3131/1/Emprego\\_familia%20\\_e\\_actividades\\_comunitaria.pdf](https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/3131/1/Emprego_familia%20_e_actividades_comunitaria.pdf)
- Guest, G., MacQueen, K. M., & Namey, E. E. (2012). *Applied Thematic Analysis*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Guimarães, N. A. (2002). Por uma Sociologia do Desemprego. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, Vol. 17, nº50, 103-122.
- Guimarães, N. A. (2009). *Desemprego, uma construção social. São Paulo, Paris e Tóquio*. São Paulo: Argumentum.

- Guimarães, N. A. (2012). A procura do trabalho: uma boa janela para mirarmos as transformações recentes no mercado de trabalho. *Novos Estudos – CEBRAP*, 93, 123-143.
- Guiraudon, V., Ruzza, C., & Trezn, H.-J. (2015). Introduction: The European Crisis – Contributions from Political Sociology. In H.-J. Trezn, C. Ruzza & V. Guiraudon (Eds.), *Europe Prolonged Crisis: The Making of the Unmaking of a Political Union* (pp. 1-19). London: Plagrove Macmillan. DOI: 10.1057/9781137493675
- Günther, H. (2006). Pesquisa Qualitativa Versus Pesquisa Quantitativa: Esta é a Questão? *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Mai-Ago, Vol. 22 , n. 2, 201-210.
- Hamel, J., Dufour, S., & Fortin, D. (1993). *Case Study Methods*. Newbury Park, CA: Sage.
- Hamilton, R. T. (1989). Unemployment and Business Formation Rates: Reconciling Time Series and Cross-section Evidence. *Environment and Planning*, 21, 249-255. DOI: 10.1068/a210249
- Hardy, C. (2008). Hysteresis. In M. Grenfell (Ed.), *Pierre Bourdieu: Key Concepts* (pp. 131-148). Durham: Acumen.
- Harris, M., Heller, T., & Braddock, D. (1988). Sex differences in psychological well-being during a facility closure. *Journal of Management*, 14 (3), 391-402. DOI: 10.1177/014920638801400303
- Hawkins, D. L. (1993). New business entrepreneurship in the Japanese economy. *Journal of Business Venturing*, 8, 137-150. DOI:10.1016/0883-9026(93)90016-X
- Hepworth, S. (1980). Moderating factors of the psychological impact of unemployment. *Journal of Occupational Psychology*, 53, 139-145. DOI: 10.1111/j.2044-8325
- Hespanha, P. (1997). The Portuguese late modernization and the complexities of inclusion trough work. In J. Lind & I. Moller (Eds.), *Inclusion and Exclusion: Unemployment and Non-standard Employment in Europe* (pp. 63-88). Aldershot: Ashgate.
- Hespanha, P. (2000). *Entre o Estado e o Mercado. As fragilidades das Instituições de Proteção Social em Portugal*. Coimbra: Quarteto.

- Hespanha, P. (2008). Políticas Sociais: novas abordagens, novos desafios, *Revista de Ciências Sociais*, 39, 1, 5-15.
- Hespanha, P. (2009). Microempreendedorismo. In A. D. Cattani *et al.* (Coord.), *Dicionário Internacional da Outra Economia* (pp. 248-254). Coimbra/São Paulo: Almedina/CES.
- Hespanha, P. (Coord.), Caleiras, J., Pessoa, S., & Pacheco, V. (2007). *É o (des)emprego fonte de pobreza? O impacto do desemprego e do mau emprego na pobreza e exclusão social do distrito de Coimbra*. Porto: REAPN.
- Hessels, J., Van Gelderen, M. W., & Thurik, A. R. (2008). Entrepreneurial aspirations, motivations, and their drivers. *Small Business Economics*, 31 (3), 323-339. DOI: 10.1007/s11187-008-9134-x
- Highfield, R., & Smiley, R. (1987). New Business Starts and Economic Activity: An Empirical Investigation. *International Journal of Industrial Organization*, 5, 1, 51-66. DOI:10.1016/0167-7187(87)90006-3
- Hollander, J. A. (2004). The social context of focus groups. *Journal of Contemporary Ethnography*, 33, 602-637. DOI: 10.1177/0891241604266988
- Hustedde, R. J., & Pulver, G. C. (1992). Factors affecting equity capital acquisition: The demand side. *Journal of Business Venturing*, 7, 363-374. DOI:10.1016/0883-9026(92)90013-H
- Hytti, U. (2010). Contextualizing entrepreneurship in the boundaryless career. *Gender in Management: An International Journal*, Vol. 25, Nº1, 64-81. DOI: 10.1108/17542411011019931
- IAPMEI (2008). Observatório da Criação de Empresas. *Resultados do inquérito 2007*. Lisboa: Direção de Planeamento e Estudos. Disponível em: [https://www.cig.gov.pt/siic/pdf/2014/oce\\_2007.pdf](https://www.cig.gov.pt/siic/pdf/2014/oce_2007.pdf)
- Iellatchitch, A., Mayrhofer, W., & Meyer, M. (2003). Career fields: A small step towards a grand career theory? *International Journal of Human Resource Management*, Vol. 15, No. 4, 256-271.

Instituto Nacional de Estatística (2006). *Sistema Integrado de meta informação*. Disponível em: <http://smi.ine.pt/Conceito/Detalhes/3776>.

Instituto Nacional de Estatística (2010). *Estudos sobre Estatísticas Estruturais das Empresas. 2008. Micro, Pequenas e Médias Empresas em Portugal*. Destaque. Informação à Comunicação Social. Disponível em: [http://www.nerpor.pt/Portal/newsletter/doc/33\\_6.pdf](http://www.nerpor.pt/Portal/newsletter/doc/33_6.pdf).

Instituto do Emprego e Formação Profissional (2011). *Centros de Emprego - Estatísticas Mensais*. Lisboa: Gabinete de Comunicação. Disponível em: <http://www.iefp.pt/estatisticas/MercadoEmprego/CentrosEmpregoEstatisticasMensais/Documents/2011/Centros%20Emprego%20Dezembro%202011.pdf>.

Instituto Nacional de Estatística (2013). *Estatísticas do Emprego, 1º Trimestre de 2013*. Destaque: Informação à Comunicação Social. Disponível em: [https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine\\_publicacoes&PUBLICACOESpub\\_boui=153367812&PUBLICACOESmodo=2](https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=153367812&PUBLICACOESmodo=2)

Instituto Nacional de Estatística (2014a). *Estatísticas do Emprego, 3º Trimestre de 2014*. Destaque: Informação à Comunicação Social. Disponível em: [https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine\\_publicacoes&PUBLICACOESpub\\_boui=210767943&PUBLICACOESmodo=2](https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=210767943&PUBLICACOESmodo=2)

Instituto Nacional de Estatística (2014b). *Estudos sobre Estatísticas Estruturais das Empresas. 2014. Micro, Pequenas e Médias Empresas em Portugal*. Destaque. Informação à Comunicação Social. Disponível em: [https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine\\_destaque&DESTAQUESdest\\_boui=249353419&DESTAQUESmodo=2](https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaque&DESTAQUESdest_boui=249353419&DESTAQUESmodo=2)

Instituto Nacional de Estatística (2016). *Estatísticas do Emprego, 2º Trimestre de 2016*. Destaque: Informação à Comunicação Social. Disponível em: [https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine\\_pesquisa&frm\\_accas=PESQUISAR&frm\\_show\\_page\\_num=1&frm\\_modos\\_pesquisa=PESQUISA\\_SIMPLES&frm\\_texto=desemprego&frm\\_modos\\_texto=MODO\\_TEXTO\\_ALL&frm\\_data\\_i](https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_pesquisa&frm_accas=PESQUISAR&frm_show_page_num=1&frm_modos_pesquisa=PESQUISA_SIMPLES&frm_texto=desemprego&frm_modos_texto=MODO_TEXTO_ALL&frm_data_i)

ni=&frm\_data\_fim=&frm\_tema=QUALQUER\_TEMA&frm\_area=o\_ine\_area\_Des  
taques&xlang=pt

- Jaccard, P. (1974). *História Social do Trabalho* (vol. I e II). Lisboa: Livros Horizonte.
- Johansson, S E., & Sundquist, J. (1997). Unemployment is an important risk factor for suicide in contemporary Sweden: an 11-year follow-up study of a cross-sectional sample of 37,789 people. *Public Health*, Jan, *111* (1), 41-5.
- Jones, B., & Nisbet, P. (1999). How Redundancies Worsen Social Inequality. *International Journal of Sociology and Social Policy*, *19*, 57-84. DOI: 10.1108/01443339910788893
- Jones, S. (2014). Gendered discourses of entrepreneurship in UK higher education: The fictive entrepreneur and the fictive student. *International Small Business Journal*, *32* (3), 237-258. DOI: 10.1177/0266242612453933
- Jordan, A. T. (2003). *Business Anthropology*. Prospect Heights, IL: Waveland Press.
- Jorgensen, M., & Phillips, L. J. (2002). *Discourse Analysis as theory and method*. London: Sage.
- Kaufmann, J.-C. (2001). *Ego. Pour une sociologie de l'individu. Une autre vision de l'homme et de la construction du sujet*. Paris: Nathan.
- Kerr, R., & Robinson, S. (2009). The Hysteresis Effect as Creative Adaptation of the Habitus: Dissent and Transition to “Corporate” in Post-Soviet Ukraine. *Organization*, Vol. 16, nº6, 829-853.
- Kirzner, I. M. (1997). Entrepreneurial Discovery and the Competitive Market Process: An Austrian Approach. *Journal of Economic Literature*, Vol XXXV, 60-65.
- Kokko, K., Pulkkinen, L., & Puustinen, M. (2000). Selection in long-term unemployment and its psychological consequences. *International Journal of Behavioral Development*, *24* (3), 310-320.
- Kovács, I. (2003). Reestruturação empresarial e emprego. *PERSPECTIVA*, v. 21, n. 02, 467-494.

- Kovács, I. (2005a). Emprego flexível em Portugal: Alguns resultados de um projecto de investigação. In I. Kovács (Org.), *Flexibilidade de Emprego: Riscos e Oportunidades* (pp. 11-53). Oeiras: Celta Editora.
- Kovács, I. (2005b). *Flexibilidade de Emprego: Riscos e Oportunidades*. Oeiras: Celta Editora.
- Kovács, I., Casaca, S. F., Ferreira, J. M. C., & Sousa, M. T. (2006). Flexibilidade e crise de emprego: tendências e controvérsias. *SOCIUS Working Papers*, 8, 1-78.
- Kulik, L. (2001). Impact of length of unemployment and age on jobless men and women: a comparative analysis. *Journal of Employment Counseling*, 38 (1), 15-27.
- L'Huillier, D. (2002). *Placardisés, des exclus dans l'entreprise*. Paris: Éditions du Seuil.
- Lahire, B. (2002). *Homem plural: os determinantes da ação*. Petrópolis: Vozes.
- Lahire, B. (2004). *Retratos sociológicos: disposições e variações individuais*. Porto Alegre: Artmed.
- Lasch, F., Gundolf, K., & Kraus, S. (2007). The impact of unemployment on entrepreneurship: empirical evidence from France. *International Journal of Business Research*, Volume VII, Number 2, 1-8.
- Latour, B. (2005). *Reassembling the Social – An Introduction to Action-Network Theory*. Oxford: Oxford University Press.
- Lazarsfeld, P., Jahoda, M., & Zeisel, H. (1982). *Les chômeurs de Merienthal*. Paris: Les Éditions de Minuit.
- Leadership Business Consulting (2012). *Políticas Públicas de Empreendedorismo no Sul da Europa*. Disponível em: <http://www.leadershipagenda.com/index.php?id=49&nm=1&lang=2>.
- Leana, C., & Feldman, D. (1992). *Coping with job loss. How individuals, organizations and communities respond to job loss*. New York: Macmillan/Lexington Books.

- Leech, B. L. (2002). Asking Questions: Techniques for Semi-structured interviews. *Political Science and Politics*, Vol. 35, nº4, 665-668. DOI: 10.1017/S1049096502001129
- Leifer, R., O'Connor, G. C., & Rice, M. (2002). A implementação de inovação radical em empresas maduras. *RAE - Revista de Administração de Empresas*, v. 42, n. 2, 17-30. DOI: 10.1590/S0034-75902002000200016
- Leite, A., & Oliveira, F. (2007). *Empreendedorismo e novas tendências*. EDIT VALUE: Consultadoria Empresarial. Braga: Universidade do Minho. Disponível em: [https://adagaweb.s3.amazonaws.com/sites/55a8a0b6301be3e68f000002/content\\_entry55a8a2ce301be34700000057/55a8b6ae301be36dac000160/files/empreendedorismo-e-novas-tendencias-2007.pdf?1437122220](https://adagaweb.s3.amazonaws.com/sites/55a8a0b6301be3e68f000002/content_entry55a8a2ce301be34700000057/55a8b6ae301be36dac000160/files/empreendedorismo-e-novas-tendencias-2007.pdf?1437122220)
- Levi, L. (2002). Empowerment, Learning and Social Action during Unemployment. In K. Isakson, C. Hogstedt, C. Erikson & T. Theorell (Eds.), *Health Effects in the New Labour Market* (pp. 75-84). New York: Kluwer. DOI: 10.1007/0-306-4718-7\_7
- Levy, J. S. (2008). Case Studies: Types, Designs, and Logics of Inference. *Conflict Management and Peace Science*, 25, 1-18. DOI: 10.1080/07388940701860318
- Lewin, K. (1935). *A dynamic theory of personality*. New York: McGraw-Hill.
- LIEPP (2017). *Laboratoire interdisciplinaire d'évaluation des politiques publiques*. Sciences Po: Paris. Disponível em: <http://www.sciencespo.fr/liepp/en>
- Lijphart, A. (1975). The comparable cases strategy in comparative research. *Comparative Political Studies*, 8 (2), 133-177.
- Linhart, D. (avec Rist, B., & Durand, E.) (2003). *Perte d'emploi, perte de Soi*. Paris: Éditions Érès.
- Loison, L. (2003). A Experiência do Desemprego em Portugal. Elaboração duma Tipologia. *Cidades- Comunidades e Territórios*, Jun., n. 06, 113-124.
- Lopes, E., Mora, S., Morais, T., & Hespanha, P. (2014). *Optimização das políticas públicas de apoio ao empreendedorismo e inclusão social: estudando o acesso dos microempreendedores às medidas de promoção do auto-emprego*. Vila Nova de



Gaia: Agência Piaget para o Desenvolvimento (APDES). Disponível em: [http://www.igfse.pt/upload/docs/2015/APDES\\_RelatorioInvestigacao\\_POATFSE.pdf](http://www.igfse.pt/upload/docs/2015/APDES_RelatorioInvestigacao_POATFSE.pdf)

Luber, S., & Leicht, R. (2013). Growing Self-Employment in Western Europe: An Effect of Modernization. *International Review of Sociology*, 10, 1, 101-123.

Lucas, J. (2013). *Medidas anti-crise e a Motivação. Estudo no contexto de uma empresa multinacional de prestação de serviços*. Dissertação de Mestrado em Gestão e Empreendedorismo, apresentada ao Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Lisboa. Disponível em: <http://repositorio.ipl.pt/bitstream/10400.21/3592/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Final%20-%20Joao%20Lucas.pdf>

MacKenzie, R., Stuart, M., Forde, C., Greenwood, I., Gardiner, J., & Perrett, R. (2006). “All that is Solid?”: Class, Identity, and the Maintenance of a Collective Orientation amongst Redundant Steelworkers. *Sociology*, Vol. 40, nº 5, 833-852.

MacMillan, I. C., Zemann, L., & Subbanarasimha, P. N. (1987). Criteria distinguishing successful from unsuccessful ventures in the venture screening process. *Journal of Business Venturing*, 2, 123-137. DOI: 10.1016/0883-9026(87)90003-6

Maidique, M. A., & Zirger, B. J. (1985). The New Product Learning Cycle. *Research Policy*, 14 (6), 299-313. DOI: 10.1016/0048-7333(85)90001-0

Malecki, E. J. (1997). Entrepreneurs, networks and economic development: A review of recent research. In J. A. Katz (Ed.), *Advances in Entrepreneurship, Emergence and Growth*, Vol. 3 (pp. 57-118). Greenwich, CT: JAI Press.

Malterud, K. (2001). Qualitative research: Standards, challenges and guidelines. *The Lancet*, 358, 483-488. DOI: 10.1016/S0140-6736(01)05627-6

Malterud, K., Siersma, V. D., & Guassora, A. D. (2016). Sample Size in Qualitative Interview Studies Guided by Information Power. *Health Policies*, 27, 1753-1760. DOI: 10.1177/1049732315617444

- Marshall, A. (1990/1890). *Principles of Economics: An Introductory Volume*. Philadelphia, PA: Porcupine Press.
- Marshall, C., & Rossman, G. B. (1999). *Designing qualitative research* (3<sup>rd</sup> ed.). London: Sage.
- Martin, R. (1998). Regional Dimensions of Europe's Unemployment Crisis. In P. Lawless, R. Martin & S. Hardy (Eds.), *Unemployment and Social Exclusion: Landscapes of Labour Inequality* (pp. 11-48). United Kingdom: Jessica Kingsley Publishers.
- Marx, K. (2008/1859). *Contribuição à crítica da economia política*. São Paulo: Editora Expressão popular.
- Mason, J. (2002). Qualitative Interviewing: Asking, Listening and Interpreting. In T. May (Ed.), *Qualitative Research in Action* (pp. 225-41). London: Sage.
- Mason, M. (2010). Sample Size and Saturation in PhD Studies Using Qualitative Interviews. *Forum: Qualitative Social Research*, 11 (3), Art. 8. Disponível em: <http://www.qualitative-research.net/index.php/fqs/article/view/1428/3027>
- McClelland, D. C. (1961). *The achieving society*. Princeton, NJ: Van Nostrand.
- McDonough, P., & Polzer, J. (2012). Habitus, Hysteresis, and Organizational Change in the Public Sector. *Canadian Journal of Sociology*, 37 (4), 357-379.
- McKeever, E., Jack, S., & Anderson, A. (2015). Embedded entrepreneurship in the creative reconstruction of place. *Journal of Business Venturing*, 30, 1, 50-65.
- Mesny, A. (2002). A View on Bourdieu's Legacy: Sens Pratique v. Hysteresis. *The Canadian Journal of Sociology*, Vol. 27, n°1, 59-67.
- Miles, M. B., & Huberman, A. M. (1994). *Qualitative Data Analysis* (2<sup>nd</sup> edition). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Ministério da Segurança Social e do Trabalho (2003). Indicadores de Empreendedorismo e Inovação. *Colecção Cogitum*, n.º 10. Lisboa: Centro de Informação e Documentação (CID/DEEP). Disponível em: <http://www.gep.msess.gov.pt/edicoes/cogitum/10.php>

- Mitrović, L. (2005). Bordieu's criticism of the neoliberal philosophy of development, the myth of *mondialization* and the new Europe. *Facta Universitatis*, Vol. 4, Nº1, 37-49.
- Moraes, R. C. (2001). *Neoliberalismo – de onde vem, para onde vai?* São Paulo: Senac.
- Morris, L. D. (1984). Patterns of Social Activity and Post-Redundancy Labour-Market Experience. *Sociology*, August, vol. 18, no. 3, 339-352. DOI: 10.1177/0038038584018003005
- Mortágua, M., & Costa, J. (2015). *Privataria – Quem Ganha e Quem Perde com as Privatizações em Portugal*. Lisboa: Bertrand Editora.
- Mossakowski, K. (2009). The influence of past unemployment duration on symptoms of depression among youth women and men in the United States. *American Journal of Public Health*, 99, 1826-1832. DOI:10.2105/AJPH.2008.152561
- Mozzicafreddo, J. (1997). *Estado Providência e Cidadania em Portugal*. Oeiras: Celta Editora.
- Murphy, P. J., Liao, J., & Welsch, H. P. (2006). A Conceptual History of Entrepreneurship Thought. *Journal of Management History*, 12 (1), 12-35. DOI: 10.1108/13552520610638256
- Mützel, S. (2015). Facing Big Data: Making sociology relevant. *Big Data & Society*, July-December, 1-4. DOI: 10.1177/2053951715599179
- Namey, E., Guest, G., Thairu, L., & Johnson, L. (2008). Data reduction techniques for large qualitative data sets. In G. Guest & K. M. MacQueen (Eds.), *Handbook for team-based qualitative research* (pp.137-161). Lanham, MD: Altamira Press.
- Newman, W. L. (2011). *Social research methods – qualitative and quantitative methods*, (7<sup>th</sup> ed.). Upper Saddle River, NJ: Pearson.
- Niefert, M. (2010). Characteristics and Determinants of Start-ups from Unemployment: Evidence from German Micro Data. *Journal of Small Business and Entrepreneurship*, 23, 3, 409-429. DOI: 10.1080/08276331.2010.10593493

- Niessen, C. (2006). Age and learning during unemployment. *Journal of Organizational Behaviour*, 27, 771-792. DOI: 10.1002/job.400
- Nunes, A. (2007). *Microeconomic studies on programme causal effects - Empirical evidence from Portuguese active labour market policy*. Tese de Doutoramento em Economia, Coimbra: Universidade de Coimbra. Disponível em: <https://estudogeral.sib.uc.pt/jspui/handle/10316/7463>
- O'Reilly, M., & Parker, N. (2012). Unsatisfactory Saturation: a critical exploration of the notion of saturated sample sizes in qualitative research. *Qualitative Research*, 13 (2), 190-197. DOI: 10.1177/1468794112446106
- Observatório Raciús (2016). *Estatísticas sobre Empresas de Portugal em 2016*. Disponível em: <https://www.raciús.com/observatorio/2016/>
- OECD (2000). *The partial renaissance of self-employment*. Disponível em: <https://www.oecd.org/employment/emp/2079593.pdf>
- OECD/EU (2014). *OECD Economic Surveys. European Union*. Disponível em: <http://www.oecd.org/eco/surveys/EU-Overview-2014.pdf>
- Okun, A. M. (1962). *Potential GNP, its measurement and significance*. Cowles Foundation: Yale University.
- Olabuénaga, J. (1996). *Metodología de la investigación cualitativa*. Bilbao: Universidad de Deusto.
- Oladele, P. O., Akeke, N. I., & Oladunjoye, O. (2011). Entrepreneurship Development: A Panacea for Unemployment Reduction in Nigeria. *Journal of Emerging Trends in Economics and Management Sciences (JETEMS)*, 2 (4), 251-256.
- Ollaik, L. G., & Ziller, H. M. (2012). Concepções de validade em pesquisas qualitativas. *Scientiae Studia, Educ. Pesq.*, Vol. 38, nº 1, 229-241. DOI: 10.1590/S1517-97022012005000002

- Osborne, S. W., Falcone, T. W., & Nagendra, P. B. (2000). From Unemployed to Entrepreneur: A Case Study in Intervention. *Journal of Developmental Entrepreneurship*, vol.5, nº2, 115-136.
- Ottebjer, L. (2005). *Bourdieu, Coleman and Putman on social capital: Applications in literature and implications for public health policy and practice*. Report series of Master thesis in Public Health, Board of Education in Public Health Sciences at Karolinska Institutet. Disponível em: <http://ki.se/content/1/c6/04/38/49/Linda%20Ottebjer.pdf>
- Oxenfeldt, A. R. (1943). *New Firms and Free Enterprise*. Washington, DC: American Council on Public Affairs.
- Parker, S. (2009). *The Economics of Self-Employed and Entrepreneurship*. Cambridge: Cambridge University Press. DOI: 10.1017/CBO9780511493430
- Parkes, C. M. (1967). Psychosocial transitions: A field for study. *Social Science & Medecine*, 5, 2, 101-115.
- Parlamento Europeu (2003). *Resolução sobre o Livro Verde Espírito Empresarial na Europa*. Bruxelas: Comissão das Comunidades Europeias. Disponível em: [http://eur-lex.europa.eu/LexUriServ/site/pt/com/2003/com2003\\_0027pt01.pdf](http://eur-lex.europa.eu/LexUriServ/site/pt/com/2003/com2003_0027pt01.pdf)
- Patton, M. Q. (1991). *Qualitative evaluation and research methods* (2<sup>nd</sup> ed.). Newbury Park: Sage Publications.
- Paugam, S. (2003). *A desqualificação social: Ensaio sobre a nova pobreza*. Porto: Porto Editora.
- Paul, K., & Moser, K. (2009). Unemployment impairs mental health: Meta-analyses. *Journal of Vocational Behavior*, 74, 264-282. DOI: 10.1016/j.jvb.2009.01.001
- Pennings, F., Konijn, Y., & Veldman, A. (Eds.) (2008). *Social Responsibility in Labour Relations: European and Comparative Perspectives*. New York: Wolters Kluwer.
- Perret, B. (1997). L'avenir du travail, des tendances contradictoires. In P. Boisard *et al.* (Eds.), *Le travail, quel avenir* (pp. 1-33). Paris: Gallimard.

- Pfeiffer, F., & Reize, F. (2000). Business Start-ups by the Unemployed - an Econometric Analysis Based on Firm Data. *Labour Economics*, 7, 629-663. DOI: 10.1016/S0927-5371(00)00016-6
- Pigou, A. C. (1933/1968). *The Theory of Unemployment*. London: MacMillan.
- Pires, J. (2008). *Teoria e prática da análise proposicional do discurso*. João Pessoa, PB: Idéia.
- Piselli, F. (1995). A sociedade-providência na esfera económica. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 42, 105-123.
- PORDATA (2015). *Retrato de Portugal na Europa*. Disponível em: <http://www.pordata.pt/Europa/Retratos/2015/2015-37>
- PORDATA (2016). *Retrato de Portugal na Europa*. Disponível em: <http://www.pordata.pt/Europa/Retratos/2016/Retrato+de+Portugal+na+Europa-50>
- Portela, J. (Coord.), Hespanha, P., Nogueira, C., Teixeira, M. S., & Baptista, A. (2008). *Microempreendedorismo em Portugal: Experiências e Perspectivas*. Lisboa: INSCOOP. Disponível em: [https://eusouempreendedor.files.wordpress.com/2009/02/microempreendedorismoportugal\\_ivro\\_completo1.pdf](https://eusouempreendedor.files.wordpress.com/2009/02/microempreendedorismoportugal_ivro_completo1.pdf)
- Prado, E. F. (2006). Desemprego e discriminação como produto do sistema. *Economia e Sociedade*, 15 (3), 429-443.
- Projecto-piloto Empreende + Innova (2006a). *Factores que reforçam o espírito empreendedor*. Disponível em: [http://www.empredeinnova.org/es/rte/docs/2\\_Facteurs\\_Renforzant\\_lesprit\\_Entrepreneur\\_INSCOOP.pdf](http://www.empredeinnova.org/es/rte/docs/2_Facteurs_Renforzant_lesprit_Entrepreneur_INSCOOP.pdf)
- Projecto-piloto Empreende + Innova (2006b). *Factores que debilitam a imagem e a motivação do empreendedor*. Disponível em: [http://www.empredeinnova.org/es/rte/docs/3\\_facteurs\\_affaiblissant\\_motivation\\_incoop.pdf](http://www.empredeinnova.org/es/rte/docs/3_facteurs_affaiblissant_motivation_incoop.pdf)

- Pyett, P. M. (2003). Validation of Qualitative Research in the “Real” World. *Qualitative Health Research*, 13 (8), 1170-9.
- Quatenaire Portugal (2006). Avaliação dos Apoios do Próprio Emprego por desempregados subsidiados. *Cadernos de Emprego e de Relações de Trabalho* (4). Lisboa: Direção Geral do Emprego e das Relações de Trabalho. Disponível em: <http://www.quatenaire.pt/Publicacoes/Avaliacao-dos-apoios-a-criacao-do-proprio-emprego-por-desempregados-subsidiados>
- Ramos, A. G. (2013). As (diferentes) funções da linguagem: contribuições de Jakobson e Vygotsky. *Revista Memento*, V. 4, n. 1, 1-14.
- Rattner, H. (Org.) (1985). *Pequena empresa: o comportamento empresarial na acumulação e na luta pela sobrevivência*. São Paulo: Brasiliense.
- Reay, D. (2015). Habitus and the psychosocial: Bourdieu with feelings. *Cambridge Journal of Education*, Vol. 45, Issue 1, 9-23. DOI: 10.1080/0305764X.2014.990420
- Rebar, C. R., Gersch, C. J., Macnee, C. L., & McCabe, S. (2011). *Understanding nursing research: using research in evidence-based practice* (3<sup>rd</sup> ed.). Philadelphia, PA: Lippincott Williams & Wilkins.
- Rebelo, G. (2004). *Flexibilidade e Precariedade no Trabalho: análise e diagnóstico*. Lisboa: Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
- Reijonen, H., & Komppula, R. (2007). Perception of success and its effect on small firm performance. *Journal of Small Business and Enterprise Development*, 14 (4), 689-701. DOI : 10.1108/14626000710832776
- Rémillon, D. (2006). L'épreuve du chômage vue par les chômeurs âgés. *Centre d'Études de L'Emploi*, Document de Travail, 61. Disponível em : <http://www.cee-recherche.fr/publications/document-de-travail/lepreuve-de-la-recherche-demploi-vue-par-les-chomeurs-ages>
- Richardson, H. (s. d.). *The European Commission's Entrepreneurship Policies and measures*. Joint Research Centre of the European Commission, p. 6.

- Rifkin, J. (1995). *The End of Work: the decline of the global labor force and the dawn of the post-market era*. New York: G. P. Putnam's Sons.
- Ritsila, J., & Tervo, H. (2002). Effects of Unemployment on New Firm Formation: Micro-Level Panel Data Evidence from Finland. *Small Business Economics*, 19, 1, 31-40. DOI: 10.1023/A:1015734424259
- Robichaud Y., LeBrasseur R., & Nagarajan K.V. (2010). Necessity and Opportunity-driven Entrepreneurs in Canada: An Investigation into their Characteristics and an Appraisal of the Role of Gender. *The Journal of Applied Business and Economics*, 11 (1), 59 - 80.
- Rodrigues, M. F., & Mendes, J. M. A. (1999). *História da Indústria Portuguesa: da Idade Média aos nossos dias*. Mem Martins: Publicações Europa-América.
- Rosa, M. T., Ferreira, P., & Gonçalves, M. F. (1999). O desemprego e alternativas de emprego numa zona crítica: o caso da Azambuja. *Revista Organizações e Trabalho*, 21, 9-30.
- Rosanvallon, P. (1995). *La Nueva Cuestión Social: Repensar el Estado providencia*. Buenos Aires: Éditions du Seuil.
- Rose, R. C., Kumar, N., & Yen, L. L. (2006). Entrepreneurs Success Factors and Escalation of Small and Medium-sized Enterprises in Malaysia. *J. Soc. Sci.*, 2, 74-80. DOI: 10.3844/jssp.2006.74.80.
- Rowshan, S. A., & Ghafarzadegan, V. (2015). A critical discourse analysis of entrepreneurship. *Arth Prabandh: A Journal of Economics and Mangement*, Vol. 4, Issue 1, January, 34-80.
- Ruiz, J. R. (2009). Sociological Discourse Analysis: Methods and Logic. *Forum Qualitative Sozialforschung / Forum: Qualitative Social Research*, 10 (2), Art. 26. Disponível em: <http://nbn-resolving.de/urn:nbn:de:0114-fqs0902263>.
- Sá, M. (2011). *Feirantes: quem são e como administram seus negócios*. Recife: Editora da UFPE.



- Sambasivan, M., Abdul, M., & Yusop, Y. (2009). Impact of personal qualities and management skills of entrepreneurs on venture performance in Malaysia: Opportunity recognition skills as a mediating factor. *Technovation*, 29 (11), 798-805. DOI: 10.1016/j.technovation.2009.04.002
- Santos, B. S. (1993). O Estado, as relações salariais e o bem-estar social na semiperiferia: o caso português . In B. S. Santos (Org.), *Portugal: um retrato singular*. Porto: Afrontamento.
- Santos, E., Ferreira, J. A., Albuquerque, C., Almeida, H. N., Mendonça, C., Silva, C., & Almeida, J. G. (2010). Desemprego: experiências de transição. *Psychologica*, 52, vol. II, 35-44.
- Santos, M. M. P. (1997). *A Indústria Transformadora no Concelho de Coimbra: sua importância no desenvolvimento local*. Dissertação de Mestrado em Economia Europeia, apresentada à Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.
- Say, J.-B. (1821). *A Treatise on Political Economy*. Philadelphia, PA: Claxton, Remson and Haffelfinger.
- Schein, E. H. (1985). *Organizational culture and leadership*. San Francisco, CA: Jossey-Bass.
- Schjoedt, L., & Shaver, K. G. (2007). Deciding on an Entrepreneurial Career: A Test of the Pull and Push Hypotheses Using the Panel Study of Entrepreneurial Dynamics Data1. *Entrepreneurship: Theory and Practice*, 31 (5), 733 – 752. DOI: 10.1111/j.1540-6520.2007.00197.x
- Schnapper, D. (1981). *L'épreuve du chômage*. Paris: Gallimard.
- Schnapper, D. (1998). *Contra o fim do trabalho*. Lisboa: Terramar.
- Schneider, B. (Ed.) (2000). *Organizational Culture and Climate*. San Francisco, CA: Jossey-Bass.
- Schumacher, E. F. (1973). *Small is Beautiful: a study of economics as if people mattered*. London: Blond and Briggs.

- Schumpeter, J. A. (1968/1934). *The theory of economic development: an inquiry into profits, capital, credit, interest, and the business cycle*. Cambridge: Harvard University Press.
- Schumpeter, J. A. (2000/1949). Economic theory and entrepreneurial history. In R. Clemence (Ed.), *ESSAYS on entrepreneurs, innovations, business cycles and the evolution of capitalism* (pp. 253-271). New Brunswick: Transaction Publishers.
- Sennett, R. (1998). *The Corrosion of Character. The Personal Consequences of Work in the New Capitalism*. New York/London: W. W. Norton & Company.
- Sennett, R. (2006). *A cultura do novo capitalismo*. Rio de Janeiro: Record.
- Sexton, D. L., & Bowman, N. B. (1986). Validation of a personality index: comparative psychological characteristics analyse of female entrepreneurs, managers, entrepreneurship students, and business students. In R. Ronstadt, J. A. Hornaday, R. Peterson & K. Vesper (Eds.), *Frontiers of entrepreneurship research* (pp. 513 – 528). Wellesley, Ma: Babson College.
- Shams, M. (1993). Social support and psychological well-being among unemployed British Asian men. *Social Behavior and Personality*, 21 (3), 175-186. DOI:10.2224/sbp.1993.21.3.175
- Shane, S. (2003). *A General Theory of Entrepreneurship*. London, UK: Edward Elgar.
- Silva, A. A., & Almeida, J. G. (2014). Na sombra do empreendedorismo: a posição precária dos pequenos proprietários empresariais. In E. Santos, J. A. Ferreira, R. N. Ganga, A. A. Silva, J. G. Almeida & V. M. Aires (Orgs.), *Novas subjetividades: retratos de objetos emergentes* (pp. 13-30). Viseu: Psicosoma.
- Silva, F. F. (2009). *Observações acerca da selecção social no procedimento de despedimento colectivo*. Colóquio Anual Sobre Direito do Trabalho do Supremo Tribunal de Justiça. Disponível em: [http://www.stj.pt/ficheiros/coloquios/coloquiodtotrabalho2009\\_fraustosilva.pdf](http://www.stj.pt/ficheiros/coloquios/coloquiodtotrabalho2009_fraustosilva.pdf)
- Silva, G. O. V. (1995). Capital cultural, classe e gênero em Bourdieu. *Informare - Cad Prog Pós-Grado CioInf.*, v. 1, n. 2, jul./dez., 24-36

- Silverman, D. (2000). *Doing qualitative research: A practical handbook*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Smeaton, D. (2003). Self-employed workers: calling the shots or hesitant independents? A consideration of the trends. *Work, Employment and Society*, Vol. 17, N°2, 379-391.
- Souza, C., & Benetti, S. (2008). Paternidade e desemprego: características do envolvimento paterno e aspectos do relacionamento familiar. *Contextos Clínicos*, 1 (2), 61-71.
- Spigel, B. (2016). Bourdieu, culture, and the economic geography of practice: entrepreneurial mentorship in Ottawa and Waterloo, Canada. *Journal of Economic Geography*, online, 1-24. DOI: 10.1039/jeg/lbw019
- Standing, G. (2011). *The Precariat: The New Dangerous Class*. London: Bloomsbury Academic.
- Stankunas, M., Kalediene, R., Starkuviene, S., & Kapustinskiene, V. (2006). Duration of unemployment and depression: A cross-sectional survey in Lithuania. *BMC Public Health*, 6, 174-179.
- Stephan, U., Hart, M., Mickiewicz, T., & Drews, C. C. (2015). *Understanding Motivations for Entrepreneurship: A Review of Recent Research Evidence*. BIS Research Paper No. 212, Department for Business Innovation and Skills, London, UK. Disponível em: <https://www.enterpriseresearch.ac.uk/wp-content/uploads/2015/02/Understanding-Motivations-for-Entrepreneurship-Rapid-evidence-assessment-paper..pdf>
- Stevenson, H. H. (1983). *A perspective on entrepreneurship*. Harvard Business School Working Paper No. 9-384-131. Boston: Harvard Business School. Disponível em: <http://www.hbs.edu/faculty/Pages/item.aspx?num=9950>
- Storey, D. J. (1991). The Birth of New Firms – Does Unemployment Matter? A Review of the Evidence. *Small Business Economics*, 3, 167-178. DOI: 10.1007/BF00400022
- Straussner, S. L. A., & Phillips, N. K. (1999). The Impact of Job Loss on Professional and Managerial Employees and Their Families. *Families in Society: The Journal of*

- Contemporary Social Services*, Vol. 80, No. 6, 642-648.  
DOI: <http://dx.doi.org/10.1606/1044-3894.1778>
- Strunk, G., Schiffinger, M., & Mayrhofer, W. (2007). *From Perplexity to Complexity? A dynamic systems of career complexity*. Disponível em: [https://www.wu.ac.at/fileadmin/wu/o/vicapp/complexity\\_egos07.pdf](https://www.wu.ac.at/fileadmin/wu/o/vicapp/complexity_egos07.pdf)
- Stuart, T., & Sorenson, O. (2005). Social networks and entrepreneurship. In S. A. Alvarez, R. Agarwal & O. Sorenson (Eds.), *Handbook of entrepreneurship research: Disciplinary perspectives* (pp. 233-251). New York: Springer.
- Supiot, A. (2001). *Beyond Employment*. Oxford: Oxford University Press.
- Swartz, D. L. (2002). The Sociology of Habit: The Perspective of Pierre Bourdieu. *The Occupational Therapy Journal of Research*, Vol. 22, 615-698.
- Swedberg, R. (2000). The Social Science View of Entrepreneurship: Introduction and Practical Applications. In R. Swedberg (Ed.), *Entrepreneurship: The Social Science View* (pp. 7-44). Oxford: Oxford University Press.
- Taylor, M. (1999). Survival of the Fittest? An Analysis of Self-Employment Duration in Britain, *Economic Journal*, vol. 109, no. 454, 140-155. DOI: 10.1111/1468-0297.00422
- ten Have, P. (2004). *Understanding Qualitative Research and Ethnomethodology*. London: Sage.
- Thiry-Cherques, H. R. (2006). Pierre Bourdieu: a teoria na prática. *Rev. Adm. Pública*, Vol. 40, nº 1, 27-55. DOI: 10.1590/S0034-76122006000100003
- Tolhurst, E. (2012). Grounded Theory Method: Sociology's Quest for Exclusive Items of Inquiry. *Forum Qualitative Sozialforschung / Forum: Qualitative Social Research*, 13 (3), Art. 26. Disponível em: <http://www.qualitative-research.net/index.php/fqs/article/view/1860/3432>
- Uwe, F. (2006). *An Introduction to Qualitative Research*. London: Sage.

- Vaismoradi, M., Turunen, H., & Bondas, T. (2013). Content analysis and thematic analysis: Implications for conducting a qualitative descriptive study. *Nursing & Health Sciences, 15*, 398-405. DOI: 10.1111/nhs.12048
- Vandenberghe, F. (1999). “The Real is Relational”: An Epistemological Analysis of Pierre Bourdieu's Generative Structuralism. *Sociological Theory, 17*, 32–67. DOI:10.1111/0735-2751.00064
- Varanda, M. (1993). Reflexões sobre o auto-emprego. *Organizações e Trabalho, APSIOT, N° 9/10*, 107-116.
- Vince, R., & Broussine, M. (1996). Paradox, defense and attachment. Accessing and working with emotions and relations underlying organizational change. *Organization Studies, 17* (1), 1-21. DOI: 10.1177/017084069601700101
- Vodopivec, M. (1998). Turning the Unemployed into Entrepreneurs: An Evaluation of Self-Employment Program in a Transitional Economy. *Journal of Developmental Entrepreneurship, 3*, 1, 71-96.
- Voss, M., Nylén, L., Floredus, B., Diderichsen, F., & Terry, P. (2004). Unemployment and early cause-specific mortality: A study based on the Swedish twin registry. *American Journal of Public Health, 94* (12), 2155-2161.
- Wacquant, L. (2007). Lendo o “Capital” de Bourdieu. In J. M. Pinto & V. B. Pereira (Orgs.), *Pierre Bourdieu: a teoria da prática e a construção da sociologia em Portugal* (pp. 295-312). Porto: Afrontamento.
- Wagner, V. J. (2003). The Impact of Personal Characteristics and Regional Milieu on the Transition from Unemployment to Self-employment: Empirical Evidence from Germany. *Journal of Economics and Statistics, 223*, 2, 204-222.
- Waters, L. (2000). Coping with unemployment: a literature review and presentation of a new model. *International Journal of Management Reviews, 2* (2), 169-182. DOI: 10.1111/1468-2370.00036
- Weber, M. (1905/1930). *The Protestant Ethic and the Spirit of Capitalism* (translated: Talcott Parsons). London: Unwin Hyman.

- Weber, M. (1964). *Weber: Basic Concepts in Sociology*. New York: Citadel Press.
- Weber, M. (1978). *Economy and Society: An Outline of Interpretive Sociology*. Berkeley, CA: California University Press.
- Wemans, L. C. C. (2010). *Rendimentos dos trabalhadores: impactos escondidos no despedimento*. Dissertação de Mestrado em Economia e Políticas Públicas, Instituto Superior de Economia e Gestão, Universidade Técnica de Lisboa. Disponível em: [http://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/1945/1/tese\\_de\\_mestrado\\_LaraWemans\\_vfinal.pdf](http://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/1945/1/tese_de_mestrado_LaraWemans_vfinal.pdf)
- Wengraf, T. (2000). Uncovering the General from the Particular: From Contingencies to Typologies in the Understanding of Cases. In P. Chamberlayne, J. Bornat & T. Wengraf (Eds.), *The Turn to Biographical Methods in Social Science* (pp. 140-164). London: Routledge.
- Westhead, P. (1990). A typology of new manufacturing firms in Wales: performance measures and public policy implications. *Journal of Business Venturing*, 5, 103-122. DOI: 10.1016/0883-9026(90)90003-C
- Whiteside, N. (2013). Constructing Unemployment: Britain and France in Historical Perspective. *Social Policy & Administration*, Vol. 48, Issue 1, 67-85. DOI: 10.1111/spol.12032
- Yang, Y. (2014). Bourdieu, Practice and Change: Beyond the criticism of determinism. *Educational Philosophy and Theory*, Vol. 46, Iss. 14, 1522-1540.
- Yin, R. K. (2003). *Case study research: Design and methods* (3<sup>rd</sup> ed.). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Yin, R. K. (2010). *Estudo de caso: planejamento e método*. Porto Alegre, RS: Bookman.
- Young, E. C., & Welsch, H. P. (1993). Major elements in entrepreneurial development in central Mexico. *Journal of Small Business Management*, 31 (4), 80-85.



---

## III. ANEXOS

---





## ANEXO I - GUIÃO DE ENTREVISTA

### ANEXO 1A - OS QUE CRIARAM O PRÓPRIO EMPREGO

## GUIÃO DE ENTREVISTA

Gostaria de abordar alguns aspetos do seu percurso de vida e de trabalho, incluindo momentos importantes ao longo desse percurso e que influenciaram a sua trajetória laboral. Momentos de transição e decisão, avanços, recuos...

### BLOCO A: TRAJETÓRIA SOCIAL

#### A.1 Origens sociais (Família e meio social de origem)

Gostaria de começar pelas suas origens (sua família, irmãos, de onde veio...).

Composição do seu agregado familiar;	
Residência (urbano/rural);	
Profissão e escolaridade dos pais e dos irmãos;	
Profissão e escolaridade dos pais e dos irmãos;	
Expectativas familiares sobre si;	
Condições de vida durante a infância e a adolescência;	
<u>Episódios</u> marcantes que tenham influenciado o seu percurso laboral. Recorda-se de <u>alguém</u> , próximo de si nessa época, que se tenha alguma vez estabelecido por conta própria?	

#### A.2 Escolaridade e qualificações

E o seu percurso escolar, como foi?

Percurso formal escolar (superior, obrigatório, básico + qualificações + experiências que considere que elevaram o seu capital cultural);	
Formações;	
Importância da escola para si e para a sua família;	
Participação escolar, atividades e interesses.	

### A.3 Agregado familiar atual

Pode-me falar acerca do seu agregado familiar atual? (cônjuge, filhos, onde vive)

Composição do agregado familiar atual (no caso de existir);	
Comparação com família de origem (auto perceção das condições de vida atuais relativamente à família de origem);	
Experiências de autoemprego (suas ou de outros familiares);	
Escolaridade e profissão do cônjuge;	
Filhos (quantos e idade);	
Responsabilidades familiares (cuidado de familiares e despesas);	
Residência atual (muita ou pouca oferta de emprego, mercado de trabalho).	

### A.4 Trabalho

A.4.1 Histórico das funções e setores de atividade das empresas onde trabalhou:

Agora sobre o seu percurso profissional:

Com que idade começou a trabalhar;	
Setores de atividade onde trabalhou;	
Pessoas e episódios marcantes;	
Climas organizacionais (amigável, conflituoso);	
Funções desempenhadas;	
Travou conhecimentos importantes nesta época que foram uteis depois por conta própria (fornecedores, chefias e clientes)?	

A.4.2 Caracterização do percurso laboral na empresa que antecedeu a criação do próprio emprego (que encerrou até 2009):

Agora sobre o seu percurso na empresa que antecedeu a criação do seu emprego

Qual empresa? \_\_\_\_\_

Setor de atividade;	
Como foi o seu percurso nessa empresa;	
Quanto tempo lá trabalhou;	
Funções desempenhadas;	
Clima organizacional (amigável, conflituoso);	

Como decorreu o encerramento (sinais de que algo não estaria a correr bem na empresa);	
Quantos trabalhadores foram despedidos;	
Relação com colegas despedidos;	
Ambiente geral aquando o encerramento;	
Como se sentiu nessa altura?	

#### A.5 Sociabilidades, redes e afetos

Falando agora acerca da sua rede de suporte e atividades importantes para si, atuais e durante vida:

O que gosta de fazer fora do trabalho (Atividades e lazeres)?	
Pessoas importantes na sua vida?	
Episódio que o tenha marcado para ser o homem/mulher que é hoje?	
Atividade social e envolvimento na comunidade (como é ser sindicalista)	
Instituições que marcaram e marcam o seu percurso de trabalho?	
Capital económico atual (confortável, com dificuldades, satisfatório) + (casa própria, alugada) + (empréstimos ou créditos, pagamentos em atraso ou dívidas)	
Pessoas que mais o/a influenciam e/ou ajudam no seu percurso profissional	
Conhece outras pessoas que sejam próximas de si que criaram o próprio emprego?	

#### A.6 Desemprego e políticas sociais de apoio no desemprego

Agora acerca da altura ou alturas em que esteve desempregado:

Frequência e duração do desemprego (quantas vezes e quanto tempo)	
Indemnizações;	
Relação com técnicos de emprego e sindicato;	
Subsídio de desemprego;	
Estado de espírito (desalento, preparado, etc.);	
Outros apoios (família, amigos, colegas).	

**BLOCO B: TRAJETÓRIA DE CRIAÇÃO DO PRÓPRIO EMPREGO**

B.1 Antecedentes da implementação do projeto, na sua experiência,

B.1.1 Como surgiu a ideia desta atividade/empreendimento?

Contexto	Desempregado	
Situação profissional em que se encontrava	Empregado	
	Outra	
Motivações para a criação do empreendimento	Não conseguir encontrar emprego por conta de outrem	
	Ter sempre desejado trabalhar por conta própria;	
	Ter descoberto uma boa oportunidade de negócio;	
	Proposta tentadora por parte de um amigo ou familiar	
	Ser independente	
	Segurança económica	
	Espírito de aventura	
	Continuar a tradição familiar	
	Ter mais tempo para a família	
De quem partiu a ideia?	Quer a <u>ideia</u> de <u>montar</u> o negócio, Quer a própria <u>ideia de negócio</u>	
Contactos institucionais preliminares (Centro de Emprego, com a ANDC, etc.)	- Informação e ajuda obtida no planeamento e construção da candidatura.	

B.1.2 De que recursos dispunha à partida?

Recursos <u>materiais</u>	Capital Património, Facilidade de crédito, Indeminização.	
Recursos <u>imateriais</u>	Conhecimentos estratégicos,	

	Formação/experiência específica, Redes familiares e sociais, Experiência de organização e liderança.	
--	--	--

B.1.3 A quem recorreu para concretizar o seu projeto?

em que consistiu a ajuda (pessoa ou instituição) que cada um prestou. Que contrapartidas teve de dar?

Ajudas institucionais	O modo de atendimento;	
	O conteúdo da ajuda;	
	O grau de incentivo;	
	A correção da informação prestada;	
	O modo como foi avaliada a sua capacidade técnica e de gestão;	
	As entrevistas ou reuniões que teve e as provas de conhecimentos que fez;	
	A demora no acompanhamento/ajuda;	
	Pediu apoio financeiro (empréstimo) a alguma entidade (pública ou privada) ou a familiares e amigos?	
Pessoas marcantes nesta fase	Que influenciaram <u>positiva</u> ou <u>negativamente</u> a concretização do projeto	
Custos materiais e imateriais desta ajuda	A nível familiar	
	Das instituições envolvidas	
Consequências deste esforço	Recursos envolvidos	
	Vida pessoal	

B.1.4 Ao início:

Que <u>recursos</u> pensava necessitar?	
Quais as <u>dificuldades</u> pensava ter de superar?	

B.2 A concretização do Projeto de criação do próprio emprego:

B.2.1 Sentiu dificuldades ou a presença de obstáculos no desenvolvimento do projeto?

Em que áreas?

(Deixar o entrevistado responder espontaneamente à questão.

Caso não tenha focado algum dos obstáculos abaixo mencionados, devemos então indagá-lo sobre os mesmos, tentando perceber até que ponto se fizeram ou não sentir)

Montar o “negócio”, obtenção de financiamento; dificuldade em traduzir a ideia num plano de negócios;	
Falta de apoio da família;	
Escassa informação;	
Dificuldades burocráticas com o IEFP ou com outros serviços (quais?);	
Gerir os recursos humanos;	
Lidar com os fornecedores;	
Lidar com os clientes;	
O volume / nível de atividade não era o esperado;	

Das dificuldades apontadas, quais as que colocaria à cabeça?

(procurar que o entrevistado hierarquize as dificuldades mencionadas anteriormente)

B.2.2 Teve necessidade de ativar estratégias para superar os obstáculos?

Que estratégias usou para superar esses obstáculos?

Solicitação de apoio financeiro a familiares ou amigos	
Contração de empréstimos bancários	
Recurso a outros trabalhos para aumentar rendimentos	
Venda de património pessoal	
Alteração do projeto inicial (por exemplo, mudança na localização do negócio, introdução de novas ideias de negócio, etc.)	

## BLOCO C. PERCURSO APÓS A CRIAÇÃO DO PRÓPRIO EMPREGO

Depois de criar o próprio emprego, como foi o seu percurso até hoje?

Como tem sido a sua vida?

Desistiu	Porquê?	
Manteve	Como tem sido?	
Reempregou-se por conta de outrem	Como e porquê	
Reformou-se	Quando e porquê	

Deseja acrescentar mais alguma coisa?





## GUIÃO DE ENTREVISTA

Gostaria de abordar alguns aspetos do seu percurso de vida e de trabalho

- incluindo momentos importantes ao longo desse percurso e que influenciaram a sua trajetória laboral.

Momentos de transição e decisão, avanços, recuos...

### BLOCO A: TRAJETÓRIA SOCIAL

#### A.1 Origens sociais (Família e meio social de origem)

Gostaria de começar pelas suas origens (sua família, irmãos, de onde veio...).

Composição do seu agregado familiar;	
Residência (urbano/rural);	
Profissão e escolaridade dos pais e dos irmãos;	
Expectativas familiares sobre si;	
Condições de vida durante a infância e a adolescência;	
<u>Episódios</u> marcantes que tenham influenciado o seu percurso laboral. Recorda-se de <u>alguém</u> , próximo de si nessa época, que se tenha alguma vez estabelecido por conta própria?	

Avaliação de influências/significados das origens sociais para o tipo de percurso laboral

#### A.2 Escolaridade e qualificações

E o seu percurso escolar, como foi?

Percurso formal escolar (superior, obrigatório, básico + qualificações + experiências que considere que elevaram o seu capital cultural);	
Formações;	
Importância da escola para si e para a sua família;	
Participação escolar, atividades e interesses.	

Avaliação de influências/significados do percurso escolar e formativo para o tipo de percurso laboral

### A.3 Agregado familiar atual

Pode-me falar acerca do seu agregado familiar atual? (cônjuge, filhos, onde vive)

Composição do agregado familiar atual (no caso de existir);	
Comparação com família de origem (auto percepção das condições de vida atuais relativamente à família de origem);	
Experiências de autoemprego (suas ou de outros familiares);	
Escolaridade e profissão do cônjuge;	
Filhos (quantos e idade);	
Responsabilidades familiares (cuidado de familiares e despesas);	
Residência atual (muita ou pouca oferta de emprego, mercado de trabalho).	

Avaliação de influências/significados do agregado familiar para o tipo de percurso laboral

### A.4 Trabalho

A.4.1 Histórico das funções e setores de atividade das empresas onde trabalhou:

Agora sobre o seu percurso profissional:

Com que idade começou a trabalhar;	
Setores de atividade onde trabalhou;	
Pessoas e episódios marcantes;	
Climas organizacionais (amigável, conflituoso);	
Funções desempenhadas;	
Travou conhecimentos importantes nesta época que foram posteriormente úteis no seu percurso laboral? (fornecedores, chefias e clientes)?	

A.4.2 Caracterização do percurso laboral na empresa específica que antecedeu o despedimento coletivo (entre 2000 a 2009):

Agora sobre o seu percurso na empresa que antecedeu a criação do seu emprego

Qual empresa? \_\_\_\_\_

Setor de atividade;	
Como foi o seu percurso nessa empresa;	
Quanto tempo lá trabalhou;	
Funções desempenhadas;	

Clima organizacional (amigável, conflituoso);	
Como decorreu o encerramento (sinais de que algo não estaria a correr bem na empresa);	
Quantos trabalhadores foram despedidos;	
Relação com colegas despedidos;	
Ambiente geral aquando o encerramento;	
Como se sentiu nessa altura?	

Avaliação de influências/significados do percurso laboral para o tipo de percurso laboral

#### A.5 Sociabilidades, redes e afetos

Falando agora acerca da sua rede de suporte e atividades importantes para si, atuais e durante vida:

O que gosta de fazer fora do trabalho (Atividades e lazeres)?	
Pessoas importantes na sua vida?	
Episódio que o tenha marcado para ser o homem/mulher que é hoje?	
Atividade social e envolvimento na comunidade (como é ser sindicalista)	
Instituições que marcaram e marcam o seu percurso de trabalho?	
Capital económico atual (confortável, com dificuldades, satisfatório) + (casa própria, alugada) + (empréstimos ou créditos, pagamentos em atraso ou dívidas)	
Pessoas que mais o/a influenciam e/ou ajudam no seu percurso profissional	
Conhece outras pessoas que sejam próximas de si que criaram o próprio emprego? Por exemplo, da empresa _____	

Avaliação de influências/significados das sociabilidades e redes para o tipo de percurso laboral

#### A.6 Desemprego e políticas sociais de apoio no desemprego

Agora acerca da altura ou alturas em que esteve desempregado:

Frequência e duração do desemprego (quantas vezes e quanto tempo)	
Indemnizações;	
Relação com técnicos de emprego e sindicato;	

Subsídio de desemprego;	
Estado de espírito (desalento, preparado, etc.);	
Outros apoios (família, amigos, colegas).	

Avaliação de influências/significados da experiência de desemprego e do tipo de apoio obtido no desemprego para o tipo de percurso laboral

### **BLOCO B: TRAJETÓRIA DEPOIS DO DESPEDIMENTO COLETIVO**

Descreva pormenorizadamente a sua trajetória. Como se desenrolou o seu percurso laboral e de vida depois do despedimento coletivo?

B1. Quais foram as maiores dificuldades com que se deparou e se tem deparado depois da empresa x ter fechado?

B2. Que estratégias utiliza para superar essas dificuldades? (formais e informais / materiais e simbólicas)

B3. Com que apoios conta para tentar ultrapassar essas dificuldades?

B4. Quais as suas expectativas na altura do despedimento coletivo e agora?

B5. Que oportunidades de emprego têm surgido? Como?

B6. E de criação do próprio emprego? Alguma vez lhe passou pela cabeça? (fez contactos ou diligências nesse sentido? Alguém o tentou influenciar nesse sentido?)

Gostaria de acrescentar mais alguma coisa?

## ANEXO II - DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

### OBJETIVOS DA INVESTIGAÇÃO E DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Eu, \_\_\_\_\_  
aceito participar de livre vontade no estudo “Do Desemprego à Criação do Próprio Emprego: processos sociais e trajetórias”, que se realiza no âmbito da dissertação de doutoramento financiada pela Fundação para a Ciência e Tecnologia, conduzido pela aluna Joana Gomes de Almeida, na Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, ao abrigo do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, sob orientação do Professor Doutor Pedro Manuel Teixeira Botelho Hespanha e da Professora Doutora Cristina Maria Pinto Albuquerque, na área da Sociologia: Relações de Trabalho, Desigualdades Sociais e Sindicalismo.

A presente investigação pretende compreender as trajetórias de vida e profissionais de indivíduos advindos de diferentes empresas que encerraram em Portugal e que, a partir de uma situação de desemprego, criaram ou não, o próprio emprego, e como esse percurso se relaciona com diferentes dimensões como: as suas origens sociais e familiares; as suas experiências, contextos de socialização e redes de suporte ao longo da sua vida e seu percurso escolar e formativo; a sua trajetória laboral; a sua experiência de desemprego; a sua experiência com políticas sociais de apoio no desemprego e de criação e desenvolvimento do próprio emprego;

Foram-me explicados e compreendo os objetivos principais deste estudo e aceito responder a uma entrevista que explora questões sobre as trajetórias de vida e profissionais de indivíduos que experienciaram uma situação de desemprego por falência da empresa onde estavam empregados.

Compreendo que a minha participação neste estudo é voluntária, podendo desistir a qualquer momento, sem que essa decisão se reflita em qualquer prejuízo para mim.

Autorizo, ainda, que a entrevista seja gravada via áudio, sendo que toda a informação obtida neste estudo será estritamente confidencial e que será garantido o anonimato em qualquer relatório ou publicação, ou perante qualquer pessoa não relacionada diretamente com este estudo.

Assinaturas:

Entrevistado/a \_\_\_\_\_

Entrevistadora \_\_\_\_\_

Data \_\_/\_\_/

### ANEXO III – QUADRO DE CORRESPONDÊNCIA ENTRE CÓDIGOS E EXTRATOS

<b>Código 1: Socialização</b>
Extratos
<p>“Eu venho de uma família bastante humilde, com dificuldades... E quando digo dificuldades, dificuldade em todos os sentidos, mesmo familiares, porque... Eu tenho 49 anos, os meus pais são divorciados desde os meus 5 anos. [...] É extremamente complicado ter pais separados.” #00:06:42-5# (A1)</p> <p>“Pegou em nós (pai) e largou-nos aqui em Coimbra em casa dos meus avós como se fossemos uma mercadoria.” #00:07:13-7# (A1)</p> <p>“A minha mãe não tinha possibilidades. Claro que cheguei a um ponto que eu, aos quinze anos comecei a trabalhar, para ajudar a minha mãe, não é? Portanto não foi uma vida muito... Muito fácil.” #00:08:33-2# (A1)</p> <p>Mas não tem uma vida assim muito estável (irmãos). São percursos de vida, lá está. A educação tem muita influência nisso. Nós não tivemos um pai... Tivemos uma mãe não ausente mas... Que não consegue tudo. E os percursos... E os percursos que nós enquanto adolescentes vamos trilhando e, por vezes, não são os melhores. [...] E os meus irmãos tiveram um percurso de vida difícil, também. Drogas... Ok? Portanto, a minha mãe passou por isso tudo... Como vê não é fácil. Portanto eu tenho uma experiência de vida muito grande, porque eu consigo analisar tudo friamente, mas também... Com uma grande experiência de vida porque já me passou muita coisa pela frente. Mesmo muita! #00:12:32-0# (A1)</p> <p>“Mas, de qualquer das formas, eu consegui felizmente dar ao meu filho aquilo que eu nunca tive (oportunidade de estudar). E ele, costumo dizer, e digo a ele também, costumo repeti-lo, isto é uma frase minha, não é uma frase feita: "O meu filho é aquilo que eu gostaria de ter sido e não fui". Portanto, acho que está tudo explicado. Portanto, eu não tive o acesso aquilo que ele teve, hoje. #00:14:49-5# (A1)</p> <p>“Aos quinze anos somos umas crianças... Portanto, são aqueles percursos de vida que, se calhar, eu fiz porque não tive um acompanhamento familiar que hoje eu dou ao meu filho. Percebe? E, se calhar, trilhei por amizades, entre aspas, a amizade para mim é uma palavra difícil de definir... Naquele tempo associava eu a isso. Eu com quinze anos</p>



deveria lidar com pessoas da minha idade. E com quinze anos lidava com pessoas muito mais velhas do que eu... Pessoas feitas, pessoas com mentalidades já...” #00:16:37-4# (A1)

“A minha família é de origens humildes... É de... Camponeses. O avô... Sobretudo os avós camponeses depois com o arrebento das fábricas a minha mãe já foi mais na área fabril e eu segui-lhe as pisadas. (A2)

A minha mãe também no tempo dela era a melhor aluna da classe dela... Conta ela... E não foi estudar porque o meu avô, enfim, precisava dela para o trabalho, não é? #00:20:15-2# [...] Culta. Sim, sim. Lia muito... Ela passava o tempo a ler, todas as noites... #00:09:58-8# (A2)

Ah... Foram operárias (irmãs). Olhe... Uma... Uma porque a minha mãe não tinha grandes condições foi para o pé dos órfãos e ficou lá até aos quinze anos. E quando saiu... Quando saiu... Quinze, dezasseis anos... Foi trabalhar para a fábrica da nossa mãe... A outra miúda que é um ano mais nova do que eu... Também tirou o básico, a quarta classe... E foi para a fábrica, naturalmente, não é? Era o nosso percurso... Era a fábrica. Depois quem tinha mais ou menos mais olhitos, nas coisas, safava-se. Quem não ficava lá. Pronto... #00:10:42-7# (A2)

“Tínhamos de acartar água... Eu não podia com o cântaro...[...] Pequenos recados que ela deixava para a gente fazer, não é? Pequenas coisas... Depois eu segui esse percurso... Íamos para o campo, ainda me lembro de ajudar o meu avô no campo. O meu avô morreu eu tinha cinco anos. Mas lembro-me perfeitamente de ir para o campo. Ele ia fazer a rega... Do milho e outras coisas. Mais as batatitas, as couves e aquelas coisas todas. Mas ele também tinha milho... Também semeava milho, sim senhor, no quintal. Essencialmente isso... Agora não foi... Não foi uma infância muito fácil, não! Sem dinheiro. Sempre sem dinheiro... Sapatos rotitos... #00:14:21-4# (A2)

“Da família não (trabalho por conta própria)! Não... Nós eramos todos ou campo ou das fábricas. [...] Portanto, a Pedrulha estava muito longe da cidade... Mesmo muito longe da cidade... E as pessoas ou trabalhavam no campo ou eram... Ou depois se viveram no arrebento da indústria ali, portanto, 1961, 62... Era até 70... Criaram-se ali as fábricas e as pessoas deslocam-se do campo para a fábrica. Portanto, não havia grande iniciativa para as pessoas trabalharem por conta própria. Da minha família não havia... (A2)

“Somos sete irmãos... Cinco rapazes e duas raparigas. Aos quinze anos de idade fiquei sem pai... #00:00:56-6# Aos quinze... Ele faleceu num acidente a caminho da Figueira da Foz... Nessa altura, já estava a trabalhar nos mármore. #00:01:06-0# (A3)

“Ele trabalhava ali numa empresa que... [...] . A empresa de madeiras. Na altura, tinha eu quinze anos... Tinha três irmãos mais velhos do que eu e três mais novos. #00:01:27-2# (A3)

Estava no meio. Portanto isto teve que se trabalhar... (A3)

É assim eu dificuldades, dificuldades... Para dizer não passei porque... Os meus sogros, na altura, ajudaram-me. #00:10:29-7# [...] Namorava. Eles eram emigrantes em França... O meu sogro já faleceu em 2009. E eles ajudaram-me na altura... #00:10:39-6# (A3)

Era doméstica (mãe). #00:10:51-1# Só tinha a terceira classe... #00:10:56-3# (A3)

Foi... Foram todos (ensino básico). Só tive... A minha irmã mais nova é que andou, salvo erro, até ao nono, não sei... Sétimo ou nono que ela andou. #00:11:12-6# (A3)

Olhe (profissão dos irmãos)... Dois são pedreiros... Um já está reformado por invalidez, teve um acidente também. E... Uma trabalha penso que é em limpezas e a outra nem sei em que é que... Em que é que trabalha. Houveram... Chegámos a trabalhar naquela empresa quatro. #00:11:39-2# (A3)

Olhe para lhe dizer era uma vida... Na altura que ganhava mais ou menos... Ganhava-se até dinheiro e faziam-se horas na empresa e aquilo tudo... Tinha uma vida... Uma vida mais ou menos. #00:13:01-7# (A3)

Na altura vivia com a minha mãe... Na altura em que eu trabalhava antes de ter o acidente. Tinha assim uma vida até... #00:13:10-0# Boa. Ganhava, se calhar, em comparação... Em comparação ganhava-se mais dinheiro naquela altura do que se ganha hoje com a entrada no... No euro. É... As pessoas... Conseguia-se trabalhar... Conseguia-se pagar as despesas e ainda se conseguia juntar alguma coisa... Hoje... Hoje dificilmente as pessoas conseguem fazer isso. #00:13:35-7# (A3)

Muitas diferenças (entre família de origem e família atual)... Sempre sonhava... Às vezes deitava-me na cama mesmo quando era jovem... Quando tinha os meus dezassete ou dezoito anos... Gostava de um dia poder dar aos filhos que viesse a ter aquilo que eu

não tive... E... Tenho conseguido. Pensava em ter uma casa... E tenho a minha casa. Graças a Deus está quase tudo... E coisa que... Coisa que parte dos meus irmãos não têm... E têm, se calhar, mais saúde... Mais possibilidades de poderem... Mas, se calhar, não têm a ambição que eu tive... Ou que eu tenho. Têm condições para ir mais além... Que às vezes digo se tivesse como eles... Ninguém tivesse pena de mim! Digo muitas das vezes... Mas pronto a ambição de cada um é a ambição de cada um. E a ambição mexe... #03:43:33-6# (A3)

Desde pequeno... Pequeno, às vezes, deitava-me e começava a sonhar... E não sei quê... Que um dia tinha que... Que ia ser diferente daquilo que era... Tinha que ter... Tinha que trabalhar para ter mais! #03:43:58-8# (A3)

Aquilo que eu tinha eu queria ter mais que aquilo. Se não tinha condições em casa... Se não tinha isto... Queria ter mais dinheiro... Queria ter mais isto... Queria poder dar... Poder e ter para dar aos meus filhos aquilo que o meu pai e a minha mãe não tinham para me dar a mim... #03:44:17-7# (A3)

Acho que não devem pensar (em comparação com os irmãos). Penso... Penso que não pensam da mesma maneira... Penso que eles se acobardam no trabalho... Aqui não tenho mais ambição... Acho que sim... Acho que sim... Se acobardam... Acho que têm medo! Acobardam-se por ali e não sei quê... Dá para o dia-a-dia e mais não sei quê e pronto... E morre-se assim. Eu acho... Eu acho que isso tem a ver com o espírito da pessoa... A pessoa ser mais ou menos ambiciosa... #03:44:49-4# (A3)

Então de uma família modesta... De fracos recursos não é? Toda a vida vivemos de ordenados baixos... De um só! O meu pai... A minha mãe não trabalhava... Era a agricultura. #00:00:32-8# (A4)

O meu pai trabalhava na IDEAL. #00:00:36-8# Era ajudante motorista... Era ajudante de motorista... (A4)

Também namorámos mais tempo porque eu tive uma infelicidade na família e depois guardei luto e não sei quê, pronto... Foi por essa razão... (irmã) (A4)

A minha mãe era analfabeta. #00:10:33-8# [...] O meu sabia ler (pai). A terceira classe... #00:10:36-9# (A4)

Eu tenho... Filhos... Tenho dois irmãos... e uma que faleceu... #00:10:50-8# (A4)

A minha irmã está reformada... E o meu irmão tem uma lojinha... Aquela lojinha de gomas ali... Que agora está fechada porque não há clientes... Mais vale estar em casa

do que estar aqui. Dá baixa da atividade... Também abriu o negócio próprio porque ele... Mas o meu irmão acho que foi com ajuda do próprio emprego... Eu não... Porque ele também ficou desempregado... #00:13:52-1# Proter... Era disto... Mecânico... #00:13:57-2# O meu irmão estudou! Mas não estudou... Passeou livros! O meu irmão foi o único que teve oportunidade e não aproveitou nada... #00:14:07-1# Mas também começou a trabalhar cedo... Com dezassete anos também começou a trabalhar. O meu pai conseguiu pô-lo lá na fábrica... #00:14:33-0# Na Ideal... O meu trabalhava na Ideal. E prontos... Ele agarrou-se àquilo... Era melhor aquilo do que andar como a gente vê agora os nossos jovens, não é? Que é uma pena... Porque eles têm cabeça para estudar mas também não há trabalho... E depois querem ter coisas e não têm... E fazem os disparates que fazem. #00:14:53-6# (A4)

Brincar (risos). Eu como lhe disse... Eu fui criada como os pardais... A minha irmã mais velha é que tomava conta da gente... Não tínhamos ninguém que nos orientasse... Ninguém me procurava se eu fiz os deveres, se não fiz... Eu gostava muito de história e estava com muita atenção nas aulas... Mas as outras coisas não passava cartão nenhum. De história vinha para a frente para a cadeira para ouvir a Professora... Porque às vezes há aqueles murmúrios... Aquelas coisas... E a gente não se concentra... Gostava dela contar aquelas coisas... Eu gostava. Era isso que me interessava... Mais nada... Não fazia mais nada. Eu posso dizer que era burra, pois era... Então! Eu não gostava da escola... Não. Era só trabalho... A gente pequenitas... A minha mãe deixava-nos... Ela ia trabalhar aos dias... E houve uma altura que trabalhou na Ceres... E a gente tinha que ir à erva para as vacas... Para as bezerras que ela tinha... Tratar dos porcos, das galinhas, arrumar a casa... Pequenitas... Ainda andávamos na escola. A gente tinha essa responsabilidade toda... Começámos a lavar a roupa... A passar a ferro desde muito pequenitas... Se a gente deixasse alguma coisa... O meu pai era assim um bocado esgrouviado... Se a gente deixasse alguma coisa mal feita, o meu pai rasgava tudo e depois a minha mãe insultava-nos para não fazer coisas piores, não é... E a minha vida foi essa... #00:20:58-5# (A4)

Portanto, a minha origem é extremamente humilde. [...] Os meus pais eram muito pobres... Vivemos com faltas de tudo, inclusivamente, alimentação... Nós... Não posso dizer que tenha passado fome mas a gente precisava de comer e não tinha. Ah... Quando andava na escola as únicas refeições que eu tinha era ao meio-dia na escola... [...] #00:02:08-1# (A5)

Agricultura (pais)... Era a única coisa que havia naquele tempo. Roçavam mato, cavavam terra, semeavam batatas... Pronto era o que havia, então... Também teve alguma... O meu pai chegou a estar como operário numa serração. Pronto... Foi... Depois então de lá vieram para aqui para Coimbra trabalhar para... Para a indústria da construção civil, nomeadamente, para uma fábrica de mármore. #00:02:39-7# (A5)

Éramos seis irmãos. #00:02:42-8# (A5)

O meu pai nunca foi à escola... A minha mãe tinha a terceira classe. #00:04:50-7# [...] Era doméstica (mãe)... Nunca fez nada. #00:04:58-7# (A5)

Na altura, eram miúdos não faziam nada... No entanto, começaram a trabalhar todos muito cedo também na agricultura, em serrações, ah... Pronto, acompanharam sempre o meu pai na fábrica... Nas fábricas, aqui, nos mármore... Ah, depois, entretanto, empregaram-se em cerâmica em Souselas, onde quando eu vim de Lisboa também me empreguei. Chegámos a estar os três mais velhos a trabalhar na fábrica de cerâmica de Souselas. #00:05:26-4# (A5)

As dificuldades eram muitas... Nós não tínhamos nada. As possibilidades... É assim, eu se queria comprar uns sapatos não havia dinheiro para os sapatos, quer dizer, tinha que... Tinha que ir descalço para a escola. (A5)

“Pois... Esse episódio foi marcante... E foi marcante até para a minha vida porque... #00:07:36-4# Porque esse episódio ditou mesmo o fim da escola, não é? E começar a trabalhar... Porque nós estávamos na fila... Eu era muito pobrezinho, portanto, a roupinha era remendada... Portanto, lavada sim, mas muito remendadinha e descalço. E os filhos das pessoas mais abastadas da terra... #00:07:55-9# Em S. Pedro de Alva, Concelho de Penacova. Nós tínhamos uma fundação... Que era a Fundação Mário da Cunha Brito que tinha uma cantina para os pobres. Uma cantina escolar para os pobres, sim. Então era lá que os miúdos da escola que tinham dificuldades iam comer a refeição. #00:08:14-5# Uma vez por dia. Como eram... Claro éramos miúdos e juntavam-se todos ali... Ricos e pobres. Os mais abastados e os menos abastados, não é? Pronto... Entretanto, a senhora que estava a dirigir essa fundação era uma senhora que por aquilo que vim a saber mais tarde, pós 25 de abril, fazia parte dos quadros informadores da PIDE. Essa senhora sabia o que é que lhe podia acontecer se tratasse menos bem uma pessoa... Um filho de um mais abastado, não é? Entretanto eram mais reguilas... Eram todos novos... Éramos reguilas o que é natural... Era próprio da idade... Mas suponha, portava-se mal o

filho do mais rico, eu inclusivamente, levei uma palmada bastante forte da senhora... E eu lembro-me de perguntar à senhora se tinha levado a palmada por ser filho de uma pessoa pobre... Porque o que estava a acontecer não era nada comigo. E ela dá-me outra palmada... E eu dou um murro num vidro, parti o vidro, fui perseguido pelos professores... Pelo pai... Por toda a gente... Já nunca mais fui à escola. Por causa desse motivo. Porque realmente... Era assim que se atuava, antigamente, no passado, não é? #00:09:32-6# Tinha doze anos... #00:10:03-2# (A5)

“Vi... Passei a ver o mundo assim... As pessoas tratavam... Tratavam, na altura, não é... As pessoas conforme aquilo que tinham, conforme as posses... Ou seja, como eu era pobre tive que sofrer... Tive que sofrer precisamente para não ser melindrado o filho do rico. E então isso levou-me de certa forma ficar... Não revoltado mas... Ficou registado em mim para toda a minha vida... E ainda hoje as coisas sendo de outra forma acontecem... Acontecem assim. #00:10:40-5# (A5)

“Sim. O mundo era dividido e era totalmente hostil para os mais pobres... E os ricos estavam mais à vontade. E eu aí vi claramente com doze anos essa situação... E tanto vi que quando vou para Lisboa, ou para Almada, digo... Para Almada... Acontece-me um episódio também muito engraçado... Os donos do estabelecimento onde eu trabalhava que era mercearia, casa de pasto... Portanto, restaurante e mercearia... Eram oficiais ou pelo menos estavam... Tinham graduação no Exército e lembro-me de haver uma festa em casa... Em casa deles... Portanto, ele vieram da Guiné, de África. Cá fizeram a festa mas eu como era trabalhador e era filho de gente pobre... Eles não me quiseram junto com eles... Então puseram-me à parte no pátio a comer... A comer de maneira diferente até deles... Portanto, comida diferente nessa festa... E eu logo aí comecei a fazer perguntas a mim próprio: "Como é que era possível? Só porque eles realmente..." Está bem... Tudo bem que era a família... Não era da família... Mas havia ali uma divisão, quer dizer, eu era tratado de maneira diferente, pronto. Isto tudo me aconteceu. Isto... Essa também é uma das experiências que eu tenho. E depois batiam-me não é? Eu era miúdo... Depois se um cliente pedia uma caixa de fósforos junto ao Cristo Rei eu ia levar a caixa de fósforos lá à senhora... E ia ao prédio de elevador ou de escada... E claro que apanhava os miúdos da escola pelo caminho, começava na brincadeira, pronto, quando chegava à mercearia já sabia que tinha que levar porrada. Depois castigavam-me... Tive vários episódios... Um

deles foi ter uma semana de castigo no quarto onde a única comida que me davam era sopa. E já era bem bom! O castigo... #00:12:47-0# (A5)

O sonho era trabalhar (sonho na infância)... Era... #00:18:38-5# Assalariado pura e simplesmente. Eu não tinha pensado em nada disso... #00:18:43-1# (A5)

Do que é realmente saber o que são as dificuldades... De querer comer e não ter. Por exemplo, nós éramos os três irmãos mais velhos... Eu era o mais velhito... Eu era o mais velho... E lembro-me a minha mãe uma vez a chorar... Querer fazer sopa para a gente comer... E não tínhamos nada. [...] #02:06:08-3# (A5)

Sou a mais nova de três irmãos e os meus irmãos são até um bocado mais velhos do que eu. Hoje... Hoje é normal os miúdos terem mais diferença... Penso que na minha altura não era tão comum... E um irmão com quinze e outra com nove, naquela altura, há quarenta e tal anos, eram mesmo muito mais velhos. Está a perceber o que é que eu quero dizer? No sentido que só nove anos de diferença, da minha irmã, já me trouxe a mim mais oportunidades. Sempre tive essa certeza. #00:01:11-0# Nove anos só que sejam, mas em determinada altura da história, faz tanta diferença como, por exemplo, a minha irmã só fazer a escola primária e eu já não. Está a perceber? #00:01:50-2# (A6)

“Eu depois andei na escola até ao décimo ano. E, entretanto, desisti no décimo... Depois fiz mais tarde... Nas novas oportunidade é que fiz o décimo segundo. Que eu considero que não é décimo segundo, mas pronto... Oficialmente tenho o décimo segundo. Pronto... Isto para dizer que sendo a mais e com algumas dificuldades... Mas fui muito mimada. #00:02:57-1# (A6)

Que estudasse muito (expectativas familiares sobre si). O meu pai morreu quando eu tinha dez anos... Portanto, logo esse, à partida, não teve tempo de ter tanta expectativa assim... Pronto. #00:03:15-7# (A6)

O meu pai era construtor civil e a minha mãe doméstica. #00:04:02-0# (A6)

Sim de enfarte (pai). Quando tinha quarenta e nove... #00:04:10-4# (A6)

Na minha infância... Ponto marcante, sem dúvida nenhuma... O ponto marcante da minha vida, sem dúvida nenhuma, foi a morte do meu pai. Isso... Em absoluto. Porque eu tive a certeza, sempre... Ah... Eu queria dizer isto com tanta certeza quanto possível... Porque parece... Parece assim um bocado irreal... Eu com dez anos ter essa percepção... Mas tenho... Mas sei que sim... Que tive! Que sempre tive! Porque é assim... O meu pai morreu de enfarte quando eu tinha dez anos... Mas ele, portanto, mas ele era doente do

coração... Ou seja, não foi um... Não foi um enfarte “surpresa”... Foi um enfarte que estava, portanto, que já estava... Ele estava já avisado pelos médicos que era o mais provável que lhe acontecesse... [...] E eu desde pequenina, como disse, sempre fui muito mimada. Fui a mais nova dos irmãos, a mais nova dos primos, a mais nova dos netos... A mais nova de toda a gente. E era o mimo do caco, pronto. Isso fez com que eu tivesse uma autoestima... Eu tenho uma autoestima muito grande, percebe? Nunca fui de fraca autoestima. Desde pequenina que eu sempre... Que sempre me mimaram e sempre me incentivaram... Não foi só o mimo. Eu não tive aquele mimo protegido... Está a perceber? Aquele mimo como os miúdos têm hoje... Eu não fui protegida... Fui muito mimada e muito incentivada no sentido... Sempre me lembro de pequenina me dizerem: "Tu és capaz! Tu fazes! Tu vais longe!" Lembro-me sempre de me dizerem isso... E isso dizia-me a minha mãe, o meu pai, os meus irmãos... Melhor! Até me diziam: "Tu tens que ir longe!" Percebe? Tipo aquele empurrão. Sempre me disseram isso. #00:08:33-9# (A6)

“Ele (pai) próprio falava comigo e me dizia... Que gostava muito de mim... Aquelas coisas todas que os pais... Mas também me dizia: "Se acontecer isto ou se eu não estiver cá..." Percebe? E isso sempre bateu aqui e eu sempre... E depois a minha mãe não é... A minha mãe é mais... O meu pai era o pilar, sem dúvida nenhuma. [...] #00:09:47-2# [...] Eu sempre tive a certeza desde aquele momento que eu tinha que tomar conta de mim e até da minha mãe... Percebe? Que tinha que... E também nunca fui assim do tipo mole... Acomodada. É um bocado... Também acho que isso tem a ver com a nossa personalidade. Eu acho que já é também por aí. #00:10:57-3# [...] No sentido da responsabilidade, sim. E de ser cada vez... Por exemplo, isso eu tenho... O meu pai sempre me incutiu que temos de ser bons naquilo que fazemos... Que temos de ser responsáveis... Que se falharmos alguém nos vai cobrar por isso... Não é? Porque sempre que falhamos há alguém que nos cobra... Seja em casa, no trabalho, não importa onde... Por isso é que nós... Nem que sejamos nós próprios. Há sempre alguém a cobrar-nos quando a gente falha. Isso sim. Ele sempre me incutiu o dever, o respeito, percebe? Aquilo... Sem nenhuma dúvida... #00:11:47-6# (A6)

A minha irmã também foi para o Luxemburgo. Estão os dois no Luxemburgo... Ainda hoje. #00:09:50-7# O meu irmão é camionista e a minha irmã é empregada doméstica. E depois a minha cunhada também é empregada doméstica... Quase tudo... É



quase sempre o que as mulheres fazem lá... Fazem limpezas. É o que eles chama de *femme de ménage*. #00:10:06-2# (A6)

Sim. Doméstica é assim (mãe)... Ser doméstica numa aldeia... Nas nossas aldeias significa fazer o trabalho de casa e do campo. A minha mãe era doméstica no sentido de fazer o trabalho de casa mas também criava animais... Aquela agricultura de subsistência... Aí eram as mulheres que tomavam conta... Percebe? A nossa agricultura nas nossas aldeias... Quase sempre os homens tinham um trabalho extra para ganhar dinheiro, para trazer para casa... E as mulheres tratavam das terras e dos animais. #00:12:18-4# (A6)

Pronto então eles assumiram (padrinhos)... Eles assumiram o controlo da minha educação, literalmente. Sempre assim foi mesmo quando o meu pai era vivo porque... Não sei se você sabe o que é que ter... O que é que... O que é que é ter família ao lado... Ser criado com a mãe, com a tia e os primos tudo à mistura e a gente, às vezes, nem... Tanto obedecemos à mãe como à tia. Está a perceber? Pronto... O contexto era esse... Depois se já o era antes do meu pai falecer, depois de ele falecer, sem dúvida nenhuma, que a minha mãe acho que nem tinha sobrevivido sem a ajuda deles. Sobrevivido no sentido psicológico, também. Não só... Também financeiramente fomos ajudadas porque... Quando... Pronto, já reparou que estava tudo nas mãos do meu pai e o mundo desabou... Porque apesar de se ter um pré-aviso nunca se pensa que vai mesmo acontecer, não é? Naquele dia aconteceu e o mundo desaba. E isso é... Acontece isso ainda hoje... Em todo lado quando assim é... Mas... Mas sem dúvida que os meus padrinhos, foi... #00:14:03-5# (A6)

O meu pai era construtor civil e tinha a empresa em movimento, apesar dele... Ele quase não conseguia muito bem sair de casa mas ele geria... Ele tinha empregados... #00:14:31-9# Tinha (empresa constituída). Tinha... Ele (pai) tinha... Ele era construtor civil, pronto, no sentido de ter... Ele tinha vários empregados, pronto. #00:14:44-1# (A6)

Pronto, quando o meu pai morreu a minha mãe estava convencidinha... A minha mãe estava aterrorizada que estava cheia de dívidas... Está a perceber? Pronto... E então o que foi... Foi chamado um contabilista que fez as contas, blá, blá, blá, blá... E o que acontece é que o meu pai tinha dinheiro a receber, pronto. Graças a Deus... No fim... Só que isto, demora, não é? No imediato aquilo ainda demorou uns meses para... Para acertar tudo. Pronto... O meu pai tinha dinheiro a receber. O que a minha mãe fez de errado foi pura ignorância... Ela podia ter vendido a empresa do meu pai e ter ganho algum dinheiro...

Podia ter vendido o alvará, percebe? Não. Ela no fim das contas entregou a um outro senhor... Disse: "Pronto... Continua as obras!" Fez... #00:16:32-1# Não. Entregou (a empresa)... Ela (mãe) fez as contas, recebeu o que tinha a receber, pagou o que tinha a pagar, pronto... Acertou as contas e... #00:16:42-1# Não. Ela não vendeu... Ela [a mãe]... Portanto, o meu pai morreu... Eu agora também já não lhe sei dizer... Sei que deviam ter cessado atividade... O que eu acho que é ela podia ter vendido. #00:16:51-8# [...] E a minha mãe não vendeu. Cessou... Percebe? Eu penso hoje dentro do pouco conhecimento que eu tenho dessa área que não é muito... Mas eu penso que ela podia ter vendido o alvará, não era? Não sei... Pronto. Mas ela encerrou, pronto. Não... Não vendeu, nem continuou, nem... Pronto. Recebeu, pagou e ficou. Pronto... Mas não tínhamos dívidas o que é muito bom. (A6)

“Pronto... Esses meus tios tinham uma mercearia. O meu tio era taxista... Depois havia mais... #00:18:37-1# Tinha o táxi dele. Depois havia mais duas mercearias... Lá havia um outro senhor que também era construtor civil. #00:18:46-2# (A6)

Não é assim nada estranho (trabalhar por conta própria na família)... Não. Não... Não. Sendo que, do lado do meu pai, portanto dos irmãos do meu pai... O meu pai era o único que... O meu pai era o único que safou, entre aspas, mais ou menos. Que vivia melhor. Mas do lado... Do lado da minha mãe, sim. Os meus tios tinham... Pronto, lá está... Voltamos... Ou eram emigrantes ou tinham um negócio. Porque agora... Nunca tinha pensado nisto assim (risos). Ah... Os meus tios tinham... Ele era taxista e tinha a mercearia... Que era a minha tia, normalmente, que tomava conta. E depois a minha tia de Coimbra tinha uma... Uma frutaria na Rua da Moeda. #00:20:38-0# (A6)

“Eu queria estudar muito, queria ser médica, porque eu aí podia salvar o meu pai e os doentes todos. #00:21:03-8# Não (se mudou quando o pai faleceu). Continuei na mesma a querer ser médica porque podia curar os outros doentes... #00:21:13-1# (A6)

"Não posso contar há minha mãe, agora." Porque eu sabia que se eu tivesse contado há minha mãe naquela altura... Eu tenho a certeza que era assim... A minha mãe ia querer que eu abortasse para ninguém saber... Eu tenho a certeza absoluta que essa era a reação dela. Como eu não queria abortar a solução era não contar há minha mãe até ela não poder fazer nada... E foi isso que eu fiz. [...] E a minha mãe passou muito mal! Pronto... Muito mal, muito mal, muito mal, muito mal... Nem vale a pena pensar nisto (risos). Depois saí da escola... #00:30:30-7# (A6)

“Começo pelos meus pais... Não vale a pena andar para trás. Era empregada fabril [a mãe], o meu pai era pedreiro e tenho duas irmãs, uma mais velha do que eu sete anos e outra mais nova dois anos que é deficiente... Profunda. Depois... Portanto, assim num meio semiurbano, semirrural. (B1)

“Não. A minha mãe não estudou... O meu pai tinha para aí a terceira classe. Depois mais tarde para tirar a carta lá consegui estudar mais alguma coisa para conseguir o exame da quarta classe, quarto ano, hoje. #00:05:13-1# (B1)

“Pois. Mas essa mais nova é a deficiente profunda. Portanto, essa nem me conhece, sequer. A outra fez a quarta classe depois andou numa fábrica, porque o que interessava... Pronto, as pessoas quando saem da quarta classe vão estudar, não vão ganhar. E o meu pai viu a possibilidade de ela ganhar e normalmente as senhoras eram mais... Para as lidas de casa e assim. E, e pronto. E ela depois teve outro percurso... Casou e foi para África do Sul, agora já veio... E é assim. #00:06:16-4# (B1)

O meu pai era... O meu pai era mais para ser operário... Para ser operário... Exatamente. Prontos... Ser técnico. Mais ou menos a vertente dele era essa... #00:07:05-4# Era muito difícil. Muito difícil. Bem... Isto também depende dos objetivos... Ele (pai)... Ele aceitava isto... Ah, a primeira coisa era que o que ele queria, mesmo assim, era que eu também tivesse ido para esta profissão (trabalhar na construção). #00:10:17-9# Sim mas depois... Aquilo era tão duro e... E o consenso de família não era o mesmo dele e as coisas foram... Porque eu andava lá nas férias... Eu não tinha férias. As minhas férias era sempre lá. Mas de facto eu também... Portanto, as pessoas... Depois havia aquela maneira de ser dele, também, um bocado sem... Portanto... Um bocado severa... Também me afastava bastante daquilo. Portanto, eu ia porque tinha de ir... Não queria. Não gostava daquilo. Nem aquilo se coordenava com a minha maneira de ser, pronto. E... E... (B1)

“Não, nunca me passou pela cabeça ser... Ter o meu próprio emprego, não! #00:11:11-0# (B1)

“Nunca me faltou nada e é o que eu disse há bocado... Havia colegas meus que eu hoje vejo-os e lembro-me de eles andarem descalços. E eu nunca andei descalço, nem nada que se pareça. Nem nunca passei fome... Isso não. Sempre tive... Sempre, digamos, aquele português de vida média, não é? (B1)

“No sítio onde eu nasci, as origens, a maneira como se vivia... Refletia bastante a época antes do 25 de abril. Eu ia para... Eu e os meus irmãos íamos para a escola a pé...

Se estivesse sol ou chuva... [...] As estradas eram precárias... Não haviam estradas alcatroadas... Tínhamos o caminho-de-ferro... E até utilizávamos o caminho para ir para a escola, o caminho-de-ferro. O que era proibido passar... Tínhamos que fugir ao guarda... (B2)

O meu pai era... O meu pai era moleiro e agricultor. E a minha mãe era doméstica... Ah... E vivia da agricultura de subsistência e da... E, pronto, da freguesia que tinha... Chamavam-se os fregueses que tinha de moer o milho, das pessoas... [...] Tinha um burro que era o... Com que distribuía a farinha. E era assim... Disso não recebia dinheiro... Ficava com uma maquia, chamada maquia... (B2)

Tenho dois irmãos. Tenho um irmão mais velho quatro anos e tenho uma irmã mais nova dois anos. E todos... Pronto, quando saímos da escola começámos a trabalhar nas terras. Ninguém estudou. Ninguém estudou. Ninguém estudou... A minha irmã aprendeu costura numa casa... Depois enveredaram por outras... Enveredámos todos por outras profissões. (B2)

Era tudo para a agricultura. E tínhamos algum gado... Anteriormente... Quer dizer, nas aldeias tínhamos sempre aquele... Ou porco... Umas ovelhas ou uma cabrita... Que dava o leite porque não se comprava leite na mercearia nem em lado nenhum. (B2)

Era tudo para a agricultura. E tínhamos algum gado... Anteriormente... Quer dizer, nas aldeias tínhamos sempre aquele... Ou porco... Umas ovelhas ou uma cabrita... Que dava o leite porque não se comprava leite na mercearia nem em lado nenhum. (B2)

O meu pai era... O meu pai sabia ler e escrever... Fazia contas. Porque até naquela questão do moinho, na altura, era considerada uma indústria e tinha que ter aquilo tudo legalizado perante... Pronto, aquilo era uma parte que era considerada indústria... E ele tinha de fazer uma escrita para todos os anos apresentar às entidades... Mas foi uma escola... Não foi uma escola normal... Na época do meu pai foi uma pessoa curiosa que havia lá no lugar... No lugar... Nós estávamos no [local] que é o lugar do [local] e que ensinavam os miúdos a ler e a escrever. E ele de facto sabia o básico... Sabia ler, escrever... #00:12:48-2# (B2)

A minha mãe tirou a terceira classe. Não chegou à quarta... Que era o que, geralmente, na época dela, as raparigas... (B2)

Assim que saímos da escola começámos a trabalhar na terra. Na terra... Foi todos... A primeira passagem foi pela terra... #00:14:12-7# (B2)

Com 16 anos já... 16, 17, 18 já era eu que decidia... Que tive de assumir parte das terras porque o meu pai... Ainda dava uma pequena ajuda mas ficou muito incapacitado. Ficou... Foi-se abaixo muito cedo. (B2)

Nessa altura... Olha, era arranjar um emprego melhor, pronto (expectativas familiares sobre si)... Sei que muitos colegas... Alguns que estiveram ali à volta, que andaram comigo na escola, até tiveram possibilidade... Os pais já eram empregues no caminho-de-ferro... Sobretudo, no caminho-de-ferro. E, outros, que tinham mais posses vieram estudar. Nós não. Não havia hipótese... Nós, de facto, tínhamos muito poucas... Tínhamos muito poucas... Os meus pais não tinham mesmo possibilidade... O rendimento era mesmo da terra... [...] E então ali não havia grandes perspectivas de estudar... Não havia. #00:20:25-0# (B2)

Tenho um episódio marcante porque... Eu aos dois anos de idade... [...] Como o meu irmão nasceu... Dois anos... Dois anos devia ser... Não tenho bem a certeza... Dois, três anos... Eu fui para casa de uns tios... Não eram tios... Eu fui para casa de uns senhores onde trabalhava uma tia-irmã da minha mãe... [...] Essa foi uma das pessoas mais marcantes da minha vida. Porque ele era militar... Militar de carreira... Chegou a segundo-sargento... [...] Como eles não tinham filhos... A vida era difícil... Eu fui viver para... Os meus pais deixaram... [...] Eu fui para casa desse... Desse Sargento Dias. [...]E então eu lembro-me que esse senhor começou-me a ensinar a escrever e a ler, ainda antes de eu ir para a escola. [...] Até ir para a escola primária. Quando fui para a escola primária que regresssei a casa dos meus pais... [...] Entretanto, ele comprava jornal... E eu comecei a ganhar o gosto por olhar para o jornal, e etc. E acho que foi daí que apanhei um vício de ler que me persegue até hoje (risos). [...] Aqui assim a seguir era o banco de Angola e era o Café Internacional. E... E mandavam muitos jornais que ali ficavam no café... [...] E lia jornais com oito dias de atraso e etc. (risos). De facto eu adorava aquelas pessoas. Eu fiquei...A minha tia foi para uma segunda mãe. [...] Essa tia Joaquina. E, de facto, foram pessoas que me marcaram muito... O meu percurso. (B2)

Não, não. Nunca pensei nisso... Nunca pensei (trabalhar por conta própria). #00:37:18-7# (B2)

O meu pai e a minha mãe não me deixaram uma fortuna... Mas deixaram-me que a nossa palavra era uma escritura... É irrevogável." Pronto... Estava dada. Era... O sentido de honestidade, sobretudo, que eu colhi dos meus pais... É o sentido da honestidade. Essa

é a visão mais... Mais clara que eu tenho deles! É essa! Muitas dificuldades, muitas dificuldades... Davam o que podiam... Não podiam dar mais, não é? [...]O sentido de cumprir na escola, cumprir no trabalho para onde íamos... E não faltar ao respeito... E não é só cumprir e não é só roubar... É não faltar ao respeito às pessoas! Tratar todas as pessoas bem... Isso foi uma... Foi aquilo que os meus pais me deixaram de mais marcante. Não há dúvida nenhuma. (B2)

“Existia o sentido de comunidade... Éramos respeitados... Isso aí desde pequeno, pronto. É um conforto... Sempre fomos acarinhados... Saíamos de casa... Era um tio, era um primo, era um vizinho... Dizia: "Então vais para a escola?" Tudo, toda a gente nos apoiava. Portanto, fomos digamos assim criados num contextos... #02:26:15-3# (B2)

“O meu pai era daqui... Onde eu estou casado... A minha mãe era do Botão. Ah... Pronto. Somos sete irmãos... Pelo menos que eu saiba. Acho que ainda não faleceu nenhum... E, pronto, a vida... Na altura, pronto, éramos sete. Não foi muito fácil... Tínhamos uma ajuda boa que era o meu falecido avô e a minha avó que eram caseiros, numa grande quinta lá em Botão. Eles não eram daqui... Estavam em Lisboa mas tinham aqui... Como é que eu hei-de explicar? Um caseiro... Aqui em... Aqui ao pé de Tentúgal. #00:01:02-8# (B3)

Agricultores, sim (avós). Foram toda a vida... Pronto. Como a casa era rica a gente fome nunca passámos... Mas, pronto, mas a nível de outras coisas não se vivia lá muito bem. Faltas, às vezes, calçado... Roupas também não eram assim com fartura. (B3)

Ah, pronto... E nesse ano ainda, no dia 13 de agosto desse ano, morreu o meu pai também de acidente. De motorizada... Ia para Figueira da Foz passar um fim-de-semana mais a minha mãe e os meus irmãos... Que eles estavam lá. E eu estava a chegar da tropa, nesse dia. Era uma sexta-feira. Pronto... Depois... Saí da tropa no dia... #00:05:06-1# (B3)

O meu pai foi empregado fabril... #00:05:51-4# A minha mãe é que era da agricultura. O meu pai trabalhou na CESOL, trabalhou na fábrica da cal e depois foi para a SIAF. Foi onde terminou... #00:06:02-4# (B3)

Eu tinha vinte e poucos (quando o pai faleceu)... O meu pai morreu ia fazer quarenta e um anos... #00:06:09-9# Eu tinha feito vinte e um anos #00:06:23-2# (B3)

Ah, não foi fácil! (para a mãe) #00:07:26-2# Éramos sete (irmãos). #00:07:26-3# Eu sou o mais velho. #00:07:31-3# Sim, sim havia. Havia... Havia três (irmãos) menores, ainda. Três menores... (quando o seu pai faleceu) #00:07:42-8# Não foi muito

fácil porque... Dinheiro não havia, não é? Depois o meu pai acho que ainda deixou também uns calotes zitos... Mas isso as pessoas, na altura, também disseram logo... Se a gente tivesse dinheiro para pagar, a gente pagava, se não tivesse, ficava como estava. E assim foi. Não deu... Pronto. Algumas coisitas pequeninas ainda se pagou... Agora aquelas contas maiores, isso não... Ficou tudo por pagar. Pronto... Depois fomo-nos orientado. E a minha irmã mais nova passou... Um bocado de vida, um bocado difícil. Depois também se perdeu um bocadinho... No tempo. E... Não foi fácil... Hoje... Hoje... #00:08:32-2# Hoje está bem... Que é o que interessa. #00:08:41-5# (B3)

Todos a quarta classe (irmãos)... Só a minha irmã mais nova... Pois... A minha irmã mais nova é que foi até oito... Ou nono... Ou assim uma coisa qualquer. #00:09:06-3# O meu irmão a seguir a mim trabalhava na (09:13) agora não sei, porque já há muito tempo que eu não o vejo... Ele também tem problemas de saúde... Já lhe deram dois AVC's. Não sei se ele agora ainda trabalha, se já está reformado, nem se não. Tenho dois reformados... Que é o Joaquim... O Joaquim está reformado e o José também... Também de um acidente... Também está reformado já. #00:10:00-5# (B3)

E. O seu irmão também trabalhou no Mármore Batanete... #00:09:59-0# Trabalhou... Ele já trabalhava quando eu para lá fui... #00:10:00-8# E. Ele agora está estabelecido por conta própria, pronto. #00:10:08-7# Sim, sim, sim. #00:10:12-6#

E. Mais algum dos seus irmãos se estabeleceu por conta própria? #00:10:12-7# Não. Não, não, não... Só o Joaquim. #00:10:20-0# (B3)

Eu nasci numa família pobre, não é... Não é rural... Uma família pobre, mesmo. O meu pai... Éramos três irmãos, o meu pai faleceu tinha já... Já tinha uns onze anos... Eu era a mais velha... Tinha um mais velho mas era deficiente mental... Era e é que ainda não morreu. Ele é dois anos mais velho que eu, tem 69. E outro faleceu... Depois o meu pai faleceu eu fui para um... Para um... #00:00:42-3# Com 10. Com 10... Quando o meu pai ficou doente tiraram-me à minha mãe, pronto... Na altura, aquilo... Havia, também, na altura, não sei se era Proteção de Menores se o que era... Mas havia assim qualquer coisa que era ligado a isso. O meu irmão mais velho foi para o [nome da instituição religiosa], para [local]. E eu fui para as [nome da instituição religiosa] que tinham esse asilo de infância desvalida... Entretanto, o meu irmão mais novo que era o mais pequenino morreu, também, com uma embolia pulmonar... Faleceu. #00:02:26-2# (B4)

“O meu pai era cozinheiro. #00:00:46-8# Na Associação Académica. #00:00:50-4# E a minha mãe era doméstica... Não tinha emprego. #00:00:54-4# O meu pai e a minha mãe tinham a quarta classe... A minha mãe tem a quarta classe e o meu pai também. #00:01:00-8# (B4)

“Quando faleceu (pai) tinha eu... Já tinha eu 18 anos. Não ainda não tinha os 18... Ainda não. Mas estava eu já num colégio de freiras... Porque o meu pai foi para lá... Foi para lá muito ano. E eu fui para um asilo, asilo de infância desvalida que é na [local]. Chamava-se assim. Estive lá dos 10 aos 18. #00:01:37-7# (B4)

Foi muito duro porque as freiras eram muito severas... Um coiso muito severo em todo o sentido... Éramos muito castigadas... #00:01:51-2# (B4)

“Era só umas com as outras... Mas também não nos podíamos encostar muito umas às outras... Porque quem se portasse mal ficava... Ficava... Quando era na Páscoa ia lá o... A gente chamava-lhe o Senhor Couto... O benfeitor da casa... Pessoas ricas... Acho que eles não tinham família em [local] e... Quando era na Páscoa recebíamos os pacotinhos de amêndoas, pronto. Era um para cada uma... Mas aquilo tinha que ser comido doseado. Não podíamos comer tudo de uma vez... Cada uma punha o nome no pacotezito... Depois iam dando todos os dias uma amêndoa... Só que um dia, lá no armário, desapareceram umas amêndoas... E culpavam-me a mim mais não sei quem... Eu hoje podia dizer que fui eu... Mas estive cinco dias fechada na enfermaria só a pão e a água... Eu e as outras. Porque fomos tirar as amêndoas... Eu não, pronto. Não sei se as outras também diziam que não, mas eu... Pronto. É aquelas coisitas que... É as tais injustiças que marcam... Coisitas que não têm...” #00:55:27-6#

E o meu pai faleceu já lá estava nas freiras... Nem fui ao funeral, nem... Só soube muito depois... É que eu soube que ele tinha falecido. Entretanto, a minha mãe depois casou novamente... E quando eu saí do colégio já a minha mãe tinha mais três filhos. Eu não os conhecia... Entretanto, vim... Vim de lá do... Tirada assim para o mundo de qualquer maneira... #00:02:56-4# (B4)

A minha mãe visitava-me de vez em quando... Também não tinha grandes posses para lá ir não era? Porque as viagens de comboio não deveriam ser, na altura, muito caras, mas ela não tinha posses, não é... Porque, pronto... Iam lá de vez em quando... De vez em quando... Estava lá um bocadinho... Também não a deixavam estar muito tempo. Porque era assim... Como a minha mãe não era casada com aquele senhor as freiras entendiam



que não tinha entrada lá, porque vivia em pecado, e não sei quê... Era aquela conceção de... #00:03:23-1# Nunca chegou a casar com ele. Viveu... Viveu muitos anos com ele mas nunca casou. Era companheira dele, pronto, como se fossem casados... Mas como eles viviam, segundo elas falavam, em pecado porque não eram casados... Não entravam lá dentro. Mesmo quando me iam ver era sempre à entrada da porta, estavam lá um bocadinho, e iam-se logo embora. #00:03:43-9# (B4)

Pronto. Foi uma educação muito severa... Muito severa... Aquilo era... Eram as pequeninas, eram as médias, as grandes... Eles dividiam por idades. Mas eram muito... Muito severas mesmo comigo... Muito rígidas. #00:04:21-1# (B4)

Na minha infância, portanto, como eu estive lá nas freiras... A minha ideia ia sempre para os meus irmãos... Para o meu irmão... E para o outro que eu não sei... Pronto, também faleceu no... E era a minha mãe, pronto. E a minha avó... Gostava muito da minha avó. Mas pessoas, pronto... Que eu me lembrava delas, não é? Porque nunca mais tive contato com elas... Só aos 18 anos é que depois vi toda a gente... Porque eu nunca saí de lá, nunca me deixaram ir a casa. #00:11:12-5# (B4)

Eu... Eu até aos 15 anos também nunca... Nunca entendi muito bem porque é que fui para ali. A minha mãe tratava-nos bem... Não tínhamos assim muita fartura mas... Mas pronto... Íamos vivendo! Na altura, havia muita... As pessoas passavam mal, não é? Em relação agora... Havia muita... Mas eu não entendia bem porque é que tinha ido para ali. Não entendia bem... #00:11:38-9# (B4)

Depois era... Quando eu saí... Eu estava com medo de sair de lá porque não sabia o que é que ia encontrar cá fora... Pronto, aos 18 anos... #00:12:29-7# Era um ambiente muito fechado. Muito fechado. Muito retrógrado... Muito... Mesmo ali... E quando eu saí de lá, pronto, vinha toda encolhidinha... Não sabia, não é... Depois comecei... Pronto, comecei a conhecer pessoas... #00:12:43-4# (B4)

Depois estive até casar em casa da minha mãe. Estive dos 18 aos 22... Estive na casa da minha mãe. #00:13:00-8# Tive assim umas... Não... Não se portava bem, não (relação com padastro)... #00:13:04-9# Não se portava bem, não. Desde o assédio... A tudo... Era assim um homem muito calado e tudo... Mas tinha muitas razões de queixa... Ainda passei um mau bocado porque entretanto a minha mãe ainda teve outro filho... Que é meu afilhado... Tem quarenta e... É da idade da minha filha... E... E enquanto ela esteve na maternidade ele portou-se muito mal... Depois ele... A pessoa com quem eu desabafei

foi com a minha mãe... E ela não acreditou em mim e fez-me a vida negra... E, nessa altura, o primeiro namorado que me apareceu foi aquele com quem eu fui logo... E casei, pronto. #00:13:37-1# (B4)

Queria sair... Era... Era! Queria sair dali. Daquele ambiente... Pronto. Hoje estou bem com a minha mãe... E pronto. As coisas já foram faladas... Ele também já faleceu... Mas... Pronto, foi assim tudo muito atirado para a frente. #00:13:52-6# Ele trabalhava numa serração ali, também, naqueles lados... Ali para [local], também. #00:13:58-2# (B4)

Nada. Nem sabia ler, nem nada (padrasto)... A minha mãe tem a quarta classe... #00:14:04-0# A minha mãe sempre foi doméstica, sempre. #00:14:11-0# Fazia assim umas horitas em restaurante de pessoas amigas... E ajudava... E não sei quê... Mas nunca teve contratos nenhuns com ninguém, não... #00:14:16-8# (B4)

Eu, na altura, lá, era feliz. Mas tinha sempre aquela falta da minha mãe. Eu tinha aquela... Elas não davam mimos a ninguém! Nem beijos! Nem abraços! Não havia lá nada disso nas freiras. E eu, hoje, penso que perdi a minha infância, ali, fechada... Perdi muito. Perdi. Tínhamos a escola lá dentro. Era tudo ali dentro. Ia lá uma professora dar aulas... Só saíamos de lá quando era para fazer o exame da quarta classe é que saíamos para ir à escola, cá fora, pronto. Mais nunca saíamos... Não saímos de lá. #00:15:25-0# (B4)

Trabalhar e ter algum dinheirito meu (expectativas quando saiu do colégio). Porque eu não sabia o que era ter dinheiro, não é? #00:15:34-4# (B4)

Nada. Nada fácil (percurso de vida). Nada. E depois... Episódios lá no asilo de infância desvalida... Que eu nunca me esqueço. Eu tive episódios horríveis, horríveis, horríveis... #00:50:30-2# Sou (uma pessoa otimista). Sou porque já passei isso tudo. E ultrapassei... Portanto, se ultrapassei isso... #00:53:57-8# [...] Mas revoltada. Mas revoltada. Fui sempre muito revoltada com tudo... Mas nunca... Nunca levei a minha revolta para a parte do desânimo está a perceber? #00:56:04-0# (B4)

Foram mais quatro (do 2º relacionamento da mãe)... O que morreu, o Rui. É o João que tem ali o restaurante ali ao pé da [local]. É a minha irmã que é assistente dentária... E o mais novo trabalha numa empresa também... Tira... Nesses camiões que andam para fora, pronto. #01:05:42-0# E. Socorre-se deles em alguma altura? #01:05:45-8# Não. Porque eles... Olhe todos... Só ali o meu irmão... Não... Não gosto muito de... #01:05:52-6# Não, podia! Podia... Não, não... Sim. Podia contar com eles, podia. Se me acontecesse alguma coisa... #01:05:58-0# (B4)

A minha mãe... Era cozinheira... Fazia eventos de casamentos e a cozinhar para os casamentos... E tenho uma irmã que trabalha na... Na [nome da empresa] em [local]... Aquela fábrica de cerâmica, de azulejos e mosaicos... Em [local]. Aquilo lá em [local], lá para lá... Para o fundo de [local]. Trabalha lá... Pronto. #00:01:44-2# Só tive uma irmã. #00:01:46-5# Ano e meio. É ano e meio mais velha do que eu. Vai fazer 62 agora... E eu fiz agora 60. #00:01:57-9# (B5)

Não (os pais nunca estudaram)... Nunca! Antigamente não era obrigatório estudar, não é? Só estudava quem tinha cabeça...A minha irmã fez a quarta classe. Fez... A minha irmã... As cachopas são mais inteligentes (risos). #00:03:29-7# (B5)

É assim eu não tenho irmãos, só tenho irmãs. Opa, eu venho de uma família humilde... O meu pai... A minha mãe foi para a escola já com 50 anos. Tirou... Ainda aprendeu a ler e a escrever, no lugar de contar pelos dedos, e contar por feijões. O meu pai era ferroviário, tirou a quarta classe também nos adultos, portanto, à data que foi... E eu sou o mais novo numa família de cinco irmãs... Que duas, entretanto, morreram antes de eu nascer. Ah... Uma infelizmente já faleceu também há meia dúzia de anos... (B6)

Era que eu fosse o mais longe possível e que fosse mais longe do que aquilo que eles foram (expectativas familiares)... E deram-me... Deram-me essa oportunidade, não é? (B6)

O meu pai... Trabalhava com o pai dele que era agricultor e à noite ia para a escola da noite. Na altura, quem quisesse ir, ia. E ele foi e acabou por tirar... Fazer o exame da 4.<sup>a</sup> classe na Escola da Noite. Isto numa altura de... Dos seus 20 anos. Entretanto, porque para vir para a CP era preciso também saber ler e escrever, se não, era para aí pica, não é? Portanto, ele fez a 4.<sup>a</sup> classe na Escola da Noite. A minha mãe foi aí por volta dos 50 anos é que ela foi. Também houve a oportunidade das pessoas aprenderem a ler e a escrever e ela foi. Incentivada também pela família... #00:10:42-2# (B6)

E as minhas irmãs não puderam porque era assim... O meu pai e a minha mãe não tinham condições de as... E, na altura, era complicado uma rapariga... Olhe, isto em 1950/1960 uma rapariga vir estudar para Coimbra, porque era o único sítio onde havia escola... #00:11:11-5# Era complicado... Uma rapariga vir, na altura, aquilo tinha de ser... Ir virgemzinha até...[...] Epá, era aquilo que existia na altura, portanto... Tanto que o nosso... Que era um tempo em que... Não era implementado nem era apoiada o estudo das mulheres. Portanto, quanto menos... Quanto mais brutos a gente fosse melhor, não era...

Portanto, era esta política... Portanto, enquanto, os rapazes era indiferente, as raparigas não. E, portanto, as minhas irmãs foram... A escola delas foi a mondar arroz... A pôr arroz... (B6)

Fizeram só a 4.<sup>a</sup> classe. Fizeram todas a 4.<sup>a</sup> classe. #00:12:28-6# Ia tudo para a costura... Ia tudo para a costura... Ia para a monta no [local] e depois iam para a costura... Bordados e coisas assim-assado... Opa, e a ideia era empregarem-se ou eram domésticas, não é? Como todas as mulheres eram na altura... Ou empregavam-se... Portanto, as duas mais... A mais velha ficou sempre doméstica, portanto... O marido também era ferroviário... As outras bordaram... Todas elas bordaram. Bordavam e... E, entretanto, seguiram por caminhos diferentes. As duas mais... Mais velhas que eu, a seguir a mim... Portanto, uma delas estava na escola, era auxiliar de educação e a outra epá era... Fazia limpeza lá em cima na Escola de... De Educação... (B6)

Era. Era difícil mas para mim não era muito difícil (condições de vida). Até porque vamos ver uma coisa... Eu numa... Numa família onde eu era só rapaz... E era o mais novo... Eu era um bocadinho... Epá, o menino nas mãos das bruxas, pronto, chamemos-lhe assim. #00:14:38-0# (B6)

Eu, pessoalmente... Eu acho que as minhas irmãs passaram mais... Fome nunca passámos... Porquê? Porque o meu pai além de ser ferroviário tinha as suas... Tinha os seus bocados de terra e cultivava e depois... [...] E, portanto, a gente nunca tinha... Nunca tivemos dificuldade. [...]É assim: eu não passei fome. Eu nunca passei fome. Se passei fome foi porque não quis comer, pronto. Mas não, não... Eu nunca... E a minha família também não. Tínhamos sempre presunto, tínhamos sempre chouriças, tínhamos sempre isto, tínhamos sempre aquilo. E quando não havia tínhamos condições para ir à loja comprar bacalhau e comer bacalhau. (B6)

Um privilegiado porque também viram, nomeadamente, aquela professora [nome da professora] que viu que eu tinha condições e capacidades para... Para ir mais para diante. Como a outra professora de matemática. Eu cheguei a vir viver aqui para casa da minha professora de matemática, que queria que eu no 4.º ano fizesse a admissão ao Instituto Industrial. "Sim. Tens capacidades para andar para diante." Porque eu fazia um exame de... Um ponto de matemática eu fazia em... Entre 15 minutos, 18 minutos. E.. Pronto. Eu nunca tive... A matemática tive sempre notas espetaculares. (B6)

Era, era, era, era! Desde cedo era observador. E depois tivemos um médico em [local] que é o Doutor [nome próprio] que era um homem que, na altura, pertencia ao MDPCDE. E era médico e a PIDE fez... Não permitia que ele andasse de carro, portanto, proibiram-no de andar de carro. Ele ia conduzido pela mulher. Era um homem... E eu cheguei de noite a ver... E eles a distribuírem comunicados por vários... Às duas e três da manhã... E eu também já ia para ver como é que aquilo funcionava... Pronto! Já era um bocado... Sem ser! Já era um bocado ativista. E, portanto, estas coisas foram-me dando consciência de que havia... Quer dizer, e quando a gente começa a ver... #00:38:46-2# [...]

E depois quando vim para Coimbra eu andava aí na luta dos estudantes, também. Sem ser... Sem ser... Que a Escola [nome da escola] não tinha... Mas eu andava aí também na... Quando foi em 1969 que o cabeça da bola veio aí a Coimbra... E que o Alberto Martins que era Presidente da Associação Académica, na altura... Eu também estava nesse... Nesses ajuntamentos. Também ia... Também ia nessas coisas, não é? A própria luta estudantil acabou por me embrulhar... E, portanto, eu já andava quando foi... 69 Estava na secção preparatória para Instituto Industrial, portanto, estava... E, portanto, andava já aí nesse tipo de... (B6)

## **Código 2: Educação/Formação**

### Extratos

“Aos quinze anos trabalhava e estudava ao mesmo tempo.” #00:18:50-2# (A1)

“Eu considero-me uma pessoa culta. Não tenho um curso superior... Mas não é preciso ter um curso superior para sermos cultos.” (A1)

“Quanto ao percurso escolar, até aos quinze anos estudei até essa fase, oitavo, nono ano. Após essa fase, já numa fase muito mais avançada, fiz o... Tenho o secundário. Tenho o secundário! Para além disso, tenho outras formações... Tenho o curso de formador. Tenho várias formações técnicas, ...” (A1)

“Gosto, gosto, gosto (de estudar). Apesar de... Por incrível que pareça, e isto não é querer ser orgulhoso de mais, mas a maior parte das coisas que eu sei aprendi comigo. Fui eu próprio. Portanto eu sou muito autodidata. Muito mesmo! Quando eu quero muito uma coisa...” #00:26:51-5# (A1)

“Eu consegui felizmente dar ao meu filho aquilo que eu nunca tive. E ele, costumo dizer, e digo a ele também, costumo repeti-lo, isto é uma frase minha, não é uma frase feita: "O meu filho é aquilo que eu gostaria de ter sido e não fui". Portanto, acho que

está tudo explicado. Portanto, eu não tive o acesso aquilo que ele teve, hoje.” #00:14:49-5# (A1)

“A minha mãe com a terceira classe tinha o vício dos livros e eu herdei esse vício. E então já naquele tempo, aos dezoito anos, eu tinha lido a obra toda do Campos Júnior. Antônio Campo Júnior. [...] #00:06:49-6# (A2)

Eu fiz o exame com onze anos e... E fiz. Não fui estudar mais porque... Posso-lhe dizer que era eu e outro... Dois melhores alunos da quarta classe. O meu colega fez admissão às escolas comerciais, foi (...) e eu não fiz. Porque prometeram-me oferecer emprego e a minha mãe aproveitou. (A2)

Na altura dos vinte anos. Li Maksim Gor'kji que marcou bastante o pensamento... [...] Nós dantes não tínhamos acesso às bibliotecas... Nem aquelas itinerantes da Gulbenkian. Era difícil... [...] E num desses... Que depois a minha mãe e as minhas tias me emprestavam havia um mecânico de aviões... Um engenheiro de aviões. Eu disse: "É isto que eu vou ser! Vou ser engenheiro de aviões!" (A2)

Eu entrei para a Faculdade depois com... Com... Com os exames *ad hoc*. [...] Eu licenciiei-me em Psicologia, já tarde, há vinte anos, portanto... Eu tenho sessenta e quatro... Eu tinha trinta e dois, mais ou menos, ou trinta e três... Trinta e cinco, talvez, quando acabei o curso. (A2)

Estudava sozinho. E depois propunha-me a exames... Outra das particularidades é ter sido... Como é que se diz? Autodidata, pronto. Não havia dinheiro... Mas havia uma coisa que cria uma certa endurance para o estudo que foi a Escola da Amizade. [...] Foi aí que eu... Que estudei. #00:19:53-5# À noite. E foi assim que nós depois chegávamos ao fim do ano... À altura dos exames e propúnhamo-nos a exames... E foi assim que eu fiz o primeiro ciclo, foi o primeiro e o segundo ano. Hoje quinto e sexto, exatamente. Hoje quinto e sexto... #00:20:32-2# (A2)

Ele (o patrão) obrigou-me (a estudar), pois... Ele obrigou-me, sim. Ah... Na verdade e por força da leitura eu nunca fui uma pessoa desinteressada, digamos assim, das coisas que me rodeavam... Gostava muito... Gostava muito de ilusionismo, de hipnotismo... [...] (A2)

Entretanto, como eu fui voluntário para a tropa e o primeiro... O primeiro ciclo já valeu porque eu não podia entrar na Força Área sem essa habilitação... Ah, eu parei... Parei mas fiz aquele curso... Os nossos cursos na Ota... Na base aérea da Ota eram cursos

que duravam um ano. E quem chumbasse... Um ano... Um ano inteiro. Um ano mas não era um ano letivo... Eram doze meses de curso, mesmo. E quando... Porque os anos letivos vão de setembro... É menos, pronto. E... E quem chumbasse vinha para o Exército sem aquele (...) e perdia-se aquele tempo. #00:02:39-7# (A2)

A recruta são os três meses de preparação física e depois era uma formação acadêmica, para se ser mecânico de avião, onde nós estudávamos coisas... Naquele tempo tive lá moral, tive lá inglês, tive uma coisa que só se dava nas... Hoje dá-se na Universidade... Na altura, tínhamos nos Institutos aerodinâmica para saber como é que os aviões voam e como é que... Aquela coisa da explicação deles. Ah... Eletricidade, eletromecânica, muita coisa. Muita disciplina. E eu tive de me dedicar a isso se não corria o risco de... De voltar recambiado para o Exército. E deixei... Deixei, digamos, o estudo civil deixei... Parei com ele... Até acabar o curso e me estabilizar dentro da força área e ir para Moçambique. Em Moçambique também de uma forma autodidata voltei a retomar e então já ia para o segundo ciclo que era... Equivalia... O segundo ciclo era... Nós fazíamos exames de três anos... Era... Portanto, eu tinha o primeiro e o segundo de liceu, depois era o terceiro, quarto e quinto que equivalia depois ao sexto, sétimo, oitavo e nono. De hoje, não é? Estudávamos e fazíamos exames e... E eramos ou não eramos aprovados, pronto. Eu tenho diplomas que... Que trouxe de Moçambique de disciplinas que fui fazendo lá. Eu fiz... Fiz física e química sem ter um professor, sem ter uma explicação, só a ler. Obviamente que física eu respondi a tudo, a química só respondi a duas questões teóricas porque a prática não sabia... Não fazia ideia. Portanto, e foi assim que eu fui fazendo até sair da tropa em 74. Depois com os namoros e coisas voltei a ficar parado. Entretanto, fiquei... Pronto, abandonei um bocadito os estudos. Ia fazendo hoje uma disciplina, amanhã, não sei quando outra... #00:04:53-0# (A2)

Passei realmente a trabalhar nesse serviço diretamente com o sargento e com o comandante da base. O que me permitiu ter alguma liberdade para andar por lá. E também fazer alguns exames em paralelo com o próprio serviço. O liceu perto da Anaia, na cidade da Beira, onde o Zeca Afonso deu... Deu aulas. Quando ele foi ter de ensinar... Quando correram com ele daqui.

Sim. Mesmo em frente à esquadra! Nós vamos para cima na Sá da Bandeira, à esquerda está a esquadra, à direita há uma dependência que era a Biblioteca Municipal. Pois, eu todos... Todos os dias depois de almoço ia para aí ler. Obviamente, aí lia livros

aos quadradinhos, não era? Nesse tempo... Mais... Mais interesses... Houve um interesse grande... (A2)

Eu antes de entrar para a Faculdade... Eu fiz três vezes a admissão à Faculdade pelos maiores de 23. E fazia sempre a inscrição na Faculdade de Medicina... Isto tem outra raiz... Eu tenho outras raízes... Como eu lhe disse dos onze aos catorze andava a entregar as amostras aos médicos... E a minha primeira ligação profissional foi de facto à área da saúde através disso. E como eu sempre também gostei muito das coisas ligadas à... Como é que eu hei-de chamar a isto... Obscurantismo... Não sei dizer, neste momento, não sei dizer outro nome... Mas onde estava o ilusionismo, às coisas difíceis de explicar... Onde estava o ilusionismo, o hipnotismo, e... E outras coisas ligadas. E então eu nessa altura quando andava a entregar as amostras aos médicos... Isto parece mórbido mas é... Mas é verdade... Eu procurava na Faculdade de Medicina as salas de anatomia para procurar... A ver cadáveres e vê-los abertos... Ver se descobria alguma coisa... Então andava sempre a espreitar, a ver... A abrir as portas e a espreitar. E ficou-me desse tempo esta ligação... E para fazer o... Isto para dizer que quando eu pensei entrar para o ensino superior, as minhas primeiras tentativas foi para medicina. Eu queria entrar para a Faculdade de Medicina. Nessa procura de portas e de coisas... Na morgue antiga... Eu andava sempre à procura da porta da morgue... Eu fui uma vez descobrir um latão... Os corpos antes eram transportados em latões numa carreta, num... Eu estou-lhe a falar há sessenta anos atrás... Cinquenta... Cinquenta. Eu tinha entre os onze e os catorze... Eu tenho sessenta e quatro, há cinquenta anos. ... #00:25:45-6# (A2)

Eu concorri três vezes ao ensino superior para entrar na Faculdade de Medicina. Só que... A português para mim aquilo era muito fácil porque tinha conhecimentos suficientes que me permitiam... Quer ao nível da interpretação, da exposição... (...) coisas que eu fazia nunca tive dificuldade. Mas para fazer as provas específicas para entrar eu precisava de saber muita biologia... E também não tinha, também não era problema para mim... Porque em psicologia também tive que a fazer... Mas também precisava de fazer física e química... Se a física não era problema, a química era... Porque eu química nunca consegui química. E então nunca fui às provas específicas para a medicina. #00:27:29-1# (A2)

E depois o curso... O curso também não era... Eu para fazer o curso também não era muito compatível com o trabalho. Eu teria de ter um suporte financeiro que não tinha



para... Para fazer o curso. E então... "Eu também não posso ficar emperrado nisto!" Pensei eu. E virei-me para a Psicologia para procurar fazer a clínica... Um ramo... Um ramo próximo, pronto. A Psicologia Clínica... E... E aí já não tive problemas nenhuns... A Biologia e as provas que me pediam para fazer não era... Não eram impossíveis... E não eram que fiz, não é? E fiz... Só não fui para a clínica porque se punha o mesmo problema dos estágios... Como é que eu vou fazer o estágio se eu não posso ficar sem emprego? E então virei para uma coisa que estivesse mais dentro das minhas possibilidades que foi a área da orientação escolar e profissional. E foi isso que eu fiz... A área... Combinei com os meus patrões para ir X horas às escolas fazer um estágio... Tornei-me num escravo no trabalho, porque o patrão disse: "Sim, senhor! Tu podes fazê-lo mas o teu trabalho não pode ficar atrasado!" E então eu tive que trabalhar sábados, domingos, fora de horas, etc. para ter que... Não lhe dar... E fiz orientação escolar e profissional que tem intervenção ao nível do 9.º ano. #00:29:05-2# (A2)

Eu utilizei o estatuto de trabalhador-estudante e pronto... E o palavreado era o mesmo: "Tu vais... Não podes é ter o teu trabalho atrasado!" Devo favores a alguns colegas que, na altura, me ajudarão e tal... Mas de resto... #00:29:31-1# (A2)

Apontamentos na escola... Portanto, na Faculdade... E no próprio trabalho, um ou outro, que nas faltas mais coisas lá estavam a... A dar apoio... O chamado apoio... #00:29:48-3# (A2)

Eu tenho a quarta classe... Só andei até à quarta e depois naquela altura era trabalhar... #00:11:01-9#. Isto às vezes o que nos faz é... As pancadas que a gente vai levando da vida é que nos faz acordar... É que nos faz abrir os olhos... Houve uma altura, pronto... A família era um bocado numerosa não havia condições também para se estudar. Antigamente era assim... Estudavam aqueles que tinham uma vida mais ou menos... Ou que havia um... Pronto... Tinha ordenados mais... Mais compatíveis com os métodos de vida ou então muita malta ficava. #00:31:19-9# (A3)

Na altura... Na altura até gostava de ter ido mais longe... Agora hoje já não... Já não estou para aí virado. Ainda vejo pessoas às vezes de noite... A gente chega ao fim do dia às vezes já fartos de trabalhar... Quero andar agora a matar a cabeça para quê? Isso agora é para os... Para os mais novos... É que têm de tentar o par... Fazer alguma coisa que é o que eu dou de conselho aos meus... É que... Hoje têm uma possibilidade que eu não tive e que tentem estudar o máximo possível. #00:31:54-2# (A3)

Acho que sim (se acha importante estudar). Acho que sim porque é assim... Se não conseguirem através da formação que tiverem de trabalho, epá... Noutras áreas, no duro como nós trabalhávamos aparece sempre, não é? Têm que se sujeitar... Se não há num lado, há noutro. A gente vê pessoas formadas nas caixas dos hipermercados, nos Continentes e assim... Ou em bombas de gasolina que já tem dado na televisão... Às vezes até em Espanha, engenheiros ou advogados, ou isto, ou aquilo... Então não têm colocação na área deles. Mas de um momento para o outro pode aparecer, e se eles não tiverem essa formação estão sempre nas bombas de gasolina, ou sempre nas caixas do hipermercado. Mas se tiverem algo mais podem ir mais longe... Hoje não dá mas amanhã pode dar. É a perspetiva da vida é essa... É que isto... Mude. #00:32:46-0# (A3)

É mais uma oportunidade. É... E mais uma sabedoria, não é? Porque ficam sempre com outros conhecimentos que nós não temos, não é? Estudando... Ficam sempre com outros conhecimentos que nós não temos. #00:32:59-6# (A3)

Tiram gestão mas não lhes vale nada... O que é que interessa ter um curso de gestão se nunca trabalhei na vida? Não sei como é que é o meio à minha volta... #01:59:01-2# (A3)

A experiência... A experiência própria... A experiência própria da pessoa a trabalhar valoriza muito mais... Do que às vezes um curso... E eu às vezes tenho dado esse exemplo a algumas pessoas: "O que é que me interessa eu formar-se em engenheiro..." Como as pessoas em bruto costumam dizer... Quem trabalha costuma dizer: "Engenheiro no papel se depois não sei fazer!" Sei na teoria e é assim mas na prática não sei... Eu acho que qualquer engenheiro havia de ter... Logo desde princípio... Logo desde princípio quando estão a tirar a sua formação... Que haviam ter aulas de prática logo de princípio... Um engenheiro da construção havia de andar com um balde de cimento nas mãos! Para saber dar o valor... E ir cortar um bocado de ferro... Ajudar a fazer os estribos... Não sei se sabe o que é... O estribo é aquela partezinha quadrada que faz a viga do ferro... Onde vai levar o outro ferro por dentro. Eu sei como é... Por lá passei... E o ferro aqui da minha casa fui eu que o fiz praticamente todo. Cheguei a mandar fazer... Talhei eu umas peças... [...] Isso é que é um engenheiro com qualificação... Que sabe mandar fazer mas também sabe executar. Se o mandarem executar ele sabe... Agora eu ir estar a mandar uma pessoa... Estou a mandar numa pessoa porque sou engenheiro... Vamos a ver se sabe mais do que eu... #02:01:35-3# (A3)

Eu saí da escola primária e fui logo para a fábrica... Foi a minha escola... Mas não tinha intenções nenhuma de estudar... Eu também era burra como o caraças!  
#00:12:24-7# (A4)

Não (não gostava da escola). Não... Não porque a gente fomos criados sozinhos como os pardais... Os meus pais... E depois criámo-nos uns aos outros, não é? Quando chegou a altura de nós irmos ganhar para a casa, que antigamente era assim, eles procuravam um trabalho e a gente ia... (A4)

Aí já não estava... Já estava fora. Quando eu começo a estudar à noite já não estou em Almada e não tem nada a ver com aquilo que... Nessa estou... Entretanto, eu estou nesse café e ele diz: "Meu amigo! Tu se queres estudar à noite isso é luxo! É luxo! Portanto, se queres estudar à noite eu vou... Tu recebes X com este horário... Se quiseres estudar à noite aí já tenho que te dar o horário da noite para ires estudar... Recebes pouco!" Foi aí que eu fiquei com dificuldades em pagar o quarto, portanto, a dormida e a alimentação. E então passei esse... Esse sofrimento de um ano, não é? A comer salsichas e ao fim-de-semana só a comer a comida quente. Mas, portanto, esta mais uma experiência de vida triste... Portanto, para andar a estudar eu não podia... Não podia... Não podia ter o salário que me desse para viver. Mas tenho outro... Quando venho de lá para Coimbra vou trabalhar para a Cerâmica de Souselas... E peço ao patrão... Como eu sabia que o salário que era pequenino e não dava para comprar uma motorizada nova para eu me deslocar, naquele tempo não havia transportes como há agora... De Souselas para a (20:43) que funcionava no Estádio Municipal à noite... Eu pedi para comprar uma motorizada em segunda mão que, naquele tempo, custaria qualquer coisa como três contos... Ah... Três contos uma motorizada... E uma nova custava sete, oito contos. Ou seja, a pagar prestações naquele tempo, em 72, 73 era muito dinheiro. Asfixiava-me totalmente. Pronto... Fui ter com o patrão na altura para lhe pedir quinhentos escudos para a ajuda de comprar... Quinhentos escudos... A motorizada custava à volta de quinhentos escudos... Isso é que era... Uma nova custava sete, oito contos... Ah... Entretanto, fui-lhe pedir quinhentos... Sim! Fui-lhe pedir os quinhentos... Os quinhentos... Os quinhentos escudos para comprar a motorizada e então diz-me que não empresta... Ele diz que não empresta porque eu precisava era de trabalhar e não era estudar. E o patrão tem esta atitude em 72, 73... Igual à que eu tive em Lisboa. #00:21:56-4# Eu assim: "Linda vida!" Em de Lisboa pagavam-me... Passaram-me a pagar menos dinheiro porque eu não fazia o horário que ele queria...

Aqui quero estudar não me empresta o dinheiro porque eu preciso é de trabalhar e não é estudar, ou seja, eu não posso ter conhecimentos porque sou pobre. (22:17) (A5)

Para adquirir conhecimentos (porque estudar era tao importante para si?). É claro que eu sentia necessidade porque é assim... Eu sempre lutei por conhecer... Por saber porque é que... #00:24:31-9# Ah... Como um meio de melhorar... De valorizar a minha vida, inclusivamente, dentro da fábrica como já se apercebeu eu sempre tive jeito para escrever... (A5)

E assim comecei a melhorar e depois comecei a exigir de mim próprio mais conhecimentos... E, pronto, e depois até que pronto... Depois também houve regularmente um interregno que me levou para o sindicalismo... Aquela... A necessidade de estar todos os dias no terreno aqui em Coimbra e por esse país abaixo... Levei a que realmente eu não pensasse... Não conseguia ir para a escola, não é? Não tinha tempo de ir para a escola... Então aí a razão de eu estar desde 77, 78 sem escola... Até... Até 2000. Porque depois vou para o sindicalismo... Saio da fábrica vou para a autarquia, não é? Já com estes conhecimentos todos... Vou para autarquia... Aí exibo o meu trabalho e então em 2002 começa a acontecer uma coisa engraçada... Quando eu aparecia nalgumas instituições começaram-me a pôr em causa porque eu não tinha formação académica, não é? Ou pelo menos não tinha estudos suficientes para às vezes poder mexer em algumas coisas... #00:26:34-2# Estava na Junta de Freguesia, era o Presidente da Junta, não é? Pronto... Então as pessoas achavam muito estranho como é que eu conseguia atingir alguns objetivos sem formação... Sem ter formação académica, não é? Que o cargo... #00:26:49-9# .. Depois começavam a pôr em causa realmente as habilitações, então eu meto-me a sério na escola e levo tudo direitinho por aí acima... Pronto. Mas pronto... Agora posso regressar atrás porque... Porque isto foi o exemplo que eu dei da paragem. Do interregno... Do interregno não é? Eu vi necessidade de estudar. #00:27:43-4# (A5)

Formações nunca fiz nenhuma. A única formação que eu... Que eu fiz foi formação sindical. Formação sindical... Muita! Ah... Depois mais tarde... Agora ainda não há muitos anos... Agora também a nível da Junta também cursos autárquicos, não é, também... #00:32:03-6# Exatamente. Sempre à legislação... Muito ligado à legislação... O que fazia muito era também formação dentro do partido... Em termos de tudo o que tinha a ver com a vida, não é? Formação partidária... Portanto que mexe com tudo o que é da vida. #00:32:17-6# (A5)

Sindicalismo... E não só... Autarquias... Portanto, o partido sempre formou os seus quadros. E como eu era um quadro que eles tinha algumas esperanças... Então eu tinha muita formação na área política. Muita mesmo! #00:32:30-7# (A5)

Entretanto, eu não fazia a pista de obstáculos mas valia-me na escrita... Então consegui ir para a Escola de Cabos. E, alguns, naquele tempo, com o sétimo ano, já! Foram... Ficaram... Não foram para a Escola de Cabos e eu fui. Entretanto... #00:39:03-9# (A5)

Eu não sou complexada com nada... Nunca fui. E apesar de eu no décimo... Foi essa a razão de eu deixar a escola... Apesar de eu no décimo ano ter engravidado e não foi nada bom. Não foi nada bom... No sentido... Foi muito bom! Mas quando eu me encontrei grávida... Não passa pela cabeça de ninguém o que é que é acontecer isso a uma miúda de quinze anos...(A6)

Eu sempre fui... Sempre tive boas notas... (A6)

Ainda andava na escola. Depois o que aconteceu foi que... E só andava na escola porque a minha mãe não podia saber... Porque eu sabia quando eu contasse eu ia sair da escola... Eu tinha decidido isso... Porque achava e tenho a certeza que não funcionava andar na escola e ter a bebé... E deixar a bebé... Não funcionava. Para mim não funciona. Eu tenho a certeza ainda hoje que foi o melhor que eu fiz porque a minha filha não era a mesma coisa se tivesse sido criada com a minha mãe ou... Com alguém... Ou com a minha sogra... Ou não sei com quem... Do que comigo, pronto. (A6)

Tinha tudo. Assim... Tudo neste sentido... Dentro do que havia naquela altura eu participava em tudo. Tipo festas da escola, associação de estudantes, jogar futebol, torneios de futebol... Era a que falava mais da turma... Dá para perceber! (risos) Mas eu era boa aluna. #00:31:35-4# (A6)

Custou. Custou. Custou-me muito (deixar a escola). (A6)

Eu pensei assim: "Bom isto não vai dar para as duas coisas..." Porque não dava. Eu continuo a achar que não dava... Aliás, às vezes, dá... Mas acho que não corre bem, pronto. Eu decidi que eu ia ter a bebé, pronto. Agora eu nunca... Eu nunca... Naquela altura eu tive logo a certeza: "Pronto... Aquele sonho de ser médica... Isso já não dá!" Eu achava que não dava... Porque também não era propriamente muito fácil, não é? Hoje não o é... Naquela altura era mais fácil... Em termos de notas e tudo... Não era preciso a média que é hoje, não é... Aquele peso... Mas, pronto. Aí... E tive muita, muita, muita pena de sair da

escola. Não vou dizer que não tive... Tive muita pena dos meus colegas... Tive muita pena do ambiente da escola... Da vida da escola... Tive muita, muita, muita pena da escola. Só que, simplesmente, eu tinha dois amores muito grandes... Que era a minha família e a escola e tinha de prescindir um... E aí entre os dois grandes um é muito maior. #00:32:46-7# (A6)

Era horário pós-laboral. Isto ainda se fazia o décimo segundo ano normal, à noite. Agora eu acho que já não há... Olhe que não sei se há da mesma... Não sei... Será que há? Aqui não há... Eu agora... Agora... Agora também já tenho... Mas, por exemplo, agora tinha disponibilidade outra vez... Porque já não tenho as meninas pequeninas, não é? Pronto... Mas depois não dava... Saía daqui... Eu saio daqui sempre tarde... Matriculei-me três anos... Cheguei a ter os apontamentos em casa e isso tudo... Depois deixei de me matricular porque... Nunca cheguei a fazer nada... Matriculava-me só. Não tinha tempo! Pensava sempre: "Ah eu tenho que ir! Eu tenho que fazer..." Não tinha tempo! Com todas as coisas que eu fazia não... Não dava. Depois surgiram as Novas Oportunidades e eu fui sempre contra. Absolutamente. E fiz... Mas sou contra! Só que repare como é que eu pensei... Porque é que fui, não é? Se sou contra... É um contrassenso. Fui porque eu vi... Pronto, calma lá... Isto vai toda a gente... Fui logo das primeiras fornadas... Vai toda a gente aproveitar. Toda a gente vai ficar com o décimo segundo ano e eu que até tenho capacidade e até já tenho meio caminho feito, vou ficar para trás. Vamos lá fazer... Lá fui e fiz aquilo num instantinho. Assim, pronto, fiquei com o décimo segundo ano. Mas acho aquilo... Sou contra porque... Eu sempre tentei inculir às minhas filhas mais do que... A nota é precisa! Mas mais do que a nota o importante é o que se aprende... A gente devemos querer aprender para saber... Para enriquecimento pessoal. #01:57:53-4# (A6)

Isso. O que interessa é a estatística... É dizer... Somos todos nós... Nós temos, neste momento, a taxa de décimo segundo muito mais elevada... Mas não quer dizer que saibamos mais do que sabíamos antes das Novas Oportunidades, porque a maioria não, pronto... #01:58:16-3# (A6)

De maneira que fiz a minha escola primária no Calhabé, na Ladeira dos Combatentes, a escola que lá havia. Não havia as anexas que há hoje ali no Magistério, ao pé do Magistério... Ao pé do... Hoje não é o Magistério, hoje é... A Escola Superior de Educação. Portanto, fiz aí os quatro anos mais algum que chumbei (risos) e depois... Porque nós não estudávamos só, nós tínhamos que trabalhar nas lidas dos pais e dessas

coisas... Como disse o meu pai trabalhava para um pedreiro e eu tinha que o ajudar depois de sair da escola. Não tinha o tempo todo para estudar e... E pronto. De maneira que depois fui para a Escola Brotero, fiz o curso industrial de eletricidade na Escola Brotero e aos dezoito anos fui para a força área como técnico... (B1)

Isso aí eram os grandes objetivos das pessoas quando iam tirar um curso. Era a parte de comércio ou dos liceus era para os bancos... E a parte das (...) era para a PT, para os CTT, que ainda antes era a Marconi... #00:08:19-4# (B1)

Nessa altura era... Era o normal. Porque nessa altura havia muito poucos licenciados. O máximo que havia era o sétimo ano de liceu e... E lá está quem ia fazer o sétimo ano ia... O sétimo hoje corresponde ao décimo primeiro... #00:12:02-5# (B1)

Ao quinto (até que escolaridade estudou). #00:12:04-6# (B1)

Sim. E era o que ia a maioria das pessoas... Na escola iam ao quinto depois haviam os cursos dos institutos... Fazia-se uma admissão ao Instituto e ia-se para o instituto... Portanto, era o que dava às escolas. Os (...) iam para contabilistas e os outros iam para engenheiros técnicos. O liceu... A maioria das pessoas que ficavam pelo quinto ano tinham empregos em bancos, fábricas na parte administrativa e outras coisas assim. Depois quem fazia o sétimo fazia a aptidão... Tinha que se fazer um exame de aptidão à Universidade mas era... Era uma parte muito restrita de pessoas que faziam essa aptidão... Que faziam o sétimo ano. Porque fazer o sétimo ano sem ter... Sem vir para a Universidade não valia a pena. Não faziam... O sétimo ano era mais para isso... Eram os estudos que havia, portanto, as saídas que haviam... #00:13:15-1#

Sim, sim... De eletricidade (especialidade que tirou na escola técnica). #00:13:19-5# (B1)

Não, foi... Nós era assim... Era escola primária, admissão... A admissão e a quarta classe eram no mesmo ano e depois eram dois anos de... De preparação, digamos, para os cursos... Ciclo preparatório, primeiro e segundo ano, e depois era a escolha para o comércio ou para a indústria. E, na indústria, havia várias vertentes... Eletricidade, serralheiro, sei lá! Carpinteiro, marceneiro... E eu escolhi a parte elétrica. #00:14:04-7# (B1)

Ah, sim. Quer dizer, depois quando... Quando na fábrica passei mais à parte de planeamento e assim de... De parte comercial... Depois alguém achou que eu tinha... Tinha

alguma queda para isso e puxaram-me, portanto, pronto... E depois fiz um curso até aqui na CGTP de iniciação aos computadores... #00:14:36-9# (B1)

Eu gostava de lá andar... Eu não gostava era da maneira como era tratado... Era tratado como um animal, não gostava. Porque nem todos nós somos super... Depois, de facto o meu sistema nervoso não... Não era assim tão calmo como isso que eu retivesse tudo o que o professor dizia. E os professores despachavam logo... Era logo... Era logo... Na violência. De maneira que isso ainda me... Era o pior sacrifício. Para mim, a escola era um sacrifício... Não é que eu não gostasse de estudar! Era um sacrifício... Um sacrifício... A primeira coisa que... Quando eu ia ao quadro fazer qualquer coisa... Era que ia levar porrada... De maneira que já... Podiam dizer o que dissessem que eu já nem os ouvia. Se você soubesse o que me fizeram uma vez... Isso... É que nunca mais me esqueço. Bateram-me como se tivessem numa luta de pugilismo... E eu tinha oito anos. Só porque eu não consegui... Ah, o que é que eu fiz? Foi... Ditaram-me um problema, a professora ditou o problema, mas como eu já ia a fazer aquilo mal... Ele vai por trás de mim e ia-me para me mandar um murro. #00:17:56-6# (B1)

Eu estava era à espera que ele fizesse isso mesmo... E o que eu fiz de instinto? Baixei-me. E ele bateu com a mão no quadro... Ficou tão indignado, agarrou-me aqui pelo pescoço, vergou-me para cima de uma carteira: "Tumba, tumba, tumba, tumba..." Até ficar com a cara toda negra. E ao meu pai não podia dizer... Porque o meu pai era intempestivo ia lá e podia partir aquilo tudo ou coisa parecida. E a minha mãe achou... "Epá! Tens que dizer que foi um colega teu, se não isto é uma desgraça!" Está a ver? E eu tive que dizer e depois ainda apanhei do meu pai. Depois a minha mãe outro dia foi lá e foi-lhe perguntar se de facto tinha sido ele que me tinha feito aquilo, como eu lhe disse: "Fui eu fui! E agora vá-se queixar onde quiser!" De maneira que eu perante isto... A escola tinha outro professor que para a gente não cair, isto já na quarta classe, para nós não cairmos para o lado e não batermos com a cabeça na parede, aproveitava para bater com as duas mãos. Era assim. Epá... Tinha as mãos compridas... Eu nunca mais me esqueço de tal coisa! De maneira que... E não foi. E depois já tinha esse sistema em casa... O meu pai era assim. Só contava com o apoio da minha avó, da minha mãe e da minha irmã. A minha irmã era mais velha também... Essa, também, às vezes, passava-me cá de ensinar e tal... Mas pronto. De maneira que... Eu não... Decididamente nunca gostei da escola, porque era na primeira, era na segunda, era na terceira, era na quarta... Nem que fosse o mesmo sistema era o



mesmo, pronto. Depois na Escola Brotero as coisas foram um bocado melhor mas... Ainda apareceu lá alguns a... Também ainda a baterem e... Ah... E depois sistemas de ensino horríveis, quer dizer, do género de sádicos. Sádicos mas é o professor ser sádico! O género... Já viu o que é uma pessoa ter um professor a cinco cadeiras e... E ele... O gozo dele era dar notas negativas... Ele fazer um problema... Os exercícios dele... Os testes dele eram um problema... Vinte perguntas. E as outras todas dependiam da primeira... Quem não acertasse a primeira tinha zero. E ele ria-se... Ria-se... Gozava... Está a ver? Isto... Onde de facto eu me senti mais gente foi na força aérea depois de sair da recruta, porque na recruta aquilo é... É duro. (B1)

Não tinha mais nada (outras atividades). Não tinha mais nada. Íamos... Não havia televisão... Íamos ao domingo ao café ver o Zorro, ainda me lembro (risos). Era... E nunca... Também... Banda desenhada também nunca li porque não tinha dinheiro para comprar livros... Esses nem me permitiam. Por isso, hoje também é uma coisa que me passa um bocado ao lado... Eu sei que existe e sei às vezes algumas coisas, mas pouco. #00:25:39-9# (B1)

Sim, sim. Aqueles livros de banda desenhada... Havia muitos colegas meus que davam a volta aos pais... Mas eu não tinha dinheiro na mão. Tinha uma loja onde ia... E só... E só havia ordem para me fornecer livros de escola, mais nada. De maneira que era tudo muito controlado e... E não... Por isso, era... Ao domingo, às vezes, quando a Académica jogava ver se conseguia que alguém me trouxesse para dentro... Os miúdos às vezes vinham uns com outros... Hoje sei que já nem é assim um bocado a (...)... Porque antes era assim: "Ah, leve-me para ver o jogo!" E a pessoa levava a gente... Era como se fosse filho ou assim. Era a única coisa... Mas não tínhamos mais nada. Mais nada. Era zero. Zero. #00:26:28-3# (B1)

Ah... Gostava... Gostava (de estudar). E pensava nisso... Ainda pensei tirar um curso à distância... Não deu resultado. Que era de mecânica de automóveis... Não, não, não consegui. #00:20:36-9# (B2)

... E, às vezes, as cartas... Tinha que ler para ele (avô)... E uma das tarefas... Uma das primeiras tarefas que eu tive para... E que já ganhava cinco tostõezitos ou dez... Era escrever as cartas para o meu avô quando comecei a saber escrever para... Para os filhos... Para os filhos que estavam em Aveiro, estavam em Coimbra, e tal... Correspondiam-se... Nem havia telefone lá na terra... Correspondiam-se todas as semanas com uma carta

(risos). Uma coisa que hoje já não é usual, não é? E eu... Pronto... E é importante que nós começámos a ter a noção que: "Epá! Nós não podemos..." Dizia a minha mãe e dizia o meu pai: "Olha... Estás a ver? Têm que estudar... Porque não pode ser assim como o avô que quer..." Quer dizer, se quisesse dizer alguma coisa ou um segredo... Não podia ter! Porque nós tínhamos que lhe ler a carta e escrever a carta... (B2)

Não foi esse o percurso que eu segui... Porque aí aprendia-se uma profissão no contexto de trabalho... Sem ser propriamente a escola... A escola deu o ensino primário... (B2)

Porque foi aos 12 anos e pronto... Eu não fui para aí, fui para a terra... A escola para mim não foi importante... Depois foi importante foi o que eu aprendi no contexto de trabalho... A minha formação feita no contexto de trabalho... Foi... Foi... E creio que muita gente, nessa altura, era assim. A formação era no contexto de trabalho... Vais trabalhar... Vais para ali dois ou três dias e depois comesas a fazer... E desta depois há uma máquina mais complicada... Depois vais para ali uma semana... E por ali fora! Sempre dentro do trabalho... Sempre a trabalhar e sempre dentro do contexto de trabalho... Mas eu tenho sessenta anos... Fiz 61 agora... Agora eu reconheço que não devia... Que hoje não é assim... Hoje a formação, a escola, as formações profissionais que se dão são importantíssimas e já nem pode ser de outra maneira... Nós não... Esta geração que saiu... Eu creio que já fui dos últimos desta geração... Que nasceu em 54 e alguns que nasceram em 60... Era ir para o trabalho e aprender no trabalho. (B2)

Depois (na altura em que ficou desempregado) andei na Escola Secundária da Lousã para fazer 6.º ano e a seguir as Novas Oportunidades... #02:35:23-9# (B2)

Eu estava a falar naquela parte que passei os 30 anos na Triunfo. Aí a escola não contribuiu nada para isso... Tenho que dizer que não contribuiu... Não tive formação nenhuma escolar... Essa foi no contexto de trabalho... Agora do desemprego, sim... Porque fui fazer o recorrente para fazer o 6.º ano e depois nas Novas Oportunidades o 9.º e o 12.º. Porque o recorrente foi na Lousã, na Escola Secundária... Agora até não tenho bem o nome presente... E o resto foi nas Novas Oportunidades aqui na Inovinter. O 9.º ano na Inovinter em Lisboa e o 12.º ano na Inovinter aqui em Coimbra. E esse aí sim... Se eu não tenho feito isso... Também não conseguia estar agora no trabalho em que estou. Isso não. Embora tarde... Depois dos 47 anos ainda serviu para alguma coisa... Ainda serviu... [...] Com as críticas todas que lia e via: "Oh! Do que é que isto me vai servir? Olha... É mais uma

satisfação pessoal... Ao menos vou a dizer que tenho o 9.º ano... E vou a dizer que tenho o 12.º" Mas tinha sempre uma esperança de que... Como andava neste meio... E como tinha de intervir em diversos locais... Isso servia-me não é? Mas depois digo... Está bem, pronto... E serviu... E foi importantíssimo! Depois dos 47 anos foi importantíssimo! (risos) Depois dos 47... 50. 50... Porque entretanto passei por aquele período no desemprego. Foi importantíssimo. Até... Até mesmo naquele tempo do... Do recibo-verde e andar aí na divulgação... Já tinha feito a maneira de se falar e de estar... E de compreender, etc., embora isso já fosse uma formação que me acompanhava ao longo da vida... Também aperfeiçoei e refinei. Já era quase um vendedor... (risos). Era... Era. #02:38:37-3# (B2)

Pronto, depois saí da escola primária fui trabalhar... Eu ainda estive para... Para estudar para padre mas depois não havia dinheiro para isso. Ah, pronto, e... E fui trabalhar. #00:01:41-2# Porque eu andei muitos anos na catequese e fui catequista e tal... Pronto. E gostava... Pronto. Mas depois como não havia dinheiro para estudar, pronto. Acabei por ir trabalhar... (B3)

Não. Foi como eu... Foi como eu estou a dizer, pronto. Eu como andava na catequese e depois andei lá a ensinar os miúdos na catequese... Todos os domingos ia à missa, não falhava, era... Pronto. E tinha gosto! Pronto! Depois... #00:25:32-4# (B3)

Ah, os meus pais nunca se importaram... Só porque... Lá está... Não tinham era posses para isso. #00:25:45-8# (B3)

Ao princípio não fui lá muito bom, não. Mas depois como comecei a engrenar naquilo... Pronto. Eu até tive uma altura, na terceira e na quarta classe, que eu é que ia para o quadro dar explicações aos meus colegas... Pelo menos na área das Ciências e História. #00:26:13-4# (B3)

Nessa área era... Na História e Ciências era... Era um ás. #00:26:21-2# (B3)

Ah! Na altura, claro! Na altura, claro, um gajo tem sempre pena (de deixar a escola), não é... #00:26:26-0# (B3)

Nunca foi coisa que enfiasse mesmo na cabeça que tinha de ir estudar mesmo! Já sabia que haviam dificuldades, não é? Éramos muitos... #00:26:37-5# (B3)

Uma vez lá... Uma vez a professora lá na escola é que procurou a todos os alunos o que é que queriam ser no futuro... Uns carpinteiros, outros pedreiros, outros bate-chapas, outros mecânicos, outros pintores e tal... Tal... Tal... Entretanto chegou a minha vez, perguntou-me: "Então e tu Cláudio? O que é que gostarias de ser?" E eu disse-lhe: "Olhe!

Se eu tivesse hipótese era padre." (risos) Pronto. Não tive essa hipótese... Ainda aqui estou (risos). #00:27:15-1# (B3)

Eu estudei até à quarta classe, só. #00:04:44-9# (B4)

Depois fui trabalhar... Aprendi a bordar... Aprendi dactilografia (no colégio de freiras). #00:05:08-8# Lá no colégio. Tirei um curso de dactilografia, tirei um curso de corte e costura por correspondência... Que era a Escola de Corte Look que era francês... Ah, e pronto, aprendi assim umas coisas e pronto.

Aprendi lá, também. Tirei o diploma de... Tirei o diploma de corte e costura. Era. #00:16:10-0# (B4)

Tinha estado na escola (antes de ir para o colégio). Tinha, tinha. Quando fui para lá ia na segunda classe... Eu já fiz a quarta classe lá... #00:17:50-7# Mais tarde, pronto. Porque também não ia à escola aqui muita vez... A minha mãe depois ficou sozinha e o meu pai foi para Lisboa, para lá, para o sanatório... #00:17:59-3# (B4)

Ajudava com os meus irmãos... A minha mãe ia fazer assim umas limpezazitas e eu ficava em casa com os meus irmãos, pronto. E a escola, às vezes, ficava para trás, não é? Fiquei mal duas vezes... Na primeira... Porque eu não ia... Não... Depois lá (no colégio de freiras) é que eu fiz tudo seguido, depois. Fiz tudo seguido. #00:18:12-9# (B4)

Era uma professora de fora que ia lá dar aulas... Lá mesmo dentro... E gostava, pronto. Não tinha mais nada para... #00:18:26-1# (B4)

Gostava de ter estudado... Gostava muito... Não sei se seria uma grande... Também não sei o que é que queria ser... Mas gostava de ter estudado mais... Ainda andei um tempo... Ainda andei com essa ideia mas depois também, pronto... Tudo fica caro e o tempo também não dava. Ainda andei com a ideia de ir para a frente. Gostava de ter estudado. Mas pronto... A vida proporcionou-se assim. E agora penso com 67 anos que já... Há muitas coisas que já não vale a pena. Não é que desista da vida, não é... Das coisas... Mas acho que há coisas que... Por exemplo, agora ir estudar... Às vezes... Ainda no outro dia estava um senhor na televisão a dizer... Que andava... Um senhor com setenta e tal anos que andava na Universidade... #00:57:20-0# Mesmo na Universidade! Mesmo a tirar... A tirar... Eu acho que era Economia que ele estava a fazer... Eu penso assim... Eu dou valor à pessoa... Só que eu acho que a pessoa que... Que não vale a pena estar a estudar... Para quê? Eu acho que quando uma pessoa tira um curso, como a Joana, ou assim... Tem um objetivo na vida, não é? Mas tem... Se está a estudar... A tirar um curso...

Tem um além... O saber mais também implica, depois, para a vida... Para um emprego... Para isto e para aquilo... Não era? Mas pronto... E eu não! Eu sei que a minha vida que... Para melhor em questão de emprego já não tenho hipóteses, não é? Saber mais? Também leio! Olhe... Vou lendo! Pronto. A gente a ler também aprender... #00:58:16-5# (B4)

Quem não tinha cabeça ia trabalhar... Que foi o meu caso, não é? Que eu só estudei até à terceira classe... Ainda não tinha 12 anos os meus pais tiraram-me da escola. #00:02:15-7# (B5)

Eu não gostava... Não gostava (de andar na escola). #00:02:20-2# (B5)

Eu cheguei a tirar a quarta classe nos adultos. Mas no salão... Onde é a creche hoje da ribeira. Era um salão paroquial. E eu tive aí um grupo... Fui responsável por um grupo que era o grupo de jovens das Andorinhas. Ham... Tínhamos um grupo... Fazíamos tudo! Fazíamos jornalismo! Fazíamos preparação física, ginástica, atletismo... #00:57:12-6# (B5)

Os jovens que lá estavam que eram o grupo de jovens "Os Andorinhas"... Ainda lá tenho essa bandeira em casa... E tínhamos lá no salão paroquial... Fazíamos lá bailes... Tínhamos um palco para fazer bailes... Mas a nossa atividade mais era cultura. Teatro... Ah... Passávamos filmes todos os fins-de-semana... Filmes de antigamente do Castelo e... E do Ribeirinho... E essas coisas. Tudo! Filmes portugueses. [...] O nosso jornal era o Barrete... O jornal era o Barrete e tivemos muitas edições... (B5)

Acabei o quarto ano da escolaridade obrigatória. Obrigatória, não... O que era a quarta classe... E depois ainda andei no primeiro e no segundo ano... #01:45:08-8# (B5)

E, portanto, fiz a quarta classe lá na Escola Primária... Na altura, o meu pai quis-me dar mais condições de vida do que ele teve... E, portanto, foi... Ele inscreveu-me... E, portanto, eu na quarta classe inscrevi-me para fazer a admissão à Escola Industrial e Comercial [nome da escola]. Ou era para o liceu, ou era para aí... Portanto, eu preferia isso... Tinha ideias, portanto, industriais e foi para aí. #00:01:53-7# (B6)

Ah, na altura, eu gostava de... Eu tinha a ideia de vir a ser, aí um dia qualquer, engenheiro ou coisa assim do género. #00:02:02-4# (B6)

Seguir os estudos. E não segui porque entretanto a vida... Às vezes diz-nos: "É preciso... É preferível ganhar dinheiro." Mas... E a coisa ia inclusive porque eu cheguei a fazer a admissão à... Portanto, ao Instituto Industrial, fiz a secção preparatória... Opa e fiz... Na altura, éramos... Eu estou a dizer... Porque é assim, na altura, éramos uma carrada

deles a fazer a admissão ao liceu ou à escola... À escola industrial e comercial... Opa éramos... Penso que éramos 14 ou 15 a fazer e acabei por ser só eu a fazer. Uns porque... Depois a professora também começou: "Epá se você tiver condições..." E disse ao meu pai: "Se você tiver condições económicas. Eu faço... Eu ofereço explicações." Eu ia para casa da professora fazer explicações. #00:03:21-0# (B6)

Fui considerado o melhor aluno a matemática aqui da zona Centro, em 1964. Fui considerado depois o melhor aluno... O segundo aluno a nível nacional, num exame que foi feito no Algarve. E fui o segundo porque... O outro teve a mesma nota que eu e ele pôs a vírgula e eu esqueci-me de pôr uma vírgula. Pois... E foram três décimas... Penalizações, pronto, é lógico, portanto... O outro teve 19,8 e eu tive 19,5. Ah... A matemática, por isso... Considero-me um bom aluno. (B6)

Ao fim de dois anos vi que não havia... Estava na [local] a trabalhar na [local] e vi que permitia... O trabalho permitia que eu pudesse continuar a estudar. Então eram dois anos de secção preparatória e... Eu fui estudar de noite, saía da [local] ia para a Escola, para a [nome da escola] fazer a secção... E ao fim de um ano a professora disse-me: "Epá tu podes-te propor a exame." Pronto... Eu propus-me a exame e fiz a secção preparatória e... E fui admitido para o Instituto Industrial que era considerado, na altura, o Engenheiro Técnico Auxiliar. Portanto, veio a tropa... Eu não fiz a matrícula porque ia para a tropa... E, por não ter feito a matrícula, depois quando eu vim do Ultramar, portanto, passado três anos... Ah, já não era... Já se tinha dado o 25 de abril e já não era a secção preparatória mas sim a de fazer os complementares e mais não sei quê... Opa, eu chateei-me e disse... Já estava, felizmente, estava bem entregue... Tinha um bom... Um bom emprego... E não... Não fui. Não fui. Portanto, podia ter... Podia... Mas não fui, pronto. E fiquei por aqui, portanto, a secção preparatória é equivalente aos complementares... Que, entretanto, os complementares deram depois origem ao 12.º. Era o 12.º... Esta é a minha história de... De estudante... Entretanto... #00:07:31-4# (B6)

Quando era para a azeitona íamos todos para a azeitona. Eu não ia porque ia para a escola, normalmente, era sempre na altura de escola. Mas quando saía da escola também ia... Mas como era o rapaz: "Ah... Vais estudar! E eu ia ler livros de cowboys." #00:18:17-8# (B6)

Eu cheguei a fazer... Ela dava aula de matemática... Num dia dava a matéria, na outra íamos fazer a revisão... Ela dava a metade da turma, eu dava a outra metade. Pronto...

E, por isso, eu... É óbvio que isto me deu... Também dá gozo. Também me dá gozo, não é? Quer dizer, eu estudava... Eu estudava a matemática... Tinha tempo para isso, também. Porquê? Não tinha outros afazeres. E eu não era menino de estudar. Eu era aquilo que aprendia nas aulas. Mas estava atento às aulas... E, portanto, não... Enquanto os outros estavam na véspera à porta... Eu ia com as mãos nos bolsos e tal... E pronto. E fazia... Pronto. Nunca fiz nenhuma prova oral. Nunca fiz nenhuma prova oral, e portanto...  
#00:24:21-7# (B6)

**Código 3: Família**

## Extratos

“O meu percurso... O meu percurso não foi fácil. O meu percurso não foi nada fácil. [...] Eu penso que a família, se calhar, tem um peso importante nisso. [...] Eu costumo dizer que a minha família é a minha mulher e o meu filho. São a minha família... O resto também é... Mas em primeiro plano a minha família é esta! A minha mulher e o meu filho. Eu não tive isso...” (A1)

Olhe eu... Até uma certa idade não tinha objetivos na vida... Eu não tinha objetivos. [...]#00:21:24-8# Eu penso que comecei a traçar objetivos na minha vida quando conheci a minha mulher... Quando comecei a namorar com ela e comecei a traçar objetivos. #00:21:36-4# (A1)

Foi a partir daí que eu comecei realmente a traçar objetivos na minha vida. Objetivo de casar com quem eu gosto, com quem eu amo... O objetivo de ter alguma coisa... De começarmos a... Ter o recheio da casa, comprar o que é necessário, preparar...

Temos ali um rapazinho lindo que é o nosso tesouro, não é? Não... Nem isso foi fácil. Mas conseguimos, não é?

Foi mas eu lutei por isso mais a minha mulher. Agora se uma pessoa se acomoda... "Ai, isto está mau! Isto está difícil!" #00:44:48-2# (A1)

Vinte e seis, pronto. Depois namorámos seis anos até que ela disse... "Oh menino e tal... Ou sim ou sopas!" (risos). E teve de ser e foi... Porque... Eu tinha, se calhar, consequência da falta da meninice, das brincadeiras... Eu tinha uma consciência muito grande que precisava de andar à vontade. E também um sentido crítico muito grande relativamente aos colegas do meu tempo... Que tinham as mulheres... Casados... Que tinham as mulheres em casa e eles andavam na borga como eu... Na brincadeira, nos bailes e tal... A viver uma vida que, se calhar, que tal como eu também não tinham vivido. Não é? Só que eu, pronto. Sempre pensei que devia fazê-lo sozinho... E eles faziam-no sozinho, também, mas com a mulher em casa. Eu nunca... Nunca tive esse espírito e então resisti um bocadito ao casamento até que teve de ser. E foi. (A2)

Depois vieram os filhos... Os miúdos... Um rapazito... Uma cachopa. [...] Foi para... Para a tropa, foi para Ranger. Passado uns tempos convenci-o a concorrer à GNR, hoje é GNR. Está em Lisboa... Foi para o GIPs... Sabe o GIPs? Aquela força que... Grupos de Intervenção Especial e Salvamento que andam nos incêndios, que andam nas matérias



perigosas, prontos, aí. Depois como ele também sentiu a falta do estudo lá entrou para a Faculdade. Conseguiu entrar para a Faculdade, lá em Lisboa... E mudou-se para... Agora para a Tropa Regular, pronto, está lá num comando em Lisboa. A miúda foi sempre mais atinada... Está... A fazer Direito. Também se atrasou um bocadinho... Que ela tem muitas atividades paralelas e... (risos). E mistura... Mas está em Lisboa a fazer Direito. Mas entrou em Coimbra... Ela entrou em Coimbra... Mas depois lá me convenceu que em Lisboa teria mais oportunidades de trabalho, mais coisas... Eu acho que ela quis ver um bocadito ver-se livre dos pais mas... Eu deixei-a ir para Lisboa, está em Lisboa. Se tudo correr bem acaba este ano. #00:35:01-8# (A2)

Professora do Ensino Primário, primeiro ciclo (esposa). #00:35:12-5# Não tinha que ser licenciada... Tinha o curso de magistério. #00:35:39-5# (A2)

Foi. Chegámos a ser colegas lá... (com a esposa no curso de psicologia na faculdade) #00:35:57-9# (A2)

Sim vou. Pois a minha mãe... Se calhar, um problema de família dela... Dela, dos meus avós... As minhas tias têm todas morrido por demência... E a minha mãe ainda não morreu, mas há quatro anos foi ao (...) foi detetada a demência. E está demente... E então eu vou vê-la todos os dias... Acho que ela não me conhece... #00:36:43-3# (A2)

Tenho essa responsabilidade dos dois (filhos)... O miúdo aquilo que ganha não lhe dar sequer para ele fazer uma vida minimamente digna em Lisboa. Tenho encargos muito fortes quer com ele, quer com ela. E ele como digo já tem o seu ordenado... Mas se eu não estivesse por trás a ajudar... #00:37:31-7# (A2)

Ela (filha) está a estudar... Ela está completamente dependente, não é? Ele não está completamente dependente mas não podia estudar se a gente não lhe pagasse as propinas e as coisas... Se não lhe ajudássemos no quarto... O dinheiro que ele ganha não dá para ele viver... Em Lisboa. Sem o nosso apoio... #00:37:52-9# (A2)

Sim está a trabalhar mas tem de contar à mesma connosco (filho). Para pagar propinas, para pagar... Qualquer coisita que ele faça que saia fora do normal já... Já não se pode. #00:38:12-3# (A2)

Não há (emprego)! Há pequenas lojas... Pequenas lojitas e mesmo assim as que lá estão não têm... Não têm significado porque... Olhe, um superzito que lá há não vende nada, porque as pessoas vêm trabalhar para Coimbra e levam tudo do Continente, vão a Eiras levam tudo do Pingo Doce, do Pão de Açúcar... São sempre coisas muito mais

baratas, não é? O que lá vai tendo alguma expressão são os cafés... Os cafezitos... Uma senhora que tem um café e ao fim-de-semana assa frangos. As lojas de apoio de produtos do agricultor... Pesticidas... Assim aquelas coisas... Tubos, etc. vão tendo porque aquela área é uma área agrícola por excelência e pronto. Mas não são coisas que deem dinheiro, dinheiro, dinheiro... Até porque já abriram muitas lá. Assim de repente pelo menos três que eu conheço. Com uma particularidade, mesmo em S. Silvestre, há a cooperativa agrícola de Coimbra, uma extensão daqui. Portanto... #00:39:31-9# (A2)

Não, não. Não chegou a terminar (a faculdade)... Abandonou e foi embora (a filha mais velha). Como viu isto mal e o pai desempregado... #00:33:23-2# Arrancou e emigrou. #00:33:31-4# E era uma excelente... Para lhe dizer... Era uma excelente aluna. Uma aluna que... #00:33:46-5# (A3)

Desistiu... Desistiu pronto... Ela desistiu porque na altura a vida não estava fácil... Eu desempregado o dinheiro também não era muito... E darem aquele corte... O comércio não estava a funcionar como está a funcionar, por exemplo, neste momento. Porque eu entretanto... O comércio como está em nome da esposa eu, entretanto, dediquei-me a ajudá-la mais no comércio e assim... É que consegui por isto a funcionar melhor. #00:34:26-2# (A3)

Tem dezassete (a filha mais nova). #00:34:31-7# Essa é mais malandrona nos... Nos estudos. Essa não... Não quer... Não quer estudar. #00:34:45-9# (A3)

Ela é assim (filha mais velha)... Ela quando emigrou também já tinha tirado um curso de Gestão, chegou até a estar aqui a estagiar na farmácia aqui em [local]. Mas pronto... Isto aqui é um meio pequeno... Se fosse na cidade ainda era capaz de ter conseguido ficar e tinha acabado, se calhar, os estudos. Emigrou... Chegou lá teve duas propostas de trabalho: uma na Segurança Social; e outra nos Correios. Só que ela não... Ela então teve estas duas propostas só que tinha que fazer duas horas de caminho... Duas para cada lado. #00:43:28-7# (A3)

Ela então tirou (formação), uma delas, foi de tomar conta de crianças... #00:44:41-9# Educadora de infância... Educadora de infância... Eles lá ficam com vínculo ao Estado. A nível das reformas e tudo... Reformam-se para aí dez anos mais cedo que os outros... Está em casa a tomar conta de três crianças por conta dela. Já lhe tem aparecido... Ao princípio teve uma... Depois de um momento para o outro aquilo apareceu uma série delas... E eles lá trabalham pela área que... O espaço que a casa tiver. Ela, neste momento,

está à procura de casa maior para poder ter mais crianças. A semana passada apareceu-lhe uma proposta de trabalho de um infantário mesmo. Foi convidada a ir trabalhar para um infantário... Mas ela não... Não aceitou porque diz que ganha mais estando a trabalhar por conta dela, do que a trabalhar por conta do infantário. #00:45:35-3# (A3)

Aqui a nível de (mercado de trabalho na zona de residência)... A nível de empregos nas aldeias não há assim ofertas de emprego. Aqui os únicos empregos que há é mais a nível das madeiras... Andar aí nas matas a cortar madeiras... Empresas de construção com a crise que se instalou no país também não... Fecharam. Havia muitas empresas de construção... Há poucas. Aqui no lugar havia quê? Umas três ou quatro empresas de construção... Há uma. Nós, por exemplo, no IP3 todos os dias de manhã só se via era carrinhas a transportar pessoal para obras e assim... E agora não. Isso acabou tudo. Isso acabou tudo. [...] Dão trabalho a muita gente mas são pessoas que têm de estar coletadas. Porque a empresa tem alguns trabalhadores mesmo da empresa, porque são obrigados a ter alguns, não sei quantos é que a lei hoje obrigada a ter... Ah, depois o resto é tudo pessoal que está coletado, porquê? Porque hoje há trabalho, amanhã não há. #00:49:58-8# (A3)

Há, há (muita gente que emigra)... É uma das zonas a nível, se calhar, do concelho de Coimbra onde eu sempre vi... Foi uma zona com muito emigrante. O concelho de Penacova tem muito emigrante. #00:50:55-5# Há mais... É de emigrar. Para aí noventa e tal por cento! Você vai... Eu faço ao sábado distribuição em certos lugares que estão desertos. As pessoas velhas faleceram e os novos emigrou tudo... Há lugares que estão completamente desertos. No meio de alguns lugares há algumas vivendas novas que são dos... A gente conhece-as logo pelo estilo da vivenda que são vivendas dos emigrantes. Mesmo aqui no... No lugar... Isto teve... Hoje tem já menos mas... Porque muitos já cá estão reformados e assim... Mas isto tinha muito emigrante. E alguns foram emigrantes, regressaram e já voltaram a partir. Temos aqui casos no lugar que já voltaram a partir, certas pessoas. #00:51:51-2# (A3)

Ela (esposa) sempre teve... Ela sempre teve medo de... A gente quando se meteu ao negócio das coisas correrem mal e ficar sem nada... Se tinha a casa que ainda ia conseguindo pagar o empréstimo da casa e ficar sem nada... Ficar sem casa, ficar sem carro, ficar sem nada. Ela tinha medo disso... Não ter, por exemplo, que dar às filhas... Ela tinha muito medo disso. E estava sempre a resmungar: "Tu vê lá no que é que tu te metes!"

Estava sempre a coisar... Eu trazia mais coisas para o comércio: "Vê lá! Depois isto não serve... Fica aqui! Não sei quê... Não sei quantos! Olha o dinheiro! Olha assim... Olha assado!" #03:45:42-9# (A3)

Depois dali conheci o meu marido... Namorámos oito anos e meio... Casámos... Também namorámos mais tempo porque eu tive uma infelicidade na família e depois guardei luto e não sei quê, pronto... Foi por essa razão... Casámos... Tive duas filhas maravilhosas... Estavam na Faculdade, ficámos desempregados. Fiquei desempregada... Ele foi com a fábrica... Que a fábrica não faliu... A fábrica foi transferida de uma localidade para a outra... Foi para [local] estive lá três anos... Estava farto de estar sozinho. (A4)

Eu já sou avó... Tenho dois netos maravilhosos... Da minha filha mais velha... Que é professora no Instituto de Lordemão... #00:21:48-6# É professora de primeiro ciclo. #00:21:56-0# (A4)

Foi na ESEC que ela tirou... A outra não... Foi na Faculdade de Economia... #00:22:04-6# Gestão de empresas... #00:22:08-3# Ela tinha... Ela é uma barra a matemática... E... E é do que ela sobrevive... Das explicações de matemática e de algumas contabilidades que ela faz... Que depois ela não teve colocação como (22:34) só teve meio ano na Caixa Geral de Depósitos... Ela fez o curso (22:38) e davam-lhe equivalência (22:48) Olha para mim trabalha de graça, filha... Neste momento... #00:23:06-0# (A4)

Então fez a quarta (escolaridade do marido)... Criado sem pai como é que ele podia estudar? Bom... Ele não estudou porque não quis... Porque a professora diz que lhe arranjava uma bolsa de estudo... Ele é que não quis. Sabia, também, que precisavam que ele fosse trabalhar... Três irmãos e a mãe também não tinha emprego... Era aos dias assim na lavoura... Por isso a gente já vem do duro. #00:23:32-8# (A4)

As minhas filhas vão todos os dias jantar comigo... Se eu estiver em casa vão todos os dias almoçar comigo... Vou de férias vão comigo... Sabe para quem é que eu trabalho? Para as minhas filhas... [...] E é para elas que eu vivo. Eu e ele. Se não fosse assim elas não... Não sei se eram felizes... Porque eu também já fui feliz com pouco dinheiro... [...] #00:24:44-3# (A4)

Os meus filhos... É a minha vida. É a minha vida, pode crer! É os meus filhos e os meus netos. É isso que me dá força... Vê-las bem... Vê-las felizes... É isso que me dá força e ânimo. Acho que toda a mãe é assim... Não sou só eu. Mas... É assim... (A4)

Entretanto, estou na fábrica e pronto... Há muita, muita, muita juventude... E a minha mulher está a trabalhar na fábrica. E eu começo... Começo a juntar-me a ela... Começámos a falar... Até que comecei a ir para casa dela... A minha sogra tinha muita pena minha dava-me comida. E tal... E acabámos por... Pronto engraçar um com o outro e pronto... E foi assim o nosso namoro, não é? (A5)

As pessoas começaram a dizer aquilo tudo e a avisar... A dizer ao meu sogro que eu era um perigo para a família. Bem... Tive problemas de princípio com a família e até com o casamento por causa de... De ser comunista. [...] Um dia a minha mulher pressionada em casa... Estou-me a lembrar... Diz-me pelo caminho... Portanto, eu saí da fábrica e vim para casa... Eu acompanhava-a. E ela diz-me: "Olha menino!" Mas já... Já em 75... 75. [...] Então diz ela: "Menino! Ou política ou casamento!" E eu fico assim um bocado aflito mas... Ah... Não lhe disse que deixava a política, não podia deixar de maneira nenhuma, nunca deixei... (A5)

Ganhava quase tanto como na fábrica. Portanto, ganhava-se muito bem. E então comprei nessa altura mesmo na tropa... E na tropa o meu sogro diz que eu nunca valia nada... O meu sogro nessa altura, mesmo assim, por causa daquilo que ouvia por fora por causa de eu ser comunista... Dizia que eu tinha sido uma desgraça para a filha... Que nunca ia ser ninguém... Ah, e eu consigo poupar... Fui sempre muito poupadinho... E então o dinheirinho que eu ganhei na tropa comprei um terreno - que é onde eu tenho hoje a casa - comprei um terreno, naquele tempo, e mando fazer um projeto. #00:41:04-1# (A5)

Tinha que ir buscar água a quilómetros, mais a minha mulher, de noite, depois de vir da fábrica... Com um carrito a acartar água... Sofremos muito os dois. Mas conseguimos fazer a casinha. E... Pronto... Foi uma vida muito difícil que eu tive. Muito difícil. #00:41:25-1# (A5)

O meu sogro depois também de algum tempo... Depois ainda andou aborrecido comigo e isso tudo... Mas eu fiz... Consegui fazer a casa, consegui provar-lhe que era uma pessoa organizada... Ah... Depois com o tempo... #00:41:38-6# E hoje é o menino... Sou o menino lindo dele, quer dizer, ele e a minha sogra... Eles não fazem nada sem mim. #00:41:48 (A5)

A minha esposa tem... Tem... Tem o quinto ano de escolaridade... O quinto ano... É os quatro, mais um, porque depois não chegou a fazer o sexto. #01:25:40-0# É mais... É assim ela gosta e é muito dedicada em tudo... É extraordinária... Mas os afazeres

dela, da casa... É uma mulher que eu admiro muito como lhe digo... É assim ela tanto cuidado tem comigo, como tem com os filhos, como tem com os netos... [...] #01:26:14-2# (A5)

Os meus filhos nunca quiseram estudar... Os dois têm o nono ano... Não querem... Mas é que nem querem nada com nada. É que eles não ligam nada... Quer dizer, politicamente sim, eles estão certinhos e tal... De resto diz que não estão para se chatear... O pai chateou-se... Eles sentem muito felizes do pai que têm... Porque acham, sim senhor, que eu... #01:27:13-7# (A5)

Um com 39, outro com 37 (filhos). #01:28:51-3# Sim. Vamos lá ver... O mais velho... O mais velho... O mais novo é motorista aqui na Transdev. Faz os Expressos... Agora está a fazer Expressos para o Algarve. [...] O mais velho está empregue numa empresa que é a [nome da empresa] de componentes de automóvel... (A5)

Eu digo que é com dificuldades porquê? É assim... Imagine que eu não devia nada... (01:42:31) neste momento podia ter bastante dinheiro. O meu problema é o seguinte... É que eu tenho de pagar ao Montepio 250€ por mês. Mas agora pedi mais 18.000€ para aqui... São mais 330. Depois tenho mais para aí uns empréstimos zitos, não é? Ora a casa dá para... Depois tenho água, luz, telefone, internet... Quer aqui, quer em casa, tenho tudo. O meu filho vive no primeiro andar, o mais novo, a única coisa que me dá é o gás. Não me dá mais nada, não é? Pronto... Porque eu também não quero... Eu também não quero, não é? Pronto... Mas pelo menos dá-me para a despesa... #01:43:03-3# (A5)

Os meus sogros... Os meus sogros já têm praticamente oitenta anos e têm algumas dificuldades por motivos de saúde. #02:15:53-8# Ajudamos muito. Ajudamos muito... Mas eles também nos ajudam a nós, nesse aspeto... Também nos ajudam a nós. #02:16:03-0# (A5)

A primeira coisa que eu fiz foi contar ao meu namorado. E o meu namorado disse-me uma coisa que... Melhor que alguém me podia ter dito naquele momento... A coisa melhor que ele me disse até hoje... Que foi assim... Eu... Ele disse-me assim: "Eu preferia que tivéssemos o bebé. Mas se não quiseres ter o bebé fazes o que tu quiseres." Não podia haver resposta melhor, certo? Então... Ele estava do meu lado para o que eu quisesse, pronto. E eu disse-lhe: "Eu quero ter o bebé." Ficou tudo resolvido ali, pronto.

[...] Madeireiro... Porque o pai dele era madeireiro... Tinha um negócio florestal e ele trabalhava com o pai. #00:30:43-5#

Era empregado do pai. Depois trabalhou com o pai durante muitos anos, ainda. #00:30:47-7# (A6)

Casei-me antes de nascer ainda a minha filha... Para mim o casar não foi muito importante, naquela altura. Casar para mim era importante... Muito importante... Mas naquela altura... Para mim não era prioridade nenhuma casar. Pronto... Mas agora vem a história do preconceito e do que é que os outros vão dizer... Então a minha mãe e os meus sogros queriam-nos casar o quanto mais depressa, melhor. Pronto... E eu, naquela altura, eu queria-me casar com ele... Ele queria casar comigo... Só não fazíamos nenhuma questão de nos casar naquela altura, pronto. Mas eles faziam muita questão e a gente aí... Confesso que deixei-me levar e aí pensámos: "Olha! Já que tem de ser... Então pronto, seja! Ao menos já não ouvimos..." [...] #00:34:28-8# (A6)

Há vinte e cinco anos atrás uma miúda de dezasseis anos que nasceu numa aldeia como eu e que viveu... Não era eu... Acho que éramos todas assim... Não era nada de transcendente ter um bebé. Acho normalíssimo que me faça essa pergunta. Como é que eu cuidei de um bebé com dezasseis anos? Eu lembro-me de estar na maternidade e de ter ao lado uma senhora que tinha vinte e sete... Que teve uma menina quando eu tive... E ela olhava para mim assim aterrorizada quando viu que eu tinha dezasseis anos... Mas depois eu mudava a fralda à bebé dela, porque ela estava muito mais... Era... Para nós... Para mim eu não tive qualquer dificuldade. Nunca... Nenhuma. [...] Nem foi difícil casar-me e tratar do meu marido, percebe? Porque nós... Não era eu... Éramos nós todas, as miúdas com dezasseis anos, numa aldeia de [nome da aldeia], nós todas levávamos roupa, passávamos a ferro, fazíamos comer, tratávamos dos animais, íamos à erva... Eu andava na escola mas também fazia isso tudo. Eu sabia fazer tudo.(A6)

Depois vivi quatro anos com a minha sogra e mudei-me... Para a minha casa que é logo ao lado da dela. E também não é muito longe da minha mãe... Porque é a dois quilómetros... É a aldeia a seguir, pronto. Mas depois... Eu gosto mesmo da minha sogra... Só que ninguém pode viver com a sogra... Porque funciona muito melhor se não viverem (risos). Pronto... (A6)

Ele (marido) trabalhou sempre para o pai dele... Durante vinte e dois anos... Desde os catorze até... Até... Vinte e dois anos! Olhe, já não sei quantos anos são! Pronto,

não interessa... Trinta e oito. E... O meu sogro era madeireiro... Tinha uma sociedade com um irmão... Ah, que não funcionava bem... Pronto. #01:45:21-6# [...]O pai não sei se percebeu, se não, pronto... Mas... Não via com bons olhos a opinião do meu marido... Nem nunca aceitou a opinião dele. E o meu marido chegou a um ponto de saturação absoluta... E o meu marido pensou sempre que ia... O meu marido sempre pensou que ia continuar com a empresa do pai. Ou seja, durante muitos, muitos, muitos, muitos anos o sonho dele era continuar com a empresa do pai. Porque a empresa do pai era até uma boa empresa... Com alguma estabilidade, alguma confiança em termos de mercado, era uma empresa bem conceituada. Dentro da conjuntura... Era bem... Como madeireiro da zona era um dos melhores. E o meu marido queria fazer aquilo... Só que como as coisas chegaram... A situação chegou a tal ponto que o meu marido um dia chegou a casa e disse-me: "Foi hoje o meu último dia de trabalho. Eu não trabalho nem mais um dia, nem mais um!" #01:46:31-5# (A6)

Então 14... Tinha... 14 Com 22 dá 36. Tinha 36 anos (quando saiu da empresa do pai)... E então olhe... Era difícil... Mas era difícil... Olhe era difícil ir procurar trabalho noutra... Ele arranjava trabalho naquela altura noutra madeireiro... #01:48:38-3# Ele não queria fazer isso, percebe? Ele não queria fazer concorrência ao pai, pronto. Ele não queria ir trabalhar para outro madeireiro. Era muito difícil naquela altura porque é assim, não é... No fundo você está à procura de trabalho e perguntam-lhe assim: "O que é que sabe fazer?" "Sei fazer isto..." "Então tem que ir..." Pronto... Ok! Mas lá fomos preparando daqui, pedindo a este de acolá, mais não sei do quê... Ele lá arranjou passado... Ele depois começou a trabalhar em agosto... Ele saiu do pai em janeiro e esteve até agosto aqui, comigo, na loja. Vinha comigo, pronto, ajudava-me aqui. E em agosto arranjou trabalho numa empresa... Numa instituição... É onde ele ainda trabalha. Ele depois arranjou trabalho numa instituição que é a [nome da instituição] aqui de [local] que é de integração social. E eles fazem... Eles trabalham na exploração e manutenção... Não é bem exploração... É mais na manutenção florestal. Eles fazem trabalhos de limpeza em terrenos florestais e não só... Também, às vezes, pronto... Esse género. Está a perceber? #01:49:44-7# [...] Mas ele, entretanto, ele depois também tem estado bem. Porque ele foi progredindo... [...] Depois ficou como chefe de equipa e ele agora está como encarregado geral. Aquilo também não é muito grande! Tem agora... Aquilo anda sempre à volta das



dezoito, vinte pessoas... No todo, pronto. Mas, normalmente, assim a trabalhar... A trabalhar no terreno... #01:50:27-2# (A6)

Então tem 25 a mais velha, a Isabel... E a Beatriz tem 17. #01:58:30-5# (A6)

O meu marido desistiu da escola no oitavo, pronto. Não chegou a fazer nem o nono... Nas Novas Oportunidades fez o nono e o décimo segundo. Hoje, é uma pessoa também com o décimo segundo ano... Mesmo que fosse copiado por mim... Percebe porque é que eu sou contra? (risos) #02:01:33-4# (A6)

Sim. Ela (esposa) fez o tal quinto ano de liceu... Depois fez um curso de análises clínicas e trabalhou na Faculdade de Medicina como analista. E hoje já está reformada porque... Porque houve reestruturações e essas coisas... Que ela só ainda tem cinquenta e um. #00:27:20-4# (B1)

As pessoas que se reformaram quando as coisas estavam de feição foi os que fizeram bem. Porque agora cada vez está tudo muito pior.. (B1)

E depois deste casal que se reuniu a minha mulher teve um filho. #00:30:59-5# (B1)

Conhecia antes porque... Ela morava em Torres do Mondego e eu morava na Casa Branca. E o caminho dela... Porque antes não havia transportes as pessoas deslocavam-se a pé. E ela ia por atalhos e assim... Passava lá à minha porta... Foi mais ou menos isso. E foi... O conhecimento foi por aí. Depois casámos depois de eu vir da tropa, já... Ainda não estava na Estaco, pois... Ainda nem tinha emprego, não. Pois... Estava empregado assim precariamente... (B1)

Tenho um filho que tem mais dez anos que você... #00:32:23-9# Portanto... É engenheiro informático... Está em Bruxelas... Acho que está bem e eu também. #00:32:34-5# Já. Já tem dois filhos e está... Está a fazer a vida dele. Portanto, como ele está bem eu também estou bem. (B1)

Ah... Para já não... Assim mais responsabilidades não temos. Já... Os meus sogros já morreram, os meus pais já morreram, portanto. #00:34:46-7# (B1)

Pois... Nós cuidámos deles, pois. Conforme pudemos... #00:35:14-3# E com os meus sogros... Ah, pronto... Mas não foi por causa disso que eu não encontrei emprego. (B1)

Sim. Tenho um filho, só. A minha esposa... A minha esposa estava lá na Triunfo, casámos, e tivemos o meu filho... Nasceu em 79. Nasceu em 79, pronto, já foi estudar. Fez

o percurso ele... Na escola. E... E foi... Foi estudar... Foi para o ensino superior... Não o chegou a completar... Estava na ARCA. Na área do *design*... *Design* gráfico... E ainda é a área que ele até hoje, atualmente, está empregue. Felizmente... (B2)

Nasce o primeiro... Nasce o filho... Por acaso foi o único. A gente, na altura, tinha uma vida um bocado... Também... Muito apertada. Porque os ordenados eram maiores mas depois a inflação foi comendo os ordenados. [...] E então com o empréstimo da casa, com o transporte que tínhamos de pagar... Passe os dois no caminho-de-ferro... O tempo para chegar ao trabalho era limitado. Tivemos uma vida muito atribulada nessa altura... [...] Ainda tínhamos que vir apanhar um transporte aos moinhos... Com uma motorizada que não tínhamos carro. O garoto na motorizada... Foi... Vinha para a creche da Triunfo... Que a minha mulher tinha o direito a isso... Em vir para a creche... E... E pronto! Foi uma vida assim um bocado... Até por isso, talvez, é que não tivéssemos até tido mais um filho... Ou dois. Porque vimos que nem tínhamos tempo para nada... Era sempre a correr para o trabalho... Trabalho. Pagar as contas ao fim do mês... Não sobrava nada. Tivemos a casa muito tempo sem mobília... Sem sofás, sem televisão... Depois comprámos uma televisão a preto e branco mas não tínhamos onde estar sentados para a ver... Tinha um colchão no chão, na sala... E pronto! (B2)

Não, não! Não (a esposa não era sindicalista). A minha esposa até sofria um bocado com essa situação porque quando havia problemas apanhava também por tabela... Porque a parte das mulheres era muita... Era a maioria... E depois... Ela acabava por servir também como delegada sindical (risos) sem... Não tinha nada a ver com isso, não é? (B2)

Na véspera de casar até tive um acidente... Matei um homem de motorizada... Ah... Pronto. Assentei praça no dia 18 já casado. #00:03:32-3# Bebi um bocadinho na despedida de solteiro... Depois vinha com a mania de vir aqui ver a mulher... Acho que, na altura, até era proibido... Não se podia ver a noiva na véspera ou não sei quê (risos). Pronto e isso aconteceu... Foi um dia de chuva. Estava a chover... Pronto e aconteceu. Depois fui para a tropa... #00:04:14-2# (B3)

Eu depois volta e meia recebia lá as cartas para ir à medicina legal para medir as feridas e tal... As coisas têm de ser... Processos de acidentes... Como havia uma morte, não é? Tinha que se recorrer nos termos... #00:04:29-5# Na altura, foi na altura em que o Mário Soares ganhou as eleições e fui amnistiado. Apanhei a amnistia... Nunca fui a tribunal. (B3)

Andava aqui a trabalhar... Ela tinha ali uma vinha, ali para o... Aqui, numa terra aqui atrás. E ia lá... Ia lá as nêspas que havia uma senhora que estava doente, com cancro... E ela (esposa) ia lá mais uma colega de escola e da terra... Iam lá às nêspas e passavam lá muita vez. Pronto... Começou-se a meter paleio e tal... E aconteceu. #00:28:02-0# (B3)

Tenho três filhas... #00:28:05-1# Uma já tem trinta e tal... Depois uma com trinta e tal... Outra deve ter trinta também... E outra é mais nova... Tem vinte e... Vinte sete, vinte oito, para aí. #00:28:20-6# Estão todas casadas, já. #00:28:22-6# Tudo casado. Estudaram até ao nono ano... #00:28:27-1# Não quiseram continuar (a estudar)... #00:28:28-0# (B3)

Uma é empregada ali em baixo, num café, lá em baixo no [local]. Esteve ali num restaurantezito aqui na [local] mas aquilo a patroa fechou... Foi para o desemprego, mas teve pouco tempo no desemprego. A rapariga ali em baixo precisava lá de uma empregada de balcão e ela foi para lá. A mais nova também estava aqui em [local] no café [nome do café]. Já tinha estado ali em cima, na [local], no [nome do café], depois dali saiu e foi para ali... Esteve ali um tempo e agora está no desemprego. E a mais velha trabalha mais a minha mulher nas limpezas, por conta de uma rapariga aqui da [local]. #00:29:13-4# (B3)

Acho que foi só até à quarta ou terceira classe... Acho que é terceira (esposa). #00:31:21-6# Ao longo da vida os empregos que ela teve foi... Trabalhou na Triunfo, na Pedrulha... #00:31:33-7# Aquilo terminou o contrato veio embora (na Triunfo). Pois... Depois trabalhou no restaurante nos [local], no tal [nome do restaurante]. Lá saiu... Foi para uma empresa ali que faz almoços para outras empresas, ali ao pé do desemprego. Como é que se chama aquilo? Que até servia os almoços aqui para a CIMPOR e etc. Depois aquilo também... Pronto, acabou o contrato veio embora também. Depois arranjou trabalho aqui para a... Para esta rapariga daqui, lá para as limpezas, tem lá andado. #00:32:24-8# (B3)

E. Ela (esposa) tem passado assim desempregos... Ou acaba o contrato e arranja logo? #00:32:27-4# Não. Acaba o contato e até... Tem arranjado quase sempre, é. #00:32:33-2# (B3)

E. Sempre viveu com a sua sogra? #00:42:09-8# Sim, sim, sim. Desde que casámos ficámos cá sempre. #00:42:11-2# Ah, a minha mulher... Eles quiseram que a

gente aqui ficasse e a gente ficámos cá... Ela era filha única. Ficámos cá... #00:42:24-0# (B3)

Pronto, entretanto, aos 22 anos, 23 casei... Casei... E tive a minha filha, tive uma filha... Tem agora 43 anos. Tenho dois netos, um com 16, outra com 10. E... E pronto. Entretanto, separei-me do meu marido, pronto. (B4)

Depois, na altura, a minha mãe ficou novamente viúva e eu ia lá levá-la (a filha) à segunda-feira e ia buscá-la à sexta... Depois... Quando as coisas... Pronto, também, era difícil para mim... Depois também... Entretanto, quando aquela fechou a minha mãe depois é que me valeu... Porque ficava-me com a miúda para eu para a... Para eu ir para a USID lá para cima. #00:09:35-5# (B4)

Conheci porque quando saí de casa da minha mãe fui viver para uma casa... Para a casa de uma tia dele... Que era minha colega na fábrica, pronto. Depois conheci-o lá... Eu nem sei se gostava dele, se não, na altura... Senti-me na obrigação de casar com ele, porque era sobrinho daquela rapariga que me tinha feito bem. Agradecia... #00:19:44-4# [...] E fui viver para casa dela (colega de trabalho)... E lá casei, pronto. Conheci-o lá e pronto... Começámos a namorar... Hoje tenho a perfeita consciência que não gostava dele... Era mesmo só para... Casei, pronto, olhe! Foi um... Depois tive a minha filha e depois separámo-nos, mais tarde. #00:20:05-7# (B4)

Aos 23 (teve a filha). Portanto, eu ainda ia virgem para o casamento... Ainda fui virgem para o casamento... Portanto, já viu a vida que tinha... Mesmo em casa... Depois de eu estar em casa da minha mãe quando vim do colégio, tinha... Eu mesma tinha aquelas regras minhas que não... Não saía dali porque... Vinha de... Pronto, não ia para lado nenhum. Não ia para bailes, não ia para nada. Só que depois foi aquelas coisas com o meu padrasto e eu... Também não fiz grande... Grande alarido à volta daquilo e em silêncio saí... Saí... Pronto. Saí de casa. #00:20:44-0# (B4)

Divorciei-me tinha a minha filha 18 anos. #00:20:51-8# Esperei... Esperei... Aguardei muito tempo por causa dela. Portanto, porque eu tinha um salário muito baixo, não é? E ele ganhava melhor porque trabalhava... Era... Tinha malta por conta dele na construção civil. Ele era um pequeno empreiteiro... Mas era uma vida muito... Muito... #00:21:12-3# [...] Sim. Sim, sim por conta própria, sim. Mas também esbanjava muito dinheiro... Em jogo e mulheres e... Pronto. Era uma vida assim muito fictícia que eu vivia, também. (B4)

Depois ele um dia arranhou uma mulher, saiu de casa, e eu fiquei com a miúda, pronto. Não... Foi um divórcio assim... Amigável. Não tivemos grandes... Mais interessado da parte dele. Depois essa fase enquanto a minha filha não casou... É que foi um bocadito difícil... Porque era só eu a trabalhar, ele nunca deu nada à filha... E... E depois ela casou tinha... Tinha 24. 24 Anos. #00:21:49-3# (B4)

A minha filha estudou até ao décimo segundo. #00:21:53-4# [...] Não ela nunca teve... Ela também tem uma coleção de cursos, sabe... Tem o curso de administrativa, tem o curso de técnica de vendas, tem... Agora está a tirar um curso disto, das unhas, de esteticista... Tem outro curso de gestão e não sei quê... Tem uns quatro ou cinco cursos. Só que acaba os cursos... #00:22:31-6# Só que ela acaba o curso... Enquanto é o curso é um posto de trabalho criado, não é? Mas depois acaba o curso e fica na mesma... Manda currículos para todo o lado, também não... #00:22:45-1# (B4)

Muita dificuldade. Está com 43 anos... Muita dificuldade. O marido teve que emigrar... Foi para Moçambique porque também... A empresa que ele trabalhava que era a [nome da empresa], lá no [local], também encerrou de um dia para o outro. Uma grande empresa... Que fazia parte, na altura, das obras do [local]. Pronto... Aquilo estagnou... A obra estagnou ali e ele teve que emigrar... Foi para Moçambique com o patrão e mais dois engenheiros... Foram para lá. E lá está... Pronto, ela está com os filhos... Eu lá vou acompanhando também os miúdos... Também me reformei e olhe... Estamos assim. #00:23:23-7# (B4)

Ajudo. Ajudo muito (filha)... #00:37:00-9# Ajudo muito. Pronto... Ajudo na questão... Faço-lhe companhia, pronto... Agora... Isto é assim 370€... 368€ Não... Pagar renda de casa... #00:37:13-2# (B4)

Está a viver sozinha (mãe)... Está a viver sozinha. Tem 92 anos mas vive sozinha... Muito lúcida... A minha mãe não está... É uma pessoa normal. Vai para Lisboa sozinha e vem... É uma pessoa muita ativa a minha mãe, é. Tens uns problemas de saúde, não é? Porque aos 92 anos não se pode ser muito saudável. Mas... Mas pronto. Vou lá todos os dias lá levar-lhe uma sopinha... Levar-lhe um cafezito... Levar-lhe aquilo. Os mimos que ela... #00:42:25-9# (B4)

Fiquei ali sempre... Ela é filha única... Fiquei sempre ali (em casa dos sogros). #00:15:19-4# Porque aquilo era pequenito e eles... Meteram lá os pedreiros e alargaram a

casa... Fizeram uns quartos para a gente... Uma salazita... Uma casa de banho e pronto. E ali estou desde o dia do casamento. (B5)

O meu Jacinto é que nasceu nessa altura... O meu Jacinto é mais novo que ele cinco anos. Nasceu mais tarde... Pois... E a minha Rita tem uma diferença dele de 12 anos... Do Abel. Ele andava com ela ao colo... Parecia filha dele... Parecia filha dele... Pronto, é assim... É uma grande diferença é da Rita para os irmãos... #00:36:41-2# É. Tem 16 anos... Fez agora... Agora não! Já fez em... Em maio. #00:36:53-9# Tem 16. Tem 16. Está... Está a tirar educadora de infância. #01:23:20-4# (B5)

Até à quarta classe (esposa). #02:11:49-2# Aqueles cursos de costura que se faziam antigamente... Vinham aqui para Coimbra... Para casa daquelas modistas que faziam roupas e tiravam cursos, por exemplo, a Oliva... Que era uma grande marca de máquinas de costura... Fazia formações de vez em quando para as pessoas... Ou compravam uma máquina e davam formação de X horas... A Singer a mesma coisa... E ela chegou a andar nessas coisas... #02:12:22-1# Na Call See. Mas também trabalhou na Caiaca... Lá ao pé da [local]. #02:12:37-2# (B5)

E depois saiu da Call See... Aquilo... Mandaram umas poucas embora, e ela como era nova lá, também... Ou foi ao contrário? Não... Foi assim. Ela saiu da Call See e foi para o desemprego. Foi para o desemprego... Mas foi o último trabalho que ela teve. Além da Caiaca... Depois teve aí um pouco de tempo e depois foi para a Call See. Na Call See estive lá uns anitos também e dali foi para o desemprego, pronto. Foi para o desemprego porque aquilo começou a andar em águas de bacalhau... A Call See... Hoje vão umas para o *layoff* e depois... E depois o mesmo a outras... E para aqui e para acolá. Recebeu uma indemnização. Chegou a acordo com a Call See... Recebeu a indemnização. Esteve também um mês ou dois no desemprego... Esteve um mês ou dois no desemprego. Apareceu-lhe um trabalho... Um POC... Chamam-lhe um POC, pronto. Recebe um X do desemprego e para onde ela ia durante um ano cobriam-lhe o resto do desemprego... #02:14:04-7# (B5)

Foi para onde ela está hoje... Para a creche... Em [local]. O Centro Social da [nome do Centro]. Foi para lá por um ano e ficou. Já lá está há uma porrada de anos que nem eu sei... Há 15, pronto. É mais ou menos... Já lá está há 15 anos. Está lá a tomar conta dos filhos dos outros, pronto (risos). #02:14:36-8# (B5)

O mais velho foi até o nono... E o mais novo foi até ao sexto. O sexto incompleto... O sexto... O Jacinto foi o sexto... Andavam a passear os livros na baixa... Que eu de vez em quando apanhava-os pelo caminho... #02:17:07-7# (B5)

Não sei. Isto está tão mau. Isto estão tão mau a nível financeiro, não é... E ela (filha) se tirar uma... Uma profissão... Que ela quer tirar... Que ela anda a tirar... Desde que haja colocação... Já... Já é bom. Que ela também não quer estudar até muito tarde. Não quer estudar. #02:18:33-3# (B5)

Não, não, não. Nem havia pessoas estabelecidas... Havia pessoas com iniciativa própria. Eu estou-lhe a dizer o caso concreto do meu pai que era um indivíduo que tinha o seu emprego... Mas tinha... Era preciso arranjar dinheiro, era preciso ter melhores condições. Portanto, na altura, quem é que havia por conta própria? Eram os merceiros... Das mercearias... Porque não... Não havia outro tipo de coisa, não é? Não... Não... Não havia e nem havia perspectivas... Havia aqueles que... Epá faziam... Chamamos-lhe a gente os biscates e isto e aquilo de... Como eu fiz! Eu cheguei a fazer que era canalizador e fresador... E cheguei a fazer muita canalização para fora. Era uma coisa que eu gostava de fazer. Desenvolver... E isto... E era uma mais-valia que eu tinha para a família. Uns pagavam, outros não pagavam, outros eu dizia: "Vá não te levo nada." Pronto! #00:25:31-9# (B6)

Ela faleceu. Ela pediu-me para eu casar outra vez. E... E eu refiz a minha vida, pronto. Refiz a minha vida. Hoje tenho uma filha com 40 anos, tenho um neto com 17. Vai fazer 17... E tenho um filho com 10... Que é tio de um de 17. Opa... E isto é a vida... Mas isto é viver! Isto é... É andar para diante, não... Eu não sou de ficar parado à espera que a chuva me apanhe. #00:33:22-1# (B6)

Portanto, eu fui pai aos 54 anos. Ah, mas é fixe! É viver outra vez. Porque eu para os primeiros não tive... Para os meus dois primeiros filhos não tive tempo de estar com eles. E agora tenho. E noto que este agora precisa mais do apoio do pai do que os outros. Pronto. Mas não tive tempo de estar com os outros porque a vida na altura não permitiu... Não permitia estar com eles. Não permitia. E hoje estou. Opa, pronto, e é assim a vida. #00:34:10-5# (B6)

Ela trabalhava de costura aqui numa... Numa senhora que havia aqui que era a Dona [nome próprio] aqui, no [local]. E, portanto... Epá, demo-nos extraordinariamente bem... Foram muitos anos! Foram trinta anos de... De bom casamento. #00:51:50-9# (B6)

A minha filha é paramédica... Está no hospital em [local]. E o meu filho tirou o curso de Ciências Sociais aqui na Escola Agrícola... Não é Sociais... É de Economia... Ligado a essa... Depois começou também a fazer o que eu fiz... Foi trabalhar para a fábrica da cerveja que eu arranjei-lhe aqui para Coimbra. Portanto, e quando eu me vim embora arranjei-lhe, para ele, pelo menos durante 5 anos ser supervisor na Central de Cervejas. Depois ele saiu porque quis e pronto... Ah, não é... Portanto, não é aquela parte do... [nome da Escola Superior]. Ah... Pronto. Hoje... Qualquer um deles estão bem... Está bem. Ele agora está com uma dificuldade bestial... Não sabe se há-de ficar na empresa onde está, se há-de ir para outra que lhe melhores condições. Disse: "Opa... Tu tens de ver. Hoje ninguém está seguro num... Numa qualquer. Aquela que te der mais e melhores condições é aquela que tu tens de arriscar. Pronto..." Ah... Estão... Estão... Paguei-lhes... Felizmente, paguei-lhes os estudos e a minha filha, entretanto, acabou os estudos já casada. Acabou a... No entanto, eu paguei-lhe sempre... Paguei-lhe sempre o estudo até... Ela hoje, portanto, está... É paramédica... Faltam-lhe duas cadeiras para acabar o Doutoramento... Porque ela entretanto quis ir... Na área da cardiologia... Portanto, ela gosta de meter Pacemakers e coisas do género... Abrir e tal. Epá, pronto, felizmente, estão bem. Felizmente estão bem. (B6)

Ele (filho) tem muita atividade... Eu tenho muita mas ele ainda parece que ainda tem mais do que eu, não é... Agora é Presidente dos Bombeiros de [local]. Portanto, há aqui uma série de coisas que ele diz: "Opa! Eu para ir para isto, para aquilo e para aqueloutro não tenho tempo." Depois tem um hobby também pelos cavalos... Também foi tesoureiro da associação... #01:01:10-4# E ela (filha) também era a mesma coisa. Ela agora pudesse... O hospital ocupa-lhe muito... Muito tempo, não é? O filho está agora aqui... O meu neto está aqui a estudar em Coimbra, também, Jornalismo. Está no Jornalismo também... Opa! Estão bem... #01:01:32-9# (B6)

Ela morreu em 2002. Eu depois juntei-me com a... Com a minha companheira de agora... Que é a mulher... Entretanto, depois casámo-nos. Ah... #01:02:01-8# (B6)

Eu, de certa maneira, escondi... Os meus... As minhas intenções dos meus filhos (ir trabalhar para Moçambique). Opa, e depois o que é que... O que é que veio alterar isto? Veio alterar... O que é que veio alterar? Dez dias antes da minha primeira mulher morrer... Tivemos uma conversa... Foi naquelas dias que ela estava bem-disposta e tal... E ela: "Casa-te outra vez." [...] E depois vai assim: "Olha! Sabes quem é que esteve aqui? Foi a



[nome próprio] e a mãe. A [nome próprio]." E eu assim: Está bem. E então o que é que tem? "Ah! É que elas já vieram cá três vezes... E há quem devesse vir cá mais vezes e nunca veio." Foi lá na véspera. E depois disse-me outra vez: "Casa-te outra vez." #01:48:53-1# [...] Aquilo que a falecida [nome próprio] tinha dito... E eu assim "Será que isto?" Pronto. Mas nunca... Nunca... E foi aí que eu perdi a coisa de ir para Moçambique. (B6)

#### **Código 4: Experiência profissional 1 (antes da empresa encerrada)**

##### Extratos

Comecei na atividade que hoje desenvolvo (aos 15 anos) e que sempre desenvolvi ao longo dos anos, não é? Eu trabalho com água, esgotos... Portanto, eu sou canalizador, também. Água, esgotos, sistemas de aquecimento central, sistemas solares térmicos e é o que eu faço hoje em dia. #00:13:09-9# (A1)

Portanto é evidente que também comecei a trabalhar nesta área muito cedo, não é? Mas nunca houve um período em que eu não desenvolvia só esta atividade. (A1)

Para além desta atividade ainda tive outras. E eu conheci o Pedro, precisamente, porque também houve um período da minha vida em que passei pela empresa onde o Pedro já trabalhava há muitos mais anos. Também foi um período difícil da minha vida e eu tive de me agarrar a alguma coisa. Eu fui parar à Triunfo... Portanto, à empresa onde o Pedro já trabalhava, precisamente, porque estava a trabalhar por conta própria e correu mal. Mal! Eu já dei trambolhões grandes na vida. E tenho que me levantar sempre... Após cair... Tenho que me levantar, não é? Até ver tenho-me conseguido levantar. Não é fácil... Mas fui parar à Triunfo precisamente porque eu já trabalhava por conta própria nessa altura... #00:28:38-2# (A1)

Pelo meio fiz outras coisas... Olhe eu trabalhei numa empresa de cerâmica, também. Enquanto nós não vamos trilhando objetivos na vida, se calhar, temos medo de avançar e de arriscar... E então sentimo-nos mais acomodados em ter um ordenado, cumprir o nosso horário e não nos preocuparmos com nada. Trabalhar por conta própria é diferente... É. Nós temos que ter trabalho e o trabalho não aparece do nada... Temos que fazer por que ele apareça. (A1)

Na minha adolescência porque também comecei a trabalhar cedo... Uma pessoa acaba por ir bicando aqui, bicando ali... Nunca deixando esta atividade de parte e ir sempre fazendo... Ou só a atividade... Ou em paralelo com outras, não é? Ah... (A1)

Depois saí do serviço militar obrigatório e continuei nesta atividade, por conta de outros, correu mal, também. Ah... Deixaram-me de pagar e então foi aí que eu avancei para trabalhar por conta própria, nesta atividade... Com dois sócios, correu mal! (A1)

E então a partir daí é que eu enveredei por ter entrado na Triunfo. Portanto, uma atividade que eu também nunca tinha feito mas... Em pouco tempo cheguei ao topo. #00:32:08-8# (A1)

Provenho então do campo e de toda a cintura industrial da [local]. Aos onze anos vim trabalhar... Foi aquele período dos 11 aos 14 que nós não podíamos assumir o trabalho nas fábricas e coiso... Vim para aí para pacote... Para o Bial. Conhece o Bial? É um laboratório de indústrias farmacêuticas. E então eu fazia a distribuição dos medicamentos, daquelas amostras que dão aos médicos... Corria Coimbra inteira, os hospitais, as clínicas à procura dos médicos e entregar-lhes as amostras. Eu não era delegado de propaganda médica... Era o distribuidor do trabalho que os delegados de propaganda médica faziam. Portanto, eles visitavam os médicos, faziam a promoção dos produtos e depois mandavam lá as amostras. E, aí, entreva eu a entregar, portanto, era pacote até aos catorze anos. Aos catorze anos o rapazola... Que era um menino... Portava-se mal, gostava muito de brincar... Brincava mais do que gostava de trabalhar... Eu jogava futebol e essas coisas todas e a minha mãe não tardou a meter-me na fábrica. E então fui para a fábrica da Triunfo. Ah... #00:02:26-4# (A2)

Catorze. Quando se podia começar a descontar, não é? Porque os outros três anos antes eu não tinha descontos. Catorze anos... [...]E então eu era latoeiro... Fazia essas latas. E trabalhei nisso dos... Dos catorze aos dezasseis e meio, talvez dezassete, aí. Eu começava a descontar para as meninas e tal... E aquele trabalho todo sujo... Nós não tínhamos a mesma aceitação. E eu procurei uma coisa que me tornasse mais limpo... De unhas limpinhas e tal. E consegui ir para uma companhia de seguros. E trabalhei numa companhia de seguros... Mas o rapazola continuava moína... Gostava muito de jogar à bola e tal... E brincar. No fundo a minha infância nunca foi de menino que brincasse... Dos onze a trabalhar. (A2)

Voluntário, sim. Aos dezanove anos... #00:05:36-9# Não fui engenheiro de aviões... Fui mecânico de aviões, fui para a Força Aérea. Eu nunca fui mecânico de helicóptero porque nunca estive destacado nos helicópteros... Mas fui mecânico dos melhores aviões de reação naquele tempo que era o FIAT G-91 e o F-86. Os outros colegas

que eu tive foram comigo para Moçambique e essa coisa toda... Esses sim foram... Alguns para helicópteros onde se faziam... (...) e as evacuações. De facto essa seria a minha especialidade... Como no tempo se chamava mecânico de (...) área. #00:09:29-9# (A2)

Os ordenados naquele tempo não eram famosos, não é? Eu posso-lhe dizer que fui ganhar, aos onze anos, cento e cinquenta escudos por mês. Cento e cinquenta escudos por mês corresponde hoje a setenta e cinco cêntimos. Ah... Era o meu ordenado. Depois fui ganhar para a fábrica Triunfo já não sei... Mas aquilo era assim uma... Já não me lembro quanto é que ganhava mas não era muito. Os operários não ganhavam muito naquele tempo. Depois na companhia de seguros onde eu trabalhei ganhava quatrocentos escudos por mês que equivale... Quatrocentos escudos por mês... Cinquenta cêntimos é cem... São dois euros. Ganhava naquele tempo mas está a ver... Eu tinha naquele tempo dezassete anos. (A2)

Como... Como era curioso dediquei-me à fotografia em Moçambique. Eu não tinha dinheiro... Por razões... Por razões da vida todo o meu pré... Todo o meu ordenado eu mandava para a minha mãe para resolver aí alguns problemas que a minha mãe e... E os meus tios e coiso... E eu lá ficava sem dinheiro nenhum. E eu tinha de ter dinheiro não é? Porque... Ainda que a base nos desses bastantes coisas havia depois as nossas necessidades pessoais que era necessário ter algum dinheiro. E... Eu para ter dinheiro tive de abrir horizontes. E então havia lá um rapaz que estava a acabar a comissão que tirava fotografias e tinha o estúdio... Tinha... Tudo! E esse rapaz hoje é meu compadre, foi padrinho... Ele é de Santarém e eu fui padrinho do primeiro filho dele. Ele ensinou-me a fazer as fotografias... Sem temporizadores, sem nada, só a olho! [...] Esse meu amigo que me passou o estúdio das fotografias... Que eu tive lá o estúdio dentro da base... Autorizavam-me... O comando da base e tudo... Um estúdio onde eu fazia a revelação, onde eu fazia a revelação das fotografias... Trabalhava [esse amigo] diretamente com o comando da base e nas compras, nas aquisições. Ia... Corria o mercado, fazia prospeção de preços e comprava... Supria as necessidades da base. E eu... Fiquei-lhe com o lugar... Portanto, ele veio-se embora, acabou o serviço militar, ficou lá... E ele propôs a minha ida para o serviço dele... Que foi aceite! (A2)

Cinco anos. O meu contrato eram seis mas como o 25 de abril eles deram hipótese de quem quisesse sair, saía... E eu, burro, saí. Porque os meus colegas que ficaram hoje estão na reforma como tenentes-coronéis e com uma boa reforma, como é evidente. E eu...

Fartei-me: "Vou-me embora! Vou-me embora!" Criancices. E vim-me embora... Embora... E nunca mais... Pronto tive a vida que tive. Agora ao nível das reformas quem lá ficou, ficou muito melhor. Como eu lhe digo, os rapazes que estiveram comigo em Moçambique, hoje são tenentes-coronéis na reforma. (A2)

Depois vim... Vim... Vim, voltei para Monte Real. Quando há hipótese de sair, saí. Retornei à minha empresa, a Estaco. Aí já não... Já não como pacote mas como escriturário. E rapidamente ascendi ao posto mais alto de escriturário que era o primeiro escriturário. Depois... Depois disso... Cheguei a desempenhar serviços nos serviços comerciais. Depois disso, lá na Estaco ainda, quando... Saí da tropa... Tinha eu já os... #00:13:24-5# (A2)

Nunca, nunca tive problemas. Obviamente que há sempre tensões... Onde há muita gente há muitas personalidades, há sempre tensões, mas facilmente ultrapassáveis, até. Porque naquele tempo, naquele tempo nós éramos muito mais unidos do que hoje. Tínhamos um... Um mal... Um mal comum: que era a necessidade de trabalhar no ambiente em que trabalhávamos antes do 25 de abril. Não é? Portanto, nós uníamo-nos bastante... Hoje já... Por aquilo que me apercebo já não há tanto essa união. [...] (A2)

Neste percurso todo olhe... Vendi... Vendi na feira bonecos... Bonecos de gesso que a minha mulher pintava. Comprei o primeiro frigorífico com esses bonecos... Quando me casei. Bonecos de gesso... Vendi vestidos, chapéus-de-chuva... Eu gostava muito da feira... Gosto muito da feira... #01:37:25-0# É. Vendi-os, sim. Fazia isso... Os bonecos... A minha mulher pintava os bonecos e eu vendia-os aos colegas na Fábrica... [...] Quando estava na Estaco. Aos domingos ia para a feira... Vendia os chapéus... Vendia vestidos às colegas... Chapéus-de-chuva... #01:38:16-5# (A2)

Não. Nos mármorez comecei aos catorze mas antes de ir para os mármorez já tinha estado a trabalhar, com treze anos, na Residencial Kanimambo na Avenida Fernão Magalhães em Coimbra... Trabalhei lá... #00:54:49-6# Fazíamos... Eu e outro fazíamos a... Portanto, aspirar os quartos... Nós fazíamos... Fazer as camas ou ajudar a fazer... #00:55:01-3# Era... A ajudar a fazer as camas e assim... Aviar um recado caso fosse preciso. Era preciso ir todos os dias à polícia levar o mapa dos hóspedes que ficavam na residencial... Tínhamos que ir levar... Ou fazer algumas compras para lá. Era o nosso trabalho... Ou ir levar os clientes aos quartos. #00:55:25-8# (A3)

Eu de lá depois saí... Eu de lá saí porque aquilo era uma vida prisioneira. Só vinha à quarta-feira a casa... Era o meu dia de folga. Ficava lá... Dormia lá e aquilo tudo. Portanto, estava longe da... Longe que não estava muito longe de casa. Estava a uma dúzia de quilómetros... Então lá para Coimbra são dez quilómetros ou doze ou o que é! Mas só vinha à quarta-feira... Não tinha um sábado, não tinha um domingo, não tinha nada! #00:57:20-5# (A3)

Eu nos mármore depois fui convidado. Porque tinha já moços lá da terra mais ou menos da minha geração... Para aí com um ano ou dois mais velhos que eu, que já lá trabalhavam. E, na altura, estavam a precisar porque eu entretanto quando saí da... Da residencial vim para as obras... Vim para os pedreiros. Eu ganhava na altura... Cinco contos por mês na residencial mas tinha dormida, tinha roupa lavada, tinha comida, tinha tudo... E vim ganhar sete contos e quinhentos para as obras. Onde tinha que levar comer, onde tinha a minha mãe que me lavar roupa e tudo... Não vim para... Monetariamente não vim para melhor... #00:58:11-9# Só porque estava mais perto... Estava em casa todos os dias e assim... (A3)

Eu comecei a trabalhar com doze anos, fui para a Estaco. Depois da Estaco fui para a Triunfo e estive lá até aquilo fechar. #00:00:52-7# (A4)

Então a gente saía da fábrica... Íamos logo trabalhar... Ninguém procurava se a gente queria uma boneca para brincar, se não. E, pronto...(A4)

O meu marido, por exemplo, começou com onze anos... E eu com doze... Mas se eu fizesse a quarta classe com dez já ia... Ia com dez. Antigamente não havia trabalho de explorador... Alguma vez havia? Não havia nada disso... Era trabalhar e pronto! E não havia tanto bandido! Antigamente a gente não criava bandidos... Criávamos pessoas para trabalhar... Fosse no que fosse... Agora temos o país que temos... Graças aos nossos políticos que não prestam! Os nossos políticos não prestam! Só vão lá para governar a vida deles... E da família... E a gente... Paga o Zé Povinho... #00:13:18-6# (A4)

Na Estaco e na Triunfo (onde trabalhou). #00:28:29-0# E trabalhei também numa pastelaria na Império, uns mesitos... E depois fui dali para a... Para a Triunfo. #00:28:42-8# (A4)

Não (à pergunta se travou conhecimentos importantes na fábrica para o seu negócio atual). Tenho colegas meus que me vêm visitar por amizade... Pronto... E sempre

fazem uma despesita ou outra... Mas assim como o António quando cá vem... Mas esse é um forreta! (A4)

Estava a trabalhar desde os doze anos. #00:02:58-0# (A5)

Entretanto, já sabia ler o suficiente para naquele tempo para ir para uma mercearia... Os meus pais eram pobres e precisavam de dinheiro... E então fui trabalhar para Lisboa para uma mercearia, para... Não foi bem para Lisboa, para Almada. Em Cacilhas... [...] Passava muito mal... Portanto, é assim, a única refeição que eu tinha era... Tinha que ir à padaria comprar pãezinhos porque o dinheiro que eu ganhava não dava para o quarto, para pagar o quarto e comer... E então comia umas salsichas dentro do pão. [...] #00:04:43-1# (A5)

É assim o percurso é difícil. Porque é assim eu passei por várias... Por várias empresas. A primeira foi a tal mercearia quando vou da terra portanto para... Para essa mercearia e casa de pasto. Depois ainda algum tempo... Portanto, eu fui para casa do meu tio e fui para a indústria hoteleira mas ele tinha... Tinha uma sapataria e tinha sapateiros... Eu ainda tive alguma atividade para ajudar o meu tio a fazer sapatos... Eu era capaz de fazer os sapatos, não é... Ele fazia sapatos e eu estava junto das pessoas a ver... A ver fazer. E fiz muitas chinelas... Pronto, fazia chinelas que o meu tio fornecia os (30:48) e eu fiz inclusivamente de sapateiro. Ah... Ainda andei a aprender a barbeiro, também. Pronto... Estive na indústria hoteleira... Depois, entretanto, venho para Coimbra e então aí vou para a fábrica, para a cerâmica... Estou vinte anos na cerâmica, pronto. (A5)

Vou para tropa... Vou para a tropa, portanto, isto em 75... Casei, portanto, em 76 dia 4 de janeiro... Em agosto vou para a tropa, 31 de agosto vou aceitar praça a Tomar. O meu filho mais velho nasce em... Em... Em outubro. Ah... Eu vou para a tropa e sou um cumpridor... Fui para a tropa... Sempre gostei de cumprir em todo o lado... Cumpri na íntegra aquilo que me foi... Aquilo que nos era ministrado pelos oficiais. Entretanto, vou para a Escola de Cabos. Ah... Ano e meio. Portanto, era dois anos mas ao fim de ano e meio saí... #00:39:15-2# (A5)

Ah... Não gostava da tropa. Ah... Eu cumpri mas não gostava da tropa. E então vai ver o que é que aconteceu... Eles exigiram que eu fosse para a Escola de Sargentos... Diz que eu tinha vocação e eu tinha que ir para a Escola de Sargentos. Mas eu tinha... Tinha a fábrica, trabalhava na fábrica. Já naquele tempo ganhava mais ou menos... Mais a minha mulher, os dois, juntos, era dinheiro. Então como eu gostava muito da minha

mulher e do meu filho não queria ir... Não queria seguir a tropa. Depois mandavam-me não sei para onde, não é? Então... "Não quero! Não quero! Não quero!" Foi uma guerra! (A5)

Pronto... Então depois casei-me... Depois aí é que foi difícil e porquê? Porque eu tinha dezasseis anos... Tinha uma bebé que eu queria cuidar, pronto... E isso aí eu também tinha de fazer, percebe? Mas eu também mesmo que quisesse procurar emprego fora... Eu não podia... Porque tinha só dezasseis anos... Nessa altura isso já era impedimento. Eu lembro-me que nas fábricas só aceitavam a partir dos dezoito. Lembro-me de me ir inscrever à Penaconvex mas eu não... Aqui não me aceitaram... Eu vim à Câmara inscrever-me... Eu vim à Câmara inscrever-me e não me aceitaram com dezasseis. #00:37:55-9# (A6)

Dois anos e meio... Mais ou menos (tempo que estive em casa sem idade para trabalhar). #00:38:01-1# [...] Pronto... Eu nessa altura, eu procurava emprego, porque eu aí é assim... Pronto... O que é que eu queria? Queria arranjar trabalho, não é? E a minha mãe e a minha sogra ficavam-me com a bebé para eu ir trabalhar. Pronto... O que é que acontecia? Acontecia que... É assim, olhe... Eu não tinha carta... Não podia tirá-la antes dos dezoito, certo? Pronto... Depois transportes só de manhã muito cedo e à tarde muito tarde outra vez, pronto. Logo aí estávamos bloqueados. [...] #00:38:33-6# (A6)

Acontece que depois eu encontrei logo trabalho numa empresa, numa fábrica, também... Numa serração... Numa fábrica de... Fazíamos estantes... Aquelas estantes que se vendem nos hipermercados, sobretudo, estantes... [...] #00:40:28-7# [...] Gostava muito das colegas, gostava muito do ambiente de trabalho, gostava do chefe, gostava... Era uma fábrica também grande... Gostava dos patrões... Acho que tudo corria como deve... Aquilo, para mim, era o que deve ser um ambiente numa fábrica... Sempre disse isto. Acho que corria tudo bem dentro da conjuntura... Tipo respeito, funcionários, patrões, percebe? Só que eu não gostava do trabalho porque era muito pesado e muito perigoso. Eu trabalhava... Numa serração quase toda a gente tem um acidente de trabalho... Ou não tem um dedo, ou uma mão, ou... #00:42:42-3# [...] Eu só não gostava por isso... Haviam muito acidentes... Pronto e eu não gostava, porquê? Nessa altura, eu via-me em frente a uma máquina... Não era aquilo que eu queria para a minha vida... #00:43:19-8# (A6)

Olhe... Eu depois, pronto. Olhe eu gostava... Como eu já disse... Assim aquele sonho mais alto... Mais fantasioso... Mais... Era médica. Mas eu sempre gostei de costura...

E por necessidade... Porque como eu não tinha muito dinheiro... #00:43:39-0# [...] A minha mãe ensinou-me assim umas coisitas de costura. #00:43:42-0# (A6)

Eu ingressei como voluntário e onde estive seis anos... Depois saí e voltei às origens e... E depois tive dificuldades no emprego... Em arranjar emprego. Andei na construção civil uns dois anos e seguir consegui através do Serviço Nacional do Emprego a Estaco. (B1)

Uma boa parte dos meus colegas só ia para a fábrica, isto como hoje, as influências e os conhecimentos valem... Valem muito. E... E como lhe disse eu fui para a fábrica, eu inscrevi-me no Serviço Nacional de Emprego que havia na altura e esperei... E esperei... E... Porque havia as tais influências... Tráfico de influências que a maior parte das pessoas que entraram em empresas públicas, nas boas empresas públicas... Que era a EDP e os CTT... Que agora é a PT e essas coisas... [...] (B1)

Mas antes tinham funcionários próprios e que fizeram um bom percurso de vida porque entraram, por exemplo, na pré-reforma aos cinquenta e poucos anos, na EDP... Quando fizeram a reestruturação e eles hoje quando chegaram aos sessenta e cinco anos era-lhes acertada a reforma e estiveram ali assim sem... Sem confusões. Como eu andei nas confusões não é? De maneira que... Mas como não apareceu nada, pronto. (B1)

Depois... Durante... Depois estive em Angola, também, durante a guerra colonial e depois aí já encontramos-nos um alto superior que de facto... E mais lá fora... E mais na Guerra... Pronto, nós ali somos mais... As pessoas são mais unidas, não é? Estamos ali dias e dias! Meses sem ver mais ninguém se não as pessoas com quem nós para lá fomos, não é? (B1)

Eu passei um percurso todo igual ao de hoje... Portanto, dificuldade de emprego... Trabalho precário... Andei quase dois anos sem descontinuar e era se queria trabalhar e aprender a fazer alguma coisa... E era se queria entrar pronto... Sair de casa. Para já o meu pai não permitia que eu estivesse em casa... Tinha que ir para o pé dele. E eu também não queria ir para o pé dele, porque era igual aos meus professores, pronto (risos). Entende? De maneira que... Eu tinha que... Eu tinha que sair de alguma forma. De alguma forma. De alguma forma... Depois tive a sorte de me aparecer a Estaco. Tive a sorte... Porque se não continuava nas obras. (B1)

Eu saí do curso e fui logo para a tropa, fui voluntário, aos dezoito anos. Portanto, tinha dezoito anos já estava na recruta e andei lá seis anos. Portanto, saí aos vinte e quatro...



Entre os vinte e quatro e os vinte e cinco tive esse trabalho precário. #00:40:54-0# Pronto... Este trabalho precário foi na área da eletricidade da construção civil. #00:41:05-4# Nem descontava nem... Nada! Esse ano ficou assim. (B1)

Aí a partir dos 12 anos... Já íamos assim trabalhar fora... Umas pequenas coisas para as pessoas que precisavam... E que nos pediam... E que pediam ao meu pai se podíamos ir ajudar. Davam-nos qualquer coisa... Depois 14, 15 anos já ia uns dias trabalhar para pessoas ali à volta... #00:15:36-4# Trabalhar na terra. Trabalhar na terra. (B2)

E de facto depois aos 16 anos é que me empreguei... É que arranjei... O meu pai arranjou... Arranjou porque foi uma questão muito particular... O primeiro emprego. E o primeiro emprego foi por conta de um empreiteiro fazer a renovação da linha da [local]. [...] #00:16:27-4# Trabalho duríssimo. Duro. Uma coisa que eu... Primeiro até andei para lá a dar água e a acartar água... Porque eu tinha cinquenta e poucos quilos... Nem com a ferramenta, quase, que lá havia (risos). Descarregar comboios de brita... [...] Andei por ali dois anos... Já ganhava bem... Já ganhava bem... Lembro-me que ganhava oitenta escudos por dia. Na altura, era muito dinheiro... Mas era um trabalho duríssimo... Duríssimo... Duríssimo... Havia coisas que eu nem conseguia fazer. Pela compleição física que tinha e os chefes lá iam tendo isso em conta e... Me iam empurrando para um trabalhito mais... Melhor... (B2)

Mas claro! O dinheiro que ganhava era para a casa. O meu pai nessa altura já ganhava muito pouco. E eu era, digamos, nessa altura, o sustentáculo da casa... Mais o meu irmão que periodicamente, de vez em quando, também mandava há minha mãe algum dinheiro lá de França. Porque o meu pai começou a não poder... A minha irmã, nessa altura, ainda não ganhava. E pronto... Era a vida assim... Era a sobrevivência (risos). #00:19:05-2# (B2)

Perto dos meus 18 anos... Que eu depois saí com 18 anos desse empreiteiro... Acabou aquelas obras e eu fui para outro empreiteiro fazer uma ponte... Lá mesmo ao pé da minha casa para substituir a tal ponte de madeira. [...] Ainda saí com um ano... Um ano e tal... E até... Até... Ali... Até ao início de 1973. Isto até ao início de 1973. Então em junho de 73 é que arranjei o meu emprego com alguma estabilidade... Tinha eu... Já tinha feito 18 anos que foi para a Triunfo, aqui para [local]. Fui para a Triunfo, aqui, para [local]. Ah... #00:22:06-8# (B2)

Ah... O meu sonho de trabalho... Como entrei para aquelas empresas... Ainda se pensou assim... Depois comecei a ver que haviam certos colegas que estavam nos lugares assim um bocado mais distantes, como eu... Ou naquele onde eu fui para a escola em [local] que iam estudar à noite... E eu disse: "Com certeza..." Eu comecei a ter essa ideia... Eu tinha que tirar porque com o segundo ano já se conseguia ser enfermeiro... Ir para enfermeiro... Mas era... Mas para aí não queria ir... A minha tia até dizia que eu era como os espanhóis, não podiam ver sangue (risos). Para aí também nunca foi uma vocação... Mas até para ir... Pronto, conhecia-se que com o segundo iam para um banco... Iam para um banco! E seguiram uma carreira bancária com o segundo ano de escola. E estão bem... E já reformaram uns e outros também... E comecei... Mas depois era assim... Não havia... Lá passava a linha do caminho-de-ferro... Passava a linha do caminho-de-ferro mas não havia... Não havia paragem lá. Se quiséssemos tínhamos que ir para os [local] a meia hora de distância. E pronto... Foi-se diluindo como apanhei a... Fui-me conformando um bocado com a situação... (B2)

Depois, logo de seguida, aí como eu lhe disse, em 73, aparece-me aquela possibilidade de ir para a... Para a Triunfo. E eu achei aquilo muito bom. Achei aquilo bom, pronto. A gente ali... Comecei... Era qualquer coisa muito melhor do que aquilo para trás... #00:39:40-5# (B2)

Não! Teve! Teve! Teve um interesse espetacular (tropa)... Posso-lhe dizer que foi o melhor período da minha vida. Em Cascais... Quer dizer, isto foi sempre, esta época... Desde que entrei para Triunfo, depois fui para Cascais, em pleno período revolucionário... Bem... Foi a descoberta de tudo. Aí é que me formei em muita coisa... Aqueles movimentos... Conheci o Oteló, conheci o Vasco Lourenço, conheci... Conheci aquela gente toda importante da revolução. [...] Gostei imenso de estar na tropa. Adorei estar na tropa. Recebi um louvor... Que não o tenho aqui mas podia mostrar... Porque no final da tropa como faltavam furriéis acabei por ser convidado a dar recruta a um pelotão sobre a orientação de um Sargento... E aceitei porque não era obrigado a aceitar, porque eu era Primeiro-cabo. Fui convidado para lá ficar mas não quis... Não quis porque estava com a ideia na Triunfo e, talvez não sei, mas foi um passo que eu dei. Mas não quis. Apesar de gostar imenso da tropa não quis... Não quis. Ah, tinha a minha carreira estabelecida cá fora... Era... Não era tão... Talvez gratificante a nível financeiro. Mas obrigar-me-ia a estar fora de casa... Tinha aquela ideia que me ia casar... E constituir família. Aquela... Aquele

pensamento é esse. Mas a tropa para mim foi um período áureo... Foi uma coisa do outro mundo! (B2)

Olhe, íamos continuar a ser o que os nossos pais eram... Trabalhar na agricultura... Ou então ir aprender uma profissão. Depois com o decorrer da vida e com os empregos que se foram conseguindo... Conseguindo arranjar... Aí foi mais uma formação no contexto de trabalho... Quer dizer, eu acho que a escola era muito importante e poderia ter sido se eu quando saí da escola primária vou para estudar... Eu e os outros todos que fizeram este percurso... Que não sendo assim... O outro percurso que eu vi que alguns colegas seguiram... Foi aprender uma profissão. (B2)

O meu primeiro trabalho foi na agricultura ao pé do meu avô... Depois... Foi para aí uns meses zitos... Depois, entretanto, arranjei trabalho para Coimbra, para porteiro. #00:02:08-8# Tinha para aí uns treze anos... Para aí. #00:02:10-9# (B3)

Fui então para porteiro, para a pensão Avenida, ali... Mais ou menos, na Avenida Emídio Navarro, em frente onde está mais ou menos o Basólias. Depois daí o patrão precisava de pessoal num restaurante Kanimambo que era na Rua das Azeiteiras... Fui para lá trabalhar, para empregado de balcão. Entretanto, aquilo também começou a dar pouco, saí, fui para padeiro. Também trabalhei em padeiro... Já tinha uma... Quando andava na escola, à noite, ia para a padaria aprender e tal... E, pronto, fui para padeiro. Também lá andei uns dois ou três anos em padeiro. Depois saí... Apareceu trabalho para os pedreiros, ganhava-se mais... E eu vim para a pedreiragem. Entretanto, casei... #00:03:07-5# (B3)

Saí da tropa no dia 11 de maio de 1984. O trabalho havia pouco nas obras, nessa altura... Foi na altura da primeira crise... Entretanto, pronto, apareceu-me a oportunidade de eu ir ali para os Mármorees Batanete trabalhar, fui para lá. (B3)

Para mim é a pedreiragem (trabalho que gosta de fazer). #00:16:06-5# Tem a ver com o trabalho que faço, porque gosto. #00:16:14-1# Embora tenha gostado dos trabalhos todos... Mas este é o que me dá mais... Mais alegria! Sinto-me mais à vontade! Sim, mas agora onde eu ando também só ando ao ar livre... Não estamos fechados em quatro paredes. #00:16:34-2# (B3)

Os Mármorees sempre pagaram bem... Também era um trabalho duro e, às vezes, de risco... Pronto sempre... Depois nunca mais voltei a ganhar esse ordenado. Estou a

ganhar agora... Também, lá está... É um trabalho de risco. É um trabalho de risco.  
#00:19:59-4# (B3)

Eu... Eu para a pedreiragem foi assim... Pronto. Como saí de Coimbra, depois saí da padaria, pronto... Tinha que arranjar trabalho, não é? Pronto... Foi o trabalho que apareceu. Fui trabalhar para o pé de um primo meu que é ali do [local], uma pessoa já de idade, ele na altura já tinha quarentas e tais... Quando eu fui para lá... Ou trintas e tais, pronto. Comecei como servente... Naqueles bocadinhos de horas vagas ou hora de almoço treinava. #00:24:02-9# Foi esse meu tio (ensinou a arte da pedreiragem). Depois é que me ensinou a... "Já que tu queres aprender, pronto, vais começar a fazer isto..." E eu comecei a fazer... E pronto. E lá apanhei o vício pela arte e andei... [...] #00:24:38-9# (B3)

Quando eu vim fui logo para uma casa de coisas religiosas que faziam paramentos para as igrejas, toalhas bordadas e não sei quê... Que era uma senhora que era... Morava ali no [local]. Entretanto, a senhora faleceu... Também era solteira... E eu fui trabalhar para uma Fábrica que era na Francisco Martins que já... Já encerrou há muitos anos, também. (B4)

Depois que fui trabalhar para essa empresa engravidei... Na altura, mandaram-me embora... Estava grávida, mandaram-me embora. #00:06:15-8# Era da área de malhas... Têxteis. Depois fui para a IDEAL, trabalhar para a IDEAL. Entretanto, depois tive problemas por causa da miúda... Não tinha quem me ficasse com ela... Saí, despedi-me e fui trabalhar para a Santix Malhas que era nos Olivais, que também encerrou mais tarde. Portanto fechou aquela empresa... Depois construíram lá os prédios. Depois fui trabalhar para a USID em [local]. (B4)

É assim eu na IDEAL... Eu na IDEAL foi assim um bocadinho custoso... Porque na IDEAL como estava grávida... Passei a gravidez toda ali em pé numa prensa... E foi um bocadinho doloroso, foi violento, mas pronto. Precisava... Ele [o marido] estava na tropa, na altura, estava no Ultramar. #00:08:36-2# (B4)

Entretanto, eu na IDEAL tive pouco tempo, porque depois a miúda nasceu e não tinha quem me ficasse com ela. E eu fui para os Olivais porquê? Porque havia lá uma creche... Mesmo encostada à fábrica de malhas... E foi o que me valeu. #00:09:12-8# (B4)

Na altura, eu gostava dos bordados. Concorri assim a muitas coisitas assim parra... Concorri aqui para a [nome da empresa] que, na altura abriu, já há muitos anos, também... Concorri para empregada de escritório. Mas, pronto, nunca fui selecionada...

Havia sempre muita gente. E depois foi na costura que eu me dediquei, pronto. Também gostava... #00:16:04-0# (B4)

Aquela senhora para onde eu fui trabalhar, trabalhava para uma igreja... Fazia os paramentos... Aquelas vestes dos padres... E era as toalhas de altar e aquelas coisas. Eu tinha muito trabalho. Eu estive lá ainda um tempo bom. Só que ela também... O dinheiro que ela dava era só para a viagem... E dava-me a alimentação. Depois, mais tarde, começou-nos a dar cinco escudos por semana... Na altura, era assim... #00:16:45-9# (B4)

Depois de sair da escola fui obrigado a ir trabalhar. Para onde? Para a Solum. Dar serventia a pedreiros. Ainda não tinha 12 anos... A pé... Ia e vinha! Não havia tanta cheta para os transportes, não é? O dinheiro era pouco... Eu ia ganhar 30 escudos por mês... Ganhava 10 tostões por dia... E o comerzito eles davam... [...] #00:04:26-8# [...] Na construção civil, exatamente... Na construção de casas... Aqueles grandes bairros antigos que lá estão... Aquilo... Ajudei a construí-los. Eu e outros mais, não é? E... Pronto. Foi esse o meu percurso até aos 12 anos. 12 Anos e meio... Perto dos 13. Perto dos 13. (B5)

Depois arranjei trabalho lá para a [local]. #00:05:10-6# Para a CIVI Árvores... #00:05:21-9# Era uma empresa de pré-forçados... Vigas para os pisos... [...] E o meu percurso foi ali até aos 23 anos... Até aos 23 anos... Foi até eu casar. E trabalhei ali por volta dos 9, 11, 12 anos... 11 anos, ali. [...] Faliu derivado à concorrência... Depois começaram a abrir... A abrir outras fábricas... Com... Com o nome do mesmo produto mas com outro produto diferente. Um produto mais sofisticado... Mais rápido de fazer... [...] Veio a grande produção e os pequenitos... Têm que ir abaixo. É ou não é? É assim... #00:07:08-2# [...] Ainda recebi indemnização... Naquele tempo... Já não me lembro quanto era mas... Deu para me casar e ficar com algum ainda. (B5)

Nessa altura não tive subsídio de desemprego, porque eu também tive pouco tempo desempregado. Sabe que naquela altura arranjava-se trabalho de uma hora para a outra... E eu... Saí dali, estava inscrito no desemprego, claro! Mas não... Não havia subsídio de desemprego para certas e determinadas pessoas. Não sei... Eu não tive... Não sei porquê... Porque também não... Não quis... Não quis porque eu já tinha... Já outros coisos... #00:16:32-2# (B5)

Fui para uma fábrica em Antanol de telhas de fibra de vidro. [...] Mas só que levava muita química. Muita química. E eu era um bocado alérgico a isto que a gente... Ingeria pelo nariz... #00:17:13-5# Aquelas máscaras... Não havia nada disso... Agora há.

A gente trabalhava com diluentes, com resinas, fibras-de-vidro... E essas coisas todas... Sempre ali a trabalhar com aquilo. Aquilo para mim... Eu sofria do estômago, nessa altura... Para mim rebentava-me. Ainda andei lá uns meses... Solteiro, ainda! Solteiro! (B5)

Abriu um concurso para a autoestrada. Para a autoestrada que passa lá hoje ao pé da minha porta, aquela autoestrada aí... Que era de Condeixa até à Mealhada... Trouxe de Condeixa a Mealhada... E eu pronto... E mais uns rapazes da [local] que... [...] Um dia combinámos: "Oh! Vamos lá à autoestrada e vamos lá dar o nome..." Fomos lá dar o nome... Estavam a aceitar muito pessoal... O que eles queriam era pessoal para cavar a terra... Cavar... E lá fomos... Passado quê? Um dia ou dois... Um dia ou dois... Lá um empregado deles que anda porta-a-porta para intimidar as pessoas para ir trabalhar. E eu pronto: "Como é que é que o transporte?" "Temos um autocarro... Temos umas carrinhas que passam aqui às X horas, faz este percurso todo e o pessoal que deu o nome para vir para cá." E assim foi. Botas eles davam lá... Roupa velha tínhamos que levar a gente e davam lá uma esferográfica para a gente cavar... #00:19:13-8# Já tinha quê? Para aí 25 anos... #00:19:20-5# (B5)

Já era casado, já... Já era casado. Para lá fui... Para lá fui e estive lá 3 anos... 3 anos... Mas não estive sempre na mesma posição lá... Que eu para além dessa profissão de servente que era um... Vinha na folha... Servente... E eu como percebia de pintura... Eu... Eles andavam lá a procurar quem é que percebia de pintura e tal... E eu queria era um trabalho debaixo de telha... Não queria andar na lama... Levantei o braço porque a gente... Levantei a mão porque eu não queria andar na lama. Pronto... Mas sabia que aquilo era para debaixo de telha. Sabia que era debaixo de telha... Estava ali sossegadinho e só eu é que mandava em mim... E só recebia ordens daquilo que eles queriam... Fui para um armazém... [...] Como eles andavam a fazer a autoestrada tinham que por ali o sinal de sentido proibido, não era... Porque o trânsito que vinha das aldeias não podia passar ali, porque andavam ali as máquinas a trabalhar... Um sentido proibido, das tantas às tantas... Eu fazia os desenhos... #00:21:10-8# (B5)

Mas como eu nunca estava satisfeito... Era um rapaz novo, não é? Nunca estava satisfeito... A nível monetário! A nível monetário... #00:22:38-6# [...] Antigamente faziam-se nove horas de trabalho... Das oito às seis... À noite é que se faziam as betonagens... [...] E eu como me dava bem com aquela engenheirada toda! Eu vinha para

casa e não fazia nada... Eu queria mais algum... Não tinha filhos, ainda... Naquela altura... [...] Ah... Eu chego ao pé deles: #00:23:44-1# [...] - Passa-se isto assim, assim... Não há possibilidades de eu fazer umas betonagenzitas à noite? Para ver se ganhava mais algum?" #00:23:44-1# [...] - Pronto... Vais ter com o..." - que era o chefe das obras lá... - "E dizes que quando houver betonagem que queres ir para a betonagem." #00:23:54-8# [...] Pouco dormia. Eu saía às três, quatro da manhã... E às oito horas já lá estava outra vez como um rapazito novo. #00:25:16-9# (B5)

E este foi o penúltimo. Este da autoestrada foi o penúltimo. (B5)

Tirando a Mondurel que entretanto começou a ter problemas complicados de sobrevivência... Ah... Portanto, depois fui... Estive dois anos na Cimpor. E, na altura, fiz exame também para a Central de Cervejas e depois fiquei bem para as duas. #00:09:27-4# (B6)

Opa, e depois foi o Ultramar... Injustiças que a gente via... Eu mesmo em Moçambique fui... Fui castigado. Fui castigado... Não fui castigado porque eles... Porque eles... Antigamente os generais... Os... Os tenentes-coronéis queriam medalhas... Mas medalhas à custa do pobre... Do desgraçado do militar. Não é? [...] Vi coisas dramáticas em Moçambique. Vi pessoas a arder dentro de carros e sem hipóteses de os safar. E, portanto, isto foi... #00:48:06-2# (B6)

Para não ir ao Ultramar. E este homem safava-me do Ultramar. Ele assim: "Então agora vais..." Fui furriel, fui para Tavira... Andei sempre perto de casa! Aqui de Coimbra... Caldas da Rainha, Tavira, Chaves, Viana do Castelo, sempre aqui pertinho! Longe como o caraças mas pronto! Em Chaves ele disse: "Opa vai para Chaves e depois dá baixa ao hospital. Eu arranjo-te lá um..." Era aquilo que se fazia na altura... "Eu arranjo-te lá umas radiografias e tal... E o médico põe lá... Risca." Quando eu era para ir dar... Quando era para ir para o Hospital Militar doía-me tudo. Não me doía nada, graças a Deus. O homem morreu. Opa! "Opa! Não vais para o hospital... O homem morreu e tal." Isto na véspera de eu ir para o hospital. #00:43:56-0# O regedor aqui de... O que me desenrascava. Acabou por morrer! Opa! Pronto... Nem fui oficial e acabei por ir na mesma para o Ultramar como furriel. Podia ter ido como... Como oficial. Opa, pronto, e foi o meu trajeto... Mas mesmo lá fui... Fui... Fui... A PIDE também andava assim um bocadinho em cima daqueles que falavam de mais... #00:44:22-4# (B6)

Eu trabalhava na Mondurel. Era o primeiro emprego na Mondurel. E atenção na altura era complicado. Porque até a gente casar, até eu casar, eu dava sempre o dinheiro, recebíamos de 15 em 15 dias... O dinheiro era para os pais. [...] Eu trabalhava na Mondurel tinha um bom emprego... #00:52:11-6# Eu era torneiro e fresador e era subchefe de secção. Portanto, quando não estava o chefe era eu que respondia... #00:52:22-7# Na Mondurel comecei a ser... Eu era delegado sindical dos metalúrgicos... E fui da Comissão de Trabalhadores da Mondurel. Portanto, eu fui um dos indivíduos que... Ah, e depois era um indivíduo que de certa maneira, eu era apaziguador. Lutava mas tinha de haver um consenso porque becos sem saída... #00:52:46-7# [...] Portanto, eu era um indivíduo de certa maneira privilegiado... Privilegiado na negociação. Porque eu via as partes. Os trabalhadores precisam e aqueles também precisam. #01:09:48-4# (B6)

Entretanto, dá-se o 25 de abril... Quando se deu estava eu em Moçambique... Portanto, eu sou um homem do 25 de abril... Não fiz nada mas ao menos comi camarão e bebi cerveja nessa noite... No outro dia a seguir... A festejar. (B6)

14 Anos na Mondurel, dois anos na CIMPOR e 24 anos na Central de Cervejas. #01:13:31-1# (B6)

O trabalho... Fazia o mesmo trabalho que estava ali a fazer na Mondurel... Torneiro e fresador. [...] Opa, e depois como eu tinha feito concurso para as Cervejas e para a CIMPOR... Primeiro chamou-me a CIMPOR e eu fui... E passados esses dois anos da Cerveja: "Olhe, se estiver interessado... E tal..." E eu opus... Eu como cimento ou bebo cerveja, pronto, e optei por beber cerveja. Pronto... Isto é a lógica das coisas... #01:14:35-5# (B6)

#### **Código 5: Experiência profissional 2 (na empresa encerrada)**

##### Extratos

O percurso que fiz na Triunfo eu acredito que foi um acomodar de situação... Acomodei-me. Deixei-me acomodar ali um período... Porque aquilo não era para mim. Eu sou... A minha ambição é diferente. Portanto, aquele percurso que eu fiz ali foi por comodismo. Como houve um período que me correu mal (negócio de Sociedade), depois na transição aproveitei aquele período para estabilizar... Vá lá, digamos...E acomodar-me um pouco, não é? Mas se... Se a empresa não fechasse naquele momento... Que eu também acabei por sair antes de fechar... #00:29:45-0# (A1)



Ah... Ah... Eu sou uma pessoa... Eu sou uma pessoa que me adapto às circunstâncias mas... (risos). Não é achar... Considerá-los inferiores, não, mas... Básicos. Muito básicos mesmo. Eu considero-me estar num outro nível. Mas, pronto, lá está... #00:33:11-0# E o meu *know-how* também é superior aquela gente. Porque eu quando chegava ali, por vezes, já levava um dia de trabalho na minha área. Portanto, eu ali tinha o trabalho naquela empresa, uma empresa fabril, não é? Mas havia dias que chegava ali e já levava o trabalho da minha atividade. Porque eu entrava, normalmente, às cinco da tarde e eu fazendo esse turno. E eu fazendo esse turno no período diurno podia fazer alguma coisa ainda, até às cinco da tarde, está a ver? #00:34:03-7# (A1)

Quanto a mim eu considero que era um... Uma mais-valia ali dentro. Apesar de ser do sindicato! Porque os sindicalistas não são bem vistos na empresa. Mas eu não! Eu era um sindicalista mas era um trabalhador. Porque quando era preciso ir para aqui ou ir para acolá. Ou fazer aquela tarefa, ou esta, ou aquela... O Abel estava lá para dar a cara. E era sindicalista. Portanto, é uma coisa que eu me sinto orgulhoso. Ah... Os outros sindicalistas que por lá trabalhavam acho que não poderiam dizer o mesmo. Não. Não de todo. #00:38:19-7# (A1)

Foram uns colegas que tiveram conhecimento e disseram: "Epá! Olha... Isto... Vai fechar!" Foi um choque... Para mim foi um choque. Choque no sentido que eu andava ali acomodado, mas também já estava a chegar ao limite. Já... Eu já pensava muito seriamente também... #00:58:03-8# (A1)

Portanto tinha trinta e tal... Foi um choque. Eu já entrei ali com 23 anos... Portanto, já não era tão novo assim. Mas recebi com algum choque, não é? Surpresa, também... Mas recebi com algum choque, surpresa também... #00:58:40-9# (A1)

As pessoas ficaram alarmadas, não é? Se calhar, eu não terei sido dos que fiquei mais alarmado... Porque lá está... Tenho dois braços para trabalhar e tenho uma atividade. Não... Eu já consegui desenvolver outra atividade... Se calhar, eu estaria um pouco mais à vontade do que as pessoas que não sabem fazer mais nada. Ou que são mais limitadas porque o percurso de vida que elas entenderam que deveriam enveredar era aquele, durante quarenta ou cinquenta anos ou toda a vida deles... Essas seria mais difícil. (A1)

E eu tinha aquele vício zinho da brincadeira e a minha mãe voltou a meter-me na fábrica. Desta vez na Estaco... Lembra-se da Estaco? Cerâmicas Estaco... E eu fui para a Estaco. Fui para Estaco para o escritório, fui lá fazer uma prova. E o chefe do escritório

depois foi o meu padrinho de casamento... Lá gostou da prova e pôs-me lá... Era o pacote. E fiquei pacote até ir para a tropa. [...] Fazia estas coisitas... Antes de ir para a tropa. Para a tropa... Voluntário. #00:05:32-0# (A2)

Portanto, estive nos serviços comerciais durante muito tempo. Fui chefe de logística dos armazéns de produtos acabados da Estaco também durante muitos anos, e acabei a carreira na Estaco, até a Estaco fechar, como vendedor. Posso-lhe dizer... Isto já é um bocadinho vaidade minha... Posso-lhe dizer que nos serviços comerciais para me substituir foram três pessoas... E como vendedor, nos seis anos que estive como vendedor, também vaidade minha - e apreciação é minha mas é real - tornei-me o melhor vendedor da Estaco, aquele que mais números fazia... Em termos de dinheiro. #00:14:41-7# (A2)

Eu vendia normalmente só a empresas. Nós não podíamos vender a particulares... Só vendia a vendedores, digamos assim. Eu só vendia a revendedores de materiais de construção que vendessem azulejos, que vendessem sanitários, que vendessem pavimento, pronto. Só. E tinha uma área geográfica distribuída lá para Viseu, Alentejo, parte do Alto Alentejo, Castelo Branco, Fundão... #00:15:57-9# (A2)

Nunca tive problemas, não. Pelo contrário! Sempre tive... Sempre tive uma boa relação. #00:43:30-9# (A2)

Ah... Não. Não estava à espera. Não estava. Mas depois aquilo começou a haver dificuldades... Os dinheiros e a gestão, na minha opinião, não começou... Começou a falhar e entrou-se num processo que culminou com o encerramento. Ah... Há um fator importante que concorre para isso que é... A abertura de um mercado nacional ao mercado estrangeiro, particularmente, o espanhol. E os espanhóis invadiram... Invadiram-nos com a cerâmica deles. [...] Isso ajudou muito a falência das nossas empresas, particularmente, a Estaco. Depois a Estaco acabou por falir por falta de investimento. A Estaco descapitalizou-se com a zanga das famílias... [...] Portanto, houve aqui um misto de... De mercado e de má gestão, na minha opinião. Porque três como a Estaco era... A Estaco era uma fábrica de azulejos, uma fábrica de pavimento e uma fábrica de sanitários. Penso que não havia uma razão forte que a levasse a cair como ela caiu. Aliás, os sindicatos acompanharam isto e... #00:51:16-9# (A2)

Sempre fui (sindicalista na Estaco). Ah... Fui dirigente de um sindicato durante nove anos - Sindicato Comércio de Passadiços. #00:51:27-7# Só na Estaco, sim. E... E depois deixei de ser da UGT e fui delegado até a Estaco fechar. #00:51:35-8# (A2)

Foi complicada (na altura das greves e vigílias). Muito complicada porque eu tinha obrigação que provinha da consciência de classe... E o que é que eu... O que é que eu represento enquanto trabalhador e a minha proximidade à própria direção e aos próprios clientes que são pessoas... A Direção chegou-me a dizer uma vez: "Olha..." Virar-se para a reunião, para a equipa da comissão: "Porque o que aqui está não anda com isto para a frente. Sr. César - que era eu - em vez de estar a vender está aqui sentado numa reunião!" Isto é uma (...) moral muito... Muito forte. Só quem passa por elas e as sente, não é? Ah... Portanto, tinha a proximidade à Administração porque eu lidava diretamente com a Administração e com os Quadros Superiores... E tinha a minha posição enquanto trabalhador. E gerir isto é... É difícil. #00:53:08-2# (A2)

E como trabalhar... Então, como trabalhador estava em contato permanente com a gestão que não tinha... Ninguém no meio. Era eu e a Direção da fábrica... E como sindicalista tinha que estar no papel de trabalhador ligado aos trabalhadores. Pronto... E gerir isto foi... Nunca traí! Obviamente... Estive sempre com os trabalhadores até à última hora... Ainda hoje! Não é por acaso que estou aqui... Mas... Foi mesmo muito complicado. E depois o leque de clientes não são pessoas... Os empresários a quem eu vendia não são pessoas que estejam e percebam as greves... E percebam a consciência de classe de trabalhador, com raras exceções... A consciência de classe do trabalhador e a posição dos trabalhadores. Não são. E eu andava ali naquele meio... Como é que eu aparecia na televisão de braço no ar a reivindicar e depois chegava lá ao (...) que há uma encomenda. Obviamente, que cada vez que havia uma televisão ou uma entrevista eu não estava. Estava de lado... Para não ser... Para a minha imagem não se refletir... #00:54:21-7# (A2)

Eram famílias inteiras... Tiveram umas... Entraram no nosso emprego... Nós tínhamos uma particularidade... Éramos uma população de trabalhadores bastante envelhecida. A média de idades rondava os cinquenta anos... Cinquenta e por aí acima... E... Uns aproveitaram para o desemprego, de juntar no desemprego e depois receberam mais aquele que vem a seguir... Chamam-lhe o social. #00:55:02-2# E depois vão para a reforma... #00:55:07-9# [...] Porque entretanto já houve uma série de anos... Naquele tempo aos cinquenta e seis anos com os descontos todos e provindo de um despedimento de longa duração... De um desemprego de longa duração podiam entrar para as reformas. (A2)

À mesma empresa (depois do acidente)... Eu já não pude ir para o trabalho que fazia... Para o serviço que fazia... Fui para outro tipo de trabalho porque onde eu estava... Estava na parte de acabamentos dos mármore e aquilo já requeria um bocado mais de esforços e... E assim não... Não dava para estar naquele serviço... E no pó que aquilo fazia... E aí tive que... Tive que ir para outro setor. #00:09:35-0# (A3)

Eu trabalhei lá desde os meus catorze anos até 2007. Saí de lá por falta de pagamentos... #00:11:54-1# Olhe isto... Isto entre ordenados e subsídios há cinco meses e tal de... De vencimentos em falta... Que ainda hoje não foram pagos. #00:12:11-3# (A3)

Ultimamente... Desde a década de 90 até 2005 quando aquilo... Quando a empresa entrou nas barras do tribunal iam fazendo um pagamento por conta de... De vez em quando. Entravam os mapas todos os meses, eram carimbados na Segurança Social mas não entrava o dinheiro. #00:25:14-6# (A3)

Porque era uma empresa sólida, uma empresa que sempre teve trabalho, uma empresa que cresceu muito... Houve uma altura que deram uma entrevista para a comunicação social, que foi o comemorar dos 30 anos do fundador da empresa, neste caso, o Batanete velho... E o Mármore na entrevista do homem era o ouro branco. Havia muita coisa... Só que depois entretanto deu uma cota aos filhos e a partir daí... #00:25:58-5# [...] Não tinha dinheiro para pagar aos funcionários mas tiveram dinheiro para voltar a comprar o recheio da empresa. Isto é o país em que nós... Em que nós vivemos (risos). Isto é assim que funciona. É por isso que as pessoas cada vez acreditam menos nos governantes e tudo... Eles são os piores. (A3)

Não foi até aquilo fechar porque aquilo fechou só em 2008 e eu não... Foram nove meses depois de... Vinte e tal trabalhadores que saímos juntos, que suspendemos o contrato, por falta de pagamentos... Aquilo fechou. Nós saímos a 26 de setembro de 2007 e a empresa fechou no dia 13 de junho de 2008. #00:59:05-5# (A3)

É assim o ambiente... O ambiente... O ambiente foi bom... Foi bom enquanto foi o patrão... O pai à frente daquilo era uma pessoa que cumprimentava os trabalhadores todos... Era uma pessoa que... Na altura chegámos a trazer dez contos que estavam metidos na folha, não era clandestinamente... Não andavam de fora... Eram metidos na folha... Cada trabalhador! #00:59:46-2# (A3)

Acabaram por nos tirar esse dinheiro... Nós, o pessoal que trabalhava nos acabamentos - que era onde eu estava antes do acidente - tínhamos dez minutos para tomar

banho, mais cedo que os outros trabalhadores, por causa do pó... Dispensavam-nos dez minutos, todos os dias, mais cedo que os outros... Eles andaram, andaram... De dez veio para sete, de sete veio para cinco e de cinco acabaram por tirar... Os filhos... Tinham vinte minutos de manhã para comer a bucha... Passou de vinte para um quarto de hora, de um quarto de hora para dez minutos... Só não tiraram os dez minutos porque não podiam (risos). #01:00:51-1# (A3)

Mas não tinha na folha... Tinha pessoas que era eu que mandava mas era só para trabalhar. Os louvores eram os outros que os levavam, eram os encarregados gerais. Acontece muito em certas empresas... Você está a chefiar mas não ganha como isso. #01:05:38-3# Era. Era eu que fazia as encomendas da madeira para a empresa e tudo o que era preciso. #01:05:43-3# [...] Eu só controlava o que dizia respeito mesmo à parte da carpintaria... Eles chegavam lá com uma... Com uma nota da encomenda que era: "É preciso isto, é preciso aquilo..." e eu é que executava e mandava executar. #01:06:06-1# (A3)

O trabalhador se respondesse com razão a uma coisa qualquer era posto de castigo... #01:11:28-7# [...] Tiravam-nos do local de trabalho... Tinha, por exemplo, uma profissão... Você tem que executar a sua profissão... Só é obrigada a sair dali caso haja extinção da sua profissão ou que não haja trabalho para a executar. [...] Eu cheguei a fazer isso... Mas, ultimamente, antes de eu sair cheguei a ser posto de castigo, também. Só estive foi dois dias... Porque eu na altura como estava na Direção do Sindicato, liguei logo ao sindicato, meti logo um dia para o sindicato... [...] #01:13:04-6# É! Humilhação! Eles, na altura, o argumento deles é que não havia que fazer lá em baixo na secção. [...] E fizeram com muitos. #01:13:38-7# (A3)

Ah, eu já sabia! Nessa altura... Já, já, já. Já porque eu como estava na Direção fui uma das pessoas que acompanhei o processo daquela empresa desde 2005 até ela fechar... Acompanhei o processo todo e as reuniões todas. #01:13:59-6# (A3)

Nós chegámos a fazer greves por falta de pagamento... Houve uma altura que até o encarregado veio... Foi a Comunicação Social lá e veio... Que era contra a greve! Que dois dias de greve que era muito! Que tinha muito que fazer... E a pessoa que estava a fazer a reportagem... #01:27:46-3# Havia trabalho... Não havia era dinheiro... E a pessoa que estava a fazer a reportagem perguntou-lhe: "Então como é que o senhor explica... Se há tanto que fazer como é que não há dinheiro para pagar aos trabalhadores?" "Ah, isso já

não me compete a mim... Isso... Agora acho que o pessoal.. [...] E tínhamos delegado sindical e assim... Intervimos. E tínhamos muitos trabalhadores que pronto... Com a falta de pagamento estrebucham, não é? Chegar ao fim do mês... Querem dar de comer à família e não terem dinheiro para comprar... Terem a renda da casa para pagar... Não haver dinheiro para pagar ao senhorio... Terem o empréstimo da casa, os que tinham casa, e que estavam a pagar ao banco... Não haver dinheiro... Chegaram alguns a telefonarem para a empresa da Caixa Geral de Depósitos, na altura, que era ali na zona... Sediada na zona da empresa... A ligar porque não havia dinheiros... E alguns foram obrigados a despedir-se e a ir à procura de outro rumo, pronto. Mudarem de profissão porque não conseguiam pagar as despesas que tinham. #01:29:24-6# (A3)

Uma pessoa sente-se frustrada... Já viu o que é chegar ao final do mês... Ter o telefone, ter a luz, ter a água, ter isto, ter aquilo para pagar e não... Sem receber. #01:29:32-1# (A3)

Isso... Há pessoas... Portanto, a nível de clientes às vezes que pronto... Pode ter alguma influência porque nos conhecem e começam a ser clientes da casa. Eu, por exemplo, enquanto ainda estive a trabalhar, lá, já com o comércio aqui aberto chegava a levar mercadoria para colegas de trabalho e aquilo tudo. Eu chegava a levar mercadoria para colegas de trabalho... Que me pediam. #01:34:20-6# (A3)

Tinha. Tinha (continuado na empresa)... Caso pagassem! Caso... Caso pagassem tinha continuado lá e depois esperar o que é que dava aqui o negócio... Podia não continuar definitivamente... #01:41:23-4# (A3)

Na Triunfo. Gostava... Porque eu gostava muito... Gostava porque éramos uma família. Fomos praticamente criados uns com os outros... Era uma cambada jovem e tínhamos muito respeito uns pelos outros... Era uma família. A gente agora podia estar zangados mas amanhã ou além já estávamos bem. Coisas do trabalho... (A4)

E outra coisa! Eu mais o António, a Comissão Trabalhadora, mais um grupinho muito pequenino... É assim a gente negociava o contrato anual para os aumentos... E eles prometeram-nos que davam-nos um ordenado, a nós, o salário... Um salário mais alto... Com a fábrica Mem Martins... E não! Chamaram-nos... As chefas de linha disseram que não podia dar esse... Esse aumento... Porque iam pôr um telhado na fábrica porque chovia... E nós todos em conjunto pensámos: "Sim! Mais vale o pouco certo do que o muito incerto!" O que a gente queria era trabalho... Eu já tinha duas filhas, não é? E

bastante já adiantadas nos estudos... E eles passados dois ou três meses anunciam que a fábrica ia fechar... Isso foi uma grande revolta para nós! Para mim foi! Basta que as minhas colegas rescindiram... Quase todas... Colegas e homens... Do contrato de trabalho... Eu nunca rescindi! Eu fiquei até à última! Fui três vezes chamada a assinar... Eu disse... Uma vez foi a advogada, outra o António João e outra não sei mais o quê... Eu assim: "Olhem a fábrica é vossa! A rua é minha! Quando a fábrica fechar eu vou para a rua! Mas enquanto a fábrica funcionar eu fico cá dentro!" [...] Mas para mim foi uma grande revolta... Nós toda a vida trabalhámos ali de alma e coração...e outros! #00:05:44-0# Trinta e um anos... #00:05:46-0# (A4)

Pronto... Às vezes não corria lá muito bem e a gente desentendia-se uma com as outras e coisa... Mas pronto... Se houvesse uma equipa assim unida... Por isso (16:31) tínhamos tempo para brincar e para cantar... Se houvesse uma ou outra assim mais (16:38) Mas tenho muitas saudades da fábrica. (A4)

Na Triunfo. Eu era na Triunfo. Foi muito complicada a nossa vida de princípio, assim... Os ordenados muito baixinhos... As despesas... Não é? Trabalhámos muito... Eu era empacotadeira... #00:32:56-4# (A4)

Como é que soube? Soube pelas chefas que diziam que aquilo que... Pronto, passados esses três meses que eles disseram que não podiam, que iam pôr o telhado, passado três meses deram-nos a bomba para a mão... Estoirada... Que a fábrica ao fim do ano que fechava. Mas eu não acho... Eu acho que não foi um ano... Foi mais... Ainda foi dois anos, não foi... Eu não sei... Depois ele [o marido] foi... Como era mecânico foi com a fábrica... Desmanchar as máquinas e foram para Mem Martins. Eu fiquei até ela fechar! E depois havia muita bolacha para embalar (33:47) era um grupo pequenino... Era um grupo pequeno... Treze, catorze pessoas... Não era mais... Numa fábrica imensa... Mas eu foi até ao último dia... #00:34:02-1# (A4)

E aquela ali parece o deserto... Parece o (34:44) até dói (34:45) ver a empresa que era e como aquilo está ao abandono... Aquilo foi muito difícil. Fiquei muito revoltada, mesmo! Foi mesmo difícil... Porque a gente trabalhava e eu... Trabalhávamos de alma e coração, ali, para aquilo... Às vezes quando aquilo estava assim em baixo e a gente tinha conhecimento... Houve uma vez que fomos trabalhar a um domingo... E o ordenado foi o mesmo. #00:35:15-6# (A4)

Nunca. Eles não me devem nada... Não me ficaram a dever nada... O ordenado sempre limpo. É o que eu lhe digo... A Triunfo não faliu... A Triunfo foi transladada para outro lado. Ela não faliu... #00:35:35-4# Revoltada! Com tudo! Com tudo! #00:35:46-5# (A4)

E as outras também... Só que umas tinham casa para pagar... Tinham mobílias para pagar... Quer dizer, se a fábrica não desse indemnização elas não pagavam a ninguém... Elas não pensavam... Elas iam aos plenários, não pensaram... Porque se fosse o grupo maior eles nunca podiam fechar a fábrica. Foi dito isso em tribunal de trabalhos... Mas o grupo era tão menor que eles passaram por cima de tudo e de todos... Porque se eles não começassem a rescindir o trabalho... A rescindir contratos... Eu não era obrigada a rescindir... Então... E depois não darem aquilo que nós merecíamos... É isso! A minha revolta foi essa! Porque eles iludiram-nos que a gente ficava com o ordenado como a Mem Martins que era o salário mais alto... Então nós é que era a fábrica mãe e ganhávamos menos que os de Lisboa... E depois eu fui para tribunal... Eu não... A Comissão de Trabalho foi para tribunal com eles ainda ganhei o que eu tinha... O que eu tinha direito... Ficar com ele que é meu... Olhe soube bem! Foi para as minhas filhas... Soube tão bem a minha Ana que ela foi para o desaterro da casa dela... Soube mesmo bem... E depois pusemos mais umas migalhitas e foi mil para cada uma... Ainda fui buscar mil setecentos e tal... Naquela altura era escudos... Mil e setecentos e qualquer coisa contos... Tenho lá o cheque que eu queria... Fiquei tão revoltada que eu queria publicar isso no jornal... O marido de uma colega disse assim: "Não! Que isso ainda pode dar problemas não vamos fazer nada!" Eu queria! Para elas verem que foram fracas! Elas foram fracas! Porque se elas não tivessem naquela... Cagavam-se todas de ir... De ir à sala. Falar com quem quer que seja... Eu disse para a advogada de lá, que também levou um chuto lá de cima da Mem Martins, que se danou! A advogada lá: "Oh D. Aurora mas a fábrica não é sua... A senhora..." "Eu sei que a fábrica não é minha! Mas a senhora não se esqueça que eu tenho duas filhas a estudar e precisam muito de mim! E eu preciso muito do dinheiro! Quando a fábrica fechar a rua é minha e a fábrica é vossa! Só que eu não assino! Ninguém me obriga a assinar uma coisa que eu não quero!" Eu fui lá três vezes chamada... Pensavam que me intimidavam... Mas eu... A minha revolta é eles... Opa eu não sei! Eles não me deviam nada mas foram fracós... Foram mentirosos. Mas havia uma colega minha (38:09)



o que é que é isso? Para os anos de trabalho que a gente dedicou lá... E a revolta ainda é essa. #00:38:26-8# (A4)

Eles deram-lhe aquela oportunidade e queriam que eu fosse para lá... Eu? Nem que eu vá cavar terra para cima dos pés! Para lá é que eu nunca vou! #00:52:00-9# Então as minhas filhas andavam aqui na Faculdade... Deixava as minhas filhas e ia para lá trabalhar? Nunca! Nunca fazia isso... "Se quiseres diz que vais para a semana!" "Eu? Nem morta!" [...] (A4)

Eu comecei a ver, por exemplo, que na parte técnica da fábrica eu tinha vários departamentos, não é? Inclusivamente, nos escritórios eu fazia-se documentos para notas de encomenda, notas disto, notas daquilo... E eu comecei a fazer brincadeiras do género... Via os documentos que a empresa tinha e eram (25:04) operário... E comecei a fazer trabalhos manuais com canetas... Fazer o mesmo... E o patrão começou a chamar-me: "Opa! Tu tens jeito para isto... É que tu consegues fazer melhor do que a pessoa que eu tenho lá dentro" Então eu era operário... Muitas vezes chamavam-me para o escritório para fazer certos serviços que as deixavam... As pessoas que estavam... Que estavam mais... Mais... Pronto já estavam... Que já estava mais... Que já tinham cursos para fazer esse trabalho e não conseguiam fazer... Então fazia-os eu. Eu é que fazia e ia fazer outros trabalhos. (A5)

Regresso à fábrica (depois da tropa)... Entretanto, sigo o meu percurso todo sindical até que em 1990, pronto, saio... Pronto, saio, indemnizado... Ah... #00:55:19-3# Saímos os dois (ele e a esposa)... #00:55:29-0# Ao mesmo tempo. Mas eles a mim deixavam-me sair... Há minha mulher é que não... #00:55:32-4# (A5)

É um frente a frente (com a entidade patronal por ser sindicalista)... #01:05:56-9# É um embate. #01:05:59-9# (A5)

Adoravam-me (os colegas de trabalho). #01:06:05-9# (A5)

Eu adorava... A minha função... Eu era... É assim... Eu estava no laboratório... Agora por fim estava no laboratório. (A5)

Uma tentativa de lavagem cerebral. Dizer: "Olhe senhor Bonito... O que nós pensamos de si é assim... Nós achamos que você é inteligentíssimo... Porque a gente sabe o que é que você sabe fazer... O que é que consegue transmitir... Da maneira como você... Você faz... Você age... Você é mal-empregado estar a fazer o que está a fazer... Porque olhe lá... Ser sindicalista não lhe dá dinheiro... O que é que o motiva ser sindicalista? O

senhor a partir deste momento..." - foi o que eles fizeram aos outros e os outros aceitaram e aqui está aquilo que o capitalismo faz - "O senhor a partir de hoje está à vontade com a gente... O senhor só nos diz o que é que quer... Encarregado... E onde... E como... O senhor passa a ser o chefe aqui da empresa... A gente dá-lhe o lugar... Só... Só lhe pedimos isto... A gente dá-lhe o lugar... Damos-lhe o lugar mas o senhor deixa de ser sindicalista!" - e era o Presidente da Comissão de Trabalhadores - "O senhor deixa isto tudo e a gente dá-lhe o que o senhor quiser... A gente... A gente acha que o senhor é interessante... A gente não o quer mandar embora porque sabemos que não podemos, mas também não estamos interessados em mandá-lo embora... A gente quer é que o senhor se sinta bem. E então a gente vai-lhe dar o que o senhor precisa, na sua vida." E eu viro-me para eles: "Oíçam!" Isto está escrito! [...] Eu não traio os meus colegas por dinheiro nenhum. Vocês podem-me dar fortunas... E, aliás, estão-me a dar lugares... Vocês estão-me a oferecer uma vida melhor... Mas eu sentia-me mal com aquilo que vocês me davam." - Porque eu não era uma pessoa normal - "E então eu estou muito bem assim... Os senhores se quiserem... Atuem conforme quiserem... Conheço bem a lei... [...] "O senhor não quer ser encarregado, não quer ser encarregado... A gente põe-o no laboratório... E o senhor tem uma vida boa." "Mas eu não aceito? Sabe porquê? Porque os senhores se me mandarem para o laboratório... Eu vou para onde vocês quiserem... Só que eu calço as botas de borracha e venho na mesma para junto dos meus colegas. [...] (A5)

Então é assim: "Ai tenho que me apresentar aqui para não fazer comícios? Olha... Desconheces... Desconheces a lei... Mas eu vou-te informar de qual é a lei. Como não tenho confiança em ti porque eu sei que não posso ter confiança em ti... Quando eu quiser ir fazer os comícios que tu dizes que eu não posso fazer... Chamo um trabalhador da minha confiança e digo assim ao pé dele... Oh fulano! Eu vou fazer esta atividade sindical... E eu vou-me embora fazer os tais comícios que tu não queres que eu vá fazer! E tu ficas a olhar para mim! Porque tu não podes fazer nada... Ficas quietinho, logo. No teu lugar!" "Ai é?" "É! E se tu não sabes ficas a saber... Ou vais à administração que eles explicam-te. Se não explicarem eles têm quem explique. Ficas a saber!" (A5)

Era uma família muito grande... Era uma família. #01:24:34-0# Os trabalhadores eram muito unidos. #01:24:38-0# (A5)

Não. Não, não (se houve vigílias)... E porquê? Porque esta fábrica não encerrou... Esta fábrica foi deslocalizada, ou seja, depois um grupo comprou a empresa... Entretanto,

tinham empresas mais novas no distrito de Aveiro e então os funcionários daqui passaram para lá e esta fecharam-na. Portanto, há alguns... #01:25:09-8# Ainda hoje lá há alguns... Embora (01:25:10) os mais novos. #01:25:17-9# (A5)

Penaconvex. Abriu nessa altura... Ali pela altura... Lá está... Quando me casei, mais ou menos, abril... Ah, ótimo! Só que vim-me inscrever... Era tanta gente! Era porque eles tinham tantas inscrições, tantas, tantas, tantas, tantas, tantas, tantas... Então não havia nada... Que... Eles só aceitavam a partir dos dezoito. #00:39:05-0# Depois estive dois anos naquela fábrica. #00:41:13-5# (A6)

Ora como fui para a fábrica de móveis, mas havia uma fábrica de costura... Para onde é que acha que eu queria ir? Era para lá. E eu, às vezes, estava ali e pensava: "Ai se me chamassem!" [...] Ele ficou interessado. Eu percebi logo que ele ficou interessado. Ah, mas teve uma coisa muito grave! É que ele ofereceu-me nove contos a menos... Quarenta e cinco euros... Porque eu ganhava, nós, na fábrica de móveis, ganhávamos mais nove contos do que ali. Ali era o ordenado mínimo dos mínimos... Pronto... [...] E eu fui para casa e disse ao meu marido: "Oh! Eu até ia! Mas dão nove contos a menos..." E o meu marido disse-me: "Então são nove contos a menos mas tens de ir! Porque é que... Tu gostas de fazer...! Olha e também é assim... Ainda são três quilómetros a menos para cada lado... Três quilómetros a menos são seis ao fim do dia... Olha é muito mais limpo o trabalho e não me sujais o carro!" (risos) Olha que ele disse-me isto! A sério! [...] Lá está... Também era o que eu queria ouvir... Porque eu gostava mais daquele trabalho... E depois ele também disse: "Depois podes aprender!" Pronto... Então... Fui lá dizer que sim... Que ia. E então sai um dia de trabalhar numa fábrica... Só tive que dar o tempo... Nem dei muito... Só dei uns dias porque eles depois também me desculparam lá de outro lado... "Se quiser volte!" Pronto, depois não voltei porque aquilo também faliu... Depois faliu tudo. (A6)

E então um dia falou comigo e disse que queria que eu ficasse como chefe de linha, pronto. E eu disse-lhe: "Ok. Só que há coisas que eu não sei..." Porque havia tarefa... Repare... Eu sabia costurar para mim qualquer coisa mas eu não tinha... Eu nunca tinha aprendido as técnicas corretas de costura, certo? Então... Então... #00:49:44-5# [...] E eu disse: "Ok. Se a D. Josefina acha que eu sou capaz... Eu vou-me esforçar o que eu puder e vou ser capaz. Eu vou fazer o meu melhor, pronto." E resultou, pronto... Então fiquei como chefe de linha e estive assim até a fábrica falir, pronto. Aquilo quando eu entrei já

andava mal... Aquilo sempre andou mal porque nós tínhamos muito trabalho... #00:51:48-7# [...] Claro que foi muito mal... Então fui das últimas a entrar e depois eu era chefe... E depois eu ouvia assim atrás de mim: "Pois! Eu queria-te ver era sentada aqui na máquina..." E eu... Mas aquilo custava-me... Eu dava a volta mas... Ficava aqui a moer... Nunca me deixei ir abaixo mas... Mas... Mas aquilo moía, pronto. Quando... Duas ou três vezes que perdi as estribeiras e respondi... Respondi no sentido de: "Olha! Se te oferecessem o meu lugar recusavas?" Ou tipo: "Estou primeiro eu e a minha família do que vocês! (A6)

Também lembro-me que ganhava mais... Confesso que agora já não sei quanto... Mas eu fiquei a ganhar mais um bocadinho que as outras... Se não, nem sequer havia conflitos, porque lá está... Porque o conflito não era o trabalho... Era o dinheiro! (risos) Exato. O conflito era por causa do dinheiro... E lembro-me que foi pior quando o meu chefe foi trocado... Eu sou Anabela e havia uma Amanda... E um dia fomos receber a Amanda... Nós, normalmente, no dia de receber iam chamando... Uma a uma ao escritório ou não sei quê... Ou íamos a eito na linha... A Amanda trouxe o meu cheque por engano... E foi quando tiveram a certeza que eu ganhava mais e quanto eu ganhava... E aí é que a porca torceu o rabo... Pronto. Mas olhe... Temos pena! (risos) #00:57:55-5# (A6)

O tempo de vida da empresa? Eu penso que foram sete anos... Eu penso que a fábrica entretanto estava a laboral assim... #00:51:56-1# Hum... Sete, oito... Porque repare... A fábrica abriu mais ou menos quando eu me casei... Então estive dois anos e meio em casa, depois é que fui trabalhar, estive dois anos na outra, isto faz quatro e meio, cinco... E depois estive lá dois... #00:52:12-0# Estive nos dois anos finais, sim. (A6)

Ali funcionava tudo mal... Na Penaconvex, pronto. Também não era tudo... Mas quase tudo! Desde... Quando eu entrei já pagavam mal... Tipo tarde, às más horas, meses em atraso... Nunca recebi nenhum subsídio, ou seja, fiquei no prejuízo... Porque além dos nove contos... Fiquei a ganhar em termos pessoais e profissionais... Em termos de futuro... A longo prazo ganhei ter mudado e ir para ali, pronto. Mas nunca recebi... Nos dois anos que estive lá... Dois anos e pouco nunca chegámos a receber... Ninguém recebeu nenhum subsídio de férias, nem nenhum décimo terceiro mês, e... Também, olhe... Já nem me lembro! Durante muitos anos lembrei-me... Agora já nem lembro de quantos ordenados ficaram em atraso... Logo isso gerava mau... E depois tudo mulheres, todas da mesma idade... A coisa não corre muito bem. Olhe... Aquilo às vezes parecia a casa dos segredos!

(risos) Quer queiramos, quer não, era um bocado assim-assim... Pronto, era... #00:55:27-3# (A6)

E então quando tudo estava mal e então o que é que... Pronto... Estava mal porquê? Porque o dinheiro era desviado, lógico. Aquilo foi... Aquilo foi um dos balões de oxigénio que existiram naquela década... Pronto... [...] #01:00:19-7# (A6)

Porque era assim... Acontece que como o pessoal não recebia como devia ser... Havia muitas baixas... Havia... Está a ver? As pessoas andavam de mau-humor, não é? Porque... Eu para mim isto conta muito... Pronto, a pessoa gostar do que faz... Andar de gosto, trabalhar com afinco, trabalhar com dedicação, trabalhar com prazer... Tem tudo a ver para o resultado final. Pronto... E aí... Eles... Eles percebiam... Inclusive depois num todo há sempre uma ou outra que quando vê o cliente passar manda uma boca... Pronto, ele começaram... A perceber. #01:01:02-8# (A6)

Pronto... Aí é que entra o sindicato. Depois não me pergunte quem nem como... Sei que alguém... Alguém se mexeu. E essa parte eu não me lembro... E disse: "Ah, temos de fazer alguma coisa!" E lembro-me de aparecer o sindicato, lá, para nos sindicalizarmos. Toda a gente se sindicalizou. Pronto... Ficámos tipo como: "Ai... Ufa! Agora alguém nos vai ajudar!" Pronto. Lembro-me de entrar o sindicato e lembro-me do sindicato nos incentivar a fazer greve e blá, blá, blá, blá, blá, blá... Olhe... Por acaso... Ah, depois fizemos greve! Eu como não sou nada de estar parada... Se estiver parada a falar, a conversar como agora... Ainda vale de mal o menos... Agora estar assim aqui parada é que não... Eu lembro-me que aguentei um dia e outro... E ao terceiro dia eu disse: "Ah! Eu não consigo..." #01:03:20-7# [...] Sentadinhas aqui e depois nem podíamos ler porque estávamos na hora de trabalho... Não podíamos fazer renda, nem crochet, nem tricot, nada disso... Ah, pois! Eu ao terceiro dia não aguentei... [...] "Eu não aguento. Eu não venho!" Depois lembro-me que eu não cheguei... Eu acho que ficava mesmo em casa... Mas eu não cheguei a faltar... Também não podíamos faltar porque se não, não era greve, não é? Mas depois veio ordem do sindicato para trabalharmos... Eu este processo não me lembro muito bem. Mas sei que foi assim... Lembro-me dessa parte... De eu não aguentar mais estar quieta a fazer greve assim. E então, entretanto, eu fiquei de férias... Isto já... Estava... Estava a fazer dois anos... Eu fiquei de férias e fui visitar os meus irmãos ao Luxemburgo. Estava eu no Luxemburgo sentadinha a jantar... Quando comecei a ver na televisão a abertura do telejornal... Ah... Como é que é? "Operadoras da Penaconvex cortam IP3!" E

eu: "Olha!" Só que eu estava no Luxemburgo no bem-bom... Percebe ao que eu me safei? Pronto... Cortaram a IP3... Vieram... Com o sindicato! Cortaram o IP3, vieram para a porta da Câmara, foi o maior escarcel... E a empresa fechou, pronto. Depois estiveram ali ainda não sei quantos dias à porta da empresa... E eu olhe... #01:05:02-9# (A6)

Depois ficou no sindicato... Portanto, foi tudo entregue ao sindicato. O sindicato... A advogada do sindicato é que pôs o processo todo em tribunal que depois foi um despedimento coletivo... Nós... Porque depois nós... O nosso... Eu acho... Não sei se estou a dizer algumas asneiras... Mas foi um despedimento coletivo por justa causa, porque nós tínhamos razão mais do que suficiente para nos despedirmos, por causa dos salários e dos... De todo o dinheiro que tínhamos em atraso, percebe? E então nós... #01:05:39-5# (A6)

Ah, fomos todas a tribunal, fomos todas ouvidas, blá, blá, blá, blá... No tribunal de trabalho em Coimbra... E olhe... Aquilo ficou por ali e eu achei sempre que não ia receber nada! Então e um dia não recebo na minha caixa de correio um cheque? Já euros... De 562€? Aquilo foi um milagre! (risos) Eu pensei... Olha, abençoada hora que eu... #01:06:12-0# (A6)

Conhecimentos... Pois... Não... Na fábrica a mais-valia que tive foi a nível de técnicas... Técnicas de confeção. Foi... Foi técnicas de confeção, pronto. A nível de clientes, as minhas colegas são minhas clientes, hoje. Mas acho que não tem a ver com a fábrica... Percebe? Técnicas... #01:32:59-3# (A6)

Sim. Essa Joaquina... Essa Joaquina com... Deixe-me pensar... Essa Joaquina com uma outra que também andou na fábrica (colegas que se estabeleceram por conta própria)... #01:33:19-5#

Fizeram as duas o curso e juntaram-se. E trabalharam as duas... Abriram as duas uma empresa de costura, trabalharam as duas até uma delas criar outro emprego com o marido. Com o marido, pronto... E saiu... Elas eram sócias e ela saiu nessa altura... Por causa disso, porque foi trabalhar com o marido. Pronto... Ficou a Joaquina que ainda hoje está a trabalhar. E estou eu... Depois mais tarde... Ah... A Diana Correia entretanto veio trabalhar para a lavandaria... A senhora que tinha a lavandaria foi embora e ela ficou com a lavandaria. Eu assim da fábrica... A Rita... Uma prima. #01:34:07-3# (A6)

A Joaquina sim (continuam por conta própria)! A Joaquina começou uns... Ai vai nisto uns quatro anos antes de mim! Porque ela fez a formação antes de mim, depois eu

andei mais tempo do que ela na formação porque eu fiz a especialização... Aquele que nós pedimos, lembra-se? #01:34:30-9# (A6)

E... Mantive-me lá durante... 73 a 2001... Até fechar. Lá dentro nem sempre fiz as mesmas coisas... Entrei para a parte técnica mas depois por problemas de saúde passei... Digamos, à parte da indústria mas numa vertente de planeamento, portanto... E depois mais tarde na vertente comercial de promoção dos produtos. E foi isto... Está. Está dito. #00:04:46-0# (B1)

De maneira que... E depois na fábrica de facto tive a... Aí então foi onde eu me senti gente a sério. Eu gosto de trabalhar a sério, quer dizer, e com gente com quem eu me entenda... Agora... Pessoas que me deem a volta ou que digam as coisas... Que não digam como é que querem ou assim... [...] (B1)

Estive na Estaco e gostava de lá estar. Ainda hoje tenho pena de lá não estar... Hoje já lá não estava mas pronto... Mas escusava de ter saído tão cedo. Porque eu gostava do que fazia e da empresa... Infelizmente, por muitas razões, ela acabou. #00:09:29-2# (B1)

Sempre fui sindicalizado, sempre tentei cumprir e também queria que cumprissem para comigo. E, quer dizer, as coisas iam correndo... Até... Até ao descalabro. Até ao descalabro... Até... Isto quanto aos fechos das empresas e essas coisas todas. [...] Ah... A minha empresa foi um bocado como... Como o Governo. Como todos os Governos que têm estado porque eu não defendo nenhum! Cuidado! Eu não defendo nenhum! Porque eles são todos iguais... Isto para mim, daqui a uns dois ou três anos, se calhar, morro mas é como uma revolta total! (B1)

Portanto... Ao longo dos trinta anos que lá estive... Tentaram, portanto, aligeirar as pessoas... Portanto, ou seja, diminuir o número de efetivos. Mas nunca era na base da lei... Era sempre ou tentar o despedimento ou conversar com as pessoas a ver se as pessoas se iam embora por metade do preço, ou assim... Alguns vieram e assim, pois. Aquela fábrica tinha seiscentas pessoas quando eu para lá fui e agora quando saímos tinha duzentas. (B1)

Concorrência... Que concorrência com aquela fábrica é que nós podíamos fazer? Nada. Quer dizer, eu acho que o fecho das empresas que não conseguem por isto ou por aquilo modernizarem-se... É... Não há hipótese! Não... É injusto mas não há hipótese. Agora tem é que haver respeito pelas pessoas que lá estão, porque não tiveram culpa desta

evolução. Nem... Nem... Isto... Nem têm culpa de terem evoluído porque não lhes deram essa oportunidade... Porque a empresa não evoluiu porque não tinha... Bem não tinha condições. A nossa fábrica estava... Por exemplo, em termos ambientais... Eles gastaram rios de dinheiro a resolver certos problemas que nunca conseguiram. #00:38:14-5# (B1)

Eles politicamente deviam ter matado a indústria em Coimbra. De certeza absoluta... E não foi por acaso que em dez anos fechou tudo na Pedrulha. E eram umas quatro ou cinco fábricas. A Triunfo deslocou-se para Lisboa, fechou, está lá. A cerveja também foi para Lisboa, indemnizaram-na... Mas essa gente indemnizou... Agora a CEJ... A fábrica de Souselas... A Estaco... Isso ninguém foi indemnizado. Eu tenho 28.000€ para receber, chau! #00:40:10-4# (B1)

Portanto, eu tive um problema... Tive não, tenho um problema de coluna e aquilo era violento na medida em que trabalhava-se por turnos e era só uma pessoa... Aquilo era preciso carregar (...) às costas... Era assim um bocado... Trabalhar em condições muito duras... Sei lá! Pronto... Em condições mesmo duras. Eles... As pessoas tinham que trabalhar por turnos. Andei dois anos e tive um problema de saúde e que ainda hoje tenho que é uma hérnia... São hérnias discais e que não me permitiam fazer isso. (B1)

A minha função... Estava mesmo no controlo da produção, portanto, tudo... #00:43:56-7# [...] Tinha que fazer registos de tudo o que era a produção... O que é que as pessoas faziam e não faziam para elaborar, ao fim do mês, relatórios e um mapa geral de tudo para ver... Que depois isso fosse para a contabilidade para ser analisado pela contabilidade... Para ver os custos e essas coisas todas. Tinha que se saber o que se gastou de barro, de pó... O que entrou como barro, como argilas... O que depois trabalhadas as argilas saiu como pó. Porque o pó é que ia fazer o produto... Portanto, havia aqui perdas... Calcular essas perdas todas... E depois... #00:44:46-6# (B1)

Sim. Ah... A partir de certa altura depois ele disseram que precisavam de outro controlo, da minha parte, que eu fizesse... Pronto... Depois foi, digamos, que uma promoção. Passaram-me para a parte de vendas e aí senti-me muito melhor, finalmente. Portanto, porque calhou também... Isto é assim... A vida é de oportunidades... Acontece. Podia não ter acontecido... Uma pessoa estava ali porque... Já estava farto daqueles números, também. Já estava farto de estar ali! Se bem que depois vinham os computadores e a vida era facilitada, porque depois de vir os computadores também acabaram com alguns postos de trabalho, lá... Aquilo era tudo introduzido pelos encarregados e depois



era trabalhado num centro... Pronto, praticamente um individuo fazia aquilo. #00:47:58-3# [...] Para as vendas... E depois nas vendas era na promoção e pronto... Gestão de clientes e promoção de produtos. Marketing... #00:48:12-8# Não para vender... Para promover... Para mostrar o produto, para... #00:48:21-8# (B1)

Portanto, o meu curso infelizmente não tinha línguas que é uma coisa que me faltava... Poderia ter ido mais além, talvez. E ter mais facilidades depois mas antes era uma coisa... Só o comércio é que tinha uma língua, ou o francês, ou o inglês. E os outros não interessavam nada... Era o que tínhamos. Ah... Porque... Portanto, nós também tínhamos muita força nas exportações mas pronto. Eu não tinha nada a ver... Continuava a ter a ver com os produtos e depois havia pessoas próprias na exportação para tratar do resto. #00:49:17-9# (B1)

Deslocava-me mais às feiras do que propriamente aos clientes. Porque aos clientes eram os vendedores... Os vendedores e os... Tivemos também alguns promotores na parte final virados para os clientes. Portanto, os vendedores iam para vender e eles iam mais para demonstrar os produtos. Eu era mais na parte interna, ou seja, junto do diretor de Marketing. Para onde ele ia, pontualmente, eu também iria mas... Era mais as vendas que faziam a parte exterior. #00:50:18-0# (B1)

Aquela fábrica era familiar. Aquela fábrica era familiar... Foi familiar até 89. Era familiar... Depois os problemas de família levaram a muitos atritos e depois aquilo foi vendido ao grupo Melo. Em noventa e... Que não tinham experiência nenhuma nesta... Nas cerâmicas. E depois fizeram coisas que para mim foram suicídios... [...] De maneira que houve ali muitas peripécias que eu nem sei metade delas de... De vendas e... De maneira que esses indivíduos não chegaram a bom porto. E depois vieram outros... Vieram outros lá da zona de Cascais, também... Vieram lá uns indivíduos da zona de Cascais, também... Hospedaram-se ali no Meliá e acabaram com aquilo. Faziam-se coisas que não deviam! (B1)

Quando começámos a deixar de receber... Quando vimos as dificuldades da empresa... Quando se via esta megalomania toda... Estes doidinhos “pseudo” administradores para mim. Bem... Eles... Eles fecharam a Apolo. Estes que eu estou a falar fecharam a Apolo. E fecharam a Cesol em Souselas. Ah... Portanto, ah... Esses... Pronto... Isto foi um processo que se foi arrastando, foi-se arrastando... Já durante a remodelação de uma das fábricas de pavimentos isto já se estava a adivinhar... Que aquilo ia acontecer.

Isto foi um processo muito moroso, está a ver? Começou com a família... Continuou no grupo Melo e continuou sempre mais administrações, sempre, pronto. E a tentarem por o pessoal fora... Mas o pessoal não é para deitar fora. O pessoal é para deitar fora se houver condições, não é? Não somos... (B1)

Foi muito má! Foi horrível! As pessoas... Todos os dias as pessoas tinham novidades... Más novidades! Não é? Isso é... É muito mau! "Olha parou a máquina tal! Olha já pararam o forno não sei quê! Olha não sei quantos! Agora só falta parar o forno sanitário!" O forno sanitário era um forno muito antigo e aquilo era... Enquanto os outros era só desligar o interruptor e depois podia arrancar se vendesse... Se revendessem a fábrica porque ainda houveram alguns boatos que se ia... Que havia pessoas interessadas e assim... Inclusivamente a Valadares que também faliu mas que agora até ressuscitou outra vez... Acho que... Acho que eles conseguiram ressuscitar a Valadares. Portanto... Havia assim algumas esperanças... Uns dias estávamos com esperanças, outros dias não estávamos. #01:02:43-3# (B1)

Estive numa Comissão de Trabalhadores... #01:01:32-4# (B1)

E era muita gente. Eu sempre... As tricas e essas coisas eram terríveis... Isso é em todo o lado não é? Ainda hoje... E já passaram tantos anos. A minha forma de estar sempre na vida foi ser neutro. Ah... E tentar desviar-me dos conflitos... Não entrar em conflitos. Se puder passar ao lado deles de fininho, passo. (B1)

Para mim era. Para mim era... Eu tenho... Por isso é que eu gostava de lá estar. Para mim era porque eu trabalhava sozinho com o meu chefe. Com o chefe hierárquico acima de toda a área comercial... Digamos que era o secretário dele, pronto. [...] (B1)

Conheço o Francisco (ex-colegas que criaram o próprio emprego)... Conheço o outro colega dele que também fez a mesma coisa... Os colegas dele praticamente está tudo no desemprego. Está tudo... #01:40:06-6# Tudo correu mal. Quando não se veem gruas no ar, não há obras, não há nada, pronto. #01:40:17-1# (B1)

Eu cheguei à Triunfo... Sabia que havia pessoas... Alguém me disse que estavam a admitir pessoas e estavam com grande dificuldade em ter trabalhadores... Em 73. A Triunfo como outras empresas... Porquê? Uma grande parte estava para a emigração... Para a França... Tinha ido muita gente válida para a França, sobretudo, depois de vir da tropa. Quem fosse antes tinha de sair à assalto... Toda a gente tinha de ir à tropa, não é? Ah... Por outra, uma grande parte da juventude estava para a guerra no Ultramar.[...]

Chego lá ao diretor de recursos humanos... Ah, que era o Senhor Silva... Ele pede-me os dados e o que é que eu devia preencher... O que é que eu devia levar... E disse-me: "Amanhã vais-te apresentar às tantas horas na Triunfo na [local] em tal local, apanhas o autocarro, se vens dali..." Não sei quê... Eu vinha de comboio lá de cima... Venho de autocarro... E fui para trabalhar. Fui um dia inscrever-me, no outro dia, trabalhar. Já... Dois dias assim a tirar um pequeno estágio e depois por turnos logo para a noite. Porque estavam a trabalhar de noite e de dia e de facto precisavam de pessoas. [...] O ordenado era pouco... Tinha que se tirar o passe do comboio... #00:25:51-2# (B2)

Depois, logo de seguida, aí como eu lhe disse, em 73, aparece-me aquela possibilidade de ir para a... Para a Triunfo. E eu achei aquilo muito bom. Achei aquilo bom, pronto. A gente ali... Comecei... Era qualquer coisa muito melhor do que aquilo para trás... #00:39:40-5# [...] Era mais leve... Havia possibilidade até de ali dentro... #00:39:45-7# De crescer... Para um trabalho melhor. Sei lá... Havia muitas e variadas oportunidades ali dentro, da empresa. (B2)

Quando era ali nos anos 80... Pensava-se que tinha emprego para toda a vida e isso agora não é bem assim... (risos) #02:44:28-7# Há muita gente que teve... E noutros, sim. #02:44:31-6# E eu e a minha mulher chegámos a pensar que também tínhamos... Mas não tivemos! (risos) #02:44:45-3# (B2)

E depois é verdade também comecei a gostar do ambiente com os colegas... Com aquela gente toda. E passámos a ser uma família... Quer dizer, passar ali uma fase com 18 anos... A encontrar ali... Dezenas de colegas com a mesma idade. Começámos a estabelecer... Depois, nos tempos livres, maneiras de nos divertirmos... Havia convívios, haviam convívios lá dentro, haviam convívios cá fora... Depois era a cidade. Depois era a cidade... Eu conhecia a cidade nessa época. A cidade era um deslumbramento. Era irmos aqui... Irmos ali...Irmos aos mais variados divertimentos. Às vezes andarmos aí até às tantas da manhã quando saíamos do... Do último dia de trabalhar... (B2)

E de facto comecei a gostar... Interiorizei... Eu via lá os meus colegas mais antigos com 40 anos de casa, 45. Alguns já lá andavam há 50 anos... E eu disse... E a gente foi ganhando aquela perspetiva: "Ah! Vamos ficar aqui também, pronto, isto... Para o resto da vida." Havia a creche... Havia creche para as senhoras levarem os filhos... Mas havia refeitório... Havia uma cantina onde podíamos comprar as coisas. Havia... Quer dizer, era uma empresa que tinha alguma preocupação social... (B2)

Fomos para Lisboa, pronto. Então é que foi boa e aí vai ela... Todos aqueles meses todos... Ficámos numa pensão ali no Cais do Sodré e Lisboa era nossa, não é? Ao fim do dia com 19 anos... Foi um período. Posso dizer que foi um período... Foi um período espetacular da minha vida... Foi. #00:43:34-4# (B2)

Está a ver porque é que me entusiasmei com a empresa? Disse: "Ah isto... É sempre... Há-de ser bom!" E foi. E foi porque entretanto... Depois dá-se o 25 de abril em 74 e nós... Ah... Duplicámos o salário a seguir. Aí já começa a haver possibilidade de... Começámos a ver: "Epá isto era melhor do que o que contávamos!" Pois porque... Houve aquele grande salto nos salários e nas regalias. Houve ali alguma convulsão... Eu aí não estava muito metido nisso que ainda era ali muito novo. Mas como... Criou-se logo a Comissão de Trabalhadores, a filiação num Sindicato Livre... [...] #00:44:57-4# (B2)

Era amassador... Era mesmo no fabrico... Amassava as massas... Fazíamos... Nós, na Triunfo, depois já nessa época... Antes era mais estaque depois começou-se a adotar... E as administrações também começaram na polivalência de funções... Nós fazíamos tudo e mais alguma coisa... Agora havia um serviço que fazíamos mais... Que nos estava destinado... E que nos especializava mais... Que era amassar... Eu, por exemplo, foi para amassar as massas... Outros eram forneiros... Cuidar dos fornos... Eu foi para amassar as massas. Mas depois se era preciso empacotar bolachas ou andar nos turnos no empacotamento, etc., etc... Até vir ao armazém, tudo. Éramos ali... Começou-se a desenvolver e foi-se sempre acentuando a polivalência de funções. Por um lado poderia ser... Havia muita gente que ao princípio não aceitava muito bem mas... Acabava por ser positivo. Acabava por ser positivo... Acabava. #01:03:51-1# (B2)

Isto parecia tudo muito estabilizado... Começou-se a notar algumas dificuldades... [...] Uma empresa de bolachas que também... Também comprou e depois encerrou porque aquilo era muito pequeno e passou a vender a marca fabricada aqui, etc. [...] Mas começaram a entrar ali novos associados... Outros grupos... Outros grupos com novos administradores, de fora. Há uma determinada altura que resolvem fazer... Era moda nessa altura uma holding... Uma chamada holding... Autonomizaram as empresas... Ali pelo final dos anos 80 autonomizaram as empresas... O descasque de arroz passou a ter uma administração... As massas outra... Era o que se chamava um grupo empresarial... Entrou para ali alguém para a administração que... Porque a Triunfo como sabemos eram famílias tradicionais aqui de Coimbra, geridos à maneira antiga... [...] Os antigos

abandonaram a direção da empresa, os novos foram com uma nova dinâmica. Os alimentos compostos para animais outra administração... Começaram a ser filhos e netos dos anteriores administradores a assumir aqueles cargos de administração... E creio que isso aí não correu muito bem. Não correu muito bem... Porque aquela rapaziada... A maioria daquela rapaziada foi para ali assumir cargos de administração mas não tinha experiência da... Bem, do setor para onde ia... E creio que, a partir daí, se dá a queda maior da Triunfo. Começou a... Começaram-se a fazer... Propostas aos trabalhadores para reduzir pessoal, porque entretanto as máquinas faziam... Etc., etc. E... Anos 80. Anos 90... Começam-se a encerrar setores que deixaram de ser rentáveis. Deixaram de ser rentáveis também pela integração de Portugal, creio eu, na CEE... [...] #01:10:12-5# (B2)

Havia muita concorrência no mercado... Até com as marcas... Porque a própria União Europeia permitiu que as marcas entrassem aqui... E vinham as mais variadas bolachas e as massas, também. [...] Quer dizer, por um lado, com o encerramento das colónias, com o fim das colónias... As chamadas colónias ultramarinas... E, pelo outro, com a entrada de Portugal na CEE, na altura, na CEE, a empresa viu-se perante uma concorrência de que não estaria preparada. E então foi por aí fora... (B2)

Portanto, acabou por ser um processo... E nós que estávamos ali na Comissão Sindical tivemos que trabalhar muito nisso... Um processo que não foi muito doloroso... Porque a Triunfo tinha muitas pessoas de idade que foram passando para a reforma. E a reforma, nessa altura, com 55 anos... E com tantos anos que tinham de empresa reformavam-se de uma forma ainda bastante estável. E as pessoas foram indo... Foram indo... Ano após ano... Naqueles anos 80... Finais dos anos 80, 90... A Triunfo foi decrescendo de uma forma natural... Não foi preciso fazer despedimentos. Outras pessoas como a Triunfo também estava aberta a... À negociação da saída e dava... E pagava a indemnização... Há muita pessoa nesses anos... O país estava com aquelas... Estava a passar um período com aqueles programas da União Europeia de incentivos à criação emprego, etc., etc. Muitas pessoas procuraram novas oportunidades e saíram da empresa. #01:12:46-2# (B2)

Para criar o próprio emprego... E outros até conseguiram outros empregos... Também começou a haver ali... Houve aqui um período bom... De crescimento. Lembrome do governo de Guterres, por exemplo, nos anos 90... Em que o nosso... Estávamos a

crescer... O desemprego, nessa altura, era considerado na faixa mínima de 4... 4 e pouco por cento... E muita gente aproveitou nessa altura... Outros empregos. [...] (B2)

Nos anos 90 pensávamos que... As coisas andavam mal... Sentia-se que o mercado andava todo mal... Havia muita concorrência mas que... Aquela empresa era sólida e, pelo menos, naquele setor ia ficar. Pronto... Quando ela encerra nos princípios... Em 2000... 2000, 2001, 2002 que saem os últimos trabalhadores... Que foi quando eu saí... E a minha mulher... Fomos dos últimos e um grupo... Foi, foi muito repentino! Foi repentino. [...] Sabia que tínhamos entrado no grupo Melo... Mas não sabia o desfecho que isto ia levar... Nem eu, nem a Comissão. Eu, na altura, era dirigente sindical... Havia a Comissão Sindical e havia... Eu já pertencia à Direção do Sindicato há alguns anos... Íamos renegociando... Íamos tendo reuniões periódicas com a administração para aumentos para... Pronto, queixas... As mais variadas coisas... Mas eles nunca abriram o jogo connosco: "Sim, senhora! Isto agora pertence a um grande grupo..." Até aparece-nos lá dois administradores que tinham estado aí em países europeus que a Nutrinveste lá mete... Eu gostei muito de falar com eles. Pessoas com uma ideia muito... Muito alargada de como é que se devia de trabalhar e... Como é que as empresas no futuro se deviam expandir. Como é que os trabalhadores se deviam organizar... Como é que eles gostavam de organizar os trabalhadores... Com ideias novas... E achei muito interessante... Já metidos pela Nutrinveste... Nos fins dos anos 90. Mas nunca nos dizendo que ali não... Isto... Empresa com futuro e tal... E vamos andar... E vamos progredindo... E temos que melhorar e modificar... [...] Nós desta movimentação toda íamos estando a par... E até íamos discutindo... Mas nunca com a perspectiva de que a unidade de Coimbra até pelos investimentos que iam sendo feitos... Fosse encerrar. Nunca tivemos essa ideia. Quando em 2000... 2000 Para 2001 somos chamados... Foi mesmo de facto uma coisa... Foi um choque e foi uma coisa toda inesperada. A Comissão Sindical é chamada à administração e comunicado que aquela empresa ia encerrar... Que a empresa ia encerrar... (B2)

Eles selecionaram quem é que queriam (para Lisboa)... E foi só. Porque... E quem ia... Muitos dos que foram já sabiam que era temporário... Não ficavam. Era para voltar... Foram com as suas deslocações pagas e tal... Estiveram por ali um tempo e alguns de facto ficaram. Porque, entretanto, já tinham servido aquela mão-de-obra toda da fábrica de Lisboa. Esses sim... Ficaram quem quis... Quem não quis foi embora e etc. E então aí é que foi de facto um choque... Nunca pensávamos... Na altura que fomos chamados para

dizer que encerrava aqui a unidade fabril da bolacha... Em... Em Coimbra... Em Coimbra não tínhamos noção nenhuma de que ia encerrar. Era... No meu caso particular trabalhava eu e a minha mulher... Pronto. Ficámos um bocado... Qual vai ser a nossa vida? Tinha quarenta... Quarenta e poucos anos, não é? Eu nasci em 54 é fazer a conta... Eu nasci no ano de 1954 para 2001... Para 2001... Agora de cabeça... #01:26:53-1# Tinha 47 anos... Tinha 47 anos... A minha mulher tinha menos 2. #01:27:21-1# (B2)

Estava no secundário (o filho). Estava no secundário... (quando a fábrica encerrou) #01:27:27-6# (B2)

Nunca pensei nisso... Até pensando que o emprego era estável... Tinha 29 anos de casa... Tinha 29 anos... Ia fazer 30 nesse ano. A minha mulher já tinha para aí uns... 34, 35 anos de empresa... Entrou com 14... (B2)

Entrei para lá no dia 23 de julho de 1984 e saí no dia 27 de setembro de 2007. #00:05:37-2#

Eu andei lá 27 anos... Ele (irmão) andou por lá, sei lá, trintas e tais... #00:10:08-0# (B3)

Era bom! #00:17:25-5# Era... Era espetacular! #00:17:27-5# [...] Era como se fôssemos uma família. Porque, para já, éramos quase... Eu tinha lá dois irmãos a trabalhar comigo... Andámos lá cinco! #00:17:35-8# Cinco irmãos, sim. Andámos lá os cinco... Depois um saiu... O mais novo dos irmãos, saiu. Depois saiu o outro meu irmão chegado a mim... E depois fiquei eu, o José e o outro. O Rui... Ficámos lá os três... #00:17:53-5# [...] E depois andavam lá... Andavam lá outros rapazes também já... Já tinham sempre também todos... Irmãos, ou primos, ou cunhados. Pronto... Eramos tudo ali... Mesmo a gente com os patrões não havia problemas nenhuns... [...] (B3)

Opa... Porque eles começaram a atrasar os pagamentos. No natal em dois mil e... Em 2006 ou 2005... Acho que foi em 2006... Saímos em 2007... Metade do subsídio de natal ficou lá. Depois férias... Também ficou metade... Depois começaram a atrasar os pagamentos... Já não era aquele dia... Era mais... #00:18:41-5# (B3)

Sim, sim, sim (era sindicalista). Lá era tudo sócio do sindicato... Só os empregados de escritório é que não eram... O resto era tudo. Mas a empresa assim que entrava um empregado punha-o logo no sindicato. Isso era... Aí, nesse aspeto, a gente não tinha razão de queixa. E foi uma mais-valia porque assim não se pagou a advogado, não

é? Já éramos sócios do sindicato... O sindicato tem um advogado. Descontava-se 1% sobre o ordenado... #00:19:08-3# (B3)

E. Tinha a expectativa de ser para toda a vida de trabalhar lá? #00:19:19-8# Tinha. #00:19:20-7# (B3)

Nunca pensei que isto acabasse assim de um momento para o outro. Depois não foi fácil, não é? Depois a gente perder o emprego que tinha... Já se ganhava bem naquela altura... A gente, na altura, já tirávamos quase 800€ por mês. Aliás, os Mármoreos sempre pagaram bem, sempre! (B3)

Na altura, tivemos lá várias vigílias... Tivemos lá até... Até antes de aquilo fechar tivemos três dias de greve a ver se resolvia o problema... Fomos... Fomos a Coimbra lá ao... Ao Governador Civil. Demos... Pronto, fizemos o... O melhor possível para ver se aquilo não fechava e... #00:20:27-9# (B3)

Quando elas fecharam... Uns reformaram-se! Outros, pronto, já lá tinham algumas economias, reformaram-se e viraram-se para a agricultura... Outros emigraram... E outros... #00:46:40-5# (B3)

Foi onde estive trinta e tal anos... Até me reformar... Até me reformar... Portanto, na USID... Ainda há bocado estava a falar com o senhor conheci 15 patrões. #00:06:50-8# 15 patrões... Entre administradores... Judiciais e... Conheci 15 pessoas a mandar. Pronto... Entretanto, aquilo começou a degradar... Tínhamos sempre muito trabalho... Trabalhámos muito tempo para a [nome da empresa], para a [nome da empresa], para a [nome da empresa]. Portanto, tinham bons clientes... [nome da empresa], também. Trabalhámos assim em grandes quantidades... Mas a [nome da empresa] era a principal cliente da empresa. Pronto... E depois aquilo começou a degradar como muitas empresas, não é? Portanto, começaram... #00:07:30-7# (B4)

Em 2010. E eu, entretanto, em 2009 despedi-me com justa causa porque eles tinham salários em atraso... Eu não podia... Eu não podia andar para trás e para a frente sem receber salário e despedi-me... Despedi-me... Ainda ficaram lá dois meses de salário que nunca nos pagaram... Mas pronto. Foi assim um bocado duro, pronto. (B4)

O ambiente de trabalho... Portanto, eu era a delegada sindical, dirigente sindical... Portanto, caía tudo em cima, não é? Eu e mais duas... O ambiente de trabalho... Quer dizer, passámos lá fases... As chefes às vezes são piores que os patrões, não é? Quem está à frente do trabalho. Mas, pronto... É assim um trabalho um bocado... Um trabalho de



vestuário é um trabalho muito duro. Aquilo é... Aquilo era confecção por medida.  
#00:24:25-8# (B4)

Eu era dirigente sindical... Eu era costureira qualificada... #00:24:45-5# [...]A qualificada tinha que saber fazer de tudo. E, por isso, é que eles qualificavam as pessoas que sabiam fazer de tudo. Ocupavam qualquer posto de trabalho... Faltava uma, eu ia para lá. Faltava aquela, eu ia para lá. Ocupava qualquer máquina e tinha que dar... Pronto, dava conta do recado porque sabia fazer. #00:25:39-9# (B4)

E, eu mesma, tinha capricho nisto porquê? Porque eles, geralmente... Qualquer empresa, os dirigentes sindicais são sempre tidos como a malta que não faz nada... Só quer... E eu tinha capricho nisso... Mostrar que não era como eles pensavam... Mesmo o meu patrão chegou a dizer que teve muitas vezes vontade de me despedir, só não o fez porque eu era boa empregada. E, para mim, era um orgulho ele dizer isso, não é? Para mim era um orgulho. #00:26:20-7# (B4)

Em 77 foi quando saí da Santix... Depois estive um ano no desemprego... E depois foi de 78 que entrei para ali até 2009. Até 2010, vá... Já foi em 2010. #00:27:17-6#

Eu, na altura... Na altura podia ter... Pronto, hoje estou arrependida, se calhar... Podia ter arranjado outro emprego mas acomodei-me um bocado... Acomodei-me.  
#00:27:29-0# (B4)

Gostava, gostava. Gostava do que fazia. Não... Gostava do que fazia. Gostava do que fazia só que, às vezes, pensava em fazer outra coisa. Mas depois também tinha medo de arriscar... #00:27:42-4# Outra coisa... Procurar outro emprego... Não. Outro emprego... Ou numa loja de balcão... #00:27:49-2# Menos pesado... Tinha essa ideia... #00:27:52-6# (B4)

É um trabalho pesado e violento. Era mesmo aquela mão-de-obra intensiva, mesmo. Tínhamos que dar aquela porção... #00:28:04-4# Era... Era à hora... Era à hora... E se a pessoa não desse tinha de justificar porque é que não deu aquelas peças. #00:28:13-0#

Era muita pressão... Era muita pressão. Era... Era... Era... #00:28:14-7# (B4)

Foi quando... Fomos para o layoff... Estivemos em layoff um ano e tal... #00:29:04-8# A Segurança Social paga um X e o patrão paga outro X. Só que ele começou a falhar... Começou a falhar... A Segurança Social mandava o dinheiro para a empresa e

ele não nos pagava. Pagava-nos o dele e o que a Segurança Social não pagava... #00:29:21-2# (B4)

Depois começou a mostrar dificuldades... Depois começou a rejeitar trabalho. Mandava-me trabalho para trás de empresas... Principalmente, da ZARA que tinha muito trabalho... Devolvia... Devolvia o trabalho que não podia fazê-lo. Não sei o que é que ele alegava na altura, pronto. Já lá vão muitos anos... E, pronto, depois começou a fracassar até que ele decidiu fechar a empresa. #00:30:09-4# (B4)

Eu, na altura, despedi-me porque tinha salários em atraso... #00:30:40-1# Com justa causa... #00:30:38-5# Eu mais treze... Saímos. #00:30:45-1# [...] Aquilo era questão de mais um mês ou dois... Pronto. Só que eu cheguei a uma altura... Eu tinha 40€, lembro-me tão bem como se fosse hoje... E depois pensei, no princípio do mês: "Ah! Tenho 40€..." - Ele [patrão] já não me tinha pago dois meses, o maio e o junho já não me tinha pago - e eu pensei: "Eu tenho 40€. Ou vou trabalhar e este dinheiro é para a camioneta ou para o transporte... Ou tenho que comer." E optei: "Tenho que guardar este dinheiro." Despedi-me... Não fui. Despedi-me por justa causa. #00:31:20-8# (B4)

Estão duas chefes... Duas chefes estão a trabalhar por conta própria em arranjos de roupa. Têm uma loja... Têm a loja alugada e trabalham... O resto, a maior parte, já éramos todas assim mais ou menos... #00:33:54-5# [...] As duas que eu conheço que têm uma loja de arranjos de roupa são mais novas... #00:34:04-8# [...] Não se podiam reformar... Pois não. E outras andam assim a trabalhar... Pronto, aquilo que puderam arranjar. Não têm idade para... #00:34:17-9# (B4)

Era o salário mínimo. Na altura, era o salário mínimo. Era. Nunca... Nunca recebemos mais do que o salário mínimo. Nunca ganhámos mais... Os salários muito baixos... #00:37:52-2# (B4)

Um dia o Senhor Rui... Ele um dia... Numa conversa à beira da estrada eu assim: "Oh amigo Rui!" "Diz!" "Não estão lá a meter pessoal na Triunfo?" "Olha... Meteram agora aqui há tempos uma porrada deles! Tu queres ir para lá?" "Oh, se o Rui me arranjasse para lá... Pronto." Eu já estava há quase há três anos ali... Aquilo estava quase a acabar e depois tinha de procurar outra coisa. Porque eu também nunca fui de andar a saltar de emprego a emprego. Nunca gostei disso! Havia pessoas que trabalhavam um mês aqui, dois meses acolá... Eu não! Fui sempre de aguentar ali os arraiais! Sempre ali! #00:27:28-1# (B5)

O Rui... Esse vizinho... Sempre disse: "Opa desde que não façam nada que... Que dê atenção aos chefes e isso tudo... Coisas incorretas, ou coisa assim... Está descansado que eles não mandam ninguém embora." E assim foi. E assim foi. Sempre certinho... Nunca faltei. Sempre disse que sim. Nunca disse que não fosse ao que fosse! Porque quem precisa... Tem que... Tem que comer sapos vivos e sapos mortos e tudo! Como se diz na gíria... E eu, pronto. Estava casado há pouco tempo e isso tudo... Precisava daquele trabalho fixo para não andar sempre à procura. (B5)

Ali trabalhavam-se três turnos... Era das oito às seis... Depois o pessoal entrava... Do segundo turno entrava às cinco. Das cinco à meia-noite... E depois era da meia-noite às oito... Pronto saíam... Sempre a laborar... Só fechava às oito ou às nove horas da manhã de sábado... E depois só abria na meia-noite para os preparativos do turno de dia de segunda-feira. Estava sempre a laborar, sempre a laborar, sempre a laborar. Até feriados a gente ia trabalhar... Até 24 horas eu fiz. #00:37:53-4# (B5)

Jesus! Aquilo a gente... Quando vinha à casa de banho ou para fumar um cigarrito... Ou para escorrer as batatas ou coisa assim... Como se diz assim na gíria, não é? A gente só via bolacha à frente dos olhos... A gente só via bolacha. Até lavávamos a cara às vezes para tirar... Aquela fotografia que a gente tinha nos olhos. Depois era uma questão de dores nas costas... Dores nas costas... E das pernas... (B5)

Na Triunfo? Era espetacular. Espetacular. Eu, ainda hoje... Olhe... #00:47:59-0# [...] Ai Jesus! Aquilo é... É matar saudades! Os que já morreram não vão lá, claro! (risos) Esses não vão! Mas os que vão: "Oh! Oh meu amigo! Isto... Olha aquilo!" (B5)

O acordo era recebermos a indemnização e naquele dia... Rua! Rua! Mas recebíamos a indemnização e já não íamos trabalhar. E nós assinámos mas não quisemos indemnização, ham? Não quisemos indemnização. #00:49:51-7# Porque se a gente tinha uma fábrica em Lisboa... E o ordenado lá era superior ao nosso... E eles eram empregados da Triunfo na mesma. Eram empregados da Triunfo. Porque é que a gente tinha de sair daqui com uma indemnização inferior ao ordenado deles de Lisboa? [...]O dinheiro cativou... O dinheiro cega, não é? O dinheiro cegou. A gente fizemos plenários, fizemos tudo e mais alguma coisa para que eles nunca assinassem... Porque ainda iam buscar mais... Cá está aquilo que está aqui. Ainda iam buscar mais: "Ah! Não vamos nada... E este é certo... Porque eles passam logo o cheque..." Muitos vinham do escritório: "Já cá canta!" Com o chequezinho na mão: "Já cá canta. Amanhã já levo para o banco." O

chequezinho era logo passado à cabeça. Logo. Assinavam os papéis como foi de acordo com tal, tal, tal, tal... Chegar a acordo e tal e não sei quê... Tumba, assinou... Cheque logo! (B5)

Eu fui para a Mem Martins. Eu estive lá dois anos em Mem Martins, também... #01:08:42-2# Antes de a Triunfo fechar... Antes de a Triunfo fechar... Estive lá dois anos... Passado quê... Dois anos ou coisa assim de eu ter vindo de Lisboa para cá... A Triunfo deu em águas de bacalhau... E chegaram ao pé de mim e propuseram-me se eu queria ir para Lisboa, para a Mem Martins... Ainda não sabíamos (que ia encerrar)... #01:10:12-5# (B5)

Porque eles fizeram-me uma proposta. Fizeram-me uma proposta à malta aqui de Coimbra para ir para lá... A proposta seguinte... Foi esta... "Se vocês quiserem cá ficar a gente dá-vos mais..." - naquela altura - "Cem contos por mês e vocês arranjam casa e vivem aqui... E para aqui e para acolá." #01:13:05-2# [...] Havia ali um casal... Tinha que se falar uma à outra... Eu assim: "Recebi esta proposta assim-assim." "Então e eles não..." "Dão. Dão-te trabalho a ti. A ti dão-te trabalho. Vais para o pé de mim trabalhar e isso tudo... Só não dão é casa e a gente tem de arranjar uma escola para os filhos." #01:13:39-4# [...] "Então e eu vou para lá e vou fazer o quê?" "Dão-te trabalho lá na Triunfo e vais para o mesmo turno que eu. Entramos à mesma hora e saímos à mesma hora." Não era viável porque se eu levasse os cachopos tinham de ficar à noite sozinhos. Não era? [...] Diz-me ela (esposa) assim: "Olha... Não. Não. Vens para Coimbra... Estás o tempo que estiveres aí... E eu estou empregada também... E, às vezes, o dinheiro não é a felicidade. Pronto. [...]" #01:21:20-0# (B5)

Aquilo soube-se assim... Em Lisboa andava lá um espanhol que era o [nome]. Um gajo cheio de graveto... Que a família dele estava toda em Pombal na Cuétara... [...] Vem para aqui este gajo... Este Cuétara... Chega aqui e manda fazer isto e aquilo..." Já estava passado... Já estava passado! Eu sabia que não era assim que se fazia... Que só ia prejudicar o trabalho, estragar químicas, estragar obreia, estragar tudo. "E ele chega aqui, manda-me fazer isto, manda-me fazer aquilo, manda-me deitar as massas fora... Para fazer assim, para fazer assado. Eu passo-me! Eu meto-lhe a cabeça dentro dos moldes!" E ela... "Oh Senhor Caetano! Não faça isso!" "Então porquê? Quem é o homem?" Dizia-lhe eu... Eu já estava passado... "O que ele mandar fazer você faz..." "Então mas porquê senhora Engenheira?" "Faça. O dinheiro é dele. O dinheiro é dele. Quer estragar? Estraga. A gente estamos fartos de fazer as coisas... Mas ele não quer crer... Ele quer estragar... O dinheiro

é dele..." "Oh, Senhora Engenheira! Veja lá! Olhe que eu passo-me... Eu já nem sei se tenho coração nem se não!" A gente enervava-se... A ver ali o material a estragar-se. [...]  
"Oh Senhora Engenheira! Mas olhe para ali... Olhe o que se estraga! Eu até me rói o coração..." "Ele é que manda. O Senhor Caetano não se atrapalhe." "Pois manda. Mas eu... Estou-me a passar!"

Queria é estragar, estragar, estragar, estragar... Até que aquilo deu no que deu. Morreu. Aquela secção. Aquela secção da baunilha. Onde eu estava... Que foi das primeiras secções a morrer. Foi das primeiras secções a morrer. Desmontaram tudo... Tudo, tudo! Foi tudo para Lisboa... [...] (B5)

Revoltaram-se. Revoltaram-se um bocado. Revoltaram-se. #01:39:11-8# Até o nosso (do sindicato) advogado levámos lá para esclarecer as pessoas do que é que elas estavam a fazer e o que elas tinham direito. Mas as pessoas quando não sabem ler nem escrever... Um de parece um pe... De para pe é muita diferença... E eles precisavam da indemnização... Pensavam que naquela altura havia muito trabalho... Muitas pessoas estavam no limite de idade, também, para a reforma... Muitos reformaram-se nessa altura também, porque estiveram três anos e tal ainda a receber do desemprego... Ainda estiveram... Porque era a indemnização mais os papéis para o desemprego... Porque muitas pessoas que... Não saíram dali com menos de quarenta e tal anos de idade, e outros com quarenta e tais anos de empresa, de fábrica. E ela... E eles, pronto, encostaram muitos à parede que não sabiam dos direitos... Mas nós explicámos. Nós, sindicato, explicámos a eles tudo daquilo que eles ainda podiam vir a receber e daquilo que eles tinham direito... (B5)

Porque era uma grande empresa... Era uma grande empresa... E foi! Houveram lá pessoas que trabalharam lá 50 anos. Já pode ver há quantos anos é que a fábrica não estava aberta... Aliás, está lá um azulejo que diz lá o ano. #01:41:11-0# [...] Muito mal, muito mal, muito mal. Tinha os cachopos... Já tinha a Rita, também, e tudo. Três rapazes... Três rapazes, não... Três filhos. Eu desempregado... Só a mulher a trabalhar. Eu vi-me ali... A pau com a... #01:41:35-9# [...] Eles estavam os três a estudar... Não mas a minha Rita era pequenita, ainda. #01:41:38-6#

Ai conheço uma (que se estabeleceu por conta própria)! Olha a... Era... Agora não... É a que está... A [nome]. Ela tem um café lá em cima... Lá em cima na... Ao pé do [local]. Exatamente. Exatamente. Ela também ficou até... Todas estas que estão aqui...

Estes... Ficámos até ao fim. Ficámos até ao fim porque queríamos a indemnização consoante o dinheiro de Lisboa. #01:48:43-1# (B5)

Com má vontade das chefias. Foi o caso de a gente falar à bocado do [nome] Cuétara... Vi muita má vontade de ele querer continuar com isto aqui em Coimbra. Porque Coimbra é a terceira cidade de Portugal ou a quarta... Não é? E não está no mapa. Lisboa é Lisboa... Lisboa é que se tem de concentrar tudo. Pronto... E ele... Acho que fazia isto ou fez de má vontade. A gente disse-lhe muita vez... O pessoal mais tarde revoltado e eu também... Cheguei-lhe a dizer que ele queria fechar a Cuétara em Pombal e não conseguiu... E vinha fechar a Triunfo em Coimbra. E fechou! E fechou! (B5)

E ele convidou-me e eu... E eu como naquela altura também estava com medo... Ainda havia... Ainda havia uns bocados daquela ditadura... Daquela ditadura no meio de muitos colegas... Havia sempre um bufo, não era, que ia contar... E eu assim: "Oh [nome] passa-se isto assim-assim..." "Não tenhas medo. Não tenhas medo. Que a gente aqui... O sindicato... Somos sindicalistas mas somos trabalhadores. Quando é sindicato é sindicato. Quando é trabalho é trabalho!" E eu nunca pus o meu posto de trabalho, ham... Atrás do sindicato. O trabalho estava sempre à frente do sindicato. #02:10:39-0# (B5)

Porque eu quando me vim embora negocieei a minha saída... E dizer-lhe aí que a Central de Cervejas foi espetacular... Porque a Central de Cervejas... A minha mulher morreu no dia 13 de março. E a fábrica de Coimbra aqui fechou a 28 de fevereiro. Quando... Pois... Quando a fábrica fechou a gente já estávamos à espera que ela... Que ela morresse. Que ela falecesse. Tanto que eu estive ali num plenário em que tive de ir de repente. Num plenário de encerramento aqui da fábrica... E tive de ir de repente porque já me chamaram: "Opa! Isto está por..." E a Central de Cervejas fez uma coisa que... Me ficou sempre na... Eu fui para [Vialonga], portanto, a gente podíamos optar ou ir para o desemprego, ou ir para [Vialonga] que era a fábrica, portanto... Fomos 3 para [Vialonga] e eu fui um dele, porque a empresa também... Entendeu a minha situação, não é? A mulher morta... A fábrica encerrada... E o que é que vai ser deste gajo? E, portanto, aí a Central de Cervejas... E, portanto, as pessoas que estavam à frente da Central de Cervejas que era o grupo [nome do grupo] e a Doutora [nome próprio] e o Sr. [nome próprio] foram daquelas pessoas que: "Epá! Tu vais para [local]. Não tenhas problemas nenhuns." E a Comissão de Trabalhadores... #01:04:09-5# (B6)

Opa e pronto... Eu estive mais um ano... Ao fim de um determinado tempo eu disse: "Epá... Ou ficas cá definitivamente em [Vialonga] ou como é que é?" Como, entretanto, havia a lei de que a gente podia-se reformar aos 55 anos se fosse desempregado de longa duração... Eu continuei a colaborar com a empresa... Continuei no Sindicato... Isto aos 52 anos e aos 55 anos... Reforma. Pronto. Já estou reformado há... Vai fazer 10 anos, agora. Portanto, aproveitei também a... Aproveitei a... E, na altura, hoje já é difícil a gente reformar-se com essa idade. E fiquei com uma boa reforma, também. #01:05:09-1# (B6)

Não. A mesma coisa. A mesmíssima coisa. Na CIMPOR fazia-se era muita hora extraordinária. Mas também estava sujeito a me cair um saco de cimento em cima, não é? E ali a única coisa que podia acontecer era eu beber uma cerveja a mais, ou duas, ou três... (B6)

Não. Eu... Eu nunca penso assim... Eu penso: hoje é hoje e amanhã logo se vê. Logo se vê mas com uma perspetiva. Eu hoje digo assim: Quando acordo já tenho o dia ganho, não é. E, na altura, era assim: Epá a Central de Cervejas era uma belíssima empresa: Assistência médica e medicamentosa, medicina do trabalho, a gente fazia lá os eletrocardiogramas, fazíamos isto, fazíamos aquilo. Pronto... Era uma... Como ainda é hoje... E, portanto, era uma das empresas que pagava sempre e paga sempre a tempo e horas. Tau, tau, tau. (B6)

Depois fui para ali... Para a Central de Cervejas 24 anos... Ao fim de seis meses de lá estar já era membro da subcomissão de trabalhadores. Que havia subcomissões de trabalhadores em cada estabelecimento. Ao fim de nove meses já estava na Comissão de Trabalhadores... Já ia para as reuniões para Lisboa, para a [nome da rua]. Pronto. E olhe... É o percurso. [...] (B6)

Eu assim: "Pronto. Fechou-se a fábrica do [local], fechou-se..." Foram-se fechando! Assim aos bocadinhos... E tal... E Coimbra foi aquela que resistiu mais. Coimbra foi aquela que resistiu mais. Opa, na altura, eu começo a ver... A gente vai de charola... Então vamos negociar com os trabalhadores. [...] Quer dizer, foi uma carrada de coisas que depois quando foi na negociação final entrou tudo para o bolo. (B6)

E, portanto... Foi nessa altura, 1990. Quando foi da privatização a 51% que eu senti que a Central de Cervejas, que a fábrica de Coimbra ia também de charola. Porquê?

Porque Vialonga tem capacidade de abastecer o mercado. E depois é assim... Começou-se a centralizar tudo. (B6)

É óbvio que no meio disto tudo houve a Assembleia da República, fomos à Assembleia da República... Fomos epá... Denúncias... Fez-se greves, fez-se vigílias, fez-se não sei quê... Foi na altura que eu apareci mais vezes na televisão. (B6)

Olhe... De uma certa forma... Quer dizer, todas as pessoas... Vamos a ver uma coisa, todas as pessoas, salvo aqueles que tinham uma idade, ainda eram novos... [...] Quando eu fui para a Fábrica da Cerveja éramos 420. Depois quando se começou a falar éramos 240. Na altura que fui éramos 168. [...] Os trabalhadores de uma certa forma, tirando esses, ah... Todos eles depois se encaixaram, mais ou menos, mais ou menos bem... E depois eram aqueles que estavam na casa ali da situação da reforma, que era a esmagadora maioria, que era: "Vamos trabalhar para aos 55 anos a gente ir para a reforma. Vamos..." Houve outros que se reformaram mas depois arranjavam um segundo emprego e continuavam ainda a trabalhar, porque a reforma nalguns era... Era baixa! (B6)

Não. De uma certa forma todos eles... Qual foi a criação do próprio emprego? Eu estou a dizer, por exemplo, [nome do colega] que ainda hoje trabalha para a Central de Cervejas. Hoje é a própria empresa que o chama para ir fazer determinado tipo de trabalhos. É ali de [local]. Com o dinheiro investiu mais... Tinha uma oficinazita. Portanto, éramos serralheiros... Ele também era meu colega, eu era colega dele. Ah... E hoje em dia é a Central de Cervejas... Ele é o homem que vai trabalhar... Vai ao Algarve na distribuidora... É a Central que o convida, pronto... É o braço direito da metalurgia da Central de Cervejas, pronto. Esse foi um dos que aplicou bem o... #01:37:22-3# (B6)

Epá, de uma certa forma ou estão reformados... E, portanto, reformados... Bem reformados, nomeadamente, serralheiros e coisa de... E coisa que o valha... Ou então têm... Criaram um emprego próprio... Outros... Opa, alguns, infelizmente, já morreram. É. Houve dois que morreram logo a seguir com... Mas eram pessoas já com... Já iam para a reforma... Mas a vida deles na Central... A Central de Cervejas não sei se era a primeira se era a segunda casa. Ou se era a segunda e a primeira. Portanto, não sei como é que era... Viviam ali intensamente aquilo. Aqui a gente, em Coimbra, tínhamos uma coisa que era... Éramos de uma certa... Éramos sacanas uns para os outros... Mas saíamos ao fim do dia e éramos todos amigos uns dos outros. Íamos todos beber um copo, comer uma sandes, fazer isto, fazer aquilo... #01:38:59-4# (B6)



Éramos uns sacanolas (ambiente na fábrica)... Sacanolas... Quando eu digo sacanolas... Sacanolas políticos... Chamemos-lhe assim: sacanolas políticos. Mas depois saíamos e éramos amigos. Éramos amigos. E quando um tinha dificuldades todos os outros apoiavam e trabalhavam para que aquele se sentisse melhor. #01:39:21-6# (B6)

Compreenderam aquela situação. E o [nome do colega] diz-me assim: "Oh Cristiano Dantas! Você... Para não estarmos agora aqui com coisas, e tal..." Eu assim: "Epá eu não vou..." "Vais para Vialonga! Vais para a Comissão de Trabalhadores..." Eu em Vialonga nunca trabalhei. Eu ia lá e era... Estava na Comissão de Trabalhadores. A empresa também precisava de alguém que negociasse com ela, portanto... "Epá! Depois a gente... Quando isto passar e estiveres mais calmo e esta coisa da viuvez e tal... A gente depois fala." Opa, e eu nisto, portanto, tenho de lhe dizer que a empresa foi espetacular, foi cinco estrelas, portanto... Eu depois fui para Vialonga e depois negocieei... Quando fui para Vialonga negocieei a minha saída à distância. [...] (B6)

Dois meses depois, três meses, epá: "Epá! Ou ficas no Quadro da empresa e ficas aqui em Vialonga e és inserido nos quadros aqui de Vialonga... Ou como é que é?" E, portanto, disse: "Epá, olha..." E depois pus as minha condições para sair... Para negociar como é óbvio. Que é: "Eu continuo e quando fizer 55 anos posso rescindir com a empresa. [...] No dia 1 julho meto os papéis. Já tenho feito 55 anos. Não é logo em cima. E, portanto, aos 55 anos meto os papéis para a reformar e reformo-me." Pronto, e fiz o acordo com a empresa. Como fiz para os trabalhadores, fiz um acordo... [...] Fiz um bom acordo, pronto. Como fiz para os trabalhadores, também fiz um bom acordo para mim. E mal seria se não fizesse... Se fizesse para os outros e se não fizesse para mim. Mas foram... Foram ali três, quatro meses de... Complicados. Complicados. A nível de... Estabilidade emocional e coiso... Foram complicados. Porque foi tudo em cima do acontecimento, não é? Foi a fábrica fechar, foi ela ter morrido, foi não sei quê... Foi... Epá, foi ali uma série de coisas! Foi complicado. (B6)

#### **Código 6: Redes socioafetivas**

Extratos

Foi mau... E sabe o que é? Casar antes de vir de tropa... Depois fazer o percurso militar, o serviço militar obrigatório. Portanto, é um período em que não se ganha dinheiro... É um serviço militar obrigatório. Vir e estar ávido de ter algo para ganhar dinheiro, começar a trabalhar com alguém por um curto período - é para ver como as

coisas foram rápidas - deixaram de pagar... Tenho que me agarrar a alguma coisa... Agarrei-me então a ter de trabalhar por conta própria. E depois isso correr mal, também.  
#00:34:59-9# (A1)

Nós tínhamos uma conta que era de nós todos, não é? Éramos três sócios... E nunca se deve fazer isso. E eu fui o culpado porque disse que poderíamos ter uma conta em que não era preciso ter mais do que uma assinatura, porque confiava nas pessoas. E deveríamos ter pelo menos duas assinaturas, no mínimo. Para conseguir ir levantar o dinheiro... Primeiro foi um e depois foi o outro. E eu fiquei com tudo às costas...  
#00:35:56-1# (A1)

Não foi fácil. Esse foi um dos trambolhões da minha vida, não é? E tive que me levantar. Uma forma de me tentar levantar-me... Isto aos vinte e dois anos, vinte e três. Portanto, estamos aqui a falar em idades muito... (risos)... Muito baixas, não é? E daí o meu percurso... Ter entrado na Triunfo. (A1)

Daí a minha questão há pouco de lhe ter dito que o sindicato a mim não me diz nada. Foi uma experiência boa, atenção. Todas as minhas experiências serviram para eu me enriquecer enquanto pessoa. Quer positivas, quer negativas, ok? As positivas porque me enriqueceram mais em termos de conhecimento... As negativas porque me enriqueceram ao ponto de eu entender aquilo que eu não quero. Portanto, tudo para mim... E então aí... Também foi uma experiência positiva o sindicato. Não digo que não! Claro que sim! Foi uma experiência boa. Conhecer novas pessoas, ir a outros sítios, reunir com administrações de empresas, com os sindicatos... Ir a plenários e fazer plenários. Foi diferente! Foi uma aprendizagem para mim. Agora eu não me enquadro... #01:00:08-7# (A1)

Não. Não me inspirei em ninguém. Eu acho que sou assim porque a necessidade me obriga a ser assim. Se nós temos que lutar pela vida não podemos estar à espera que as coisas nos fujam... Então temos que lutar... Mas exemplo não tive nenhum. Da minha mãe não tive. Muito limitadita. Limitadita. #01:29:37-1# (A1)

A única coisa que eu possa eventualmente entender que me possa ter... Ajudado a enveredar a ser o que sou... Para além da vida que me obriga a ser o que sou... Só se foi o facto de eu ter passado por coisas más e não querer aquilo. Então é uma forma de eu fugir aquilo. Exemplos não tive... #01:31:22-2# (A1)

Não em termos de atividades... Não, não, não. Não participo em nada. E mais estou aqui só há sete anos. Não, não participo em nada. Dou-me bem com a vizinhança e já é bom. Bem no sentido de "Bom dia, boa tarde, boa noite" falar-se um bocadinho e quê... Nada de mais... #01:37:08-1# E às vezes é demais... #01:37:11-3# (A1)

Neste momento entre o satisfatório e com dificuldades (capital económico). Não há trabalho! #01:37:49-5#

Uma coisa é pedirmos um empréstimo à habitação aos vinte e vinte e tal anos... Outra coisa é pedirmos um empréstimo aos quarenta e tal anos. É... É mais difícil de pagar, não é? Porque prolonga-se mais até à velhice. E é o caso e então... Se fosse hoje não... Deixava-me estar lá. Estava paga... E esta não está paga. Tenho que a pagar. #01:39:38-3# (A1)

Eu quando entrei para a Estaco o senhor que hoje é meu padrinho de casamento, que é o chefe do escritório, quando me admitiu disse: "Epá! Tu vens mas tens de estudar!" Mas depois tinha esse problema... Como é que eu estudo se estou ali? E depois também não tinha dinheiro para pagar colégios e coisas... Ah... Factos marcantes! O homem disse-me: "Tu vens para aqui trabalhar mas tens de estudar!" E pronto. Aquilo para mim, estudar, não era um grande sacrifício porque eu já lia naturalmente, lia muito. [...] Factos marcantes... Foi a oportunidade de o meu chefe dizer: "Tens de estudar!" E estudei... #00:18:31-3# (A2)

A agricultura. São as raízes... É. Quero um quintal... [...] É o meu quintal que eu tenho, lá na casa, em S. Silvestre... Uma coisita pouco maior que esta sala... Pouco maior! Na Pedrulha o que resta daquilo que era o quintal do meu avô que depois foi dividido pelos diversos filhos, não é? Eu tenho lá uma coisa onde eu... Onde a minha mãe tinha um jardim de rosas e eu hoje mantenho esse jardim, complementado com outras coisitas... E uma atividade, uma terra que eu tenho, um campo, juntamente com um amigo... É onde cultivo os tomates, os pimentos, os feijões e aquilo tudo. E é isso... É isso que eu faço naturalmente. Quando não tenho outras coisas para fazer, obviamente. #00:57:37-5# (A2)

Ah... Foi a minha mãe! A minha mulher... E os filhos... Assim por fora, marcantes, tenho esse senhor da Estaco que me apoiou bastante... E que depois eu fui chamar para padrinho de casamento. Porque não é fácil aguentar um miúdo que chega todos os dias atrasado (risos). Não é... Não é fácil, não é? Foi assim... Depois... Depois não me estou a recordar de mais ninguém. #00:58:19-0# (A2)

Penso que essa decisão e esse episódio foi... Foi darem abertura para eu sair da força área e eu ter saído. Porque... Se eu lá tenho ficado de facto o meu percurso tinha sido diferente... Tinha feito carreira militar de topo. De topo... Média, não é? #00:59:19-3# (A2)

A força área marcou. Eu não seria o homem que hoje sou se não tenho passado na força área, particularmente, a minha ida a Moçambique... Que encontrei lá uma sociedade avançada, na minha opinião obviamente, avançada à nossa, vinte anos... À vontade! Uma sociedade aberta... Uma sociedade com muito menos tabus... Ah... Completamente diferente! Repare... Eu estive lá dois anos e pouco... Não chegou a meio... Dois anos e meio em Moçambique... E quando eu cheguei eu já tive dificuldades em adaptar-me. Eu cheguei ali a Santa Cruz e aquilo parecia tão pequenino, tão pequenino, tão pequenino... Que eu... O que é que eu estou aqui a fazer? E então comecei rapidamente a tratar dos papéis para voltar para Moçambique. É onde eu tinha emprego... Tinha emprego. Tinha lá emprego na companhia área de Moçambique, na DETA. Ah, portanto, eu estava a tratar porque não me dava... Já não me habituei, pronto. Quando eu regresssei já não me habituei bem a isto... Já tive dificuldades. E estava a voltar para lá quando se dá o 25 de abril e a partir daí já não... Já não... Já não fui, pronto. Não fui. Por isso, eu compreendo muito bem que aquilo que aquelas pessoas... As chamadas retornadas sentiram quando vieram... Porque passaram lá uma vida... Deixaram lá quase tudo e vieram para aqui. Eu que estive lá dois anos e pouco quando aqui cheguei já foi difícil a adaptação. Portanto compreende-se... Agora episódios marcantes, marcantes e que podem ter de facto alterado a minha vida, e que pode ter sido um episódio negativo foi a minha desvinculação com a força área... Que hoje olhando para trás foi um erro. #01:01:22-5# (A2)

O sindicalismo neste caso concreto continua presente. #01:32:49-4# Nas formações que eu dou... #01:32:53-7# Por minha autorrecriação... #01:32:54-6# Absolutamente. Absolutamente. E no caso concreto da preparação dos trabalhadores para a função da representação enquanto trabalhadores... Há uma figura na lei que é o representante dos trabalhadores para a Higiene e Segurança no Trabalho... Que é uma figura que não pode ser ignorada. E para as empresas serem certificadas ao nível da qualidade têm de ter um representante dos trabalhadores com o papel extremamente ativo - se ele quiser trabalhar - na área da higiene e segurança no trabalho. [...] #01:34:48-2#

[...] E as lojas Jumbo é uma empresa internacional, não é? [...] Elas próprias é que nos pediam essas formações... Pediam à própria CGTP. E eu trabalhava pelo Instituto Pedro Jesus Caraça que é um braço formativo da própria CGTP. Trabalhava nisso... #01:35:54-2# (A2)

Em 75 fui árbitro de futebol... Fui ao curso de árbitros... [...] Mas isso já é há muito tempo. Ainda (...) E do meu curso saíram pessoas de topo! [...] São essas coisitas que a gente faz para... Olhe, para estarmos na sociedade... Para nos afirmarmos, digamos assim. Pronto, se acabou. #01:40:01-4# (A2)

E, entretanto, aos vinte anos de idade tive um acidente lá na terra, também... Onde fiquei amputado numa parte de uma perna... #00:02:02-6# Foi um acidente de viação. Portanto, tinha vindo almoçar a casa porque... Aquilo de Souselas então são três quilómetros... Aquilo foi na hora de almoço. E a casa... Quando eu ia de regresso de casa para o... Novamente para pegar à uma e meia... [...] Foi um bocado... Um bocado difícil, na altura, tinha vinte anos. Foi um bocado difícil na vida aceitar a situação porque aquilo... Foi no dia 3 de agosto de 1987 e... Um jovem naquela altura ver-se naquela situação, aquilo... (A3)

Depois, entretanto... A empresa também não fez participação à companhia de seguros porque... Aquilo até assumiam a responsabilidade, a companhia de seguros. Portanto, eu tive que andar a lutar mesmo contra quem teve o acidente comigo porque eu não fui culpado. [...] E pronto... Essa foi uma das partes da vida... Depois andei bastante tempo em recuperação... Estive para aí um ano e tal em casa... Comecei a trabalhar... O acidente foi no dia 3 de agosto de 87 e eu comecei a trabalhar em abril de 89... Voltei ao trabalho... #00:09:04-5# Foi desgosto para a mãe... Foi desgosto para os irmãos... Foi para toda a gente! Para a família toda foi... Já se sabe. #00:09:47-3# (A3)

Olhe teve uma grande importância que é assim... #00:13:51-7# #00:13:53-3# . É assim... Eu, na altura, e hoje... Hoje vou fazendo alguma coisa mas não é aquilo que se fazia, não é? A gente fica privados de... De muita coisa na... Na vida. Nunca mais volta a ser a mesma. Eu, por exemplo, se não calho ter tido o acidente... Estava a ter propostas de trabalho para o estrangeiro... No mesmo ramo. Hoje estaria bem na vida e... #00:14:25-1# A trabalhar por conta de outro, porque... É... É um trabalho que a nível... A nível internacional que tem alguma procura. Nós portugueses a nível de mármore... Trabalhamos bem o mármore. Pronto, tive... Tive um bom mestre na altura. Uma pessoa

que aos dezassete anos que segundo ele contava já era encarregado de uma empresa, sem ser ali. Uma pessoa com um grande percurso, uma pessoa que sabia trabalhar, sabia fazer tudo... #00:15:04-9# (A3)

Eu, por exemplo, na altura que tive o acidente tive... Portanto, é aí que eu digo que foram os meus sogros na altura que me ajudaram... Eu não recebi nada de lado nenhum. Porque eu como tinha metido a ação para tribunal porque não tinha sido culpado, a Segurança Social para me pagar, queriam que eu assinasse um documento como tinha sido eu o culpado do acidente. E eu isso não ia fazer! Isto disseram-me diretamente a mim na Segurança Social. #00:21:13-9# [...] Nunca... Não recebi nada. A Segurança Social durante aquele... Perto de dois anos que estive em casa nunca me deu nada. Nada. Isto é o país que nós temos... #00:21:33-5# (A3)

Olhe... Eu às vezes costumo dizer, se me calhasse o Euro milhões gostava de ter uma casa tipo chalé, mais baixinha que esta, com um bom terreno à volta da casa, fazer um barracão e ter os meus animais. Entreter-me com o trator... Andar no campo a fazer algumas coisas e ter assim os animais. Sempre gostei e gosto... [...] Se for preciso ando lá até à meia-noite... (A3)

A mulher e as filhas... Para mim são as mais importantes. #01:40:36-7# (A3)

Não sei explicar... Mas, se calhar, a situação de ter ficado desempregado foi uma das coisas que marcou muito... #01:41:00-0# O desemprego é uma coisa marcante. Acho que na vida de toda a gente! #01:41:53-3# Porque é você estar empregada... Ter o seu emprego e ter o seu salário ao fim do mês para governar a sua casa e de um momento para o outro... Aquilo é como seja uma parede que tombou e você fica sem nada. E acho que é... É na altura quando se está desempregado e quando se está doente... Que acho que é das coisas que estão muito mal no nosso país... Que é quando as pessoas mais necessitam e é quando menos ajuda têm. #01:42:23-8# (A3)

Dão-se bem comigo (como é visto na sua comunidade)... Até tinha... Na altura, em que estava no sindicato tinha uma coisa, é que tinha muitas pessoas aqui da zona que vinham ter comigo às vezes para certas informações disto e daquilo. Ou quando se viam em situações de desemprego... Algumas até para... Até para reforma ou para isto ou para aquilo... Para saberem dos direitos delas muita gente aqui vinha... #01:48:01-0# [...] Ainda hoje às vezes aparecem pessoas assim... Epá... Ainda há quinze dias aqui apareceu uma pessoa... Eu assim: "Epá! Agora não lhe posso estar a dizer uma coisa que já não sei...

O melhor é dirigir-se ao sindicato e perguntar." Entretanto nestes anos houve muita coisa que alterou nos códigos de trabalho e aquilo tudo... #01:48:17-7# [...] Veem-me como uma pessoa útil, uma pessoa simpática, uma pessoa amiga de os ajudar... Foi aquilo que eu sempre fui. Às vezes, se calhar, até me prejudico por ajudar demais as pessoas... #01:48:38-9# (A3)

Ajuda, ajuda (a forma como é visto na comunidade se ajuda no seu negócio)... Isso também ajuda aos conhecimentos que nós temos. #01:48:53-2# Os amigos é... Os amigos que nós às vezes temos... Pessoas com quem nós... Se dávamos aquilo tudo passaram a ser nossos... #01:49:00-3# É... E recomendam... E, às vezes, recomendam... Recomendam a outras pessoas. Às vezes pessoas que estão a gastar certa determinada mercadoria num lado: "Epá! Porque é que não vais a fulano? Vende lá essa mercadoria e tal... É um gajo porreiro e tal!" #01:49:12-2# [...] Alguma... Também não toda! Também não é toda! Há pessoas que são muito invejosas. Há pessoas também que se veem que você que... Eu, por exemplo, posso-lhe dizer que aqui na terra há pessoas que vão buscar as coisas... Chamamos-lhe nós às vezes a concorrência... Vão fora. Têm inveja de ver os outros... Os outros a crescer... #01:49:45-5# (A3)

Vivemos razoavelmente (capital económico). #01:51:01-6# [...] Conseguimos pagar... É o que já tenho tido... Apesar da crise que se instalou no nosso país e noutros... Eu tenho dito que conseguimos passar ao lado da crise. Não nos afetou... Pelo contrário até temos crescido... Talvez, também, derivado à maneira como nós gerimos o negócio... #01:51:32-1# [...] Esta casa é minha, da minha mulher e das minhas filhas... #02:11:25-6# Estou a pagar empréstimo dela... Não sei quanto tempo é que falta para acabar... Mas já não falta muito. Empréstimo de comércio e o empréstimo da casa, graças a Deus, está quase... Do comércio salvo erro acaba para o ano que vem. [...] E o da casa também... Também está quase. #02:11:59-0# (A3)

De lá (da fábrica)... Há um que abriu também através do Centro de Emprego... Uma empresa de limpezas de florestas e cortes de madeiras e assim... #02:12:23-8# Na zona de [local]. Mas aquilo... Não sei se aquilo andarás assim muito famoso nem se não... #02:12:35-5# Mas pessoal que saiu de lá penso que mais ninguém se estabeleceu. Ah! Está um em [local] com um salão de cabeleireiro também... Na rua [nome da rua]. Há lá um rapaz que até apareceu na televisão a falar agora da inundação... Que era lá meu colega de trabalho. Abriu um salão de cabeleireiro... Está lá a trabalhar. #02:12:56-0# (A3)

Há pessoas que abriram os seus próprios comércios mas que não estavam desempregadas. Arriscaram, pronto... Trabalhavam e arriscaram. Ela, por exemplo, tinha uma prima dela que abriu uma pastelaria... Ela por acaso até faleceu. Padaria e pastelaria mais o marido e tem estado... Tem estado a ter até sucesso... Mas não... Mas não estavam desempregados... Não estavam numa situação de desempregados. Isto pessoas assim desempregadas são poucas as que... As que abrem. #02:13:36-9# (A3)

Mas faço convívios na mesma com os meus (colegas da Triunfo)... Alguns! Porque há uns que marcam, não é? Outros que não... E há aquele contato de a gente lidar... Se acontece alguma coisa comunicamos uns com os outros... Temos um almoço por ano (29:17) mais quer... Há alguns que não interessam... Mas, às vezes, uns transmitem aos outros e aparece tudo, não é? E vivemos assim, pronto. Eu gosto de ver os meus colegas... Mesmo aqueles que eu não tinha assim grande afinidade... Porque a fábrica era muito grande e a gente não tinha aquele convívio com todos... O meu marido trabalhava na Triunfo e não sabia que eu era empregada dele... #00:29:49-1# (A4)

Não tenho tempo livre... Olha vou-te dizer (38:36) consome-se o (38:40) todo. Vou para casa faço o jantar para a família, somos oito à mesa. Fins-de-semana... Ao sábado sempre na terra e às vezes ao domingo... #00:38:54-9# (A4)

Eu sou estimada e respeitada por todos... Já vivi na terra dele e tenho grandes amizades com o pessoal lá... Amizades neste aspeto... Cumprimentam-nos e respeitamos uns aos outros... Não é aquelas amizades... Nada disso! Que fazem uma grande festa quando veem... Ali onde eu moro eu saio de manhã, entro à noite, pouco... Não tenho vizinhos... Tenho lá um... Pessoas assim perto que damo-nos... Cumprimentamo-nos... [...] Olhe eu (42:03) respeito toda a gente... E deve ser por eu não me meter com ninguém... Nem falar mal de ninguém e ser uma mulher de trabalho. Eu penso que é esse o coiso... (A4)

Vivo remediada. Vivo remediada. #00:46:48-9# [...] Olhe... Pedi mil contos para pôr... Não... Para pôr os azulejos e o chão... Assentar as louças que a gente tinha... [...] Pedi mil contos, deram-nos setecentos... Ficar lá com aquele dinheiro todo para juros... Foi tudo para o pedreiro. Foi dois anos e meio a pagar isso... Nunca mais nos metemos em nada disso! Foi muito difícil... #00:47:41-4# (A4)

O meu irmão (tem uma loja ao pé do seu negócio) e a minha cunhada (apoios). #01:01:32-2# [...] A minha cunhada tem a florista lá em cima... #01:01:44-2# (A4)



E lembro-me de eu seguir na televisão todas essas coisinhas... Esses atos eleitorais... Que eram factos eleitorais não é? Porque aí já comecei a tomar consciência do que era... E depois passei a ter mais conhecimento foi quando fui estudar para o ciclo que fui... Andava no (16:00) não é? Portanto, a trabalhar... Nessa altura dormia em casa do meu tio mas estava no (16:05) E fui para a escola e conheci alguns membros... [...] Alguns membros dos movimentos de libertação de África, inclusivamente, da Guiné. E eu sei porque havia um senhor negro que andava a estudar connosco, também já adulto, e passado uns tempos ele deixa de fazer parte... De fazer parte do grupo. Foi a PIDE que o levou... [...] Mas depois veio o 25 de abril... Veio o 25 de abril... Claro que em vez de ir para a escola então meto-me... Porque aí vejo a possibilidade de politicamente atuar, não é? Atuar contra estas injustiças todas... E começo a atuar politicamente. Começo a aperceber-me em 75, 76 que havia muitos meninos que iam para as manifestações sindicais mas que eram traidores. Eram pessoas que se diziam uma coisa e eram outra... Começo a aperceber-me disso... #00:23:13-6# (A5)

Para aí em 77... 77, 78 então meto-me politicamente a sério, no terreno. Pronto, e a partir daí então comecei... Comecei a ser eleito pelos trabalhadores para delegado sindical... Para a Comissão de Trabalhadores... Para o Sindicato em Coimbra. #00:23:39-7# (A5)

Muita (atividade sindical). E cultural, criativa, desportiva... #00:28:05-7# Nunca fiz só uma coisa... É assim... É assim eu sempre gostei muito da cultura... #00:28:19-8# [...] É assim eu desde miúdo... Desde miúdo que eu sempre gostei de tudo o que era da vida... Da cultura, do desporto, de conhecer... Do conhecimento. Portanto, ser uma pessoa conhecedora da vida. [...] Fiz teatro. [...] Começo a fazer teatro aí. Entretanto, chamam-me para a direção... Ainda miúdo... E eu vou para a direção e faço tempo de teatro ao mesmo tempo que trabalhava fazia essas coisas todas... Tinha estas atividades todas. Nunca tive... Pronto, ao mesmo tempo que trabalhava sempre tive atividades quer na área da cultura, do recreio, do desporto... Sindical... Autárquico... Sempre, sempre ao mesmo tempo. Eu cheguei a estar em quinze frentes ao mesmo tempo. #00:29:57-7# (A5)

Eram malandros (preconceito m relação aos comunistas)... Sabe que ainda hoje há aquele... Há muitas pessoas que pensam que têm que ser pobrezinhos, tem de ser um tristonho e então... Não pode ser uma pessoa com dinheiro, nem uma pessoa organizada,

nem nada disso! Eles pensam assim: "(42:46)" Entretanto, eu fui provando que realmente eu era ao contrário daquilo que as pessoas pensavam. (A5)

Ele chamou-me... O (52:47) do Exército. Chamou-me e disse-me: "Tu não vais sair da tropa! A gente não te vai deixar sair daqui." Ah... Lá em baixo queriam que eu fosse para a Escola de Sargentos... "E tu daqui vais mesmo para a Escola de Sargentos que é o teu futuro. Porque tu tens jeito para isto... Pá... A gente gosta de ti, pá... Tu és organizado e isso tudo..." [...] Então em Coimbra chamam-me... O Comandante chama-me e não quer que eu saia da tropa. Agora chego aqui... Uma ordem expressa de não me deixar sair... Então mas estou em prisão? Então não sou um homem livre? Isto não pode ser!" E então... Eles lá diziam: "Opa... Faz... Olha tu vais-te arrepender!" Hoje estou arrependido. Que hoje já estava cá fora e... #00:54:04-1# (A5)

Não. A minha vocação é estar junto das pessoas que eu conheço e quero fazer política... Aí! Aí é que eu quero... A qualidade de vida das pessoas é que me diz... É que me diz alguma coisa... Então é aí que eu quero estar! Em termos de tudo... #00:54:55-0# (A5)

Ficaram revoltadas e ficaram um bocado aborrecidas comigo (quando negociou a sua saída da fábrica) porque... Aquilo que elas acharam é que a partir desse momento a pessoa que lhes desenrascava tudo... Vim para aqui... Comecei a recebê-los aqui... Em vez de irem ao Sindicato vinham ter comigo (antigos colegas). #01:24:12-8# (A5)

Dificuldades (capital económico). #01:42:11-4# Ainda estou a pagar (o empréstimo da casa)... Ainda estou a pagar. #01:42:19-4# (A5)

Não (pessoas que influenciaram o seu percurso). Aí fui eu... Aí fui eu por necessidade... O caminho que eu tenho de princípio até agora... O caminho que eu tenho é mesmo... Sou eu... Sou eu que o penso. Mais ninguém. Mais ninguém... Claro que agora depois de casado depois aí tudo é conversado com a minha mulher... Não faço nada... Eu nunca... Não faço nada na minha vida sem falar com ela. [...] #01:45:36-1# Eu, por exemplo... Eu, por exemplo, nunca... Muita gente é de pensamento... Pensamento único como eu costumo dizer. Há pessoas que pensam e são elas que querem fazer tudo... Eu nunca fiz fosse o que fosse mesmo a nível autárquico, a nível sindical, sem ir primeiro ouvir. [...] A experiência de vida que tenho é que eu aprendi com as pessoas... E para mim quem me ajudou foram... Para mim, todos. Quer colegas, quer empresários... Eu lidei com muita gente e todos me ajudaram, pronto. A minha experiência é que aquilo que se pode

aprender e fazer é ouvindo... É fazendo com os outros, nunca sozinho. E isso foi... Foi o que me ajudou... Portanto, eu fui ajudado por todos. #01:48:33-0# (A5)

Sim bastantes (ex-colegas que se estabeleceram por conta própria)... Bastantes... #01:51:15-0# Na área metalúrgica... Na área metalúrgica... Também na hotelaria e outros... Todo o tipo de comércios... #01:51:31-1# [...] Não algumas fecharam... Outras não conseguiram... Outros não conseguiram... #01:51:36-2# [...] Às vezes falta de organização das pessoas (porque acha que vão à falência)... Falta de organização. #01:51:45-1# (A5)

É assim eu lazer, realmente, não tenho muito... É assim lazer... Como *hobby* tenho a minha agricultura que eu gosto muito, não é? Mas pronto... Também me ajuda aqui por causa do vinho, não é? E gosto... [...] #01:54:52-9# (A5)

Pronto... Então é assim... Fui sempre muito namoradeira desde pequenininha. Tive sempre namorados. Então quando andava no décimo ano aconteceu que... Engravidei. Aconteceu que tinha um namorado e engravidei. Não foi por ignorância... Normalmente, não sei o que é que acontece com as outras pessoas, não sei... Não sei... Só sei de mim. Ah... Não foi por ignorância porque eu sabia perfeitamente como é que se faziam ou se evitam bebés... Lógico, não é? Simplesmente costume justificar assim... [...] Eu ainda tinha quinze anos. #00:22:34-1# [...] E depois eu decidi que ia ter o bebé, sem nenhuma dúvida. #00:23:51-5# (A6)

Não. Não porque nós não fizemos empréstimo (habitação)... Fomos fazendo conforme tivemos dinheiro... #02:14:12-6# (A6)

Adoro ler... #02:15:59-8# Ler. É a coisa que eu mais gosto de fazer... Gosto muito, muito, muito de ler... Gosto muito de ver televisão. Gosto de ver séries... Filmes... #02:16:09-6# Olhe... Eu gosto de ler muita coisa... #02:16:14-3# Adoro o Dan Brown. Eu gosto de ler ficção. Eu gosto de ler ficção. Ah... Gosto muito. Agora acho que é pela idade e o cansaço... Apercebo-me de que vou chegando a casa com a cabeça mais cansada... Eu acho que isso tem mesmo a ver com a idade. E eu achava que não gostava tanto daqueles romances cor-de-rosa... Mas agora há aí umas autoras que eu nunca tinha lido... #02:16:39-8# [...] Depois também gosto de ler outro tipo de coisas... Eu... Acredito muito em Deus sobre todas as coisas... E gosto muito de religião... Também gosto de ler sobre religião porque sou católica e gosto de saber mais... Gosto de ler a bíblia, de aprofundar, gosto de ler esse tipo de... Está a ver? Tudo o que seja sobre igreja, sobre... As encíclicas dos

papas... Essas coisas eu também gosto de ler. Porque pratico e porque também gosto de saber mais... E porque dou catequese... #02:17:55-5# (A6)

Ah, isso! Mas sem dúvida... Se o meu pai não tivesse morrido quando eu tinha dez anos... Eu podia não ter necessidade de lutar por mim, própria... Podia ter... Como é que eu hei-de explicar... Eu acho que é esse... Sabe porquê? Porque eu estava... Como é que eu hei-de dizer isto... Como é que eu hei-de explicar porquê... Eu tenho a certeza mas, se calhar, eu tinha quem tivesse... Eu não precisava de ter pensado tanto. Não precisava de ter trabalhado tanto e de me ter esforçado tanto. [...] A minha mãe como eu lhe disse era mais sensível, mais fraca, mais... A minha mãe é mais... Emocionalmente mais instável. Muito depressiva... Percebe? [...] #02:22:41-4# [...] Às vezes penso que se ele não tivesse morrido eu era diferente... Os meus irmãos também... Não sei. A minha mãe também... Não sei... Era tudo diferente, não é? Era diferente porque... Eu costumo dizer assim: "Quando nos morre alguém que nós amamos... A pessoa que nós somos até ali morre também." Nós somos... Quando nos morre alguém que nós gostamos muito, a partir daquele momento, nós começamos a viver de novo com algumas coisas que temos de trás mas de uma maneira diferente... Porque já não temos aquela pessoa connosco. É assim. Eu acho que é assim. É porque não há... Nada mais é igual. E as pessoas todas que estão à volta são... Cada um tem a sua importância, nenhuma compensa a outra e pronto. #02:26:09-6# (A6)

Tem a ver com a missa, por exemplo, de celebração da palavra... Essas coisas todas... Sempre tive... Na falta do pároco eu vou... Vou fazer vigílias, por exemplo, quando morre alguém fazemos uma vigília... Faço essas coisas todas assim lá na comunidade. Isso eu faço... Eu faço tanta coisa que... #02:27:01-5# (A6)

Sim. Por um lado ajuda (no negócio)... Por um lado ajuda... Por um lado ajuda... Sem dúvida, pronto. As pessoas conhecerem-nos e não sei o quê. Por outro lado, também, quando somos assim do tipo comprometidos... Até está bem essa palavra... Chama-se, por exemplo... Estar na Igreja como estar à frente de uma paróquia, estar envolvida numa paróquia, estar comprometido com uma paróquia - é mesmo uma palavra boa - também faz com que não possamos falhar no sentido de... Se eu sou conhecida, e se eu estou à frente e se eu falho... #02:28:19-4# [...] Olhe, imagine, isto! Imagine que eu aqui na loja sou mal-humorada... Isso eu nunca podia ser se não isto não funcionava bem... Mas imagine isto... Imagine que eu... Imagine que eu socialmente tenho... As pessoas não

gostam... Tenho má fama ou... "Ah, porque ela é não sei quê! E ela responde mal! E ela não sei quê!" Depois vou para a Igreja fazer o quê? Percebe... Que exemplo sou eu? Como é que eu vou dar catequese se eu não for educada, cortês, simpática... #02:33:36-2# (A6)

Quando ele era Presidente de Junta (marido)... Porque isto também é assim... Isto também só acontece porque... #02:35:14-1# [...] Olhe que aconteceu... Aconteceu num domingo à noite... Tipo onze e tal... Nós é que nunca nos deitamos cedo, não é? Mas aconteceu tipo onze e tal baterem à porta, porque era o último dia do outro dia para entregar os papéis da bolsa e ele... Não é? A Junta estava fechada... Lógico que ele... Ir de casa à Junta com o senhor passar o atestado para a filha entregar na Faculdade. Isto acontece nos meios pequenos... [...] #02:35:53-9# (A6)

IEFP, sim, certo. O Sindicato! Sem nenhuma dúvida! O Sindicato (instituições importantes no percurso de trabalho)... #02:36:58-7# (A6)

**E.** Em termos do seu capital económico atual... Tem uma situação confortável, com dificuldades ou satisfatória? #02:38:15-3# Satisfatória. #02:38:19-5# [...] Neste momento, eu tenho um crédito... #02:38:25-0# [...] É como habitação secundária... Tenho esse crédito mas não é muito alto. Não é que... Pronto até ver conseguimos pagar, sem problema. #02:39:51-3# (A6)

No meu percurso profissional... Para além de mim foi ele [o marido], sem nenhuma dúvida. Sei porque como eu lhe disse... Se não fosse ele eu não tinha saído da fábrica de móveis... Quando eu pensei em comprar a loja ele também disse que sim. Quando eu fui tirar o curso ele também disse que sim... Ou seja, eu vou... Mas nunca vou sem perguntar: "O que é que tu achas?" #02:40:24-5# (A6)

Foi o maior problema da minha vida foi esse. Pronto... Se quer saber da minha vida toda... Olha já está! Desgraçou-me... Desgraçou-me psicologicamente... E à minha mulher e ao meu filho... Tinha o meu filho dezasseis anos. Hoje está muito frio com... Eu acho que já ressuscitei outra vez, a minha mulher também... Mas ele ficou com um trauma que epá... Frio, frio, frio. Também é informático não é? Mas ficou muito frio perante a sociedade... Agora pronto. Ele está num lugar de topo... Mas não é má pessoa por causa disso. Não, não. Não é má pessoa. Mas às vezes vejo que ele não está muito... Não está muito relacionado com as origens de quem se deixou ir como os pais dele... Isso para ele é impensável. Hoje em dia é impensável. Ele aos dezasseis anos sofreu bastante... Deixou... Deixou tudo e mais alguma coisa por causa disto, porque tivemos que fugir...

Logo aos dezasseis anos. Foi logo... Completamente um choque. De maneira que... Foi esse. Foi o problema mais grave que eu tive na vida porque de resto... Quer dizer, tirando a escola... A escola era quase igual para todos também... [...] #01:13:44-3# (B1)

Sim (se eram familiares). Sim... As mulheres eram primas... Eram primas... E epá! Nunca... Nunca pensei tal coisa... Foi mesmo uma maldade! Uma maldade! Foi tudo um enxurro, pronto! Isto dos fiadores é assim... [...] Envolvia negócios e tal. Quer dizer, eu não fiz negócio para não me meter em negócios... E isto foi por causa de um negócio... Uma pastelaria em Coimbra. E de maneira que aí tive azar porque de resto... Estive uns anos um bocado fechado e assim... Hoje... Hoje já vi o que era a vida, já vi que isto vai cá ficar tudo... O meu filho está bem. Para que é que eu hei-de andar com chatices? [...] Desfiz-me de tudo e negocieei depois com os bancos... [...] Sabe que isto a coisa pior que existe é a banca. Porque eles... Eles... Enfim. [...] Eu cheguei a um altura que me estavam a descontar... Eu fiquei no desemprego... Depois acabei por ir para o desemprego... [...] #01:35:42-9# [...] Foram dezoito anos que eu andei envolvido nisto. De maneira que... #01:38:19-8# Atualmente estou a viver em casa do meu sogro que entretanto já faleceu... Que nós reconstruímos. Que nós reconstruímos. #01:38:30-5# (B1)

Andar de bicicleta (atividades que gosta de fazer). #01:16:21-0# Caminhadas. #01:16:23-1# Em grupo. Mais em grupo. Estou... Estou numa Associação Caminheiros de Coimbra. #01:16:32-1# Foi na altura que comecei a ficar... Antes dedicava-me mais à agricultura... Tínhamos... Tínhamos... Pronto, os meus sogros tinham assim uns bocados... Um bocadinho de agricultura e ocupava-me bastante o tempo e assim... [...]. E eu agora como também... Tenho este problema de coluna que continuo a ter... Desde os vinte e seis anos está a ver? E às vezes fico... Fico... Incapacitado. Quando tenho crises estou uma semana sem me poder mexer. Depois faço os tratamentos e aquilo lá desinflama e eu começo outra vez numa atividade... Tudo o que seja baixar ou fazer força para levantar para cima é complicado. Mas tudo o que seja andar ou assim... #01:17:45-3# [...] E depois é os contatos que tem com as pessoas e pronto... Para além do exercício físico! De não ficar na cama ao domingo de manhã. É levantar às oito ou às sete horas para estar às oito e meia a caminhar. Mas isto tudo faz muito bem ao corpo. [...] #01:24:12-2# (B1)

Portanto, mas pessoas que me passaram pela positiva estou-me a lembrar... Sempre superiores... Foram sempre superiores (hierárquicos). [...] Foi quando eu senti que era gente (na Estaco). Porque... Já na tropa isso me tinha acontecido... Porque também

os superiores conheceram-me, pronto, e isso era em condições duras que nós estávamos em plena guerra no mato. E tinha reconhecimento dos meus chefes e depois aqui na Estaco, também. Por isso é que eu me custou... Também me custou bastante por causa disso. Por causa dessa forma de estar que existia. Portanto, essas pessoas... Quatro ou cinco pessoas ali na Estaco que de facto me marcaram. E depois colegas... Todos... Sempre me dei bem com toda a gente. #01:30:12-5# (B1)

Tinha... Tinha as minhas convicções... Nunca deixei de votar nenhuma vez... Formei-me ali com aquela... Lia... Lia muito. Comprava... Naquela altura... Eu, eu comecei a comprar o semanário, o jornal que deu... Que depois passou à Visão... Creio que nunca perdi nenhum número deste... Do semanário e depois da Visão. Da Visão tornei-me assinante. O semanário era ao fim-de-semana, eu vinha da tropa, saía à sexta-feira, comprava o jornal... Além de outros! Além de outros! #00:57:32-9# [...] Também gosto de ler outras coisas embora não seja um gosto, talvez, muito... Muito... Digamos estruturado, não é? Depois fui lendo coisas que saiam sobre a política, atualidade, livros de militares, da guerra do Ultramar... [...] Fui lendo tudo o que me vinha à mão... E pronto... Olhe... Ler de uma forma de desordenada... Já li Eça de Queiroz, Saramago (risos). Mas não tenho... Não tenho percurso académico que me permita... #00:59:07-9# (B2)

Creio que era uma pessoa informada... [...]. E então: "Ah, este tipo até sabe... Ou não sabe! Mas parece que sabe... Sei lá!" (risos) E... E pronto. Nunca mais... Olhe... Foi um percurso que nunca mais... Até dirigente sindical e da União dos Sindicatos de Coimbra e da Confederação da CGTP... Olhe, foi sempre a subir! O que não dá... Aí não dá a parte monetária mas olha... Pelo menos... (risos). #01:06:11-7# (B2)

E depois olhe... Mais tarde... E enquanto estive desempregado... Gosto muito de caminhar. Acho que é um escape para mim. É um escape. Gosto muito de caminhar nos meus tempos livres... De caminhar... Integrei-me num grupo da Lousã... E quando estava desempregado até tinha mais tempo aos fins-de-semana... [...] E acho que é uma forma de convivência e de conhecer as pessoas... E conhecer aqueles lugares e a maneira como se vive... Acho que é espetacular... Ainda hoje fazemos isso. [...]. O principal tempo que eu tiver é para ou ler ou caminhar com o grupo dos amigos que tenho... (B2)

Mais importantes... Mais importantes são logo o nosso pai e a nossa mãe, não é? Como eu disse... Absorvemos logo a cultura... O meu pai, a minha mãe... Ainda hoje eu

me recordo dos meus avós paternos... Tinham uma maneira de viver... Eles eram os dois analfabetos... Mas sabiam tudo. Sabiam de tudo. Organizar uma casa, criar nove filhos... Ah... Na agricultura de sobrevivência... [...] A minha avó sabia cuidar dos animais, era veterinária, era... O meu avô a mesma coisa... Claro que me influenciaram, não é? Influenciaram... Os meus pais também... Pronto, naquele tempo... Depois, como disse, o meu tio... Esse meu tio. Primeiro é um tio adotivo mas depois vem a ser meu tio... E até veio a ser o meu padrinho de Crisma... Que era uma pessoa com uma vivência... Esteve em França, na Grande Guerra e... Eu estive em casa deles e de facto influenciaram muito naquela fase da escola primária. E depois, mais tarde... Mais tarde... Acabei por ser influenciado, como toda a gente, para o local onde fui trabalhar... Depois a minha mulher de facto tem sido uma pessoa... Quer queiramos, quer não... Eu influencio a ela, e ela a mim, não é? (B2)

Delegado sindical e dirigente sindical... Já era uma questão que não era ligada às nossas origens. [...] Era mais no contexto de trabalho e no contexto de trabalho... E depois, claro, chegava cá fora à própria sociedade com quem íamos convivendo, não é? Com os amigos que eram de fora, dessa situação. Valoriza... Valoriza a pessoa imenso... [...] No fundo acho que... Que dá reconhecimento e que contribuiu para o desenvolvimento do que eu hoje sou... Quer queira, quer não... Passar por estas associações. #02:31:39-0# [...] O sindicato foi importantíssimo... O sindicato foi importantíssimo... Depois a União dos Sindicatos de Coimbra foi importante... Conheci outras pessoas de outras áreas... Comecei a ver como é que se trabalhava... Eu fui convidado para a União dos Sindicatos de Coimbra por um antigo dirigente, pelo [nome da pessoa], que hoje até é vereador aqui na Câmara de Coimbra. Na altura, dirigente sindical... Era o coordenador da União dos Sindicatos... Da União dos Sindicatos de Coimbra... Depois daí para a CGTP estas organizações sindicais foram importantíssimas para o meu... Para a formação que eu tenho hoje... Geral... E da compreensão de tudo o que me rodeia e desta... Desta situação toda que nos abarca... E por onde eu acabei... E tanto assim que... Tanto assim que acabo por ir completar a minha vida de trabalho e continuar na área, não é? Nesta área... Podia não ser... Era importante na mesma! Era importante na mesma... Mas... Acabam por ser determinantes porque acabo por vir a estar aqui, a desempenhar um trabalho do dia-a-dia... De tudo o que aprendi antes do Sindicato, da Comissão Sindical, Sindicato das Indústrias Alimentares... Depois a União dos Sindicatos de Coimbra... A CGTP e agora,



ultimamente, aqui no STAD que é o Sindicato dos Vigilantes... E das senhoras da limpeza e porteiros, etc. Isto acabou por ser... Acabou por... Pronto... Me tornar... Acho que hoje estou capaz de desempenhar qualquer função nesta área. #02:40:20-1# (B2)

Acho que hoje... Hoje vivo de uma forma... Digamos... Até posso dizer confortável... Posso. (capital económico) #02:42:26-4# (B2)

Não podia estar a desempenhar aquelas funções... Só acabei um mandato, não é? Estive lá uns nove anos ou dez, no sindicato. Depois saí e... E pronto. Mas tenho contatos com eles na mesma... Quando é preciso alguma coisa... Ir aqui ou acolá, desde que eu possa, vou sempre com eles. A minha zona era a zona da Covilhã, Castelo Branco, Fundão... Era a minha zona de trabalho, no sindicato, era para aí para esses sítios... Às vezes, quando era preciso cá para baixo também ia... Mas, normalmente, era aquela zona de lá. #00:15:57-9# (B3)

Estava disponível (para ajudar monetariamente)... Porque ele (tio) também teve... Foi emigrado muito ano... E depois... Ele foi casado com uma tia minha, vá. Era irmã do meu pai... [...] #00:31:11-2# (B3)

Tenho agora outro primo aqui... Já são de longa data, não é? Da parte do meu pai que... Gosto... Às vezes gosto de brincar... E, às vezes, nos cafés tinha assim umas piadas e tal... E ele... Como ele é ensaiador de teatro e cantigas e ranchos e tal... Um dia ele desafiou-me: "Opa! Tens que ir para o teatro para o pé de mim!" "Oh! Vou agora para o teatro... Fazer comédia para os outros se andarem a rir à minha custa! Tu és doido!" Tanto andou... Tanto andou... Acabei por ir para lá e tenho... E temos tido aí umas... Agora já não... Lá para baixo a trabalhar não tenho ido aos ensaios nem nada... Mas andei. Andei aí no teatro e nas canções... Íamos fora... Atuar aqui, atuar acolá. #00:35:39-4# Gosto. Mas agora não faço porque não tenho tempo. Agora não faço... Não tenho feito. #00:35:49-0# [...] Tanto que quando chega os carnavais metem-me sempre aí papéis! (risos) Para me chatear a carolice! #00:36:03-1# (B3)

As pessoas aí, pronto, gostam de brincar comigo porque sabem que eu sou brincalhão, não é... Embora a idade vá começando a pesar e já não se brincar tanto, não é... Já não há aquelas... Mas, pronto, ainda agora cheguei e tive logo que ir beber um copo ali a uma adega... Saí a ter consigo e eles: "Opa! Oh emigrante! Oh emigrante anda cá!" E lá eu... Tive que lá ir beber o copo. #00:36:37-5# (B3)

Sim, sim, sim. E aqui o Centro Social da [local] faço parte da direção. #00:37:14-1# (B3)

Hum... Neste momento, agora, como estou com este trabalho, vivo razoavelmente mais ou menos (capital económico). Até... Até ter este trabalho não foi fácil... Não foi fácil. Não foi fácil porque depois tive... Pronto, andava aí nos pedreiros mas o gajo também pagava pouquinho. E depois também não havia trabalho... Às vezes também não havia trabalho... Eu antes... Agora... Antes de ir para este trabalho estive uns dois meses e tal em casa... Não... Não... Lá aparecia um biscatezito aí na agricultura... Tenho uma roçadeira... Ia fazer um trabalho com a roçadeira... Lá ganhava algum e era assim. #00:38:59-3# (B3)

Isso a política para mim... Só... Só me meti na política porque me meti no sindicato... Pronto. A gente tem que... De resto a política pouco ou nada me diz. #00:51:03-9# [...] Mesmo no sindicato aquilo era de uma família... É. É porque tem que ser assim mesmo [...] #00:51:42-3# (B3)

Olhe... Gosto muito de ler... Gosto muito... Adoro ver televisão! Há pessoas que não gostam... Eu gosto muito de ver televisão. #00:34:40-8# [...] Notícias... Gosto das notícias. Gosto daquele canal da Record que é brasileiro... Gosto de ver... Principalmente, notícias que o... Ou a CM... Ou aquilo ou acolá estou sempre... A CM TV também gosto de ver... Pronto, certos canais. Filmes não tenho paciência para estar a ver filmes... Antes quero ler... Antes quero ler. #00:35:06-2# [...] O Paulo Coelho. Estou a ler um livro dele... Que é assim azul que me emprestaram... É o monge... Monge não sei... São três nomes que... Aquilo é por capítulos... Monge. Gosto de livros de pensamentos... Gosto de poesia! Adoro poesia! #00:35:44-8# [...] Sempre gostei de ler. Sempre gostei de ler. Porque, na altura (no colégio), não tínhamos grande televisão... E lá nas freiras... Foi... Também onde me criou mais um hábito de ler, foi lá. #00:35:59-6# (B4)

Tenho amigos... Tenho amigos (apoios ao longo da vida)... #00:36:34-3# [...] No meu trabalho... No sindicato dos têxteis também fiz amigos... Ainda os tenho amigos... São poucos mas são bons. E a minha filha... Os meus netos... #00:36:49-6# (B4)

378. 378. Pago renda de casa, água, luz, o carrito a gasolina, não é... Porque também não ando muito... Mas, pronto, desloco-me de carro, telefone... E ficam 90€ para comer. Mas não chega, não é? E eu para dar mais alguma coisa aos miúdos... Vêm os anos, vem o natal, também gosto de dar uma coisinha a cada um... E para ela [filha]... Pronto, e

trabalho... Faço umas horitas nas limpezas... #00:37:42-5# [...] A minha casa é alugada. Pago 125€ de renda... Não é muito alta mas pronto... Mais água, luz, telefone... #00:40:45-8# [...] Às vezes, peço há minha mãe emprestado... #00:41:04-1# (B4)

Eu tenho muito jeito... Eu tenho jeito para desenhar... E as faixas do sindicato eu é que as faço todas... Pintadas... Aqueles cravos... Quando foi o 1.º de maio... Subir o 1.º de maio, aquelas faixas pintadas, eu é que as faço todas... Porque gosto... Gosto muito. #00:40:02-5# [...] Disponibilizei-me para isso... Nos tempos livres, pronto... Não tenho aquela coisa certa de lá ir mas quando me pedem alguma coisa eu colaboro. #00:40:15-0# (B4)

Acho que... Sempre... Eu considerei-me uma mulher que quis sempre melhor e nunca o tive. E não foi por falta de luta, está a perceber? Pronto... Acho que há pessoas que não lutam nada e têm tudo. E... #00:56:23-9# [...] É o fator sorte. É o fator sorte, mesmo. E... Eu também não queria ser rica, sabe? Não queria... Não é o dinheiro... Não é nada disso. Mas queria ter outras coisas boas que muita gente tem... Em questão de... De... Como é que eu hei-de dizer? Gostava de ter estudado... Gostava muito... (B4)

Eu também tenho saudades disso... Eram tempos... Eram mais vividos! Era mais convivência! As pessoas davam-se todas umas com as outras... Hoje... Hoje parece que temos medo uns dos outros... Eu tenho dias que eu não venho à rua... Não é que eu tenha medo! Epá não... Já não há aquela convivência que as pessoas estavam à janela a ver quem passava... "Oh Comadre! Oh!" E estavam ali meia hora... [...] #00:12:14-8# (B5)

Estive lá muitos anos... No ribeirense... Cheguei a estar dois anos seguidos no futsal feminino... Feminino. [...] E além de fazer outras funções no futebol 11. Na equipa sénior... E juniores... E juvenis... #02:05:50-8# [...] Era onde eu passava as minhas noites e aos sábados e domingos os meus dias (centro recreativo)... Apesar de eu às noites estar lá de serviço, também... No ribeirense... [...] #02:06:29-7# [...] Nós recebíamos esses subsídios e esses materiais para pôr as crianças a trabalhar... Não as levar para certos e determinados vícios... Eles concentravam-se ali de segunda a domingo... [...] Ensinávamos futebol... Tínhamos o Centro Social... Depois tivemos o Ribeirense... Ou o Ribeirense primeiro e depois o Centro Social... Tínhamos o salão cá em cima onde é a creche lá na [local] hoje... Tínhamos aí tudo. Aí era a nossa sede. Aí fazíamos tudo. Aí era a nossa sede. Aí é que fazíamos tudo. Todas as atividades. Ginástica... Chegámos a pôr lá também os velhotes a fazer ginástica... A levá-los para convívios de autocarro... Vinha o

autocarro do INATEL buscar a gente à [local]... E levar... Fazer provas a nível nacional. Chegámos a ter atletas nossos... Na nossa coletividade... Nos Andorinhas... Que foram campeões nacionais. Ham... Mais tarde vieram para a Académica e para o União de Coimbra... Que é o caso da [nome] que chegou a ser campeã nacional. #02:08:24-3# (B5)

Não... A mulher... A mulher... A mulher teve muita influência. Sim. Chorava sempre ao ombro dela, não é? Porque... Quando a gente casa temos uma vida em comum. Nunca lhe fazia as coisas sem lhe passar parte... E ela... Ou vice-versa, não é? A mesma coisa. Mas a mulher e sempre a olhar para os filhos, também. #02:11:41-7# (B5)

Eu acho que a gente deve ser uns para os outros... E, portanto, devemos ajudar quando as pessoas precisam, não é? E eu nesse aspeto tenho uma coisa que é: eu ajudei muita gente. Mas também fui ajudado. Portanto, não... #00:26:27-6# [...] Que a minha casa foi construída com a ajuda de toda a gente, não é? Com a ajuda que era como fazíamos antigamente. Por isso, eu digo: ajudei muita gente mas também fui ajudado. E, portanto, também havia coisas que... E ainda hoje isto funciona assim, portanto. Ainda hoje há gente que... Eu acabo por ser útil a muita gente mas as pessoas também acabam por... De certa maneira... A mim nunca me faltou um bolo-rei no Natal... Nunca me faltam amêndoas na Páscoa... E nunca me faltam inclusive ofertas de: "Se queres ir passar férias há minha casa ao Algarve ou aqui e acolá tudo bem..." (B6)

Quando era sindicalista... Eu tinha uma... E tinha um interesse também em ajudar os trabalhadores que eu representava, não é? E, portanto, havia muita coisa da legislação... Sabia a legislação de frente para trás e de trás para a frente. Sabia como é que era. Ajudei muita gente a reformar-se. Ajudei muita gente a utilizar os tempos e os *timings* que o desemprego dava. Ajudei muita gente a ir buscar dinheiro para além do desemprego. Ajudei muita gente a.. [...] Ainda hoje vem pessoas que vêm: "Opa tens isto, tens aquilo, tens aqueloutro. Fazes isto, fazes aquilo... Se fizeres de maneira diferente segues o teu caminho." E, portanto, as pessoas hoje ainda têm... E, por isso, eu estou a dizer que sou útil ainda a muita gente. #00:29:55-9# (B6)

Eu gosto de estar... Eu gosto de estar na sociedade... Gosto de.. Não gosto de viver sozinho. Gosto de viver com companhia, com pessoas... Estar com pessoas... [...] Ajudei muita gente. Mas quando eu estive à rasca e precisei para a casa... Também muita gente me emprestou dinheiro. E nunca levámos um tostão de juro. Também nunca nos levaram a nós. #00:55:42-3# (B6)

Continuo a trabalhar com o sindicato ainda hoje. Ainda vou ao norte, nomeadamente, a [vários locais de empresas] entregar propostas, contratos, isto e aquilo... Que evitam de ir os dirigentes de Lisboa... Mandam aqui para a [local] venho aqui buscar à [local] e daqui faço... Vou com o meu carro... Pagam-me o almoço, pagam-me os quilómetros, a despesa que eu faço e evitam de... O sindicato também foi um bocado da minha vida, ah... #01:16:54-8# (B6)

Eu candidatei-me à Junta de Freguesia e candidatei-me contra muita gente... #01:58:04-1# [...]]. E perdi por oito votos. [...] Perdi por oito votos... E bastava cinco pessoas mudarem o voto, não é? Mudarem o voto. Foi das piores juntas de freguesia... E, portanto, tenho feito um trabalho em [local] que está à vista de toda a gente... Você viu aquele Adro daquela Igreja quando lá foi... Fui eu que mandei fazer aquilo e que desenvolvi. E que envolvi ali quatrocentos e tal mil euros. Hoje devo vinte e cinco mil. Com... Mas tenho lá aquele bar... Que lá estou e outros para aquilo funcionar. (B6)

Eu sou envolvido com a União das Misericórdias, com a Igreja e com a Esquerda. A Esquerda sem partidos políticos. Com a Esquerda. Com os... #01:59:58-0# Com a Esquerda sem... Eu fui militante do Partido Socialista, hoje não sou. E eu, numa altura, em que a gente andávamos a construir uma Unidade de Cuidados Continuados... Eu era a Presidente da Assembleia Geral da Santa da Misericórdia de [local], porque não quis ser Provedor... Porque tinha muita coisa para fazer e, portanto, não dava tempo para isso... (B6)

Ah, não... Não vivo... Não vivo... Não! Vivo... Vivo satisfatoriamente (capital económico). #02:11:32-0# Nada, nada, nada. Foi toda paga. Quando recebi a indemnização da Central de Cervejas... Devia alguma coisa, paguei a casa toda. Portanto, não... Aquilo que... Aquilo que tenho é meu. #02:11:50-2# É assim tomaria muita gente ou a esmagadora maioria das pessoas viver como eu vivo. (B6)

### **Código 7: Experiência de desemprego**

#### **Extratos**

Quando saí da Triunfo não era meu propósito ir para o fundo de desemprego. Não era. O meu propósito era realmente montar o negócio com a minha esposa que era a tal de venda de comida ao peso... [...] E, entretanto, ganhei medo... E também é bom que nós tenhamos receio antes de darmos o primeiro passo, porque por vezes é tarde... Termos receio só, depois de dar o primeiro passo, por vezes é tarde, não é? E começámos a

pensar... Vamos os dois, vou eu, vais tu... Se corre mal, corre mal para os dois, não é? Então... Se calhar, eu como tenho direito ao desemprego... Já trabalho há tantos anos... "Olha eu vou-me inscrever no desemprego, para já. Depois logo se vê o que é que isto vai dar". E assim foi... [...] (A1)

No dia em que eu vou-me inscrever ao desemprego, agora não sei como é que é aquilo, pelo menos naquela altura era... Chegava lá dava o meu nome, levava a documentação toda que era necessária e dizia o que queria, não é? Então ficámos lá a aguardar na sala à espera que chamasse pelo nosso nome. E assim foi! Eu fiquei a aguardar... Enquanto estava ali a aguardar... Eu não sou pessoa de estar ali muito quieto... Andei ali pela sala a ver as informações que tinham lá afixadas... Ia passar lá numa zona e vi lá "Formação Profissional. Canalizações." Entre outros... Canalizações até é a minha área. E eu fiz logo ali contas assim rapidamente... Ora bem! Esta já é uma atividade que eu desenvolvo... Este é o curso de canalizações... Tudo se enquadra de maneira a que eu consiga, se calhar, inscrever-me aqui neste curso... Consigo receber o meu subsídio de desemprego sem que me chamem para mais lado nenhum... Junto o útil ao agradável... Quem sabe que possa aprender mais alguma coisa. Pensava eu... Pensava eu... #01:07:28-7# (A1)

Eu queria era receber o meu subsídio de desemprego. Isto estou eu a ser sincero! Era isso que eu queria! Não era para ir aprender mais alguma coisa! Claro que haverá sempre alguma coisa a aprender, não é? Mas assim foi. Inscrevi-me para receber o subsídio de desemprego e para fazer formação profissional nesta área que eu já conhecia. Bem aí então... #01:08:35-9# (A1)

Qual não é o meu espanto é que o formador sabia menos do que eu! Ah, pois! Não foi fácil! Não foi fácil fazer um curso ministrado por alguém que sabe menos do que eu. Mas eu também como queria receber o meu subsídio descansado... E era um bom subsídio que eu tinha, na altura... Tive acesso a um bom subsídio de desemprego... O que me levou logo a traçar mais um objetivo na minha vida que foi: "Então se este indivíduo está aqui a dar formação e não sabe nada! Eu acredito que eu consiga fazer muito mas muito melhor que ele!" Eu ali... Enquanto formando tracei logo um objetivo diferente. Eu ali estava como formando e já queria ser formador. E fui! (A1)

Eu digo que aproveitei para ir buscar o meu subsídio à vontade sem me chamarem... Aliás, ainda me chamaram! Estava eu em formação e ainda me chamaram

para ir trabalhar para um sítio qualquer! Já não me recordo. E eu fui lá: "Então vocês estão-me a chamar? Eu estou a fazer formação" "Epá, isto houve aqui um... Pedimos desculpa que isto não se volta..." Não! Nunca mais me chamaram! Está a ver? Se eu quando me fosse inscrever não me tivesse inscrito num curso eu não ia receber o meu subsídio todo. E eu fui mais esperto do que eles... Recebi o meu subsídio... Fiz a formação... Não me valeu de nada porque não aprendi nada... Mas... Deu-me a possibilidade de ver o que se estava a passar e de poder vir a ser formador e fui. E fiz o meu curso de formador conforme... Lhe disse, não é? E depois comecei a dar formação também. #01:53:55-0# (A1)

Eu em setembro faz trinta e quatro anos que tenho contribuições! Só lá fica aquilo que eu não puder. Porque eu... A minha ideia era trabalhar... Então... Negocieei com eles! Se eu tive hipóteses: "Olhe! Eu vou começar a trabalhar por conta própria... Ainda me falta este tempo para receber. Como é que é?" #01:11:55-8# (A1)

Tive duas questões... Ao nível das relações que eu tinha e das pessoas que conhecia. Quando a Estaco fechou... No dia em que ela fechou... Isto veio nos jornais, veio na televisão, veio... Duas pessoas telefonaram para mim a dizer: "Tu não ficas desempregado, tu estás à vontade e vem trabalhar comigo se quiseres!" Uma foi um cliente meu de Viseu que de imediato me ofereceu trabalho lá em Viseu, para trabalhar com ele. Outra foi uma figura cá de Coimbra, meu amigo, que andou uns tempos... E depois a gente quando chegar a isso a gente fala... No âmbito da militância sindical que é o António Ferreira... Sabe quem é o António Ferreira? É o [identificação do emprego], pronto. E ofereceu-me emprego para ir gerir o Bingo da Académica. Na altura, ofereceu-me esse emprego e disse-me. (A2)

Foram três meses... À volta disso (que estive a receber subsidio de desemprego). #01:11:50-3# (A2)

125.000€... Recebi 5.000€ aqui há uns dois anos e outros cento e tal mil (indenização)... Obviamente seria a minha boa reforma e não vou ter. A minha e a dos outros... Não é o meu caso único... Todos os trabalhadores da Estaco estão nas mesmas condições. #01:12:24-3# (A2)

De alguma apreensão em relação ao futuro. Mas eu sabia que de uma forma ou de outra havia de me virar... Também nunca estive... Porque a minha mulher trabalhava e no tempo até se tinha... Elas tinham um bom ordenado... Nunca estive com a corda ao

pescoço, digamos assim. Ah... Portanto, eu sabia que havia sempre alternativas. É tudo uma questão de tempo e de adaptação às circunstâncias... Eu nunca estive em desespero como alguns casais estiveram. Os dois trabalhavam na Estaco, por exemplo... Que acabavam os dois o desemprego... Nunca passei... Felizmente, nunca passei por isso. #01:13:36-5# (A2)

Sim andavam (os filhos estavam na escola na altura de desemprego). Pois... #01:13:45-2# (A2)

Sim! Aqui o Américo... O Alves... Foram as pessoas que desde o princípio acompanharam e deram o apoio (sindicato)... Tudo o que era preciso. Onde eles pudessem estar eles estavam! Nisso não tenho... Ainda hoje aqui estamos, não é? (A2)

Eu houve um tempo em que eu chegava ao fim do mês... Ah, foi na reforma. Porque eu depois tive que fazer a reforma e continuei a trabalhar. Porquê? Isto foi um descalabro tão grande... As vendas começaram a correr tão mal, tão mal, tão mal... Toda a gente... Ninguém pagava. Ainda hoje me devem dinheiro! Ainda hoje me devem! A [nome da empresa] que fechou deve-me muito dinheiro. O meu colega do Porto com quem eu trabalhei nos produtos espanhóis deve-me muito dinheiro. Algumas empresas onde eu vendi devem-me muito dinheiro. E algumas amigas... Até. Devem e não pagam porque isto são negócios entre... Ninguém paga a ninguém. Eu chegava ao fim do mês não tinha... Não tinha e voltava a estar dependente do dinheiro da minha mulher. E então meti reforma... Na reforma... Neste processo da minha reforma eu reformei-me com quarenta e quatro anos de descontos para a Providência... Não é de trabalho... De descontos... Reais. O dinheiro descontado... Não é de trabalho! Porque se fosse de trabalho ainda tinha mais três anos que não... Que me roubaram. Que me roubaram porque eu não podia fazer descontos... #01:15:33-0# (A2)

Porque não tinha rendimento nenhum. A formação havia quando havia não é? Porque a formação é uma coisa que às vezes aparece... Outras vezes não há... As pessoas estão muito dentro de um... De uma escola de formação e são permanentes ou então, que era o meu caso, estava sujeito às circunstâncias. E então para ter um rendimento ao fim do mês meti a reforma. Mas eu só me podia reformar aos 65 anos, não é? E nesta altura eu ainda não me podia reformar. E agora só aos 66... Com quarenta e quatro anos de desconto fui penalizado em 383€, mês. Foi quanto eu deixei de ganhar... 383€, mês. Correspondeu



a 29%, na altura, de penalização. E reformei-me... E depois a recibo verde continuei a trabalhar em formação, sempre. #01:16:55-8# (A2)

Só vê as pessoas a emigrarem. Tenho uma filha com vinte e... Vai fazer vinte e cinco anos que emigrou também. Deixou a engenharia na agrária em Coimbra e está em França, emigrou. Porque isso aconteceu... Isso aconteceu quase na altura que eu fiquei desempregado... Fiquei desempregado e depois é assim... Nós com filhos a estudar porque... Tinha o comércio mas era uma coisa que ainda não estava a render porque nos primeiros anos... E a gente sem dinheiro... É para investir, tentar ampliar e esgotei o meu desemprego e entrei no social, e eles cortaram-me o social... Por ter... Porque eles fazem contas ao bolo todo que a gente ali tiver... #00:29:05-0# [...] Acabou o desemprego e depois tínhamos direito a metade do tempo de desemprego no social... Foi-me cortado. #00:29:56-3# (A3)

Era os sogros! A minha mãe não me pode apoiar que ela está reformadinha e a pensão é pequena... #02:13:55-7# [...] A bem dizer era só os sogros... Isto mesmo nas famílias você não conte muitas ajudas... Que às vezes as pessoas da família são as piores que nós temos à nossa volta. Olhe que isto é verdade! Isto... (risos)... As pessoas da família por vezes são... E são as mais invejosas... #02:14:24-9# (A3)

O sindicato foi só na coisa de andar com os processos para a frente. #02:15:56-9# (A3)

O Centro de Emprego isso não arranjam nada a ninguém! #02:16:14-5# Sem o social... Isso eles não arranjam nada a ninguém! Esses só arranjam é ocupação às pessoas que... As pessoas quando estão no desemprego que há muitas pessoas que fazem isso... Tiram um diazito se puderem... A maior parte das pessoas tiram. Se estão inseridas na aldeia... Com o subsídio de desemprego não ficam a ganhar o ordenado que ganhavam... Para governarem a casa, às vezes, se conseguirem tirar um dia para as obras... Ou para as madeiras... As pessoas vão. Por isso, é que eles às vezes fazem estas coisas de certas formações que eles não vão para ali aprender nada. Eu tenho colegas que saíram do pé de mim e já tiraram três... Três formações. Sabe quantas propostas de trabalho? Zero! [...] (A3)

Cada vez pior! Porque depois deixam de ser... São novos para irem para a reforma... Para uma reforma antecipada, que eles têm dado cortes a isso tudo... Mas são velhos para o... Para o mercado de trabalho. Porque as pessoas a partir dos... Sei lá!

Quarenta... Quarenta e cinco anos para cima... Já não... Já não são todas as empresas que lhes dão trabalho. #02:18:18-2# (A3)

Porque depois quando estava na situação de desempregado não podia trabalhar, não é? Isto... Isto aumentou também... Por um lado até foi eles terem-me cortado aquilo... Porque a partir daí eu senti-me uma pessoa livre! Pude... #03:27:53-1# [...] Pude... Pude eu agarrar e ir à procura de mais clientes e alargar a distribuição... #03:28:01-8# (A3)

Dois anos e pouco (que estive a receber o subsídio de desemprego). Porque é assim tinha muitos anos de desconto que é outra lei que está mal... Neste país... [...]. #03:28:27-8#

Tinha muitos anos de desconto... Mas você até aos trinta, por exemplo, tem direito a um X de desemprego... Se tiver quarenta tem outro e se tiver mais de quarenta ou quarenta e cinco tem outro. Você até pode ter mais anos de trabalho e de desconto que a pessoa de quarenta e cinco ou de cinquenta. Mas tem direito a menos tempo de subsídio de desemprego. Eles classificam pela idade da... Da pessoa! E, portanto, eu fui um dos que tive direito a menos na altura... Tinha anos de desconto e de trabalho mas não tinha... Não tinha idade... (A3)

Eu não fiquei em casa. Fui trabalhar para as senhoras... Tinha as minhas duas filhas na Faculdade. Andei um ano nas limpezas... [...] E depois nessa idade... Também não há empregos aqui em Coimbra... Nessa idade era muito difícil a gente arranjar trabalho. Só nas limpezas. Agora já nem limpezas há... #00:05:56-3# [...] Quarenta e nove... Era nova para... Prontos... Mas era velha para arranjar emprego... Só nas limpezas. Ainda estive um ano na casa do Dr. Dias não sei se conhece... Mas depois a Senhora dele disse-me lá umas... Uma razão que eu não gostei de ouvir e vim-me embora. Nesse ano eu ganhei dinheiro... Mas pronto. (A4)

Da Triunfo recebi (indenização). Não ficou... Não ficou... #00:03:48-5# O meu marido também... (A4)

Agora estava para estar em casa... Mas as minhas filhas precisam de mim, olhe... Tenho que aguentar... Mas a gente tem muitas coisas para fazer lá [em casa]. #00:25:09-7# (A4)

Era eu e ele (marido) e ele e eu... #00:50:31-3# - apoios (A4)

Sim, só três meses... (tempo que estive no desemprego a receber subsídio). (A5)

Recebi para aí dois salários (indenização)! #01:07:28-7# (A6)

Sim. Pronto... Então o que é que acontece? Depois fiquei em casa... Fiquei desempregada... #01:09:40-8# Com fundo de desemprego. Entretanto, eu queria ter outro filho e pensei: "É agora!" Olha que rica altura! Estou desempregada... Até nem tenho nada para fazer... Pronto. Então lá convenci... Porque o meu marido... Eu sempre quis ter outro... O meu marido é que só queria uma. E eu andava a convencê-lo desde que a outra nasceu. Está a perceber? E naquela altura não é que consigo convencê-lo? E, entretanto... #01:10:13-5# (A6)

Não (se tinha na altura dificuldades económicas). Porque o meu marido ganhava bem... Pronto... Não, não... Então... Fiquei grávida... Naquela altura... Olhe, estava a receber subsídio de desemprego, estava grávida... #01:10:36-9# (A6)

Sim. Pronto... Há... E eu pensei: "Ok! Agora deixa correr até isto acalmar e a seguir vamos ver o que é que acontece." Olhe... Fiquei em casinha ali... E soube-me bem... Confesso que me soube bem... Porque eu gosto de estar em casa. Soube-se muito bem! Pronto... Depois a Beatriz nasceu... E quando a Beatriz tinha mais ou menos meio ano... Isto já no... Não é? Isto foi no início do ano, depois passou-se o ano, engravidei... A Beatriz nasceu no fim do ano, dezembro. Ali a meio do ano... Tinha a Beatriz meio ano... "Ah, o sindicato está a fazer não sei o quê! Uns cursos de costura..." #01:11:16-4# (A6)

Liguei para o sindicato para saber e eles confirmaram que me tinham ligado... Na véspera. Era isso... E eu... E eu disse que sim... Que estava interessada. [...] #01:13:18-8# Ora quando cheguei lá e ofereciam-me uma bolsa equivalente ao salário mínimo... E não sei quê... Eu pensei: "Então! Isto é a galinha dos ovos de ouro! Era o que eu estava à espera na minha vida, não é?" [...] Ainda por cima a Joaquina tinha trabalhado comigo na Penaconvex... E que eu vi que aquilo era... Pronto, que se ia aprender e tudo... Eu pensei: "Olha! Então mas isto é tudo quanto eu precisava!" Aí vou eu para a Coimbra para a formação! [...] #01:14:32-8# (A6)

E no curso que fiz tivemos moldes... Mas tivemos só 200 horas e eu achava que era preciso mais do triplo... Então... E as que estávamos lá, quase todas éramos costureiras vindas de fábricas falidas... Como eu... Das outras fábricas... [...] Todas achámos o mesmo... Porque nós sabíamos costurar... Queríamos era mais corte. Então todas nas observações: "Precisamos mais horas de modelagem..." Tatata e o sindicato propôs um curso só para modelagem... Especialização em modelagem... E foi aceite. E nós fomos todas chamadas... Pronto. #01:15:14-6# Foi logo a seguir... Foi logo... Foi de seguida...

Tivemos em casa um mês ou dois... Quando acabou aquele o sindicato já tinha quase luz verde para avançar com o outro... #01:15:26-7# (A6)

Pronto... Naquele tempo que eu estive em casa... Quando estava grávida da Beatriz... #01:15:40-5# Eu gostei sempre muito de aprender... E deixei a escola mas fui fazendo as formações todas que eu pude... #01:15:50-8# Fiz algumas... Aquelas formações que às vezes eram oferecidas nas Juntas de Freguesia... Que eram oferecidas... Mesmo por aqui... Cheguei a vir aqui fazer uma... Gestão financeira de pequenas e médias empresas, aqui, à noite... E aí... Porque eu queria abrir uma... Eu quando fiquei em casa pensei... #01:16:13-2# (A6)

O objetivo do sindicato era esse... Era incentivar as pessoas à criação do próprio emprego. Então o meu já estava criado... Não é? A formação que o sindicato me deu eu agradeço... Eu fiquei eternamente grata, acho. Porque o curso foi muito... Eu acho que é de louvar o que o sindicato fez... Porque, às vezes, nem sempre as coisas resultam. E o curso é muito bem pensado... Eu hoje sei! Foi muito bem pensado! Foi muito bem estruturado! Foi muito bem dado! Os formadores foram muito bem escolhidos. Não foi uma formação à toa, pronto. E até para nós que já sabíamos de costura, não é? Nós apercebemo-nos sempre que aquilo estava feito a sério... Não era bluff. Não era uma formação para ganhar dinheiro... Porque, às vezes, as instituições... Nós sabemos que vão... Foi muita formação dada como sustento da própria instituição que a dava, mas não com a ideia do lado de lá, não é? Do resultado também ser bom para o lado de lá... (A6)

Entretanto, estas obras atrasaram imenso tempo (da loja onde tem o negócio)... Isto demorou... Desde que eu comprei até abrir demorou cinco anos. Mas foi bom! Porque... Quer dizer, eu tinha muita ansiedade! Nunca mais está bom! Nunca mais entregam! Mas, por outro lado, fiz a formação toda do sindicato que foram dois anos e tal... Depois, ah... Depois fui para casa... Depois engraçado... Chamavam-me tanta vez! Chamaram-me tanta para trabalhar que não queira saber! #01:22:38-0# (A6)

Chamaram-me tanta vez! Mesmo depois de acabar o subsídio de desemprego! Ai chamavam-me tanta vez! Olhe, eu lembro-me que volta e meia eu ia ao Centro de Emprego, o senhor quando me via dizia: "Pronto. Já sei... Você está à espera da sua loja... Vá-se embora!" Porque eu estava... Eu não queria trabalhar... Estava à espera que o empregador me entregasse a loja. #01:23:08-3# (A6)

Ele e a mulher... Mas sem saberem muito bem o que é que estavam a fazer... E alugaram o espaço do meu tio. Ora... Uma coisa é não saber o que se está a fazer para nós, ou até para o vizinho, mas para fazer para vender para o mercado... Porque eles começaram a fazer mesmo t-shirts e calças de fato de treino e embalavam... Era tipo uma micro-fábrica, pronto. E então eles... Alugaram o espaço ao tio do Miguel mas disseram... E o meu tio disse: "Tenho uma sobrinha que é costureira que esteve aqui." E ele falou comigo e eu fui lá... E, entretanto, eu já percebia de moldes... E eu disse: "Está bem! Só que é assim... Eu não vou... Vamos combinar assim, eu fico aqui, eu fico a trabalhar aqui..." #01:24:55-7# [...] Mas eu quando entrei para lá eu disse-lhe logo: "Olha eu só vou estar aqui até a minha loja estar pronta. Porque depois eu vou para a minha loja." Daí que eu nem nunca estive na caixa, nem nada... Mas aquilo foi até de comum acordo. Ele também não queria, porque ele também não sabia muito bem o que é que aquilo ia dar. (A6)

Eu fiz outra formação... Porque depois no fim de fazer as formações todas no sindicato... O sindicato disse-nos, informou-nos, que haviam apoios à criação do próprio emprego no Centro de Emprego. #01:26:53-5# [...] Então lá fomos nós para o Centro de Emprego... E o Centro de Emprego dava formações, naquela altura, dava formações para as pessoas elaborarem o próprio projeto. Bom... Vamos nisto! Lá vamos nós! Ora mais um mês e meio para a Pedrulha de formação. Foi muito bom... Porquê? Porque eu naquela formação aprendi tudo de como é que se abre uma empresa. O que eu aprendi... O que eu aprendi ficou sempre comigo, isso nunca é perdido... Pronto. Então nessa altura como eu sabia... Como eu sabia... Queria, não é? Estava tudo aqui... Depois nessa formação... #01:29:41-5# [...] Fiz o projeto... Eu fiz o projeto mesmo... #01:29:54-8# (A6)

Às vezes as pessoas explicam-me e eu desenho... Outras vezes trazem uma revista: "Quero isto!" Pronto. Eu só faço isso porque me deram formação, percebe? Pronto... Agora repare... Se me tivessem dado uma formação... Ok... Eu fiz muitas formações como eu lhe disse... Desisti de uma porque eu ia aqui no fim do trabalho para a formação e chegava lá... Fui um dia... E fui outro dia... E ao terceiro... Eu ao terceiro dia já não devia ir mas ainda fui... Quer dizer, para estar ali a passar tempo, não! Chau, Laura! Que eu vou para casa que tenho muito mais prazer em fazer isso. Ah, porque é que eu desisti? Eu tenho muita pena mas eu tive que escrever... Desisti porque senti que não estava a aprender nada e o que estava na oferta curricular não coincidia nada com... Com o que estava... Acho que o incentivo... #03:12:34-0# (A6)

Lá está... Por isso é que é importante a formação. Porque a pessoa pode dizer assim: "Olha aquilo está a dar!" Vai ter com o economista... Eu se fosse o economista até lhe fazia o projeto, não é? No fundo é o sustento dele, pronto. E aquilo vai para ali... E é aprovado e a parte do economista está feita... E o fulano fica todo contente porque aquilo foi aprovado e vai receber o dinheiro... Mas e depois? Percebe? Acho que nunca devia ser assim. Olhe, é preferível como eu. Que me deram formação e não me deram dinheiro. E ainda fiquei a ganhar... Entende o que eu quero dizer? Se me tivessem dito assim: "Olha! Damos-te já o dinheiro! Toma lá... Leva-lo já... E, pronto, quando quiseres abre e não sei quê!" E eu ficava com o dinheiro... Até podia não o gastar e guardá-lo para isto... Mas se eu depois não soubesse bem... Imagine... Se eu não soubesse bem quantas máquinas precisava... #03:15:18-9# (A6)

Tem vindo a piorar tudo. E há pessoas que se estão a reformar hoje com muito menos dinheiro... Andaram lá anos para nada. É o que se diz... Enquanto, normalmente, uma pessoa que trabalha mais anos devia capitalizar mais quando saísse... É inverso. Isto é mudar as leis ao intervalo. Ao intervalo do jogo. Coisa que não é legítima, nem é justo, nem é sério... Não é nada! (B1)

A Estaco... Isso ninguém foi indemnizado. Eu tenho 28.000€ para receber, chau! #00:40:10-4# (B1)

Três anos (no desemprego). #01:48:40-0# E depois como tinha já trinta anos daquilo e tinha mais seis anos de tropa e essas coisas todas... E as leis estavam um pouco favoráveis. Estavam favoráveis nesse aspeto só fui penalizado uns 4%. #01:48:57-7# E reformei-me... #01:48:58-1# (B1)

Naquela altura nem por isso... Porque também não descontava... Tinha algumas coisas... Tinha o médico de família de borla... Tinha essas coisas. Não senti assim... Na altura não senti. Hoje não sei como é... As coisas mudaram certamente. Mas, na altura, na altura não... Vim aqui às entrevistas... Fizemos aqui... Pronto, cumpria... #01:51:19-5# (B1)

Nós recebemos a indemnização... Recebemos a indemnização legal... Na altura, para nós, não foi assim muito complicado... Não é pela questão de receber a indemnização... É que nós já tínhamos... Não tínhamos grandes dívidas nesta altura. Eu já tinha conseguido pagar a casa e também não tinha mais dívida nenhuma significativa.

E então... Mas havia colegas mais novos que tiveram outras dificuldades... Estavam noutra fase da vida. (B2)

Eu saí com a quarta classe e 47 anos... E aí é que eu... Naquela fase toda, não é? Nunca pensei nisso... Até pensando que o emprego era estável... Tinha 29 anos de casa... Tinha 29 anos... Ia fazer 30 nesse ano. A minha mulher já tinha para aí uns... 34, 35 anos de empresa... Entrou com 14... Ainda nem tinha feito os 14. Embora, fosse a data limite pediram ali uma autorização qualquer para entrar ainda com 13 que eram só uns meses... E aí, sim, é que pensámos... Lá fomos inscrever-nos no desemprego... Fomos inscrever-nos no desemprego... E o desemprego começou, como é natural, naquela altura, a apresentar propostas de formação. E aí é que tivemos de pensar a sério em fazer formação. Porque... Eu tinha 47 anos, ela tinha 45... E eu comecei... Eu antes que o desemprego apresenta-se uma proposta concreta de formação fui fazer no recorrente o 6.º ano. Tinha a quarta classe... Fui fazer o 6.º ano... Tive que ir à Lousã... Estava em Miranda mas tive que fazer na Lousã... Não havia naquela época, ali, à noite... À noite o recorrente... Também não havia de dia, não é? E a minha mulher foi-lhe proposto... Começaram... O desemprego começou a propor aquelas ações de formação e ela foi para a área da infância... De assistência à infância e terceira idade... #01:34:05-4# ...Ela também não tinha completado o 6.º ano... Ela se andasse até... Faltava-lhe uma cadeira só para o 6.º ano, porque andou a estudar à noite, enquanto era trabalhadora da Triunfo aqui na [nome da escola]. [...] #01:35:57-3# (B2)

Não, não, não. Não tinha (responsabilidades familiares na altura do desemprego)... Não tinha. Depois ele (filho) foi conseguindo empregos... Foi conseguindo empregar-se... E continuar a estudar porque não completou... Não concluiu o curso superior. Mas foi sempre trabalhando, também. Foi sempre trabalhando e, portanto, não tinha... Não tinha de facto grandes encargos e como disse não tinha... Não tinha... Não tinha... E não tinha dívidas. #01:32:00-4# (B2)

Quando completou aquela formação, a minha esposa, foi tirar uma... Mandaram-na para um estágio na ARCIL. Para a ARCIL na Lousã... Para ir cuidar de deficientes... Foi para a parte dos deficientes. Ela até gostou daquela... Pronto, adaptou-se muito bem aquilo mas não dava empregabilidade, não é? Quer isto dizer que neste período, quer eu, quer ela, estávamos cobertos pelo subsídio de desemprego. Estávamos a receber subsídio de desemprego... Ia-se aproximando do fim... E aí é que começava a haver uma grande...

Aí uma grande ansiedade... Porque eu dizia assim: "Epá mas para onde é que eu vou trabalhar?" E ela própria também... Porque não havia empregos, nessa altura, aqui em Coimbra. Não se via aí nada... Nós tínhamos a formação que tínhamos... Eu com aquela idade... Os novos estavam já com alguma dificuldade... Como é natural... Tem vindo sempre a ser assim... "Epá mas vou para onde? Vou para onde?" Sei lá... Tentar aqui, tentar acolá... Na altura, ainda era dirigente sindical no sindicato mas não me dava ordenado... (B2)

Na altura, ainda existia o subsídio social de desemprego mas depois acabava. Portanto, a minha mulher entretanto nem acabou o desemprego... Porque naquela área onde formou e tirou o estágio apareceu-lhe um lugar... Apareceu-lhe um lugar para... Para a casa do gaiato... A instituição que é a casa do gaiato e que precisava de uma auxiliar para o trabalho lá que ele... Pronto, com crianças. Ainda hoje lá está... (B2)

E eu andei aí... Tirei o 6.º ano e depois tirei vários cursos... Eu podia trazer isso... Acho que ultrapassou a dezena... Formação na área da informática, da... Foi tudo o que aparecia na área dos cursos... Também se davam aí na área sindical... #01:39:40-9# [...] Na União. Na União dos Sindicatos de Coimbra na... Esses pequenos cursos de introdução... Era infoexcluído, não é? A começar a saber lidar com os computadores, a escrever, etc. E depois outros noutra área de relações de... De relações humanas... De atendimento ao público, pronto. Tudo isso... Entretanto, tiro... Há um que através do Centro de Emprego era por módulos... Que era por módulos... Que já dá... Pronto, foi quatro meses que me suspendeu o desemprego... E já era o dia todo, mais exigente, e que me dava já umas certas competências para depois... A seguir valeu... Valeu... Não porque me consegui empregar por ali mas por aquilo que... Pronto, pela mais-valia que me deu nas diversas áreas. #01:40:56-3# (B2)

Depois no programa das Novas Oportunidades adquiri o 9.º ano. Foi-me sempre dito: "Mas agora... O próximo passo que podias dar era tirar o 12.º" Eu aí tive um bocado de receio... Já implicava conhecimento de uma língua estrangeira... Eu não tinha tido base nenhuma nessa... Nisso... Até ali... E eu fui adiando aquilo. Fui adiando... Fui assim adiando e procurando... Porque, entretanto, também... Já estava no subsídio social de desemprego... Eu tive três anos e alguns meses de desemprego... Devido à idade... [...] Pronto, neste caso, no meu caso, à base da formação que eu resolvi e que tive necessidade... Necessidade de adquirir... Com 47 anos não tinha... Tinha a quarta classe e



a formação, neste caso, deu... Deu... Deu... Deu, pronto... Azo a que... A que pudesse de facto empregar-me. Empregar-me... E consegui o 12.º ano nas Novas Oportunidades... Já concluí isso... O estágio... Já aqui no emprego (atual). (B2)

Mas foi também derivado ao meio em que estava e que de facto tinha as competências para desempenhar. Juntou-se o útil ao agradável. Foi bom. Senti-me realizado de facto (risos). Tive ali alguns tempos de angústia... (B2)

Por um lado, nunca tive um desconforto financeiro. Esse não... Porque estava coberto pelo subsídio de desemprego. Na altura, até eram condições melhores que as que temos atualmente... E as pessoas se deparam atualmente... Depois não era uma pessoa desocupada porque como tinha todas as minhas terras e tudo... Eu ia estando e ia... Ia fazendo o meu trabalho lá por... Estava sempre ocupado... Não era aquela pessoa que tivesse ficado com angústia e tivesse ficado desocupado. Agora eu sabia que aquilo não era o meu futuro. Não dava para... #01:58:33-4# Não ter um trabalho... Não me sentia bem no desemprego... Não me sentia realizado, não. Eu disse: "Epá se pudesse sair desta situação, saía." Mas depois tinha duas vertentes... Não me sentia realizado mas sentia-me ocupado... Porque estava com as minhas coisas em casa e estava com o sindicato. O sindicato continuava-me a exigir que eu desempenhasse... Mesmo da alimentação de onde eu não recebia nada... Não recebia... Recebia as deslocações que fazia, os transportes... E os dias que ia trabalhar para o sindicato pagavam-me o almoço, não é? Pronto... (B2)

Estive três anos e tal (no desemprego)... Depois meti o social. (B3)

Então foi em 2007. Saí no dia 27 de setembro de 2007. Tenho 54... Tinha quarenta e qualquer coisa (quando ficou desempregado)... #00:14:49-5# (B3)

Estou à espera dela (indenização). Indeminização não pagou nada... Pagou... Pagou-nos as duas empresas. O dinheiro das empresas está no banco... Está a render... Porque agora o tribunal tem de decidir quanto é que calha a cada um... #00:21:18-7# (B3)

Eu para o casamento pelo menos da do meio... Tive de pedir dinheiro, não é (altura em que estava desempregado)? #00:29:54-7# [...] Foi um tio meu (que lhe emprestou dinheiro)... #00:29:57-1# Tinha feito um há pouquinho tempo por causa da mais velha (empréstimo bancário)... Pronto, o dinheiro não caia do céu! Tive que pedir (ao tio). Mas também paguei, não... #00:30:08-6# Tudo. Não, não, não... Nunca houve problemas nenhuns! Não, não... Nunca houve problemas nenhuns... E era um tio

espetacular... Já partiu o ano passado lá para o outro mundo mas era uma pessoa espetacular... Isso aí tudo o que fosse preciso estava... #00:30:34-1# (B3)

Não (de fez alguma formação durante o desemprego). Chamaram-me lá várias vezes mas pronto... Fui lá uma vez que era para... Acho que tínhamos de ir para a Figueira... Assim qualquer coisa... "Então como é que eu vou para a Figueira? Estou desempregado vou para a Figueira como?" Outra vez fui também a Taveiro lá a uma empresa de Mármore... Até lá estava um senhor que trabalhou aqui, com a gente. Mas para ir para lá também não havia alternativa... #00:33:25-0# (B3)

Era bom... Era bom (estado de espírito durante o desemprego)... #00:43:16-4# Eu recebia... Eu recebia tal e qual... Eu recebia quase tanto como quando estava a trabalhar... #00:43:21-3# (B3)

Claro. Pois... Não havia mais nada tinha que aproveitar... Depois quando fui para a Junta, aquele POC, ainda me davam mais cento e tal euros todos os meses... #00:43:34-8# Para além do subsídio... Pagavam-me a alimentação. Era mais vinte por cento... Que eles pagavam. E a Junta pagava a alimentação... #00:43:44-9# [...] Estive um ano no POC e depois saí... Estive para aí perto de um ano fora... Depois voltaram-me a chamar, como eu já tinha lá andado... Precisavam lá de um homem, chamaram-me e eu aceitei... E fui para lá. Fui... Na altura, eu já tinha... Portanto, em 2007, estamos em 2015... São oito anos, não é? 2007 Para cá são oito anos... Pronto... (B3)

E depois, na altura, já se sabe... A gente estava habituado a um ordenado... De um momento para o outro fica sem trabalho... E depois a mulher também teve uma altura que também não tinha. Não era fácil... É porque também nunca... Nunca sou daquelas pessoas que entra em stress... Ou isto, ou aquilo! Tentei levar a minha vida... Arranjei trabalho aí na agricultura... #00:45:47-8# (B3)

Entretanto, depois fui para o desemprego... Tinha 58, 59 anos... E estive no desemprego... Ao fim dos 3 pedi a reforma e reformei-me. Já com 63. #00:08:13-6# (B4)

Depois frequentei um curso... Depois de estar no desemprego, na CNO de culinária. Na altura, eu até queria informática mas não havia... E nunca aprendi. #00:10:01-4# [...] Porque o Centro de Emprego obrigava... Obrigava... Era. #00:32:06-0# Porque até nem era aquele que eu queria... Eu queria informática. Não havia... Não havia... E eu tive que optar por aquele. Que era o que estava mais disponível. Mas contrariada que eu nem... Mas pronto, mas lá fui. #00:32:21-3# [...] Quando estava desempregada...

Depois fiz as aulas todas teóricas... As práticas não as fiz porque eu tenho um problema de asma e... E depois também fui operada às varizes e, depois, não fiz as práticas. Mas, entretanto, deram-me o certificado com o nono ano... Porque eu ainda frequentei aulas, sem ser mesmo nos hotéis onde elas iam fazer, eu fazia-as ali... Porque tinha ali uma cozinha onde faziam também doces... Não sei quê... Depois deram-me o certificado com o nono ano, pronto. Não me valeu para nada, mas pronto... Fiquei com mais uma coisita, pronto. #00:10:33-7# (B4)

Recebi depois a indemnização quando elas receberam... Quando fechou a empresa... A indemnização depois... Também recebi... Mais tarde também recebi. Porque fiz... Fiz reclamação... #00:31:27-0# Eram 8.000 e ficaram lá 3.000. #00:31:34-8# Eu, na altura, estava no desemprego mas reclamei o crédito lá com elas... Fizemos a reclamação de crédito, portanto, fiquei também no role da indemnização. #00:31:49-5# (B4)

Desempregada estive desde 2009... Do final de 2009 até... Porque a empresa fechou em 2010. 2009 até 2011. Foi quando me reformei... #00:32:38-6# Tinha 44 anos de desconto e tinha 63 anos de idade (quando se reformou). #00:32:52-3# (B4)

E eu ia a muito lado... Mas eles... Eles chegaram a uma altura que também não queriam por carimbos... Uma vez na Rua do Brasil fui lá... Estava lá um coiso na montra a dizer que precisavam de uma empregada para a copa. E eu fui lá... E eles: "Ah! Já estamos servidos... A senhora já não tem idade para não sei quê..." Pronto. E eu disse-lhe: "Então olhe... Ponha-me aqui..." "Oh minha senhora! Eu? Carimbos? Eu tenho que arranjar uma pessoa para ter aí à porta a pôr carimbos!" Tratou-me mal o homem até dizer chega. Depois estas coisas no Centro de Emprego... A gente conta isto e não... Não ligam muito, está a perceber... E uma vez até me chateei aqui em baixo... Estava lá a sala cheia de gente... E eu entrei lá quando chamaram a minha vez... E a moça disse-me: "A senhora não tem carimbos?" "Olhe não tenho. Eu não sei onde é que eu hei-de ir mais..." "Vocês acomodam-se! Começou assim a tratar... "Acomodam-se!" Já tinha na altura cinquenta... 58. 59 anos, talvez. "Acomodam-se!" Já tinha feito o curso de culinária, tinha sido operada às varizes e não sei quê... "Acomodam-se! E não procuram!" E eu disse assim: "Oh menina olhe... Se houvesse tanto emprego como a menina está a pensar que há, não estava aquela sala cheia de gente ali fora." Ela pôs-me fora da... Pôs-me fora... Pôs-me lá fora... Que eu tinha sido mal-educada e não sei quê. Pronto... Aquilo passou e eu não liguei... Mas, entretanto, aos sessenta e... Aos sessenta e... Pois, ainda andei ali uns dois ou três anos,

ali, assim... No desemprego. Aos 63 foi quando meti os papéis para a reforma. #00:45:23-4# (B4)

Eu até tinha um caderno onde escrevia o dia, para quem telefonava e tudo... Para eles confirmarem... Se quisessem ver. Mas eles queriam... Na altura... Queriam não sei quantos carimbos por semana, por mês... Ou o que era. Já não me lembro... Mas eu não conseguia... E depois andar à procura a bater a porta em porta... A deslocar-me para ir procurar... Há coisas que... Às vezes sentia-me assim: "Mas que culpa tenho eu de ter ficado desempregada? Não fui eu fechei a empresa! Eu queria trabalhar até à idade da reforma... Não me deixaram!" Parece que ainda somos castigados por ficámos no desemprego, percebe? Eu sentia-me muito culpada sem ter culpa nenhuma. Pronto... Sentia-me muito culpada sem ter culpa nenhuma. #00:46:59-3# (B4)

O sentimento que eu tinha sabe o que era? Era a pressa de me reformar para me sobrar alguma coisa... Porque eu sabia que passando aquele tempo ia ficar sem nada. Não é? #00:47:47-2# Vivia sempre aflita com medo do amanhã... #00:47:51-5#

De não ter rendimentos... Que não tinha... Eu não tinha nada, não é? Eu pensava assim... Bem a reforma... Até pensei que sempre ficava com mais... Ou que ficasse com igual... Pronto, fiquei com menos 40€ na reforma em relação ao ordenado que tinha. Que eram quatrocentos e... Na altura, eram 400€ ou o que era... E fiquei com... 420. E fiquei com trezentos... 379 e qualquer coisa, pronto. Mas, por outro lado, quando me reformei já descansei mais porque sei que tenho aquele certinho... É pouco mas é certo, não é? E quando a gente não tem... Anda ali a mirabolar sem saber o dia de amanhã... A pedir... A pedir... Eu sentia-me a pedir esmola. Eu sentia-me a pedir, mesmo! Era, era... #00:48:42-9# (B4)

Mas... Quando eu saí de lá fiquei triste... Fiquei. Fiquei! Fiquei... Embora, muitas vezes, no Centro de Emprego pensem que as pessoas não querem trabalhar... Mas eu custou-me muito! Aquele ano! Foi muito... Fui-me abaixo mesmo! Fui-me abaixo... Depois comecei a pensar: "Isto não é vida. Eu tenho que..." Fui logo para o curso. Fui quando eu fui aqui... E ela disse-me para tirar um curso e eu aceitei, pronto. Não era aquilo que eu queria mas foi para passar... Em casa não... Ainda hoje! (B4)

Cinquenta e tal... Cinquenta e tal (quando ficou desempregado)... Eu é como se diz agora na gíria... Velho na idade... Velho para ter emprego... E velho também para o desemprego... #01:43:07-4# (B5)

Para me reformar, naquela altura. E eu, pronto, tive três anos e não sei quantos meses (no desemprego)... #01:43:18-4# Ainda cheguei a ir para o social... Fiz os três anos e tal do desemprego... Fiz os três anos e tal do desemprego... Ganhávamos bem... Também... Ganhávamos bem, também. E depois quando entrámos no social, que foi mais ano e meio, aí é que tivemos uma quebra aí de 30 ou quase 40%. Acho que só recebíamos 60%. #01:43:42-6# (B5)

Chamavam de vez em quando para reuniões... Para trabalho nada... #01:43:50-2# Ainda cheguei a fazer uma formação de Higiene e Segurança no Trabalho. Tenho lá o diploma... #01:43:56-9# (B5)

Olhe o meu estado de espírito... Trabalho... Não havia. #01:46:16-8# (B5)

Como, entretanto, havia a lei de que a gente podia-se reformar aos 55 anos se fosse desempregado de longa duração... Eu continuei a colaborar com a empresa... Continuei no Sindicato... Isto aos 52 anos e aos 55 anos... Reforma. Pronto. Já estou reformado há... Vai fazer 10 anos, agora. Portanto, aproveitei também a... Aproveitei a... E, na altura, hoje já é difícil a gente reformar-se com essa idade. E fiquei com uma boa reforma, também. #01:05:09-1# (B6)

Estive três anos desempregado. #02:18:29-4# Tinha de estar. Para ser considerado desempregado de longa duração... #02:18:31-4# Eu recebi subsídio... Epá, mas era assim... Mas eu recebia o máximo do subsídio... Que era mil e tal euros... Que não se podia receber mais... Era o máximo que era permitido, não é? [...] #02:19:18-5# (B6)

Eram os cinco melhores... Pronto. Mas eu utilizava a lei. E sabia a lei. Conhecia a lei como... Como... Como poucos, não é? E, portanto, era... Não precisei de... Fui uma vez chamado ali à escola profissional de [local] e eu disse: "Oh! Olha lá! Mas olhe que eu pertenço ao Sindicato e... E mais a mais eu não sei fazer nada disso que tu estás aí a pedir! Para andar aí a fazer limpezas chamas os bombeiros ou uma coisa assim do género." "Ah, pronto! Assina aqui como tiveste que vir e tal... E vai-te embora."

Fui chamado uma vez só. E ia ao Centro de Emprego na mesma fazer... Epá, então, se você me arranjar emprego e ganhar tanto como eu estava a ganhar. "Éh, pois! Esse ordenado e tal... Epá, quatrocentos e tal..." "Então eu ganhava uma pipa de massa e agora... Não! Se me derem aquilo que eu..." Não se podia... Não se podia... Era emprego equivalente. #02:20:42-1# (B6)

**Código 8: Autoemprego (Grupo A)**

## Extratos

Eu trabalho muito para conseguir ter alguma coisa e, neste momento, tenho de fazer tudo sozinho. Eventualmente, na minha atividade o que ela (esposa) me poderia ajudar era na publicidade... Eu não posso estar à espera que os trabalhos me venham ter a casa. Eu tenho que me publicitar... (A1)

Alguns clientes que advêm de outros. Os clientes passaram... E eu, felizmente, posso-lhe dizer que só se tive desconhecimento... Não tenho clientes insatisfeitos. Não tenho. (A1)

Mas isto é uma área muito complicada porque anda aí muito biscateiro no mercado. Biscateiros fazem... Pronto. Dão um... Fazem uns apertos numas torneiras, metem um metro de tubo, e quê... Mas é assim... Depois há outros que distribuem publicidade em que fazem tudo. A minha publicidade só diz respeito a esta atividade profissional. Mais nada! E já é muito! E já é muito, não é? #00:54:05-9# (A1)

Eu acho... Não estou a dizer que não conseguiria mas olhe que... Acho que iria ter alguma dificuldade em trabalhar por conta de outrem, outra vez. #00:55:04-0# E para eu ser liderado tenho que ser bem liderado... Não... Não é... E ser liderado por alguém que eu considero que é inferior a mim... Eu não consigo. Tenho muita dificuldade em aceitar. Posso até adaptar-me mas iria ser por pouco tempo. Porque iria haver colisão, pronto, é a minha maneira de ser... E forma de estar.. (A1)

Assim que eu terminei o curso (no IEFEP) comecei logo a trabalhar por minha conta. Foi logo. #01:11:19-7# [...] Comecei logo a trabalhar. Ah! Mas recebi o que me faltava receber... #01:11:27-0# (A1)

Os exemplos que tinha eram o contrário daquilo que eu sou... O contrário. Isso não é dizer mal... Isso não é dizer mal dos meus irmãos e dou-me bem com todos eles mas... São o oposto de mim! O oposto no sentido em que... São limitados! [...] Eu vou à luta! Eu vou à guerra! Eu vou! Eu se quero muito uma coisa nem que seja, só passados dez anos ou quinze mas eu consigo-a! Aliás, pelo que tem estado aqui a ouvir já se apercebeu... Eu consigo. Eu consigo. #01:32:05-0# Não sei se será autoconfiança. Eu acho que... Não sei se será autoconfiança... Eu acho que é mais um traçar de objetivos. Eu estou sempre a falar em objetivos... São objetivos que uma pessoa traça. E se nós deixamos de ter objetivos a vida não... Não faz qualquer sentido. Nem que seja um simples objetivo de ir comprar uns óculos novos ou uns sapatos. É um objetivo. Há pessoas que não têm

objetivos mínimos que sejam... E uma vida sem objetivos uma pessoa perde... Não faz sentido. #01:32:35-2# (A1)

Houve o clique de termos objetivos na vida. E a partir do momento em que comecei a criar objetivos... A querer alcançá-los... A minha vida mudou. Agora não estou com isto a dizer que é fácil... Nós a partir do momento em que traçamos um objetivo há um percurso, por vezes mais fácil, mas por vezes muito sinuoso. Até o conseguirmos alcançar, não é? E tenho tido objetivos que são difíceis de alcançar. Mas alcanço-os! Até ver os objetivos a que me propus, até agora, tenho-os alcançado todos. #01:33:39-5# (A1)

Porque isto está mau! Isto rebentou tudo não é? Eu até 2012 ainda trazia aí dois mocitos que trabalhavam comigo. A partir de 2013 estou sozinho... Tenho de fazer tudo sozinho! Não há hipótese! Isto rebentou mesmo tudo... [...] Eu não os considero empregados... Considero-os colaboradores e ainda bem... Porque se não então é que tinha de fechar mesmo de vez, não é... Se fosse preciso trabalhar comigo durante duas semanas eram duas semanas... Se era um mês era um mês... Se eram dois meses era... E eu o único vínculo que tinha com eles era pagar-lhes as horas e mais nada... O resto é com eles! Não... Mas desde 2013 sozinho. Sozinho. #02:27:51-3# (A1)

Acima de tudo gosto de estar com a minha família. Gosto de estar com a minha família e quando se pode dar um passeiozinho, dá-se um passeiozinho. #01:34:34-2# (A1)

Mas está muito, muito, muito mau o mercado! Muito mau! Eu costumo dizer para mim vai dando para as sopas... Há meses melhores, há meses piores, mas não é fácil! As coisas não estão nada fáceis. #01:41:18-0# É o salve-se quem puder! E depois é assim... É o tipo de trabalhos que se fazem, salvo uma ou outra exceção, para longo prazo. Eu quando vou fazer uma canalização a uma casa é um trabalho de longo prazo. Faço um trabalho a um cliente uma vez. Claro que isto não é vitalício... Uma instalação destas... Mas dura muitos anos. Dificilmente eu irei fazer um novo trabalho... (A1)

E depois o que é que acontece? Acontece a famosa concorrência em que há aqueles descem tudo até quase... Sem ganhar nada! E há aqueles que não descem, como é o meu caso... Quer dizer, tenho que me movimentar no mercado de acordo com o que o mercado está a trabalhar... Mas... Este menino que aqui está... Eu costumo dizer: "Trabalho para ganhar dinheiro!" No dia em que me disserem assim: "Oh Abel! Tu tens de trabalhar para deixares de ganhar dinheiro!" Eu não trabalho. Porque eu trabalho para ganhar dinheiro... O meu *know-how* tem que estar à disposição das pessoas mas para ganhar

dinheiro... [...] Há pessoas aí a trocar dinheiro por dinheiro! Há aí empresas que praticamente trocam dinheiro por dinheiro, porque fazem os trabalhos sem ter lucro. Só para pagar aos empregados mais nada! Eu não posso fazer isso! Eu tenho que trabalhar para pôr a sopa na mesa. Portanto, eu tenho de ter lucro... Está a ver? (A1)

O meu currículo é pesado. É pesado mesmo! O meu currículo é muito pesado... E tem preço (risos)! Ah, isso! Eu costumo dizer que o meu preço ninguém o faz, sou eu. Eu é que faço o meu preço. Enquanto eu o puder fazer ninguém o faz por mim. Claro que não serão todos que o podem dizer... Mas eu... O meu sou eu que o faço. Portanto, é muito difícil o mercado da maneira como está conseguir aguentar estas pancadas. Muito difícil. #01:45:26-6# (A1)

Mais nada... É que não tenho ninguém que me ajude (para além da esposa). Ainda há aqueles que têm o papá, têm a mamã... Zero. Por isso, me sinto orgulhoso daquilo que consigo fazer mais a minha mulher. Muito orgulhoso... É pouco! Mas epá sou eu que faço mais a minha mulher! Há pessoas que têm isto... Têm aquilo... Mas... Vamos ver... Vamos desfolhar o livro de datas... Ah, pois! Foi o papá, foi a mamã, foi o tio... Assim? É como eu costumo dizer: "Com as calças do meu pai também eu era um senhor!" mas eu visto as minhas. (A1)

Ganhar dinheiro! Ganhar dinheiro (motivações para criar o próprio emprego)! Eu trabalho para ganhar dinheiro. #01:52:21-3# Sim ganhar dinheiro e... Sem ter ninguém por cima de mim. Só os clientes que me pagam e mesmo assim eu estou sempre acima deles! Porque sou eu que vou fazer o trabalho... Só se eles souberem mais do que eu... #01:52:37-0# (A1)

Tinha *know-how*, portanto, tinha que me agarrar a alguma coisa... Não podia estar à espera... Ou então estar só a receber o subsídio de desemprego e não fazer mais nada. E então lá estava eu a acomodar-me como muitos se acomodam. E eu não fiz isso! Frequentei o curso que me deu aso... #01:53:02-6# (A1)

Isso nós trabalhamos muito bem juntos. Nós complementamo-nos muito bem. São... Estamos em 2015... Este ano já são vinte e oito anos de casamento... Não são vinte e dois... São vinte e oito anos de casamento. Trabalhamos muito bem os dois. Conseguimos cruzar muito bem as ideias. Acho que lidamos muito bem um com o outro. Mesmo com as dificuldades! Porquê? Sabemos que nos temos um ao outro. Isso ajuda-nos! Lá está a família está a ver? Quando nós sabemos... Não quer dizer que nos possa



ajudar monetariamente. Mas é um amparo naquelas situações mais difíceis em que nós sabemos... Epá, isto está a correr mal! Eu sei que chego ao final do dia e tenho um amparo... Tenho a minha mulher com quem posso ter um carinho, ou dar, ou receber... Ou conversarmos. É a família a trabalhar. Isso é a família a trabalhar. #01:55:10-7# (A1)

Só pedi o que me faltava receber (restante do subsidio de desemprego)... #01:55:55-7# Mais nada. Mas não foi... Não foi de graça! Tive que apresentar um projeto. #01:56:01-3# (A1)

Sim (plano de negócios). Ah, eu não! Paguei ao contabilista... Que é o meu contabilista e ele tratou-me disso... O projeto... #01:58:14-9# Paguei... Claro que paguei alguma coisa. Claro tendo em conta que eu depois também iria ser cliente dele... Ele teve isso em conta também... É uma mensalidade. #01:58:28-8# (A1)

Se calhar, eu acho que eles ali... Não sei até que ponto é que terão essa obrigação na minha opinião (formação para aprender a fazer o plano de negócios)... Então para isso todos os cidadãos precisam dessa formação? Porque todos os cidadãos têm de tratar do IRS... #01:59:16-7# (A1)

Há pessoas que são de desistir e há pessoas que são de persistir. Eu sou muito persistente... Se fosse outro eu não ia buscar nada... Eu fui! Também tive que o gastar mas não ficou lá (risos). Só lamento é que eu podia ter ficado com capital e não pude, porque tive que o investir. Mas também não ficou lá está a ver? (A1)

Mas nós temos que ter sempre (um pé de meia). Tem que haver sempre... Agora desde que haja... Eu já tinha... Lá está... Como eu também já trabalhava com isto algumas ferramentas. Também já ia tendo, não é? Entretanto, tinha comprado também uma viatura de trabalho... Uma carrinha... [...] #02:04:07-9# (A1)

Pouco. Não deram informação nenhuma. Eu só tinha que apresentar um projeto credível... E eu sim senhor! Eu vou tratar disso. Ah, e mantê-lo em funcionamento durante três anos no mínimo! Mas isso já passaram muitos anos... Foi em 99 ou 2000. #02:12:22-6# (A1)

Nem positivamente nem... Não! Não houve ninguém que me influenciasse... Ninguém me atrapalhou. Não porque isto é projeto simples: uma pessoa chega abre o negócio. O que eu tive que apresentar foi só mais para justificar também o valor que eles me iriam dar... E então tive que apresentar um projeto credível: esta atividade a desempenhar com todas estas funções; e que precisaria de gastar aquele montante para

que eu conseguisse ir recuperar o que me faltava receber. Pronto. O projeto foi aprovado e depois foi receber o dinheiro que me faltava receber. [...] #02:17:33-3# (A1)

Ninguém pode pensar em montar um negócio sem investir. Isso é de todo impossível! Nós temos que investir... Seja de que forma for: seja monetariamente; seja na nossa publicidade. E até mesmo isto se paga, não é? Tempo... Ninguém pode pensar num negócio sem primeiro investir. Isso é... Investir em todos os sentidos! Monetariamente... Na nossa formação ou na formação de quem trabalha para nós... Na nossa publicidade, máquinas, ferramentas... No nosso conhecimento em termos de conhecimento de materiais que vão surgindo no mercado. Novos temas... #02:19:32-5# (A1)

Por isso é que nem todas as pessoas estão preparadas para trabalhar por conta própria. Que é um passo que damos... Não sabemos se vai correr, se vai correr mal... Nunca se sabe! Seja no que for! Seja em que negócio for não é? Há sempre essa... Não posso dizer que não há essa preocupação. Até mesmo hoje em que o negócio já decorre há alguns anos há essa preocupação. Eu nunca sei se vou ter trabalho no dia seguinte ou não... Nunca se sabe! Não é? Isso é uma constante. #02:20:33-9# (A1)

O que é que eu tive de fazer? Pronto... Foi abrir a atividade nas finanças, simples. Pronto... Na altura trabalhei... Pronto decidi enveredar por um regime de IVA trimestral foi chegar às finanças e tratar disso, não é difícil. Na Segurança Social é darmos os dados do comprovativo das finanças em como demos início da atividade... Para eles fazerem as contas e nós pagarmos a nossa contribuição mensal. #02:25:03-7# Sim mas eu não considero... Eu não acho que seja difícil. #02:25:17-3# [...] A minha maior dificuldade era nunca saber se tinha trabalho. Isso sim! Agora quanto ao projeto em si não houve dificuldade. É ir às Finanças, Segurança Social... Tratar do seguro de acidentes de trabalho. No fundo tratar de tudo legalmente... Ter o livro de faturas, não é? Passar as faturas aos clientes... Portanto, não há assim... #02:25:51-2# (A1)

Houve um período em que... Não direi que deixei de apostar... Apostei um pouco menos na minha atividade porque eu tinha que me desdobrar em dois. Era na minha atividade e a dar formação. E não é fácil! #02:28:37-3# Desde... Finais de 2012 que terminou (dar formação). Não tenho dado... Por vários motivos... Um deles... Monetariamente é como digo... #02:28:50-0# (A1)

Eu não consegui porque eu quando a Estaco fechou tinha cinquenta anos. E ficava muito tempo ainda sem... Era capaz de ficar uns dois anos sem... Sem subsídio de desemprego e sem nada... E, por isso, é que eu criei um emprego. Se calhar fiz mal! (A2)

Mas enfim... E o que eu senti naquele tempo foi isto. De facto estava ali numa dualidade de funções muito grande... Felizmente, a consciência de classe prevaleceu sempre e nunca... Consegui desempenhar as funções que eu tinha de desempenhar sem comprometer a minha posição perante os trabalhadores. #00:56:11-3# (A2)

Quando eu fiquei desempregado eu tinha duas hipóteses: ou ficava no bem-bom à espera do que viesse e a receber o subsídio, e o subsídio que eu recebia até nem era mau... Para o tempo até... Não era tanto como eu ganhava mas ou criava o meu próprio emprego... Se eu ficasse à espera do tempo quando acabasse o subsídio de desemprego eu ficava um ano ou dois sem... Sem nada. E eu também não me via um ano ou dois sem ordenado nenhum... Só a viver com o que a minha mulher ganhasse. E, depois, ia naturalmente para a reforma... Sem... Sem penalizações... Sem nada. (A2)

Mas eu não estive para viver esses dois anos e então... Nem ficar... Nem ficar três anos a desvincular-me de tudo... Se eu estava no desemprego não podia trabalhar. E eu já estava licenciado e já fazia as minhas formaçõezitas sempre que podia. E queria... #01:02:35-2# (A2)

Não aceitei porque obrigavam-me a trabalhar muito de noite e eu nunca fui muito para noites... Posso-lhe dizer que eu na minha vida toda tive duas diretas... [...] Portanto, eu nunca fui muito de noite, não... E o bingo aquilo trabalhar à noite assustou-me um bocadito... Não era o que eu queria para a minha vida. Ah... Ir trabalhar para Viseu ia trabalhar também muito no escuro, andar nas obras a promover azulejos e... Numa zona geográfica que eu não conhecia. Conhecia ao nível da revenda mas não conhecia ali, no pequeno pormenor. Ir às obras, pronto... Aquilo depois faz-se muito com amizades e copos. E... E eu não... E aquilo também era muito... Não me estava a ver naquele trabalho, especificamente. (A2)

E então criei o meu próprio emprego como revendedor. Eu estava inscrito como... Nas Finanças como psicólogo, vendedor de materiais e formador. Tinha, na altura, três hipóteses para trabalhar. Mas a... O estudo que eu fiz para receber o dinheiro do desemprego, para criar o meu... Comprar o carro... Foi pela revenda de materiais de construção. #01:05:03-7# (A2)

Falei aqui com o Alves (do sindicato)... Ele arranhou-me um amigo que me levou na altura... Alguns duzentos contos... Alguns duzentos contos... Já não tenho... Já não tenho agora bem a certeza mas paguei... Paguei caro. Ele fez-me um desconto por ser amigo do Alves mas paguei caro. O estudo que via qualidades do meu projeto... E meti... Recebi o dinheiro... (A2)

Só que foi no princípio, mesmo nos primeiros passos da recessão... Os materiais... Toda a construção começou a parar. Ninguém pagava a ninguém... Ficaram-me a dever muito dinheiro... Trabalhei para a [nome da empresa] ficou-me a dever dinheiro... Tinha uma representação espanhola com um colega do Porto ficaram-me a dever dinheiro. Portanto... E aquilo só estava a dar complicações. E eu voltei-me para a Psicologia quer através da formação... E fiz bastante. (A2)

Trabalhava a recibos verdes. Eu era contratado pelas empresas para dar a formação. #01:08:01-9# (A2)

Dos azulejos... Ficou... Comecei a abandonar gradualmente... Abandonei porque... Ninguém pagava, ninguém... Compravam meia dúzia de azulejos e coiso. As despesas de deslocação para cobrir uma boa área geográfica também eram muitas... E comecei-me a dedicar à formação. #01:08:22-1# (A2)

Alguns três, quatro anos... (nos azulejos) #01:08:29-8# Eu já não me lembro quantos eram mas cumpri-os na íntegra (vinculação com o IEFP). Eu cumpri isso tudo... Nunca tive esse problema... Mas já não me lembro quanto tempo. Mas há de facto a vinculação, sim senhora. Mas eu não me lembro... Já não me lembro. #01:08:47-7# (A2)

A necessidade (risos) (maior motivação para criar o próprio emprego). Oh menina sobretudo a necessidade de não estar parada... Não... Não consigo estar parado. Ainda hoje o grande problema que eu sinto com a minha mulher, com a minha esposa é... É que ela tem alguns problemas de saúde, tem necessidade que eu esteja muito tempo perto dela e... E eu não consigo estar ali em casa a andar para trás e para diante... Para trás e para diante. Eu tento estar ocupado pelo menos enquanto puder... E, por isso, a enxada e o sacho... Continuo a ferramenta nestas áreas assim... E ela fica perdida porque eu tenho de sair para o campo... Para o campo, para os quintais... #01:09:56-4# (A2)

Se eu ficasse... Se eu ficasse parado à espera... A receber o subsídio de desemprego e não fosse pró-ativo na procura do trabalho... Eu ao fim dos três anos estava esquecido a todos os níveis. Estava esquecido na área da formação, estava esquecido na

área dos materiais de construção e... #01:10:31-0# Para não perder o contato... Para não perder... Digamos, o fio da meada... Porque quem não aparece, esquece. E ao fim de três anos todos os lugares estão ocupados. #01:10:47-7# (A2)

Era a única coisa que eu sabia fazer (sobre que tipo de trabalho por conta própria). (A2)

Pedi. Pedi... Eu não tinha capacidade para fazer isso. Pedi e paguei por isso... #01:19:41-3# Tudo. Estudos... A viabilidade econômica... Tudo. Tudo, tudo bem elaborado! Mas, obviamente, paguei... Paguei por ele. #01:19:51-4# (A2)

Nenhuns (recursos econômicos)... Criei-os. Criei-os exatamente com a verba que recebi do Centro de Emprego (recursos para criar o próprio emprego). #01:20:52-8# Que foi o subsídio de desemprego todo de uma vez... Não é? #01:20:54-2# Exatamente. Exato... Não foi todo porque já tinha recebido algum (subsídio de desemprego)... #01:21:00-2# Não pedi crédito nenhum. #01:21:09-3# Não tinha (poupanças ou capital próprio). #01:21:11-7# (A2)

Ah, conhecimentos só. Conhecimentos que eu adquiri da cerâmica e das vendas... De andar... Até tinha uma prática prévia de seis anos nas vendas. #01:22:41-8# Sim, sim. Ah, sem dúvida! Sem dúvida! Depois eu fui bater à porta de todas as pessoas que conhecia daquele tempo (antigos clientes da Estaco)... #01:22:53-0# (A2)

Tinha. Tinha (experiência de gestão)... Se eu... (...) ganhava isso com... Com muito êxito. Só os colegas é que podem apreciar... Mas posso-lhe dizer que para me substituir lá dentro, na Estaco, foram precisos três colegas. Agora eu fui chefe de logística... Não saía uma caixa de azulejos daquela empresa que não passasse pela minha mão. Eu era o chefe dos três armazéns e isso comportava dirigir os homens dos armazéns e a frota de transportes... Que eram, na altura, três camionetas. #01:23:45-4# (A2)

Eu não tenho razão de queixa nenhuma (do IEFEP). Foi sempre... Vim aqui a uma sessão ou duas da criação do próprio emprego... Havia sessões semanais... Enfim, estive, ouvi... Ah, desencadeei o processo. Não tive problema nenhum! #01:25:03-2# (A2)

Foram acrescentadas... Muitas (dificuldades)! Porque... Depois o... Uma coisa é ter uma fábrica e uma estrutura interna de suporte aos problemas. Outra coisa é nós confrontarmos-nos ali com representações que não são... Já somos a... O meio, digamos assim. Já não há aquela fábrica... Eu, por exemplo, recebi os materiais de Espanha. Os painéis de Espanha e tudo... E tinha de os mostrar e já não era a mesma coisa de... "Olha,

isto não está bem! Espera aí que vou à fábrica e resolvo!" Já não era portanto isso tinha a sua influência. A sua influência negativa... Influenciava negativamente... #01:29:02-9#  
Era a capacidade de lotação do próprio produto (principal dificuldade). #01:29:28-1# (A2)

No mercado... Não era fácil porque... As coisas... Os clientes tinham os seus fornecedores habituais e depois... Antes que nós tivéssemos um lugar... Uma brechazinha... Tínhamos de concorrer com muita qualidade e um bom preço. E isso nem sempre acontece... E não aconteceu facilmente para mim, não... Porque... Porque depois começa... A crise começa a aparecer... A recessão começa a ser muito marcante e... E alguma coisa ficava para trás... E os mais fracos ficavam para trás - o que eu era o meu caso. (A2)

Como digo, como digo cheguei a um período que não tinha rendimento nenhum e só tinha gastos. Foi aí que eu meti a reforma... #01:30:11-6# (A2)

A estratégia (de superação das dificuldades) era a presença permanente... Quer vendesse... Quer não vendesse! Procurar através... Houve uma coisa que caracterizou que era o bom relacionamento com as pessoas... Tentar fazer a introdução. Às vezes resultava... Outras vezes não resultava mas... É evidente que as empresas visam o lucro e não estão ali para fazer favores. Quando podem... Ajudam. Quando não podem... Meus amigos! E de facto na altura... Não é fácil. #01:30:57-6# (A2)

Não. Na altura ainda não tinha... Isto... Isto... Desencaminhou-se e desenrolou-se para se trabalhar por conta própria depois de a esposa ter ficado desempregada. Eu via, na altura, alguns indivíduos com uma vida pior que a minha que se tinham lançado e tinham-se dado bem... E eu, na altura, lembrei-me: "Então se os outros conseguem porque é que nós não havemos de conseguir?" [...] Como ela estava no desemprego foi lá buscar, na altura, acho que foram 3.000€ ou o que é que foi... Que ela foi buscar ao desemprego que era o resto que lhe faltava de prestações. Eles aí faz-se um projeto e eles... Ah... O dinheiro que se tem a receber dão-nos junto e deixa de ficar vinculado ao desemprego. Eles também ao fim ao cabo não ajudam ninguém. [...] (A3)

Ah... Contribuíram... Contribuíram e muito porque nós sentimo-nos espezinhados. Nós entramos numa empresa de garotos... Uma empresa que era uma coisa pequena... Uma empresa que medrou... E muito! Ajudámos, contribuímos com o nosso trabalho a pôr uma empresa no topo onde ela esteve... E depois entrar para ali às vezes pessoas... E isto para mim é má gerência... Porque chegaram a ser dezoito pessoas naquele

escritório a trabalhar... É incrível que quando a empresa fechou entre patrões que estavam... Passavam os dias naquele escritório, levavam dali o ordenado e não faziam mais nada... (A3)

Nessa altura estava já aqui com o comércio... Ficou desempregada... E eu na altura em que ela ficou desempregada é que a incentivei para abrimos isto. (A3)

Eu, na altura, quando abri isto que ainda estou a pagar... Porque isto a vida não é um mar de rosas! Eu estou a pagar o empréstimo da casa... [...] Quando foi do... Do comércio fiz um empréstimo também e o meu falecido sogro deu dez mil euros, na altura, à filha para arrancar... Para arrancar. É capaz de não acreditar que nós ao fim das obras lá em baixo do comércio, com as exigências todas que fazem, aquilo tudo... Tínhamos três mil euros para recheio. Tivemos que comprar uma carrinha, não esta, que já troquei entretanto... Era uma Mitsubishi mais curta esta... Ah... Tínhamos três mil euros para recheio. O que não era nada... Eram meia dúzia de coisitas... (A3)

Temos uma farmácia de produtos Fitofármacos... Que é os germicidas que são chamados produtos fitofarmacêuticos... As rações, os adubos e outras coisas assim... #01:31:39-3# (A3)

Sim. E... E pronto. Foi-se metendo conforme se ia... Não é como alguns... #01:31:47-1# Há pessoas que metem-se num negócio e depois recheiam aquilo tudo... Depois ficam os outros a bradar à espera do dinheiro. E acabam às vezes por... Por fechar... [...] Aqui não! É honestamente... Tem-se moderado... Aos poucos. Porque se fosse a fazer como alguns fizeram e continuam a fazer tinha aí já uma coisa em grande... Não! Nós... E, por isso, é que toda a gente gosta de trabalhar connosco... É... Pagamentos e tudo! Tudo a tempo e horas... Tudo certinho. (A3)

Confiança... Toda a gente, praticamente, se conhecem uns aos outros e não sei quê... Às vezes é um bocado complicado a gente dizer que não... [...] #01:54:58-1# Acumulam! Um grão aqui, outro ali, outro acolá... Chega ao fim que dá... Nos meios pequenos... E, às vezes, ah... Não é fácil! [...] Nós temos tentado selecionar as pessoas também nesse aspeto... Vamos conhecendo... Vamos vendo como é que elas se vão portando e... #01:56:10-6# (A3)

Pedi (empréstimo ao banco)... Pedi... Pedi... Olhe o empréstimo que tem que entrar nesse coiso... Eles querem saber depois da sua vida... Tudo! Onde é que vem o resto dos dinheiros... [...] #02:02:23-6# É a sua privacidade de vida... Eles querem saber...

Ficam a saber que você teve que pedir um empréstimo... Querem saber a previsão do que você vai vender que é uma coisa que é imprevisível! Você vai abrir... Sabe lá se vai ter dez, se vai ter vinte, se trinta clientes... Se o que é que vai ter! Você tem que fazer no projeto que lhe tem de entregar a eles... Tem que fazer uma estimativa de certas coisas que nunca, nunca, nunca é nada do que você ali mete! É tudo... É tudo um tapar de olhos... (A3)

Eu por acaso tive na altura do sindicato... Que é o Comandante dos Bombeiros atuais do [local], o Senhor Carlos é que me fez o projeto na altura... Não me levou nada! É que me fez o projeto para... Tinha conhecimentos... Tinha conhecimentos disso... [...] Eles (IEFP) indicam logo para você ir a uma pessoa a quem você tem de pagar. Ora um Centro de Emprego se quer incentivar havia de ter um gabinete para fazer essas coisas... [...] Isso é que era trabalhar... Que é o que acontece noutros países. Não é preciso andarem a bater à porta do Joaquim, do António e do Manuel. Parecemos uns mendigos... Andar às escuras... A apalpar a procurar onde é que nós temos que nos conseguir desenrascar! E há pessoas que acabam por desistir. (A3)

Porque é que não podem tudo logo de uma vez às pessoas? Fazem gastar as pessoas dinheiro... [...] Uma certidão... Sabe quanto é que elas custam se já tirou alguma... Não ficam nada baratas. Pedem-lhe uma certidão... Tem uma validade... E depois você anda que tempo para concluir o processo! E ao fim quando está essa certidão a caducar é que eles lhe vêm pedir outras coisas... Lá vai você que já está com dificuldades... Está desempregada... Quer criar o próprio posto de trabalho... O dinheiro é pouco! E lá vai você ter de gastar mais trinta euros ou uma coisa qualquer numa certidão! Mais isto... Mais aquilo... Eles não ajudam nada! Nada! É preferível as pessoas se conseguirem através de um empréstimo... Ou de um familiar ou uma coisa qualquer arrancarem sozinhas sem nada do que estar ligado nessas coisas... #02:05:46-8# (A3)

A minha principal motivação na altura foi ela não andar debaixo dos pés das outras pessoas... Porque se ela... Ela tinha sido... Estava eu no sindicato e ela tinha sido despedida de onde estava... Foi despedida... Eles invocaram justa causa que não tinham... Que acabaram por vir a perder nos tribunais... Na altura estava no sindicato e pronto... E tratei-lhe das coisas. #02:22:38-6# [...] Ela por ela não abria... Fui eu! Fui eu é que na altura... Eu, na altura, como estava no sindicato e tinha conhecimentos... (A3)



Queriam que ela regressasse e eu não deixei... Eu assim: "Vais para lá para quê? Eles na primeira oportunidade que tiverem... Para já vão andar... Estás lá e podes até gostar de lá estar... E gostar de estar com as colegas que tens lá e não sei quê... Mas para eles foste uma pessoa que os meteste em tribunal e que ganhaste... Eles vão-te ter sempre rancor!" E é! Isto é verdade! "Eles vão na mínima coisa que possam ou armar-te uma cilada ou uma coisa qualquer... Para te tentarem despedir... Vais andar debaixo dos pés deles..." #02:24:56-1# [...] Pensou (à pergunta: se tinha pensado tentar encontrar outro trabalho por conta de outrem). Pensou mas eu na altura é que disse: "Epá! Os outros arriscam e conseguem nós temos que abrir o nosso negócio!" #02:25:05-0# (A3)

Foi (de quem foi a ideia de abrir aquele negócio). Hoje pago... Hoje pago a fatura porque ela [a esposa] qualquer coisita que corre mal eu é que sou culpado. Porque fui eu é que... É que fui o mentor de abrir o negócio... Não estou arrependido. Eu não! Ela é que não gosta deste tipo... #02:27:44-9# (A3)

Foi feito em meu nome (o empréstimo bancário) porque eu estava a trabalhar ainda e tinha a casa que servia de garantia... Não é preciso... Às vezes arranjar-se um fiador nem nada... #02:28:26-4# Emprestaram-me porque na altura trabalhava... A empresa na altura trabalhava com o banco onde eu pedi o crédito... Na altura a empresa não estava... #02:28:54-6# Tinha bom nome... E tudo isso... Tudo isso contribuiu. E depois porque eu já tinha o empréstimo da casa lá, também. #02:29:01-8# [...] Mas eu também se soubesse que ia ficar desempregado, se calhar, não me tinha metido na altura a ele [ao empréstimo]. Mas ainda bem que me meti! Porque nós abrimos foi em 2004... Ou 2005... Nós abrimos, salvo erro, em 2007 fiquei logo desempregado. #02:29:50-4# (A3)

Tinha ideias... Tinha ideias porque... Porque como se nasceu num meio rural tinha conhecimentos de como é que as coisas se faziam... #02:31:05-1# [...] Na agricultura o que é que era preciso... Como é que são aplicados... Isso tudo... Já tinha conhecimentos disso! #02:31:12-1# (A3)

A partir daí, pronto, pensei... Já que não se vai para o negócio das frutas, epá... E também se tinha que tentar abrir o negócio numa coisa onde nós gastássemos o menos possível de investimento... Porque se fosse, por exemplo, para um café... A não ser que fosse um café que já estivesse a laborar e que fosse só pagar a renda... Porque se fosse para abrir aqui... Porque a minha esposa, para ela, era abrir, onde está o comércio, era abrir

um café ali. Mas para abrir ali um café era preciso um investimento muito maior.  
#02:32:13-8# (A3)

Isto é como se costuma dizer: "Primeiro paga e depois reclama!" E aqui é igual! Primeiro pagou... Quinhentos e tal euros... Quase seiscentos euros. E só ao fim de dois meses é que eles vieram passar a vistoria. #02:38:49-4# [...] Ou seja, mais dois meses que você está ali... Com as portas fechadas sem fazer nada. Isto é assim que funciona... É para terem uma ideia de como é que isto funciona. É assim. Há pessoas que desistem... A meio do percurso desistem... Acabam por desistir! [...] O que você já está... Se não abre fica vinculada... Fica vinculada e está a receber... Está a perceber? #02:39:24-7# (A3)

Há pessoas... Há pessoas... Os fornecedores com quem nós começámos a trabalhar logo de princípio são fundamentais quando se abre um comércio... Para qualquer pessoa! Aí temos de ter os olhos muito abertos. Porque há pessoas que querem é vender... Tentam empurrar sei lá o quê! [...] Era assim... Que se ia fazendo. Hoje já se trabalha um bocadinho diferente... Temos fornecedores que trabalharam connosco desde essa altura...  
#02:42:19-1# (A3)

Depois também para se conseguir às vezes vender mais arranjou-se um método... Em vez de ser o cliente a encomendar porque às vezes até se esquece... Somos nós... A maior parte deles... Temos o contato e somos nós que lhe ligamos a saber o que é que é preciso. Ligamos na véspera da entrega... O que é que o cliente precisa... Se há mais isto ou mais aquilo... Depois entretanto se lembrar também liga: "Olhe! Afinal traga-me mais isto que esqueceu-me de coisar!" Mas somos nós que... Foi uma iniciativa minha sermos nós a fazer isso. #02:51:50-6# (A3)

Mas depois há aquelas pessoas que vendem clandestinamente. Você vai abrir um comércio num determinado ramo em que há hipermercados e mais não sei quê... Por exemplo, os produtos fitofarmacêuticos nós fomos obrigados a tirar formação neles... Temos um engenheiro técnico responsável por eles que é pago... Todos os meses recebe um X... #03:18:38-8# [...] Tivemos que fazer a farmácia para eles... Tivemos que meter o projeto ao Ministério da Agricultura e à Câmara... E fazer como eles mandaram... Qual é o espanto de nós, por exemplo, se formos a um café ou a um supermercado estarem a vender um produto que não podem? (A3)

Às vezes... Às vezes temos que nos lembrar... Ou de um amigo... Ou porque ouvimos... Numa altura estávamos num fornecedor ou num cliente e ouvimos uma

conversa qualquer de outra pessoa e até nos tentamos lembrar de quem foi... De certas coisas... Porque há certas coisitas que tentamos desenrascar que às vezes é assim... Que a gente chega: "E agora como é que eu faço isto? Para me desenrascar?" #03:30:30-0# [...] E assim que nós às vezes vamos conseguindo. Às vezes com uma pessoa amiga que... [...] Epá! Vai a tal parte assim-assim... Diz que fui eu que te lá mandei... Que és meu amigo ou não sei quê que eu conheço essa pessoa... E é assim que nós às vezes nos conseguimos desenrascar e conseguimos chegar a certos sítios. #03:37:32-1# (A3)

Se for preciso trabalhar-se ao domingo trabalha-se ao domingo... Se for preciso trabalhar ao feriado trabalha-se ao feriado... E é assim que a gente se desenrasca. #03:40:30-1# (A3)

Ela (esposa) nisso... Nisso tinha medo. Mas também arrisquei na altura certa porque se entro... Depois de desempregado já não... Já não tinha arriscado. E arriscámos já na altura das dificuldades do país... Praticamente. Naquela altura já o país estava a entrar em declínio. Já se notava a crise no país... Pois porque se estivesse na situação de desempregado não arriscava... Aí garanto-lhe que não. Mesmo que eu fosse buscar isto ou aquilo do Centro de Emprego eu não arriscava. Não porque era um risco... E fui eu que a incentivei, porque se não ela não tinha dado o aval para isto andar para a frente... Porque eu disse-lhe: "Temos sempre o meu ordenado!" Não havia o dela mas havia o meu que dava para... Segurar as pontas da casa. Agora se eu estivesse... Ah, aí garanto-lhe que não arriscava! #03:47:26-9# [...] Se tivesse desempregado, eu na altura, quando foi para abrir isto não arriscava. Aí não! Não porque havia aquele... Aquele medo... Então se já estou numa situação de corda ao pescoço sem trabalho, sem nada... Então vou arriscar e se as coisas não dão bem para onde é que um gajo vai? Para baixo da ponte... Porque depois não tem ninguém que lhe meta a mão... Porque você entra num projeto daqueles e durante cinco anos tem de estar vinculada ali. #03:47:53-5# (A3)

Já se começa a chegar num patamar... É que às vezes tem que se fazer isso com alguns fornecedores... Porque há fornecedores... Eu costumo dizer... A gente trabalha aqui com uma série de engenheiras novas e assim, também. E eu costumo-lhes dizer e a alguns mais velhos: "Você não pensem que têm o cliente na mão! Assim como eu não tenho os meus!" #03:55:32-3# [...] Eles estiveram com a tensão muito alta, como eu costumo dizer... "A vossa tensão anda muito alta... Vocês têm que a baixar... Têm que ir médico!" E este ano vieram com preços... [...] #03:57:30-1# (A3)

Vai-se acumulando essa experiência... Ao fim de algum tempo... E de algum conhecimento vai-se... Vai-se acumulando. E cada dia a gente vai aprendendo mais... Cada dia que passa a gente está sempre a aprender! Aprende-se com os clientes... Aprende-se com fornecedores... Aprende-se com toda a gente. (A3)

Ah... Ele (marido) estava farto de estar sozinho e veio para Coimbra. Apareceu-lhe esta oportunidade de negócio e investimos aqui... Nem gozei o meu desemprego... Nem pedi o dinheiro para formar o meu trabalho e tive bastantes chatices porque antes estava habituada... Nunca trabalhei a não ser na fábrica... Não sabia nada de nada. O maior medo que eu tinha era de ser enganada e fui enganada. Pelas moças que me trespassaram isto... E pronto... E aqui me mantenho com muita dificuldade... [...] Mas isto o meu marido é assim! Pensa e faz logo! Não pensa um bocadinho para a gente refletir... Não houve... Havia tempo para eu tratar dos papéis mas ele não quis esperar. #00:03:38-4# (A4)

Uma pessoa não tinha conhecimentos nenhuns... Não fui orientada para nada... Apareceu esta coisa e ele [o marido] não queria esperar porque estava farto de estar em Lisboa... Porque ele não assistiu nada à vida académica das filhas... [...] Foi através do meu irmão... Foi através do meu irmão que falou com o meu marido... Que estava... Estas moças que abriram queriam-se ir embora... #00:53:28-9# [...] Foi assim uma coisa muito de repente... Parecia que a gente estava a roubar assim uma coisa sem jeito nenhum... E não tive direito... Eu não fui buscar os meus direitos. #00:54:03-4# (A4)

Depois o meu marido pensou em vir para aqui... Eu não tinha jeito nenhum para isto... Tinha vergonha de me mostrar ao público... Não era o meu género... Porque aqui vêm todas as pessoas... E eu não tinha qualquer qualificação para estar... Porque eu comecei a fazer aqui o que fazia na minha casa... Para nós... Não fazia receitas... E aqui continuo e aqui estou. #00:06:56-9# (A4)

Olhe eu... O IVA da restauração a 23%... Isso tem alguma coisa? Isso ajuda alguma coisa? Eu tive que aumentar mas eu... ZERO de lucro! Eu não aumentei nada! O que eu posso mais ficar beneficiada é a quantidade de trabalho que eu tenho... Prontos... Vai compensando... Mas do corpo me sai... Enquanto eles andam a passear - e muitos! - Com tudo pago... Famílias e tudo... E a gente aqui a cavar... É muito chato... Tenho dias de me desanimar... Tenho dias de desaparecer que é chato... #00:09:33-6# (A4)

É como eu lhe digo... Toda a gente não... Estes aqui em baixo, chegados, praticamente é uma família... Somos assim... Ganhámos aquela união, aquela amizade

como eu tinha na fábrica mas... Cada um no seu trabalho mas temos momentitos assim em conjunto. #00:10:24-6# (A4)

Eu vim para aqui por influência do meu irmão... (A4)

Mas passei aqui um bocadinho... Não pense que não! Mesmo com os meus vizinhos e tudo... Vim aqui fazer uma certa frente... #00:15:10-2# Um dia agarrei-me a ele e abanei-o... Porque ele disse que cheirava e eu não estava a fazer nada... Agarrei nele e levei-o lá dentro... Mas ele viu-me do avesso e depois parou... Mas é deste género de pessoas que gostam de ouvir e levar... E a gente... Tive que aprender há minha custa saber lidar com esta gente. #00:16:20-0# (A4)

A gente sabia que ao fim do mês a gente trazia aquele... E aqui é uma incógnita... Hoje, por exemplo... Este mês... Para o mês que vem... Para o outro... Só para os finais de setembro é que eu vou fazer dinheiro. E tenho de pagar os meus impostos, a renda, não é? Porque o negócio é meu mas a casa não... Pagar tudo... À Segurança Social e tudo e eu estou... Já me lembrei de dar baixa também da atividade... Também como o meu irmão... Já me lembrei. O meu irmão chega a dar baixa da atividade... Então a gente não faz dinheiro e temos de pagar tudo. #00:17:35-9# (A4)

Olhe isto foi um... Olhe foi um encaixe. #00:19:34-9# [...] Ele é que tem um cérebro (marido)... Ele tem um computador no cérebro. Eu é só mais trabalho... Ele é compras e gestão de coisas... #00:28:15-4# (A4)

Ah foi uma grande coragem pode crer! Eu nunca... Estar metida nestas coisas... Eu tinha vergonha! Quando eu vim para aqui não aparecia a ninguém... Sempre lá enfiada no burquinho. #00:44:29-6# [...] As críticas é difícil... Para mim. Para mim ser criticado é muito difícil de aceitar... Há críticas que são construtivas... Há outras que é mesmo para derrotar, não é? #00:44:54-5# (A4)

Foi dele! Ele é que gostava de vir para aqui... E eu tive de o acompanhar... Eu como lhe digo eu vim para aqui muito receosa, com muito medo... Olhe, vim à aventura! E muitas vezes eu disse isto: "Não dá! Vamos fechar! Vamos embora!" Ele [o marido] é que insistiu sempre e olha... Cá nos mantemos... #00:54:58-0# (A4)

Não tinha nada querida... Nada... A experiência que eu tinha era a que eu tinha da minha casa. Tive que me adaptar e olha... Fazer um grande esforço. Tinha dias aqui amargos que nem queria saber... Mas olha... Faz-se tudo... #00:59:01-6# (A4)

Vinha-me ajudar... Essa sempre foi... A outra não! Já estava empregada não podia... Mas quando a gente veio para aqui a Ana já estava empregada... E ela vinha-me sempre ajudar até... Até este mês ela esteve aqui, coitadinha... Com um barrigão.  
#01:00:01-3# (A4)

Há minha força e à dele (marido)... Porque eu às vezes desmotiva-me mas ele estava firme... #01:02:41-4# (A4)

Aqueles meses que a gente está parados foi muito (01:03:35) Andámos assim uma série de tempo... Tínhamos que ir buscar à nossa conta pessoal... #01:04:05-6# (A4)

Quando é muita gente... Os estudantes universitários é calmo... São pacíficos. Quando é com a garotada é horrível! Descontrolam-me... O barulho deles descontrolam-me a mim! Muito! Ainda hoje... Porque é assim... Uns gostam de isto, outros gostam daquilo, pedem com ou sem... E eu tenho que pensar naquilo... Quando eles estão a fazer barulho e estão a bater assim com o dinheiro no balcão ai aí... Sobe-me uma fúria que eu apetece-me estrangulá-los... Pode crer! Aqui é muita... Às vezes é calor... (01:13:29)  
#01:13:34-5# (A4)

Dá! Mas gostar não gosto! Mas tenho de fazer alguma... Olhe! Faço isto! Porque gostar, gostar... Gostava da minha fábrica! Foi muito difícil a minha adaptação... Esmoreci muita vez... Chorei aqui muita lágrima porque eu não gostava... E a única coisa (01:28:05) Tive muita ajuda do meu marido e da minha filha mais nova (01:28:15) e veio sempre ajudar... Ela sim, ela gosta disto. #01:28:22-9# (A4)

Mas depois também não podia desistir porque eu tinha cá enterrado o dinheiro... O problema é que eu... Ai foi (01:28:33) Foi mesmo difícil! Agora olhe... Há dias que venho para aqui que parece que vou para o matadouro! Há outros dias que venho bem... É conforme a minha disposição... [...] #01:28:55-9# (A4)

Era assim nessa altura já tinha aqui este estabelecimento (quando foi presidente de junta)... #00:27:00-7# Já tinha aqui o estabelecimento em Coimbra desde 1990.  
#00:27:10-0# (A5)

Depois em 1990 então saio da fábrica e com o dinheiro do desemprego, não é? Junto... E é criado o meu próprio emprego e estou aqui, não é? [...] Pronto... Não estava bem (a empresa que encerrou)... Ah, por outro lado, eu sabia porque já sabia que havia aqui este... Este buracinho, não é? (A5)

Aproveito a saída de muitos trabalhadores e então eu saio mais a minha mulher e... E venho... Estou no desemprego três meses... [...] Faço um projeto... Faço um projeto da criação do próprio emprego... E, e pronto... E ainda hoje estou aqui. #00:56:40-6# Porque depois recebi o dinheiro no conjunto e mais um bônus que eles davam, na altura, para quem criava o próprio emprego... #00:56:58-1# [...] Eu e a minha mulher e mais um bônus para a criação do próprio emprego. #00:57:03-5# Era um crédito... Não me lembro o nome que lhe davam... #00:57:03-4# A fundo perdido. #00:57:07-9# (A5)

Vi no jornal. Vi no jornal e vim ver o espaço... Na altura, achei-o pequenino... Mas como era para mim e para a minha mulher, não é? Éramos só os dois porque... Pronto, para princípio, dava para comer... Então eu aceitei ficar com o espaço. #00:57:37-3# [...] Para a indústria hoteleira... De certa forma... De certa forma tem a ver com o meu passado. Ora como eu... O meu passado começo de certa forma, na hotelaria, não é? Não é? Porque eu vou para uma casa de pasto e mercearia, não é? Entretanto, regresso às origens... De certa forma. E penso: "É a única forma que eu tenho de..." #00:58:07-3# (A5)

Eu comprei esta... Eu comprei esta casa que tinha ido à falência. Esta casa... #00:58:26-2# (A5)

Entretanto, ainda tive aqui uns dois, três anos... Agora não estou certo... Uma cunhada minha a trabalhar, assalariada. E dava para mim, para a minha mulher... Para comer eu e os meus filhos... E pagava mais que o salário mínimo, na altura, à minha cunhada por mês. Com tudo o que a lei o obrigava... #00:59:14-3# (A5)

Tem a ver que... Aí tem a ver com a... Tem a ver com a minha vida ativa em todas as áreas sociais, não é? (porque acha que teve sucesso quando os anteriores proprietários faliram) #01:00:04-7# Conhecia gente... A todos os níveis! A nível de instituições e tudo, portanto, pronto... Foi muito fácil para mim. Posso dizer que a minha casa era pequenina... A minha mulher nunca tirou nenhum curso de cozinheira... Aquilo que aprendeu foi com a avó e com a mãe... Ah, a comidinha é muito boa... Entretanto, sabe que os bancos hoje não têm lá ninguém... Têm dois, três funcionários... Mas naquele tempo haviam muitos funcionários e haviam muitos bancos... Aqui na baixa... Aqui nesta zona... Eu cheguei a ter a minha casa em fila indiana à espera que um se levantasse para sentar o outro. Ah... A década de noventa foi uma década muito boa a indústria hoteleira, onde se ganhou dinheiro... Hoje não tenho hipóteses. Eu hoje... Eu hoje sirvo menos refeições do que

servia em meia hora nesse tempo, não é? Pronto... Hoje é muito pior. Tem que se ter uma (1:00) até bastante... Bastante grande para conseguir aguentar isto. #01:01:03-5# (A5)

A minha mulher não gostou muito do sítio, na altura... Mas, pronto... Eu consegui convencer a minha mulher... Sempre nos demos muito bem... Consegui convencer a minha mulher que ela... Trabalhamos, fazemos por nossa conta, fazemos o que queremos, não estamos dependentes de ninguém... Pronto... E a minha mulher aceitou. Hoje está a sofrer um bocadito. Porque é pesado, não é? Mas... Ela aceitou e pronto. E iniciámos o trabalhinho e conseguimos. #01:01:51-5# (A5)

Sabe que há muita gente que, na altura, saiu das empresas... Você está a ver que aqui na Pedrulha havia milhares de empregos, não é? [...] Fábricas por tudo quanto era sítio, não é? E as pessoas realmente dessa altura... Havia... Havia muita vontade de criar o teu próprio emprego... [...] #01:02:30-8# (A5)

Porque era a alternativa que havia de momento... Nós tínhamos... #01:02:36-7# [...] Pelo menos... Pelo menos tinham garantido... Tinha garantido o dinheirinho que recebiam do desemprego, não é? Assim como eu... Ainda hoje tenho o dinheiro de pé, não é? Pronto... Está aqui investido mas... De hoje amanhã se eu quiser passar... O mesmo dinheiro de jovem tenho... Tenho-o garantido. Pronto... Esse era um pensamento. Assim como tivemos muitos que receberam da fábrica dinheiros e iam uns meses para as praias... Gastaram os dinheiros todos e hoje não têm nada, não é? [...] #01:03:14-2# (A5)

Depois de abrir o meu estabelecimento já... As pessoas saíam das fábricas para criar o seu próprio emprego... Vinham ter comigo e eram até aconselhados no desemprego: "Olhe o senhor tem um fulano assim-assim... Em tal parte assim-assim... Vocês... Não custa nada! Dirijam-se a ele!" E vinham ter comigo... Traziam os documentos: "Epá! Eu não sei o que é que hei-de fazer... O que é que eu vou fazer com isto..." Um monte de papéis: "Epá! Dá cá isso..." Sentávamo-nos e eu fazia aquilo tudo e tal... Com os documentos... "E agora fazes isto e mais isto... E tal..." Eu fazia aquilo tudo. #01:04:43-1# (A5)

Já estava traçado. Quer dizer, não sofri nada (no desemprego)... #01:05:29-5# (A5)

Eu foi mesmo para ter... Para ser mais senhor de mim... Pronto. Mais senhor de mim... Estar mais livre (motivação). #01:32:07-3# [...] Livre. Como vê eu vim para aqui em 1990 e em 93 vou para a Junta. Por isso, quando eu digo que a minha cunhada esteve



aqui algum tempo... Foi uma maneira... Para a minha mulher não ficar sozinha, porque eu passava o tempo na Junta de Freguesia. E era muito dedicado à autarquia e atuo sempre eu estive... Pronto... Passou por aí. (A5)

O problema agora é pagar o investimento... Qual foi o interesse, ainda agora, do investimento que eu fiz? Pronto... Este investimento eu comecei a ver que realmente a casa não tinha o lucro que devia ter, portanto fazia-se para a despesa e pouco mais. E então o que é que eu pensei? Eu sabia... Eu sabia que havia muitos clientes que não queriam comer ao balcão... [...] Agora já tenho esta alternativa. #01:49:56-2# (A5)

Vamos lá ver... O meu sucesso tem a ver mesmo com o meu percurso de vida... #01:35:29-0# Em todas as áreas... #01:35:34-4# Em todas as áreas. É assim... Eu sou... Eu sou muito conhecido porque estive em todas as áreas sociais... #01:35:43-2# Recreativas... #01:35:45-7# Tudo! Isso tudo deu-me... É assim eu estou a lembrar-me de uma empresa que muita gente vinha aqui visitar-me... Penso que hoje já fechou... No concelho de Arganil que era em Coja... Que era a cerâmica arganiliense... Tinha à volta de duzentos e picos trabalhadores... E eu... Pronto... E os trabalhadores vinham aqui de propósito até almoçar a minha casa e visitar-me (conheceu através do sindicato)... Quando vinham a Coimbra ao hospital... Vinham sempre aqui. E então qual era a razão? A razão era assim... [...]E então eles ficaram de tal maneira, pronto, amigos... Meus amigos que sempre que vinham a Coimbra estavam aqui. E então, portanto, a minha... O meu êxito está aí... Mas está aí com... Como está noutros lados. #01:38:29-6# (A5)

O negócio está mal... Por exemplo, há pessoas que não podem almoçar todos os dias porque o dinheirito não dá, não é? Aqui a base... A base aqui da baixa é o ordenado mínimo nacional, não é? As pessoas para comer todos os dias é complicado. #01:40:01-4# (A5)

Então gostam muito dos meus produtos... Da minha jeropiga e tal... Feita por mim e as outras coisas todas, não é... #01:40:59-6# (A5)

Na minha vida (pessoas mais importantes)... É os meus filhos... A minha mulher... Os meus filhos... [...] Eu, para mim, o conjunto da minha família são as pessoas da minha vida. E é a minha vida... É o conjunto. Não consigo... #01:41:27-4# É por isso que luto. [...] #01:41:55-2# (A5)

Sim. Claro (tomada de decisões)... Eu mais a minha mulher conversamos muito. Conversamos muito... Muito mesmo. Os prós e contras... O que é que podemos fazer e o

que é que não podemos fazer... É mais... Ficamos com mais espaço, podemos ir mais alguma coisa do que o que temos... Pronto. Isso foi tudo falado... #01:49:25-2#  
Inclusivamente com os clientes. (A5)

É uma grande... É muita, muita diferença (passar de assalariado para trabalhador por conta própria). É assim eu de certa forma vinha... Vinha habituado porquê? Imagine... Eu estava à frente... Eu era o Presidente de algumas instituições... Como lhe digo: da cultura; do desporto; na área social. Portanto, eu já vinha habituado a lidar com dinheiros e a ter (01:25) em termos de despesas, de receitas e essas coisas todas. E, portanto, foi fácil para mim... Foi fácil, para mim, organizar-me aqui em termos pessoais e em termos de... Em termos de... Em termos de... Como empresário... Como trabalhador... #01:52:43-2# (A5)

Ah, considero! Eu considero-me ambicioso... Às vezes para as condições que tenho até demasiado. Para as poucas condições que tenho, porque tenho dificuldades, não é? A ambição... A ambição para mim, pronto, às vezes faz-me... #01:56:18-6# (A5)

Não isso... Não, não, não (sempre teve o desejo de trabalhar por conta própria?)... Isso foi... Isso não de certeza. Quer dizer... É assim... Eu quando pensei trabalhar por conta própria foi, numa altura, em que realmente vi que, realmente, o país estava realmente a cair... Porque todas as empresas estavam a mandar gente embora... Não era só onde eu estava... Era lá e noutros lados... Eu vi o que estava a acontecer assim como nós hoje temos o trabalho precário... Contratos de quinze dias onde a juventude não tem futuro nenhum, não é? Não é? Hoje estamos a ver isso... Na altura, não sendo assim vi que realmente as pessoas estavam a perder por causa das tecnologias o seu trabalho... O seu ganha-pão não é? Então eu tive algum medo... Algum medo do futuro. E então aí... Foi aí que me levou a assumir a trabalhar por conta própria. #01:58:42-1# (A5)

Na altura... Na altura, como eu disse, foi uma década muito boa (poder de compra)... #01:59:14-0# Pronto, e isso tudo criou condições para... Para ter realmente algum êxito de princípio e eu via que realmente aí não ia ter problemas. E assumi... E assumi... E até de certa forma ganhei a aposta. #02:00:01-9# (A5)

Era só isso (indenização)... Não tinha... Não tinha dinheiro nenhum (poupanças). #02:00:16-2# Não património tinha... Bem, vamos lá a ver... Património tinha a casa, não é? Era a única coisa... #02:00:30-2# E também pedi à banca alguma coisa... Mas muito pouco. Muito pouco. Na altura, foi muito pouco porque o subsídio, o

da minha mulher, o meu e esse a fundo perdido deu perfeitamente para isso. Agora... Assim, também para ter alguma... Para comprar... Para comprar... Para fundo de maneió aí tive que ir pedir alguma coisa, mas pouco. #02:01:11-7# (A5)

A nível familiar foi difícil. Foi difícil. Repare... Os miúdos pequeninos, na escola, não é? E nós aqui com o horário de... De lado a lado, não é? Aquilo eram horários de catorze, quinze horas, não é? Que temos aqui... Os miúdos vinham da escola não tinham condições... Só tinha aquilo e tinham que ir para dentro do carro, não é? Ou então estar aqui... Com a clientela e isso tudo... Um bocadito chato... Às vezes mandava-os... O autocarro também estava aqui perto para ir para a terra... Mandava-os para casa. Mas foi... Foi... Foi doloroso porque eles eram miúdos... Eram miúdos, quer dizer, o mais velho tinha treze anos e o mais novo tinha onze... Quando vim para aqui... Eles precisavam de mais apoio na altura e realmente o apoio não era o que devia ser... #02:02:39-3# (A5)

Sim, sim. Eu tenho a certeza que estava preparado e vou-lhe dizer porquê... Ainda hoje eu passo coisas que eu admito que muita gente não tinha hipóteses de as passar... Eu conheço a vida das pessoas, não é? E sei que aquilo que eu passo mais a minha mulher era impossível alguém... Alguém passar. E a gente... O nosso sofrimento... O nosso... Como é que eu hei-de dizer? Ou seja, nós fomos criados com tanto sofrimento que já estamos habituados... Ou seja, já levamos com o sofrimento com toda a naturalidade. E repare se a gente for a ver bem o meu percurso desde que nasci... Eu quis comer e não tinha... Não é? É fácil hoje... Hoje eu passar mal... Porque já estava habituado... Eu sei o que é que passei. [...] Eu fico mais preocupado se vir um filho meu sofrer ou uma neta do que eu. Eu não me importo de sofrer porque eu sei como é que hei-de ultrapassar aquilo. Eu não quero é que eles passem... Porque eles não estão preparados para isso. Se calhar, culpa também minha... Não os preparei para isso. (A5)

Os bancos sempre tiveram de portas abertas para mim. Porque eu sempre fui cumpridor, pronto... Tenho conseguido cumprir. #02:11:15-7# (A5)

Tinha. Tinha... E por necessidade, pronto... Com a minha idade claro que tinha de ser vaidosa! Se não fosse, não era normal, não é? E então... Mas porque a minha mãe também sempre fazia isso para nós... Eu comprava tecidos baratos, coisas baratas, sempre fiz... Eu lembro-me sempre de fazer coisitas para mim... Está a perceber? Desmanchava coisas velhas... Punha... Cortava... E depois fazia... Fazia... Fazia... E a minha mãe isso... A minha mãe sempre me incentivou. Porque a minha mãe... A minha mãe gostava que eu

fizesse... E como eu, no final, aquilo até resultava... A minha mãe também ficava orgulhosa de eu fazer e lembro-me que a minha mãe... Ela própria às vezes ia ao farrapeiro e trazia-me retalhos para eu fazer. Tipo a minha mãe não achava que era desperdício... A minha mãe achava ao contrário... [...] Assim... Eu gostava disso. (A6)

Ah, não sei! Fiz algumas... Aquelas formações que às vezes eram oferecidas nas Juntas de Freguesia... Que eram oferecidas... Mesmo por aqui... Cheguei a vir aqui fazer uma... Gestão financeira de pequenas e médias empresas, aqui, à noite... E aí... Porque eu queria abrir uma... Eu quando fiquei em casa pensei... #01:16:13-2# [...] Quando já tinha falido a Penaconvex... Ora bem... Eu sabia fazer qualquer coisa para mim... E para as minhas filhas... Na fábrica aprendi muito mais... E eu já me sentia... Eu já sentia que reunia as condições suficientes para abrir uma loja... (A6)

Porque eu vinha a Penacova e queria forro, às vezes, não havia... Queria um fecho, às vezes, não havia... Porque só havia cá uma retrosaria. E era de uma senhora que, naquela altura, já estava farta de estar... Ela é muito boa pessoa... Mas, naquela altura, foi tudo a meu favor... Ela já estava fartinha de estar ali e ela já nos respondia... Eu lembro-me da Irina uma vez dizer: "Olha! Vai comprar o forro onde compraste o tecido!" A sério. E eu pensei: "Ah! Faz tanta falta uma retrosaria em Penacova." E o que é que eu pensei: "Eu sei costurar qualquer coisa! [...]" "Passo a ferro se for preciso... Para fora... E vendo artigos de retrosaria." Pronto. Então... Aparece-me essa formação... #01:17:57-3#[...] Pronto... Fiz essa de gestão financeira de pequenas e médias empresas. Eu lembro-me que foi assim naquele tempo em que se começou a falar... Começou a haver esse termo (criação do próprio emprego)... #01:18:15-3# [...] E eu fui para aí. E eu levava esta ideia... Cheguei lá pronto... E os formadores acharam todos que era muito boa ideia... Eu também achava, eu sempre achei que era, pronto... "Isso tem pernas para andar..." Eu também acho que sim. Se este também tem mais conhecimento na matéria do que eu... Se tem... Então vamos à procura de uma loja... #01:19:40-9# (A6)

Vamos à procura de uma loja... Procurei, procurei... Só havia para arrendar. Só que as rendas eram muito caras naquela altura em Penacova. Sabe lá o que é que me pediam... Pediam-me um salário mínimo para uma renda... Assim uma coisa... Pronto. E eu pensei: "Ah, não! Assim não pode ser! Deixa estar até ver." Entretanto, li no jornal... Num jornaleco que havia cá, na altura, que agora já nem há... Li que ia ser construído este

edifício. E eu olha... #01:20:17-3# [...] Ah! O Centro Comercial... Vamos lá! Lá vim eu e o meu marido falar com o empreiteiro... Comprei... (A6)

Quando eu fui para o sindicato (tirar formação em costura) eu já tinha comprado a minha loja, esta loja. Pronto... Então quando eu cheguei... Aquilo... Está a perceber? Foi ouro sobre... Foi assim um desencadear mas tudo encaixava bem... Pronto, é isso. Quando eu fui... E isso também contou na entrevista... [...]. Eu quando vim da entrevista do sindicato, apesar de sermos muitas, eu vinha com aquela fezada: "Eles vão-me chamar." Pronto... Vim de lá quase com um sim, percebe? Porque... Pronto... Porque eu já tinha o espaço... (A6)

Depois fiz essa formação onde elaborei o projeto direitinho. [...] Fiz um levantamento do mercado... Portanto, qual era a concorrência que... Tudo... Tudo! [...] Acabou a formação e o meu projeto ficou feitinho. Passadinho a limpo, lindinho, tudo ali! O que é que faltava? Ir entregar ao Centro de Emprego. [...] Vou ter com o empreiteiro e as obras não estavam prontas... Vou ter com o empreiteiro e as obras não estavam prontas... E isto arrastou-me mais não sei quanto tempo... [...] #01:37:20-4# Aí vou eu ao Centro de Emprego... Peço para ir ao gabinete não sei das quantas... Com o meu projeto todo lindinho, entregar. Era só entregar. [...] Ela responde-me assim: "Ai agora é que você aí vem? Já me lembrei de si algumas vezes... Então o ACPE acabou há dois meses." E eu disse: "Não posso acreditar." Acabou... Tinha acabado aquele sistema de incentivos. Fim. E eu respondi-lhe: "Então e..." "Então e agora? Agora o que é que quer que eu lhe faça... Ai deixou passar tanto tempo?" Quer dizer, pois, a mulher também não me podia fazer nada... Podia-me era ter respondido de outra maneira... Ela até me conhecia. Eu disse: "Ok." E ela disse: "Olhe candidate-se às ILES." Tinha as ILES. #01:39:03-9# [...] Eu achei que não compensava ir para as ILES. E então não fui ao TOTTA como se dizia, naquela altura. Fui à Caixa Geral de Depósitos e revolvi... Esqueci... #01:40:24-7# (A6)

Eu, entretanto, com esta história toda tinha juntado dinheiro para pagar a loja... O edifício, o espaço, em si, o espaço. Fui à Caixa Geral de Depósitos fazer um crédito à economia para recheá-la. Fiz um crédito pessoal. Chamava-se mesmo... O tipo de crédito que eu fiz foi mesmo... Chamava-se mesmo Crédito à Economia. #01:41:32-7# Era mesmo... Quer dizer, lá, ficou mesmo escrito que era para abrir uma retosaria. Que era para o *stock* de uma retosaria... Era mesmo um crédito... Não era um crédito pessoal, nem um crédito de habitação, nem... Era um Crédito à Economia. #01:41:50-7# (A6)

A mim foi o empreiteiro que me estragou a vida, percebe? Porque isto... Pronto... Aquilo ia até quatro anos... Eu nem precisava dos quatro anos... Porque o que é que eu precisava? Eu precisava... Eles não pagavam o... Também não pagavam o *stock*. Não entrava o *stock*. Mas entrava muita coisa... Olha... Tinha posto um sistema informático que não pus, porque não tinha dinheiro... Depois fui só até onde... Não é? Pronto... Que era muito melhor para a gestão do *stock* do que não ter... Mas mesmo assim financiava-me muita coisa! Então estantes, prateleiras, tudo isto... Todo o equipamento tinha financiado. #01:43:28-7# (A6)

Sim... Sim... O meu braço direito é o meu marido. Sem nenhuma dúvida, pronto... Isso foi sempre! #01:44:00-9# (A6)

Sabe que quando abri a loja o meu marido estava desempregado? #01:44:14-0# Exatamente quando abri a loja o meu marido estava desempregado e sem perspectiva nenhuma de emprego... #01:44:24-7# Quando eu abri a loja foi a altura da minha vida mais instável... Porque eu não sabia o que é que isto ia dar, não é? Nunca sabemos... Apesar de eu acreditar nada é garantido... #01:44:40-5# Foi exatamente quando eu abri a loja... Passado um mês. Pronto... E eu fiquei assustadíssima porque eu pensei: "Ai ai! Então e agora? Se a loja não dá o que é que nós vamos..." Porque eu tinha gasto tudo! Sabe? Eu pedi ao banco o mínimo possível porque quanto mais eu pedisse, mais eu tinha que pagar. Pedi menos do que o que precisava porque não sabia que ia gastar tanto dinheiro com as escrituras... Com aberturas... Com coisas... Eu nunca mais parava de pagar impostos... E mais um selo daqui, mais uma escritura de acolá e uma hipoteca... [...] Ele (marido) disse ao pai: "Não trabalho mais." Pronto... O meu sogro naquele momento deve ter pensado: "Ele está a brincar! Amanhã vai trabalhar." Mas ele não foi trabalhar e nem nunca mais foi trabalhar. [...] E, portanto, o meu marido a partir do dia 14 de janeiro ficou em casa sem ganhar nem um tostão. E ele não sabia fazer mais nada... Nunca tinha feito mais nada... Ele desde os catorze anos trabalhava com o pai... Nunca tinha feito mais nada... Não sabia fazer mais nada... [...] (A6)

Então olhe, veja bem... Depois as minhas filhas nunca precisaram de ir para a creche, porque entretanto ficaram sempre com a minha mãe ou com a minha sogra. [...] Isso é muito importante. E depois também tive sempre as duas... Mais no sentido de apoio mesmo... Tenho a minha mãe e a minha sogra. [...] Imagine que eu tenho qualquer coisa, atraso-me, tenho a abertura de ligar para ela e dizer: "Olhe... O que é que você vai comer?"

Isto acontece muitas vezes... "O que é que vai comer?" "Ah, não sei quê..." "Ah, então faça também para nós que eu vou atrasada..." Isto é... #01:55:31-6# Sem isto era muito difícil conseguir... #01:55:34-5# [...] Com eu lhe disse, gosto de aprender, às vezes, gosto... Por exemplo, sei lá! Fiz cursos de informática... Aquelas formações maiores ou mais pequenas... Higiene e Segurança no Trabalho, mesmo antes de ser obrigatório, eu fui fazendo tudo o que aparecia... Só fazia isso porque tinha quem me suportasse a família. #01:55:56-9# (A6)

Por exemplo, eu trabalhei até há um ano com... Eu quando abri comecei logo a ter muito trabalho e muita gente... E isto funcionou muito bem durante... Este Centro Comercial funcionou muito bem durante alguns anos... E eu tive... Quase logo meti uma rapariga. Tive uma empregada até o ano passado... A Inês trabalhou... #02:04:26-6# Sim. Durante catorze anos a Inês estive comigo... #02:04:29-3# Sim. Até ao ano passado... Até ao ano passado, em setembro. E... E tínhamos muito trabalho... Muito trabalho e pronto. Depois eu tive que... Tive que... A Inês teve que ir embora porquê? Porque eu ainda tenho bastante trabalho de costura... Mas aqui no balcão está muito mais fraquinho. Por exemplo, isto que acontece... Agora é como acontecer assim um dia como hoje... Isto hoje está mesmo... Olhe, não pode estar pior! [...] Criámos uma relação pessoal muito grande e eu não consegui mandar a Inês embora... Mas a Inês também sabia... E foi até a Inês me dizer várias vezes: "Eu tenho que ir e pronto." E depois houve um dia... E depois aí o meu marido também já me dizia: "Eu sei que tu gostas muito da Inês mas a Inês tem de ir embora." Pronto. (A6)

Ganho pouco aqui, eu não ganho assim tanto... E o ordenado dele também é baixo... Como é que eu consigo fazer isto? Não é? Está a fazer contas... Digo eu, não sei... Só que é assim... A minha sogra nem sabe quantos frangos e galinhas tem... Tem um pátio cheio deles, percebe? Pronto. Ela quinta-feira vai matar um carneiro, inteiro, grande. Temos coelhos, temos ovos, temos couves, alfaces, batatas... A agricultura agora, de subsistência... Na agricultura de subsistência é preciso investir dinheiro... Agora é assim... Eles é que fazem o investimento todo e nós só colhemos os frutos, percebe? Porque é que nós ganhamos? Para nós... #02:12:03-8# (A6)

Foi quando eu fiquei desempregada (em que altura surgiu a ideia de se estabelecer por conta própria). #02:41:06-2# Porque... Eu gostava... Eu gostava de costura... Gostava do que eu fazia, não é? Queria costurar... E pronto. E juntava... #02:41:19-0# (A6)

Entre pensar em procurar trabalho naquela área que não havia na minha zona... Eu tinha que ir para Coimbra... Cheguei a ser chamada para a [nome da empresa] que era uma fábrica de costura... Confeção e... Na Pedrulha. Pronto... Só que não me compensava ir para a [nome da empresa] ganhar o salário mínimo e levar o meu carro para Coimbra todos os dias... Aquilo era... Ficava metade pelo caminho. E eu pensei: "Ir para Coimbra trabalhar não dá. Transportes públicos não há... O meu carro não dá para ir para Coimbra ganhar um salário tão baixo... Também ninguém me oferece um salário maior, não é?" Então o melhor mesmo era criar o meu próprio emprego. Foi por isso... E depois quando fechou a fábrica fiquei desempregada... #02:42:15-3# (A6)

Não é fácil trabalhar por conta própria... E eu desde que trabalho por conta própria sempre fiz mais horas do que quando trabalhei por conta de outro. E tenho muito mais responsabilidade... E vou para casa com... Vou para casa muitas vezes a pensar no trabalho... E tenho de fazer isto... E tenho de fazer aquilo... Pronto. Mas... Também venho muitas vezes... A maior parte dos dias... Com gosto de vir trabalhar, não é? Penso assim: "Hoje vou agora fazer aquilo... Depois fazer isto..." E também gosto... #02:43:45-6# (A6)

Agora, neste momento, o que está dar é lãs. E o ano passado todo o inverno eu ensinei a tricotar... E... E olha, às vezes... Eu isso trago da fábrica... Às vezes eu nem sei muito bem o que é que eu estou a dizer... Ou melhor... Eu não sei fazer... Mas sei dizer... Depois digo: "Você depois também vê aqui na revista." E depois penso para mim: "Então tu lês isto também tens de chegar lá. Anda lá! Faz alguma coisa!" Percebe? É um bocado isso... Vou incentivando... Picando... Dizendo: "Tu és capaz!" Depois, às vezes, também já fiz e agora vou fazer novamente à noite... Tipo assim nas aldeias... Vou fazer cursinhos de tricot, essas coisas assim. #02:48:23-2# (A6)

Vou-lhe dizer! Papéis. Contabilidade. Como eu não gosto... Custa-me fazer. E essa parte (maiores dificuldades)... #02:54:39-7# Por exemplo, quando tenho muito trabalho... É difícil... (A6)

Às vezes é difícil cumprir prazos. [...] E isso é uma das dificuldades... Porque repare... Eu nunca sei o que é que me vai aparecer para o balcão. Porque hoje de tarde não tive ninguém, percebe? Mas eu nunca sei quantas pessoas vou ter no outro dia. Então imagine que eu tenho uma coisa que tenho mesmo que entregar amanhã e ainda não está pronta hoje. [...] #02:56:09-5# (A6)



Mas acho que é a parte mais difícil. Contabilidade... Papéis... Não gosto. Mas isso ele (marido) fez... #02:58:13-4# [...] Tipo. Olhe... Eu nem abro as cartas... O carteiro vem... Vem lá a carta da luz eu ponho dentro da gaveta. Ele à noite faz! Vem a luz... Ele paga... Ele vê... Ele leva dinheiro para o banco... Faz o Z. A caixa... Faz a caixa. Olhe... Ele faz a caixa, leva o dinheiro, faz tudo. Desde que ele me pague! #02:58:55-9# Às vezes diz-me ele a brincar: "Oh mulher! Tu se não fosse eu já estavas presa!" [...] #03:00:33-7# (A6)

Eu acho que devia haver mais escalões... Sem dúvida... [...] Devia haver era mais escalões, percebe? Não saltar, às vezes, há saltos muito grandes... Este ano... Só porque este ano na minha declaração estão mais 100€, olha, pronto, foste... Já passaste... E, às vezes, é um salto tão grande... Que aquele escalão abaixo já dava para pagar mas o acima já não... E podia-se pagar um intermédio... Eu acho que deviam haver escalões, pronto. (A6)

#### **Código 9: Reemprego/ Reforma (Grupo B)**

##### Extratos

Eu trabalhar por conta própria? #00:09:42-9# Nunca, nunca me surgiu... Nunca me passou pela cabeça isso. #00:09:48-0# (B1)

Eu não encontrei emprego porque já tinha a idade avançada e porque a crise já estava aí... Portanto, a construção civil já estava... Já estava a diminuir... E as fábricas, portanto, já estavam também... Novas fábricas montadas com nova tecnologia e as outras poucas hipóteses tinham... (B1)

Não, não, não. Não porque é assim... Quando nós saímos podia ter ido para um cliente nosso... Podia ter criado alguma intimidade com alguns clientes. Mas a crise veio de vez e todos os nossos clientes já estavam a tentar... Por exemplo, eu poderia ir... Com os conhecimentos que tinha poderia ser um vendedor de um armazém, por exemplo... De um cliente nosso. Mas eles também já não estavam a vender. Já estavam também a ficar asfixiados... E então também já estavam a tentar também reduzir o pessoal deles. [...] #00:52:10-9# (B1)

Continuo sem ter interesse em abrir nada meu. #01:11:17-8# Não, não, não... Foi coisa que nunca tive... Arranjar o meu próprio negócio e ainda bem! Ainda bem! Olhe, hoje em dia, eu às vezes... Eu acho que as pessoas são... Há certas coisas que abrem são suicidas... Eu passado uns dias passo lá e está fechado. Isto investe dinheiros... Tens pouco

mas tens pouco! E eu tenho sempre medo dos empréstimos. Embora, tenha tido muitos problemas bancários com amigos... Mas isso é outra coisa. #01:11:55-6# (B1)

E na área do emprego então é uma desgraça. Ah... Quem tiver quarenta e poucos anos se tiver desempregado... [...] Ou tem muitas competências ou... Ou já tem muita experiência... Porque é logo experiência e competências. Não tem olhe... E hoje em dia é também muito difícil porque os mais jovens, portanto... As empresas têm benesses sobre o emprego jovem... [...] #01:16:03-8# (B1)

Mas, por exemplo, uma pessoa que trabalha trinta ou quarenta anos numa atividade... Por conta de outro, portanto, o que é que eu podia ir fazer? Abrir uma casa de materiais de construção? Não. Então esse negócio está falido. Tanto estão as fábricas como estão as casas de materiais de construção. [...] Isto está tudo parado. Os armazéns não vendem nada! As pessoas estão ali enfiadas... Ali enfiadas... (B1)

Só para lhe dizer que eu na área em que eu estava... Todas as áreas correlacionadas com a construção civil, a partir dessa data, estão falhadas. Ninguém mais abriu nada. Ou mantiveram-se ou fecharam. Depois o que é que tem aberto? É áreas de restauração... Áreas de restauração também não ganham grande coisa agora... Mais com isto do 23%... Mas ainda é uma coisa, pelo menos sazonal, as pessoas têm de comer todos os dias. Eu tenho uma pessoa que eu conheço que é Engenheira do Ambiente e já estive a trabalhar e depois veio para o desemprego e montou uma coisinha dessas, pronto. Pronto... Tirando isso... Pronto-a-vestir é uma desgraça! Os sapatos é outra desgraça! Porque as grandes marcas impuseram-se... As grandes superfícies... Portanto, quem tem pouco dinheiro com um negócio zito não está lá a fazer nada. Ali a baixa é uma desgraça... (B1)

Aí eu já sabia. Não houve ninguém que se empregasse... Ah... Nesta altura havia pessoas com grandes competências... #01:49:24-3# [...] Com mais competências do que eu nas áreas das informáticas e assim... Mas que já tinham a minha idade... Também já não se empregaram, também, por exemplo... Só me estou a lembrar de uma pessoa que ainda hoje está empregada que é da minha idade, que conseguiu ir para um consultório... É rececionista de um consultório de uma médica, pronto, uma amiga, não é? Foi o único... O resto... Há um que era bastante novo que conseguiu... Era desenhador. Uma profissão... Pronto mas também essa profissão está arrumada porque depois evoluiu para o AutoCAD e essas coisas... Os computadores... Ainda hoje... Eu não sei se ele... Não o tenho visto...

E é mais novo que eu... No Lidl a fazer a prospeção do jornal, da Dica. Ah... Portanto, não tinha a idade de reforma. O resto tudo se tentou reformar... Não... Foi a altura em que estava favorável se não... Se não o fazem... Aliás, hoje... Hoje era impensável. #01:50:34-7# (B1)

Não tenho (dificuldades)... Tenho controlado as coisas de maneira a que não me sinta... Que não me afete psicologicamente nada do que se passou. É o que tenho a dizer... Fazendo as atividades lúdicas ou não... Ou outros trabalhos que eu tenho... Gosto de bricolage. Gosto dessas coisas... Vou tendo... Estando sempre ocupado para fugir aos cafés e a essas coisas todas. #01:59:56-4# (B1)

Foram três anos, quer dizer, uma pessoa ia falando. Não andei aí a... Porque eu já sabia que com a minha idade... Era o mais inteligente a fazer. E hoje há-de continuar a ser assim e há-de ser assim... Porque as pessoas... Eu agora... Eu agora... Portanto, há pessoas... As pessoas fazem contas não é? Se me dessem... Isso é assim mesmo... É normal... Podem vir os meus colegas dizer que não... Que nunca fizeram isso mas eu fiz... Eu nunca tive nenhuma oferta... Se eu tivesse uma oferta em Águeda ou em Leiria ou assim... E me dessem o ordenado mínimo eu não ia. Se eu me pudesse esquivar, esquivava-me... Se não pudesse teria que aguentar. Tinha que arranjar lá um quarto... Arranjava lá qualquer coisa e depois logo se via. Agora... Agora de outra forma não. As pessoas normalmente acabam por ser inteligentes... Tanto quanto podem nessa parte. É fazer contas. Hoje em dia as pessoas o que ganham é o ordenado mínimo. #02:01:21-6# (B1)

Por exemplo, se eu tivesse um contato... Pronto... Se viesse alguma coisa de um género assim... Eu tinha alguns conhecimentos e assim: "Epá olha! Nós precisamos aqui de ti e tal... Vais fazer isto! Vais fazer aquilo! É uma coisa interessante para ti..." Mas a crise foi tão aguda que foi por água abaixo e eu comecei logo a olhar para as tabelas, não é? Comecei logo a fazer contagens de tempo de tropa e dessas coisas todas... Olha... Seja o que for. Penso que foram os 4% que me cortaram... Se me cortassem oito era na mesma e acabou. #02:02:30-8# (B1)

Claro que era uma idade... Com 47 anos e a minha mulher com 45 a empregabilidade era muito difícil. #01:32:11-9# (B2)

E então, a determinada altura... Eu já estava no subsídio social de desemprego... E como tinha um conhecimento grande de toda a estrutura sindical no país... Por estar na CGTP e andar pelo país fora, às vezes, em reuniões da CGTP e etc., propuseram-me: "Epá

estás desempregado... O diretor daquilo propôs-me... Eu precisava de um dinamizador nesta área dos seguros... E tu, talvez, fosses a pessoa indicada para isso..." Tinha estado lá uma pessoa antes de mim que, entretanto, arranjou outra saída... [...] E eu fui para lá. [...] Andei ali alguns... Alguns meses largos... Que não eram emprego. Que tive que me registar... Que tive de me coletar como recibo-verde... Mas já foi um modo de vida para não ficar... Estava mesmo na altura e estava com uma grande ansiedade... Ia ficar sem fazer nada... Sem emprego... O que é que eu havia de fazer? Não sei, olhe... Construção civil, também, na altura, já estava mal... E... E pronto. E ainda andei ali cerca de dois anos... Era um trabalho que não precisa... Eu tinha autonomia... Tinha que ir às diversas delegações levar propaganda... Falar como é que estava a correr.. [...] ... E olhe, acabou por ser uma experiência que também me enriqueceu muito... O contato que eu fiz... Corri o país de norte a sul, todas as delegações, nos sindicatos... #01:48:59-5# [...] Nem era mau, nem era bom. Não era uma coisa de futuro mas foi uma coisa que... Que me veio preencher um vazio que estava... #01:49:36-5# (B2)

Um balão de oxigénio... E, nessa época, como eu tinha... Nesse espaço de tempo continuava a ter muito tempo livre... Podia gerir o meu tempo... Então pensei definitivamente tirar o 12.º ano pelas Novas Oportunidades... #01:49:58-4# (B2)

E tive alguma sorte porque o emprego onde estava, este trabalho que eu tinha, dava-me alguma disponibilidade para isso (estudar). Entretanto, era preciso um estágio... Para de facto concluir o 12.º ano era preciso um estágio... E o estágio também tive sorte... Tive sorte e até por estar neste meio... Entretanto, o sindicato dos têxteis tinha... Naquela nova dinâmica que se foi criando com... O Centro de Emprego foi criando com algumas instituições, não só sindicais... Como a Cáritas e etc., as várias instituições de solidariedade social e sindicatos... Estabeleceu algumas coisas que ainda hoje estão aí a funcionar que é os GIP's... Grupos de Inserção Profissional... [...] Como eu estava mesmo a acabar... [...] A [nome da pessoa] disse: "Olha, oh Carlos tu... Agora tens que ter um estágio..." A gente ia falando periodicamente... "Tens de ter um estágio... Epá tu podias vir para cá já porque eu estou a precisar..." Tinha que ter alguém ali à frente do GIP. [...] E conciliou-se... Como já estava mesmo, mesmo a acabar... Estava mesmo a acabar... Fui lá então fazer o estágio... [...] Eu estive ali cerca de um ano a fazer o estágio... E isto aqui foram passos decisivos porque... Olha, foram oportunidades atrás de oportunidades... Ainda eu não tinha acabado de... Ainda não tinha acabado o estágio... Já um colega meu,

também, da CGTP... Da direção deste sindicato que agora estou... Que precisava de um... De uma pessoa aqui para Coimbra... Porque a pessoa que aqui estava ia-se reformar e ele não tinha aqui em Coimbra nenhum dirigente que conseguisse tomar conta, aqui, da delegação do sindicato... Ah, ele fez-me uma proposta concreta de eu vir para aqui como funcionário até... Tendo em conta toda a experiência sindical que eu tinha... Porque sabia que eu também podia trabalhar nesta área. Ele era meu colega... Era meu camarada na CGTP. [...] Lá se conciliou também com o Centro de... Com todo o programa que estava a ser... Que eu podia acabar... Que eu podia já aceitar a oferta de emprego e o estágio estava concluído porque... Eu tinha... O Dr. [nome da pessoa] fez o relatório que... Quais eram as competências que eu tinha ali desempenhado e que estava dentro do que era necessário, etc., etc. E aí consegui, portanto... O emprego que hoje estou. (B2)

Ia falando com... Ia falando com algumas pessoas conhecidas... Neste meio... #02:00:41-4# No meio sindical... Porque no meio... A formação... Aquilo ao fim ao cabo... Aqueles trinta anos que passei na empresa e a formação que adquiri não havia... Em Coimbra foi-se desmoronando toda essa área. [...] #02:01:18-0# (B2)

Eu disse... Vou fazer outra coisa... Vou fazer outra coisa... Nem que seja para a construção civil ou andar aí com um carro (expectativas)... Porque tinha a carta de condução... Sei lá... Nunca me apareceu... Nem pela parte do desemprego, nem pela parte do Centro de Emprego, nunca me apareceu uma proposta concreta de emprego. Não... Nunca... Nenhuma. Zero. Nenhuma mesmo. Apareceu era propostas de formação... Formação e depois em concreto... Formação... Nem estágio, sequer! [...] Acabei por fazer no sindicato... [...] No próprio sindicato da alimentação sem ter que estar a receber qualquer compensação por isso. (B2)

Não era bem um emprego... Não tinha as regalias de Segurança Social como tinha no emprego, etc. mas... Mas... Como tínhamos uma boa carteira... As coisas corriam bem... Só que depois quando há aquele período de crise... O país começa a entrar em crise... Foi... O setor dos seguros na nossa área... Na área em que a Liberinter, que era a mediadora da CGTP, trabalhava... Teve uma grande queda. [...] Aquilo foi uma queda abrupta... Foi uma queda brutal... As pessoas a cair na carteira deste tipo de seguros... E então a própria Liberinter começou a diminuir... Diminuiu uma pessoa que lá tinha a trabalhar e deixou de ter este... O papel de dinamizador que eu tinha também acabou. E depois pronto... Foi

quando ainda estava a fazer o 12.º e de facto que me aparece de seguida essa proposta de vir para aqui... De vir para aqui. #02:05:03-6# (B2)

A minha mulher tinha a ideia de que podíamos... Podíamos... Podíamos abrir qualquer coisa... Qualquer área por nossa conta. Isto ainda quando estava eu e ela desempregados. [...] Passou-nos pela cabeça qualquer coisa no ramo alimentar... Um pequeno minimercado... [...] #02:05:52-4# [...] Lembro-me que a minha mulher se lembrou... E aí... Ela ficou com mágoa de não termos avançado com isso... Queria abrir uma churrasqueira em Miranda do Corvo. E eu hesitei... Fui eu que hesitei aí um bocado... Não estava preparado... Nunca tinha estado naquela área... Tive receio... Ela era mais... Ela estava mais decidida a isso... Eu menos! E... E ela dizia: "Olha, ali, naquele sítio assim, era um bom sítio e tal..." E eu disse: "Epá! Mas já há ali não sei onde..." Pronto... Hesitei um bocado ali naquela... Naquela altura... E não avançámos. Por minha culpa... Mais por minha culpa. E depois daí a um tempo até há uma pessoa que abre a dita churrasqueira (risos). E ela ficou um bocado chateada comigo (risos). #02:07:00-7# [...] Mas tem que se ver que eram pessoas que vinham do ramo... #02:07:05-8# E eu tive muito medo de me meter num sítio onde... #02:07:10-1# (B2)

Víamos nós e falávamos os dois... Nunca concretizamos nada. Nunca concretizamos... Nunca fomos para a frente... [...] E de facto não avançámos, mais uma vez... E outras pessoas para lá foram... Mas aí já deu mau resultado. E aqui já deu tudo mau resultado... Onde a gente pensava em ir... Nada... Nada vingou. Portanto, isso nessa área com certeza... Mas aí ela também já tinha algum receio... Isto era tão... A concorrência tão grande... #02:08:28-7# (B2)

Ainda estávamos desempregados, ainda... Ainda estávamos... Ela já andava nessa formação... Não sabíamos para que lado é que íamos cair... Mas de facto foi mais nessa área... Foi mais nessa área... E, a certa altura, a pensar que não havia outra solução. Mas, também, já tínhamos colegas nossos que se meteram em negócio e tinha dado mal... E isso condicionava-me... Condicionava... (B2)

Por aquilo que leio e por aquilo também da minha própria experiência... Nós, portugueses, na formação que nos dão... Nunca tivemos uma formação adequada para criar o nosso próprio... Eu não falo por mim, porque... Só fiz a formação que tenho como lhe disse, não é? A quarta classe... Quando saí da Triunfo tinha o ensino primário. Mas, mesmo os miúdos que vão para a escola, acho que não há uma grande vertente de

formação... Agora, talvez, já seja um pouco diferente... Da criação do próprio emprego, não é? Depois... Estamos sempre... Hesita... Para o bem e para o mal hesitámos muito e não se concretizou. Mas... De facto ainda... Ainda chegou a ser... Ainda chegámos a andar ali uns largos... Um ano, dois anos... Um bocado nessa... Sempre a falar nisso. E até ver locais mas não em concretizar nada... Olha, vamos alugar aqui este espaço... Ou isto, ou aquilo. Não... Isso nunca se chegou assim a um ponto mais avançado. #02:10:45-6# (B2)

Não (se alguma vez pensou trabalhar por conta própria)... Eu, na altura... Na altura, tentei sempre arranjar trabalho. Não foi fácil porque foi esta crise, pronto. Não foi fácil! (B3)

Estive no desemprego, depois no desemprego tive uma oportunidade de um POC... #00:10:49-6# Depois apareceu através de um amigalhaço aí da Junta, aqui da [local], se eu queria ir trabalhar para a Junta. Eu assim: "Opa! Então se houver lá trabalho vou... Então não vou porquê?!" Pronto. Fez-se... Fizeram um POC no desemprego... Estive lá um ano... Estive um ano. No final do ano, pronto, não se podia continuar, saí. Tive uns... Meti o social, na altura, acho que já não tinha desemprego. Estava a acabar o desemprego e meti o social... Assim é que foi. #00:11:28-2#

Estive três anos e tal... Depois meti o social. (B3)

O social estava quase a acabar e eles precisavam de um homem para a Junta, porque um ia-se reformar... E como eu já lá tinha andado vieram ter comigo se eu queria ir para lá. [...] #00:11:44-7# (B3)

Comecei nas limpezas (na junta de freguesia)... Mas depois também estive o resto do tempo em coveiro. A enterrar mortos... Não foi fácil... Ao princípio não foi fácil. Mas pronto... A gente precisava de ganhar e teve que ser. Também só deixei quando estes gajos entraram... Como já havia... Que depois houve uma junção das duas Juntas... Esta, a de [local] e a de [local], aqui éramos dois, lá também havia dois, não havia necessidade de haver quatro homens a abrir buracos... Pronto. Eu disse assim... "Epá, estão os dois chefes coveiros... Eles ficam e eu saio. Mas... Atenção! Saio de fazer o trabalho, mas se amanhã for necessário contem comigo, contem comigo, estou cá para isso." [...] #00:44:57-6# (B3)

Sim, sim, sim. Pedreiragem... Na agricultura... Andava por pouco... (trabalho informal) Não se podia arranjar trabalho, se não tinha que se pôr abaixo (o subsídio de

desemprego)... #00:11:57-9# Pronto... Andei por aí na pedreiragem... Às vezes, quando aparecia alguém um gajo escondia-se e tal... Para não haver problemas. (B3)

Pronto, fui para a Junta... Depois outra vez, voltei para a Junta... Estive lá... Aí seis, sete anos... Fiz cinco anos e tal de coveiro, também. Pronto e agora... Depois este Presidente novo que entrou... Entrámos em litígio um com o outro. Não... Não senhoreávamos lá muito bem um com o outro... Ele é PSD, eu sou PS. Mas isso a política é assim mesmo... #00:12:41-0# (B3)

Pronto. Andei a trabalhar outra vez aí nos pedreiros, fui para os pedreiros trabalhar e agora este amigalhaço... Que é ali de [local] mas casou na minha terra. Já há muito tempo que me andava a prometer, que quando houvesse trabalho, me arranjava trabalho. Este rapaz agora arranjou-me trabalho... Trabalho de obra, oito meses pelo menos, pronto, e lá fui... #00:14:09-7# (B3)

Estou a contrato. É contrato de obra, oito meses (trabalho atual). #00:14:23-1# (B3)

Não. Na altura, não aparecia assim muita... Estava tudo... Porque as empresas... As empresas aqui na zona fecharam quase todas... Quase umas às outras... Não havia assim nada. #00:15:10-6# (B3)

Não, não, não. Nunca me passou pela minha cabeça meter-me num negócio (trabalho por conta própria)... Para já, embora o Estado financiasse, não é... Mas depois se corre mal... É complicado. E já estava a correr tão mal... #00:17:09-3# (B3)

Foi arranjar trabalho, sim (maior dificuldade desde que ficou desempregado). #00:45:12-9# (B3)

Depois tive aqui um rapaz que era Sargento na força área... Foi para Angola, comprou aqui uma quinta e eu fui para lá trabalhar... Estive lá... Uma porrada de meses... Lá a fazer o trabalho de pedreiragem, a pôr a rede, a chumbar a rede e tal (trabalho informal)... #00:46:08-7# (B3)

Falava... Falava-se... Mas eu também, na altura, não tinha assim grande... Grande tendência para a criação do próprio emprego. Não queria arriscar... Eu tinha colegas minhas que quiseram e depois... Depois queriam os carros... Havia uma moça que até queria ficar ali com uma loja de fruta, ali, que estava fechada... Mas ela tinha um carro mas queriam que ela comprasse um carro novo... Porque tinha que ser novo e não sei quê... Ela não tinha dinheiro para investir... #00:33:38-1# (B4)



Porque era aquele massacre dos carimbos, sabe? Eu... Uma vez fui ali a uma pastelaria, também ali em [local]... Também estavam lá a precisar de uma pessoa... E eu disse-lhe: "Está ali..." "Ah, não! Já estamos servidos... Mas a senhora já não tem idade para estar a trabalhar..." E eu assim: "Tenho." "Ah, mas só queremos até aos 25 anos... Não queremos pessoas mais velhas e não sei quê." Pronto. Era tudo assim respostas que davam... Depois no fim não queriam pôr os carimbos. Mas eles aqui não entendem isso. Até cheguei a ir ao Jornal, ao [nome do jornal], telefonava para aqueles números... Era para a [local] era para aqui, era para onde... E, pronto... Já não tinha idade! Não tinha idade! Queriam pessoas mais novas... (B4)

Pronto... As maiores dificuldades, pronto, foi a situação de desemprego... Porque eu sabia à partida que não ia arranjar mais nada... Pelas respostas que levava... #00:47:16-8# Procurei muito. Não... Não... Procurei muito. Mas não acreditam que as pessoas que procuram... Não acreditam nisso. #00:47:25-8# (B4)

Sim. E falava a muita gente: "Se souberes de alguma coisa diz-me! Se souberes alguma coisa diz-me!" Pronto... E... Não consegui arranjar nada. Não consegui. #00:47:33-1# (B4)

Sabe que eu... Eu nunca fui assim uma pessoa muito negativa. Pensava assim: "Hoje já está... Amanhã é outro dia." E no outro dia tornava a tentar que o outro fosse melhor... #00:49:09-8# Sou positiva. Sou. Porque lá está... Penso sempre que há outros piores que eu... E isso dá-nos, também, às vezes, um bocadito de força para andar para a frente. #00:49:19-7# (B4)

Sabe... No primeiro ano quem me despedi da empresa... Pronto, estive em casa e andava assim um bocado... A transição do ano foi muito difícil para mim. Porque foi uma vida sempre a trabalhar e aquele ritmo... E fez-me falta a rotina. A rotina da fábrica, do emprego, de casa-trabalho... Fez-me muita falta aquele ano... Depois comecei a... A ultrapassar. Eu sou assim... Há muita gente... A rotina faz-me falta. Faz mal a muita gente mas a mim fez-me falta durante um ano. Depois era a falta das colegas... Depois telefonávamos umas às outras... Mas não era a mesma coisa do dia-a-dia... À hora de almoço convivíamos muito! E isso fez-me muita falta. #00:59:20-8# (B4)

Na vida familiar. E eu também me refugiei muito neles... Refugiei-me muito neles, também. #00:59:35-9# (B4)

Procurei, procurei... A gente tínhamos... Tínhamos no desemprego... Tínhamos a informação de que: "Olha estão a meter pessoal aí em tal parte assim-assim..." E eles queriam era que a gente lá fosse que era para perdermos o desemprego. Mais tarde depois quando viéssemos para o desemprego retomávamos o desemprego... Mas a gente íamos para lá e eles: "Ah! A gente pensava que era uma pessoa mais nova... Mas com cinquenta e tal anos então..." Ou também diziam: "Burro velho mais vale matá-lo que ensiná-lo. Lavar a cabeça a burros é gastar água e sabão." Diziam eles... Era o meu caso e dos meus colegas... (B5)

Não, não, não. Eles falaram... Falavam nisso... #01:48:52-4# O próprio emprego... Que davam a indemnização toda junta... #01:49:09-8# Todo de uma vez... Para começar a expandir a própria empresa. Fui muita vez contactado com isso: "Então mas eu não sei fazer nada. Só sei fazer bolacha. Não sei fazer mais nada. Então o que é que eu vou fazer? Vou abrir uma empresa de água a ferver? Vender garrações de água a ferver?" (risos) Dizia isto muita vez! E elas: "Ah, não." "Então! O que é que eu vou fazer? Não sei fazer mais nada... Olha! Deixo-me andar até que Deus queira... Pronto." #01:49:41-7# (B5)

Eu gostava de ter um restaurante por minha conta. Era o que eu gostava sempre... Ter um restauantezinho... Ali... Um café, um snack-barzinho... Pessoas onde fossem almoçar... [...] #01:50:08-1# [...] Olha... Na altura quando acabou o desemprego. Quando acabou o desemprego... Tinha uns tostõezitos não era? E passou-me... De arranjar sociedade assim com um amigo, também, da Triunfo... [...] Uma tasquinha tipo o Mija-Cão." Não é? Uma coisa que desse para estar sempre a aviar... Sempre... Umaz sandezecazitas e umas cervejinhas e tal... Estar sempre a andar... É uma coisa que dá dinheiro, não é? Tivemos ideia de fazer ali na baixa... Perto ali da zona histórica... Da Câmara... E dali de Santa Cruz... Ali, pronto, à vinda... Na Rua de Sofia, pronto. É uma zona muito... Muito movimentada... Era ali que a gente queria fazer uma coisita dessas... Mas depois um puxava para um lado, outro puxava para o outro... De maneira que nunca nos propusemos a isso, pronto. A coisa nunca foi avante. #01:51:06-0# (B5)

Nos meus sogros, então... Os meus sogros foram uma (01:53:34) para mim. Pronto... A nível de criar os meus filhos... De eu estar numa casa sem pagar renda, não é? Não pagar renda, nem água, nem luz... Pronto. Estava ali... Pronto. Foi o meu grande

apoio, apesar de a minha mulher ser filha única, não era... Mas, na altura, havia muita casa mas não havia trabalho, não é? (B5)

Depois mais tarde é que eu fui reformado... Mas muito mais tarde... Quase a acabar o desemprego é que eu fui proposto a uma junta médica... Derivado aos problemas que eu tive de saúde, não é? Isto... #01:54:16-5# [...] Porque as coisas acontecem só depois de a gente estar desempregados. Exatamente... A gente quando trabalha andava bem... Nada mete medo... Para a gente é tudo estravo livre. Não há barreiras, não há nada. [...] #01:55:29-3# [...] Fui proposto a uma junta médica... Pedi ao meu médico de família um relatório daquilo que a gente tinha lá no posto médico... Ao meu cardiologista do hospital dos Covões... Cada um fez o seu relatório... [...] Depois a partir dali somos propostos a uma junta médica. São... Uma porrada deles! São médicos ali a fazer perguntas e tal... E já está. E eu... #01:56:28-5# (B5)

Fizeram-me propostas para muitos empregos... E eu fui às entrevistas... Mas só que... Não eram de mim que estavam à espera. Que eu não sabia fazer nada. Eu só sabia fazer a bolacha. #01:57:33-3# (B5)

Olhe... O companheirismo... Ali (maior dificuldade). #01:57:41-2# As pessoas... Que a gente tínhamos conversa sempre de manhã à noite... Tínhamos sempre conversa disto... Conversa... Quando não era do futebol era de filmes... Quando não era de filmes era de copos... Quando não era de copos era disto... "E como é que está a tua mulher?" "E como é que estão os teus filhos?" Porque, geralmente, éramos todos casados, já... E conversávamos assim... Convivíamos uns com os outros ao fim-de-semana... Quando era para ir para a praia íamos todos juntos. #01:58:05-1# [...] Perdeu-se muito convívio... Muito companheirismo... #01:59:14-3# (B5)

Porque eu depois disso continuei no sindicato. Até que o [nome] mudou de sindicato. Pronto... Mudou. Apesar de a gente ainda fazermos às vezes uns colóquios em Lisboa... Uns plenários... #01:59:52-7# (B5)

Eu era ir para uma fábrica que tivesse as mesmas características não era (expectativas depois do desemprego)? Que era o caso ali da DanCake. #02:01:57-1# [...] Houveram colegas que foram para lá... Principalmente, pessoas que tinham profissões assim já mais... Como é que eu hei-de dizer... Profissionais... O caso dos eletricitas... Serralheiros mecânicos... Serralheiros de outras... #02:02:26-5# [...] O [nome] que é o administrador da DanCake... Que me dou muito bem... Chegou a dizer um dia para mim:

"Quando você quiser vir para a DanCake só me telefona. Telefona-me hoje, no outro dia, você vai para a DanCake trabalhar." #02:03:38-2# [...] Nunca telefonei... Telefonei a desejar bom dia e boa tarde... Como é que estamos... Não é... Mas não... Isto... Surgiu isto da reforma... Como surgiu isto da reforma... #02:03:50-2# (B5)

Os problemas de saúde e a coisa complicou-se. #02:04:12-8# [...] O meu problema maior era esse... Eu não poder aguentar... Porque eu sabia que na DanCake o trabalho é um bocado duro... Mais duro que na Triunfo. Pronto... Fazem outros... Outros tipos de bolo. O bolo leva outros componentes, leva outra mão-de-obra... E essas coisas assim. Não há nada que não se aprenda. Que as pessoas que lá estão não foram para lá a saber... Aprenderam, não é? Aprenderam. E não há nada que não se aprenda. Mas era mesmo o meu objetivo. Era esse. Que não era a falta que tivesse emprego... Foram para lá muitos colegas meus. Para lá. #02:04:57-3# (B5)

Como o outro dizia... Mamar até ao fim! Pronto... Era... O meu lema era esse... Ir lá buscar aquilo a que eu tinha direito (subsídio de desemprego). #02:04:09-4# (B5)

Muito complicado. Que eu não... Ah... Epá, não, não... Espero que ninguém venha a passar essa complicação (morte da 1ª esposa). Ultrapassei-a... Eu sou muito positivo. E... E continuo a dizer que: epá, o diabo não há-de estar sempre atrás da porta. Há-de haver uma altura qualquer que a gente dá e empurra-o contra a parede, não é? Ah... Opa e depois meti-me na cabeça que... Epá, tudo bem e tal... Eu vou para... Epá, vou para Moçambique. Vou para Moçambique. #01:47:23-9# (B6)

Porque tinha mais tempo disponível... Reformando-me... Tinha mais tempo disponível para fazer aquilo que eu gosto de fazer. #02:14:47-9# Sempre tive a vida ocupada. Tive sempre ocupada. [...] Eu não precisava de emprego! Nem de trabalho precisava. [...] Não precisava de trabalho. Eu precisava era de viver a vida como estou a viver! Não, não... Porque é assim... Primeiro, tinha o sindicato que ainda continuei a trabalhar com o sindicato até... E mesmo depois de... De me reformar... #02:18:24-4# (B6)

### **Código 10: Balanço de trajetórias**

Extratos

Sim, sim, sim. Sinto-me orgulhoso. Não estou a dizer que tenho uma vida completamente organizada que não tenho... E isso é difícil hoje em dia. Mas sinto-me orgulhoso tendo em conta o meu ponto de partida e o meu ponto de chegada... Que não

sei onde é que será, não é? Pode ser mais para cima ou também mais para baixo... Isso também nunca se sabe, não é? #00:45:43-0# (A1)

Eu para a minha reforma eu já não estou a contar com nada. Já sei que não vou ter nada... E vocês ainda muito menos. Pronto. E o meu filho já tem visão... É um miúdo diferente daquilo que eu era na idade dele. Diz-me: "Ah! Eu quero ver se para a minha velhice já não estou a contar com isso!" Já tem uma visão diferente daquela que nós tínhamos no nosso tempo. Nós trabalhámos e temos trabalhado em função de uma determinada expectativa. Só que eu não vou ter nada... Chegaram aí a dizer que daqui por uns anos vamos ter trinta por cento. Trinta por cento não dá para nós vivermos! Trinta por cento? O que é isso? Então? E eu digo-lhe... Em setembro faz trinta e quatro anos que eu sou um contribuinte deste Estado. Não é de uma pessoa se sentir revoltada? Pelo amor de Deus! Portanto... Porquê? Porque isto à Segurança Social vão buscar tudo. À Segurança Social vão buscar para pagar pensões, para pagar reformas, para pagar subsídios de desemprego, para pagar baixas médicas, para pagar a malandros... Que é os tais rendimentos mínimos garantidos ou rendimento social de inserção. E depois? Para quem andou a contribuir uma vida inteira? Porque pensou que depois ia ter acesso a alguma coisa? Então? Esses não têm nada? É revoltante não é? (A1)

Só tenho pena é que não haja mais trabalho. Arrependimento não há... Não. #02:40:47-9# Neste momento... A vida dá voltas de trezentos e sessenta graus, por vezes. Mas... Não! Não! Mas se tivesse que ser que remédio teria eu... Agora eu sei o país em que vivo. E o país em que vivo em que ordenados é que que houve falar? Sabe... Quinhentos euros... Seiscentos... Eu não me limito a isso (risos)! Não... #02:41:29-0# (A1)

Eu agora alterei um bocadinho... Alterei isso para consultadoria. Porque eu fui chamado para passar uns recibos em consultadoria de Higiene e Segurança no Trabalho... E alterei. Mas estou lá como Psicólogo, Formador e Consultor... Portanto, em qualquer trabalho que me apareça eu posso fazê-lo... Estou inscrito na Ordem dos Psicólogos... Posso trabalhar como Psicólogo. É isso. #01:17:46-2# (A2)

Que justiça há neste país para uma pessoa com quarenta e quatro anos de descontos... Que é vítima de um desemprego forçado, ainda que depois tenha que criar o próprio emprego, como foi o meu caso e... E esteja sujeito a descontos na reforma como eu fui... Quarenta e quatro anos de descontos efetivos para a Providência. Valia a pena fazer um... Uma reflexão sobre isso. Eu não sou caso único. Eu não sou caso único. [...]

#01:18:39-7# Eu faço esta reflexão e entendo que é uma injustiça. Para mim e para toda a gente nas mesmas condições... E há muita gente... Na minha faixa etária há muita gente que foi apanhada neste... Em contrapartida esses bandidos todos que para aí andam a governar com meia dúzia de anos de trabalho... Ou chamado trabalho... Manuel Alegre e outros que tais... Estão reformados com balúrdios e trabalho e descontos nada! Enfim. [...]

#01:19:27-0# (A2)

Continua na... Com altos e baixos, sem dúvida (depois da reforma). Abandonei um bocadinho a questão dos azulejos... Um bocadinho, nesta altura, quase... Para me dedicar com força à formação profissional, particularmente, na área da Higiene e Segurança no Trabalho. #01:31:45-6# (A2)

Até agora... Sim... Muito satisfeito (balanço). Uma riqueza incrível! Particularmente, a minha passagem pelas lojas Jumbo (dar formação). Uma riqueza incrível por tudo o que nós vivemos no meio daquilo. E depois o que é que nós fazemos? Particularmente neste caso o que é que nós fazemos? É preparar os trabalhadores para um aspeto reivindicativo ao nível das condições de trabalho... #01:32:41-4# (A2)

Isto é curioso e a gente às vezes... E dá-se valor quando se abre um negócio quando a gente parte do zero... De nada... Tem que ser com o nosso próprio esforço sem se ter nada... E isso é que às vezes dá... Dá gosto a gente ver a evolução de um... De um comércio. [...] Há um ditado antigo que diz que quando chegam à terceira geração que normalmente tem tendência a acabar... Porque os que vão a seguir a nós ainda foram habituados a trabalhar e tal... Ainda conseguem... Se calhar, levar o barco a bom porto... Ainda vão fazendo alguma coisa... Mas se o comércio tiver crescimento os que estão ao lado estão à sombra. Está a perceber? Costuma-se dizer: "Nascem num berço de ouro e não fazem nada!" É os computadores, é os telemóveis, é... E às vezes depois é as borgas para um lado e para o outro. E pensam que o dinheiro cai do... Cai do céu. [...] Entretanto, uns abandonam o comércio e morrem, não é? Nós não somos eternos! [...] Mas nunca foram habituados a trabalhar... Não conhecem as raízes, não conhecem como é que aquilo tem que ser gerido e aquilo tudo... E acabam por... Começam só a tirar e pensam que ele está ali a nascer. (A3)

E se não fosse isso... A trabalharmos por conta de outros não tínhamos a vida que temos... #03:40:59-8# [...] Podíamos ter porque depois também não havia a ambição de ir mais além... E nós temos ampliado o negócio, conseguimos ir fazendo mais algumas